



LACAN

Psicoses

1955-56

Ce document de travail a pour sources principales :

- [Les psychoses...](#), sur le site [E.L.P.](#) (sténotypie).
- *Les psychoses...*, document au format « *thèse universitaire* ».

Ce texte nécessite *l'installation de la police de caractères spécifique*, dite « Lacan », disponible ici : <http://fr.ffonts.net/LACAN.font.download> (*placer le fichier Lacan.ttf dans le répertoire c:\windows\fonts*)

Les références bibliographiques privilégient les éditions les plus récentes. Les schémas sont refaits.

N.B. Ce qui s'inscrit entre crochets droits [] n'est pas de Jacques LACAN.

([Contact](#))

Table des séances

Leçon 1	16 Novembre 55
Leçon 2	23 Novembre 55
Leçon 3	30 Novembre 55
Leçon 4	07 Décembre 55
Leçon 5	14 Décembre 55
Leçon 6	21 Décembre 55
Leçon 7	11 Janvier 56
Leçon 8	18 Janvier 56
Leçon 9	25 Janvier 56
Leçon 10	01 Février 56
Leçon 11	08 Février 56
Leçon 12	15 Février 56
Leçon 13	14 Mars 56
Leçon 14	21 Mars 56
Leçon 15	11 Avril 56
Leçon 16	18 Avril 56
Leçon 17	25 Avril 56
Leçon 18	02 Mai 56
Leçon 19	09 Mai 56
Leçon 20	31 Mai 56
Leçon 21	06 Juin 56
Leçon 22	13 Juin 56
Leçon 23	20 Juin 56
Leçon 24	27 Juin 56
Leçon 25	04 Juillet 56

[Sigmund FREUD : *Über den Gegensinn der Urworte*](#)

[Sigmund FREUD : *Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose*](#)

[Sigmund FREUD : *Neurose und Psychose*](#)

[Sigmund FREUD : *Die Verneinung*](#)

Como vocês aprenderam, este ano começa a questão das psicoses. Longe de se poder falar imediatamente sobre o tratamento das psicoses, e ainda menos sobre o tratamento da psicose em FREUD, o que, literalmente, se reduz a nada, pois FREUD nunca falou sobre isso, exceto de forma totalmente alusiva.

Vamos primeiro tentar partir da doutrina freudiana para ver o que ela traz nessa matéria. Em seguida, não poderemos deixar de introduzir, dentro mesmo desses comentários, nas noções que já elaboramos ao longo dos anos anteriores, todos os problemas atuais que as psicoses nos colocam:

- Primeiramente, problemas de natureza clínica e nosográfica, nos quais me parece que talvez todo o benefício que a análise pode trazer não tenha sido completamente extraído.
- Também o problema do tratamento: certamente, é aí que nosso trabalho deste ano deverá desembocar.

Já que esse ponto de mira...

e certamente não é por acaso, digamos que seja um lapso: é um lapso significativo...

esse ponto de mira já nos coloca uma questão que é uma espécie de evidência primeira, como sempre, o menos percebido está naquilo que foi feito, naquilo que se faz, naquilo que está em processo de realização.

Quanto ao tratamento das psicoses, é surpreendente ver que parece muito mais comum abordar, interessar-se de maneira muito mais intensa e esperar muito mais resultados do estudo das esquizofrenias do que das paranoias.

Desde já, proponho essa observação como um ponto de interrogação. Talvez permaneçamos um longo tempo buscando a resposta, mas certamente essa questão permanecerá subjacente a boa parte de nossa abordagem, e isso desde o início.

Em outras palavras, a posição um pouco privilegiada, um pouco nodal — no sentido de que se trata de um nó, mas também de um núcleo resistente — das paranoias é algo que, sem dúvida, não escolhemos por acaso para abordar, para começar a abordar, o problema das psicoses em suas relações com a doutrina freudiana.

De fato, o que é marcante, por outro lado, é que FREUD interessou-se primeiramente pela paranoia...

Ele não ignorava, evidentemente, a esquizofrenia nem esse movimento, ele que foi contemporâneo da elaboração da esquizofrenia...

É muito impressionante e singular que — se ele certamente reconheceu, admirou e até encorajou os trabalhos em torno da escola de Zurique, relacionando os conceitos e a teoria analítica com o que se elaborava ao redor de BLEULER — FREUD tenha permanecido relativamente distante.

E para indicar desde já um ponto de texto ao qual vocês poderão se referir — voltaremos a isso, mas não é inútil que tomem conhecimento agora mesmo —, lembro-lhes que, ao final da observação do caso SCHREBER, que é o texto fundamental de tudo o que FREUD trouxe sobre as psicoses, texto maior, vocês verão ali a noção freudiana de uma "linha divisória das águas", se assim posso me expressar, entre a paranoia de um lado, e de outro, tudo o que ele gostaria, diz ele, que fosse chamado de "parafrenia"...

E que corresponde muito exatamente ao termo que FREUD desejaria que fosse atribuído ao campo propriamente dito das esquizofrenias, ou ainda ao que ele propõe chamar de campo das esquizofrenias na nosologia analítica... Parafrenia que recobre exatamente toda a demência. Indico aqui os pontos de referência necessários para a compreensão do que diremos a seguir.

Assim, para FREUD, o campo das psicoses se divide em dois: psicoses propriamente ditas...

Para saber aproximadamente o que isso recobre no conjunto do domínio psiquiátrico, psicose não é demência.

As psicoses, se quiserem — não há razão para nos privarmos do luxo de empregar este termo —, correspondem ao que sempre se chamou, e que continua sendo legitimamente chamado, de "as loucuras"...

No domínio da loucura, FREUD faz duas distinções muito claras; ele não se envolveu tanto na nosologia – no que diz respeito às psicoses – quanto poderia, mas aqui ele é muito preciso, e não podemos considerar essa distinção, dado o peso de seu autor, como algo totalmente negligenciável.

Chamo a atenção, de passagem, para o fato de que, como ocorre frequentemente, ele não está absolutamente em acordo com seu tempo, e é aí que reside a ambiguidade: seja porque está muito atrasado, seja porque está, ao contrário, muito à frente.

Mas, à primeira vista, ele está muito atrasado. Em outras palavras, a expansão que ele dá ao termo paranoia vai claramente muito além do que se entendia por esse termo em sua época.

Dou alguns pontos de referência para aqueles que talvez não estejam familiarizados com esses temas.

Não quero fazer aqui um histórico da paranoia desde seu surgimento com um psiquiatra discípulo de KANT no início do século XIX. Trata-se apenas de uma incidência episódica.

O ápice da expansão da paranoia coincide exatamente com o momento em que a paranoia se confunde, em grande medida, com o que se chamava "as loucuras", correspondendo aproximadamente ao período em que setenta por cento dos pacientes internados nos asilos carregavam a etiqueta de "paranoia". Isso significava que tudo o que hoje chamamos de psicoses ou loucuras era considerado paranoia.

Mas na França, temos outras tendências para considerar o termo paranoia, quase identificado com o momento em que ele surgiu na nosologia francesa...

Momento extremamente tardio: trata-se de um intervalo de cerca de cinquenta anos...

E nesse período, ele foi identificado a algo fundamentalmente diferente, em termos conceituais, do que representava na psiquiatria alemã.

Na França, o que chamamos de paranoico...

Ou, pelo menos, o que chamávamos de paranoico antes que a tese de um certo Jacques LACAN sobre "As psicoses paranoicas em suas relações com a personalidade" tentasse lançar um grande tumulto nas mentes – que acabou se limitando a um pequeno círculo, o círculo adequado: já não se fala mais dos paranoicos como se falava antes...

Naquela época, tratava-se da "constituição paranoica", ou seja, eram considerados pessoas más, intolerantes, de mau humor: orgulho, desconfiança, susceptibilidade, superestimação de si mesmos, essas eram as características fundamentais que definiam a paranoia para todos.

A partir disso, tudo se tornava mais simples, tudo se explicava: quando alguém era paranoico em excesso, acabava por delirar.

Isso é basicamente – sem exagero algum – onde estávamos na França, e não digo que foi consequência das concepções de SÉRIEUX e CAPGRAS...

Pois, se vocês lerem, verão que, ao contrário, trata-se de uma clínica muito refinada, que permite precisamente reconstruir as bases e os fundamentos da psicose paranoica tal como ela é efetivamente estruturada...

Mas sim, foi consequência da difusão da obra em que, sob o título "A Constituição Paranoica", o senhor GENIL-PERRIN fez prevalecer essa noção caractereológica da anomalia da personalidade, essencialmente dentro de uma estrutura que pode muito bem ser qualificada – o livro carrega a marca e o estilo dessa inspiração – de "estrutura perversa do caráter". Como ocorre com toda perversão, havia momentos em que ultrapassava certos limites e caía nessa terrível loucura que consistia simplesmente na exageração desmedida de todos os traços desse caráter desagradável.

Essa concepção, vocês perceberão, pode muito bem ser chamada de concepção psicológica, ou psychologizante, ou mesmo psicogenética da questão. Todas as referências formais a uma base orgânica, ao temperamento, por exemplo, não mudam em nada o que podemos chamar de "gênese psicológica": trata-se precisamente disso, algo que se avalia e se define em um determinado plano, e depois as relações e os vínculos de desenvolvimento são concebidos de maneira perfeitamente contínua, dentro de uma coerência autônoma, própria, suficiente em seu próprio campo, e é, em suma, de ciência psicológica que se trata, independentemente das eventuais objeções que possam surgir da parte do autor em questão. Isso não mudaria nada.

Tentei, portanto, em minha tese, introduzir nela uma outra visão. Naquela época, eu ainda era, com certeza, um jovem psiquiatra, e fui muito influenciado pelos trabalhos, pelo ensino direto e, ousado dizer, pela familiaridade de alguém que desempenhou um papel muito importante na psiquiatria francesa desse período: o Sr. De Clérambault.

O Sr. De Clérambault... evocarei sua pessoa, sua ação, sua influência e seu nome nesta palestra introdutória sobre nosso campo, para aqueles entre vocês que têm apenas um conhecimento médio ou aproximado de sua obra, ou que apenas ouviram falar dela. E acredito que há um certo número de vocês assim... Ele é tido como um ferrenho defensor de uma concepção organicista extrema, e, sem dúvida, esse era de fato o objetivo explícito de muitas de suas exposições teóricas.

No entanto, creio que é justamente aqui que podemos compreender a perspectiva sobre a influência que teve, não apenas sua pessoa e seu ensino, mas também o verdadeiro alcance de sua descoberta. Pois sua obra, independentemente de suas pretensões teóricas, possui um valor clínico concreto de natureza considerável: o número de síndromes – utilizando o termo em seu sentido mais amplo – descritas clinicamente por Clérambault, de maneira completamente original e inovadora, e que desde então foram integradas ao patrimônio da experiência psiquiátrica, é considerável.

No campo das psicoses, Clérambault permanece absolutamente indispensável. Ele trouxe contribuições extremamente valiosas, jamais observadas antes dele e que nem mesmo foram retomadas posteriormente. Refiro-me, por exemplo, às psicoses tóxicas, determinadas por substâncias tóxicas: eteromania, etc.

A noção de automatismo mental parece estar polarizada na obra de Clérambault, em seu ensino, pela preocupação em demonstrar o caráter fundamentalmente anideico, como ele expressava – ou seja, não conforme a uma sequência de ideias. Esse conceito não tem muito mais sentido no discurso desse mestre, pois se refere ao desenvolvimento ou à evolução da psicose.

Já podemos notar que a simples identificação do fenômeno em função de uma suposta compreensibilidade – ou seja, a ideia de que poderia haver uma continuidade que se chamaria "ideia", de modo que a sequência dos fenômenos, como indiquei no caso do paranoico e seu desenvolvimento delirante, fosse algo que se autoevidenciasse – já implica uma referência à compreensibilidade. Isso quase determina justamente aquilo que se manifesta como uma ruptura na cadeia, como algo incompreensível e que não se conecta com o que acontece depois.

Trata-se de uma suposição que seria exagerado chamar de ingênua, pois não há dúvida de que essa é uma das mais comuns. E, ainda assim, para muitas pessoas, e receio que para muitos de vocês... a noção que constituiu o principal progresso da psiquiatria, desde que foi introduzido o movimento de investigação chamado análise, seria a restituição do sentido dentro da cadeia dos fenômenos.

Isso não é falso em si, mas é falso imaginar – como ainda se crê nos bastidores dos hospitais, na opinião comum, no "sensus communis" dos psiquiatras – que o sentido de que se trata é aquilo que se compreende. Em outras palavras, que o que aprendemos, o que há de novo, é compreender os doentes.

Isso é um puro miragem! Essa noção de compreensibilidade tem um sentido muito preciso e é um elemento essencial de nossa pesquisa. Algo pode ser compreendido e, ao mesmo tempo, estritamente indistinguível do que se chama, por exemplo, "relação de compreensão", sobre a qual Jaspers construiu o eixo central de sua chamada "psicopatologia geral".

Algumas coisas são compreensíveis e parecem evidentes, como quando alguém está triste porque não tem o que deseja. Mas nada poderia ser mais falso! Há pessoas que têm tudo o que desejam e, ainda assim, estão tristes. A tristeza é uma paixão de natureza completamente diferente.

Gostaria de insistir um pouco: quando se dá um tapa em uma criança, espera-se que ela chore sem que ninguém reflita que não é necessário que chore. Lembro-me de um menino que, ao levar um tapa, perguntava: "É um carinho ou uma palmada?" Se lhe dissessem "É uma palmada!", ele chorava, pois fazia parte da convenção do momento: se fosse uma palmada, devia-se chorar; se fosse um carinho, ficava encantado. O tipo de relação que ele tinha com seus pais, um tanto impetuosos, levava a essa comunicação ativa do contexto, um fenômeno bastante comum na noção de relação de compreensão tal como Jaspers a explicitava.

Vocês podem, para a próxima vez, consultar o capítulo muito preciso intitulado "A noção de relação de compreensão" em Jaspers. Verão, aliás – pois essa é a utilidade de um discurso sustentado – que as incoerências rapidamente se tornam evidentes, e perceberão o quão insustentável é essa noção. No fim das contas, Jaspers evoca a relação de compreensão como algo que está sempre no limite, mas que, ao nos aproximarmos, torna-se

insídil. Os exemplos que ele considera mais evidentes, os pontos de referência com os quais confunde, de maneira rápida e inevitável, a noção de relação de compreensão, são referências idealizadas.

Mas o que é muito marcante é que ele não pode evitar, mesmo em seu próprio texto e mesmo com a arte que pode empregar para sustentar esse miragem, de fornecer outros exemplos que sempre foram precisamente refutados pelos fatos. Por exemplo, como o suicídio é certamente uma inclinação para o declínio, para a morte, pareceria que qualquer um poderia dizer — mas somente se for instigado a dizê-lo — que o suicídio deveria ocorrer mais facilmente no declínio da natureza, ou seja, no outono. Mas todos sabem há muito tempo que, de acordo com as estatísticas, as pessoas se suicidam muito mais na primavera.

Isso não é nem mais nem menos compreensível; basta as articulações necessárias e explicitar o que se queira sobre esse assunto. Admitir que há algo surpreendente no fato de que os suicídios sejam mais numerosos na primavera do que no outono é algo que só pode repousar sobre essa espécie de miragem sempre inconsistente chamada relação de compreensão, como se houvesse algo que, nessa ordem, pudesse ser apreendido.

Nesse sentido, se chegássemos mesmo a conceber... é muito difícil conceber, porque é literalmente inconcebível, mas como todas as coisas que não são abordadas, examinadas de perto, tomadas num verdadeiro conceito, isso permanece uma suposição latente em tudo que se considera uma espécie de mudança de cor da psiquiatria nos últimos trinta anos. Se conseguíssemos identificar a noção de psicogênese com a reintrodução — na relação com nosso objeto psiquiátrico: o paciente — dessas famosas relações de compreensão, se a psicogênese é isso, eu digo... porque penso que a maioria de vocês já é capaz de compreender perfeitamente o que quero dizer depois de dois anos de ensino sobre o simbólico, o imaginário e o real... Para aqueles que ainda não chegaram lá, digolhes: o grande segredo da psicanálise é que não há psicogênese.

Se a psicogênese é isso, é justamente o que a psicanálise, por todo o seu movimento, por toda a sua inspiração, por toda a sua força, por tudo o que trouxe, por tudo para onde nos conduz, por tudo no que deve nos manter, é a mais distante.

Outra maneira de expressar isso, e que vai muito mais longe, é que na ordem do que é propriamente psicológico, se tentarmos examiná-lo mais de perto, isto é, se nos colocarmos em uma perspectiva psicologizante, o psicológico é a etologia, é o conjunto dos comportamentos, das relações do indivíduo, biologicamente falando, com aquilo que faz parte de seu ambiente natural. Essa é a definição totalmente legítima do que pode ser considerado propriamente como a psicologia: é um campo de relações factuais, algo objetivável, um campo suficientemente delimitado para constituir um objeto de ciência.

É preciso ir um pouco mais longe e até dizer que, por mais bem constituída que seja uma psicologia em seu campo natural, a psicologia humana, como tal, é exatamente... como dizia Voltaire sobre a história natural: "ela não é tão natural assim"... Para dizer tudo, é o que há de mais antinatural.

Tudo o que pertence propriamente ao psicológico no comportamento humano está submetido a anomalias profundas, apresenta a todo instante paradoxos suficientes para, por si só, colocar a questão de que ordem é preciso introduzir para que simplesmente possamos nos orientar, para que "a gata encontre seus filhotes".

Se esquecemos aquilo que é verdadeiramente o relevo, a força essencial da psicanálise, voltamos... o que, aliás, é naturalmente a inclinação constante, constatada diariamente da psicanálise... Voltamos a todo tipo de mitos que foram constituídos desde um tempo a ser definido: aproximadamente do fim do século XVII até a psicanálise.

Esses tipos de mitos podem bem ser definidos assim, se formos o conjunto do que se chama psicologia tradicional e psiquiatria:

- mitos da unidade da personalidade,
- mitos da síntese,
- mitos das funções superiores e inferiores,
- confusão sobre os termos do automatismo,
- qualquer tipo de organização do campo objetivo que a todo instante mostra fissuras, rasgos, dilacerações, negação dos fatos, desconhecimento até mesmo da experiência mais imediata.

Dito isso, não se enganem, não estou aqui dando a menor indicação no sentido de um mito em primeiro plano dessa "experiência imediata" que é a base do que se chama psicologia, ou mesmo psicanálise existencial. Essa "experiência imediata" não tem mais privilégio para nos deter, nos cativar, do que em qualquer outra ciência, ou

seja, ela não é de forma alguma a medida do que devemos atingir, em última instância, como elaboração satisfatória do que está em questão.

Nesse sentido, o que a doutrina freudiana oferece, o ensinamento freudiano, é — como vocês sabem — totalmente conforme ao que ocorreu no restante da ciência. Por mais diferente que possamos concebê-lo desse mito que nos é próprio, ou seja, como em outras ciências, ele faz intervir mecanismos que estão além dessa experiência imediata, que de forma alguma podem ser apreendidos sensivelmente. Assim como na física, em última instância, não é a cor que retemos em seu caráter sentido, diferenciado pela experiência direta, mas algo que está por trás e que a condiciona.

Não podemos deixar de reconhecer também essa dimensão absolutamente essencial do progresso freudiano, é algo que não é também — o que é diferente da relação de compreensão da qual falei há pouco — que não é também algo que simplesmente se limitaria a essa experiência imediata, essa experiência não é algo que, em nenhum momento, seja tomado em qualquer lugar, em algo de pré-conceitual, de pré-essencial, uma espécie de experiência pura.

É uma experiência bem e verdadeiramente já estruturada por algo artificial, que é precisamente a relação analítica, a relação analítica tal como é constituída pelo confessorário do sujeito de algo que ele vem dizer ao médico e o que o médico faz com isso, e é a partir daí que tudo se elabora, e é isso que faz do seu instrumento de entrada, seu modo operatório primeiro.

Através de tudo o que acabei de lembrar, vocês devem, a meu ver, já ter reconhecido os três ordens do campo dos quais venho lhes ensinando, repetindo, há algum tempo, quão necessários são para colocarmos em nossa perspectiva para compreender qualquer coisa sobre essa experiência, isto é, saber:

do simbólico,
do imaginário,
e do real.

O simbólico, vocês viram aparecer há pouco, muito precisamente, no momento em que fiz referência de maneira muito clara, e por dois ângulos diferentes, ao que está manifestamente além de qualquer compreensão, e no interior do qual toda compreensão se insere e exerce essa influência tão manifestamente perturbadora sobre tudo o que diz respeito aos relacionamentos humanos e muito especialmente inter-humanos.

O imaginário, vocês também viram apontar no meu discurso anterior, por essa única referência que fiz à etologia animal, ou seja, a essas formas cativantes ou capturadoras que de certa forma dão os trilhos e as sequências, dentro das quais o comportamento animal se dirige, se conduz para seus objetivos naturais.

M. PIÉRON, que não goza de muita estima entre nós, intitula um de seus livros: "A sensação, guia de vida". É um título muito bonito, não sei se ele se aplica tanto à sensação quanto ele diz, em todo caso, certamente não é o conteúdo do livro que o confirma, mas, evidentemente, há um fundo exato nessa perspectiva. Esse título surge um pouco por acaso em seu livro, parece que esse é um propósito que o próprio livro falha em cumprir.

Mas o imaginário é, sem dúvida, "guia de vida" para todo o campo animal, e o papel que a imagem desempenha nesse campo profundamente estruturado pelo simbólico, que é o nosso, é, naturalmente, capital. Esse papel é todo retomado, refeito, reanimado por esse ordem simbólica, as imagens — na medida em que possamos captar qualquer coisa que permita apreendê-las em seu estado puro — estão sempre mais ou menos integradas a essa ordem simbólica que, eu relembro, se define no homem pelo seu caráter essencialmente de estrutura organizada.

Por oposição, qual é a diferença entre algo que pertence ao simbólico e algo que pertence ao imaginário ou real? É que na ordem do imaginário ou do real, sempre temos um mais ou menos em torno de qualquer coisa que seja um limiar, temos uma margem, temos um mais ou menos, temos uma continuidade. Na ordem simbólica, todo elemento vale como oposto a outro.

Para entrar, por exemplo, no campo da experiência onde começaremos a nos introduzir, a de nosso psicótico, tomemos algo absolutamente elementar. Um de nossos psicóticos nos conta em que mundo estranho entrou desde algum tempo: tudo para ele se tornou sinal, não só como ele relata, ele é vigiado, observado, monitorado: "fala-se, diz-se, indica-se, olha-se para ele, piscam-lhe os olhos", mas isso pode ir muito mais longe, isso pode invadir — vocês verão logo a ambiguidade se estabelecer — nós diríamos o campo dos objetos reais inanimados, não-humanos.

Vejamos mais de perto antes de ver do que se trata, se ele encontrar na rua um carro colorido, por exemplo, ele terá para ele um valor – um carro não é absolutamente o que chamaremos de um objeto natural – esse carro é vermelho, ele terá para ele tal significado, não é por acaso que um carro vermelho passou naquele momento.

Vamos nos fazer perguntas sobre um fenômeno tão simples, o fenômeno da intuição delirante desse sujeito sobre o valor desse carro vermelho. Ele é muito frequentemente, aliás, totalmente incapaz, sem que isso tenha para ele um significado máximo, de precisar esse significado que permanece ambíguo: é favorável? É ameaçador? Às vezes ele é incapaz de decidir sobre essa característica, mas, com certeza, o carro está ali por algo.

Sobre, portanto, o fenômeno mais difícil de apreender, diria o mais indiferenciado que existe, podemos reconhecer que, por exemplo, teremos três concepções completamente diferentes do encontro de um sujeito... do qual não disse em qual classe de psicose ele se encontra ... dessa declaração de um sujeito sobre um carro vermelho,

conforme consideramos a questão sob o ângulo de uma aberração perceptiva, ou seja, não acreditem que estamos tão longe disso, não faz muito tempo que a questão foi colocada no nível dos fenômenos da percepção, para saber o que experimenta de forma elementar o sujeito alienado, se é um daltônico que vê o vermelho como verde, ou vice-versa, ninguém foi investigar, ele simplesmente não distingue a cor

conforme consideramos o encontro com esse carro vermelho no mesmo registro do que acontece quando o robin encontra seu congênere, exibindo-lhe o peitoral bem conhecido que lhe dá seu nome, e é somente por causa desse encontro que ele está ali, pois foi demonstrado por uma série de experimentos que esse traje dos pássaros correspondia à guarda dos limites do território. Só isso determina um certo comportamento individual-adversário no momento do encontro, função imaginária desse vermelho, função, se quiserem, que na ordem precisamente das relações de compreensão se traduz pelo fato de que esse vermelho, para o sujeito, tenha apressado algo que o fez ver vermelho, que lhe pareceu carregar em si o caráter expressivo e imediato da hostilidade ou da ira.

Ou, ao contrário, entender esse carro vermelho, terceira forma de compreendê-lo, na ordem simbólica, ou seja, como entendemos a cor vermelha em um baralho de cartas, ou seja, como oposto ao preto, ou seja, fazendo parte de uma linguagem já organizada.

Aqui estão exatamente os três registros distinguidos, e também os três planos nos quais pode se engajar nossa "compreensão", na própria forma como questionamos o fenômeno elementar e seu valor atual em um momento determinado da evolução do sujeito.

2

É muito claro, em grande medida, que o que FREUD introduz quando aborda este campo da paranoia... e isso é ainda mais evidente aqui do que em qualquer outro lugar, talvez porque seja mais localizado, porque se destaca mais dos discursos contemporâneos... quando se trata de psicose, vemos de imediato que FREUD, com uma audácia que tem o caráter de um tipo de começo absoluto... acabamos por não perceber mais a trama técnica, é uma espécie de criação, pode-se dizer que já houve ciências que se ocuparam do sentido do sonho, mas isso não tem absolutamente nada a ver com o método aplicado na Traumdeutung (Interpretação dos Sonhos), com esse trabalho pioneiro que já é feito diante de nossos olhos, e que culmina na fórmula: "o sonho lhe diz algo" e a única coisa que nos interessa é essa elaboração pela qual ele diz algo, ele diz algo como falamos. Isso nunca havia sido dito. Dissemos que havia um sentido, que podíamos ler algo nele, mas o sonho diz algo, ele fala, admitamos ainda que isso pudesse haver justamente por meio de todas as práticas inocentes, algo disso... mas que FREUD pegue o livro de um paranoico - este livro de SCHREBER que ele recomenda platonicamente a leitura no momento em que escreve sua obra, pois diz "não deixe de lê-lo antes de me ler" - FREUD então pega este livro das Memórias de um doente nervoso e faz uma decodificação ao estilo champollioniano, uma decodificação da forma como se decodifica hieróglifos: ele encontra, por trás de tudo o que nos conta esse extraordinário personagem... porque entre todas as produções literárias do tipo da defesa, da comunicação, da mensagem feita por alguém que, ultrapassando os limites, nos fala do domínio dessa experiência profundamente externa, estranha, que é a do psicótico, certamente é um dos livros mais notáveis, é um de caráter totalmente privilegiado, há ali um encontro excepcional entre o gênio de FREUD e algo muito raro... no seu desenvolvimento, FREUD pega o texto e não faz uma promessa vã: veremos juntos que, em determinado momento, há por parte de FREUD um verdadeiro golpe de gênio que não pode ter nada a dever ao que se pode chamar de "penetração intuitiva", é o golpe de gênio literalmente do linguista [Champollion] que no texto vê aparecer várias vezes o mesmo signo e supõe, parte da ideia de que isso deve querer dizer algo, por exemplo, a

vogal mais frequente "e" na língua em questão, visto o que sabemos vagamente, e que a partir desse traço de gênio consegue reconstituir praticamente o uso de todos os sinais em questão nessa língua.

Para FREUD, por exemplo, essa identificação prodigiosa que ele faz dos "pássaros do céu" em SCHREBER, com as "jovens meninas", tem algo que participa totalmente desse fenômeno, de uma hipótese sensacional que permite, a partir daí, reconstituir toda a cadeia do texto, e mais: entender não apenas o material significativo em questão, mas também reconstituir a língua, essa famosa "língua fundamental" de que SCHREBER fala, a língua na qual todo o texto é escrito.

O caráter absolutamente dominante da interpretação simbólica como tal, no sentido pleno, plenamente estruturado que é aquele no qual insisto, devemos sempre situar a descoberta analítica em seu plano original, e por isso mais evidente do que em qualquer outro lugar. Isso é suficiente para dizer? Certamente não, pois, igualmente, nada nesse caso ultrapassaria essa tradução, de fato, sensacional, mas ao mesmo tempo deixaria exatamente o campo no qual FREUD opera, no mesmo plano que o das neuroses, ou seja, que a aplicação do método analítico não mostraria aqui nada mais do que isso: que ele é capaz, de fato, na ordem simbólica, de fazer uma leitura igual, mas totalmente incapaz de dar conta de sua distinção e originalidade.

Está bem claro que é, portanto, totalmente além disso - o que provavelmente será mais uma vez demonstrado pela leitura de FREUD - que é bem além disso que surgem os problemas que serão objeto da nossa pesquisa deste ano, e que também justificarão que os tenhamos colocado no nosso programa: nesta descoberta do sentido do discurso.

A rigor, trata-se de um discurso - e de um discurso impresso, é disso que se trata - do alienado. Que estejamos na ordem simbólica e que seja a ordem simbólica que possa dar conta disso, isso é manifesto. Agora, o que nos mostra o próprio material desse discurso do alienado?

Ele fala, mas não é no nível de seus vocábulos que se desenrola esse sentido traduzido por FREUD, é no nível do que é nomeado: os elementos de nomeação desse discurso são emprestados a algo que - vocês verão - tem uma relação muito estreita com o corpo próprio. É pela porta de entrada do simbólico que conseguimos entrever, penetrar essa relação do homem com seu próprio corpo, que caracteriza o campo, no fim das contas reduzido, como veem, mas realmente irreduzível no homem, do que chamamos o imaginário.

Porque se algo no homem corresponde a essa função imaginária do comportamento animal, é tudo o que o faz ligar de uma forma eletiva, sempre tão pouco apreensível quanto possível, ou seja, no limite de alguma participação simbólica, mas ainda assim irreduzível, e que toda a experiência analítica sozinha permitiu apreender em seus últimos recantos: o homem tem uma série de mecanismos formais que são a forma geral do corpo, onde tal ou tal ponto é chamado de zona erógena desse corpo. É isso que nos demonstra a análise simbólica do caso de SCHREBER.

A partir daí, as questões que se colocam fazem exatamente o giro das categorias efetivamente ativas, eficazes, em nosso campo operacional. É clássico dizer que na psicose, o inconsciente está na superfície, é até por isso que, como ele já está, não parece que tenha nenhum efeito melhor, nem maior. Não sabemos muito bem como lidaremos com isso, é bem certo que, de fato, nesta perspectiva bastante instrutiva em si mesma, podemos fazer essa observação de imediato e logo, que provavelmente não é pura e simplesmente, como FREUD sempre sublinhou, desse traço negativo, de ser um Unbewusst, um não consciente que o inconsciente exerce sua eficácia.

Traduzimos FREUD e dizemos: esse inconsciente é uma linguagem. Certamente, isso parece muito mais claro em nossa perspectiva: o fato de ser articulado, por exemplo, não implica depois de tudo, que ele seja reconhecido, a prova é que tudo acontece como se FREUD traduzisse uma língua estrangeira, e até a reconstruísse em uma divisão absolutamente fundamental.

O sujeito talvez esteja simplesmente no mesmo relacionamento que FREUD com sua língua, ele está até certamente, ou seja, o fenômeno da Spaltung pode ser legitimamente evocado, e - se admitirmos a existência de alguém que pode falar em uma língua que ignora totalmente - é a metáfora que escolhemos para dizer o que ele ignora na psicose. Ficaremos satisfeitos com isso?

Certamente não, pois a questão não é saber por que esse inconsciente que está ali, articulado à flor da terra, permanece tão bem para o sujeito excluído se se pode dizer, não assumido, a questão é saber por que esse inconsciente aparece no real, porque, afinal, essa é a questão essencial.

Espero que haja o suficiente entre vocês que se lembrem do comentário que o Sr. Jean HIPPOLYTE fez aqui sobre a "Verneinung" de FREUD, e lamento sua ausência esta manhã para poder repetir diante dele - e me assegurar pela sua presença de que não estou deformando - os termos que ele extraiu dessa Verneinung.

O que surgia claramente da análise desse texto fulgurante é que no que é inconsciente, nem tudo é apenas recalçado, ou seja, desconhecido pelo sujeito após ter sido verbalizado, mas que por trás de todo o processo de verbalização, deve-se admitir uma Bejahung [afirmação] primordial, uma admissão no sentido do simbólico, que ela mesma pode faltar.

Ponto que se cruza com outros textos - não faço referência senão àqueles sobre os quais nos detivemos aqui - e especialmente por um trecho muito significativo, tão explícito quanto possível: ele admite que esse fenômeno de exclusão para o qual o termo de Verwerfung (foraclusão) por certas razões pode parecer totalmente válido, para distinguir da Verneinung (denegação) em uma etapa muito posterior.

No início da simbolização, ou seja, podendo ocorrer em uma etapa já avançada do desenvolvimento do sujeito, pode ocorrer o seguinte: o sujeito recusa o acesso ao seu mundo simbólico, de algo que, no entanto, ele já experimentou, e que não é nada mais nesta ocasião do que a ameaça de castração. E pode-se saber por toda a sequência do desenvolvimento do sujeito que ele não quer saber disso, e FREUD o diz textualmente, no sentido do reprimido.

Tal é a fórmula que ele emprega e que quer bem dizer o seguinte: há uma distinção entre o que é reprimido, e o que, pelo fato de ser reprimido, retorna.

Porque não são senão o lado e o avesso de uma única e mesma coisa, o reprimido está sempre lá, mas se expressa de uma forma perfeitamente articulada nos sintomas e em uma série de outros fenômenos, o que é completamente diferente, e é por isso que minha comparação do ano passado de certos fenômenos da ordem simbólica com o que ocorre nas máquinas não é tão inútil de ser lembrada.

Eu os recordo brevemente, sabem que tudo o que se introduz no circuito das máquinas, no sentido em que o entendemos: nossas pequenas máquinas no sentido moderno do termo, máquinas que ainda não falam completamente, mas que irão falar em um minuto, essas máquinas onde introduzimos o que podemos alimentá-las, como se diz, ou seja, a sequência dos pequenos números após os quais aguardamos as transformações maiores que permitirão à máquina nos trazer as coisas que talvez teríamos demorado cem mil anos para calcular, essas máquinas só podem receber coisas se respeitarmos o ritmo próprio delas, ou seja, uma espécie de ritmo fundamental cuja existência precisamos respeitar, caso contrário, todo o resto cai nos bastidores e não se introduz, por não ter conseguido entrar. Podemos retomar uma imagem que a representa, apenas há um fenômeno, é que: "tudo o que é recusado na ordem simbólica, reaparece no real".

Sobre isso, o texto de FREUD é claro: se o Homem dos lobos não é sem tendência nem propriedade psicótica... como a sequência da observação mostrou, ele não é de forma alguma sem conter alguns recursos do lado da psicose, como demonstra nesta breve paranoia que ele teria entre o fim do tratamento de FREUD e o momento em que é retomado no nível da observação que nos dá FREUD... se o Homem dos lobos sempre recusou seu acesso - embora aparente em sua conduta - à castração no registro [simbólico], a rejeitou da função simbólica propriamente dita, da assunção não apenas atual, mas até mesmo possível por um "eu", há o vínculo mais estreito entre isso e o fato - que ele encontra na infância - de ter tido essa breve alucinação que relata com detalhes extremamente precisos: ele o fez ver que, brincando com sua faca, cortou o dedo, e que seu dedo não segurava mais senão por um pequeno pedaço de pele.

O sujeito relata isso com uma precisão e um estilo que de certa forma é calado na experiência vivida. O fato de a cena ser apreendida por um breve momento, parece até que todo tipo de localização temporal desapareceu: ele se sentou em um banco ao lado de sua ama, que é justamente a confidente de suas primeiras experiências, não ousa falar com ela sobre isso, algo muito significativo dessa suspensão de toda possibilidade de falar com a pessoa com quem ele falava de tudo, e especialmente disso. Há ali uma espécie de abismo, de imersão realmente temporal, de interrupção da experiência psicológica por um curto momento, após o qual ele sai dizendo que não tem nada, "tudo acabou, não vamos mais falar sobre isso".

A relação que FREUD estabelece entre esse fenômeno e esse "não saber da coisa mesma" no sentido do reprimido, expresso no texto de FREUD, é traduzida por isso: o que é recusado na ordem simbólica ressurgirá no real. Sabem que isso é exatamente o fundo, o sentido, a essência de todo esse texto da Verneinung: o que quer

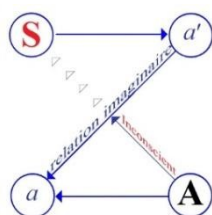
dizer um certo modo de aparição do que está em questão no discurso do sujeito, sob essa forma muito particular que é a negação? E por que o que está ali presente é tão ineficaz?

A relação estreita que existe entre os dois registros: aquele da negação e aquele da reaparição na ordem puramente intelectual não integrada pelo sujeito, e aquele da alucinação, ou seja, da reaparição no real do que foi recusado pelo sujeito, mostra uma gama, uma série de relações, um vínculo que é absolutamente primário.

A questão é então saber: do que se trata quando se trata de um fenômeno propriamente alucinatório? Um fenômeno alucinatório tem sua origem no que podemos chamar provisoriamente - não sei se essa conjunção de termos, vou mantê-la sempre - "a história do sujeito no simbólico". É difícil de sustentar porque toda a história é por definição simbólica, mas tomemos essa fórmula.

A distinção é essencial de ser feita: se o reprimido neurótico tem a mesma origem, situa-se nesse mesmo nível "de história no simbólico" que o reprimido do qual se trata na psicose. Claro que se estabelece a relação mais estreita com os conteúdos de que se trata, mas o que é completamente impressionante é ver que, certamente, essas distinções permitem logo, de certa forma, nos reconhecermos nesses conteúdos, e, na verdade, já trazem em si mesmas uma chave que nos permite nos deparar com os problemas de uma forma muito mais simples do que os havíamos colocado até agora.

É absolutamente certo, por exemplo, que o fenômeno de alucinação verbal tal como se apresenta sob a forma dessa espécie de duplicação do comportamento e da atividade do sujeito, que é ouvido como se um terceiro falasse e dissesse: "Ela faz isso, ou ele faz isso, ele me falou, mas não vai responder, ele se veste ou se despe, ou se olha no espelho...". Isso do que se trata é algo que, na perspectiva que é a de nosso esquema do ano passado:



Do sujeito e deste Outro com o qual a comunicação direta da palavra plena da ordem simbólica acabada é interrompida por este desvio e esta passagem pelo a e o a' dos dois eus, e de suas relações imaginárias.

Está bem claro que a triplicidade essencial, pelo menos de primeiro plano, que isto implica no sujeito, é algo que recobre da maneira mais direta, o fato de que algo que é sem dúvida, e bem entendido, o eu do sujeito, fala e pode falar do sujeito normalmente a outro em terceira pessoa, e falar de si, falar do S do sujeito.

Isto - na perspectiva da estruturação do sujeito fundamental e de sua palavra - não tem nada de absolutamente explícito, senão compreensível. Como uma parte dos fenômenos das psicoses se entende nisso: que de uma maneira extremamente paradoxal, e exemplar ao mesmo tempo, o sujeito - da maneira que Aristóteles observava - "não se deve dizer que a alma pensa, mas que o homem pensa com sua alma."

Formulação da qual já estamos distantes, pois acredito que estamos muito mais próximos do que acontece ao dizermos que aqui o sujeito psicótico, no momento em que aparece no real, quando aparece com esse "sentimento de realidade" que é a característica fundamental do fenômeno elementar, sua forma mais característica da alucinação, o sujeito, literalmente, fala com seu eu.

É algo que nunca encontraremos de maneira plena. A ambiguidade de nossa relação com o eu é absolutamente fundamental e suficientemente marcada. Sempre há algo profundamente revogável em toda assunção do nosso eu. O que nos mostram certos fenômenos elementares da psicose é literalmente o eu totalmente assumido instrumentalmente, por assim dizer, o sujeito identificado com seu eu com o qual ele fala, é ele quem fala de si, o sujeito, ou de si de S, nos dois sentidos equívocos do termo: a letra [S], e o Es alemão.

Isto eu não vos dou hoje e aqui sob esta forma, apenas para indicar onde nos levará este ano nossa tentativa de situação exata, em relação a esses três registros do simbólico, do imaginário, e do real, das diversas formas da psicose.

Eles nos levarão e nos manterão no que já parecia ser o objeto da nossa pesquisa, precisamente para permitir precisar em seus últimos recursos, a função que devemos dar no tratamento, na cura, a um registro, a um recurso como o do eu, por exemplo, com tudo o que isso implica.

Porque, finalmente, o que se entrevê no limite de tal análise é toda a questão da relação de objeto, se a relação analítica for fundada em uma desconhecimento da autonomia dessa ordem simbólica que automaticamente provoca uma confusão do plano imaginário e do plano real, porquanto, é claro, a relação simbólica não é eliminada, pois continuamos a falar, e mesmo não fazemos outra coisa, resulta que o que no sujeito pede para ser reconhecido no plano próprio da troca simbólica autêntica... aquele que não é tão fácil de alcançar, pois está perpetuamente interferido pelo outro... o que pede para ser reconhecido em sua autenticidade simbólica, não só é literalmente desconhecido, mas é substituído por essa espécie particular de reconhecimento: do imaginário, do fantasma, que é propriamente o que se chama a antecâmara da loucura, uma certa maneira de autenticar tudo o que no sujeito é do campo do imaginário e algo que simplesmente devemos admirar, pois não leva a uma alienação mais profunda.

Sem dúvida, é aí que nos indica suficientemente que há uma certa predisposição, e não duvidamos de fato que não haja condições. Como me perguntaram ainda em Viena, um rapaz encantador a quem eu tentava explicar algumas pequenas coisas, me perguntou se eu acreditava que as psicoses eram orgânicas ou não. Eu lhe disse que essa pergunta estava completamente ultrapassada, que há muito tempo não fazíamos diferença entre psicologia e fisiologia, e que certamente não se fica louco quem quer, como havíamos exibido no muro da nossa sala de guarda naquele tempo antigo, um pouco arcaico.

Ainda assim, é a uma certa maneira de manusear a relação analítica... e que é propriamente de autenticação da relação imaginária de que falávamos, essa substituição do reconhecimento no plano simbólico pelo reconhecimento no plano imaginário... que devemos atribuir justamente os casos bem conhecidos também de desencadeamento bastante rápido de delírios mais ou menos persistentes, e algumas vezes definitivos, por um manuseio imprudente na entrada da análise, da "relação de objeto" simplesmente.

Os fatos são reconhecidos, classificados, portanto, é bem conhecido que isso pode acontecer, mas nunca ninguém explicou por que isso ocorre, por que uma análise nos seus primeiros momentos pode desencadear uma psicose. É evidentemente função das disposições do sujeito, como sempre se observa, mas também de uma certa maneira de manusear a análise.

Hoje acredito não ter feito outra coisa senão trazer-lhes a introdução ao interesse do que vamos fazer, a imaginação como um ponto de vista da elaboração conceitual, da purificação das noções, de sua aplicação prática, e, ao mesmo tempo, da nossa formação para uma análise. É útil nos ocupamos deste campo, por mais ingrato e árido que possa ser a paranoia. Acredito também que ao mesmo tempo cumpri meu programa, ou seja, meu título de hoje, e também vos indiquei algumas incidências muito precisas.

Essa elaboração conceitual, com o que ela comporta para nós de "formação", no sentido de retificação das perspectivas, é algo que pode ter as incidências mais diretas na maneira como pensaremos, ou pelo menos como nos guardaremos de pensar, o que é e o que deve ser em sua direção, a experiência do dia a dia.

Creio que quanto mais se tenta se aproximar da história da noção de paranoia, mais se percebe seu caráter altamente significativo, do ensinamento que se pode tirar do progresso, mesmo na ausência de progresso, como quiserem, que caracterizaram o movimento psiquiátrico.

Não há noção afinal mais paradoxal, e não é por nada que tomei cuidado da última vez, de colocar em primeiro plano o termo velho de "loucura", isto é, o termo fundamental do comum para designar a loucura que permaneceu sempre sinônimo de paranoia. E verdadeiramente pode-se dizer que na palavra "paranoia", os autores manifestaram toda a ambiguidade que se traduz fundamentalmente no uso deste termo de loucura.

Certamente se consideramos a história do termo, ele não data de ontem nem mesmo do nascimento da psiquiatria, e sem querer me entregar aqui a estes tipos de demonstração de erudição que são muito fáceis demais, posso lhes lembrar mesmo assim que a referência ao termo da loucura faz parte desde sempre da linguagem da sabedoria ou do que é pretendido tal, e que é já uma certa data histórica este famoso "Elogio da loucura".

Esta espécie de valorização da loucura é algo idêntico ao comportamento humano normal, ainda que a palavra nesta época não esteja em uso, é algo que guarda todo seu valor. Simplesmente diremos que o que era dito neste momento na linguagem dos filósofos, de filósofo a filósofo, falava-se da sabedoria falando da loucura, e com o tempo isso acaba por ser tomado muito a sério, ao pé da letra. A virada se faz com PASCAL, com todo o acento do grave e do meditado: que sem dúvida há uma loucura necessária, que seria louco, por outro giro de loucura, não ser louco da loucura de todo mundo.

Estas lembranças não são completamente inúteis para ver o perigo dos paradoxos implícitos já incluídos nas premissas, que há em tentar. Pode-se dizer que até FREUD, trazia-se a loucura a um certo número de comportamentos, de "patterns", enquanto que outros, por estes "patterns" pensavam também julgar o comportamento de todo mundo.

Afinal a diferença - pattern por pattern - não parece imediatamente saltar aos olhos, e o ponto de acento nunca foi totalmente colocado sobre o que permite fazer a imagem do que é "uma conduta normal" ou mesmo compreensível, e de situar a conduta propriamente paranoica.

É bem assim com efeito que as coisas evoluíam através da história desta paranoia, e isto de uma maneira mais ou menos acentuada, já que depois que KRÆPELIN ficou ligado por muito tempo a esta noção totalmente vasta e em suma ligada a esta espécie de sensibilidade que faz que, em geral, o homem que tem a prática sabe reconhecer por esta espécie de dom, de sentido, o que se chama o índice natural, que é o verdadeiro dom médico, uma certa maneira de ver, qual é o índice que recorta bem a realidade. Fiquemos lá ao nível das definições.

O recorte da paranoia era incontestavelmente mais largo e muito mais vasto durante todo o século XIX, que ele o foi a partir de um certo momento que corresponde ao fim do século passado, isto é, por volta de 1899, na época da quarta ou quinta edição de KRÆPELIN. E é em 1899 somente que KRÆPELIN introduz uma subdivisão mais reduzida no interior deste quadro bastante vasto que eram as paranoias... e que em suma cobria até então o que há, a partir desta redução, trazido para o quadro da demência precoce, fazendo dele o setor paranoide... e então ele traz uma definição bastante interessante da paranoia, que se distingue dos outros modos de delírios paranoicos até então tomados nesta vasta classe da paranoia:

"A paranoia se distingue das outras porque ela se caracteriza pelo desenvolvimento insidioso de causas internas, e segundo uma evolução contínua de um sistema delirante, durável e impossível de abalar, e que se instala com uma conservação completa da clareza e da ordem no pensamento, no querer e na ação."

Definição da qual se pode dizer que sob a pena de um clínico tão eminente quanto KRÆPELIN, ela contradiz ponto por ponto todos os dados da clínica, isto é, que nada aí é verdadeiro.

O "desenvolvimento" não é "insidioso", há sempre surtos, fases. Parece-me, mas não estou absolutamente certo, que fui eu que introduzi a noção de "momento fecundo". Este "momento fecundo" é sempre sensível, há sempre

no início de uma paranoia, algo que é uma ruptura no que ele chama mais tarde "a evolução contínua de um delírio sob a dependência de causas internas".

É absolutamente manifesto que não se pode limitar a evolução de uma paranoia às "causas internas", e basta passar ao capítulo etiológico sob a pena do mesmo autor e dos autores contemporâneos, isto é, SÉRIEUX e CAPGRAS que fizeram cinco anos mais tarde seu trabalho, para que justamente, quando se procura as causas desencadeantes de uma paranoia, se faça sempre estado de algo com o ponto de interrogação necessário, mas de uma crise, de um elemento emocional na vida do sujeito, de uma crise vital, se procurará sempre algo que efetivamente se relacionará às relações externas do sujeito.

Seria bem surpreendente que não fôssemos levados a considerar em um delírio que se caracteriza essencialmente como um delírio de relações, "delírio de relações" - termo que não é de KRETSCHMER, mas que foi inventado por WERNICKE - de causas externas.

A "evolução contínua de um sistema delirante, durável e impossível de abalar..."

Não há nada mais falso. É totalmente manifesto na menor observação de paranoia, que o sistema delirante varia. Que o tenhamos abalado ou não, a questão me parece secundária. Trata-se com efeito de algo que tem uma certa relação com uma interpsicologia, com as intervenções do exterior, com a manutenção de uma certa ordem no mundo em torno de uma paranoia da qual está bem longe de não levar em conta, e que ele procura no curso da evolução de seu delírio, fazer entrar em composição com seu delírio.

"...que se instala com uma conservação completa da clareza e da ordem no pensamento, no querer e na ação."

Certamente, é mesmo aí o que vai ser o mais impressionante, é que se trata de saber o que se chama "clareza" e "ordem" e se este algo que merece este nome pode ser reencontrado na exposição que o sujeito faz de seu delírio, é algo que está longe de ser o menos interessante nos casos de paranoia, ainda é preciso que haja aí apenas uma caracterização totalmente aproximativa, que é bem de natureza a nos fazer questionar a noção de "clareza" e a noção de "ordem", a seu propósito.

Quanto a "...o pensamento, o querer e a ação", é bem disso que se trata, estamos aqui antes para tentar definir o pensamento, o querer e a ação, em função de um certo número de comportamentos concretos, entre os quais está o comportamento da loucura, antes que partir deste pensamento, deste querer e desta ação, que nos levam a uma psicologia acadêmica que nos parece dever ser recolocada no tear antes de fazer o objeto de conceitos suficientemente rigorosos para poder ser trocados, ao menos ao nível de nossa experiência.

Creio que a ambiguidade de todo este progresso em torno da noção de paranoia, está ligada a muitas coisas, certamente a uma insuficiente, talvez, subdivisão clínica, e penso que há aqui, entre os psiquiatras, suficientemente conhecimento dos diferentes tipos clínicos, para saber que, por exemplo, não é de modo algum a mesma coisa "um delírio de interpretação" e "um delírio de reivindicação", e a estrutura das duas formas de delírios é muito suficientemente diferenciada para colocar justamente os problemas do que faz:

que um delírio é "um delírio de interpretação",

ou outro não é "um delírio de reivindicação".

Creio que não é, entretanto, no sentido, primeiro de uma espécie de dispersão, pulverulência dos tipos clínicos, que é preciso se orientar para compreender onde está verdadeiramente situado o problema. A diferença em outros termos, entre as psicoses paranoicas e as psicoses passionais, ainda que ela tenha sido admiravelmente valorizada pelos trabalhos de meu mestre CLÉRAMBAULT do qual comecei da última vez a lhes indicar a função, o papel, a personalidade e a doutrina, não estava talvez para ser situada totalmente da maneira massiva como se fazia primeiro, e que é precisamente na ordem das distinções psicológicas que sua obra toma o alcance maior. Teremos que mostrá-lo mais em detalhe em um próximo seminário.

Creio que apesar de tudo, há todo interesse em ver que o problema que se coloca para nós, se situa ao nível do conjunto do quadro da paranoia, e que o papel essencial desta dificuldade, primeiro que dá verdadeiramente o sentimento que um século de clínica não fez senão derrapar a todo instante em torno do problema.

A saber que cada vez que ela avançava um pouco em seu aprofundamento, ela perdia logo o terreno conquistado, eu diria pela maneira mesma de conceitualizar o que era imediatamente sensível e tocável no coração das

observações, pois em nenhum lugar é mais manifesta a contradição que há entre a observação mesmo simplesmente lida, e a teorização. Pode-se quase dizer que não há discurso da loucura mais manifesto e mais sensível que aquele dos psiquiatras, precisamente sobre este assunto da paranoia.

Há algo que me parece ser totalmente do âmbito do problema e que abordaremos pela via seguinte: se vocês leem por exemplo o trabalho que fiz sobre a psicose paranoica, verão que coloco a ênfase - para tentar retomar a análise clínica no ponto que é verdadeiramente um nervo do problema - a ênfase que coloco sobre o que chamo "os fenômenos elementares"... tomo emprestado este termo e intencionalmente de meu mestre CLÉRAMBAULT... e centrando precisamente sobre os fenômenos elementares, tento demonstrar o caráter radicalmente diferente que há entre estes fenômenos, e qualquer coisa que possa ser deduzida do que ele chama "a dedução ideica", isto é, do que é compreensível para todo mundo. De fato estes fenômenos não são mais elementares que o que é subjacente ao conjunto da construção de um delírio.

Desde esta época, não sublinhei com menos firmeza o fato de que este fenômeno não é mais elementar que é, em relação a uma planta, a folha onde se verá um certo detalhe da maneira como se imbricam e se inserem as nervuras, há algo de comum a toda a planta que se reproduz ou se mascara em certas das formas que compõem sua totalidade.

E insisto muito precisamente sobre o que é do delírio, estruturas análogas se reencontram, seja que se considere as coisas ao nível da composição, da motivação, da tematização do próprio delírio, ou ao nível do fenômeno elementar. Dito de outro modo que é a mesma força estruturante, se podemos nos expressar assim, que se reencontra, que o consideremos em uma de suas partes, ou em sua totalidade.

O importante do "fenômeno elementar" não está portanto lá como algo que seria uma espécie de núcleo inicial, de "ponto parasitário", como se expressava CLÉRAMBAULT, no interior da personalidade, e em torno do qual o sujeito faria uma espécie de construção, de reação fibrosa destinada a encistá-lo envolvendo-o, ao mesmo tempo a integrá-lo, isto é, a explicá-lo - como se diz - mais frequentemente.

O delírio não é destruído, ele reproduz a mesma força constituinte, ele é - o delírio - ele também um fenômeno elementar. Isto é, que a noção de elementar está lá para não tomar de outro modo que uma noção direta de utilidade, isto é, de uma estrutura que precisamente é diferenciada, irredutível a outra coisa que a ela mesma, que se define como estrutura.

Creio que o que faz que esta mola da estrutura tenha sido tão profundamente desconhecida, que todo o discurso do qual eu falava há pouco, em torno da paranoia, é algo que sempre guarda este caráter de poder, é uma prova que vocês podem fazer ao curso da leitura de FREUD, e de quase todos os autores, vocês encontrarão sempre páginas inteiras, às vezes capítulos inteiros, extraíam-nos de seu contexto, liam-nos em voz alta, e vocês encontrarão os mais maravilhosos desenvolvimentos concernentes ao comportamento muito precisamente de todo mundo [i.e. "normal"].

Falta pouco para que o que lhes li há pouco sobre o assunto da definição da paranoia por KRÆPELIN, não seja a definição do comportamento normal, mas vocês encontrarão este paradoxo sem cessar, e mesmo nos autores analistas, quando precisamente eles se colocam no plano do que eu chamava há pouco o pattern, termo de um advento recente em sua dominância na teoria analítica, mas que não estava menos lá em potência desde muito muito tempo. Eu relia por exemplo para preparar este encontro, um artigo já antigo - por volta de 1908 - de ABRAHAM, que concerne à demência precoce: ele é chamado a falar da relação do demente precoce com os objetos. Ele diz: olhem este demente precoce, ei-lo que durante meses e meses empilhou pedra sobre pedra, trata-se de pedregulhos vulgares que são afetados para ele do maior bem.

Ele está na via de nos explicar a inafetividade do sujeito que encontra um valor super-afetivo em guardar objetos que são colecionados, super-valorizados. Eis então onde vai este mal que é a inafetividade do sujeito, é que a força de empilhar sobre a prancha ela racha, grande fracasso no quarto, varre-se tudo. E eis bem um paradoxo nos diz ABRAHAM: este personagem que parecia acordar tanta importância a estes objetos, não faz a menor atenção ao que se passa, nem o menor protesto à evacuação geral dos objetos de sua atenção e de seus desejos, simplesmente ele recomeça, ele vai acumular outros.

É bem evidente que se trata aí da demência precoce, mas que apresentado sob esta forma, este pequeno apólogo tem um caráter tão manifestamente humano que gostaríamos de fazer dele uma fábula e mostrar que é o que fazemos todo o tempo. Eu diria mesmo mais: este poder de acumular uma multidão de coisas que são para nós

sem nenhum valor, e de vê-las passar do dia para o amanhã por perdas e lucros, e simplesmente de recomeçar, é mesmo um muito bom sinal. Se ficássemos ligados ao que perdemos, é neste momento que se poderia dizer: há uma supervalorização de objetos cuja perda ou frustração não pode ser suportada pelo sujeito.

A ambiguidade total destas molas pretensamente demonstrativas na descrição é algo do qual nos perguntamos como a ilusão pode mesmo ser um só instante conservada, senão por não sei o quê que poderíamos verdadeiramente caracterizar como uma espécie de obnubilação do sentido crítico que parece tomar o conjunto dos leitores a partir do momento em que se abre uma obra técnica, e muito especialmente da técnica de nossa experiência e de nossa profissão.

Esta observação que lhes fiz da última vez: a que ponto o termo "compreensível" é algo completamente fugidio e que se esquiva, ficamos surpresos que não a coloquemos como uma espécie de lição primordial, de formulação obrigada à entrada de um limiar.

Comecem por não acreditar que vocês compreendem! Partam da ideia do mal-entendido fundamental. É aí uma disposição primeira, falta da qual não há verdadeiramente nenhuma razão para que vocês não compreendam tudo e qualquer coisa. Um autor lhes dá tal comportamento como sinal de inafetividade em um certo contexto, em outro lugar seria ao contrário excessivamente valorizado que o personagem possa recomeçar sua obra após simplesmente ter acusado a perda.

Há perpetuamente uma espécie de apelo a noções consideradas como recebidas, fundamentais, enquanto que elas não o são de nenhuma maneira, e para dizer tudo, é aí que quero chegar: esta dificuldade de abordar o problema da paranoia, é muito precisamente para apreender que a paranoia se situa justamente sobre este plano da compreensão, que "o fenômeno elementar" - no sentido em que acabo de defini-lo há pouco: o fenômeno irreduzível - que ele seja ao nível do delírio, que ele seja ao nível da interpretação.

Mas desde já vocês têm, penso, coisas suficientes para saber do que se trata: trata-se de um sujeito para quem o mundo começou por tomar uma significação. O que é a interpretação? Eis o sujeito que há algum tempo está presa de um certo número de fenômenos que consistem em que na rua ele percebe que se passam coisas, mas quais? Interrogando-o vocês verão bem as coisas. Vocês verão com efeito que ele tem pontos que permanecem misteriosos para ele mesmo e outros sobre os quais ele se expressa, que em outros termos ele simboliza o que se passa, e como ele o simboliza?

É já em termos de significação, isto é, que ele não sabe sempre, e bem frequentemente se vocês apertam as coisas de perto, ele não é capaz de dizer totalmente se as coisas lhe são favoráveis ou desfavoráveis, ele procura o que indica tal ou tal comportamento de seus semelhantes, ou tal ou tal traço notado no mundo exterior considerado como significativo. Da última vez eu lhes falei de carro vermelho, e eu procurava a este propósito lhes mostrar qual alcance excessivamente diferente pode tomar a cor vermelha, segundo que ela é considerada: em seu valor perceptivo, em seu valor imaginário, e eu dizia mesmo que vocês deviam bem distinguir a propósito disso a que ponto seu valor simbólico é algo que deve ser distinguido, e é muito fácil de fazer sentir, de seu valor imaginário.

Nos comportamentos humanos há também um certo número de traços que aparecem no campo das percepções, neste mundo que não é jamais simplesmente e puramente um mundo inumano, que é um mundo composto pelo humano, mas onde traços até então totalmente neutros tomam para ele um valor.

O que o sujeito diz afinal de contas, sobretudo em um certo período de seu delírio? É que é a noção de significação antes de tudo, ele não sabe qual, mas é a significação, o momento com o que ele comporta de traços que vêm ao primeiro plano, que surgem para ele. O campo de sua relação é carregado de uma significação, em muitos casos ele não pode ir muito além, mas o que há de impressionante, é que esta significação, ela, vem totalmente ao primeiro plano.

Ela se impõe, ela é uma desconfiança, ela é para ele perfeitamente compreensível, e do só fato que se trata deste registro, nós compreendemos também que é justamente porque é sobre o plano da compreensão... enquanto fenômeno incompreensível se posso dizer... que a paranoia tem para nós ao mesmo tempo este caráter tão difícil de apreender e este interesse de primeira ordem.

Mas se se pôde falar a este respeito de "loucura razoável", de "conservação" e de "clareza", e da "ordem no querer", é unicamente por causa deste sentimento que tão longe que vamos no fenômeno, estamos no domínio do

compreensível, mesmo quando o que se compreende não pode mesmo ser articulado, denominado propriamente falando, inserido pelo sujeito em um contexto que verdadeiramente o explicita.

O fato que simplesmente se trate de algo que já está no plano da compreensão, faz que nos sintamos com efeito ao alcance de compreender, sob reserva que se tratará de ir um pouco mais longe simplesmente, mas se se trata de coisas que em si mesmas se fazem já compreender, e é a partir daí que nasce a ilusão: já que se trata de compreender nós compreendemos.

Pois bem, justamente não! Como alguém tinha feito notar, mas tinha se mantido a esta observação estritamente elementar. Charles BLONDEL tinha feito um livro sob o título A consciência mórbida, onde ele dizia que o próprio das psicopatologias, era justamente de enganar esta compreensão. Era uma obra de valor, mas ele se obstinou a recusar compreender o que quer que seja que lhe tenha sido trazido em seguida da experiência psiquiátrica ou do desenvolvimento das ideias na psicopatologia, a partir desta obra.

É precisamente aí que convém retomar o problema: é que de fato é sempre compreensível, aliás, é uma observação que podemos fazer na formação que damos aos alunos para compreender a crítica de casos, que é sempre aí que convém detê-los, é sempre o momento em que eles compreenderam que coincide com o momento em que eles perderam a interpretação que convinha fazer ou não fazer. Há sempre um momento no discurso do sujeito que aparece de maneira saliente... como apresentando a abertura para o problema, a entrada dialética no caso... é sempre o momento em que o iniciante se precipitou para preencher o caso com uma compreensão que ele expressa geralmente com toda ingenuidade: o sujeito quis dizer isso. Como você sabe?

O que é certo é que ele não o disse e que ao ouvir o que ele disse aparece ao menos que uma questão poderia ter surgido, poderia ter sido colocada, e que talvez essa questão bastasse por si só para constituir a interpretação válida, ou ao menos iniciá-la.

Na verdade, vou já lhes dar uma ideia do ponto onde converge esse discurso. O que é importante não é que tal ou tal momento:

da percepção do sujeito,

de sua dedução delirante,

de sua explicação de si mesmo,

de seu diálogo com você,

...seja mais ou menos compreensível, é que acontece algo em certos desses pontos, que se caracteriza e que não pode ser caracterizado de outra forma senão pela seguinte fórmula: que há de fato em tal ponto, tal núcleo completamente compreensível se você insiste, mas isso não tem estritamente nenhum interesse que seja compreensível.

O que é totalmente impressionante é que ele é inacessível, inerte, estagnado em relação a toda dialética. Tomemos o elemento de significação que existe na interpretação elementar. Este elemento é repetitivo, procede por reiterações, é mais ou menos desenvolvido, mais ou menos elaborado, às vezes o sujeito vai muito mais longe na elaboração da significação, mas o que é certo é que ele permanecerá, durante pelo menos um certo tempo, sempre se repetindo com o mesmo sinal interrogativo que comporta, sem que jamais lhe seja trazida qualquer resposta, qualquer tentativa de integrá-lo em um diálogo.

O fenômeno permanece reduzido a algo que não está absolutamente aberto a nenhuma composição propriamente dialética. Na psicose passional, que é aparentemente tão mais próxima do que chamamos de normal, o que significa também a ênfase que se coloca na prevalência da reivindicação passional?

O fato de que um sujeito não pode suportar tal perda, ou tal dano, e que toda sua vida pareça centrada na compensação do dano sofrido, da reivindicação que ela acarreta, de toda a processividade que vai passar tanto ao primeiro plano, que às vezes parece dominar muito o interesse do que está em jogo, é também algo da mesma ordem que é também uma parada em toda dialética possível, desta vez centrada de uma maneira totalmente diferente.

Eu lhes indiquei da última vez em torno do que se situava o fenômeno de interpretação: em torno de algo que participa do eu e do outro, muito exatamente na medida em que a teoria analítica nos permite dar esta definição do eu como sempre relativo. Aqui na psicose passional, é evidentemente muito mais próximo do "eu" do sujeito que se situa o que chamamos de núcleo compreensível, mas núcleo de inércia dialética que constitui a característica do sujeito.

Em suma, é precisamente por desconhecer e ter sempre desconhecido radicalmente na fenomenologia de nossa experiência patológica esta dimensão dialética como tal, da qual podemos dizer que é o que caracteriza uma classe de espíritos, que parece que a entrada no campo da observação clínica humana, há um século e meio onde ela se constituiu como tal com os primórdios da psiquiatria, tenha substituído esta espécie de fórmula liminar, cuja admissão geral eu desejava há pouco, que é que primeiro toda compreensão é substituída por esta, a partir do momento em que nos ocupamos do homem, desconhecemos radicalmente esta dimensão que parece, no entanto, em toda parte, viva, admitida, manejada, eu diria correntemente no sentido das ciências humanas, a saber, a autonomia como tal da dimensão dialética.

Nota-se a integridade das faculdades deste sujeito, como dizia há pouco KRAEPELIN, de "querer", de "agir", que nos parece totalmente homogênea em relação a tudo o que esperamos dos seres humanos, não há em lugar algum déficit, falha, perturbação das funções. A única coisa que não é absolutamente colocada em questão é, a saber:

que o próprio do comportamento humano é orientar suas ações, seus desejos, seus valores, em uma movência dialética que faz que precisamente nós os vejamos, não somente mudar a todo instante, mas de uma maneira contínua e mesmo passar a valores estritamente opostos em função mesmo de um desvio do diálogo,

e nos apercebermos que esta verdade, absolutamente primeira que está - até nos apólogos da questão - dissimulada sob a forma das fábulas mais populares: o que era num momento perda e desvantagem pode se tornar logo no instante seguinte a própria felicidade que lhe foi concedida pelos deuses,

esta possibilidade a cada instante de questionamento de todas as partes do desejo, do apego, até mesmo da significação mais perseverante de uma atividade humana,

esta perpétua possibilidade de inversão do signo em função da totalidade dialética da posição do indivíduo

...é algo que é de experiência tão comum que ficamos absolutamente espantados, simplesmente pelo fato de que de repente temos que lidar com algo que podemos objetivar: seu semelhante. Esta dimensão está totalmente esquecida. No entanto, ela nunca foi completamente esquecida, encontramos seu traço a todo instante:

cada vez que o observador se deixa de alguma forma guiar por seu instinto, pelo sentimento do que se trata, e no texto da "loucura razoável", muito mais, é claro, expressivo, significativo, destinado a nos mostrar do que se trata.

É claro, efetivamente, nos fenômenos em questão que o termo de interpretação se presta - sobretudo no contexto desta "loucura razoável" onde está inserido - a todos os tipos de ambiguidades ao falar de paranoia combinatória, que na combinação dos fenômenos reside o segredo.

Em outros termos, o termo que no entanto - em todo caso aqui - foi promovido para tomar todo seu valor, para que não hesitemos em aplicá-lo, o termo "Quem fala?" parece simplesmente ser aquele que deve dominar toda a questão da paranoia. Eu já lhes indiquei um pouco na última vez, lembrando-lhes o caráter absolutamente central na paranoia do que chamamos de alucinação verbal e as teorias que foram construídas a seu respeito, e do tempo que se levou para perceber que - às vezes bem visível - que literalmente, no sentido de "Quem fala?", no sentido da alucinação, o sujeito estava ali articulando diante de vocês o que dizia ouvir.

Foi preciso que o Sr. SÉGLAS em seu livro "Lições Clínicas" no início de sua carreira, fizesse uma espécie de revelação ao observar que as alucinações verbais ocorriam em pessoas nas quais se podia perceber... por sinais muito evidentes em certos casos, e em outros olhando mais de perto... que eles mesmos estavam articulando - sabendo ou não sabendo, ou não querendo saber - que articulavam as palavras que acusavam ouvir.

Isso constituiu ainda assim uma pequena revolução, a saber que a alucinação auditiva devia ser algo que não tinha sua fonte no exterior, e que devia tê-la no interior: e o que poderia ser mais tentador que pensar que isso pode responder a um estímulo de uma zona ela mesma dita sensorial?

Resta saber se isso continua sendo aplicável, por exemplo, ao domínio da linguagem, e se existem propriamente falando essas famosas alucinações psíquicas verbais, se não são sempre mais ou menos alucinações psicomotoras, se em suma o que poderia ser facilmente resumido como o fenômeno da fala - sob suas formas patológicas - pode ser - sob suas formas normais - dissociado deste fenômeno... do qual parece que ele

simplesmente abordou as coisas do ponto de vista concreto... deste fato, que é no entanto absolutamente notável e sensível: é que quando o sujeito fala, ele se ouve a si mesmo.

Esta é uma das dimensões absolutamente essenciais do fenômeno da fala no nível da experiência mais elementar, é que não é simplesmente o outro que o escuta. O que é totalmente impossível de esquematizar é o fenômeno da fala simplesmente sobre esta imagem que serve de base a um certo número de teorias ditas da comunicação, a saber o emissor e um receptor, e depois algo que se passa no intervalo.

Parece-se esquecer que na fala humana - entre muitas outras coisas - que o emissor, quando se trata da fala humana, é sempre ao mesmo tempo um receptor, em outros termos que se ouve o som das próprias palavras, pode-se não prestar atenção, mas é certo que se ouve. Observações tão simples parecem dever dominar toda a questão da alucinação psicomotora dita verbal, e que, talvez em razão mesmo de sua demasiada evidência, passava totalmente ao segundo plano na análise destes fenômenos. De fato, certamente, esta pequena revolução seglasiana estava longe de nos ter trazido sozinha a palavra do enigma.

SÉGLAS permaneceu no nível da exploração fenomenal da alucinação, e teve que voltar sobre o que tinha de muito absoluto, envolvente, englobante, sua primeira teoria. Ele restituiu a seu justo valor a noção de certas alucinações que são absolutamente inteorizáveis neste registro, e trouxe as claridades clínicas e a fineza na descrição, que não podem ser desconhecidas, e das quais eu aconselho que vocês se esforcem para tomar conhecimento. Muitas dessas coisas são instrutivas, talvez mais por seus erros do que pelo que constituem de aportes próprios.

Não se pode se entregar a uma espécie de experiência negativa do campo em questão, isto é, construir algo unicamente sobre os erros, e por outro lado este domínio dos erros é bastante abundante para ser quase inesgotável. Será preciso ainda assim que tomemos alguns atalhos para cortar e tentar ir ao coração do que se trata.

Nós vamos fazê-lo seguindo os conselhos de FREUD, isto é, com FREUD, entrar na análise do caso SCHREBER, fazer uma leitura, ainda que cursiva, mas completa, do caso SCHREBER. Tentarei lhes apresentar o máximo de passagens possíveis, pois não poderei fazer esta leitura integralmente porque seria fastidioso.

SCHREBER é esta personagem que ocupava um lugar bastante importante na magistratura alemã, e que após uma curta doença que ocorre entre 1884 e 1885... doença da qual ele mesmo nos dá os detalhes, doença mental que consistiu em uma espécie de delírio hipocondríaco... sai da casa de saúde do professor FLECHSIG que o tratou e curou aparentemente de uma maneira completa, sem nenhuma sequela aparente.

Ele leva neste momento uma vida aparentemente normal durante cerca de oito anos, ele mesmo observa que um único distúrbio pairava sobre seu equilíbrio no plano de sua felicidade doméstica, e consistia no pesar que sua esposa e ele podiam ter, pelo fato de não terem filhos. Ao fim destes oito anos... todos os autores concordam em destacar nos escritos de SCHREBER, que isto corresponde ao momento de uma promoção muito importante em sua carreira: ele é nomeado Presidente da Corte de Apelação na cidade de Leipzig... ele recebe antes do período dito "das férias" o anúncio desta promoção e assume seu posto em outubro.

Ele parece - como acontece frequentemente em muitas crises mentais - em certo momento um pouco sobrecarregado por suas funções: esta promoção que ele teve na idade - parece pelos cruzamentos de dados - de cinquenta e um anos... o que é jovem para o título de Presidente da Corte de Apelação de Leipzig... o deixa um pouco perturbado. Ele se encontra no meio de pessoas muito mais experientes que ele, muito mais habituadas ao manejo de assuntos delicados, ele deve durante um mês se sobrecarregar, como ele mesmo se expressa, e ao fim de um mês começa a ter grandes perturbações.

Ao fim destes oito anos então de vida normal, ele recomeça a ter perturbações que começam por fenômenos diversos: insônia, mentismo, aparecimento de certos temas cada vez mais perturbadores em seu pensamento, que o levam a consultar novamente bastante rapidamente, e ao que é propriamente dito um internamento. Este internamento acontece primeiro na mesma casa de saúde de Leipzig, com o professor FLECHSIG, depois em seguida após uma curta estadia em outra casa - a do Professor PIERSON em Dresden - ele é internado em uma casa de saúde perto de Pirna.

Ele permanecerá lá até 1901 - de 1894 a 1901 - e é lá que seu delírio vai passar por toda uma série de fases das quais ele pode nos dar, ao menos aparentemente, uma relação extraordinariamente composta, extremamente segura parece nas datas, e ele o faz nos últimos meses de seu internamento, preparando um livro que ele vai

publicar logo após sua saída. Portanto ele não escondeu de ninguém no momento em que reivindicava o direito de sair, que faria parte à humanidade inteira, no propósito muito preciso de informá-la das revelações muito importantes para todos, que comporta sua experiência.

É este livro publicado em 1905 que FREUD toma em mãos em 1909. Ele fala dele nas férias com FERENCZI e é em dezembro de 1910 que ele redige o memorial que temos sobre a autobiografia de um caso de paranoia delirante.

Vamos abrir simplesmente o livro de SCHREBER: a carta que o precede e que é endereçada ao conselheiro privado, o Prof. FLECHSIG, tem seu interesse porque precisamente ela nos mostra bem o meio no qual pode se estabelecer a crítica por um sujeito delirante dos termos aos quais ele mais se apegava, isto ao menos para uma certa parte dentre vocês que não têm tal prática destes casos, tem um valor que merece ser destacado. Vocês verão que o Prof. FLECHSIG ocupa um lugar absolutamente central na construção do delírio de SCHREBER.

[Leitura da carta de Schreber ao Prof. Flechsig, datada de Março de 1903, in "Memórias de um doente dos nervos", Paris, Seuil, 1975, pp. 11-14.]

Vocês veem então que o desenvolvimento, o tom de cortesia, o desenvolvimento de clareza e ordem com o qual ele introduz este livro cujo primeiro capítulo é composto por toda uma teoria concernente aparentemente ao menos a Deus e à imortalidade, lhes mostra simplesmente, desde já, que os termos que estão no centro do delírio de SCHREBER consistem na admissão absolutamente primeira, da função "dos nervos do tempo".

[Leitura de um extrato do 1º capítulo das Memórias de um doente dos nervos, pp. 23-24.]

Tudo está lá: estes raios que não são limitados, e ainda menos aos limites da individualidade humana tal como ela se reconhece, estes raios que vão formar a rede explicativa, mas longe de ser somente explicativa já que é igualmente experimentada, a rede sobre a qual nosso paciente vai tecer como sobre uma tela todo o conjunto de seu delírio.

Esta relação entre os nervos, e principalmente entre os nervos do sujeito e os nervos divinos, vai comportar toda uma série de peripécias entre as quais o termo de Nervenhang, isto é, adjunção de nervos, uma forma de atração que pode intervir nestas trocas, e suscetível de colocar os nervos do indivíduo, do sujeito em questão, em um estado de maior ou menor dependência em relação às empresas de alguma personagem, sobre as intenções do qual o sujeito toma ele mesmo partido de maneira diversa ao curso de seu delírio.

Em outras palavras, ele tenta situar exatamente essas intenções que, evidentemente, estão longe de ser benevolentes desde o início, não fosse pelos efeitos catastróficos experimentados pelo doente, mas que, sem dúvida, não excluem todas as réplicas, uma vez que, ao longo do delírio, a função dada por essas intenções, transformada e integrada em uma verdadeira progressividade, como por exemplo:

- no início do delírio, onde domina a personalidade do Dr. FLECHSIG,
- e no final do delírio, onde toda a estrutura de Deus - e você verá que ela está longe de ser simples - está longe de ser interessada.

Há verificação e até mesmo progresso característico dos raios divinos, em outras palavras, o que é o fundamento das almas, mas que não se confunde com a identidade das ditas almas, pois ele enfatiza que não se deve considerar a imortalidade dessas almas como algo que deve ser concluído e reduzido no plano propriamente da pessoa, da identidade da alma em si mesma.

Tudo isso, ele diz com um caráter de verossimilhança que não torna sua teoria inaceitável. Essa conservação da identidade do eu é algo que não lhe parece que deva ser justificada. Por outro lado, o suporte, a qualidade própria, as expressões registradas pelos ditos nervos tornam-se, na sequência, o que é reincorporado aos raios divinos. Isso é algo como essa espécie de matéria-prima que pode sempre ser retomada, reativada pela ação divina, que também nutre essa ação divina, e da qual essa ação divina, inversamente, vai constituir suas ulteriores criações.

Há toda uma imagem metabólica desenvolvida em um plano muito amplo e extremamente detalhado, como você verá, pois o detalhe dessas funções importa enormemente, mas desde já o que podemos ver é que está na natureza dos raios divinos falar. Há a alma dos nervos que se confunde com uma certa língua fundamental da qual eu lhe mostrarei, com os trechos apropriados, até que ponto ela é definida por esse sujeito, e com uma sutileza cujo relevo merece ser destacado desde agora.

O caráter de aparentamento desse plano fundamental com um alemão cheio de sabor, com um uso extremamente avançado dos eufemismos que chega a utilizar o poder ambivalente das palavras, é algo que eu talvez lhe destile uma leitura um pouco mais eficaz na próxima vez. Pois o que é evidentemente muito instigante é que não se pode deixar de reconhecer uma parentesco absolutamente impressionante com o famoso artigo de FREUD sobre O sentido duplo das palavras primitivas¹. Você se lembra desse artigo onde FREUD acredita encontrar uma analogia entre a linguagem do inconsciente que não admite contradições, com o fato de que as palavras primitivas teriam como propriedade designar o mesmo [traço] considerado em seus dois polos, a mesma palavra podendo servir à qualidade "bom" e à qualidade "mau", "jovem" e "velho", "longo" e "curto", etc. Ouviu-se no ano passado em uma conferência a crítica absolutamente eficaz de M. BENVENISTE do ponto de vista linguístico. Não obstante, a observação de FREUD assume toda a sua importância a partir da experiência dos neuróticos, e se houvesse algo que lhe conferisse valor, seria o acento que lhe dá, ao passar, o denominado SCHREBER. O que se deve ver na primeira aproximação que temos deste livro é que a construção do delírio, cuja riqueza e número de estruturas você verá que permite evidenciar, é algo que aparece justamente como apresentando analogias surpreendentes:

- não apenas por seu conteúdo, por tudo o que elas implicam do que se chama, no sentido comum, "o simbolismo da imagem",
- mas em sua própria estrutura de certos esquemas que se aproximam do que podemos nós mesmos ser chamados a extrair de nossa experiência.

Você pode vislumbrar e sentir nesta teoria dos nervos divinos que falam, em outras palavras, de algo que pode ser tanto integrado pelo sujeito, mas também, ao mesmo tempo, estar completamente radicalmente separado dele, [uma teoria não] totalmente diferente do que eu lhe ensino sobre a maneira como se deve descrever o funcionamento dos inconscientes.

Vemos, neste caso, SCHREBER, uma certa forma de objetivação de algo que é supostamente correto em teoria, com, naturalmente, a possibilidade de reversão, ou seja, se a qualidade humana não participa de algum caso teorizado delirante.

Essa é a questão que se coloca a respeito de toda espécie de construção emocional nos domínios escabrosos que são aqueles nos quais nos deslocamos habitualmente. E é também que a observação foi feita pelo próprio FREUD, que de certa forma autentica a homogeneidade ao notar, ele mesmo, ao final de toda sua análise do caso SCHREBER, que, afinal, ele nunca viu algo que se pareça tanto com a teoria da libido... com todos os desinvestimentos, "potemização"², reação de separação, influência à distância, que isso comporta... ele nunca viu algo que se pareça tanto com a teoria da libido - a sua tal como está formulada - quanto a teoria dos raios divinos de SCHREBER. E ele não se emociona mais por isso, uma vez que todo seu desenvolvimento foi feito para mostrar a ideia do que pode se relacionar, no caso SCHREBER, a uma aproximação tão surpreendente do que são realmente os relacionamentos estruturais da troca interindividual, assim como da economia intrapsíquica.

Estamos, portanto - você vê - em um caso de loucura bastante avançada, pois essas introduções delirantes a tudo que o caso SCHREBER vai nos desenvolver podem lhe dar toda espécie de ideias sobre a extraordinária riqueza totalmente "pommée" da elucubração schrébérienne. Você vê que estamos em plena ambiguidade, desta vez elevada a um grau de eficácia máxima, uma vez que ela vai se prolongar muito mais longe nesse aporte em superfície, que foi até agora o modo como se girou em torno do delírio.

Pela primeira vez, com um caso tão exemplar quanto o de SCHREBER, com a intervenção de uma mente tão penetrante em noções estruturais absolutamente evidentes, cuja extrapolação possível, cujas aplicações a todos os casos, parecem uma novidade absolutamente fulgurante, iluminadora ao mesmo tempo, e permitindo, em particular, refazer uma classificação da paranoia sobre bases completamente novas. E ao mesmo tempo encontramos que no próprio texto do delírio, no que expressa o sujeito, há algo que não está ali a título de implicação, a título de relacionamento oculto, como quando nos encontramos nas neuroses, mas sim bem explicitado, teorizado, desenvolvido até. O delírio já fornece uma espécie de duplo perfeitamente legível, a partir do momento em que se tem, não se pode nem mesmo dizer a chave, ou simplesmente se pensa em olhá-lo, em tomá-lo pelo que é, uma espécie de duplo do que é abordado pela investigação teórica. É aí que reside o caráter exemplar e significativo deste campo particular das psicoses, ao qual eu lhe propus manter a maior extensão, a

¹ Sigmund Freud : « *Des sens opposés dans les mots primitifs* » (1910) in « *Essais de psychanalyse appliquée* », Gallimard 1976.

² Potemização: ou seja, tornar substâncias tóxicas potáveis por meio de diluições homeopáticas progressivas.

maior flexibilidade em "nome" de "paranoia", é aí que se justifica que lhe concedamos este ano essa atenção especial.

CHAPTER II
THE PSYCHO-SEXUAL DIFFERENCES BETWEEN HYSTERIA AND DEMENTIA PRÆCOX¹ (1908)

The psycho-analytic method has enabled us to recognize important analogies in the structure of hysteria and dementia præcox.² It will be sufficient in this paper to mention the most outstanding ones. The symptoms of both diseases originate in repressed sexual complexes. In both cases normal as well as perverse impulses can determine the formation of symptoms. The means of repression employed by both diseases are to a considerable extent the same. (I need only refer to sexual symbolism.)

But that in spite of these common characteristics there exists a fundamental antithesis between the two diseases, all observers agree. Up to the present, however, they have not defined this antithesis satisfactorily. They have only described differences of degree, and these only bring out once more the similarity between the two forms of illness. Seeing that certain important characteristics common to hysteria and dementia præcox are of a psycho-sexual nature, the question arises as to where this analogy ends. And so, in seeking to discover the fundamental differences between the two diseases, we are again brought back to the psycho-sexual sphere.

Freud's *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (1905) offers us a basis for an investigation of this kind, and it

¹ [Dts. 21, A. 1.]

² See particularly Jung, *Über die Psychologie der Dementia Præcox* (1907).

64

[double clic sur la vignette]

Sigmund FREUD : Über den Gegensinn der Urworte [\[Retour 26-11\]](#)

(1910)*

In meiner *Traumdeutung* habe ich als unverstandenes Ergebnis der analytischen Bemühung eine Behauptung aufgestellt, die ich nun zu Eingang dieses Referates wiederholen werde:⁽¹⁾

»Höchst auffällig ist das Verhalten des Traumes gegen die Kategorie von Gegensatz und Widerspruch. Dieser wird schlechtweg vernachlässigt. Das »Nein« scheint für den Traum nicht zu existieren. Gegensätze werden mit besonderer Vorliebe zu einer Einheit zusammengezogen oder in einem dargestellt. Der Traum nimmt sich ja auch die Freiheit, ein beliebiges Element durch seinen Wunschgegensatz darzustellen, so daß man zunächst von keinem eines Gegenteils fähigen Elemente weiß, ob es in den Traumgedanken positiv oder negativ enthalten ist.«

Die Traumdeuter des Altertums scheinen von der Voraussetzung, daß ein Ding im Traume sein Gegenteil bedeuten könne, den ausgiebigsten Gebrauch gemacht zu haben. Gelegentlich ist diese Möglichkeit auch von modernen Traumforschern, insofern sie dem Traume überhaupt Sinn und Deutbarkeit zugestanden haben, erkannt.⁽²⁾ Ich glaube auch keinen Widerspruch hervorzurufen, wenn ich annehme, daß alle diejenigen die oben zitierte Behauptung bestätigt gefunden haben, welche mir auf den Weg einer wissenschaftlichen Traumdeutung gefolgt sind.

Zum Verständnisse der sonderbaren Neigung der Traumarbeit, von der Verneinung abzusehen und durch dasselbe Darstellungsmittel Gegensätzliches zum Ausdruck zu bringen, bin ich erst durch die zufällige Lektüre einer Arbeit des Sprachforschers K. Abel gelangt, welche, 1884 als selbständige Broschüre veröffentlicht, im nächsten Jahre auch unter die *Sprachwissenschaftlichen Abhandlungen* des Verfassers aufgenommen worden ist. Das Interesse des Gegenstandes wird es rechtfertigen, wenn ich die entscheidenden Stellen der Abelschen Abhandlung nach ihrem vollen Wortlaute (wenn auch mit Weglassung der meisten Beispiele) hier anführe. Wir erhalten nämlich die erstaunliche Aufklärung, daß die angegebene Praxis der Traumarbeit sich mit einer Eigentümlichkeit der ältesten uns bekannten Sprachen deckt.

Nachdem Abel das Alter der ägyptischen Sprache hervorgehoben, die lange Zeiten vor den ersten hieroglyphischen Inschriften entwickelt worden sein muß, fährt er fort (S. 4):

»In der ägyptischen Sprache nun, dieser einzigen Reliquie einer primitiven Welt, findet sich eine ziemliche Anzahl von Worten mit zwei Bedeutungen, deren eine das gerade Gegenteil der andern besagt. Man denke sich, wenn man solch augenscheinlichen Unsinn zu denken vermag, daß das Wort »stark« in der deutschen Sprache sowohl »stark« als »schwach« bedeute; daß das Nomen »Licht« in Berlin gebraucht werde, um sowohl »Licht« als »Dunkelheit« zu bezeichnen; daß ein Münchener Bürger das Bier »Bier« nannte, während ein anderer dasselbe Wort anwendete, wenn er vom Wasser spräche, und man hat die erstaunliche Praxis, welcher sich die alten Ägypter in ihrer Sprache gewohnheitsmäßig hinzugeben pflegten. Wem kann man es verargen, wenn er dazu ungläubig den Kopf schüttelt? ...« (Beispiele.) (Ibid., S. 7): »Angesichts dieser und vieler ähnlicher Fälle antithetischer Bedeutung (siehe Anhang) kann es keinem Zweifel unterliegen, daß es in einer Sprache wenigstens eine Fülle von Worten gegeben hat, welche ein Ding und das Gegenteil dieses Dinges gleichzeitig bezeichneten. Wie erstaunlich es sei, wir stehen vor der Tatsache und haben damit zu rechnen.«

Der Autor weist nun die Erklärung dieses Sachverhaltes durch zufälligen Gleichlaut ab und verwahrt sich mit gleicher Entschiedenheit gegen die Zurückführung desselben auf den Tiefstand der ägyptischen Geistesentwicklung:

(Ibid., S. 9): »Nun war aber Ägypten nichts weniger als eine Heimat des Unsinnnes. Es war im Gegenteil eine der frühesten Entwicklungsstätten der menschlichen Vernunft... Es kannte eine reine und würdevolle Moral und hatte einen großen Teil der zehn Gebote formuliert, als diejenigen Völker, welchen die heutige Zivilisation gehört, blutdürstigen Idolen Menschenopfer zu schlachten pflegten. Ein Volk, welches die Fackel der Gerechtigkeit und Kultur in so dunklen Zeiten entzündete, kann doch in seinem alltäglichen Reden und Denken nicht geradezu stupid gewesen sein... Wer Glas zu machen und ungeheure Blöcke maschinenmäßig zu heben und zu bewegen vermochte, muß doch mindestens Vernunft genug gehabt haben, um ein Ding nicht für sich selbst und gleichzeitig für sein Gegenteil anzusehen. Wie vereinen wir es nun damit, daß die Ägypter sich eine so sonderbare kontradiktorische Sprache gestatteten? ... daß sie überhaupt den feindlichsten Gedanken ein und denselben lautlichen Träger zu geben und das, was sich gegenseitig am stärksten opponierte, in einer Art unlöslicher Union zu verbinden pflegten?«

Vor jedem Versuche einer Erklärung muß noch einer Steigerung dieses unbegreiflichen Verfahrens der ägyptischen Sprache gedacht werden. »Von allen Exzentrizitäten des ägyptischen Lexikons ist es vielleicht die außerordentlichste, daß es, außer den Worten, die entgegengesetzte Bedeutungen in sich vereinen, andere zusammengesetzte Worte besitzt, in denen zwei Vokabeln von entgegengesetzter Bedeutung zu einem Kompositum vereint werden, welches die Bedeutung nur eines von seinen beiden konstituierenden Gliedern besitzt. Es gibt also in dieser

außerordentlichen Sprache nicht allein Worte, die sowohl ›stark‹ als ›schwach‹ oder sowohl ›befehlen‹ als ›gehören‹ besagen; es gibt auch Komposita wie ›altjung‹, ›fernnah‹, ›bindentrennen‹, ›außeninnen‹..., die trotz ihrer das Verschiedenste einschließenden Zusammensetzung das erste nur ›jung‹, das zweite nur ›nah‹, das dritte nur ›verbinden‹, das vierte nur ›innen‹ bedeuten ... Man hat also bei diesen zusammengesetzten Worten begriffliche Widersprüche geradezu absichtlich vereint, nicht um einen dritten Begriff zu schaffen, wie im Chinesischen mitunter geschieht, sondern nur, um durch das Kompositum die Bedeutung eines seiner kontradiktorischen Glieder, das allein dasselbe bedeutet haben würde, auszudrücken...»

Indes ist das Rätsel leichter gelöst, als es scheinen will. Unsere Begriffe entstehen durch Vergleichung. »Wäre es immer hell, so würden wir zwischen hell und dunkel nicht unterscheiden und demgemäß weder den Begriff noch das Wort der Helligkeit haben können...« »Es ist offenbar, alles auf diesem Planeten ist relativ und hat unabhängige Existenz, nur insofern es in seinen Beziehungen zu und von anderen Dingen unterschieden wird...« »Da jeder Begriff somit der Zwillings seines Gegensatzes ist, wie konnte er zuerst gedacht, wie konnte er anderen, die ihn zu denken versuchten, mitgeteilt werden, wenn nicht durch die Messung an seinem Gegensatz?...« (Ibid., S. 15): »Da man den Begriff der Stärke nicht konzipieren konnte, außer im Gegensatz zur Schwäche, so enthielt das Wort, welches ›stark‹ besagte, eine gleichzeitige Erinnerung an ›schwach‹, als durch welche es erst zum Dasein gelangte. Dieses Wort bezeichnete in Wahrheit weder ›stark‹ noch ›schwach‹, sondern das Verhältnis zwischen beiden und den Unterschied beider, welcher beide gleichmäßig erschuf...« »Der Mensch hat eben seine ältesten und einfachsten Begriffe nicht anders erringen können als im Gegensatz zu ihrem Gegensatz und erst allmählich die beiden Seiten der Antithese angeben und die eine ohne bewußte Messung an der andern denken gelernt.«

Da die Sprache nicht nur zum Ausdruck der eigenen Gedanken, sondern wesentlich zur Mitteilung derselben an andere dient, kann man die Frage aufwerfen, auf welche Weise hat der »Urägypter« dem Nebenmenschen zu erkennen gegeben, »welche Seite des Zwitterbegriffes er jedesmal meinte«? In der Schrift geschah dies mit Hilfe der sogenannten »determinativen« Bilder, welche, hinter die Buchstabenzeichen gesetzt, den Sinn derselben angeben und selbst nicht zur Aussprache bestimmt sind. (Ibid., S. 18): »Wenn das ägyptische Wort *ken* ›stark‹ bedeuten soll, steht hinter seinem alphabetisch geschriebenen Laut das Bild eines aufrechten, bewaffneten Mannes; wenn dasselbe Wort ›schwach‹ auszudrücken hat, folgt den Buchstaben, die den Laut darstellen, das Bild eines hockenden, lässigen Menschen. In ähnlicher Weise werden die meisten anderen zweideutigen Worte von erklärenden Bildern begleitet.« In der Sprache diente nach Abels Meinung die Geste dazu, dem gesprochenen Wort das gewünschte Vorzeichen zu geben.

Die »ältesten Wurzeln« sind es, nach Abel, an denen die Erscheinung des antithetischen Doppelsinnes beobachtet wird. Im weiteren Verlaufe der Sprachentwicklung schwand nun diese Zweideutigkeit, und im Altägyptischen wenigstens lassen sich alle Übergänge bis zur Eindeutigkeit des modernen Sprachschatzes verfolgen. »Die ursprünglich doppelsinnigen Worte legen sich in der späteren Sprache in je zwei einsinnige auseinander, indem jeder der beiden entgegengesetzten Sinne je eine lautliche ›Ermäßigung‹ (Modifikation) derselben Wurzel für sich allein okkupiert.« So z. B. spaltet sich schon im Hieroglyphischen selbst *ken* »starkschwach« in *ken* »stark« und *kan* »schwach«. »Mit anderen Worten, die Begriffe, die nur antithetisch gefunden werden konnten, werden dem menschlichen Geiste im Laufe der Zeit genügend angeeignet, um jedem ihrer beiden Teile eine selbständige Existenz zu ermöglichen und jedem somit seinen separaten lautlichen Vertreter zu verschaffen.«

Der fürs Ägyptische leicht zu führende Nachweis kontradiktorischer Urbedeutungen läßt sich nach Abel auch auf die semitischen und indoeuropäischen Sprachen ausdehnen. »Wie weit dieses in anderen Sprachfamilien geschehen kann, bleibt abzuwarten; denn obschon der Gegensinn ursprünglich den Denkenden jeder Rasse gegenwärtig gewesen sein muß, so braucht derselbe nicht überall in den Bedeutungen erkennbar geworden oder erhalten zu sein.«

Abel hebt ferner hervor, daß der Philosoph Bain diesen Doppelsinn der Worte, wie es scheint, ohne Kenntnis der tatsächlichen Phänomene aus rein theoretischen Gründen als eine logische Notwendigkeit gefordert hat. Die betreffende Stelle (*Logic*, Bd. 1, 54) beginnt mit den Sätzen:

»The essential relativity of all knowledge, thought or consciousness cannot but show itself in language. If everything that we can know is viewed as a transition from something else, every experience must have two sides; and either every name must have a double meaning, or else for every meaning there must be two names.«

Aus dem »Anhang von Beispielen des ägyptischen, indogermanischen und arabischen Gegensinnes« hebe ich einige Fälle hervor, die auch uns Sprachkundigen Eindruck machen können: Im Lateinischen heißt *altus* hoch und tief, *sacer* heilig und verflucht, wo also noch der volle Gegensinn ohne Modifikation des Wortlautes besteht. Die phonetische Abänderung zur Sonderung der Gegensätze wird belegt durch Beispiele wie *clamare* schreien — *clam* leise, still; *siccus* trocken — *succus* Saft. Im Deutschen bedeutet *Boden* heute noch das Oberste wie das Unterste im Haus. Unserem *bös* (schlecht) entspricht ein *bass* (gut), im Altsächsischen *bat* (gut) gegen englisch *bad* (schlecht); im Englischen *to lock* (schließen) gegen deutsch *Lücke*, *Loch*. Deutsch *kleben* — englisch *to cleave* (spalten); deutsch *Stumm* — *Stimme* usw. So käme vielleicht noch die vielbelachte Ableitung *lucus a non lucendo* zu einem guten Sinn.

In seiner Abhandlung über den »Ursprung der Sprache« (1885, S. 305) macht Abel noch auf andere Spuren alter Denkmühen aufmerksam. Der Engländer sagt noch heute, um »ohne« auszudrücken, *without*, also »mitohne« und ebenso der Ostpreuße. *With* selbst, das heute unserem »mit« entspricht, hat ursprünglich sowohl »mit« als auch »ohne« geheißen, wie noch aus *withdraw* (fortgehen), *withhold* (entziehen) zu erkennen ist. Dieselbe Wandlung erkennen wir im deutschen *wider* (gegen) und *wieder* (zusammen mit).

Für den Vergleich mit der Traumarbeit hat noch eine andere, höchst sonderbare Eigentümlichkeit der altägyptischen Sprache Bedeutung. »Im Ägyptischen können die Worte — wir wollen zunächst sagen, scheinbar — sowohl *Laut* wie *Sinn umdrehen*. Angenommen, das deutsche Wort *gut* wäre ägyptisch, so könnte es neben gut auch schlecht bedeuten, neben *gut* auch *tug* lauten. Von solchen Lautumdrehungen, die zu zahlreich sind, um durch Zufälligkeit erklärt zu werden, kann man auch reichliche Beispiele aus den arischen und semitischen Sprachen beibringen. Wenn man sich zunächst aufs Germanische beschränkt, merke man: *Topf* — *pot*; *boat* — *tub*; *wait* — *täuwen*; *hurry* — *Ruhe*; *care* — *reck*; *Balken* — *Klobe*, *club*. Zieht man die anderen indogermanischen Sprachen mit in Betracht, so wächst die Zahl der dazugehörigen Fälle entsprechend, z. B.: *capere* — *packen*; *ren* — *Niere*; *the leaf* (Blatt) — *folium*; [russisch] *dum-a* [Denken], *thymos* — sanskrit *mēdh*, *mūdhā* [Seele], *Mut*; *Rauchen* — russisch *Kur-it*; *kreischen* — *to shriek* usw.«

Das Phänomen der *Lautumdrehung* sucht Abel aus einer Doppelung, Reduplikation der Wurzel zu erklären. Hier würden wir eine Schwierigkeit empfinden, dem Sprachforscher zu folgen. Wir erinnern uns daran, wie gerne die Kinder mit der Umkehrung des Wortlautes spielen und wie häufig sich die Traumarbeit der Umkehrung ihres Darstellungsmaterials zu verschiedenen Zwecken bedient. (Hier sind es nicht mehr Buchstaben, sondern Bilder, deren Reihenfolge verkehrt wird.) Wir würden also eher geneigt sein, die Lautumdrehung auf ein tiefer greifendes Moment zurückzuführen.³⁾

In der Übereinstimmung zwischen der eingangs hervorgehobenen Eigentümlichkeit der Traumarbeit und der von dem Sprachforscher aufgedeckten Praxis der ältesten Sprachen dürfen wir eine Bestätigung unserer Auffassung vom regressiven, archaischen Charakter des Gedankenausdruckes im Traume erblicken. Und als unabwiesbare Vermutung drängt sich uns Psychiatern auf, daß wir die Sprache des Traumes besser verstehen und leichter übersetzen würden, wenn wir von der Entwicklung der Sprache mehr wüßten.⁴⁾

³⁾ [Erstveröffentlichung: *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, Bd. 2 (1), Wien 1910, S. 179–84. — *Gesammelte Werke*, Bd. 8, S. 214–21.]

⁴⁾ *Die Traumdeutung*, Kapitel VI: »Die Traumarbeit«.

²⁾ S. z. B. G. H. v. Schubert, *Die Symbolik des Traumes*, 4. Aufl. 1862, II. Kapitel: »Die Sprache des Traumes«.

³⁾ Über das Phänomen der Lautumdrehung (Metathesis), welches zur Traumarbeit vielleicht noch innigere Beziehungen hat als der Gegensinn (Antithese), vgl. noch W. Meyer-Rinteln, in: *Kölnische Zeitung* vom 7. März 1909.

⁴⁾ Es liegt auch nahe anzunehmen, daß der ursprüngliche Gegensinn der Worte den vorgebildeten Mechanismus darstellt, der von dem Versprechen zum Gegenteile im Dienste mannigfacher Tendenzen ausgenützt wird.

A vida do psicanalista... como me foi lembrado várias vezes no mesmo dia por uma espécie de convergência, por meus analisados... a vida do psicanalista não é fácil. A comparação que se pode fazer do psicanalista com um depósito de lixo é justificada, pois de fato ele deve "absorver" ao longo dos dias, proposições, discursos, certamente de valor duvidoso, e muito mais ainda para o sujeito que os comunica. É um sentimento que o psicanalista - se é que ele é um de verdade - não apenas está habituado a superar, mas que, na verdade, na medida em que ele é verdadeiramente e autenticamente, é abolido.

Por outro lado, devo dizer que ele renasce em toda a sua força quando sua função o leva a ter que esgotar a soma dos trabalhos que constituem o que se chama a literatura analítica. Não há exercício mais desconcertante da atenção científica, desde que se deva literalmente se aplicar a isso, ou seja, que se deva ler em um curto espaço de tempo, os pontos de vista aparentemente homogêneos que são desenvolvidos sobre os mesmos temas nos autores. E ninguém parece perceber as contradições flagrantes, permanentes que são colocadas em jogo toda vez que se fazem intervir os conceitos fundamentais.

No caso do Presidente SCHREBER, por exemplo, você tem apenas o esquema geral e quase inaugural da demonstração do que é a grande novidade trazida pela psicanálise na patogênese da paranoia, ou seja, que a tendência, ou em outras palavras, a pulsão fundamental, aquela que seria por seu motivo inconsciente, não seria outra coisa senão uma tendência homossexual. Certamente, a atenção voltada para o conjunto de fatos que se agrupam em torno de tal noção foi uma novidade capital que mudou profundamente toda a nossa perspectiva sobre a paranoia. Saber o que é essa homossexualidade, e em que ponto da economia do sujeito ela intervém, ou seja, como ela determina a psicose, eu creio poder testemunhar que não há nesse sentido esboçado senão as abordagens mais imprecisas, senão as mais contraditórias.

A noção de "defesa" contra a irrupção suposta - por que em tal momento que resta a determinar - da tendência homossexual é algo que está longe de apresentar sua prova, se se dá ao termo "defesa" um sentido preciso. Felizmente para a continuidade da maior parte da pesquisa analítica, ou seja, da busca nas trevas do sonho pensável, essa noção de "defesa" não é precisamente nunca especificada.

Pois é muito claro que há uma ambiguidade perpétua entre:

- a noção de "defesa" em sua relação com a psicopatologia geral, no fato da doença, "defesa" que não tem um relacionamento universal e unívoco com a causa que a provoca, defesa que é considerada apenas como uma via de manutenção de um certo equilíbrio em si mesma, ou que provoca a doença,
- e a noção de defesa tal como a colocamos em destaque quando se trata do psíquico, ou seja, algo que é articulado, algo que refaz, algo que é transformação de um certo motivo.

A tendência precisamente dessa noção de "defesa", faz-se então entrar em linha de conta, e nos asseguram que os momentos determinantes iniciais de determinação da psicose de SCHREBER, devem ser buscados nos momentos de desencadeamento das diferentes fases de sua doença.

Você sabe que ele teve por volta do ano de 1886 ou 1887 uma primeira crise. Tentamos, por meio de suas memórias - há ali algumas informações - nos mostrar as coordenadas. Nesse momento, nos dizem, pode-se notar um traço na vida de SCHREBER: ele estaria prestes a apresentar sua candidatura ao Reichstag, a doença chega e não se fala mais dessa candidatura. No intervalo, ou seja, durante o período após a primeira crise de cerca de um ano, o magistrado SCHREBER é normal, exceto pelo fato de que não foi satisfeito em um desejo, ou mesmo uma esperança, de paternidade.

Após, portanto, um período de oito ou nove anos, algo novo que é para ele o acesso... a um certo ponto prematuro, a uma idade que não deixava prever que ele fosse nomeado para uma função tão elevada... à função de Presidente da Corte de Apelação de Leipzig, e dizem que, nesse momento, o fato de ser elevado a essa função que tem o caráter de uma eminência, lhe dá uma autoridade que, para dizer tudo, no plano de nossa terminologia,

o eleva a uma função paterna, a uma responsabilidade, não totalmente inteira, ao menos mais plena e mais pesada do que todas aquelas que ele poderia ter esperado.

Isso nos dá a sensação de que há uma relação entre esse acesso e o desencadeamento da crise. Em outras palavras:

- no primeiro caso, coloca-se em funcionamento o fato de que ele não conseguiu chegar ao objetivo de sua ambição, que a crise se desencadeou, parece, para que ele não enfrente as lutas,
- no outro caso, ele a recebeu de fora, de uma forma quase que se ratifica como tendo sido imerecida, e lhe é atribuída a mesma valência desencadeante.

Se o Presidente SCHREBER não teve filhos, considera-se isso como um fato para mostrar que a noção de paternidade desempenha um papel primordial, e que é na medida em que, ao acessar essa posição paterna, ao mesmo tempo a apreensão da castração nele é suposta reviver... apetite homossexual em torno do que diz respeito ao pai... está diretamente em causa no desencadeamento da crise, e vai levar a todas as distorções, todas as deformações patológicas, os miragens que progressivamente fazem evoluir seu delírio.

Certamente, a presença - de imediato no delírio - das figuras masculinas do entorno médico, que são nomeadas uma após a outra, que vêm uma após a outra ao primeiro plano, ao centro da perseguição de uma natureza muito paranoica que é a do Presidente SCHREBER, mostra que essas figuras masculinas têm um valor de primeiro plano.

É, para dizer tudo, uma transferência, que não deve ser tomada no sentido em que a entendemos ordinariamente, mas algo dessa ordem, que está ligado de forma singular àqueles que tiveram que cuidar dele. A escolha das figuras é por isso suficientemente explicada, mas antes de tentar se satisfazer, se é que se pode dizer, com esse tipo de coordenação geral, seria conveniente perceber que, ao motivá-las, age-se de uma forma que, eu diria, negligencia completamente a prova pelo contrário. Em outras palavras, negligencia-se perceber que se toma o temor da luta, e eu diria o sucesso prematuro, e até mesmo imotivado, como tendo um valor de um simples sinal de mesmo sentido: positivo em ambos os casos.

Se o Presidente SCHREBER, por acaso, entre suas duas crises, tivesse se tornado pai, enfatizar-se-ia, evidentemente, esse fato, dar-se-ia toda a sua valia ao fato de que ele não teria suportado essa função paterna. Em suma, a noção de conflito é sempre colocada em jogo de uma forma que se pode dizer ambígua, uma vez que parece que se coloca no mesmo plano o que é fonte de conflito, e o que, em certos casos, é muito menos fácil de ver, e que é justamente a ausência de conflito. Ou seja, é porque o conflito deixa, se se pode dizer, um espaço vazio do conflito, que aparece algo que é uma reação, uma construção, uma colocação em jogo da subjetividade.

Isto é apenas uma simples indicação ao passar, apenas para mostrar que na apreensão do mecanismo encontramos a mesma ambiguidade que é aquela sobre a qual se baseou nossa última lição, ou seja, a ambiguidade do próprio significado do delírio. Entendamos bem que se trata do que se chama habitualmente o conteúdo, e que eu preferiria chamar de "o dizer psicótico". A ambiguidade desse valor surpreendente se verá em todos os níveis:

- desde sua abordagem clínica onde você acredita estar lidando em certo momento com alguém que se comunica com você porque fala a mesma língua,
- e então, quando você avança mais, percebe, especialmente se você é psicanalista, que o que ele diz é também compreensível, tão compreensível, como eu lhe mostrei da última vez, que você tem em certos momentos a ilusão ou o miragem de que não se trata de nada mais do que alguém que teria penetrado de uma forma mais impressionante, mais profunda do que é dado ao comum dos mortais, no próprio mecanismo do sistema do inconsciente.

Em algum lugar em um segundo capítulo, SCHREBER expressa isso ao passar:

"Me foram dadas luzes que são raramente dadas a um mortal."

Portanto, essa ambiguidade que faz com que seja justamente no sistema do delirante que teríamos os elementos de compreensibilidade às vezes mais notáveis, é algo sobre o qual meu discurso de hoje vai se debruçar, para tentar mostrar a vocês por qual abordagem desejo levá-los para que tentemos esclarecer nesta dupla questão:

- do significado da psicose, por um lado, entendamos: do "dizer psicótico",

- e do mecanismo da psicose, por outro lado, a saber, como um sujeito entra na psicose: isso é tão importante quanto a primeira.

Vou tentar mostrar a vocês por qual abordagem vou levá-los, e como me parece que somente esse caminho pode permitir situar realmente as questões, sem essa confusão que é sempre mantida nos diferentes níveis de nossa explicação, mesmo psicanalítica, do delírio. Lembro aos que vêm assistir à minha apresentação de doentes, que da última vez apresentei uma psicótica bem evidente. E eles se lembrarão quanto tempo levei para fazer emergir, se se pode dizer, o estigma, o sinal que mostrava que se tratava de uma delirante, e não simplesmente de uma anomalia de caráter, de uma pessoa de caráter difícil que se discute com seu entorno.

Foi necessário nada menos que um interrogatório que ultrapassou amplamente a hora média que se pode dedicar a um trabalho desse tipo, para que aparecesse claramente que, na limite desse mesmo idioma, do qual quase não havia como fazê-la sair, havia, no entanto, uma outra linguagem, e uma linguagem dessa particularidade, às vezes frequentemente extraordinária, que é justamente a linguagem do delirante: essa linguagem onde certas palavras adquirem um acento, uma densidade especial, e que se manifesta às vezes na própria forma da palavra, na forma do significante, ou seja, que confere à palavra um caráter francamente neológico, que é algo tão marcante nas produções da paranoia.

No caso de nossa doente do outro dia, a palavra "galopiner" finalmente surgida, nos deu certamente a assinatura de tudo o que nos era dito até então, de algo que poderia ter sido traduzido igualmente, e quão facilmente o teríamos feito, uma vez que os próprios doentes nos colocam no caminho, e que o termo "frustração" faz parte há algum tempo do vocabulário das pessoas honestas: quem não fala a você durante o dia sobre as frustrações que sofreu, que sofrerá, ou que os outros ao seu redor sofrem?

Tratava-se, de fato, de algo muito diferente de uma frustração de sua dignidade, de sua independência, de seus pequenos negócios, da qual a doente era vítima. Ela estava evidentemente em um outro mundo, nesse mundo onde justamente o termo "galopiner", e sem dúvida muitos outros que ela nos escondeu, constituem os pontos de referência essenciais.

E é nesse ponto que começaremos a tentar esclarecer a questão, a tomar a abordagem externa, o primeiro exame. É aqui que eu gostaria de parar um instante para que você sinta o quanto as categorias às quais tentei flexibilizá-los no ano passado, pois não basta trazer a teoria linguística, você se lembra que em linguística há o significante e o significado, e que o significante é algo que você deve tomar no sentido do material da linguagem, e que a armadilha, o buraco no qual não se deve cair, é acreditar que o significado são as coisas, os objetos.

O significado é algo completamente diferente, é a significação que eu expliquei a vocês no ano passado e no ano anterior, do linguista que é Santo Agostinho. O capítulo das significações nos mostrou bem, como M. Benveniste, que a significação sempre remete a outra significação. O sistema da linguagem, em qualquer ponto que você o apreenda, nunca resulta em um índice diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda a realidade que é coberta pelo conjunto da rede da linguagem, e você nunca pode dizer: é isso que está designado, pois mesmo que você conseguisse fazê-lo, nunca saberia o que eu designo nesta mesa, por exemplo, se é a cor, se é a espessura, se é a mesa enquanto objeto, ou qualquer outra coisa.

Essa distinção é essencial de se ter em mente. Por enquanto, paramos diante desse simples e primeiro pequeno fenômeno que é o termo "galopiner" no caso da doente do outro dia. E há outros termos ainda que são aqueles dos quais SCHREBER mesmo a todo instante ressalta a originalidade quando nos fala da "adição de nervos", ele precisa bem que isso lhe foi dito pelas almas examinadas, ou pelos raios divinos.

Há palavras que são de certa forma palavras-chave, palavras das quais ele mesmo ressalta que nunca teria encontrado a fórmula, palavras originais, palavras plenas, bem diferentes das outras palavras que ele emprega, com as quais ele faz seu discurso, com as quais comunica sua experiência, ele mesmo não se engana: há ali níveis diferentes. É precisamente nesse nível, que se distingue do nível do significante, que você deve tomar [o termo "galopiner" ou "adição de nervos"] nesse momento: em seu caráter material, por essa forma especial de discordância com a linguagem comum que se chama "neologismo".

Mais quelque chose d'autre vaut la peine qu'on s'y arrête, qui précisément ne peut vous apparaître que si vous partez bien de l'idée que dans le langage *la signification renvoie toujours à une autre signification* :

- c'est précisément que *ces mots*, et on le voit dans le texte de SCHREBER, serrent de près le phénomène lorsque vous êtes en présence de quelque malade que ce soit,
- c'est que dans le langage délirant, *ces mots* qui vous arrêtent ont ceci toujours de spécial, qu'*ils ne s'épuisent jamais dans le renvoi à une autre signification, leur signification si je puis dire, a pour propriété de renvoyer essentiellement à La signification.*

C'est une signification qui par certains côtés, ne renvoie à rien qu'elle-même, il reste toujours quelque chose d'irréductible. Le malade souligne bien lui-même :

- ce qui fait que le mot en quelque sorte ne peut vraiment pas être défini, le mot porte en lui-même poids,
- ce qui fait qu'avant d'être réductible à une autre signification, il signifie en lui-même quelque chose justement d'ineffable, il est signification qui renvoie avant tout à *la signification* en tant que telle.

Et nous le voyons aux *deux pôles* des manifestations concrètes de tous ces phénomènes dont ces sujets sont le siège, c'est-à-dire - pour nous limiter à cette phase-là du phénomène - que, à quelque degré que soit portée cette *endophasie* qui couvre l'ensemble des phénomènes dont le sujet manifeste et qu'il accuse, il y a là bien *deux pôles* où nous trouvons ce caractère porté au point le plus éminent.

Et là encore le texte de SCHREBER nous le souligne bien : il y a deux types de phénomènes :

- 1) ceux où se dessine *le néologisme* communiqué par la source : l'intuition délirante est une sorte de phénomène plein qui *a un caractère* en quelque sorte *inondant, comblant pour le sujet* de choses qui lui révèlent toute une perspective d'expérience qui, pour lui, est nouvelle et dont il souligne *le cachet original, la saveur même, particulière*, qui est bien tout ce qu'il souligne quand il parle *de la langue fondamentale* avec laquelle il a été initié, introduit par son expérience. Là le mot, quel qu'il soit, quelque forme qu'il prenne, rend bien ce caractère de désigner l'usage du même terme. *Le mot* comme nous nous en servons, avec sa pleine emphase, *le mot de l'énigme, le mot du mystère, c'est l'âme de la situation...*
- 2) Et puis à l'opposé cette autre forme que prend *la signification* quand elle ne renvoie plus à rien, qui est le vide complet, à savoir la formule qui se répète, qui se réitère, se serine, et bien d'autres modes pour exprimer ce caractère d'insistance stéréotypé de ce qui leur est communiqué, et qui est ce que nous pourrions appeler à l'opposé du mot : *la ritournelle.*

Dans les deux formes *[de la signification]*...

- l'une la plus pleine [1],
- et l'autre la plus vide [2],

...s'il s'agit bien d'une signification, à ce stade précisément ces points l'arrêtent : c'est une sorte de plomb dans le filet, dans le réseau du discours du sujet, qui est la caractéristique structurale à quoi déjà, dès l'abord clinique, nous reconnaissons qu'il y a là quelque chose qui donne à son discours le caractère, *la signature* du délire.

C'est bien, vous le voyez déjà, *ce terme de « langage »*...

ce même langage auquel nous pouvons nous laisser prendre dans un premier abord du sujet, quelquefois même le plus délirant

...qui *nous porte à dépasser sa notion et à poser le terme de « discours », car* assurément en effet c'est bien ce qui fait l'intérêt, voire la signification de ces malades, c'est qu'*ils parlent le même langage que nous.*

S'il n'y avait pas cet élément nous n'en saurions absolument rien, mais c'est :

- dans l'économie du discours,
- dans *le rapport de la signification à la signification*,
- dans *le rapport de leur discours à l'ordonnance commune du discours*,

...que se situe déjà le trait essentiel auquel nous distinguons qu'il s'agit du délire, et dans l'analyse du discours du psychotique paranoïde ou paraprène.

J'ai essayé autrefois d'ébaucher, d'en faire l'expérience dans un article paru dans les *Annales Médico-Psychologiques* vers les années 1930³ : il s'agissait de l'analyse d'un cas de schizophasie, où effectivement c'est une analyse du discours, à tous les niveaux, c'est-à-dire au niveau du *sémantème*, au niveau du *taxième*, que nous pouvons relever *la structure*, et très probablement au niveau particulier de ce qu'on appelle, peut-être pas sans raison, mais sans doute *en ne sachant pas* tout à fait exactement la portée de ce terme dans ce cas, de ce qu'on appelle « *la désintégration schizophrénique* ».

Je vous ai parlé de langage et vous devez du même coup à ce propos, voir et toucher au passage l'insuffisance et le piège, et le mauvais penchant qui est suffisamment marqué dans la formule de ces analystes qui vous disent :

« *Qu'il faut parler au patient son langage* ».

Vous voyez à quel niveau primaire nous sommes. Sans doute, bien entendu, ceux qui parlent ainsi doivent être pardonnés, comme tous ceux qui ne savent pas ce qu'ils disent... [Luc XXIII, 34]

Mais c'est vous dire assez à quel point ce n'est là qu'une espèce de retour des signes de repentir d'un champ, ou d'un terme entier de l'expérience analytique, et de lutter avec lequel on s'acquitte rapidement : on se met rapidement en règle quand on évoque d'une façon aussi sommaire ce dont il s'agit.

À ceci près que ce qui est révélé, c'est assurément cette *condescendance* qui marque bien à quelle distance on maintient *l'objet* dont il s'agit, à savoir du patient, puisque aussi bien il est là :

- *nous parlons son langage*,
- *nous parlons le langage des simples et des idiots*.

Marquer cette distance, *faire* à l'occasion *du langage un pur et simple instrument comme on dit, une façon de se faire comprendre*

de ceux qui ne comprennent rien, *c'est* précisément déjà une occasion d'*éluder* complètement ce dont il s'agit, à savoir *la réalité de la parole*. En fin de compte c'est bien de cela qu'il s'agit. En effet - je lâche un instant les analystes - nous voyons autour de quoi *la discussion psychiatrique* tourne, que celle-ci s'appelle phénoménologie, psychogenèse ou organogenèse du délire. Si nous regardons ce que signifient les analyses extraordinairement fines et pénétrantes d'un CLÉRAMBAULT par exemple, quel est le véritable sens de cette discussion ?

Certains pensent qu'il s'agit de savoir si c'est un phénomène organique ou un phénomène qui ne l'est pas. Ceci serait paraît-il sensible dans la phénoménologie elle-même. Je veux bien, mais regardons-y de plus près. La question est celle-ci : le malade en fin de compte *parle-t-il* bien ? Naturellement, si nous n'avons pas fait cette distinction *du langage* et *de la parole* c'est vrai : il parle, mais il parle comme la poupée perfectionnée qui ouvre et ferme les yeux, absorbe du liquide, etc. Si vous vous contentez de cela, évidemment *la poupée parle*.

En fin de compte on voit bien que ce dont il s'agit quand un DE CLÉRAMBAULT, analysant les phénomènes élémentaires, va chercher dans leur structure *la signature* : il s'agit là de quelque chose qu'on appelle comme on veut, « *mécanique* », « *serpigineux* », Dieu sait quels termes, abondants de néologismes.

On s'aperçoit que même dans cette analyse, la personnalité est toujours supposée, elle n'est jamais définie, elle est supposée puisque c'est en fonction de ce qu'il appelle « *le caractère idéogénique* » d'une *compréhensibilité première*, le lien des affections, de leur expression langagière qui, elle, est supposée aller de soi. C'est de là qu'on part pour prouver quelque chose de second par laquelle la première est parlée. Que cette seconde soit qualifiée ou non d'« *automatique* », ne change rien à la question.

On nous dit : si le caractère manifestement automatique de ce qui se produit au niveau de cet élément second est démontrable par la phénoménologie elle-même, ceci prouve que le trouble n'est pas psychogénétique.

Mais c'est tout de même en fonction d'abord -premier argument - d'une référence psychogénétique elle-même, que la définition du phénomène, comme « *automatique* » ou comme « *mécanique* » ou comme « *non psychogénétique* ».

³ *Écrits « inspirés » : schizographie* (E.L.P.), *Annales Médico-Psychologiques*, 1931 t. II, p. 508-522.

est comprise. Il est supposé qu'il y a un sujet qui comprend *de soi*, et c'est ce sujet-là qui se regarde. Cela va de soi, car si ce n'est pas celui-là, comment les autres phénomènes sont-ils saisis comme étrangers ?

Observez bien au passage ce dont il s'agit, nous ne sommes pas là dans le problème qui est classique dans la philosophie, c'est à savoir si la pensée...

problème qui a arrêté toute la philosophie depuis LEIBNIZ, c'est-à-dire au moins depuis le moment où l'accent a été mis sur la conscience quant au fondement de la certitude
...c'est de savoir si la pensée pour être pensée, doit obligatoirement se penser pensant.
C'est-à-dire penser qu'elle pense une pensée comme telle, doit-elle être obligatoirement une pensée qui s'aperçoit qu'elle pense qu'elle est en train de penser à ce qu'elle pense...

Ce qui bien entendu est tellement loin d'être simple, que ça ouvre immédiatement un « *jeu de miroirs sans fin* », et que tous ceux qui se sont arrêtés à ce problème ont noté au passage qu'assurément s'il est de la nature de la pensée qu'elle se pense pensante, il y aura une troisième pensée qui se pensera pensée pensante, et ainsi de suite. Le petit problème n'a jamais été résolu. À lui tout seul il suffit à démontrer l'insuffisance du fondement du sujet dans le phénomène de la pensée comme transparente à elle-même, mais ce n'est pas de cela du tout qu'il s'agit dans notre problème, il s'agit d'autre chose.

À partir du moment où nous sommes en face du phénomène vécu, éprouvé comme parasitaire et que nous admettons que le sujet en a connaissance comme tel...

c'est-à-dire comme étant quelque chose d'objectivement immotivé, d'inscrit seulement dans la structure définie par l'appareil, dans la perturbation des voies supposées neurologiques de fraying
...nous ne pouvons pas échapper à la notion que *le sujet est structuré de façon telle* qu'il a une « *endoscopie* » de ce qui se passe en lui-même.

Nous entendons par là ce qui se passe réellement dans ces appareils - notion d'*endoscopie* qui surgit à tous les niveaux du texte - et c'est d'appréhender tous les phénomènes de *discordance subjective* comme telle, à tous les moments, que toute théorie qui se pose, qui se précise, comme centrée sur ce qui se passe dans le sujet, sur des phénomènes *intra-organiques*, est forcée.

D'accord ! FREUD aborde ces choses plus subtilement que les autres auteurs, ou aussi bien d'une façon implicite

qui ne voit même pas d'autres problèmes : il est forcé d'admettre que le sujet est forcément quelque part dans un coin privilégié, où il lui est permis d'avoir une *endoscopie* de ce qui se passe en lui-même. La notion ne surprend personne quand nous parlons des *endoscopies* plus ou moins délirantes que le sujet a de ce qui se passe à l'intérieur

de son estomac ou de ses poumons, ou de n'importe quoi d'autre. Mais à partir du moment où nous parlons de phénomènes intra-cérébraux, il est clair que ceci a des inclinations tout à fait spéciales, car là nous sommes forcés d'admettre que le sujet a quelque endoscopie qui se passe à l'intérieur du système des fibres nerveuses.

C'est là le point sur lequel tous les auteurs, au passage, insistent sans s'en apercevoir, mais au détour même de leur démonstration on ne peut pas ne voir que quand le sujet est l'objet d'un *écho de la pensée*, nous admettons

avec DE CLÉRAMBAULT que c'est là le fait d'une dérivation produite par une altération chronaxique qui fait que, en quelque point de concours, les messages intracérébraux - l'un des deux télégrammes si l'on peut dire - sont partis d'un point pour partir d'un côté dans une voie, et l'autre par une voie où il est freiné. L'un de ces messages arrive en retard sur l'autre, et est noté par un sujet dont il faut bien qu'il soit quelque part, est enregistré comme arrivant en écho avec l'autre.

Il faut donc bien admettre qu'il y a un point privilégié d'où ce repérage peut être fait, en d'autres termes, de quelque façon qu'on construise la théorie organo-génétique si vous voulez, ou automatisante, on n'échappe pas à la conséquence qu'il y a un point privilégié quelque part, d'où le sujet peut noter ces retards éventuels, cette discordance, ce non-accord simplement entre un système et un autre qui se manifeste comme apparaissant dans le désordre.

Bref, on est plus *psychogénétiste* que jamais, puisque enfin *ce point privilégié n'est* très exactement *pas autre chose que l'âme*,

à ceci près que l'on est plus idolâtre encore que ceux qui lui donnent la réalité la plus grossière en la situant dans

un point particulier, qui, *fibre* ou pas fibre, *système* ou quoi que ce soit d'autre, aboutira toujours à ce que le Président SCHREBER lui-même dans un discours, notait être la fibre unique, en fin de compte assez attachée à la personnalité, car rien ne peut lui donner ce caractère privilégié, sinon ce qu'on appelle d'habitude « *fonction de synthèse* ».

Le propre d'une synthèse c'est d'avoir quelque part son point de concours, son point de convergence. *Même s'il est idéal, ce point existe.* Nous sommes donc exactement dans la même position du point de vue de l'analyse :

- que nous nous fassions *organogénétiste*,
- ou que nous nous fassions *psychogénétiste* au sens je dirais *impliqué*, au sens *non développé* de ce terme,

...il y aura toujours *quelque part un point privilégié ou quelque part une entité privilégiée* que nous sommes forcés de supposer.

Est-ce que ceci suffit à expliquer maintenant le niveau des phénomènes de la psychose ? Il est tout à fait clair que si la psychanalyse a apporté quelque chose de significatif, d'éclairant, d'illuminant, dans le problème des psychoses :

- c'est justement dans la mesure où la stérilité est éclatante de ces sortes d'hypothèses,
- c'est justement dans la mesure où tout ce que l'analyse a révélé de plus fécond, d'abondant, de dynamique, de significatif dans la psychose, vient bousculer ces constructions minuscules qui ont été poursuivies pendant des décades à l'intérieur de la psychiatrie, autour de ces notions purement fonctionnelles, dont le *moi* en tant que camouflage de ces notions, était forcément le pivot essentiel.

C'est dans toute cette mesure que la psychanalyse a apporté quelque chose de nouveau. Mais ce *quelque chose de nouveau* comment l'aborder pour ne pas retomber également par une voie différente et par une autre méthode, dans une multiplication de ces *moi*, également eux-mêmes diversement camouflés ? Le seul mode d'abord est de poser la question dans le registre même où le phénomène nous apparaît, c'est-à-dire *dans le registre de la parole*.

Mais pour pouvoir la poser efficacement *dans le registre de la parole*, dont la présence est tellement évidente que nous voyons que c'est cela qui crée toute la richesse de la phénoménologie de la psychose, c'est que nous en voyons tous les aspects possibles, toutes les décompositions, toutes les réfractions, que l'hallucination verbale en tant qu'elle y est fondamentale, est un des phénomènes justement les plus problématiques de ce qu'est la parole.

N'y a-t-il pas moyen de s'arrêter un instant sur le phénomène de la parole en tant que tel, en nous demandant si, à simplement le considérer, nous ne voyons pas se dégager une structure tellement essentielle, tellement première, tellement évidente, que c'est à l'intérieur de cette structure, que nous allons pouvoir faire des distinctions autres que mythiques, c'est-à-dire autres que supposant cette chose qui s'appelle « *le sujet* » comme étant quelque part ?

Qu'est-ce que *la parole* ? Pourquoi ai-je demandé tout à l'heure : le sujet [psychotique délirant] *parle-t-il* oui ou non ?

La parole, arrêtons-nous un instant sur ce fait : qu'est-ce qui distingue *une parole* d'un enregistrement de langage ?

La parole c'est exactement avant tout parler à d'autres.

Ici je veux simplement vous rappeler ce que maintes fois j'ai amené au premier plan de mon enseignement, c'est la caractéristique qu'a cette chose qui paraît simple au premier abord : *parler à d'autres*. La notion depuis quelques temps est venue au premier plan des préoccupations de la science, de ce qu'est *un message*, de la fonction du *message*.

La structure de la parole - vous ai-je dit chaque fois que nous avons eu ici à employer ce terme dans son sens propre -

c'est que le sujet reçoit son message de l'autre sous une forme inversée. La parole, la parole essentielle, la parole qui en tout cas existe au niveau du terme engagé, sa parole est une parole qui est fondée sur cette structure telle

que je viens de vous le dire. Qu'est-ce que cela veut dire : « *Le sujet reçoit de l'autre son message sous une forme inversée.* » ?

Nous avons là deux formes absolument exemplaires. Je vous ai dit, la première c'est *fides*, la parole en langage, la parole qui se donne c'est le : « *Tu es ma femme* » ou le « *Tu es mon maître* ». Formule exemplaire sur laquelle j'ai maintes fois insisté, ce qui veut dire : tu es ce qui est encore dans ma parole, et ceci je ne peux l'affirmer qu'en prenant la parole à ta place, cela vient de toi pour y trouver la certitude de ce que j'engage, cette parole est une parole qui t'engage.

L'unité de la parole en tant que *fondatrice pour la position des deux sujets*, est là manifestée. Mais si cela même ne vous paraissait pas pleinement évident, la contre-épreuve - comme d'habitude - l'est bien plus.

C'est le signe auquel se reconnaît *la relation sujet à sujet*, ce qui fait que vous êtes dans un rapport de *sujet à sujet*,

et non pas de *sujet à objet*, est exactement ceci, qui n'est que l'envers de ce que je viens de promouvoir [*fides*], qui est *la feinte* : vous êtes en présence d'un sujet dans la mesure où ce qu'il dit ou ce qu'il fait - c'est la même chose -

peut être supposé avoir été faits *pour vous feinter*, avec naturellement tout ce que cela comporte de dialectique jusque, et y compris qu'il dise la vérité pour que vous croyiez le contraire. Vous connaissez l'histoire du personnage qui dit : « *Je vais à Cracovie* », et l'autre répond : « *Pourquoi me dis-tu que tu vas à Cracovie puisque tu y vas tous les jours ?* »

Tu me le dis pour me faire croire que tu vas ailleurs », histoire juive mise en évidence par FREUD.

La notion que ce que le sujet me dit est dans une relation fondamentale avec une feinte possible, est exactement la même chose, là aussi il m'envoie, j'en reçois la parole, c'est-à-dire le message dont il s'agit, *sous une forme inversée*,

car très exactement il s'agit bien entendu de « *J'appréhende ce qui est vrai* », et ce qui est le contraire du vrai est précisément ce que j'en reçois.

Voici la structure sous ses deux faces :

- *de paroles fondatrices*,
- *et de paroles menteuses, de paroles trompeuses* en tant que telles.

Voici à quel niveau s'originalisent toutes les formes de communication possible, car nous avons généralisé la notion de *communication*. C'est tout juste si, au point où nous en sommes, nous n'allons pas refaire toute la théorie de ce qui se passe chez les êtres vivants, *en fonction de la communication*. Vous verrez à lire tant soit peu M. Norbert WIENER⁴, que ça mène excessivement loin.

Parmi les nombreux paradoxes qu'il met en évidence, il introduit ce mythe curieux, construction qui consisterait à supposer un temps où tout peut être transmis : on pourrait avec des moyens suffisamment amples, *télégraphier* un homme à New York, c'est-à-dire en envoyant la succession des repérages de tout ce qui constitue son organisme recréé automatiquement, puisqu'il n'y a pas de limites à ce que nous pouvons supposer de transmission possible, la re-synthèse point par point de toute son identité réelle dans un point aussi éloigné.

Il est bien évident que des choses comme celle-ci sont une espèce de curieuse poudre aux yeux dont chacun s'émerveille en voyant toutes sortes de mirages subjectifs, sur lesquels d'ailleurs il est curieux qu'il suffise pour le faire s'effondrer, de faire remarquer que le miracle ne serait pas plus grand dans ces conditions, de télégraphier à deux centimètres, et par conséquent il s'agit de rien d'autre que du fait que nous faisons tous les jours en nous déplaçant de la même distance. Cette sorte de prodigieuse confusion des termes montre assez que les notions comme celle de la communication, doivent être maniées avec prudence.

Néanmoins dans la notion de communication en tant que généralisée, vous le savez bien, car d'autre part...

c'est certainement *une fonction* puisqu'on l'avait même fait intervenir dans les notions générales de *la physique*

...je spécifie à l'intérieur de ces communications ce que c'est que *la parole en tant que parler à l'autre* : *c'est en fin de compte faire parler l'autre* comme tel, cet autre si vous le voulez bien nous le mettrons l'« Autre » avec un A.

C'est sans doute pour des raisons différentes, comme chaque fois qu'on est forcé d'apporter des *signes supplémentaires*

à ce que nous donne le langage, cette raison différente est la suivante : c'est ce qui fonde tout ce que je viens de vous dire, aussi bien qu'il s'agisse de la voix, à savoir :

- « Tu es ma femme » : *après tout, qu'en savez-vous ?*
- « Tu es mon maître » : *après tout, êtes-vous si sûrs que cela ?*

Ce qui fait précisément *la valeur fondatrice* de ces paroles, c'est justement que ce qui est visé *dans son message*, aussi bien que ce qui est manifesté *dans la feinte*, c'est que *l'Autre* est là en tant qu'*Autre absolu*, c'est-à-dire en tant justement qu'il est *reconnu*, mais il n'est pas *connu*, ceci est essentiel. De même que ce que signifie *la feinte*,

c'est que vous ne savez pas en fin de compte si c'est une feinte, à savoir si c'est là pour de bon ou si c'est là justement pour vous feinter. C'est essentiellement cet élément, *cette inconnue directe dans l'altérité de l'Autre*, qui caractérise

le rapport de la parole au niveau où elle est parlée à l'autre. Je vais vous maintenir un certain temps au niveau de cette description structurale, parce qu'il n'y a qu'à partir de là qu'on peut poser les problèmes.

Est-ce que c'est là seulement ce qui différencie, ce qui distingue la parole ? Peut-être ! Nous n'en savons rien. Assurément elle a d'autres caractères, elle ne parle pas seulement *à l'Autre*, elle parle *de l'autre en tant qu'objet*. C'est bien de cela qu'il s'agit quand un sujet vous parle de lui.

Observez bien que lorsque notre paranoïaque de l'autre jour...

celle à laquelle je me réfèrais, celle qui employait le mot « *galopiner* »

...vous parle, il y a deux niveaux : vous savez qu'elle est un sujet - c'est une *application* tout à fait immédiate de ce que je viens de vous dire - vous savez qu'elle est un sujet...

c'est-à-dire que c'est ce que vous exprimez dans la mesure où vous dites que sa personnalité est encore saine, à savoir que vous avez affaire simplement à « *un délire partiel* »

...à ceci : que justement elle essaie de vous blouser, c'est-à-dire que vous reconnaissez cliniquement « *un délire partiel* », ça fait partie des hypothèses de la situation.

- C'est justement dans la mesure où l'autre jour j'ai mis une heure et demie à lui faire sortir son « *galopiner* », c'est-à-dire que pendant une heure et demie elle m'a tenu en échec, et que pendant une heure et demie elle s'est montrée saine.
- C'est dans toute cette mesure que ce n'était qu'une malade à la limite de ce qui peut être perçu cliniquement, comme délire.
- C'est dans toute cette mesure que vous maintenez qu'il y a dans ce sujet ce que vous appellerez dans notre jargon *la partie saine de sa personnalité*, c'est bien en tant que justement elle parle de l'autre, qu'elle est capable de se moquer de lui, qu'elle existe comme sujet.

Maintenant elle parle d'elle, et il arrive qu'elle en parle justement un petit peu plus qu'elle ne voudrait, c'est-à-dire que nous nous apercevons qu'elle délire, elle parle donc là de quelque chose, elle parle de ce qui est notre objet commun, elle parle de *l'autre* avec un *petit(a)*. C'est bien elle qui parle toujours mais c'est là une autre structure,

c'est une structure qui d'ailleurs ne livre pas absolument sa simplicité, ce n'est pas tout à fait comme si elle me parlait de n'importe quel objet reçu, elle me parle de quelque chose qui est très intéressant et très brûlant, et elle parle de quelque chose où elle continue tout de même à s'engager, bref elle témoigne.

Cette notion de témoignage, c'est cela que nous allons essayer un peu de pénétrer. Le témoignage est-il lui aussi purement et simplement communication ? Sûrement pas, il est bien clair pourtant que tout ce à quoi nous accordons une valeur en tant que communication, est de l'ordre du témoignage, et la communication en fin de compte désintéressée à la limite, n'est tout de même concevable pour tout ce qui est de l'ordre humain, que comme un témoignage en fin de compte raté si on peut dire, c'est-à-dire quelque chose sur lequel tout le monde est d'accord.

Chacun sait que c'est l'idéal de la transmission de la connaissance, et que toute la pensée même de la communauté scientifique est fondée là-dessus, sur la possibilité d'une communication dont le terme se tranche dans une expérience dans laquelle tout le monde peut être d'accord. Il faut tout de même voir que le départ, ne serait-ce qu'au moment où on va vous demander de l'instaurer, cette expérience, porte quand même sur la fonction du témoignage.

Ici nous avons affaire, je veux vous le faire remarquer, à une sorte d'*altérité*. Je ne peux pas reprendre ici tout ce que j'ai dit autrefois - parce qu'aussi bien j'aurai à le reprendre sans cesse à l'intérieur de mon discours de cette année - sur ce que j'ai appelé « *la connaissance paranoïaque* ». Ce que j'ai désigné ainsi dans la première communication - dans les temps encore plus anciens de ma thèse - au groupe de *L'Évolution Psychiatrique*,

qui à ce moment-là avait une assez remarquable originalité, « *la connaissance paranoïaque* » veut dire ceci :

- c'est *les affinités paranoïaques de toute connaissance d'objet en tant que tel*,
- c'est la référence au fait que toute connaissance humaine prend sa source, sa racine, son origine, dans ce qu'on peut appeler la dialectique de *la jalousie*, dans le fait que nous la voyons comme manifestation primordiale de communication.

Il s'agit là d'une notion générique observable, *behaviouristiquement* observable : ce qui se passe entre deux jeunes enfants confrontés à [...] suffit à montrer que c'est quelque chose qui comporte ce transitivisme fondamental,

celui qui s'exprime dans le fait qu'un enfant qui a battu un autre dise : « *l'autre m'a battu* », non pas parce qu'il ment, mais parce qu'il est *l'autre* littéralement. C'est ce qui est la base, le fondement sur lequel s'articule, se différencie,

le monde humain du monde animal, ce qui distingue *les objets humains* par leur collection, dans leur neutralité, dans leur extension, dans leur prolifération indéfinie,

- dans le fait qu'ils peuvent être des objets d'un intérêt complètement neutre au point de vue besoin, mais être néanmoins *objet humain*,
- dans le fait que l'*objet humain* n'est pas dépendant de la préparation instinctuelle, du fait que le sujet peut se *coapter* à lui comme dans la *coaptation* d'une valence chimique ou d'un terme quelconque, avec un autre qui cependant s'emboîte à lui.

Ce qui fait que *le monde humain est un monde couvert d'objets* est fondé sur ceci : c'est que *l'objet d'intérêt humain*,

c'est l'objet du désir de l'Autre. Pourquoi ceci est-il possible ?

C'est parce que le moi humain comme tel c'est l'autre,

- que du surgissement de sa propre tendance,
- que dans le rapport à cette *image de l'autre*, il est « *ensemble* » et « *collection* » incohérente de désirs ...*qu'il est, littéralement*. C'est cela le vrai sens du terme « *corps morcelé* », et la première synthèse de l'*ego* est essentiellement alter, elle est *alter-ego*, elle est aliénée. Le centre de constitution du sujet humain désirant comme tel, c'est *l'autre* en tant qu'il lui donne *son unité*, et le premier abord qu'il a avec les objets, c'est de *l'objet en tant que vu comme objet du désir de l'autre*.

Ceci, vous le voyez, définit à l'intérieur du rapport de la paranoïa le quelque chose qui provient d'une autre origine, c'est exactement là la distinction de l'*imaginaire* et du *réel*. À tout objet dont on parle quand on parle de l'autre,

est impliquée une autre altérité primitive incluse dans cet objet, en tant :

- que l'objet est primitivement objet de rivalité et de concurrence,
- que l'objet est intéressant dans la fonction où il est objet du désir de l'autre.

La connaissance paranoïaque dans ce premier tableau de la connaissance, est une connaissance instaurée dans la rivalité de la jalousie, dans l'identification première que j'ai essayé de définir dans le stade du miroir. Cette base rivalitaire, cette base concurrentielle au fondement de l'objet, *c'est cela qui est surmonté précisément dans la parole*, pour autant qu'elle intéresse le tiers : la parole est toujours pacte, accord, on s'entend sur quelque chose à propos

de cette rivalité et de cette concurrence. On est d'accord : ceci est à moi, ceci est à toi, ceci est ceci, ceci est cela. Il reste que le terme agressif de cette concurrence primitive continue à laisser sa marque dans tout espèce de discours sur le petit autre, sur l'autre en tant que tiers, sur l'objet.

Le témoignage, il suffit d'en laisser se développer les résonances, ce n'est pas pour rien que ça s'appelle en latin *testis*, et que lorsqu'on témoigne, on témoigne sur ses couilles, c'est qu'il s'agit toujours d'un engagement du sujet :

dans quoi que ce soit qui porte la marque du témoignage l'organisme reste toujours latent. En fin de compte il y a toujours une lutte virtuelle dans tout ce qui est de l'ordre du témoignage. Nous retrouvons dans toute la dialectique présente, dans toute la dialectique de la constitution de l'objet la possibilité virtuelle d'être mis en demeure d'annuler l'autre pour une simple raison, c'est que le départ de cette dialectique étant mon aliénation dans l'autre,

il y a un moment où je ne peux être mis en posture d'être moi-même annulé, parce que l'autre n'est pas d'accord.

La dialectique de l'inconscient implique toujours comme une de ses possibilités, l'impossibilité de la coexistence avec l'autre, c'est-à-dire la lutte. La *dialectique du maître et de l'esclave* réapparaît là avec, si on peut dire, sa valeur *psychogénique*.

Ce n'est peut-être pas totalement décisif, la « *Phénoménologie de l'esprit* » n'épuise probablement pas tout ce dont il s'agit quant au développement de l'esprit, mais assurément on ne peut pas ne pas voir sa valeur psychologique, à savoir que c'est dans une rivalité fondamentale, dans une « *lutte à mort* » première et essentielle, que se passe ce *quelque chose* qui a le plus étroit rapport avec la constitution du monde humain comme tel.

À ceci près que dans sa forme c'est bien en effet ce dont il s'agit, de rivalité qui est tellement essentielle, que ce que nous voyons à la fin c'est la réapparition, si on peut dire, des enjeux : *le maître a pris à l'esclave sa jouissance*, c'est-à-dire qu'il s'est emparé de l'objet du désir en tant qu'il était l'objet du désir de l'esclave, mais que du même coup il a perdu son humanité. C'est-à-dire que ce n'était pas du tout *l'objet de la jouissance* qui était en cause, c'était *la rivalité* en tant que telle.

Et cette humanité désormais à qui la doit-il ? Uniquement à la reconnaissance de l'esclave. Seulement comme lui ne reconnaît pas l'esclave, cette reconnaissance n'a littéralement aucune valeur, c'est-à-dire que le maître devient,

comme il est habituel dans l'évolution concrète des choses pour celui qui a triomphé et qui a conquis la jouissance,

devient complètement idiot, c'est-à-dire incapable d'autre chose que de jouir. Pendant que celui qui en a été privé garde tout le rapport humain, car lui a reconnu le maître et il a donc la possibilité d'être reconnu par lui, c'est-à-dire qu'il engagera la lutte à travers les siècles pour être reconnu par celui qui peut efficacement le reconnaître.

Cette distinction :

- de *l'Autre* avec un grand A, c'est-à-dire de *l'Autre* en tant qu'il *n'est pas connu*,
- et de *l'autre* avec un petit a, c'est-à-dire de l'autre qui est moi,

...qui est la source de toute connaissance, c'est dans cet écart, c'est dans l'angle ouvert de ces deux relations que toute la dialectique du désir doit être située, car la question est :

- Est-ce que le sujet vous parle ?
- De quoi parle-t-il ?

Il est tout à fait clair que je ne vais pas répondre à la première question puisque c'est justement celle qui est posée

à l'origine : « Est-ce que c'est une vraie parole ? ». Nous ne pouvons pas le savoir au départ, mais par contre il vous parle de quelque chose, et il vous parle de quoi ? De lui !

Mais vous voyez très bien dès le départ et dès l'origine que justement il vous parle d'un objet qui n'est pas un objet comme les autres, un objet que je n'ai pas fait entrer jusqu'à présent en jeu parce que, en quelque sorte, c'est le prolongement de cette dialectique duelle : *il vous parle de quelque chose qui lui a parlé*. Le fondement même

de *la structure paranoïaque* c'est ceci : le sujet a compris quelque chose qu'il formule, quelque chose dont je vous parlais tout à l'heure à propos de la signification, *il y a quelque chose qui a pris forme de parole, qui lui parle*.

Personne ne doute bien entendu que ce soit un être fantastique, même pas lui car le sujet est toujours en posture

de formuler le caractère parfaitement ambigu de la source de ses paroles. *C'est de la structure de cet être qui parle au sujet*, et à propos duquel le sujet va vous apporter son témoignage, *qu'il va s'agir dans la paranoïa*.

Vous devez voir déjà à quel point il y a une différence de niveau entre :

- tout ce qui est du terme de l'aliénation qui est une forme absolument générale de l'*imaginaire*,
- et la question précise de ce qu'est cette aliénation dans la psychose,

...puisque je laisse ouvert le point qui peut être :

- qu'il ne s'agisse pas simplement d'*identification*,
- qu'il ne s'agit que de *ce décor qui a basculé du côté de l'alter*,

...mais du moment que *le sujet parle* il peut y avoir l'*existence*, la manifestation que le sujet en tant que parlant...

c'est-à-dire parlant non pas à l'autre avec un petit a, ou de l'autre avec un petit a, mais parlant avec l'Autre avec un grand A

...parlant vraiment et personne n'en doute, sans cela il n'y aurait pas de *problème de la psychose*, les psychosés seraient des machines à paroles, c'est précisément en tant qu'il vous parle que vous prenez en considération son témoignage.

La question est de savoir *quelle est la structure de cet être* dont tout le monde est d'accord pour dire qu'il est *fantastique*.

C'est précisément le **S** au sens où l'analyse l'entend, en tant que c'est un **S** plus point d'interrogation.

Quelle est cette part dans le sujet qui parle ? L'analyse a dit : c'est l'inconscient.

Naturellement il faut que vous ayez d'abord admis, pour que même la question ait un sens, que cet inconscient c'est justement, peut-on dire, quelque chose qui parle dans le sujet. Nous l'avons admis, il y a quelque chose qui parle dans le sujet, au-delà du sujet et même quand le sujet ne le sait pas : ça en dit plus qu'il ne croit.

L'analyse, pour les psychoses, dit : *c'est cela qui parle*. Est-ce que ça suffit ? Absolument pas !

Car toute la question est de savoir *comment* ça parle, quelle est la structure du discours paranoïaque.

FREUD nous a apporté là-dessus quelque chose qui est tout à fait saisissant, et dont je veux aujourd'hui simplement vous rappeler les termes pour vous montrer comment s'ouvre le problème. FREUD nous a dit : la tendance fondamentale qui pourrait *dans une névrose* avoir à se faire reconnaître, c'est « *Je l'aime, l'autre* » et « *tu m'aimes* ».

Nous ne sommes pas [dans la psychose] au niveau de « *Je t'aime* » ou de « *tu m'aimes* ». Sa dialectique est saisissante

et nous restons ensuite embarrassés pendant une bonne décennie sur ce que je vais vous dire maintenant.

Il nous dit : il y a trois façons de nier cela, il ne va pas par quatre chemins, il ne nous dit pas pourquoi l'inconscient des psychotiques est si bon grammairien et si mauvais philologue, parce que du point de vue du philologue

tout cela est extrêmement suspect, parce que la fonction du sujet est le complément du verbe. Ne croyez pas que ça aille comme dans les grammaires de français de la classe de sixième, c'est le sujet de toutes sortes de discussions,

il y a selon les langues bien des façons de dire « *je l'aime* ».

FREUD ne s'est pas arrêté à tout cela. Il dit qu'il y a 3 *moi*, 3 fonctions, et il y a 3 types de délires et ça réussit. Il dit :

- *la première façon de nier cela*, c'est de dire « *Ce n'est pas moi qui l'aime, c'est elle qui l'aime* ». c'est-à-dire *ma conjointe, mon double*, c'est elle qui l'aime.
- *La deuxième façon* c'est de dire : « *Ce n'est pas lui que j'aime, c'est elle* ». FREUD nous explique ceci : c'est que, à ce niveau-là, *la défense* n'est pas suffisante et que précisément parce que le sujet est paranoïaque et parce que le mécanisme de projection entre en jeu, en d'autres termes, comme ce n'est pas le sujet qui est hors du coup, mais au contraire le complément, le déguisement n'est pas suffisant, il faut que la projection entre en jeu, à savoir qu'il ne suffit pas qu'il dise « *ça n'est pas lui que j'aime* », mais « *c'est elle qui m'aime* ».
- *Troisième possibilité* : « *Je ne l'aime pas, je le hais* ». Il faut croire que là non plus l'inversion n'est pas suffisante, c'est tout au moins ce que nous dit FREUD, il faut aussi que là intervienne le mécanisme de projection, à savoir « *il me hait* », et nous voilà dans le délire de persécution. Il est bien

certain que ceci pour la haute synthèse que cela comporte, nous apporte quelques lumières, mais vous voyez bien en même temps aussi ce que cela laisse ouvert comme questions.

Signalons que le mécanisme de la projection doit intervenir comme mécanisme supplémentaire chaque fois qu'il ne s'agit pas de l'effacement du « *je* » lui-même. Ce n'est pas complètement inadmissible, encore aimerions-nous avoir un supplément d'information. D'autre part il n'est que trop clair que le « *ne* », la négation prise sous sa forme la plus formelle appliquée à chacun de ces termes, n'a absolument pas la même valeur, mais ce qui est intéressant c'est de voir que quand même en gros, ça approche quelque chose, en d'autres termes ça réussit. Autrement dit, il faut bien que par quelque côté ça situe les choses à leur véritable niveau, en se situant sur le plan de principielle logomachie. Nous regarderons ceci de plus près. Peut-être que ce que je vous ai apporté ce matin pourra vous faire entrevoir dès l'abord, que nous pouvons poser le problème autrement : « *Je l'aime* » qu'est-ce que c'est ?

Est-ce un message ? Je veux dire quelque chose sur quoi nous laissons l'interrogation problématique.

Est-ce un témoignage ? Est-ce la reconnaissance brute d'un fait ? Autrement dit le fait à son état neutralisé.

La question vaut qu'on se la pose. D'autre part, laissons simplement les choses en termes de *message* : il est clair que *dans le premier cas* « *C'est elle qui l'aime.* » ce que nous pouvons dire, que *c'est par un autre ici qu'on fait porter son message*, c'est cela la différence, et que *cette aliénation*, elle, assurément, nous met sur le plan du *petit autre*, *c'est l'ego qui parle par l'alter ego qui dans l'intervalle a changé de sexe.*

Nous nous limiterons à cette constatation : *l'aliénation invertie*, et nous nous demanderons pourquoi nous saurons qu'au premier plan dans le délire de la jalousie, cet élément de *l'identification à l'autre* comme tel, avec ce signe de sexualisation qui n'est pas donné dans la directive première de *l'identification à l'autre*, est un élément sur lequel nous nous poserons la question.

D'autre part je vous fais bien toucher du doigt au passage que, à analyser ainsi la structure, vous voyez qu'en tout cas il ne s'agit pas là de *projection*, car autrement il est tout à fait impossible d'appliquer le même terme de *projection* à ce à quoi FREUD l'applique, quand il parle du délire de jalousie, *projection* plus ou moins intégrée à un mécanisme de *névrose*, et qui est d'imputer à l'autre ses propres infidélités, à savoir...

FREUD le distingue parfaitement parce que ça se distingue parfaitement dans la clinique ... à savoir que *quand on est jaloux de sa femme*, c'est parce que soi-même on a quelques petites *peccadilles* à se reprocher.

Ce n'est pas forcément et absolument pas le même mécanisme, on ne peut pas faire intervenir le même mécanisme dans le délire de jalousie, probablement psychotique lui, que nous tenons soit dans le registre de FREUD, soit dans le registre où je viens moi-même d'essayer de l'insérer, où c'est le sujet auquel vous êtes identifié par *une aliénation invertie*, à savoir votre propre femme que vous faites la messagère de vos serments à l'endroit, non pas même d'un autre homme, car la clinique montre qu'il ne s'agit pas de cela, mais d'un nombre d'hommes à peu près indéfini, car chacun sait que le délire de jalousie proprement paranoïaque est indéfiniment répétable, qu'il rejaillit à tous les tournants de l'expérience, et qu'il peut être impliqué à peu près pour tous les sujets qui viennent dans l'horizon, ou qui n'y viennent même pas.

Dans l'autre cas [2^{ème}], nous prenons la chose sous la forme du message : « *Ce n'est pas lui que j'aime, c'est elle qui m'aime* ».

D'une certaine façon nous dirons que l'érotomanie est en effet quelque chose où un certain message parvient, mais cela c'est *un autre type d'aliénation*, non plus invertie mais *divertie*, car ce n'est plus celui auquel je m'étais adressé

à qui je m'adresse quand je me crois lié par un lien mystique ineffable, tellement singulier qu'il a posé tous les problèmes, qu'on a parlé d'amour platonique.

Ce lien avec l'*autre* très particulier qu'est *cet objet*, est le lien avec lequel il n'y a encore pas la moindre relation concrète, qui est très souvent un objet très éloigné avec lequel il se contente de communiquer par une correspondance dont il ne sait même pas si elle parvient à son adresse, et qui est quelque chose d'une structure très singulière.

Assurément le moins qu'on puisse dire, c'est que s'il y a *aliénation divertie* du message, ceci s'accompagne de quelque chose dont le terme de dépersonnalisation de l'autre est d'autant plus manifeste que ce qu'il pourrait en apparence comporter, si on peut dire, d'*héroïque* - à savoir cette espèce de résistance à toutes les épreuves comme ils s'expriment eux-mêmes - caractérise le délire érotomane qui s'adresse bien à quelque chose d'un autre tellement neutralisé, qu'on peut dire qu'il est grandi aux dimensions mêmes du monde, puisque l'intérêt universel attaché à l'aventure, comme s'exprimait DE CLÉRAMBAULT, est un trait essentiel de ce délire érotomane.

Dans le 3^{ème} *cas* nous avons affaire à quelque chose de beaucoup plus proche de la dénégation, et comme telle nous tenons probablement la clef qui va nous permettre la prochaine fois de centrer vraiment sous sa forme authentique le point où se situe véritablement le problème.

C'est *une aliénation convertie*, en ce sens que l'amour est devenu la haine, que la dénégation y est essentielle et que l'altération profonde de tout le système de l'autre, à savoir sa démultiplication, le caractère extensif en réseau des interprétations sur le monde, vous montre ici la perturbation proprement imaginaire portée à son maximum.

Le caractère fondamental des relations de tous les délires, est quelque chose qui, vous le voyez, est maintenant ce qui se propose à notre investigation. Nous pourrions d'autant mieux le faire que cette distinction du sujet, de celui qui parle - qu'il le sache ou qu'il ne le sache pas - du *petit a imaginaire*, de l'autre en tant que le sujet est avec lui dans *la relation imaginaire*, et que cet autre c'est la racine, la base, le centre de gravité de son moi individuel, qui n'est autre que *celui dans lequel il n'y a absolument pas de parole*, quelle que soit la présence du langage, le grand Autre avec un grand A.

C'est autour de ces termes que nous essayerons de nous repérer, pour faire la distinction essentielle de ce qui se passe *dans la psychose* et *dans la névrose*.

FREUD, dans deux articles intitulés respectivement « *La perte de la réalité dans les névroses et dans les psychoses* »⁵,
« *Névroses et psychoses* »⁶, a fourni des renseignements intéressants sur la question.

Je vais essayer de mettre l'accent sur ce qui différencie la névrose de la psychose quant aux perturbations qu'elles apportent dans les rapports du sujet avec la réalité. C'est une occasion de rappeler de façon très fine et très structurée, ce qu'il faut entendre par refoulement dans la névrose. C'est là qu'il nous fait remarquer qu'il doit y avoir une raison profonde, structurale, à l'organisation très différente des rapports du sujet avec la réalité, dans l'une et l'autre. Il est bien clair qu'un névrosé n'a pas les mêmes rapports avec la réalité qu'un psychotique dont le caractère clinique est précisément de vous donner, de vous communiquer, de vous rendre compte de la relation avec la réalité profondément pervertie, c'est ça que l'on appelle le délire.

Ce dont il s'agit donc dans FREUD, c'est de voir comment il faut articuler dans notre explication cette différence. Précisément quand nous parlons de névrose, nous faisons jouer un certain rôle à une fuite, à un évitement, à un conflit de la réalité, à une certaine part, et la part dans le déclenchement c'est la notion de traumatisme, tension initiale de la névrose, c'est une notion étiologique. La fonction de la réalité dans le déclenchement de la névrose est une chose, autre chose est le moment de la névrose où il va y avoir chez le sujet une certaine rupture avec la réalité.

FREUD le souligne, au départ la réalité qui est sacrifiée dans la névrose est une partie de la réalité psychique, nous entrons déjà dans une distinction très importante : « *réalité* » n'est pas synonyme de « *réalité extérieure* ». Le sujet au départ, au moment où il déclenche sa névrose, élide, scotomise comme on a dit depuis, une partie de sa réalité psychique, où dans un autre langage : de son « *id* », ceci est oublié. Il n'y a pas de raison pour que ceci ne continue pas à se faire entendre, d'une façon qui est celle sur laquelle tout mon enseignement met l'accent, à se faire entendre d'une façon articulée, d'une façon « *symbolique* ». Et à ce propos, on ne peut pas manquer de citer au passage parmi d'autres témoignages, l'indication qu'il y a dans FREUD, et ceci aurait gagné à être mieux articulé.

[Aber die neue, phantastische Außenwelt der Psychose will sich an die Stelle der äußeren Realität setzen, die der Neurose hingegen lehnt sich wie das Kinderspiel gern an ein Stück der Realität an - ein anderes als das, wogegen sie sich wehren mußte -, verleiht ihm eine besondere Bedeutung und einen geheimen Sinn, den wir nicht immer ganz zutreffend einen symbolischen heißen.]

J'entends que dans l'un de ses articles, celui de « *La perte de la réalité dans la névrose et dans la psychose* », il insiste, il articule des différences, il précise la façon dont le monde fantastique, dit-il - c'est ici qu'il le désigne - qui est cette sorte de « *magasin* » mis à part de la réalité et dans lequel il [le sujet] conserve des ressources à l'usage de construction du monde extérieur.

Ce *magasin*, c'est là que la psychose va emprunter le matériel dont nous verrons ce qu'elle a à faire tout à l'heure.

Mais à ce propos il dit que la névrose est quelque chose de bien différent, que cette réalité que le sujet à un moment élidait, il tentera de la faire ressurgir en lui prêtant une signification particulière et un sens secret que nous appelons « *symbolique* », sans y mettre toujours l'accent convenable. Il souligne bien là, que la façon en

⁵ Sigmund Freud : *Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose*, 1924 ; *La perte de réalité dans la névrose et la psychose*.

⁶ Sigmund Freud : *Neurose und Psychose*, 1924.

quelque sorte impressionniste dont nous usons du terme « *symbolique* », n'a jamais été précisée d'une façon qui soit vraiment conforme à ce dont il s'agit.

Je vous signale au passage qu'aussi bien...

pour le désir de vous donner ce que certains souhaitent, c'est-à-dire des références dans le texte, je n'ai pas toujours la possibilité de le faire parce qu'il faut que mon discours n'en soit pas rompu, et que néanmoins je vous apporte les citations quand il est nécessaire

...il y a d'autres passages dans FREUD qui sont significatifs : l'appel, la nécessité ressentie par lui à une pleine articulation de cet *ordre symbolique*, c'est bien de cela qu'il s'agit dans la névrose, à laquelle il oppose la psychose pour autant que dans la psychose c'est avec la réalité extérieure qu'il y a eu un moment trou et rupture, et que là c'est *le fantastique* qui va être appelé à remplir la béance.

Pouvons-nous nous contenter entièrement d'une définition, d'une opposition aussi simple ?

Il faut bien voir que c'est en somme dans la névrose, au second temps, et pour autant que la réalité ne parvient pas à être pleinement réarticulée d'une façon symbolique dans le monde extérieur, qu'il y aura chez elle cette fuite partielle de la réalité, qui prend ici une forme différente, qui prend la forme de ne pas pouvoir toujours affronter cette partie de la réalité, ce vide mène à cette réorganisation d'une façon secrète de la réalité conservée.

Est-ce que nous pouvons nous contenter de cela comme division entre névrose et psychose ?

D'ailleurs dans la psychose, c'est bel et bien la réalité qui est elle-même pourvue d'abord d'un trou qui est ensuite comblé avec ce monde fantastique. Sûrement pas ! Et FREUD lui-même précise à la suite de la lecture du texte

de SCHREBER, qu'il ne nous suffit pas de voir comment sont faits les symptômes, il nous faut voir le mécanisme

de cette formation. Sans doute mettons-nous au premier plan la possibilité de remplacer *un trou, une faille, un point de rupture* dans la structure du monde extérieur, par la pièce rapportée du fantasme psychotique.

Pour l'expliquer nous avons *le mécanisme de la projection*. Je commence par là aujourd'hui, non par hasard, certes, puisque c'est la suite de mon discours, mais en y mettant un point d'insistance tout à fait particulier, pour la raison qu'il me revient de certains d'entre vous qui travaillent sur les textes freudiens que j'ai déjà commentés, et qui en revenant sur un passage dont j'ai souligné l'importance, sont restés hésitants sur le sens à donner à un morceau pourtant très clair du texte, à propos de cette hallucination épisodique où se montrent les virtualités paranoïaques de *L'Homme aux loups*.

Et tout en saisissant fort bien ce que je veux dire, ce que j'ai articulé, ce que j'ai souligné en disant

« *Ce qui a été rejeté du symbolique répare dans le réel.* »

Là dessus la discussion peut s'élever sur la façon dont je traduis « *le malade n'en veut rien savoir* ».

Agir avec le refoulé par le mécanisme du refoulement, c'est en savoir quelque chose, car le refoulement et le retour du refoulé, sont une seule et même chose qui est exprimée ailleurs que dans le langage conscient du sujet.

Ce qui a fait difficulté pour certains d'entre eux c'est qu'ils ne saisissent pas que ce dont il s'agit c'est la façon dont il y a un savoir. Mais je vous apporterai un autre fait qui est emprunté au Président SCHREBER, au moment où FREUD nous expliquait le mécanisme propre de *la projection*, qui bien entendu est immédiatement suggéré comme mécanisme de cette *réapparition du fantasme dans la réalité*. FREUD ici s'arrête expressément et remarque

que nous ne pouvons pas, purement et simplement, parler de *projection* :

- comme il n'est que trop évident, à regarder combien la *projection* a quelque chose qui s'exercerait d'une façon différente dans le délire de jalousie, par exemple, dit « *projectif* », et qui consiste à imputer à son conjoint des infidélités dont on se sent soi-même plus ou moins réellement coupable, imaginativement coupable,

- et autre chose est l'apparition du délire de persécution qui se manifeste bien en effet par des intuitions interprétatives dans le réel, quand ce dont il s'agit est la fameuse pulsion homosexuelle que notre théorie met à la base du *délire*.

Et c'est là qu'il s'exprime :

« *Il n'est pas correct et exact que la sensation intérieurement réprimée...*

la *Verdrängung* est une symbolisation, c'est le retour du refoulé, au contraire *Unterdrückung* c'est simplement l'indication qu'il y a quelque chose qui est *intérieurement réprimé*

... *de la dire projetée de nouveau vers l'extérieur, bien plutôt nous devons dire que ce qui est...*

Vous vous rappelez peut-être l'accent d'insistance qu'il a mis sur l'usage de ce mot et qu'on le sache ou qu'on ne le sache pas, personne ne me fera croire que FREUD ne savait pas soulever l'euphémisme « *isolé* »

...*rejeté, revient de l'extérieur.* »

[An der Symptombildung bei Paranoia ist vor allem jener Zug auffällig, der die Benennung Projektion verdient. Eine innere Wahrnehmung wird unterdrückt, und zum Ersatz für sie kommt ihr Inhalt, nachdem er eine gewisse Entstellung erfahren hat, als Wahrnehmung von außen zum Bewußtsein. Die Entstellung besteht beim Verfolgungswahn in einer Affektverwandlung; was als Liebe innen hätte verspürt werden sollen, wird als Haß von außen wahrgenommen. Man wäre versucht, diesen merkwürdigen Vorgang als das Bedeutsamste der Paranoia und als absolut pathognomonisch für dieselbe hinzustellen, wenn man nicht rechtzeitig daran erinnert würde, daß 1. die Projektion nicht bei allen Formen von Paranoia die gleiche Rolle spielt und 2. daß sie nicht nur bei Paranoia, sondern auch unter anderen Verhältnissen im Seelenleben vorkommt, ja, daß ihr ein regelmäßiger Anteil an unserer Einstellung zur Außenwelt zugewiesen ist. Wenn wir die Ursachen gewisser Sinnesempfindungen nicht wie die anderer in uns selbst suchen, sondern sie nach außen verlegen, so verdient auch dieser normale Vorgang den Namen einer Projektion.]

Voilà je pense un texte de plus avec ceux que j'ai déjà cités dans le même registre, qui sont - vous le savez - les textes *pivots*.

Et c'est précisément le texte de la *Verneinung*⁷ que nous a commenté M. HIPPOLYTE, et qui nous a permis d'articuler de façon précise cette notion : qu'il y a un moment qui est si l'on peut dire le moment d'origine de la symbolisation - entendez bien que cette origine n'est pas un point du développement - qu'il faut *un commencement*

à la symbolisation, et que c'est à tout moment du développement qu'il peut se produire ce quelque chose :

- qui est le contraire de la *Bejahung*, dans la théorie que développe FREUD,
- qui est une *Verneinung primitive*, dont la *Verneinung* dans ses conséquences cliniques est une suite.

Bref, cette distinction essentielle : ces deux mécanismes de la *Verneinung* et de la *Bejahung*, met le rattachement de

la « *projection* » désormais entre guillemets, et qu'il vaudrait mieux abandonner puisque aussi bien c'est quelque chose qui apparaît d'une nature essentiellement différente de la projection psychologique, de celle qui fait qu'à ceux auxquels nous ne portons que des sentiments fort mélangés, nous accueillerons toujours d'eux tout ce qu'ils feront avec au moins une attitude de doute perplexe quant à leurs intentions.

Cette projection dans la psychose ce n'est pas la même chose, elle n'est que le mécanisme qui fait que ce qui est pris dans la *Verwerfung*, *ce qui a été mis hors de la symbolisation générale structurant le sujet, revient du dehors*.

Qu'est-ce que c'est que *le jeu de la muscade*, ce singulier jeu de bateleur auquel nous serions en proie, qui fait que ce qui pour vous dans la façon dont s'enregistre tous ces phénomènes, s'inscrit très bien, *il y a le symbolique, l'imaginaire et le réel* ?

Comme nous ne connaissons pas *le bateleur*, nous pouvons poser la question que je mets cette année à l'ordre du jour à propos du Président SCHREBER.

Pourquoi est-ce que je la mets à l'ordre du jour ? Parce que c'est elle qui nous permettra d'articuler d'une façon qui évite *les confusions* perpétuellement faites dans la théorie analytique, au sujet de ce qu'on appelle « *relation à la réalité* ».

Parce que c'est elle qui nous permettra du même coup de concevoir et d'articuler quel est le but de l'analyse,

⁷ Sigmund Freud : *La Dénégation*, (*Die Verneinung*) 1925, in « *Résultats, idées, problèmes* », PUF, Paris.

et quand on parle d'« *adaptation à la réalité* », de quoi parle-t-on, car personne n'en sait rien tant qu'on n'a pas défini
ce que c'est que *la réalité*, ce qui n'est pas quelque chose de simple.

Pour introduire la voie dessinée au problème, je vais partir de quelque chose de tout à fait *actuel*. Car il ne peut être dit que tout ceci est purement et simplement un commentaire de texte au sens où il s'agirait d'une pure et simple *exégèse*.

Ces choses vivent pour nous tous les jours dans notre pratique, sujet dont nous avons à faire dans *nos contrôles*, dans la façon dont nous dirigeons *notre interprétation*, notre idée de la façon dont il convient d'en agir avec *les résistances*.

Je vais prendre un exemple, celui d'une chose qu'une partie d'entre vous a pu entendre vendredi dernier à ma présentation de malade, où j'ai présenté deux personnes dans un seul délire, ce qu'on appelle « *un délire à deux* ».

L'une d'elles, la plus jeune, la fille qui pas plus que la mère n'a été très facile à mettre en valeur, elle avait dû être examinée et présentée avant que je m'en occupe - vu la fonction que jouent les malades dans un service d'enseignement - une bonne dizaine de fois : on a beau être délirant, ces sortes d'exercices vous viennent assez rapidement par-dessus la tête, et elle n'était pas particulièrement bien disposée.

Néanmoins certaines choses ont pu être manifestées, ne serait-ce que ceci : par exemple que ce délire paranoïaque

- puisque c'était une paranoïaque - est quelque chose qui loin de supposer cette base caractérielle d'« *orgueil* », de « *méfiance* », de « *susceptibilité* », de « *rigidité* » comme on dit « *psychologique* », présentait - au moins chez la jeune fille - un sentiment, au contraire, extraordinairement bienveillant.

Je dirais même presque qu'elle avait un sentiment...

à côté de la chaîne d'interprétations difficiles à mettre en évidence dont elle se sentait victime
...le sentiment qu'elle ne pouvait au contraire n'être qu'une personne aussi gentille, aussi bonne, et que par-dessus

le marché, qu'au milieu de tant d'épreuves subies, elle ne pouvait que bénéficier de la sympathie générale, et en vérité dans le témoignage qu'on voyait sur elle, son chef de service qui avait eu affaire à elle, ne parlait pas autrement d'elle que comme d'une femme charmante et aimée de tous.

Bref, après avoir eu toutes les peines du monde à aborder le sujet et ses rapports avec les autres, j'ai approché du centre qui était là, manifestement présent, car bien entendu son souci fondamental était bien de me prouver qu'il n'y avait aucun élément sujet à des réticences, et de ne pas le livrer à la mauvaise interprétation dont elle était assurée à l'avance qu'aurait pu en prendre le médecin.

Tout de même elle m'a livré qu'un jour, dans son couloir, au moment où elle sortait, elle avait eu affaire à une sorte de « *mal élevé* » dont elle n'avait pas à s'étonner, puisque c'était ce vilain homme marié qui était l'amant régulier d'une de ses voisines aux mœurs légères, et à son passage celui-là...

elle ne pouvait quand même pas me le dissimuler, elle l'avait encore sur le cœur
...lui avait dit *un gros mot*, *un gros mot* qu'elle n'était pas non plus disposée à me dire, parce que - comme elle s'exprimait - cela la dépréciait.

Néanmoins je crois qu'une certaine douceur que j'avais mise dans son approche, avait fait que nous en étions après cinq minutes d'entretien, quand même à une bonne entente, et là elle m'avoue avec en effet un rire de concession, qu'elle n'était pas là-dedans elle-même tout à fait blanche. C'est-à-dire qu'elle avait quand même, elle, dit *quelque chose* au passage, et ce quelque chose elle me l'avoue plus facilement que ce qu'elle a entendu, ce qu'elle a dit c'est :

« *Je viens de chez le charcutier.* »

Naturellement je suis comme tout le monde, je tombe dans les mêmes fautes que vous, je veux dire que je fais tout ce que je vous dis de ne pas faire, je n'en ai pas moins tort, même si ça me réussit : une opinion vraie n'en reste pas moins purement et simplement une opinion du point de vue de la science, c'est quelque chose qui a été développé par SPINOZA.

Si vous comprenez tant mieux, gardez-le pour vous, *l'important n'est pas de comprendre, l'important est d'atteindre le vrai* :

si vous comprenez par hasard, même si vous comprenez vous ne comprenez pas. Naturellement je comprends,

ce qui prouve que nous avons tous en commun avec les délirants un petit quelque chose, c'est-à-dire que j'ai en moi, comme nous tous, ce qu'il y a de délirant dans l'homme normal.

« *Je viens de chez le charcutier* » : si on me dit qu'il y a quelque chose à comprendre, je peux tout aussi bien articuler qu'il y a là une référence au cochon, je n'ai pas dit cochon, j'ai dit porc, mais elle était bien d'accord et c'était ce qu'elle voulait que je comprenne, c'était peut-être ce qu'elle voulait que l'autre comprenne. Seulement c'est justement ce qu'il ne faut pas faire parce que ce à quoi il faut s'intéresser, c'est à savoir pourquoi elle voulait justement que l'autre comprenne cela. Seulement pourquoi elle ne le lui disait pas clairement ? Pourquoi s'exprimait-elle par allusion ? C'est cela qui est l'important, et si je comprends ce n'est pas à cela que je m'arrêterai puisque j'aurai déjà compris.

Voilà donc ce qui vous manifeste ce que c'est d'entrer dans le jeu du patient, que collaborer à sa résistance, car la résistance du patient c'est toujours la vôtre, et quand une résistance réussit c'est parce que vous êtes dedans jusqu'au cou, parce que vous « *comprenez* ». *Vous comprenez*, vous avez tort, car ce qu'il s'agit précisément de *comprendre* c'est *pourquoi on donne quelque chose à comprendre*. C'est à cela qu'il faut que nous arrivions, c'est là le point essentiel. C'est pourquoi elle a dit : « *Je viens de chez le charcutier* », et non pas : « *cochon !* ».

Comprenez d'abord que vous avez là la chance unique de toucher du doigt ce que je n'ai pas eu la chance d'avoir dans beaucoup d'autres expériences dans l'examen des malades, et j'insistais sur le moment même...

c'est à cela que j'ai limité mon commentaire car à ce moment-là le temps me manquait pour faire le développement de cet élément

...je vous faisais remarquer qu'il s'agissait là d'une perle, et en effet je vous ai montré l'analogie très évidente avec cette découverte qui a consisté à s'apercevoir un jour que certains malades qui se plaignaient d'hallucinations auditives, faisaient manifestement des mouvements de gorge, des mouvements de lèvres, autrement dit que nous saisissons que c'étaient eux-mêmes qui les articulaient. Là c'est quelque chose qui n'est pas pareil, qui est analogue, c'est intéressant parce que c'est analogue : c'est encore plus intéressant parce que ce n'est pas pareil.

Tâchez de voir et de vous intéresser un instant à ceci, cette perle consiste en ce qu'elle nous dit :

« *J'ai dit : « Je viens de chez le charcutier » »*

Et alors là elle nous lâche le coup : qu'a-t-il dit, lui ? Il a dit : « *Truie !* ».

C'est « *la réponse - comme on dit - du berger à la bergère : fil-aiguille, mon âme-ma vie*, c'est comme cela que ça se passe dans l'existence. Il faut nous arrêter un petit instant là-dessus : « Le voilà bien content - vous dites-vous - c'est ce qu'il nous enseigne : « *dans la parole, le sujet reçoit son message sous une forme inversée*. » ».

Détrompez-vous, ce n'est justement pas cela. Il y a même une différence, je crois que c'est en y regardant de près que nous pourrions voir que le message dont il s'agit n'est pas tout à fait identique - bien loin de là - à la parole, tout au moins au sens où je vous l'articule : comme cette forme de médiation par où le sujet reçoit son message, de l'Autre, sous une forme inversée.

D'abord quel est ce personnage ? Nous avons dit que c'est un homme marié, l'amant d'une fille qui est elle-même très impliquée dans le délire dont le sujet est victime, de cette voisine. elle en est, non pas le centre, mais le personnage fondamental. Ses rapports avec ces deux personnages sont ambigus : assurément ce sont des personnages persécuteurs et hostiles, mais sous un mode qui n'est pas tellement revendiquant, comme ont pu s'en étonner ceux qui étaient présents à l'entretien, c'est plutôt la perplexité, comment ces commères ont-elles pu arriver à faire sans doute cette pétition d'amener les deux patientes à l'hôpital ?

C'est là quelque chose qui caractérise plutôt les rapports de ce sujet avec l'extérieur, c'est une tendance à répéter le motif de l'intérêt universel qui leur est accordé, c'est là sans doute ce qui permet de comprendre les ébauches d'éléments *érotomaniaques* que nous saisissons dans l'observation, qui ne sont pas à proprement parler des *érotomanies*, mais c'était en effet des sentiments comme celui « *qu'on s'intéressait à elles* ». Cette « *truie* » dont il s'agit, *qu'est-ce que c'est ?*

C'est son message en effet, mais est-ce que ce n'est pas plutôt son propre message ? Si nous voyons en effet quelque chose qui s'est passé au départ de tout ce qui est dit, et le sentiment que la voisine poussait deux femmes isolées :

- qui sont restées *étroitement liées* dans l'existence,
- qui *n'ont pas pu se séparer* lors du *mariage* de la plus jeune,
- qui ont fui soudain une situation dramatique qui semblait être créée dans les relations conjugales de la plus jeune, qui est partie au maximum semble-t-il, de la peur d'après les certificats médicaux, devant des menaces de son mari qui ne voulait rien moins que de « *la couper en rondelles* ».

Nous avons là le sentiment que *l'injure* dont il s'agit...

puisque le terme d'*injure* est vraiment là essentiel,

il a toujours été mis en valeur dans la phénoménologie clinique de la paranoïa

...s'accorde avec le procès de défense, voire d'expulsion auquel les deux patientes se sont senties commandées de procéder par rapport à la voisine, considérée comme primordialement envahissante :

elle venait toujours frapper pendant qu'elles étaient à leur toilette, ou au moment où elles commençaient quelque chose, pendant qu'elles étaient en train de dîner, de lire, c'était une personne essentiellement portée à l'intrusion, et donc il s'agissait avant tout de l'écarter. Les choses n'ont commencé à devenir problématiques qu'à partir du moment où cette expulsion, ce refus, ce rejet de la patiente a pris force de plein exercice, au moment où elles l'ont vraiment « vidée ».

Est-ce donc quelque chose que nous allons voir plus ou moins sur le plan de la projection, d'un mécanisme de défense, que les patientes :

- dont la vie intime s'est déroulée en dehors de l'élément masculin,
- qui a toujours fait de l'élément masculin un étranger avec lequel elles ne se sont jamais accordées,
- pour qui le monde est essentiellement féminin.

Et cette relation avec les personnes de leur sexe, est-ce là quelque chose du type d'une projection dans le besoin, dans la nécessité de rester elles-mêmes, de rester en couple, bref de quelque chose que nous sentons apparenté à cette fixation homosexuelle au sens le plus large du terme, en tant qu'il est la base de ce que nous a dit FREUD,

des relations sociales qui, dans un monde féminin isolé où vivent ces deux femmes, ont fait qu'elles se trouvent, non pas tant dans la posture de recevoir leurs propres rapports de l'Autre, que de le dire à l'autre elles-mêmes.

L'injure est-elle le mode de défense qui revient en quelque sorte par réflexion dans cette relation dont nous voyons combien il est compréhensible qu'elle s'étende à partir du moment où elle s'est établie à tous les autres, quels qu'ils soient, en tant que tels ? Ceci bien entendu est concevable, et déjà laisse entendre que c'est bien de, non pas le message reçu sous une forme inversée, mais du propre message du sujet qu'il s'agit.

Devons-nous là nous arrêter ? Non certes, il ne suffit pas, car ceci peut en effet nous faire comprendre qu'elles se sentent entourées de sentiments hostiles, la question n'est pas là, la question est la suivante : « *truie* » a été entendu réellement, dans le réel, le personnage en question a dit : « *truie* ». C'est la réalité qui parle. *Qui est-ce qui parle ?*

C'est bien le cas où nous saisissons que c'est dans ce terme que se pose la question. Puisqu'il y a hallucination, c'est la réalité qui parle, ça fait partie des prémisses, nous avons posé la réalité comme ce qui est constitué par une sensation, une perception. Il n'y a pas là-dessus d'ambiguïté, elle ne dit pas :

« *J'ai eu le sentiment qu'il me répondait : « truie ! » ».*

elle dit :

« *J'ai dit « je viens de chez le charcutier » et il m'a dit « truie ! » ».*

Ou bien nous nous contentons de nous dire : « *Voilà, elle est hallucinée, d'accord...* », ou nous essayons... ce qui peut paraître une entreprise insensée, mais n'est-ce pas le rôle des psychanalystes, jusqu'à présent de s'être livrés à des entreprises insensées ?

...nous essayons d'aller un petit peu plus loin, de voir ce que ceci veut dire. Est-ce que d'abord *la réalité*, dans la façon dont nous l'entendons, *la réalité des objets*, presque quelque chose de réel au sens vulgaire du mot, est-ce que c'est cela ?

D'abord, *qui parle ?* Est-ce que, avant de nous demander « *qui parle ?* », nous ne pouvons pas nous demander qui d'habitude parle dans la réalité pour nous ? Est-ce justement *la réalité* quand quelqu'un nous parle ? Je crois que l'intérêt des remarques que je vous ai faites la dernière fois sur *l'autre* et *l'Autre*...

l'autre avec un petit a et *l'Autre* avec un grand A

...c'est de vous faire remarquer que si c'est l'Autre qui parle - avec un grand A - l'Autre n'est pas purement et simplement la réalité devant laquelle vous êtes, à savoir l'individu qui articule [le petit autre] :

l'Autre est au-delà de cette réalité puisque dans la vraie parole, *l'Autre c'est ce devant quoi vous vous faites reconnaître*,

parce que cette parole, mais vous ne pouvez strictement vous en faire reconnaître que parce qu'il est d'abord reconnu, *il doit être reconnu pour que vous puissiez vous faire reconnaître*.

Cette *réciprocité*, cette dimension supplémentaire qui est nécessaire pour que ce soit un Autre avec qui *la parole*,

dont je vous ai donné des exemples typiques, avec qui *la parole donnait le « Tu es mon maître. », ou « Tu es ma femme. »*.

Comme d'autre part la parole mensongère, qui en est, tout en étant le contraire, l'équivalent, suppose précisément

ce quelque chose qui est reconnu comme un *Autre absolu* :

- *quelque chose qui est visé au-delà de tout ce que vous pourrez connaître*,
- *quelque chose pour qui la reconnaissance n'a justement à valoir que parce qu'il est au-delà du connu*, que parce que c'est *en le reconnaissant et dans la reconnaissance* que vous l'instituez, non pas comme un élément pur et simple de la réalité, un pion, une marionnette, mais *quelque chose qui est irréductible*,
- *quelque chose* de l'existence duquel comme sujet dépend la valeur même de la parole dans laquelle vous vous faites reconnaître,
- *quelque chose qui naît, que ce soit en disant à quelqu'un « Tu es ma femme » vous lui disiez implicitement « Je suis ton homme », mais vous lui dites d'abord « Tu es ma femme. », c'est-à-dire que vous l'instituez dans la position d'être par vous reconnue, moyennant quoi elle pourra vous reconnaître*.

Cette *parole* est donc toujours *un au-delà du langage*, même à travers le discours, et les choses sont tellement vraies

qu'à partir d'un tel engagement, comme d'ailleurs à partir de n'importe quelle autre *parole*, fut-ce un mensonge, tout le discours qui va suivre, et là j'entends discours y compris des actes, des démarches, un acte de contorsion, qui dès lors prendront en effet la marionnette, mais la première de celles qui seront prises dans le jeu c'est vous-même, et à partir d'une *parole*.

C'est *à partir d'une parole* que s'institue ce jeu en tout comparable à ce qui se passe dans « *Alice au Pays des Merveilles* », quand serviteurs et autres personnages de la Cour de la Reine se mettent à jouer aux cartes en s'habillant

de ces cartes, et en devenant eux-mêmes le « *Roi de cœur* », la « *Dame de pique* » et le « *Valet de carreau* ».

Vous êtes engagés à partir d'une *parole*

- non pas simplement à *la soutenir* ou à *la renier*, ou *la récuser*, ou à *la réfuter*, ou à *la confirmer* par votre discours,
- mais la plupart du temps à faire toutes sortes de choses qui soient *dans la règle du jeu*, et quand bien même la Reine changerait à tout moment la règle, que ça ne changerait en rien la question, c'est à savoir qu'une fois introduit dans le jeu des symboles [Cf. aussi *La lettre volée*, les α , β , γ , δ], vous êtes tout de même toujours forcés de vous comporter selon une certaine règle.

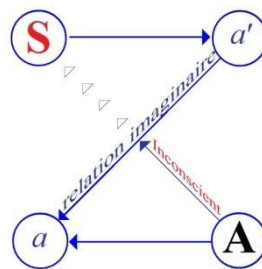
En d'autres termes, *chacun sait que quand une marionnette parle, ce n'est pas elle qui parle, c'est quelqu'un qui parle derrière*.

La question est de savoir quelle est la fonction du personnage rencontré en cette occasion, et ce que nous pouvons dire pour le sujet, c'est qu'il est, lui, manifestement quelque chose de *réel* qui parle, et c'est cela qui est intéressant,

elle ne dit pas que c'est *quelqu'un derrière elle qui parle*, elle en reçoit sa propre parole, non pas inversée, mais sa propre parole dans *l'autre* qui est elle-même, son reflet dans le miroir, son semblable, sans même discuter la question.

« *Truie !* » est donnée du *tac au tac*, et on ne sait pas quel est le premier *tac* avec le « *Je viens de chez le charcutier* ».

La parole s'exprime dans le réel, elle s'exprime dans la marionnette, l'Autre dont il s'agit dans cette situation n'est pas au-delà du partenaire, il est au-delà du sujet lui-même, et c'est cela qui est le signe, la structure de l'allusion, elle s'indique elle-même dans un au-delà de ce qu'elle dit.



En d'autres termes, si nous plaçons dans un schéma *le jeu des quatre* qu'implique ce que je vous ai dit la dernière fois :

- le S,
- le A,
- le petit a,
- le petit a'.

le petit *a* c'est le monsieur qu'elle rencontre dans le couloir. Il n'y a pas de grand *A*, il y a *quelque chose* qui va de *a* à *a'*, *a'* c'est ce qui dit « *Je viens de chez le charcutier* », et de qui dit-on « *Je viens de chez le charcutier* » ? : de *S*.

Petit *a*, lui, dit « *Truie !* ».

a' la personne qui nous parle et qui a parlé en tant que délirante, *reçoit* sans aucun doute *son propre message de quelque part sous une forme inversée*, elle le reçoit du petit *autre*, et ce qu'elle dit concerne *l'au-delà qu'elle est elle-même en tant que sujet*,

et dont par définition, simplement parce qu'elle est sujet humain, elle ne peut parler que par allusion.

Il n'y a qu'un seul moyen de parler de ce *S*, de ce *sujet* que nous sommes radicalement, c'est :

- soit de s'adresser vraiment à l'*Autre* grand *A* et d'en recevoir le message qui vous concerne *sous une forme inversée*,
- soit - autre moyen - d'indiquer sa direction, son existence, sous la forme de l'allusion.

C'est en cela qu'elle est proprement une paranoïaque. Le cycle pour elle comporte une exclusion de ce *grand Autre*,

le circuit se ferme sur les *deux petits autres* qui sont :

- la marionnette en face d'elle qui parle, et dans laquelle résonne son message à elle,
- et elle-même qui, comme *moi*, est toujours un autre et qui parle par allusion.

C'est même cela qui est important, elle en parle tellement bien par allusion qu'elle ne sait pas ce qu'elle en dit, car en fin de compte, si nous regardons les choses de près, que dit-elle ? Elle dit : « *Je viens de chez le charcutier* ».

Qui vient de chez le charcutier ? Un cochon découpé : elle ne sait pas qu'elle le dit, mais le dit quand même.

Cet *autre* à qui elle parle, elle lui dit d'elle-même :

- « *moi la truie, je viens de chez le charcutier* ». « *Je suis déjà disjointe, corps morcelé, « membra dispecta* », *délirante, de sorte que mon monde s'en va en morceaux, comme moi-même.* »

C'est cela qu'elle lui dit. Et en effet cette façon déjà de s'exprimer si compréhensible qu'elle nous paraisse - quand même, le moins qu'on puisse dire - est un tout petit peu drôle.

Vous croyez que c'est tout ce qu'on peut en tirer ? Non ! Il a encore autre chose.

Il y a quelque chose dans l'ordre d'une certaine temporalité, d'une certaine succession des temps.

Il est *tout à fait clair* dans les propos de la patiente, qu'on ne sait pas qui a parlé le premier.

Selon toute apparence ce n'est pas notre patiente, ou tout au moins ça ne l'est pas forcément, en tout cas nous n'en saurons jamais rien, nous n'allons pas chronométrer « *les paroles déréelles* » avec une articulation... Mais je vous fais remarquer que si *le développement* que je viens de faire *est correct*, si *la parole* du sujet *est bel et bien dans l'ordre*, le moins que nous puissions dire, c'est que la locution - à savoir le « *Je viens de chez le charcutier* » - présuppose la réponse : « *Truie !* », justement parce que la réponse est l'allocution - avec l'apostrophe - c'est-à-dire ce que vraiment la patiente dit.

J'ai fait remarquer qu'il y a quelque chose de tout à fait différent de ce qui se passe dans *la parole vraie*, dans le « *tu es ma femme* » ou le « *tu es mon maître* », où tout au contraire la locution est la réponse. Ce qui répond à la parole c'est en effet cette consécration de l'autre comme « *ma femme* », ou comme « *mon maître* », et donc ici la réponse, contrairement à l'autre cas, présuppose la locution. Voilà donc la situation dans le cas du sujet et de la parole délirante : *l'Autre* est exclu véritablement, il n'y a pas de *vérité* derrière cette parole délirante en tant que telle, et reçue de lui.

Aussi bien d'ailleurs il y en a si peu que le sujet lui-même n'y met aucune vérité : il est, vis-à-vis de ce phénomène, dans la perplexité du phénomène brut en fin de compte, et il faut longtemps pour qu'il essaie autour de cela de reconstituer un ordre que nous appellerons « *l'ordre délirant* ». Il le restitue, non pas comme on le croit : par déduction et construction, mais d'une façon dont nous verrons ultérieurement qu'elle ne doit pas être sans rapport avec le phénomène primitif lui-même.

L'Autre donc est exclu véritablement, et ce qui concerne le sujet est *dit par l'autre réellement*, mais par *quel autre* ?

Par *le petit autre*, par une *ombre d'autre*, comme s'exprimera le sujet, notre SCHREBER, par exemple quand il nous dira que tous ces partenaires depuis quelque temps, tous les êtres humains qu'il rencontre sont des bonshommes

« *foutus à la six-quatre-deux* ». Marquons bien aussi cette espèce de caractère irréel, tendant à l'irréel, que ce « *petit autre des ombres* » donne, mais ce n'est pas tout de même dans le texte.

Donc des hommes « *bâclés à la six-quatre-deux* », je ne suis pas encore capable de vous donner une traduction valable complètement, il y a des résonances en allemand que j'ai essayé de vous donner dans le « *foutus* ».

Mais alors nous allons peut-être nous apercevoir ici de quelque chose : c'est qu'après nous être intéressés à *la parole*, nous allons maintenant nous intéresser au *langage*. Il apparaît clairement que la répartition triple du *symbolique*, de *l'imaginaire* et du *réel* s'applique justement au *langage*, car le soin qu'il prend d'éliminer l'articulation motrice de son analyse du langage, montre bien qu'il en distingue l'autonomie, et que *le langage réel* c'est le discours concret, parce que le langage *ça parle*.

Et c'est sûrement dans *une relation* qui est « *de l'autre* », celle du *symbolique* et de *l'imaginaire*, que se trouve la distinction des deux autres termes dans lesquels il articule la structure du langage, c'est-à-dire le signifiant... Il faut entendre *le matériel signifiant* tel qu'il est. Et je vous dis au passage que si vous n'y voyez pas bel et bien *le matériel signifiant* comme quelque chose dont je vous dis toujours ce que c'est, c'est-à-dire *le matériel signifiant* est là sur la table, dans ces livres, il est là, vous n'y pouvez rien et vous n'y pouvez rien comprendre, et

les langues artificielles sont toujours faites en essayant de se relier sur la signification. Comme je le disais récemment à quelqu'un qui me rappelait les formes de déduction qui règlent l'espéranto : quand on connaît « bœuf », on peut déduire « vache » « génisse », « veau » et tout ce qu'on voudra. Et je lui répondais « Demandez donc comment on dit « mort aux vaches ! » en espéranto, ça doit se déduire de « vive le roi ! ». » Et ceci seul suffit à réfuter l'existence des langues artificielles qui ont pour propriété de morceler la signification, c'est pour cela qu'elles sont stupides et généralement inutilisées.

Donc il y a le signifiant, *le symbolique*, c'est le matériel. Et puis il y a la signification, laquelle renvoie toujours à la signification, et bien entendu le signifiant peut être pris là-dedans à partir du moment où vous lui donnez une signification, que vous créez un autre signifiant en tant que signifiant quelque chose dans cette fonction de signification. C'est pour cela qu'on peut parler du langage, mais la partition signifiant-signifié se reproduira toujours.

Que la signification d'autre part soit de la nature de l'imaginaire, ce n'est pas douteux, car en fin de compte elle est,

comme l'imaginaire, toujours évanescence. Elle est strictement liée, comme on dit, à ce qui vous intéresse, c'est-à-dire

à ce en quoi vous êtes pris, et que vous sauriez que la faim et que l'amour c'est la même chose, vous seriez comme tous les animaux véritablement motivés, mais ce qui, grâce à l'existence du signifiant, vous entraîne beaucoup plus loin, c'est toujours votre petite signification personnelle, à la fois d'une généralité absolument désespérante, humaine trop humaine, qui vous entraîne.

Seulement comme il y a ce sacré système du signifiant, dont vous n'avez pas encore pu comprendre :

- ni comment il est là,
- ni comment il existe,
- ni à quoi il sert,
- ni à quoi il vous mène : c'est par lui que vous êtes amenés.

Que se passe-t-il ? Nous avons plusieurs remarques à faire dans cette distinction essentielle.

D'abord il y a une modification qui se produit dans le signifiant : le signifiant présente des espèces de phénomènes

du type de précipitation, alourdissement subit de certains de ses éléments, qui justement donnent le poids, la force d'inertie, qui « prennent » de façon surprenante dans le système des structures, dans l'ensemble synchronique de la langue en tant que donnée. Quoi qu'il fasse quand il parle, le sujet a à sa disposition l'ensemble du matériel de la langue, et c'est à partir de là que se forme le discours concret.

Il y a d'abord un ensemble synchronique qui est « la langue », en tant que système simultané des groupes d'opposition structurés

qui la constituent. Et puis il y a ce qui se passe diachroniquement, dans le temps, qui est le discours. On ne peut pas

ne pas mettre le discours dans un certain sens du temps et dans un sens qui est défini d'une façon linéaire, nous dit M. De SAUSSURE.

Je lui laisse la responsabilité de cette affirmation, non pas que je la crois fausse, car c'est fondamentalement vrai, il n'y a pas

de discours sans un certain ordre temporel et par conséquent sans une certaine succession concrète, même si elle est virtuelle.

Il est bien certain que si je lis cette page en commençant par le bas et en remontant à l'envers, ça ne fera pas la même chose que si je lis dans le bon sens.

Et dans certains cas ça peut engendrer une très grave confusion : « je suis le fils de mon père », et dire en même temps

« mon père est mon fils » ça n'a pas le même sens. Il suffit de renverser la phrase. Ce n'est pas tout à fait exact que ce soit une simple ligne, nous dirions que c'est plus probablement une « portée », mais il y a des lignes.

Diachroniquement donc... C'est dans ce diachronisme que s'installe le discours : ce signifiant comme existant synchroniquement, le voilà déjà suffisamment caractérisé dans le parler délirant par quelque chose qu'il faut noter :

à savoir que certains de ces éléments s'isolent, prennent une valeur, se chargent de signification, mais une signification tout court, qui caractérise avant tout le sens, le poids particulier que prend le mot.

Comme par exemple « *Nervenanhang* », *adjonction de nerfs*, dans ce cas ce mot est lui-même un mot de la *langue fondamentale*, c'est-à-dire que le sujet SCHREBER distingue parfaitement les mots qui lui sont venus d'une façon inspirée précisément par la voie des *Nervenanhang*, et qui sont des mots qui lui sont venus et qui lui ont été répétés dans leur signification élective qu'il ne comprend pas toujours bien : « *assassinat d'âme* » par exemple est pour lui problématique, mais il sait que ça a un sens particulier.

Et en quelque sorte le livre en est fleuri, parsemé, mais il en parle dans un discours qui est bien *le nôtre*. C'est-à-dire que son livre est remarquablement écrit, clair, aisé et est quelque chose d'aussi cohérent que bien des systèmes philosophiques, par rapport à ce qui se passe de notre temps où nous voyons perpétuellement tout d'un coup un monsieur se *piquer*, au détour d'un chemin, d'une *tarentule*⁸ qui lui fait apercevoir le *Bovarysme* et aussi bien la durée comme étant tout d'un coup la clé du monde, et qui se met à reconstruire le monde entier autour d'une notion alors qu'on ne sait pas pourquoi c'est celle-là qu'il a choisie et qu'il a été ramasser.

Je ne vois pas que le système de SCHREBER soit d'une moindre valeur que celle de ces philosophes dont je viens de vous profiler le thème général, je dirai même que, comme vous le verrez certainement, il y a quelquefois plus à apprendre dans le texte de SCHREBER, car il va extrêmement loin et ce qui en fin de compte apparaît dans FREUD au moment où il termine son développement, c'est au fond que ce type a écrit des choses tout à fait épatantes :
« *cela ressemble à ce que j'ai écrit* » dit FREUD.

Ce livre, qui est écrit dans un discours qui est le discours commun, nous signale les mots qui ont pris ce poids dont on peut dire que déjà il dissocie, il rompt l'ensemble du système signifiant comme tel. Nous appellerons cela « *érotisation* », et nous éviterons les explications trop simples.

Il s'agit d'analyser ce qui se passe : le signifiant est chargé de quelque chose et le sujet s'en aperçoit très bien, il y a même un moment où SCHREBER emploie, pour définir les diverses forces articulées du monde auquel il a affaire, le terme « *instance* ». Lui aussi a ses petites instances et il dit cela :

« *« Instance » c'est de moi, ce ne sont pas les autres qui me l'ont dit, c'est mon discours ordinaire.* »

La parole la voilà au niveau du signifiant. Ce qui se passe au niveau de la signification, vous êtes justement en train de voir aussi ce qui se passe incontestablement et qui se situe au niveau du rêve comme une injure et c'est toujours une rupture du système du langage, le mot d'amour aussi.

De toute façon, que « *Truie !* » soit chargé de sens obscur - ce qui est probable - ou qu'il ne le soit pas, nous avons déjà l'indication de cette dissociation. La signification comme toute signification qui se respecte, renvoie à une autre signification, c'est même cela qui caractérise dans le cas du sujet, l'allusion : elle a dit « *Je viens de chez le charcutier.* », elle nous indique que ça renvoie à une autre signification, naturellement ça oblique un peu, c'est-à-dire qu'elle préfère que ce soit moi qui comprenne...
méfiez-vous toujours des gens qui vous diront « *vous comprenez* »,
c'est toujours pour vous envoyer ailleurs que là où il s'agit d'aller
...là aussi elle le fait, elle m'indique : « *vous comprenez bien* ».

Ça veut dire qu'elle-même n'en est pas très sûre, et que sa signification renvoie, non pas tellement à un système de signification qui soit continu, accordable, mais à la signification en tant qu'*ineffable*, à la signification de *sa réalité à elle*, foncière, et comme je vous l'ai dit à son morcelage personnel.

⁸ Référence à Nietzsche et au [discours de Zarathoustra sur les tarentules](#) du mensonge social.

Et puis il y a le *réel* bel et bien de l'articulation, et c'est cela « *la muscade* » en tant qu'elle est passée dans *l'autre*.

Ce qu'il est important de voir c'est en quoi *la parole réelle*, j'entends la parole en tant qu'articulée, apparaît en un autre point du champ et en un point qui n'est pas n'importe lequel, qui est *l'autre*, *la marionnette* en tant qu'élément du monde extérieur.

Je crois que je vais vous laisser là aujourd'hui, je pensais pousser plus loin ce discours, et je ne dis pas qu'il fasse ainsi un système clos, mais je ne veux pas vous renvoyer trop tard.

Cette analyse de structure a une fin : c'est de vous montrer, de vous amorcer ce dans quoi j'entrerai la prochaine fois.

C'est à savoir que la parole en tant qu'elle est le médium du sujet, du grand S, qui est toujours ce qui est pour nous

le problème et dont l'analyse nous avertit qu'elle n'est pas « *ce qu'un vain peuple pense* ».

- C'est-à-dire qu'il y a *la personne réelle* [réel] qui est devant vous en tant qu'elle tient de la place, en tant qu'à la rigueur vous pouvez en mettre dix dans votre bureau et que vous ne pouvez pas en mettre 150, il y a cela dans la présence d'un être humain : ça tient de la place.
- Et puis *il y a ce que vous voyez* [imaginaire] *qui n'est pas n'importe quoi*, qui est quelque chose qui manifestement vous captive et qui est capable de vous faire tout d'un coup vous faire vous jeter à son cou
– acte inconsidéré qui est de l'ordre de l'*imaginaire*.
- Et puis *il y a autre chose* : *l'Autre* [symbolique] dont nous parlions qui est aussi bien le sujet, qui n'est pas ce que vous croyez, ce n'est pas le reflet de ce que vous voyez en face de vous, ce n'est pas purement et simplement ce qui se produit en tant que vous vous voyez vous voir.

Si ce n'est pas vrai, cela veut dire que FREUD n'a jamais rien dit de vrai, car l'inconscient veut dire cela.

Il s'agit avec cette *parole*, de voir ce qui se passe dans ce rapport du grand S au grand A, ce dont il s'agit pour nous c'est de voir où dans tout cela se situe la réalité, mais pour le savoir il faut que nous parlions de ce qui est le matériel : il y a le sujet et puis il y a le *a*, *l'autre de l'altérité*. *Dans cette altérité il y a plusieurs altérités possibles*.

Nous allons voir comment va se manifester cette *altérité* dans un délire complet comme celui de SCHREBER. Je vous indique déjà que là, l'Autre de l'altérité en tant que correspondant à cet S, c'est-à-dire à ce grand Autre, est quelque part. Il y a dans cette altérité des autres qui sont des sujets, mais qui ne sont pas connus de nous.

Et dans cette altérité

- il y a d'abord *la base, l'ordre du monde*, le jour et la nuit, le soleil et la lune, *les choses qui reviennent toujours* à la même place [réel], ce que SCHREBER appelle l'ordre naturel du monde, on ne peut pas marcher sans cela.
- Il y a une altérité qui est de la nature du *symbolique*, c'est l'Autre auquel on s'adresse *au-delà de ce qu'on voit*.
- Et puis dans le milieu il y a les objets [imaginaire].

Nous avons les trois dans la parole :

- 1) signifiant [Symbolique],
- 2) signification [Imaginaire],
- 3) et discours réel concret [Réel].

Et puis nous avons au niveau du S quelque chose qui est au niveau de *l'imaginaire*, le *moi* et le *corps morcelé* ou pas, mais plutôt morcelé.

Si vous prenez ce petit tableau général, nous verrons la prochaine fois et nous essaierons de comprendre ce qui se passe chez SCHREBER, le délirant parvenu à l'épanouissement complet, le délirant parfaitement adapté en fin de compte, car c'est cela qui caractérise le cas SCHREBER, il n'a jamais cessé de débloquer à plein tuyau, mais quand même il s'était si bien adapté que le directeur de la maison de santé disait : « *Il est tellement gentil* ».

Nous avons la chance d'avoir là un homme qui nous communique tout le système, et à un moment où il est arrivé à son plein épanouissement.

Avant de nous demander comment il y est entré, avant de faire l'histoire de la « *phase prépsychotique* », avant de nous demander les choses dans le sens du *développement*, nous allons prendre les choses telles qu'elles nous sont données - et il y a bien quelques raisons pour cela - telles qu'elles nous sont données dans l'observation de FREUD - qui n'a jamais eu que le livre, qui n'a jamais vu le patient - nous allons partir comme on le dit toujours - ce qui est la source d'inexplicables confusions - d'une idée de la genèse, nous en arriverons peut-être ensuite à prendre le texte, le premier et le deuxième chapitre du délire de SCHREBER.

Nous allons tâcher, à l'intérieur de cela de voir ce qui se passe, de voir comment l'*affaire* est pleinement développée.

Vous verrez comment se modifient les différents éléments d'un système construit en fonction des coordonnées du langage, ce qui est quand même légitime quand il s'agit de quelque chose qui ne nous est donné que par un livre :

c'est peut-être ce qui nous permettra de reconstituer efficacement la dynamique du cas.

Mais pour commencer, partons de la dialectique.

Sigmund Freud : Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose (1924)^{*)} [\[Retour 07-12\]](#)

Ich habe kürzlich¹⁾ einen der unterscheidenden Züge zwischen Neurose und Psychose dahin bestimmt, daß bei ersterer das Ich in Abhängigkeit von der Realität ein Stück des Es (Trieblebens) unterdrückt, während sich dasselbe Ich bei der Psychose im Dienste des Es von einem Stück der Realität zurückzieht. Für die Neurose wäre also die Übermacht des Realeinflusses, für die Psychose die des Es maßgebend. Der Realitätsverlust wäre für die Psychose von vornherein gegeben; für die Neurose, sollte man meinen, wäre er vermieden. Das stimmt nun aber gar nicht zur Erfahrung, die wir alle machen können, daß jede Neurose das Verhältnis des Kranken zur Realität irgendwie stört, daß sie ihm ein Mittel ist, sich von ihr zurückzuziehen, und in ihren schweren Ausbildungen direkt eine Flucht aus dem realen Leben bedeutet. Dieser Widerspruch erscheint bedenklich, allein er ist leicht zu beseitigen, und seine Aufklärung wird unser Verständnis der Neurose nur gefördert haben.

Der Widerspruch besteht nämlich nur so lange, als wir die Eingangssituation der Neurose ins Auge fassen, in welcher das Ich im Dienst der Realität die Verdrängung einer Triebregung vornimmt. Das ist aber noch nicht die Neurose selbst. Diese besteht vielmehr in den Vorgängen, welche dem geschädigten Anteil des Es eine Entschädigung bringen, also in der Reaktion gegen die Verdrängung und im Mißglücken derselben. Die Lockerung des Verhältnisses zur Realität ist dann die Folge dieses zweiten Schrittes in der Neurosenbildung, und es sollte uns nicht verwundern, wenn die Detailuntersuchung zeigte, daß der Realitätsverlust gerade jenes Stück der Realität betrifft, über dessen Anforderung die Triebverdrängung erfolgte. Die Charakteristik der Neurose als Erfolg einer mißglückten Verdrängung ist nichts Neues. Wir haben es immer so gesagt, und nur infolge des neuen Zusammenhanges war es notwendig, es zu wiederholen.

Das nämliche Bedenken wird übrigens in besonders eindrucksvoller Weise wiederauftreten, wenn es sich um einen Fall von Neurose handelt, dessen Veranlassung (»die traumatische Szene«) bekannt ist und an dem man sehen kann, wie sich die Person von einem solchen Erlebnis abwendet und es der Amnesie überantwortet. Ich will zum Beispiel auf einen vor langen Jahren analysierten Fall zurückgreifen,²⁾ in dem das in ihren Schwager verliebte Mädchen am Totenbett der Schwester durch die Idee erschüttert wird: »Nun ist er frei und kann dich heiraten.« Diese Szene wird sofort vergessen und damit der Regressionsvorgang eingeleitet, der zu den hysterischen Schmerzen führt. Es ist aber gerade hier lehrreich, zu sehen, auf welchem Wege die Neurose den Konflikt zu erledigen versucht. Sie entwertet die reale Veränderung, indem sie den in Betracht kommenden Triebanspruch, also die Liebe zum Schwager, verdrängt. Die psychotische Reaktion wäre gewesen, die Tatsache des Todes der Schwester zu verleugnen.

Man könnte nun erwarten, daß sich bei der Entstehung der Psychose etwas dem Vorgang bei der Neurose Analoges ereignet, natürlich zwischen anderen Instanzen. Also daß auch bei der Psychose zwei Schritte deutlich werden, von denen der erste das Ich diesmal von der Realität losreißt, der zweite aber den Schaden wiedergutmachen will und nun die Beziehung zur Realität auf Kosten des Es wiederherstellt. Wirklich ist auch etwas Analoges an der Psychose zu beobachten; es gibt auch hier zwei Schritte, von denen der zweite den Charakter der Reparation an sich trägt, aber dann weicht die Analogie einer viel weiter gehenden Gleichsinnigkeit der Vorgänge. Der zweite Schritt der Psychose will auch den Realitätsverlust ausgleichen, aber nicht auf Kosten einer Einschränkung des Es wie bei der Neurose auf Kosten der Realbeziehung, sondern auf einem anderen, mehr selbstherrlichen Weg durch Schöpfung einer neuen Realität, welche nicht mehr den nämlichen Anstoß bietet wie die verlassene. Der zweite Schritt wird also bei der Neurose wie bei der Psychose von denselben Tendenzen getragen, er dient in beiden Fällen dem Machtbestreben des Es, das sich von der Realität nicht zwingen läßt. Neurose wie Psychose sind also beide Ausdruck der Rebellion des Es gegen die Außenwelt, seiner Unlust oder, wenn man will, seiner Unfähigkeit, sich der realen Not, der *Anangé*, anzupassen. Neurose und Psychose unterscheiden sich weit mehr voneinander in der ersten, einleitenden Reaktion als in dem auf sie folgenden Reparationsversuch.

Der anfängliche Unterschied kommt dann im Endergebnis in der Art zum Ausdruck, daß bei der Neurose ein Stück der Realität fluchtartig vermieden, bei der Psychose aber umgebaut wird. Oder: Bei der Psychose folgt auf die anfängliche Flucht eine aktive Phase des Umbaues, bei der Neurose auf den anfänglichen Gehorsam ein nachträglicher Fluchtversuch. Oder noch anders ausgedrückt: Die Neurose verleugnet die Realität nicht, sie will nur nichts von ihr wissen; die Psychose verleugnet sie und sucht sie zu ersetzen. Normal oder »gesund« heißen wir ein Verhalten, welches bestimmte Züge beider Reaktionen vereinigt, die Realität so wenig verleugnet wie die Neurose, sich aber dann wie die Psychose um ihre Abänderung bemüht. Dies zweckmäßige, normale Verhalten führt natürlich zu einer äußeren Arbeitsleistung an der Außenwelt und begnügt sich nicht wie bei der Psychose mit der Herstellung innerer Veränderungen; es ist nicht mehr *autoplastisch*, sondern *alloplastisch*.

Die Umarbeitung der Realität geschieht bei der Psychose an den psychischen Niederschlägen der bisherigen Beziehungen zu ihr, also an den Erinnerungsspuren, Vorstellungen und Urteilen, die man bisher von ihr gewonnen hatte und durch welche sie im Seelenleben vertreten war. Aber diese Beziehung war nie eine abgeschlossene, sie wurde fortlaufend durch neue Wahrnehmungen bereichert und abgeändert. Somit stellt sich auch für die Psychose die Aufgabe her, sich solche Wahrnehmungen zu verschaffen, wie sie der neuen Realität entsprechen würden, was in gründlichster Weise auf dem Wege der Halluzination erreicht wird. Wenn die Erinnerungstäuschungen, Wahnbildungen und Halluzinationen bei so vielen Formen und Fällen von Psychose den peinlichsten Charakter zeigen und mit Angstentwicklung verbunden sind, so ist das wohl ein Anzeichen dafür, daß sich der ganze Umbildungsprozeß gegen heftig widerstrebende Kräfte vollzieht. Man darf sich den Vorgang nach dem uns besser bekannten Vorbild der Neurose konstruieren. Hier sehen wir, daß jedesmal mit Angst reagiert wird, sooft der verdrängte Trieb einen Vorstoß macht, und daß das Ergebnis des Konflikts doch nur ein Kompromiß und als Befriedigung unvollkommen ist. Wahrscheinlich drängt sich bei der Psychose das abgewiesene Stück der Realität immer wieder dem Seelenleben auf, wie bei der Neurose der verdrängte Trieb, und darum sind auch die Folgen in beiden Fällen die gleichen. Die Erörterung der verschiedenen Mechanismen, welche bei den Psychosen die Abwendung von der Realität und den Wiederaufbau einer solchen bewerkstelligen sollen, sowie des Ausmaßes von Erfolg, das sie erzielen können, ist eine noch nicht in Angriff genommene Aufgabe der speziellen Psychiatrie.

Es ist also eine weitere Analogie zwischen Neurose und Psychose, daß bei beiden die Aufgabe, die im zweiten Schritt in Angriff genommen wird, teilweise mißlingt, indem sich der verdrängte Trieb keinen vollen Ersatz schaffen kann (Neurose) und die Realitätsvertretung sich nicht in die befriedigenden Formen umgießen läßt. (Wenigstens nicht bei allen Formen der psychischen Erkrankungen.) Aber die Akzente sind in den zwei Fällen anders verteilt. Bei der Psychose ruht der Akzent ganz auf dem ersten Schritt, der an sich krankhaft ist und nur zu Kranksein führen kann, bei der Neurose hingegen auf dem zweiten, dem Mißlingen der Verdrängung, während der erste Schritt gelingen kann und auch im Rahmen der Gesundheit ungezählte Male gelungen ist, wenn auch nicht ganz ohne Kosten zu machen und Anzeichen des erforderlichen psychischen Aufwandes zu hinterlassen. Diese Differenzen und vielleicht noch viele andere sind die Folge der topischen Verschiedenheit in der Ausgangssituation des pathogenen Konflikts, ob das Ich darin seiner Anhänglichkeit an die reale Welt oder seiner Abhängigkeit vom Es nachgegeben hat.

Die Neurose begnügt sich in der Regel damit, das betreffende Stück der Realität zu vermeiden und sich gegen das Zusammentreffen mit ihm zu schützen. Der scharfe Unterschied zwischen Neurose und Psychose wird aber dadurch abgeschwächt, daß es auch bei der Neurose an Versuchen nicht fehlt, die unerwünschte Realität durch eine wunschgerechtere zu ersetzen. Die Möglichkeit hiezu gibt die Existenz einer *Phantasiewelt*, eines Gebietes, das seinerzeit bei der Einsetzung des Realitätsprinzips von der realen Außenwelt abgesondert wurde, seither nach Art einer »Schonung« von den Anforderungen der Lebensnotwendigkeit freigehalten wird und das dem Ich nicht unzugänglich ist, aber ihm nur lose anhängt. Aus dieser Phantasiewelt entnimmt die Neurose das Material für ihre Wunschneubildungen und findet es dort gewöhnlich auf dem Wege der Regression in eine befriedigendere reale Vorzeit. Es ist kaum zweifelhaft, daß die Phantasiewelt bei der Psychose die nämliche Rolle spielt, daß sie auch hier die Vorratskammer darstellt, aus der der Stoff oder die Muster für den Aufbau der neuen Realität geholt werden. Aber die neue, phantastische Außenwelt der Psychose will sich an die Stelle der äußeren Realität setzen, die

der Neurose hingegen lehnt sich wie das Kinderspiel gern an ein Stück der Realität an — ein anderes als das, wogegen sie sich wehren mußte —, verleiht ihm eine besondere Bedeutung und einen geheimen Sinn, den wir nicht immer ganz zutreffend einen *symbolischen* heißen. So kommt für beide, Neurose wie Psychose, nicht nur die Frage des *Realitätsverlustes*, sondern auch die eines *Realitätsersatzes* in Betracht.

^{*)} [Erstveröffentlichung: *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, Bd. 10 (4), 1924, S. 374-9. *Gesammelte Werke*, Bd. 13, S. 363-8.]

¹⁾ »Neurose und Psychose« (1924 b).

²⁾ In den *Studien über Hysterie* (1895).

Sigmund Freud : Neurose und Psychose (1924 [1923])*) [\[Retour 07-12\]](#)

In meiner kürzlich erschienenen Schrift *Das Ich und das Es* [1923 b] habe ich eine Gliederung des seelischen Apparates angegeben, auf deren Grund sich eine Reihe von Beziehungen in einfacher und übersichtlicher Weise darstellen läßt. In anderen Punkten, zum Beispiel was die Herkunft und Rolle des Über-Ichs betrifft, bleibt genug des Dunkeln und Unerledigten. Man darf nun fordern, daß eine solche Aufstellung sich auch für andere Dinge als brauchbar und förderlich erweise, wäre es auch nur, um bereits Bekanntes in neuer Auffassung zu sehen, es anders zu gruppieren und überzeugender zu beschreiben. Mit solcher Anwendung könnte auch eine vorteilhafte Rückkehr von der grauen Theorie zur ewig grünenden Erfahrung verbunden sein.

Am genannten Orte sind die vielfältigen Abhängigkeiten des Ichs geschildert, seine Mittelstellung zwischen Außenwelt und Es und sein Bestreben, all seinen Herren gleichzeitig zu Willen zu sein. Im Zusammenhange eines von anderer Seite angeregten Gedankenganges, der sich mit der Entstehung und Verhütung der Psychosen beschäftigte, ergab sich mir nun eine einfache Formel, welche die vielleicht wichtigste genetische Differenz zwischen Neurose und Psychose behandelt: *die Neurose sei der Erfolg eines Konflikts zwischen dem Ich und seinem Es, die Psychose aber der analoge Ausgang einer solchen Störung in den Beziehungen zwischen Ich und Außenwelt.*

Es ist sicherlich eine berechtigte Mahnung, daß man gegen so einfache Problemlösungen mißtrauisch sein soll. Auch wird unsere äußerste Erwartung nicht weiter gehen, als daß diese Formel sich im größten als richtig erweise. Aber auch das wäre schon etwas. Man besinnt sich auch sofort an eine ganze Reihe von Einsichten und Funden, welche unseren Satz zu bekräftigen scheinen. Die Übertragungsneurosen entstehen nach dem Ergebnis aller unserer Analysen dadurch, daß das Ich eine im Es mächtige Triebregung nicht aufnehmen und nicht zur motorischen Erledigung befördern will oder ihr das Objekt bestreitet, auf das sie zielt. Das Ich erwehrt sich ihrer dann durch den Mechanismus der Verdrängung; das Verdrängte sträubt sich gegen dieses Schicksal, schafft sich auf Wegen, über die das Ich keine Macht hat, eine Ersatzvertretung, die sich dem Ich auf dem Wege des Kompromisses aufdrängt, das Symptom; das Ich findet seine Einheitlichkeit durch diesen Eindringling bedroht und geschädigt, setzt den Kampf gegen das Symptom fort, wie es sich gegen die ursprüngliche Triebregung gewehrt hatte, und dies alles ergibt das Bild der Neurose. Es ist kein Einwand, daß das Ich, wenn es die Verdrängung vornimmt, im Grunde den Geboten seines Über-Ichs folgt, die wiederum solchen Einflüssen der realen Außenwelt entstammen, welche im Über-Ich ihre Vertretung gefunden haben. Es bleibt doch dabei, daß das Ich sich auf die Seite dieser Mächte geschlagen hat, daß in ihm deren Anforderungen stärker sind als die Triebansprüche des Es und daß das Ich die Macht ist, welche die Verdrängung gegen jenen Anteil des Es ins Werk setzt und durch die Gegenbesetzung des Widerstandes befestigt. Im Dienste des Über-Ichs und der Realität ist das Ich in Konflikt mit dem Es geraten, und dies ist der Sachverhalt bei allen Übertragungsneurosen.

Auf der anderen Seite wird es uns ebenso leicht, aus unserer bisherigen Einsicht in den Mechanismus der Psychosen Beispiele anzuführen, welche auf die Störung des Verhältnisses zwischen Ich und Außenwelt hinweisen. Bei der Amentia Meynerts, der akuten halluzinatorischen Verworrenheit, der vielleicht extremsten und frappantesten Form von Psychose, wird die Außenwelt entweder gar nicht wahrgenommen, oder ihre Wahrnehmung bleibt völlig unwirksam. Normalerweise beherrscht ja die Außenwelt das Ich auf zwei Wegen: erstens durch die immer von neuem möglichen aktuellen Wahrnehmungen, zweitens durch den Erinnerungsschatz früherer Wahrnehmungen, die als »Innenwelt« einen Besitz und Bestandteil des Ichs bilden. In der Amentia wird nun nicht nur die Annahme neuer Wahrnehmungen verweigert, es wird auch der Innenwelt, welche die Außenwelt als ihr Abbild bisher vertrat, die Bedeutung (Besetzung) entzogen; das Ich schafft sich selbstherrlich eine neue Außen- und Innenwelt, und es ist kein Zweifel an zwei Tatsachen, daß diese neue Welt im Sinne der Wunschregungen des Es aufgebaut ist und daß eine schwere, unerträglich erscheinende Wunschversagung der Realität das Motiv dieses Zerfalles mit der Außenwelt ist. Die innere Verwandtschaft dieser Psychose mit dem normalen Traum ist nicht zu verkennen. Die Bedingung des Träumens ist aber der Schlafzustand, zu dessen Charakteren die volle Abwendung von Wahrnehmung und Außenwelt gehört.

Von anderen Formen von Psychose, den Schizophrenien, weiß man, daß sie zum Ausgang in affektiven Stumpfsinn, das heißt zum Verlust alles Anteiles an der Außenwelt tendieren. Über die Genese der Wahnbildungen haben uns einige Analysen gelehrt, daß der Wahn wie ein aufgesetzter Fleck dort gefunden wird, wo ursprünglich ein Einriß in der Beziehung des Ichs zur Außenwelt entstanden war. Wenn die Bedingung des Konflikts mit der Außenwelt nicht noch weit auffälliger ist, als wir sie jetzt erkennen, so hat dies seinen Grund in der Tatsache, daß im Krankheitsbild der Psychose die Erscheinungen des pathogenen Vorganges oft von denen eines Heilungs- oder Rekonstruktionsversuches überdeckt werden.

Die gemeinsame Ätiologie für den Ausbruch einer Psychoneurose oder Psychose bleibt immer die Versagung, die Nichterfüllung eines jener ewig unbezweifelten Kindheitswünsche, die so tief in unserer phylogenetisch bestimmten Organisation wurzeln. Diese Versagung ist im letzten Grunde immer eine äußere; im einzelnen Fall kann sie von jener inneren Instanz (im Über-Ich) ausgehen, welche die Vertretung der Realitätsforderung übernommen hat. Der pathogene Effekt hängt nun davon ab, ob das Ich in solcher Konfliktspannung seiner Abhängigkeit von der Außenwelt treu bleibt und das Es zu knebeln versucht oder ob es sich vom Es überwältigen und damit von der Realität losreißen läßt. Eine Komplikation wird in diese anscheinend einfache Lage aber durch die Existenz des Über-Ichs eingetragen, welches in noch nicht durchschauter Verknüpfung Einflüsse aus dem Es wie aus der Außenwelt in sich vereinigt, gewissermaßen ein Idealvorbild für das ist, worauf alles Streben des Ichs abzielt, die Versöhnung seiner mehrfachen Abhängigkeiten. Das Verhalten des Über-Ichs wäre, was bisher nicht geschehen ist, bei allen Formen psychischer Erkrankung in Betracht zu ziehen. Wir können aber vorläufig postulieren, es muß auch Affektionen geben, denen ein Konflikt zwischen Ich und Über-Ich zugrunde liegt. Die Analyse gibt uns ein Recht anzunehmen, daß die Melancholie ein Muster dieser Gruppe ist, und dann würden wir für solche Störungen den Namen »narzißtische Psychoneurosen« in Anspruch nehmen. Es stimmt ja nicht übel zu unseren Eindrücken, wenn wir Motive finden, Zustände wie die Melancholie von den anderen Psychosen zu sondern. Dann merken wir aber, daß wir unsere einfache genetische Formel vervollständigen konnten, ohne sie fallenzulassen. Die Übertragungsneurose entspricht dem Konflikt zwischen Ich und Es, die narzißtische Neurose dem zwischen Ich und Über-Ich, die Psychose dem zwischen Ich und Außenwelt. Wir wissen freilich zunächst nicht zu sagen, ob wir wirklich neue Einsichten gewonnen oder nur unseren Formelschatz bereichert haben, aber ich meine, diese Anwendungsmöglichkeit muß uns doch Mut machen, die vorgeschlagene Gliederung des seelischen Apparates in Ich, Über-Ich und Es weiter im Auge zu behalten.

Die Behauptung, daß Neurosen und Psychosen durch die Konflikte des Ichs mit seinen verschiedenen herrschenden Instanzen entstehen, also einem Fehlschlagen in der Funktion des Ichs entsprechen, das doch das Bemühen zeigt, all die verschiedenen Ansprüche miteinander zu versöhnen, fordert eine andere Erörterung zu ihrer Ergänzung heraus. Man möchte wissen, unter welchen Umständen und durch welche Mittel es dem Ich gelingt, aus solchen gewiß immer vorhandenen Konflikten ohne Erkrankung zu entkommen. Dies ist nun ein neues Forschungsgebiet, auf dem sich gewiß die verschiedensten Faktoren zur Berücksichtigung einfinden werden. Zwei Momente lassen sich aber sofort herausheben. Der Ausgang aller solchen Situationen wird unzweifelhaft von ökonomischen Verhältnissen, von den relativen Größen der miteinander ringenden Strebungen abhängen. Und ferner: es wird dem Ich möglich sein, den Bruch nach irgendeiner Seite dadurch zu vermeiden, daß es sich selbst deformiert, sich Einbußen an seiner Einheitlichkeit gefallen läßt, eventuell sogar sich zerklüftet oder zerteilt.

Damit rückten die Inkonssequenzen, Verschrobenheiten und Narrheiten der Menschen in ein ähnliches Licht wie ihre sexuellen Perversionen, durch deren Annahme sie sich ja Verdrängungen ersparen.

Zum Schlusse ist der Frage zu gedenken, welches der einer Verdrängung analoge Mechanismus sein mag, durch den das Ich sich von der Außenwelt ablöst. Ich meine, dies ist ohne neue Untersuchungen nicht zu beantworten, aber er müßte, wie die Verdrängung, eine Abziehung der vom Ich ausgeschickten Besetzung zum Inhalt haben.

⁹⁾ [Erstveröffentlichung: *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, Bd. 10 (1), 1924, S. 1–5. — *Gesammelte Werke*, Bd. 13, S. 387–91.]

Sigmund Freud : Die Verneinung (1925)⁹⁾ [\[Retour 07-12\]](#)

Die Art, wie unsere Patienten ihre Einfälle während der analytischen Arbeit vorbringen, gibt uns Anlaß zu einigen interessanten Beobachtungen. »Sie werden jetzt denken, ich will etwas Beleidigendes sagen, aber ich habe wirklich nicht diese Absicht.« Wir verstehen, das ist die Abweisung eines eben auftauchenden Einfalles durch Projektion. Oder: »Sie fragen, wer diese Person im Traum sein kann. Die Mutter ist es *nicht*.« Wir berichtigen: »Also ist es die Mutter.« Wir nehmen uns die Freiheit, bei der Deutung von der Verneinung abzusehen und den reinen Inhalt des Einfalles herauszugreifen. Es ist so, als ob der Patient gesagt hätte: »Mir ist zwar die Mutter zu dieser Person eingefallen, aber ich habe keine Lust, diesen Einfall gelten zu lassen.«

Gelegentlich kann man sich eine gesuchte Aufklärung über das unbewußte Verdrängte auf eine sehr bequeme Weise verschaffen. Man fragt: »Was halten Sie wohl für das Allerunwahrscheinlichste in jener Situation? Was, meinen Sie, ist Ihnen damals am fernsten gelegen?« Geht der Patient in die Falle und nennt das, woran er am wenigsten glauben kann, so hat er damit fast immer das Richtige zugestanden. Ein hübsches Gegenstück zu diesem Versuch stellt sich oft beim Zwangsneurotiker her, der bereits in das Verständnis seiner Symptome eingeführt worden ist. »Ich habe eine neue Zwangsvorstellung bekommen. Mir ist sofort dazu eingefallen, sie könnte dies Bestimmte bedeuten. Aber nein, das kann ja nicht wahr sein, sonst hätte es mir nicht einfallen können.« Was er mit dieser der Kur abgelauteten Begründung verwirft, ist natürlich der richtige Sinn der neuen Zwangsvorstellung.

Ein verdrängter Vorstellungs- oder Gedankeninhalt kann also zum Bewußtsein durchdringen, unter der Bedingung, daß er sich *verneinen* läßt. Die Verneinung ist eine Art, das Verdrängte zur Kenntnis zu nehmen, eigentlich schon eine Aufhebung der Verdrängung, aber freilich keine Annahme des Verdrängten. Man sieht, wie sich hier die intellektuelle Funktion vom affektiven Vorgang scheidet. Mit Hilfe der Verneinung wird nur die eine Folge des Verdrängungsvorganges rückgängig gemacht, daß dessen Vorstellungsinhalt nicht zum Bewußtsein gelangt. Es resultiert daraus eine Art von intellektueller Annahme des Verdrängten bei Fortbestand des Wesentlichen an der Verdrängung.¹⁾ Im Verlauf der analytischen Arbeit schaffen wir oft eine andere, sehr wichtige und ziemlich befremdende Abänderung derselben Situation. Es gelingt uns, auch die Verneinung zu besiegen und die volle intellektuelle Annahme des Verdrängten durchzusetzen — der Verdrängungsvorgang selbst ist damit noch nicht aufgehoben.

Da es die Aufgabe der intellektuellen Urteilsfunktion ist, Gedankeninhalte zu bejahen oder zu verneinen, haben uns die vorstehenden Bemerkungen zum psychologischen Ursprung dieser Funktion geführt. Etwas im Urteil verneinen, heißt im Grunde: »Das ist etwas, was ich am liebsten verdrängen möchte.« Die Verurteilung ist der intellektuelle Ersatz der Verdrängung, ihr »Nein« ein Merkzeichen derselben, ein Ursprungszertifikat etwa wie das »*made in Germany*«. Vermittels des Verneinungssymbols macht sich das Denken von den Einschränkungen der Verdrängung frei und bereichert sich um Inhalte, deren es für seine Leistung nicht entbehren kann.

Die Urteilsfunktion hat im wesentlichen zwei Entscheidungen zu treffen. Sie soll einem Ding eine Eigenschaft zu- oder absprechen, und sie soll einer Vorstellung die Existenz in der Realität zugestehen oder bestreiten. Die Eigenschaft, über die entschieden werden soll, könnte ursprünglich gut oder schlecht, nützlich oder schädlich gewesen sein. In der Sprache der ältesten, oralen Triebregungen ausgedrückt: »Das will ich essen oder will es ausspucken«, und in weitergehender Übertragung: »Das will ich in mich einführen und das aus mir ausschließen.« Also: »Es soll in mir oder außer mir sein.« Das ursprüngliche Lust-Ich will, wie ich an anderer Stelle ausgeführt habe, alles Gute sich introjizieren, alles Schlechte von sich werfen. Das Schlechte, das dem Ich Fremde, das Außenbefindliche, ist ihm zunächst identisch²⁾.

Die andere der Entscheidungen der Urteilsfunktion, die über die reale Existenz eines vorgestellten Dinges, ist ein Interesse des endgültigen Real-Ichs, das sich aus dem anfänglichen Lust-Ich entwickelt. (Realitätsprüfung.) Nun handelt es sich nicht mehr darum, ob etwas Wahrgenommenes (ein Ding) ins Ich aufgenommen werden soll oder nicht, sondern ob etwas im Ich als Vorstellung Vorhandenes auch in der Wahrnehmung (Realität) wiedergefunden werden kann. Es ist, wie man sieht, wieder eine Frage des *Außen und Innen*. Das Nichtreale, bloß Vorgestellte, Subjektive, ist nur innen; das andere, Reale, auch im *Draußen* vorhanden. In dieser Entwicklung ist die Rücksicht auf das Lustprinzip beiseite gesetzt worden. Die Erfahrung hat gelehrt, es ist nicht nur wichtig, ob ein Ding (Befriedigungsobjekt) die »gute« Eigenschaft besitzt, also die Aufnahme ins Ich verdient, sondern auch, ob es in der Außenwelt da ist, so daß man sich seiner nach Bedürfnis bemächtigen kann. Um diesen Fortschritt zu verstehen, muß man sich daran erinnern, daß alle Vorstellungen von Wahrnehmungen stammen, Wiederholungen derselben sind. Ursprünglich ist also schon die Existenz der Vorstellung eine Bürgschaft für die Realität des Vorgestellten. Der Gegensatz zwischen Subjektivem und Objektivem besteht nicht von Anfang an. Er stellt sich erst dadurch her, daß das Denken die Fähigkeit besitzt, etwas einmal Wahrgenommenes durch Reproduktion in der Vorstellung wieder gegenwärtig zu machen, während das Objekt draußen nicht mehr vorhanden zu sein braucht. Der erste und nächste Zweck der Realitätsprüfung ist also nicht, ein dem Vorgestellten entsprechendes Objekt in der realen Wahrnehmung zu finden, sondern es *wiederzufinden*, sich zu überzeugen, daß es noch vorhanden ist. Ein weiterer Beitrag zur Entfremdung zwischen dem Subjektiven und dem Objektiven rührt von einer anderen Fähigkeit des Denkvermögens her. Die Reproduktion der Wahrnehmung in der Vorstellung ist nicht immer deren getreue Wiederholung; sie kann durch Weglassungen modifiziert, durch Verschmelzungen verschiedener Elemente verändert sein. Die Realitätsprüfung hat dann zu kontrollieren, wie weit diese Entstellungen reichen. Man erkennt aber als Bedingung für die Einsetzung der Realitätsprüfung, daß Objekte verlorengegangen sind, die einst reale Befriedigung gebracht hatten.

Das Urteilen ist die intellektuelle Aktion, die über die Wahl der motorischen Aktion entscheidet, dem Denkaufschub ein Ende setzt und vom Denken zum Handeln überleitet. Auch über den Denkaufschub habe ich bereits an anderer Stelle gehandelt. Er ist als eine Probeaktion zu betrachten, ein motorisches Tasten mit geringen Abfuhraufwänden. Besinnen wir uns: Wo hatte das Ich ein solches Tasten vorher geübt, an welcher Stelle die Technik erlernt, die es jetzt bei den Denkvorgängen anwendet? Dies geschah am sensorischen Ende des seelischen Apparats, bei den Sinneswahrnehmungen. Nach unserer Annahme ist ja die Wahrnehmung kein rein passiver Vorgang, sondern das Ich schickt periodisch kleine Besetzungsmengen in das Wahrnehmungssystem, mittels deren es die äußeren Reize verkostet, um sich nach jedem solchen tastenden Vorstoß wieder zurückzuziehen.

Das Studium des Urteils eröffnet uns vielleicht zum erstenmal die Einsicht in die Entstehung einer intellektuellen Funktion aus dem Spiel der primären Triebregungen. Das Urteilen ist die zweckmäßige Fortentwicklung der ursprünglich nach dem Lustprinzip erfolgten Einbeziehung ins Ich oder Ausstoßung aus dem Ich. Seine Polarität scheint der Gegensätzlichkeit der beiden von uns angenommenen Triebgruppen zu entsprechen. Die Bejahung — als Ersatz der Vereinigung — gehört dem Eros an, die Verneinung — Nachfolge der Ausstoßung — dem Destruktionstrieb. Die allgemeine Verneinungslust, der Negativismus mancher Psychotiker ist wahrscheinlich als Anzeichen der Triebentmischung durch Abzug der libidinösen Komponenten zu verstehen. Die Leistung der Urteilsfunktion wird aber erst dadurch

ermöglicht, daß die Schöpfung des Verneinungssymbols dem Denken einen ersten Grad von Unabhängigkeit von den Erfolgen der Verdrängung und somit auch vom Zwang des Lustprinzips gestattet hat. Zu dieser Auffassung der Verneinung stimmt es sehr gut, daß man in der Analyse kein »Nein« aus dem Unbewußten auffindet und daß die Anerkennung des Unbewußten von Seiten des Ichs sich in einer negativen Formel ausdrückt. Kein stärkerer Beweis für die gelungene Aufdeckung des Unbewußten, als wenn der Analysierte mit dem Satze: »Das habe ich nicht gedacht«, oder: »Daran habe ich nicht (nie) gedacht«, darauf reagiert.

⁹⁾ [Erstveröffentlichung: *Imago*, Bd. 11 (3), 1925, S. 217–21. — *Gesammelte Werke*, Bd. 14, S. 11–5.]

¹⁾ Derselbe Vorgang liegt dem bekannten Vorgang des »Berufens« zugrunde. »Wie schön, daß ich meine Migräne so lange nicht gehabt habe!« Das ist aber die erste

Ankündigung des Anfalls, dessen Herannahen man bereits verspürt, aber noch nicht glauben will.

²⁾ Vgl. hierzu die Ausführungen in »Triebe und Triebsschicksale«.

14 Décembre 1955

[Table des séances](#)

L'autre jour nous avons eu un malade grave, cas clinique que je n'ai certainement pas choisi, mais qui était extrêmement intéressant parce qu'il faisait en quelque sorte jouer à ciel ouvert la relation d'inconscient dans sa difficulté d'arriver à passer dans le discours analytique. Il le faisait jouer à ciel ouvert parce qu'en raison de circonstances exceptionnelles, tout ce qui chez un autre sujet comparable eut pu passer dans le mécanisme du refoulement, se trouvait chez lui supporté par *un autre langage*.

Un *langage* de portée assez réduite qu'on appelle *dialecte* - nommément le *dialecte corse* - avait fonctionné pour lui dans des conditions extrêmement particulières, en forçant si on peut dire la fonction de particularisation propre au dialecte, à savoir qu'il avait vécu depuis son enfance à Paris, enfant unique avec un père et une mère, personnages extraordinairement refermés sur leurs lois propres, il avait vécu avec ces deux personnages parentaux, enfermé dans un usage exclusif du *dialecte corse*.

Il s'était passé des choses assez extraordinaires entre ces deux personnages parentaux, à savoir perpétuellement des manifestations ambivalentes de leur extrême attachement et de la crainte de voir pénétrer « *la femme* » que l'on appelle l'objet étranger. Ces querelles se poursuivaient à ciel ouvert, c'est-à-dire le plongeant de la façon la plus directe dans l'intimité conjugale de ses parents, mais tout cela s'était passé dans le *dialecte corse*.

Rien ne se concevait de ce qui se passait à la maison, sinon en *dialecte corse*. Il y avait deux mondes : le monde de l'élite, celui du *dialecte corse*, et puis ce qui se passait en dehors qui était un autre registre. Et la séparation entre les deux était maintenant encore présente dans la vie du sujet, de la façon dont il nous a raconté la différence de ses relations au monde, entre le moment où il était en face d'elle et le moment où il se promenait dans la rue. Qu'en résultait-il ?

C'est là le cas le plus démonstratif. Il en résultait deux choses :

- une chose qui était apparente dans l'interrogatoire, la difficulté que le sujet avait à réévoquer quoi que ce soit dans l'ancien registre, c'est-à-dire purement et simplement à l'exprimer dans le *dialecte* de son enfance, c'était toujours le seul qu'il parlait avec sa mère. Donc il nous l'a exprimé : « *Dans toute la mesure où vous me parlez [français], je ne peux pas le sortir* ». C'était bien à savoir ce que je lui demandais : de s'exprimer dans le *dialecte corse*, de me répéter les propos qu'il avait pu échanger avec son père.
- Mais d'autre part on voyait chez lui une névrose, nous avions les traces d'un comportement qui laissait voir le *mécanisme* qu'on peut dire à proprement parler, *régressif* - terme que j'emploie toujours avec prudence - on voyait comment d'une certaine façon de pratiquer sa génitalité qui était très singulière, c'était sur le plan imaginatif, il venait, là aussi d'une façon très visible, à une sorte d'*activité régressive des fonctions excrémentielles*.

Mais d'autre part, tout ce qui était de l'ordre du contenu habituellement refoulé, c'est-à-dire exprimé par l'intermédiaire des symptômes de la névrose, était là parfaitement présent et je n'avais aucune peine : il s'exprimait d'autant plus facilement que c'était supporté par l'autre langage.

J'ai fait cette comparaison de l'exercice d'une censure sur un journal, non seulement d'un tirage extrêmement limité, mais dans une langue, un dialecte qui ne serait compréhensible qu'à un nombre archi-minime de personnes.

La fonction du langage comme telle, c'est-à-dire l'intervention du discours commun, l'établissement du discours commun, je dirais presque du discours public - chez le sujet, est un facteur important pour la fonction propre du mécanisme de refoulement, qui en soi-même est quelque chose qui relève de l'impossibilité d'accorder *un certain passé de la parole* du sujet, lié à certaines fonctions dont la primaire...

la parole liée au monde propre de ses relations infantiles, comme FREUD l'a souligné, et qui de ce fait ne peuvent passer dans le discours commun

...continue pourtant à fonctionner dans le champ de la reconnaissance, continue à fonctionner comme *parole* dans cette *langue primitive* distincte qui est déjà donnée là au sujet, par distinction de son dialecte corse dans lequel

il pouvait dire les choses les plus extraordinaires, c'est-à-dire à son père : « *Si tu ne t'en vas pas, je vais te foutre dans le mal.* »

Toutes les choses qui auraient été les mêmes choses à dire chez un sujet névrosé ayant dû construire la névrose de façon différente, étaient là, visibles, pourvu qu'il fût dans le registre de son *autre langage* qui était la langue non seulement dialectale, mais inter-familiale.

Qu'est-ce que le refoulement pour le névrosé ? C'est qu'*il fabrique cette autre langue avec ses symptômes*, c'est-à-dire, si c'est un hystérique, un obsessionnel, avec la dialectique imaginaire de lui et de l'autre.

Vous voyez donc que *le symptôme névrotique* dans sa construction *joue le rôle de la langue qui permet d'exprimer le refoulement*, c'est bien ce qui nous fait toucher du doigt que *le refoulement et le retour du refoulé sont une seule et même chose*, l'endroit et l'envers d'un seul et même processus.

Ceci n'est pas complètement étranger à *notre problème*, puisque vous le savez du point où nous étions parvenus, quelle va être notre méthode à propos du Président SCHREBER : c'est bien de voir dans un discours qui n'est pas sans participer du discours commun, puisque comme vous allez le voir aujourd'hui, c'est dans le discours commun qu'il s'exprime pour nous expliquer ce qui lui est arrivé, et ce qui dure encore, d'un mode de relation au monde que nous considérons comme réel.

Et comprenez bien qu'il s'agit de voir l'analyse dans son discours même, en tant qu'il témoigne de transformations qui sont sans aucun doute de la réalité, comme nous disons, d'une réalité qui non seulement en lui témoigne, mais c'est à travers son témoignage et dans la structure réelle - ce témoignage donnant bien entendu des modifications de la structure - une attestation où le verbal est dominant, puisque c'est par l'intermédiaire de ce témoignage écrit du sujet, que nous en avons la preuve.

C'est à partir du moment où nous connaissons *l'importance*, dans la structuration des *symptômes psychonévrotiques de la parole*, que nous avançons en procédant méthodiquement :

- nous ne disons pas que *la psychose* a la même étiologie que *la névrose*,
- nous ne disons pas même qu'elle est, comme la névrose, un pur et simple fait de langage, loin de là, mais nous savons que la psychose, dans le mode de ce qu'elle peut exprimer dans le discours, est très féconde.

Nous en avons une preuve dans ce morceau que nous lègue le Président SCHREBER, et que - promue à notre attention, à l'attention quasiment fascinée de FREUD aussi, et sur la base de ces témoignages, par une analyse interne il nous montre *ce monde structuré*.

Nous nous demandons jusqu'où nous pourrions aller dans le discours du sujet, et ce qui nous permettra de définir, d'approcher les mécanismes constitutifs de la psychose. Entendez bien qu'il faudra à tout instant que vous vous mainteniez dans une démarche de *pas à pas méthodique*, que vous ne sautiez pas à tout instant les reliefs, en

voyant d'une façon superficielle l'analogie avec un mécanisme de la névrose. Combien je vous en donnerai des exemples...

Ceci est finalement fait dans la littérature, spécialement sous la plume d'un auteur, KATAN, qui s'est tout spécialement intéressé au cas SCHREBER.

Il y est tenu pour acquis que c'est en quelque sorte dans la lutte contre la masturbation menaçante...
provoquée par les investissements érotiques et homosexuels, qui se seraient manifestés entre
SCHREBER et le personnage qui a formé *le prototype* et en même temps *le noyau*, de son système
persécutif,
à savoir le Professeur FLECHSIG

...que c'est là que serait le point central de la lutte dans laquelle le Président SCHREBER aurait non seulement engagé toutes ses forces, tous ses investissements, mais même aurait été jusqu'à subvertir la réalité, c'est-à-dire après une courte période de *crépuscule du monde*, aurait été jusqu'à reconstruire un monde nouveau irréel dans lequel il n'aurait pas eu à céder à cette masturbation considérée comme tellement menaçante.

Est-ce que chacun ne sent pas que le mécanisme de lutte de cette espèce, si elle s'exerce à un certain point d'articulation *dans les névroses*, est quelque chose dont les résultats seraient là, vraiment tout à fait disproportionnés ?

S'il n'apparaît pas au contraire que quand le Président SCHREBER nous donne le récit fort clair des antécédents, des phases premières de sa psychose quand il nous donne l'attestation que, entre la première poussée psychotique, la phase dite « *pré-psychotique* », non sans un certain fondement, et l'établissement progressif de *la phase psychotique*, au milieu de laquelle, à l'apogée de stabilisation de laquelle, il a écrit son ouvrage, il y a un fantasme qui s'exprime :

« *Ce serait une belle chose...*

dit-il, pensée qui le surprend, dont il souligne le caractère d'indignation
en même temps, avec lequel cette pensée est accueillie.

...« *Ce serait une belle chose que d'être une femme subissant l'accouplement* », « *Il devrait être vraiment beau d'être une femme qui subirait l'accouplement* ».

Est-ce que nous n'avons pas le sentiment qu'il y a là une sorte de conflit moral ? Nous nous trouvons en face de phénomènes qui sont trop oubliés dans la psychanalyse depuis quelques temps, parce qu'on n'emploie plus jamais le terme, alors on ne sait plus non plus classer les choses, c'est un phénomène de l'ordre de ce que FREUD

fait intervenir dans la dynamique du rêve et qui a tellement d'importance dans la *Traumdeutung*, qui s'appelle un phénomène préconscient.

Bien loin de distinguer en cela *un conflit entre l'id et l'ego*, on a beaucoup plus le sentiment qu'il s'agit de quelque chose avec lequel on part au moins de l'*ego*. L'accent qui est mis : « *Il serait beau...* » a bien le caractère de pensée séduisante que l'*ego* est loin de méconnaître.

Dans la *Traumdeutung*, dans un passage que je vous lirai et qui est situé au niveau de la critique des rêves de châtimement, FREUD admet très précisément que puissent intervenir au même niveau où interviennent dans le rêve,

les désirs de l'inconscient : il admet que dans une sorte bien définie, bien limitée, beaucoup plus rare que ces rêves qu'on appelle « rêves de châtimement », nous ayons affaire à un autre mécanisme, d'une façon générale :

« *Le mécanisme de formation devient bien plus transparent lorsqu'on substitue à l'opposition du conscient et de l'inconscient, celle du moi et du refoulé.* »

C'est écrit au moment de la *Traumdeutung*, au moment où la notion du *moi* n'est pas encore dominée, mais vous voyez pourtant qu'elle est déjà présente dans l'esprit de FREUD.

« *Notons ici seulement que les rêves de châtimement ne sont pas nécessairement liés à la persistance de restes pénibles de la veille. Ils naissent, au contraire, le plus souvent semble-t-il, lorsque ces restes du jour sont de nature apaisante, mais expriment des satisfactions interdites. Toutes ces pensées interdites sont remplacées dans le contenu manifeste du rêve par leur contraire [...]*

Le caractère essentiel des rêves de châtement me paraît donc être le suivant : ce qui les produit ce n'est pas un désir inconscient venu du refoulé [...], mais un désir de sens contraire, réagissant contre celui-ci, désir de châtement qui, bien qu'inconscient (plus exactement préconscient) - appartient au moi. » [PUF 1950 p. 458, PUF 1967 p. 475, PUF 2004 p. 612]

[Ich bemerke nur, daß die Strafräume nicht allgemein an die Bedingung peinlicher Tagesreste geknüpft sind. Sie entstehen vielmehr am leichtesten unter der gegensätzlichen Voraussetzung, daß die Tagesreste Gedanken befriedigender Natur sind, die aber unerlaubte Befriedigungen ausdrücken. Von diesen Gedanken gelangt dann nichts in den manifesten Traum als ihr direkter Gegensatz, ähnlich wie es in den Träumen der Gruppe a der Fall war. Der wesentliche Charakter der Strafräume bliebe also, daß bei ihnen nicht der unbewußte Wunsch aus dem Verdrängten (dem System Ubw) zum Traumbildner wird, sondern der gegen ihn reagierende, dem Ich angehörige, wenn auch unbewußte (d. h. vorbewußte) Strafwunsch.]

Je pense que tous ceux qui suivent la voie où je vous mène peu à peu, en attirant votre attention sur le mécanisme distinct qui émerge à tout instant dans le discours de FREUD, distinguent cela de la *Verneinung*.

Vous retrouvez là une fois de plus que c'est dans le sens de la distinction entre quelque chose qui a été symbolisée

et quelque chose qui ne l'a pas été, que nous sommes amenés à propos de l'incidence qui révèle la possibilité de l'apparition tout au début de la maladie dans l'*ego*, et d'une façon, je le répète, non conflictuelle, à savoir qu'« *Il serait beau d'être une femme subissant l'accouplement.* » révèle cette première émergence de quelque chose bel et bien dans le *moi*.

Quelle est la relation de cela avec le développement d'un délire qui va très précisément aboutir à faire concevoir au Président SCHREBER lui-même, que l'homme serait, si l'on peut dire, « *la femme permanente de Dieu* », car c'est là que va s'épanouir en fin de compte le délire parvenu à son degré d'achèvement. À rapprocher ces deux termes :

- cette première apparition de la pensée qui a traversé SCHREBER dans le premier intervalle sain apparemment à ce moment-là, de son processus,
- rapprochement *de cela* et de l'état terminal, l'établissement d'un délire qui le motive et le situe en face d'un personnage tout-puissant et avec lequel il a ses relations érotiques permanentes, comme un être complètement féminisé, peut se concevoir comme étant réellement - je dirais psychiquement, autant que son discours peut l'exprimer - une femme, c'est ce qu'il dit.

...je dirais que la relation n'est pas trop simple pour que nous ne la voyions bien, *néanmoins elle n'est pas pour autant résolue*.

Il est clair qu'une *pensée fugitive*, l'*entrevision de quelque chose* qui sans aucun doute, légitimement nous apparaît comme devoir révéler quelque chose qui mérite que nous nous arrêtions *aux stades, aux étapes, aux crises* qui peuvent faire passer d'une pensée aussi fugitive, à l'établissement d'un discours et d'une conduite aussi délirante qu'est la sienne.

Mais c'est dans ce sens que se pose la question, dans le sens de l'analyse de *mécanismes* qui ne sont pas, tout au moins il n'est pas dit à l'avance qu'ils soient homogènes aux mécanismes auxquels nous avons affaire habituellement dans les névroses, à savoir proprement le mécanisme du refoulement, c'est-à-dire qu'il est lui-même tout entier structuré comme un phénomène de langage.

Ce que je suis en train de vous faire entrevoir, c'est que nous nous trouvons là, à propos du *paranoïaque*, du *psychotique* qu'est SCHREBER, devant la question qui est peut-être : *que domine dans le mécanisme de la psychose un autre mécanisme proprement imaginaire*, celui qui va :

- *de cette première entrevision d'une identification de lui-même, d'une première capture de lui-même dans l'image féminine,*
- jusqu'à l'épanouissement de tout *un système du monde* vraiment identique à cette imagination d'identification féminine.

Bien. Dans quelle direction se pose notre question, nous n'avons aucun moyen, sauf hypothétique, de la résoudre, sauf si nous pouvons en saisir manifestement les traces dans le seul élément que nous possédions, dans le document lui-même, dans le discours du sujet. C'est pourquoi la dernière fois je vous ai introduits à ce qui doit au premier plan poser des termes, des fondements, des lignes directrices, l'orientation de notre investigation, à

savoir la structure du discours lui-même. C'est pourquoi la dernière fois j'ai commencé à distinguer *les trois sphères de la parole* comme telle.

Et vous vous rappelez combien nous pouvons, à l'intérieur du phénomène lui-même de la parole, intégrer les trois plans :

- du *symbolique*, de l'*imaginaire*, comme représentés par le *signifiant* et la *signification*,
- et le troisième terme, *réel*, est dans le discours bel et bien tenu dans sa dimension diachronique, à savoir que le sujet non pas simplement en tant qu'il dispose de tout un matériel signifiant qui est sa langue maternelle ou pas, mais que le sujet qui s'en sert l'exprime pour faire passer dans le *réel* des significations, car bien entendu ça n'est pas la même chose d'être plus ou moins captivé, capturé dans une signification, ou d'exprimer cette signification dans un discours qui par nature est destiné à la communiquer, à la mettre en accord avec les autres significations diversement reçues.

Dans « *reçues* » tient le ressort de ce qui fait du discours un discours commun, un discours communément admis. Vous ne pouvez pas ne pas savoir à quel point cette notion de « *discours* » est fondamentale, car même pour ce que nous appelons l'*objectivité*, le monde *objectivé* par la science, l'élément de ce *discours de communication*, c'est-à-dire du fait que ce qui est exprimé de l'ordre des objets scientifiquement affirmés, est avant tout communicable, s'incarne dans des communications scientifiques, est absolument essentiel, encore qu'on perde toujours de vue ce monde de la science, car quand même auriez-vous construit l'expérience la plus sensationnelle, et l'auriez-vous réussie, si un autre n'est pas capable de la refaire, après la communication que vous lui en faites, elle ne sert à rien, c'est à ce critère qu'on constate qu'une chose n'est pas « *reçue* » *scientifiquement*.

Quand je vous ai fait le tableau à 3 entrées, je vous ai localisé les différentes relations dans lesquelles nous pouvons analyser le discours du délirant, je ne vous ai pas fait le schéma du monde, je vous ai fait un schéma qui est la condition fondamentale de tout rapport. Je vous ai dit : dans le sens vertical il y a le registre du *sujet*, de la *parole*, et de l'*altérité*, comme telle, de l'*Autre*. Le point pivot dans la fonction de la parole est la *subjectivité de l'Autre*, c'est-à-dire le fait que l'Autre est essentiellement celui qui est *capable* comme le sujet, de *feindre et de mentir*. Quand je vous ai dit : dans cet Autre il doit y avoir un secteur qui est le secteur des objets tout à fait réels.

Il est bien entendu que ceci, cette introduction de la réalité, est toujours fonction de cette parole. C'est-à-dire que pour que quoi que ce soit puisse se rapporter, par rapport au sujet et à l'Autre, à quelque fondement dans le *réel*, il faut qu'il y ait quelque part quelque chose qui ne trompe pas. C'est une corrélatrice dialectique de cette structure fondamentale de la parole de sujet à sujet, comme devant être une parole qui peut tromper :
il faut qu'il y ait aussi quelque chose qui ne trompe pas.

Cette *fonction*, observez-le bien, est remplie très diversement selon les aires culturelles dans lesquelles la parole, sa fonction éternelle, vient à fonctionner. Vous auriez tout à fait tort de croire que ce soit les mêmes éléments dans le monde - et même qualifiés - qui aient toujours rempli cette fonction. À savoir que ce qui remplit cette fonction pour vous, personnages ici présents et contemporains, ce soit la même chose que ce qui la remplissait pour quelqu'un, avec qui nous pouvons parfaitement communiquer, qui est par exemple ARISTOTE. Il est tout à fait clair que tout ce que nous dit ARISTOTE est parfaitement communicable, et que néanmoins il y a une différence absolument essentielle dans la qualité, dans la position dans le monde, de ce qu'il en était pour lui de cet élément non trompeur.

Quoi que puissent en penser les esprits qui s'en tiennent aux apparences, ce qui est souvent le cas des esprits forts, vous auriez tout à fait tort de croire...
même disons ceux qui constituent les esprits les plus positivistes d'entre vous, voire les plus affranchis de toute idée religieuse
...vous auriez tout à fait tort de croire que du fait que vous viviez à ce point précis de l'évolution des pensées humaines, les éléments stables ne participent pas de ce qui s'est très franchement et très rigoureusement formulé dans la méditation de DESCARTES, comme Dieu en tant qu'il ne peut pas nous tromper.

Et ceci est tellement vrai - je l'ai déjà rappelé - qu'un personnage aussi lucide quand il s'agissait du maniement de l'*ordre symbolique* qui était essentiellement le sien, EINSTEIN, l'a bien rappelé :

« Dieu - disait-il - est malin, mais il est honnête. »

Le fait que tout repose sur la notion que le sens du réel ne peut pas - si délicat qu'il soit à pénétrer - jouer au vilain avec nous, qu'il ne fera pas des choses exprès pour nous mettre dedans, est - encore que personne ne s'y arrête absolument - essentiel à la constitution du monde de la science.

Ceci dit, ce que j'admets, ce que j'appelle la référence au « Dieu non trompeur » comme tel, c'est que pour nous le seul principe considéré comme admis, je dirais *fondé* sur des résultats qui ont été obtenus de la science...

on sait qu'en effet nous n'avons jamais rien constaté qui puisse nous montrer qu'il y ait quelque part au fond de la nature un *démon trompeur*, mais ce que vous ne réalisez pas, c'est en quelque sorte, 1^{ère} approximation,

à quel point il a été nécessaire de faire cet acte de foi pour franchir les premiers pas de la science et de la constitution de la science expérimentale

...ce qui est pour nous passé à l'état de principe, à savoir, la matière même - allons plus loin - n'est pas tricheuse, elle ne nous montre pas des choses exprès pour écraser nos expériences et nous faire faire des machines qui sautent,

ça arrive, mais c'est nous qui nous trompons, elle, il n'est pas question qu'elle nous trompe.

Néanmoins ça n'est pas du tout cuit, il n'y faut rien moins que la tradition judéo-chrétienne pour que ce pas puisse être franchi d'une façon aussi assurée. Ce n'est pas pour rien que le développement de la science telle que nous l'avons constitué, avec la ténacité, l'obstination et l'audace qui en caractérisent le développement, s'est produit à l'intérieur de cette tradition.

Ceci d'ailleurs se renverse : si la question a été posée de façon aussi radicale, c'est justement aussi que c'est dans la tradition judéo-chrétienne qu'un principe unique étant non seulement à la base de tout, j'entends non seulement accordé aux lois de l'univers, mais vous savez que c'est la question qui a tourmenté, et qui tourmente encore

les théologiens, de l'existence même de ces lois, à savoir que ce n'est pas simplement l'univers qui a été créé *ex nihilo*, mais que c'est aussi la loi, c'est là que joue le débat théologique d'un certain rationalisme et d'un certain volontarisme, c'est que même *le critère du bien et du mal est-il* en fin de compte relevant de ce qu'on pourrait appeler *le caprice de Dieu*.

Ce n'est que parce que la question a été portée à ce point aussi radical par la pensée judéo-chrétienne, qu'a pu être fait, de façon tout à fait décisive, ce quelque chose pour lequel le terme « acte de foi » n'est pas de trop :

qu'« *il est quelque chose qui est absolument non trompeur* ».

Mais que ce quelque chose soit réduit précisément à cet acte et à rien d'autre, c'est une chose tellement essentielle

que vous n'avez qu'à réfléchir à ce qui arriverait du train où l'on va maintenant, si nous nous apercevions que non seulement il y a un *proton*, un *méson*, etc., mais qu'il y a un « plus » avec lequel on n'avait pas compté, un membre

de trop, un personnage qui mentirait dans la mécanique atomique, et nous commencerions à ne plus rire du tout.

Mais quand j'ai dit que pour ARISTOTE les choses étaient complètement différentes, c'est bien clair. Car pour lui

il n'y avait dans la nature qu'une seule chose qui pouvait l'assurer de ce non-mensonge de l'Autre en tant que *réel*, c'était *les choses qui* elles ne mentent pas parce qu'elles *reviennent toujours à la même place*, à savoir *les sphères célestes*.

La notion des *sphères célestes* comme étant ce qui dans le monde est incorruptible, et qui d'ailleurs comme telles étaient considérées comme une autre essence et qui sont restées extrêmement tard dans la pensée, cette notion habite encore la pensée chrétienne elle-même parce que justement elle est indispensable jusqu'au moment où on a consenti,

et comme vous le voyez : très tard, à prendre la position judéo-chrétienne au pied de la lettre, c'est-à-dire à vraiment s'interroger sur les paroles de Dieu et du monde. Jusque-là il est impossible de décoller, de la pensée des philosophes comme des théologiens, l'idée que la fonction des sphères célestes est d'une essence supérieure, et *la mesure est le témoin matérialisé*, mais c'est nous qui disons cela, c'est en soi *la mesure* qui est le témoin de ce qui ne trompe pas.

En elles-mêmes ces sphères sont incontestablement pour ARISTOTE, divines, et chose très curieuse, le sont restées très longtemps dans la tradition chrétienne médiévale, très précisément pour autant qu'elle héritait de cette pensée antique, et qu'en en héritant, ce n'était pas seulement d'un héritage scolastique qu'il s'agissait, mais de quelque chose qui était si naturel à l'homme, que nous, nous sommes dans une position tout à fait exceptionnelle à ne pas plus nous préoccuper justement de ce qui se passe dans *la sphère céleste*. Jusqu'à une époque tout à fait récente, cette présence mentale chez tous les hommes de ce qui se passe au ciel comme *d'un élément de référence* absolument essentiel pour la réalité, est quelque chose dont nous avons dans toutes les cultures le témoignage, sauf dans la nôtre.

Il n'y a vraiment que notre culture qui présente cette propriété qui est, je crois, la caractéristique à peu près commune qui est ici, sauf pour certains qui peuvent avoir eu quelques curiosités *astronomiques*, le fait que nous ne pensons absolument jamais au retour régulier des astres, ni des planètes, ni aux éclipses, ça n'a pour nous aucune espèce d'importance, on sait que ça marche tout seul.

Néanmoins voyez la marge et la différence qui peut exister dans ce qu'on appelle du mauvais mot que je n'aime pas, « *la mentalité* » de gens pour qui la garantie de tout ce qui se passe dans les relations de la nature est simplement un principe, qu'elle ne saurait nous tromper, c'est-à-dire en fin de compte l'affirmation du « *Dieu non trompeur* » :
qu'il y a quelque part quelque chose qui garantit la vérité de ce qui se présente comme réel.

Il y a un monde entre cela et la position normale naturelle, la plus connue, celle qui apparaît dans l'esprit de la très grande majorité des cultures, et j'entends les plus avancées, celles pour qui l'observation astronomique nous témoigne depuis toujours l'état très avancé, non seulement de la réflexion, mais pour lesquelles cette garantie de la réalité est dans le ciel, de quelque façon qu'on se le représente.

Ceci n'est pas du tout sans rapport avec notre propos, car nous voilà tout de suite dans le bain avec notre premier chapitre du Président SCHREBER, qui nous met tout de suite dans la synthèse des étoiles, ce qui, comme article essentiel de la lutte contre la masturbation, est tout de même plutôt inattendu : ou bien ça n'a aucun lien, ou bien si ça en a un, il n'est peut-être pas mal de le comprendre.

[Lecture du texte des « *Mémoires d'un névropathe* », du Président Schreber, chap. 1, pp. 23 à 27]

Il semble qu'il y ait des rapports de sorte que chaque nerf de l'intellect en particulier représente l'entière individualité spirituelle de l'homme : dans chaque nerf de l'intellect la totalité des souvenirs est pour ainsi dire inscrite.

Il s'agit là d'une théorie extrêmement élaborée dont la position ne serait pas malaisée à rencontrer, ne serait-ce qu'à titre d'étape de la discussion, dans des ouvrages scientifiques par ailleurs reçus.

Nous touchons là la notion chez notre névrosé, et sans doute non pas par un mécanisme de l'imagination qui soit exceptionnel, nous touchons là le lien de la notion d'âme avec celle de la perpétuité des impressions. Le fondement du concept d'âme dans l'exigence, les besoins d'une conversation des impressions imaginaires, est là sensible.

Je dirais presque qu'il y a là le fondement, je ne dis pas la preuve, mais le fondement de la croyance à l'immortalité de l'âme, de ce qu'il y a d'irrépressible dans ce qui se passe quand le sujet se considérant lui-même, ne peut pas concevoir son existence, mais bien plus considère qu'il ne se peut pas qu'une impression ne participe pas du fait qu'elle est pour toujours quelque chose qui n'est pas ailleurs.

Jusque-là notre délirant ne délire pas plus qu'un secteur véritablement extrêmement étendu, pour ne pas dire extensif, de l'humanité.

[Lecture du texte des « *Mémoires d'un névropathe* », du Président Schreber, chap. 1, pp. 23 à 27.]

Nous ne sommes pas loin de l'univers spinozien, pour autant dire qu'il est essentiellement fondé sur la co-extensibilité de l'attribut de *la pensée* et de l'attribut de *l'étendue*. Nous sommes là dans cette dimension qui d'ailleurs est fort intéressante, pour situer si l'on peut dire la qualité imaginaire de certains stades ou de certaines étapes de la pensée philosophique.

[Lecture du texte des « Mémoires d'un névropathe », du Président Schreber, chap. 1, pp. 23 à 27.]

Il pose donc cette question au moment où il est parti de cette notion d'un Dieu, nous verrons après pourquoi il lui est nécessaire, ce qui est certainement lié à son discours le plus récent, à celui dans lequel il systématise son délire pour nous le communiquer. Il approche de l'expérience et se trouve ainsi devant ce dilemme : Dieu dont il s'agit qui est le dieu si je puis dire de mon délire, comme il le dit presque, il parle de son expérience individuelle, de ce dieu avec lequel il a cette perpétuelle relation érotique, qui, comme vous allez le voir, consiste à savoir qui va tirer à lui le plus de rayons, à savoir si c'est SCHREBER qui va gagner à l'amour de Dieu jusqu'à mettre en danger son existence, ou si c'est Dieu qui va posséder SCHREBER, et ensuite le planter là.

Je vous l'esquisse là d'une façon assez humoristique, mais ça n'a rien de drôle, puisque c'est le texte du délire d'un malade. Il pose là le dilemme de la question de savoir si Dieu est toujours ce quelque chose qui pour lui est en quelque sorte *l'envers du monde*, et vous voyez que ça n'est pas tout à fait le Dieu dont je vous parlais tout à l'heure, celui-là est lié à toute une certaine conception de *l'équivalence de Dieu et de l'étendue*, mais qui en est quand même la garantie que l'étendue n'est point illusoire.

C'est le dilemme entre ce dieu là qu'il pose, et puis ce quelque chose dont il témoigne comme dans une expérience la plus crue, à savoir ce Dieu avec lequel il a des relations comme avec un organisme vivant, un Dieu vivant comme il s'exprime. La contradiction entre ces deux termes, si elle lui apparaît, vous pensez bien que ce n'est pas sur un plan que nous puissions considérer comme purement de logique formelle, car notre malade, pas plus que personne d'ailleurs, n'en est pas là. Les fameuses contradictions de la logique formelle n'ont aucune raison d'être plus opérantes chez ce malade, qu'elles ne le sont chez nous qui faisons parfaitement bien coexister, en dehors des moments où on nous provoque à la discussion, et où là nous devenons très chatouilleux sur *la logique formelle*, dans notre esprit, les systèmes les plus hétérogènes, voire les plus discordants, dans *une simultanéité* pour laquelle *la logique formelle* semble complètement oubliée. Que chacun fasse appel à son expérience personnelle.

Il n'y a donc pas là une contradiction de la logique formelle, il y a une question très sérieusement posée par le sujet, vivement éprouvée par lui, et qui est justement une dimension de son expérience : le Dieu dont il maintient *l'ombre, l'esquisse imaginaire* sous la forme d'un dieu que je vous ai qualifié être presque *spinozien*, est en contradiction vécue, vivante avec ce Dieu qu'il ressent lui-même comme ayant avec lui cette relation érotique qu'il lui témoigne perpétuellement.

C'est là que nous posons la question, non pas métaphysique, à savoir : qu'en est-il réellement du vécu du psychosé ?

Nous n'en sommes pas là, et d'ailleurs la question n'a peut-être pour nous à aucun moment, de sens. La question est de savoir : qu'est-ce qui nous permet de situer structuralement dans les relations du sujet, le fait qu'un discours s'exprime ainsi, lequel témoigne lui-même d'une relation structurée d'une façon par l'égal, le personnage avec lequel il a ses rapports, et ses rapports érotiques, le dieu vivant dont il s'agit.

C'est le même qui par l'intermédiaire de toutes ces émanations, de tous ces « *rayons divins* » - car il y a toute une procession de formes - lui parle et s'exprime avec lui dans cette langue à la fois déstructurée au point de vue passage commun de la langue, mais aussi restructurée sur des relations plus fondamentales, et qui sont celles sur lesquelles nous aurons à nous interroger, et qui est ce qu'il appelle « *la langue fondamentale* ».

[Lecture du texte des « Mémoires d'un névropathe », du Président Schreber, chap. 1, pp. 23 à 27.]

Et là-dessus nous entrons dans une émergence tout à fait saisissante par rapport à l'ensemble du discours, des plus vieilles croyances au fait que Dieu est « *le maître du soleil et de la pluie* ». Il n'y a pas moins qu'à nous interroger.

[Lecture du texte des « Mémoires d'un névropathe », du Président Schreber, chap. 1, pp. 23 à 27.]

Nous ne pouvons pas ne pas noter là le lien de *la relation imaginaire* avec les rayons divins, parce qu'elle présente cette remarque avec ce que par exemple nous trouvons exprimé.

J'ai l'impression qu'il y a eu référence littéraire de FREUD, parce que ce sur quoi FREUD insiste, c'est à savoir que dans tout mécanisme de *refoulement*, il y a cette double relation de quelque chose :

- qui sans aucun doute est réprimé, c'est-à-dire poussé dans un sens,
- mais attiré dans l'autre, par ce qui est déjà et précédemment refoulé.

L'accent de la dynamique propre, de l'intention, avec cette double polarité qui est certainement dans le même sens, est quelque chose dont nous ne pouvons pas au passage ne pas reconnaître l'analogie saisissante dans le sentiment exprimé dans l'articulation de son expérience que nous donne SCHREBER.

De même qu'au moment où tout à l'heure je vous signalais cette sorte de divergence qu'il éprouve entre deux exigences pour lui de la présence divine :

- celle qui est destinée à lui répondre, à justifier le maintien du décor du monde extérieur autour de lui, et vous verrez à quel point cette expression est fondée pour lui,
- et celle du Dieu qu'il éprouve comme le partenaire de cette oscillation de cette force vivante qui va devenir désormais la dimension dans laquelle il vit, souffre et palpète,

...est quelque chose dont le caractère d'écart se résout pour lui en ces termes :

« La vérité totale se trouve peut-être à la façon d'une quatrième dimension, sous forme d'une diagonale de ces lignes de représentation qui est inconcevable pour l'homme. »

Il s'en tire comme lorsqu'on use couramment dans le langage de cette communication trop inégale à son objet, qui s'appelle la communication métaphysique, quand on en sait absolument pas concilier ces deux termes, la liberté et la nécessité transcendante, et qu'on se contente de dire qu'il y a une quatrième dimension et une diagonale quelque part, soit qu'on tire chacun des deux bouts de la chaîne, qu'est la distinction des deux plans, la relation aussi avec cette dialectique des deux autres - qui, elle, est parfaitement manifeste dans tout exercice du discours - ne peut pas vous échapper.

[Lecture du texte des « *Mémoires d'un névropathe* », du Président Schreber, chap. 1, pp. 23 à 27.]

Nous arrivons à un point sur lequel je reviendrai avec un plus d'accent la prochaine fois : c'est qu'en fin de compte Dieu n'a de rapport tout à fait complet, réel et authentique, malgré son expérience, qu'avec des cadavres. Ceci est extrêmement remarquable, surtout après les prémisses que nous venons d'entendre, c'est-à-dire que Dieu, comme il s'exprime aussi quelque part, ne comprend rien aux êtres vivants, ou encore que Dieu, l'omniprésence divine, ne saisisse jamais les choses que de l'extérieur, jamais de l'intérieur.

Voilà des propositions qui ne semblent pas aller de soi non plus, ni devoir être attendues par une cohérence...
je dirais préjugée ou préconçue, telle que nous pourrions la pré-concevoir nous-mêmes
...du système, et sur laquelle nous aurons à revenir la prochaine fois.

Simplement, voyez aujourd'hui dans ces premiers pas que nous faisons dans le texte et dans l'amorce que vous voyez se dessiner, à savoir *la relation psychotique* à son degré ultime de développement qui se présente comme comportant l'introduction de cette dialectique fondamentale de la tromperie dans une dimension si on peut dire « *transversale* »
par rapport à celle qui se présente dans le rapport authentique.

Le sujet peut parler à l'autre en tant qu'il est avec lui question de foi ou de feinte. Ici c'est dans l'ordre d'un *imaginaire subi*, c'est la caractéristique fondamentale de *l'imaginaire* qui se produit comme phénomène passif, comme expérience vécue du sujet, quelque chose qui va subvertir le terme même de quelque ordre qu'il soit, mythique ou pas, dans la pensée elle-même, et qui fait que le monde...

comme vous allez le voir encore bien plus se développer dans le discours du sujet
...se transforme dans ce que nous appelons cette *fantasmagorie*, mais qui est lui, le plus certain de son vécu, qui est justement non pas avec un autre, mais avec cet être premier, avec ce garant même du réel, un rapport de jeu de tromperie.

C'est à savoir que ce Dieu de SCHREBER, tel qu'il le reconstruit dans une expérience dont il remarque très bien lui-même qu'elle est tout à fait loin de ses catégories premières, à savoir qu'il était jusque-là un personnage pour

lequel ces questions n'avaient aucune espèce d'importance, d'existence, et beaucoup mieux qu'un athée de ce point de vue, un indifférent.

Que ce personnage, Dieu, est avant tout éprouvé par lui comme le terme infini, non pas un autre, non pas quelque chose de semblable à lui, mais l'exercice de la tromperie en permanence, et si l'on peut dire que dans son délire,

Dieu est essentiellement le terme opposé, le terme polaire par rapport à sa propre mégalomanie, mais en tant - si l'on peut s'exprimer ainsi - que ce terme, par sa nature est *pris à son propre jeu*.

Car c'est cela que va nous développer le délire de SCHREBER : Dieu est pris à son propre jeu. Dieu pour avoir voulu le tenter, capter ses forces, faire de lui, SCHREBER, le déchet, l'ordure, la charogne de tous les exercices de destruction qu'il a permis à son mode intermédiaire à lui, Dieu, d'exercer en fin de compte sur SCHREBER, Dieu est *pris à son propre jeu*. C'est-à-dire qu'en fin de compte le grand danger de Dieu c'est de trop aimer SCHREBER.

Cette zone transversement transversale. c'est entre la transformation de ce qui garantit le *réel* dans l'autre, c'est-à-dire la présence et l'existence du monde stable de Dieu, c'est la relation de cela avec SCHREBER, le sujet en tant que réalité organique, que corps morcelé. Une grande partie de ses *fantasmes*, de ses *hallucinations*,

de sa construction miraculeuse ou merveilleuse, est faite d'éléments où se reconnaissent clairement toutes sortes d'équivalences corporelles, même de certains éléments que nous emprunterons à la littérature analytique : nous montrerons jusqu'où va l'hallucination des « *petits hommes* », nous verrons ce qu'elle représente organiquement.

C'est donc ici que s'établit le pivot, c'est la relation significative de cette loi tout entière dans *cette dimension imaginaire*,

je l'appelle *transversale* parce que précisément elle est dans le sens diagonal opposé à la relation de sujet à sujet, qui est celui considéré comme de la parole par son efficacité.

Ce n'est qu'une amorce, cette analyse, et nous la continuerons la prochaine fois.

Je me suis rendu compte que vous aviez eu une petite difficulté semble-t-il, au passage de la différence de potentiel entre mon discours en particulier et la lecture, pourtant passionnante, des écrits du Président SCHREBER.

Difficulté technique qui m'a suggéré de - peut-être dans l'avenir - moins me fier à une espèce de commentaire courant du texte. J'ai cru qu'on pouvait le lire d'un bout à l'autre et cueillir au passage les éléments de structure, d'organisation, sur lesquels je veux vous faire progresser. L'expérience prouve qu'il faudra que je m'arrange probablement autrement, c'est-à-dire que je fasse moi-même, le choix de ce qui est articulé dans l'ensemble du texte.

Reste le problème de savoir s'il ne faudrait pas d'une façon quelconque, vous donner quelques communications de choix, mais vous voyez le travail que cela représente pour moi. Cette considération méthodique conjuguée avec le fait que je n'étais pas absolument décidé à faire le séminaire d'aujourd'hui, que je ne l'ai fait qu'entraîné par

ma grande affection pour vous, par le fait aussi, qui est de tradition, qu'à la veille des vacances il arrive que, dans les établissements d'études secondaires qui correspondent à peu près à votre niveau, on fasse à la dernière leçon une petite lecture.

Je me suis dit qu'aujourd'hui il ne serait peut-être pas inopportun ni inutile à bien réfléchir, que je vous fasse *une lecture choisie*, et choisie dans quelque chose de récent, en tout cas d'inédit, qui est de moi mais qui restera dans la ligne

de notre sujet. Au moins une partie d'entre vous qui n'a pas assisté à mes séminaires des années précédentes, pourra prendre des repères. Il s'agit du discours que j'ai fait à Vienne - ou que je suis censé avoir fait - à la clinique psychiatrique du D^r HOFF, qui correspond exactement à la clinique psychiatrique d'ici [Sainte-Anne].

J'ai fait ce discours sur le thème suivant : « *Sens d'un retour à Freud dans la psychanalyse* », histoire de leur faire part

un peu du mouvement parisien et du style, sinon de l'orientation générale de notre enseignement. J'ai fait ce discours, je dois vous le dire, dans les mêmes conditions d'improvisation - même plutôt accentuées - que ceux que je fais ici,

en ce sens que ceux que je fais ici je les prépare : il n'y a rien de semblable pour un sujet qui m'apparaissait *assez général* pour que je me fie à l'adaptation de mon auditoire, de sorte que je vais vous communiquer une sorte de *reconstitution écrite*, aussi fidèle que j'ai pu, à l'esprit d'improvisation, et à la modulation de ce discours.

J'ai été de ce fait probablement amené un peu à développer certains passages, ce qui lui donne une longueur plus grande que celle qu'il occupera probablement ici. Peut-être aussi y ai-je adjoint certains développements que j'ai été amené à y ajouter dans une seconde séance plus réduite qui a eu lieu après et où je me trouvais en face du cercle limité des techniciens analystes qui avaient assisté à la première conférence, et où j'ai parlé plutôt de questions techniques : *la signification de l'interprétation en général*. Ça n'en a pas moins été pour eux le sujet, au moins au premier abord, de certains étonnements, ce qui prouve qu'il y a toujours lieu d'essayer d'établir le dialogue.

Vous allez voir dans cette aventure, une lecture que je vais essayer de vous donner autant que possible avec le ton « *parlé* » que mon texte s'efforce de reproduire et qui, je l'espère, cette fois soutiendra mieux votre attention que la lecture de la dernière fois. Je vous avertis déjà, ne serait-ce que pour stimuler votre curiosité, qu'il m'est arrivé au milieu de ce discours une assez curieuse aventure.

Elle ne pourra pas se reproduire ici, sinon de la façon en quelque sorte simulée qui l'inscrit dans le texte, puisque je dirais presque que le matériel me manque. J'avais devant moi, là-bas, une sorte de pupitre avec des choses pour le bouger, il était plus perfectionné que celui-là, pupitre à taille humaine. C'était probablement à un moment où, sinon l'intérêt de l'auditoire, du moins le mien fléchissait un peu, car le contact n'est pas toujours aussi bon

que celui au milieu duquel je me sens ici avec vous.

Il m'est arrivé que ledit pupitre est venu à mon aide, puisqu'il faut croire que j'avais certainement tendance à profiter de cette aide, voire à en abuser. Finalement il est arrivé quelque chose d'extraordinaire, et à tout bien prendre

si nous le comparons à des paroles récentes que nous avons entendues d'un de mes anciens amis, à la Sorbonne, qui nous a raconté des choses étonnantes samedi dernier...

à savoir la métamorphose de *La dentellière* en cornes de rhinocéros⁹, et finalement en chou-fleur ...eh bien ce pupitre a commencé à parler, et j'ai eu toutes les peines du monde à lui reprendre la parole.

C'est peut-être un élément qui va introduire un léger déséquilibre de composition dans mon discours. J'ai commencé par parler sur Vienne, et j'en profite pour dessiner d'un bref crayon le schéma de pulsation qui a présidé à l'extension de l'analyse en fonction des deux guerres, et de la persécution anti-analytique qui a sévi dans les pays de langue germanique, et de ce qui est arrivé quand elle est allée frapper aux limites de notre monde.

C'est-à-dire là-bas quelque part, aux Amériques nommément, où je souligne au passage - je ne veux pas trop m'attarder sur cela - la fonction tout à fait essentielle certainement, qu'a joué l'élément de ces étrangers, voire de ces émigrants, aux nouvelles [théories] américaines, de dimension proprement américaine : *anhistorisme foncier*.

Car dans toutes les entreprises de son style, ceci est absolument essentiel pour comprendre l'adaptation qu'a prise la technique analytique à des exigences d'un autre genre, et qui sont certes peut-être comme toute exigence, de milieu légitime, mais qui pour autant tentaient à couper le groupe de la profonde signification historisante de l'analyse, qui a exercé certainement une influence déviatrice dont nous pouvons, je ne dirais pas sentir les contrecoups, car après tout la présence américaine se caractérise surtout en Europe d'une façon négative, et jusqu'à nouvel ordre par des degrés faibles de retour, peut-être d'une certaine façon, Dieu merci.

Et j'en viens à indiquer, après avoir brièvement rappelé ce que nous faisons ici : horaire et ampleur de notre travail, à m'interroger sur la façon dont je vais aborder cette question du sens authentique d'un retour à FREUD, pour autant qu'il est nécessité par cette base de départ et la déviation américaine, et par un certain *trust*, une certaine *dépression centrale* qui s'est creusée ici, et je leur signale que tout de même il se passe ici un petit quelque chose qui commence à faire sa remontée.

[Lecture du texte « [La chose freudienne](#) », in *Écrits*, pp. 401-436]

⁹ Cf. le long métrage de Robert Descharnes sur Salvador Dali : « *L'aventure prodigieuse de la dentellière et du rhinocéros* » (1954)», ou la biographie de Sophie Delassein : « *Gala pour Dali* », éd. J.C. Lattès, 2006.

Je voudrais aujourd'hui vous rappeler quel est, non pas seulement mon dessein général pour ce qui est du cas SCHREBER, mais le propos fondamental de ces séminaires : l'un ne va pas sans l'autre et il est toujours bon de ne pas laisser se rétrécir son horizon. Bien sûr, comme on poursuit une marche pas à pas, un certain temps, nous aurons des murs devant notre nez, mais enfin, comme je vous emmène dans des endroits difficiles, nous manifestons peut-être un peu plus d'exigences qu'ailleurs, dans cette sorte de promenade. Il paraît aussi nécessaire de vous rappeler à l'intérieur de quel plan cette marche se situe.

Je dirais que le propos de ce séminaire, il faudrait l'exprimer de diverses manières qui se recoupent et qui toutes reviennent au même. Je pourrais vous dire que je suis ici pour vous rappeler qu'il convient de prendre au sérieux notre expérience, que le fait d'être psychanalyste ne vous dispense pas d'être intelligents et sensibles. Il ne suffit pas qu'un certain nombre de clés vous aient été données, pour que vous en profitiez pour ne plus penser à rien, et pour dire les choses tout cru, pour vous efforcer, ce qui est le penchant général des êtres humains, à laisser tout en place, précisément à l'aide de ces quelques mots-clefs qui vous ont été donnés.

Il est bien certain qu'il y a une certaine façon d'user des catégories telles que « *l'inconscient* », « *pulsion* », ou si vous voulez « *relations pré-œdipienne* », « *défense* », et en quelque sorte de n'en tirer aucune des conséquences authentiques qu'elles comportent. C'est une affaire qui concerne *les autres* en général - c'est toujours facile de prendre les choses sous ce registre - c'est une complication du monde des objets, mais à la vérité ça ne touche pas au fond de vos rapports avec le monde, et pour être psychanalyste, vous n'êtes - sauf à vous secouer quelque peu - nullement obligés de maintenir présent à l'esprit que le monde n'est pas tout à fait comme tout un chacun le conçoit, qu'il est pris dans ces prétendus mécanismes et prétendument connus de vous.

D'un autre côté il ne s'agit pas non plus, ne vous y trompez pas, que je fasse ici la métaphysique de la découverte freudienne, que je me propose comme programme d'en tirer - ce qui pourrait assez justement être fait - toutes les conséquences qu'elle comporte par rapport à ce qu'on peut appeler au sens le plus large, *l'être*. Ce n'est pas là mon propos, je ne me le fixe pas comme objet, ça ne serait pas inutile, ça peut être indiqué de le faire, je crois que cela peut être aussi *laissé à d'autres*. Je dirais que ce que nous faisons ici en indiquera, plus facilement que sur d'autres travaux, la voie d'accès.

Il ne faut pas croire non plus pourtant qu'il vous soit interdit de faire quelques battements d'ailes dans ce sens. Chacun de vos battements d'ailes intérieurs, cette métaphysique de la condition humaine telle qu'elle nous est révélée par *la découverte freudienne*...

vous ne perdrez jamais rien quand même à vous interroger là-dessus, mais enfin je dirai qu'après tout ce n'est pas là le point essentiel ...cette métaphysique, vous ne l'oublierez pas ? vous la recevez toujours sur la tête.

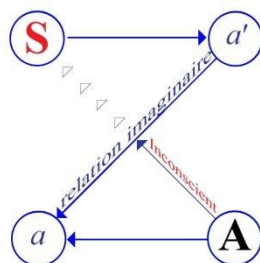
On peut faire confiance aux choses telles qu'elles sont structurées, telles que nous pouvons effectivement les toucher d'une façon un peu plus profonde, par l'intermédiaire de *la découverte, de l'expérience freudienne*, elles sont là,

vous êtes dedans, ce n'est pas pour rien que c'est de nos jours que *cette découverte freudienne* a été faite, et que vous vous trouvez par une série de hasards des plus confus, en être personnellement *les dépositaires*, mais cette métaphysique, qui peut tout entière s'inscrire dans le rapport de l'homme au *symbolique*, vous y êtes immergé à un degré qui dépasse de beaucoup votre expérience de techniciens, et dont je vous indique quelquefois que ce n'est pas par hasard que nous en trouvons dans *toutes sortes* de disciplines...

de systèmes ou d'interrogations qui sont voisines à la psychanalyse ...que nous en trouvons, les traces et la présence.

Ici nous nous limitons à quelque chose mais qui est essentiel, vous êtes *techniciens*, mais *techniciens* de choses qui existent à l'intérieur de cette découverte. Cette technique se développe à travers *la parole*.

Essayons au moins ici de structurer correctement le monde dans lequel vous avez à vous déplacer dans votre expérience, en tant qu'il est structuré, qu'il est incurvé, pour employer un terme pour lequel je pense à un certain nombre de commentaires, dans la perspective de *la parole*, et pour autant que *la parole* y est centrale.



C'est pour cela, et c'est par rapport à cela que mon petit carré qui va du *sujet* à l'*Autre*, et d'une certaine façon ici

du *symbolique vers le réel* : *sujet _ moi _ corps*. [S _ I _ R]

Ici, dans le sens contraire :

- le grand Autre en tant qu'il est l'Autre de l'intersubjectivité, qu'il est l'Autre que vous n'appréhendez qu'en tant qu'il est *sujet* [S], c'est-à-dire qu'il *peut mentir*,
- de l'Autre par contre qu'on retrouve toujours là à sa place, que j'ai appelé l'Autre des astres, ou si vous voulez le système stable du monde, de l'objet, [R]

Et entre les deux, de *la parole* avec ses trois étapes :

- du *signifiant*, [S]
- de *la signification*, [I]
- et du *discours*. [R]

Ce n'est pas un système du monde, c'est un système de repérage de notre expérience, c'est comme cela qu'elle se structure. C'est à l'intérieur de cela que nous pouvons situer les diverses manifestations phénoménales auxquelles nous avons affaire. Si nous ne prenons pas au sérieux cette structure, nous n'y comprendrons rien.

Bien entendu l'histoire du *sérieux* est au cœur même de la question. Les caractéristiques d'un sujet normal, c'est que pour lui un certain nombre de réalités existent, mais justement sa caractéristique aussi est de ne jamais les prendre tout à fait au sérieux. Vous êtes entourés de toutes sortes de réalités dont vous ne doutez pas, dont certaines sont particulièrement menaçantes, vous ne les prenez pas pleinement au sérieux, vous pensez, avec le sous-titre de Paul CLAUDEL, que « *Le pire n'est pas toujours sûr* »¹⁰, et vous vous maintenez dans un état d'heureuse incertitude qui rend possible pour vous l'existence suffisamment étendue.

La *certitude* est non seulement la chose la plus rare pour le sujet normal : mais même la chose sur laquelle il peut s'interroger légitimement, il s'apercevra alors qu'elle est strictement corrélative d'une action, il est engagé dans une action qu'il approche, je ne dis pas qu'il touche.

Mais qu'advient-il de cette catégorie de *la certitude* ? Je ne m'étendrai pas là-dessus puisque nous ne sommes pas là précisément pour faire la psychologie de la phénoménologie du *plus prochain*, mais conformément à ce qui se passe toujours, à essayer de l'atteindre par un détour, et notre *plus lointain* aujourd'hui, c'est le fou SCHREBER.

Il convient de prendre dans son ensemble notre fou SCHREBER, puisqu'il est le plus lointain. Gardons un peu nos distances, et nous allons nous apercevoir à faire cette remarque, qu'il a ceci de commun

¹⁰ Cf. Paul Claudel : « *Le soulier de satin* ».

avec les autres fous...

et cela vous le retrouverez toujours, et c'est pour cela que je vous fais des présentations de malades, c'est pour que vous en ayez l'appréhension, les données les plus immédiates de ce qu'il nous fournit ...le fou, il nous fournit celle-ci...

contrairement aux faux problèmes que se posent les psychologues, à ne pas le voir avec des yeux directs, à ne pas vraiment le fréquenter ...c'est que contrairement au problème qu'on se pose, à savoir pourquoi est-ce qu'il croit à *la réalité de son hallucination*, on voit bien quand même que ça ne colle pas, et alors on se fatigue le tempérament à cette sorte de *genèse de la croyance*.

Il faudrait d'abord un tout petit peu la préciser : il n'y croit pas à la réalité de son hallucination. il y a là-dessus mille exemples, et je dirais que je ne veux pas m'y étendre aujourd'hui parce que je reste contre mon texte, c'est-à-dire contre le fou SCHREBER, mais enfin c'est à la portée même de gens qui ne sont pas psychiatres.

Et le hasard m'ayant fait ouvrir ces temps-ci la « *Phénoménologie de la perception* » de Maurice MERLEAU-PONTY :

à la page 386 sur le thème de « *La chose et le monde naturel* »¹¹, vous aurez des remarques excellentes sur ce sujet.

C'est à savoir combien il est facile de s'apercevoir que rien n'est plus accessible à obtenir du sujet que ce qu'on lui fait remarquer qu'il est en train d'entendre, et qu'on ne l'a pas entendu. Il dit :

« *Oui, d'accord, c'est que je l'ai entendu tout seul.* »

La réalité n'est pas ce qui est en cause : le sujet admet bien qu'il s'agit de choses fondamentalement irréelles, il admet, par tous les détours explicatifs verbalement développés qui sont à sa portée, qu'il s'agit là de choses d'une autre nature que celle de l'ordre réel. Et même l'*irréalité* il l'admet jusqu'à un certain point.

Il faut qu'on le pousse pour qu'il aille vers le contrôle, quant à la réalité. À la vérité, il n'y a même pas besoin qu'on le *pousse*, lui aussi il pousse dans ce sens, il sait bien que cette réalité est en cause.

Par contre, contrairement au sujet normal pour qui la réalité vient dans son assiette, il y a par contre une certitude quant au fait que ce dont il s'agit, et ceci va de l'hallucination à l'interprétation, jusqu'aux phénomènes les plus fins, les plus subtils, les phénomènes de signification générale - il est sûr que cela le concerne. Ce n'est pas de cette réalité qu'il s'agit chez lui, mais de certitude. Même quand il s'exprime dans le sens de dire que ce qu'il éprouve n'est pas

de l'ordre de ce qui concerne la réalité, mais non pas la certitude que cela le concerne, cette certitude est quelque chose de radical.

La nature de ce dont il est certain, peut rester d'une ambiguïté parfaite, et va de toute la gamme qui s'étend de la malveillance à la bienveillance, les deux peuvent même rester d'une ambiguïté totale à propos d'un phénomène particulier, il n'en reste pas moins que le fait que cela signifie quelque chose d'inébranlable pour lui, c'est cela

qui constitue ce qu'on appelle à tort ou à raison, soit le phénomène élémentaire, soit le phénomène plus développé de la croyance délirante.

Vous pouvez en toucher un exemple, simplement en feuilletant l'admirable condensation que Freud nous a donnée, du livre de SCHREBER. Et enfin il reste qu'à travers FREUD, vous pouvez en avoir le contact, la dimension, FREUD le donne en même temps qu'il l'analyse, ce qui n'empêchera pas de recourir à certaines parties du texte.

L'un des phénomènes les plus centraux, les plus « *clé* » du développement de son délire, c'est ce qu'il appelle « *l'assassinat d'âme* », cet *assassinat d'âme* dont nous verrons qu'à lui tout seul, dans sa formulation, il comporte

une montagne de problèmes. Il n'en reste pas moins que ce phénomène tout à fait initial pour son délire et pour la conception qu'il a de cette *retransformation du monde* qui constitue son délire, il le présente lui-même comme totalement énigmatique.

¹¹ Maurice Merleau-Ponty : *Phénoménologie de la perception*, « *La chose et le monde naturel* ». Gallimard 1945.

J'insiste, ce n'est pas seulement le chapitre III du livre des *Mémoires* qui nous donne les raisons de sa névropathie...

qui est censuré, on nous avertit que le contenu ne peut pas être publié, et nous savons néanmoins que ce chapitre comportait des remarques concernant la propre famille de SCHREBER

...c'est-à-dire probablement ce qui nous permettrait de voir de beaucoup plus près comment se sont manifestées les relations fondamentales, peut-être inaugurales, du délire de SCHREBER, par rapport à son frère ou à son père, ou à quelqu'un de ses proches, et quelque chose qui assurément nous permettrait d'aller plus sûrement dans notre analyse de ce qu'on peut appeler communément les éléments significatifs, transférentiels qui ont pu jouer à tel moment de ce délire.

Mais ceci après tout n'est pas tellement à regretter, car là encore il faut bien voir que quelquefois trop de détails, trop de surcharges, nous empêchent de voir des caractéristiques formelles qui ne sont pas moins fondamentales, et ce qui est essentiel...

ce n'est pas que nous comprenions à travers telle ou telle expérience affective à l'endroit de ses proches : nous devons, nous, comprendre ce que ledit « *assassinat d'âme* » peut-être,

...c'est que nous voyons ceci : c'est que lui le sujet ne le comprend pas, et que néanmoins il le formule, qu'il le distingue comme étant un moment décisif de cette expérience nouvelle, à laquelle il a accédé, et qu'il nous communique, par l'énoncé du développement, le compte rendu des différents modes relationnels dont l'étagement, la perspective, lui a été progressivement donnée dans un effort d'élaboration qui a été le sien, il lui en a peu à peu livré le sens.

Cet *assassinat d'âme*, il le considère lui-même, si énigmatique qu'il soit, comme étant un ressort, à un moment, absolument certain, et qui comporte tout de même, à un moment, si énigmatique qu'il soit pour lui-même, cette articulation.

Il s'agit d'un *assassinat*, il n'y a pas de trace d'*âme*. D'autre part, parler d'une *âme* avec certitude n'est pas non plus très commun : savoir distinguer ce qui est âme et tout ce qui s'attache autour d'elle, la distinguer avec autant de certitude, c'est aussi quelque chose qui n'est pas donné à tout un chacun, et qui semble donné justement à ce délirant

avec un caractère de certitude qui donne à son témoignage un relief essentiel.

Nous devons nous arrêter à ces choses et n'en pas perdre le caractère distinctif tout à fait *primordial*, si nous voulons comprendre quoi que ce soit à ce qui se passe vraiment, et non pas simplement à l'aide de quelques mots-clés, nous débarrasser du phénomène de la folie comme désormais expliqué par cette opposition entre la réalité et la certitude.

En d'autres termes, la question de ce qu'est la *certitude délirante*, c'est quelque chose dont il faut que vous vous rompiez à la retrouver partout où elle est, et à vous apercevoir par exemple à quel point est différent le *phénomène de la jalousie* dans ce qu'il est ou ce qu'il peut être quand il se présente chez un sujet *normal*, et lorsqu'il se présente chez un *délirant*.

Il n'y a pas besoin de faire une évocation bien rapide du côté humoristique, voire comique de la jalousie du type normal qui est ce quelque chose dont on peut dire qu'elle se refuse le plus naturellement du monde à la certitude, quelles que soient les réalités qui s'en offrent.

C'est que la fameuse histoire du jaloux normal qui poursuit vraiment jusqu'à la porte de sa chambre où est enfermée sa femme avec un autre, est tout de même quelque chose qui contraste assez avec le fait que le délirant, qui lui se dispense de toute référence réelle, enjambe presque immédiatement la certitude autour des thèmes de son délire, pour que vous compreniez la différence qu'il y a entre une jalousie normale et une jalousie délirante.

Ceci est tout de même fait pour vous inspirer quelque méfiance dans le recours à des mécanismes - eux, normaux - comme celui qui s'appelle par exemple « *projection* », quand il s'agira de le transférer à la genèse d'une *jalousie délirante*.

C'est pourtant communément ce que vous verrez faire, cette extrapolation, alors qu'il suffit de lire le *texte de FREUD* lui-même dans cet exemple du Président SCHREBER, pour voir que justement il exclut - comme une question, je dirais presque qu'il n'a pas le temps d'aborder à ce moment-là, mais dont il montre tous les dangers de faire intervenir à quelque moment que ce soit d'une façon imprudente - le terme de « *projection* », c'est-à-dire *la relation du moi à l'autre* comme tel, ou *du moi à moi* comme tel, dans la genèse d'une étape ou d'un ressort

quelconque de la paranoïa. Ceci - écrit noir sur blanc - n'empêchera pas quiconque de se servir à tort et à travers du terme de « *projection* » quand il s'agit de la genèse et de l'explication des délires.

Je dirais plus : le délirant, à mesure qu'il monte l'échelle des délires, et en somme c'est cela qui en est *la caractéristique*, est de plus en plus sûr de *choses* posées comme telles, comme *de plus en plus irréelles*, et dans le cas précis de *la paranoïa*, c'est ce qui la distingue de la démence précoce, il les articule avec une abondance, avec une richesse qui est justement une des caractéristiques cliniques les plus essentielles, et qui pour être des plus massives, ne doit tout de même pas être négligée, qui caractérise l'ordre et le registre des paranoïas au cours des productions discursives, qui la plupart du temps d'ailleurs s'épanouissent en productions littéraires, au sens où « *littéraire* » signifie simplement feuilles de papier couvertes avec de l'écriture. C'est une caractéristique de ce développement de la psychose paranoïaque.

Jusqu'à quelques extrêmes dans l'ordre du délire fantasmagorique que nous arrivions à en fixer les limites, c'est bien cela qui milite en faveur du maintien d'une certaine unité entre les délires qu'on a peut-être un peu prématurément isolés comme paranoïaques à proprement parler, et les formations dites, dans la nosologie classique, « *paraphréniques* ».

Mais il y a aussi quelque chose dont il convient de vous apercevoir, c'est que le fou, tout écrivain qu'il soit, et il l'est dans ce registre, il faut quand même en faire la remarque, même dans un cas comme celui du Président SCHREBER qui apporte une œuvre si saisissante par son développement, par ses caractères complets, fermés, pleins, achevés, et certainement très attachante pour nous qui nous intéressons à ce problème, il y a quelque chose qui frappe :

c'est que ce personnage qui en somme est venu, après le développement, à se faire de ce délire la conception de relation essentielle qu'il a à Dieu, et celle de correspondant féminin de Dieu, d'être la femme de Dieu, de savoir, de ce fait, que l'idée qu'il se fait de lui-même est dans l'idée qu'en somme :

- tout est compréhensible,
- tout est arrangé, et je dirais plus :
- tout s'arrangera pour tout le monde, puisqu'il joue là un rôle d'intermédiaire entre une humanité menacée jusqu'au fin fond de son existence, et un pouvoir divin avec lequel il a ses attaches à lui, si particulières,
- tout est arrangé dans cette réconciliation.

Ceci est pour marquer le tournant de sa maladie qui se situe entre :

- le moment du symptôme inexpliqué, de la profonde perturbation de son expérience, qui a été une perturbation extrêmement cruelle et douloureuse, la période du *début* de sa psychose,
- et la période où il commence à l'élever à la compréhension, et du même coup à une certaine maîtrise de sa psychose.

C'est la *Versöhnung*, cette *réconciliation* qui le situe comme femme de Dieu, et qui donne tous les développements que cela comporte :

- un monde extrêmement riche, complexe et articulé, dont nous ne pouvons pas ne pas être frappés du fait que cela ne comporte rien qui nous indique la moindre présence, la moindre effusion, la moindre communication réelle d'aucune façon,
- une assomption qui nous donne l'idée qu'il y a vraiment là, rapport de deux êtres, et sans recourir - ce qui serait discordant à propos d'un texte comme celui-là - à la comparaison avec un texte d'un *grand mystique*.

Tout de même si l'épreuve vous amuse, ouvrez n'importe quelle page de Saint JEAN DE LA CROIX, qui dans l'expérience de la montée de l'âme, n'exprime pas dans le fond quelque chose qui soit absolument impossible à évoquer à ce propos : lui aussi se présente dans une attitude d'offrande, de réception, et il va même, jusqu'à la comparaison avec le fait d'« *épousailles de l'âme* » avec la présence divine.

Il n'y a absolument rien de commun entre l'accent qui nous est donné d'un côté et de l'autre. Et je dirais même qu'à propos du moindre témoignage d'expérience religieuse authentique, vous verrez toute la différence disons que derrière tout ce long discours par lequel SCHREBER nous témoigne quelque chose qu'il s'est enfin résolu à admettre comme solution de *sa problématique*, nous n'avons nulle part le sentiment de quelque chose qui nous soit communiqué d'une expérience originale, de quelque chose dans lequel le sujet lui-même soit pris et inclus, c'est un témoignage vraiment objectivé.

Nous posons là le problème de ce dont il s'agit dans ces sortes de témoignages de ces délirants : ne disons pas que le fou est quelqu'un qui se passe de la reconnaissance de l'autre, puisqu'en fait SCHREBER écrit cet énorme ouvrage pour que nul n'en ignore à propos de ce qu'il a éprouvé, et même pour qu'à l'occasion, les savants viennent sur son corps rechercher le témoignage de la présence de ces *nerfs féminin* dont il a été progressivement pénétré, et qui pourront permettre d'objectiver ce rapport unique qui a été le sien avec la réalité divine. Tout ceci se propose bien comme un effort pour être reconnu, et puisqu'il s'agit d'un discours et d'une chose publiée, nous dirons que là *un point d'interrogation* se soulève de ce que peut vouloir dire - pour ce personnage si isolé par son expérience, qu'est le fou - ce besoin de reconnaissance.

Nous voyons bien qu'il y a là une question qui rend plus complexe que ne va l'apparaître au premier abord, ce qui pourrait être jeté comme une distinction : soit que le fou, puisqu'il est fou, est justement le personnage qui n'a pas besoin d'être reconnu. Cette non-reconnaissance, cette suffisance qu'il a de son propre monde, cette auto-compréhension qui le distingue, qui nous semble le distinguer au premier abord, ne va pas sans présenter elle-même quelques contradictions, dont la clé est peut-être tout entière dans ce qu'il dit quand il nous apporte le témoignage de son délire. C'est là quelque chose qui se dérobe à nous, et nous permet de résumer la situation par rapport à son discours quand nous en prenons connaissance.

En ceci, comme je l'ai dit tout à l'heure, *s'il est assurément écrivain, il n'est pas poète*, il ne nous introduit pas à de nouvelles dimensions de l'expérience que nous avons chaque fois que dans un écrit nous sommes introduits à un monde qui est à la fois quelque chose auquel nous accédons et qui est autre que le nôtre, mais qui nous donne la notion de présence d'un être, d'un certain rapport fondamental qui devient aussi bien - de par là même - désormais le nôtre, qui fait que dans Saint JEAN DE LA CROIX, nous ne pouvons plus douter de *l'authenticité de l'expérience mystique...* comme aussi bien que quelqu'un d'autre : PROUST, Gérard DE NERVAL, qui assurément est la poésie qui s'appelle *création* par un sujet qui là assume un nouvel ordre de *relation symbolique* au monde.

Tout au contraire est notre personnage de SCHREBER. Dans tout son texte, à chaque instant on touche du doigt le phénomène de sa transformation : à s'observer, à nous expliquer *comment il est* violé, manipulé, transformé, siège de toutes sortes de phénomènes, *parlé*, « *jacassé* » de toutes les manières, terme qui n'est pas absolument choisi, mais c'est bien de cela qu'il s'agit.

Car vous verrez au détail de ces choses, une espèce de pépiement de ce qu'il appelle « *les oiseaux du ciel* », c'est bien de cela qu'il s'agit, le siège de toute une volière de phénomènes, il n'est pas tout cela et pourtant c'est tout cela qui est pour lui le plus important, puisque c'est pour tout cela qu'il fait *cette énorme communication* qui est la sienne, dans ce livre de quelques cinq cent pages, dans lequel il communique ces phénomènes, qui n'est pas du tout un fruit du hasard, mais le résultat d'une longue construction qui a été pour lui la solution de son *aventure intérieure*.

Qu'allons-nous donc dire en fin de compte du délirant ? Est-il seul ?

Ce n'est pas non plus le sentiment que nous avons, il est habité par toutes sortes d'existences, improbables certes, « *idéentielles* », mais dont le caractère significatif est certain comme donnée première, et dont le caractère articulé s'élabore de plus en plus à mesure qu'avance son délire : le doute porte au départ, et à tel moment, justement sur ce à quoi elle renvoie, mais elle renvoie sûrement à quelque chose, ceci pour lui ne fait aucun doute.

Chez un sujet comme SCHREBER *les choses* vont aussi loin, que le monde entier est pris dans *ce délire de signification*, et l'on peut dire que loin d'être seul, il n'est à peu près rien de ce qui l'entoure qu'il ne soit d'une certaine façon.

Mais par contre tout ce qu'il fait *être* dans ses significations, est en quelque sorte *vide* de lui-même, et ceci est expliqué et articulé de mille façons, spécialement par exemple quand il remarque et quand il dit que Dieu, c'est-à-dire son interlocuteur imaginaire, ne comprend rien à tout ce qui est de l'intérieur, à tout ce qui est des êtres vivants,

Dieu n'a jamais affaire qu'à *des ombres* ou à *des cadavres*, et aussi bien *tout son monde s'est transformé en une fantasmagorie* de ce qu'on a traduit plus ou moins proprement en français par : « *ombres d'hommes bâclés à la six-quatre-deux* ».

Je vous dirai aujourd'hui ce sur quoi va porter notre démonstration : qu'une telle construction, qu'une telle transformation, qu'une telle création, se produise chez un sujet, nous avons à la lumière des perspectives analytiques plusieurs voies qui s'ouvrent à nous pour le comprendre. Les voies toujours faciles sont les voies déjà connues.

Nous avons une catégorie qui a été introduite très tôt dans l'analyse, dont vous savez qu'elle est tout à fait au premier plan, présente dans tout ce qui s'en dit actuellement, c'est la notion de *défense* : tout ceci est fait pour quelque chose, et le quelque chose dont il s'agit est quelque chose contre quoi le sujet veut se défendre.

- Vous savez que les névroses, sont ainsi expliquées.
- Vous savez aussi combien j'insiste sur le caractère incomplet de cette référence, sur son caractère scabreux en ce sens qu'il prête à toutes sortes d'interventions précipitées, et comme telles nocives.
- Vous savez d'autre part combien il est difficile de s'en débarrasser, puisque aussi bien cela touche à quelque chose d'objectivable.

C'est précisément pour cela que la catégorie et le concept est à la fois si insistant, si tentant, et vous offre un tel penchant, pour diriger selon lui nos interventions : le sujet se défend, aidons-le à comprendre qu'il ne fait que se défendre, c'est-à-dire à lui montrer ce contre quoi il se défend.

Plan et point dans lequel, dès que vous entrez, vous vous trouvez devant des dangers multiples. Le premier danger étant celui que vous manquez très exactement le plan sur lequel doit se faire votre intervention, qui doit toujours seulement distinguer l'ordre où se manifeste cette défense, si cette défense est manifestement dans *l'ordre symbolique*, c'est là qu'est *toute la différence* de ce que je vous enseigne, avec ce que vous pourrez trouver ailleurs.

C'est-à-dire qu'il s'agit de quelque chose que vous pouvez élucider dans le sens d'*une parole* au sens plein, c'est-à-dire de quelque chose qui intéresse dans le sujet, *signifiant et signifié*, et dont vous avez dans l'actualité, dans ce que vous présente le sujet, les deux, *signifiant et signifié*.

Alors en effet, là, vous pouvez intervenir en lui montrant la conjonction de *ce signifiant* et de *ce signifié*, et pour autant qu'il les a tous les deux présents dans son discours : si vous ne les avez pas tous les deux, si vous avez l'impression que le sujet se défend contre quelque chose que vous voyez vous, et que lui ne voit pas, c'est-à-dire que vous voyez de la façon la plus manifeste et la plus claire, que le sujet *aberre* quant à la réalité, la notion de « *défense* » est pour vous insuffisante pour vous permettre de mettre le sujet en face de la réalité.

Rappelez-vous ce que je vous ai dit dans un temps ancien à propos d'une observation très jolie de KRIS : le personnage qui était hanté par la notion qu'il était plagiaire, et par la culpabilité de son plagiat. L'intervention de KRIS, il la considère comme géniale au nom de la *défense*, car depuis quelque temps comme nous n'avons plus que cette notion de *défense*, il est bien clair qu'en effet ce *moi* a à faire la lutte sur trois fronts, c'est-à-dire :

- du côté de l'*id*,
- du côté du *surmoi*,
- et du côté du *monde extérieur*,

...alors nous nous croyons autorisés à intervenir sur l'un quelconque de ces trois plans, et de faire remarquer au personnage dont il s'agit - parce que tout d'un coup ça vient à la portée de notre main - que nous nous permettons de lire l'ouvrage auquel le sujet a fait allusion, à savoir l'ouvrage d'un de ses collègues auquel une fois de plus il aurait fait des emprunts, et nous nous apercevons qu'il n'y a rien du tout dans l'ouvrage du collègue qui mérite

d'être considéré comme une idée originale que le sujet aurait empruntée. Nous le lui faisons remarquer, considérant que ceci fait partie de l'analyse, heureusement nous sommes à la fois assez honnêtes et assez aveugles.

Comme preuve du bienfondé de notre *interprétation*, le fait que le sujet à la séance suivante nous apporte la jolie petite histoire suivante : en sortant de la séance il a été dans un restaurant quelconque pour y déguster son plat préféré,

des cervelles fraîches. On est enchanté : ça a répondu, mais qu'est-ce que ça veut dire ? Ça veut dire d'abord que *le sujet*, lui, n'a absolument rien compris à la chose, et qu'il ne comprend rien non plus à ce qu'il vous apporte, de sorte qu'on ne voit pas très bien où est le progrès réalisé du fait qu'on a appuyé sur le bon bouton.

C'est un *acting-out* dans ce sens que j'entérine l'*acting-out* comme étant quelque chose de tout à fait équivalent à un phénomène hallucinatoire du type délirant. Il s'agit de ceci précisément dans ce sens :

- où vous avez symbolisé prématurément quelque chose qui est de l'ordre de la réalité,
- où vous n'avez pas abordé la question à l'intérieur du registre symbolique.

L'aborder à l'intérieur du registre symbolique pour un analyste dans une occasion comme celle du plagiariste, doit être centré sur l'idée :

- que d'abord le plagiarisme n'existe pas,
- à savoir qu'il n'y a pas de propriété symbolique,
- que le symbole est à tous.

C'est à partir de là que l'analyste doit se poser la question : pourquoi d'abord est-ce que les choses de l'ordre et du registre du symbole ont pris pour le sujet cet accent, et ce poids de *l'apparence* ou de *la non-apparence*. C'est là qu'est le problème. C'est là que l'analyste doit attendre ce que le sujet va lui fournir pour lui permettre de faire entrer en jeu son interprétation. Vous avez en effet toutes les chances pour que ce plagiarisme soit fantasmatique, parce que c'était un grand névrosé résistant déjà à une tentative certainement pas négligeable d'analyse, puisqu'il avait eu avant de venir à KRIS une analyse certainement efficace.

Par contre en portant l'intervention sur le plan de la réalité, c'est-à-dire en fin de compte en retournant, à travers les catégories analytiques, à la psychothérapie la plus primaire, vous avez commencé à lui dire la réalité, et ça ne colle pas, à savoir qu'il n'est pas réellement plagiaire.

Que fait le sujet ? Le sujet répond de la façon la plus claire, c'est-à-dire en renouvelant à un niveau plus profond de la réalité, pour bien montrer que c'est là qu'est la question, à savoir que quelque chose surgit de la réalité, qui est obstiné, et que tout ce qu'on pourra lui dire ne changera rien au fond du problème, c'est-à-dire qu'il s'impose à lui quelque chose, puisque vous lui démontrez qu'il n'est pas plagiaire, il va vous montrer de quoi il s'agit

en vous faisant manger des cervelles fraîches, c'est-à-dire qu'il renouvelle son symptôme sur un point plus éloigné

qui n'a pas plus de fondement ni plus d'existence que le point sur lequel il l'a montré tout d'abord.

Montre-t-il même quelque chose ? J'irai plus loin, je dirai :

- qu'*il* ne montre rien du tout,
- ce quelque chose *se montre*.

Et c'est là que nous sommes au cœur de ce que je vais cette année essayer de vous démontrer au niveau du Président SCHREBER, à propos de toute cette observation, qui montre d'une façon en quelque sorte dilatée, façon qui nous permet de voir les choses microscopiques à une dimension énorme, cette observation du Président SCHREBER et

le rôle fondamental de ce que j'ai à vous démontrer à propos de cette observation et de la façon même dont FREUD

tout en ne la formulant pas jusqu'à l'extrême, parce que le problème n'était pas venu à un état d'acuité, d'urgence,

à propos de la pratique analytique dans son temps, comme il l'est dans le nôtre, de ceci qui est formulé par FREUD de la façon la plus claire : c'est *que quelque chose qui a disparu, a été rejeté de l'intérieur, reparait à l'extérieur*.

Phrase que j'ai déjà maintes fois citée, et qui est la phrase absolument essentielle. Je la commente et j'y reviens. Il s'agit de ceci, c'est que préalablement, et il s'agit d'une antériorité qui est logique et qui n'est pas chronologique,

préalablement à toute symbolisation, il existe - et les psychoses en sont la démonstration - la possibilité de ceci : *qu'une part de la symbolisation ne se fasse pas*. En d'autres termes, qu'il y a une étape antérieure à tout ce qui est

à proprement parler « *dialectique de la névrose* », en tant que la *dialectique de la névrose* est tout entière liée à ceci :

que le refoulement et le retour du refoulé sont une seule et même chose. Autrement dit *que toute la névrose est une parole qui s'articule.*

Mais il y a quelque chose qui existe aussi, c'est à savoir que quelque chose qui est tout à fait primordial dans l'être du sujet, n'entre pas dans la symbolisation, est non pas *refoulé*, mais *rejeté*. Je vous propose ceci, disons de fixer les points

qui sont à démontrer. Ça n'est pas une hypothèse non plus, c'est une articulation du problème.

Il y a une première étape, qui n'est pas une étape que vous avez à situer quelque part dans la genèse, encore que bien entendu les questions de la situation de cette étape dans la genèse, à savoir de ce qui se passe au niveau des premières articulations symboliques du sujet, l'apparition essentielle du sujet, qui commence à jouer avec un objet qu'il fait disparaître, tout ceci nous posera des questions.

Mais ne vous laissez pas fasciner par l'existence de ce moment génétique qui forcément ne vous laisse apparaître qu'un phénomène dans le développement au niveau d'un objet limité qui est ce jeune enfant que vous voyez jouer,

et qui est en train, en effet, de commencer à s'exercer à la première appréhension du symbole, mais qui, si vous vous laissez fasciner par lui, vous masque tout simplement ce fait :

- que *le symbole est déjà là*, énorme, *l'englobant de toute part*,
- que le langage existe déjà,
- qu'il remplit les *bibliothèques*, les *dictionnaires*.

Mais pas simplement : de là qu'il déborde à travers toutes vos actions, qu'il les encercle, qu'il leur fait faire ce que vous faites, que *vous êtes engagé* [Cf. Pascal] et qu'il peut vous requérir à tout instant de vous déplacer, vous mener quelque part. Vous oublierez tout cela devant cet enfant qui est en train d'inventer les éléments, de s'introduire dans la dimension essentielle du symbole.

Là où il est, c'est-à-dire partout où nous sommes en tant qu'êtres humains immergés dans le symbole, il y a la possibilité d'une *Verwerfung* primitive, de *quelque chose qui n'est pas symbolisé*.

Ce quelque chose qui n'est pas symbolisé, c'est cela qui va se manifester dans le *réel*.

C'est pour cela que cette catégorie du *réel* est essentielle à introduire. Elle est partout, elle est impossible à négliger dans les textes freudiens. Je lui donne ce nom en tant qu'il définit par rapport à *l'acte de la parole* un champ différent

de lui, du *symbolique*, parce qu'à partir de là il est possible d'éclairer l'évolution du phénomène psychotique comme tel.

Arrêtons-nous donc un moment à cette première distinction, à ce quelque chose qui se produit au niveau d'une *possibilité de non-possibilité*, d'une *Bejahung* primitive à partir de laquelle une première dichotomie s'établit dans laquelle :

- d'un côté tout ce qui aura été soumis à la *Bejahung* pure peut avoir divers destins,
- et tout ce qui d'un autre côté est tombé sous le coup de cette *Verwerfung* primitive en aura un autre qui est constitué par ceci : c'est qu'il y a un fossé beaucoup plus profond entre tout ce qui *est*, et tout ce qui a été admis dans la symbolisation primitive.

Je vais en avant aujourd'hui, mais sous ce registre, j'éclaire ma lanterne, simplement pour que vous sachiez en tout cas où je vais, ce que je veux vous faire toucher du doigt, ce que je veux prouver devant vous.

En d'autres termes, ne prenez pas cela pour une construction, ni arbitraire, ni simplement comme le fruit d'un *commentaire*, plus ou moins littéral, de FREUD, de soumission à son texte, car ce que je dis là, c'est très précisément ce que nous avons lu dans ce texte extraordinaire de la *Verneinung*.

C'est Monsieur HYPPOLITE qui, il y a deux ans, a bien voulu le lire pour nous. Il ne s'agit ni de soumission au texte, ni d'une construction qui soit en quelque sorte arbitraire. Il s'agit maintenant de vous dire que *si je pose ceci*, c'est parce que c'est la seule façon d'introduire une rigueur, une cohérence, une rationalité dans ce qui se passe

dans la psychose, et très précisément dans celle dont il s'agit ici, c'est-à-dire celle du Président SCHREBER.

Donc ce que je dirai par la suite sera à mesure que nous le rencontrerons, toujours orienté du côté de la *démonstration* des difficultés que fait toute autre compréhension du cas, en d'autres termes de ce qui fait qu'il est obligé

de le comprendre à partir de cette hypothèse primitive.

Il y a donc à l'origine *Bejahung*, c'est-à-dire « affirmation de ce qui est », ou *Verwerfung*. L'évolution ultérieure de cette *Bejahung*, c'est occasionnellement - et en somme toujours - tout ce que nous allons voir : il ne suffit pas que le sujet ait choisi dans le texte de ce qu'il y a à dire une partie et une partie seulement, pour qu'au moins avec une partie ça colle.

À l'intérieur de cela il y a des choses qui ne collent pas. C'est trop évident si nous ne partons pas de l'idée que, contrairement à ce qui est l'inspiration de toute la psychologie classique et académique, tout doit coller, à savoir que les êtres humains sont des êtres, comme on dit « adaptés », puisqu'ils vivent.

Vous n'êtes pas psychanalyste si vous admettez cela, car être psychanalyste c'est simplement ouvrir les yeux sur cette évidence qu'il n'y a rien de plus cafouilleux que « la réalité humaine », c'est-à-dire que contrairement à ce qu'on dit, dans toute la mesure où vous croyez avoir un *moi*, comme on dit « bien adapté », raisonnable, qui sait naviguer, qui sait reconnaître ce qu'il y a à faire, qui sait ce qu'il y a à ne pas faire et tenir compte des *réalités* que la psychanalyse vous montre, et si vous croyez que la psychanalyse c'est cela, il n'y a plus qu'à vous envoyer loin d'ici.

La psychanalyse vous montre - et rejoint là l'expérience - qu'il n'y a rien de plus bête qu'une destinée humaine, à savoir qu'on est toujours blousé, même quand on fait quelque chose qui réussit, ce n'est justement pas ce qu'on voulait, et qu'il n'y a rien toujours de plus déçu qu'un monsieur qui arrive soi-disant au comble de ses vœux, il suffit de parler trois minutes avec lui franchement, comme peut-être il faut uniquement l'artifice du divan psychanalytique pour le savoir, pour qu'on sache qu'en fin de compte *ce truc-là* c'est justement *le truc* dont il se moque, et qu'il est à côté de cela particulièrement ennuyé par je ne sais quoi, par toutes sortes de choses.

L'analyse c'est cela, c'est de s'apercevoir de cela et d'en tenir compte :

- c'est-à-dire que ce n'est pas comme cela par accident, que cela pourrait être autrement,
- c'est-à-dire qu'en fin de compte, par une chose bizarre, nous ne traversons la vie qu'en ne rencontrant que des malheureux, mais c'est un destin qui nous est particulier, les gens heureux doivent être quelque part.

Si vous ne vous ôtez pas cela de la tête, c'est que vous n'avez rien compris à la psychanalyse, et c'est cela que j'appelle « prendre les choses au sérieux », quand je vous ai dit qu'il fallait « prendre les choses au sérieux », c'est pour que vous preniez au sérieux justement ce fait que vous ne les prenez jamais au sérieux.

Donc à l'intérieur de cette *Bejahung*, il va arriver toutes sortes d'accidents, d'abord parce que le retranchement primitif, rien ne nous indique qu'il a été fait d'une façon propre, et je dirais qu'il y a de fortes chances que d'ici longtemps nous ne sachions rien de ses motifs, précisément parce que là c'est au-delà de tout mécanisme de symbolisation, de sorte que si quelqu'un en sait un jour quelque chose, il y a peu de chance que ce soit l'analyste. Mais avec ce qui reste, et ce avec quoi il s'agit qu'il se compose un monde, et surtout ce avec quoi il s'agit qu'il se situe dans ce monde, c'est-à-dire qu'il s'arrange pour être à peu près ce qu'il a *admis*, c'est-à-dire pour être un homme quand il se trouve être du sexe masculin, ou une femme inversement.

Ceci pose des problèmes, ce n'est pas pour rien que je mets ceci tout à fait au premier plan, puisque justement l'analyse souligne bien que c'est là un des problèmes essentiels : c'est à l'intérieur de cela que vont se produire un certain nombre de phénomènes dans lesquels, puisque c'est là proprement le champ de l'analyse, il est essentiel

que vous n'oubliez jamais que rien de ce qui touche

- au comportement de l'*être* humain comme sujet,
- à quelque chose dans lequel il se réalise, dans lequel il « *est* » tout simplement,

...ne peut échapper de quelque façon à être soumis aux lois de la parole.

S'il y a autre chose dans l'expérience, c'est ce que la découverte freudienne nous montre, c'est que les adéquations naturelles, sont chez l'homme profondément déconcertées, ce n'est pas simplement parce qu'il est un mammifère pour qui la *bisexualité* joue chez lui un rôle essentiel, *cette bisexualité fondamentale* est en effet, il n'y a pas grand-chose

de surprenant au point de vue biologique, étant donné qu'étant soumis à *des voies d'accès, de normalisation, de régulation*, qui chez sont *plus complexes* et différentes de ce à quoi elles sont soumises chez les mammifères et

chez les vertébrés en général. D'une façon *plus complexe* parce que *la symbolisation* y joue, autrement dit *la loi* qui y joue un rôle primordial.

C'est également ce que veut dire l'expérience et la découverte freudienne : *le complexe d'Œdipe* est là « *ab origine* »

à savoir *que* dans l'existence de cette loi primordiale. C'est cela le sens qu'il faut donner au fait que FREUD a tellement insisté sur l'Œdipe qu'il en a été jusqu'à construire une sociologie de *totems* et de *tabous*.

C'est manifestement qu'on la trouvait à l'avance, puisque ce n'est observable que là où la loi existe, par conséquent

il n'est pas question de *se poser la question des origines*, puisque justement elle est là depuis le début, et depuis les origines et qu'il n'est pas question d'articuler quelque chose sur la sexualité humaine s'il n'y a pas ceci : qu'elle doit se réaliser par et à travers une certaine loi fondamentale qui est simplement *une loi de symbolisation*, c'est ce que cela veut dire.

Donc à l'intérieur de ceci va se produire tout ce que vous pouvez imaginer, sous ces trois registres :

- de la *Verdichtung*,
- de la *Verdrängung*
- et de la *Verneinung*.

La *Verdichtung* c'est simplement la loi du malentendu, grâce à laquelle nous survivons, ou encore grâce à laquelle nous faisons plusieurs choses à la fois, ou encore grâce à laquelle nous pouvons par exemple satisfaire, quand nous sommes un homme, nos tendances féminines dans une relation symbolique où nous occupons précisément

la position féminine, tout en restant parfaitement sur le plan *imaginaire* et sur le plan *réel*, un homme pourvu de sa virilité.

Cette fonction qui peut très bien rester - avec plus ou moins d'intensité peut-être - de féminité, est quelque chose qui trouvera à se satisfaire à cette réceptivité essentielle qui est l'un des rôles existants fondamentaux, qui n'est pas métaphorique : nous recevons *quelque chose* quand *nous recevons la parole*.

Au même instant de manifestation de quelque chose dans notre comportement, il se peut qu'il y ait une façon de participer à la relation de *la parole* qui ait à la fois plusieurs sens, et que l'une de ces significations intéressées, soit précisément celle de se satisfaire dans cette occasion - je prends cela comme exemple - dans cette *position féminine*, comme essentielle à notre *être*.

La *Verdrängung*, ce n'est pas la loi du malentendu, c'est ce qui se passe quand ça ne colle pas, à savoir quand deux chaînes différentes symboliques...

car dans chaque chaîne symbolique nous sommes liés à une cohérence interne à cette chaîne, qui fait que nous sommes forcés à tel moment de rendre ce que nous avons donné à tel autre

...il y a des fois où ça ne colle pas, où nous ne pouvons pas rendre à la fois sur tous les plans, en d'autres termes où une loi nous est intolérable, non parce qu'elle est intolérable en soi, mais parce que nous nous sommes mis dans une position telle que pour nous, mettre la note sur ce sujet, est quelque chose qui nous paraît à proprement parler comporter un sacrifice qui ne peut pas être fait sur le plan des significations.

Mais la chaîne court toujours, c'est-à-dire que lorsque nous la refoulons de nos actes, de nos discours, de notre comportement, la chaîne continue à courir dans les dessous, c'est-à-dire à exprimer ses exigences, à faire valoir sa créance par l'intermédiaire du symptôme névrotique, et c'est pour cela que le refoulement est ce qui est au ressort de la névrose.

Il y a ce quelque chose qui s'appelle la *Verneinung* qui est probablement quelque chose de *l'ordre du discours*, c'est-à-dire tout cela que nous sommes capables de faire venir au jour par une voie articulée, ce quelque chose qui a le plus grand rapport avec l'émergence de ce qui dans l'analyse s'appelle « *principe de réalité* », et qui intervient strictement

à ce niveau, c'est-à-dire au niveau où FREUD l'articule de la façon la plus claire, en trois ou quatre endroits qui sont ceux que nous avons parcourus, de son œuvre, dans les différents moments de notre commentaire qui est celui-ci,

il s'agit de savoir, non pas ce sur quoi nous faisons une *Bejahung*, mais ce à quoi nous attribuons valeur d'existence,

et attribuer à une chose valeur d'existence, dans le vocabulaire de FREUD, je veux dire dans ce qu'il appelle, lui, « *jugement d'existence* », c'est quelque chose dont il a - avec une profondeur mille fois en avance sur ce qu'on disait de son temps - donné la caractéristique suivante : *qu'il s'agit toujours de retrouver un objet*.

Qu'est-ce que cela comporte et qu'est-ce que cela veut dire ? Cela veut dire que toute appréhension de la réalité chez l'homme est soumise à une condition primordiale, c'est-à-dire que le monde humain consiste en ceci : que le sujet est à la recherche de *l'objet de son désir*, mais rien ne l'y conduit.

La réalité, pour autant qu'elle est soutenue par le désir, est au départ, hallucinée. Dans la théorie de la naissance du monde objectal, la réalité, telle que nous la voyons exprimée à la fin de la *Traumdeutung* par exemple, et telle qu'elle est reprise chaque fois qu'il s'agit d'elle essentiellement, le sujet reste en suspension à l'endroit de ce qui fait son objet fondamental : *l'objet de sa satisfaction*.

Et je dirai que c'est *cette partie de l'œuvre de la pensée freudienne* qui est reprise abondamment dans tout le prétendu développement sur l'interrogatoire qui nous est fait pour l'instant, de la relation pré-œdipienne. En fin de compte ceci consiste à dire que le sujet cherche toujours à retrouver la satisfaction de la primitive relation maternelle.

Mais en d'autres termes, là où FREUD a introduit la dialectique de deux principes qui ne sont jamais séparables, qui ne peuvent jamais être pensés l'un sans l'autre, *principe du plaisir* et *principe de réalité*, on choisit l'un d'entre eux,

le principe du plaisir et c'est à lui qu'on donne tout l'accent en montrant qu'il domine et englobe *le principe de réalité*.

On le méconnaît dans son essence, et dans son essence il est exactement ceci : le sujet doit, non pas trouver l'objet, c'est-à-dire y être conduit par les canaux, les rails naturels d'une adaptation vitale, plus ou moins préétablie et plus ou moins achoppant d'ailleurs, telle que nous la voyons dans *le règne animal*, il doit au contraire retrouver le surgissement qui est *fondamentalement halluciné* de l'objet de son désir, il doit retrouver cet objet, c'est-à-dire que bien entendu il ne le retrouve jamais.

Et c'est précisément là en quoi consiste *le principe de réalité* dans lequel FREUD écrit : le sujet ne retrouve jamais

qu'un autre objet qui peut se trouver de façon plus ou moins satisfaisante répondre aux besoins dont il s'agit, mais qu'il ne trouve jamais qu'un objet, puisqu'il doit retrouver par définition : quelque chose qui est répété, et comme objet qui est quelque chose qui est également distinct, et c'est là le point essentiel autour duquel tourne tout le jeu de l'introduction dans la dialectique freudienne du *principe de réalité*.

Ce qu'il faut concevoir, parce que ceci nous est donné par l'expérience clinique, c'est *qu'il y a autre chose qui apparaît dans le réel...*

que ce qui est ainsi mis à l'épreuve, recherché par le sujet, ce vers quoi le sujet est conduit par l'appareil de réflexion ou par l'appareil de maîtrise qu'est son *moi*

...*il y a autre chose* qui sort des cadres de cette recherche, qui sort de l'appareil de recherche qu'est le *moi*...

c'est-à-dire avec tout ce que le *moi* comporte d'aliénations fondamentales

...*il y a autre chose qui* a tel moment de son existence *peut surgir* :

- soit sous la forme sporadique, à savoir le petit type d'hallucination sporadique dont il est fait état à propos de *L'homme aux loups*,
- soit d'une façon beaucoup plus menaçante, extensive, élastique, comme ce qui se produit dans le cas du Président SCHREBER,

...*il y a autre chose qui peut surgir dans la réalité, à savoir une signification énorme* qui n'a l'air de rien, d'autant plus qu'on ne peut la relier en rien, puisqu'elle n'est jamais entrée dans le système de la symbolisation, mais qui peut dans certaines conditions menacer tout l'édifice, et ceci s'appelle à proprement parler « *le phénomène psychotique* ».

En d'autres termes : dans le cas du Président SCHREBER, ce qui est manifestement rejeté, et ce dont le resurgissement à *tel moment* de son existence, et déjà la question du « *tel moment* » va nous poser la question de ce qui détermine l'invasion psychotique, et à la prendre comme cela, vous verrez à quel point ce qui la détermine est différent de ce qui détermine l'invasion névrotique, ce sont des conditions qui sont strictement opposées.

Quelque chose fait qu'une signification quelconque qui concerne le sujet, et qui ne se dessine que de la façon la plus estompée dans son horizon, son éthique, réparaît, qui est précisément dans le cas du Président SCHREBER,

quelque chose qui a le plus étroit rapport avec cette *bisexualité* primitive dont je vous parlais tout à l'heure : le Président SCHREBER n'a jamais intégré d'aucune façon - et c'est là quelque chose que nous essayerons aussi de voir dans le texte - aucune espèce de forme féminine, et c'est justement quelque chose qui, chez lui, a une extrême importance.

On voit difficilement comment ce serait purement et simplement pour *le rejet ou le refoulement des pulsions* plus ou moins vaguement transférentielles, qu'il aurait éprouvé à l'égard du Docteur FLECHSIG, ou même pour réprimer telle ou telle tendance, que le Président SCHREBER aurait construit cet énorme délire : il y a quelque chose qui doit être

tout de même une instance un tout petit peu plus proportionnée au résultat dont il s'agit. Il s'agit de cela : la fonction féminine dans sa signification symbolique essentielle dont je vous indique déjà que nous ne pouvons la retrouver qu'au niveau du terme de « *procréation* », vous verrez pourquoi nous serons amenés à la mettre à ce niveau-là,

nous ne dirons ni émasculatation ni féminisation, ni fantasme de grossesse, ça va jusqu'à la « *procréation* ».

C'est quelque chose qui, à un point non pas du tout déficitaire de son existence, mais au contraire à un moment sommet de son existence, se manifeste à lui sous la forme de cette *irruption dans le réel*, de quelque chose qu'il n'a jamais connu, qui surgit avec une étrangeté totale, qui va amener progressivement pour lui, une submersion absolument radicale de toutes ses catégories, et le forcer à un véritable remaniement de son monde. Il s'agit de savoir si oui ou non nous pouvons parler à ce sujet, en quelque sorte, de processus de réconciliation, ou de compensation, ou de guérison, comme certains n'hésiteraient pas à le produire, manifestant qu'au moment de stabilisation

de son délire, il y a un état plus calme qu'au moment de l'irruption du délire. Est-ce ou non une guérison ?

C'est tout de même une question qui mérite d'être posée, je crois tout de même que ce n'est qu'abusivement qu'on peut l'employer dans ce sens.

Que se passe-t-il donc au moment où *ce qui n'est pas symbolisé réparaît dans le réel* ?

Il se passe quelque chose bien sûr, et il n'est pas vain d'apporter à ce propos le terme de défense.

En d'autres termes, si des coordonnées apparaissent dans le *réel* par rapport à toute symbolisation, il est clair que ceci apparaît sous le registre de la signification, d'une signification qui ne vient de nulle part et qui ne renvoie à rien,

mais d'une signification essentielle, et même d'une certitude de cette signification : le sujet est concerné.

Qu'est-ce qui se passe ? Il se passe à ce moment certainement la mise en branle de quelque chose qui intervient chaque fois qu'il y a conflit d'ordre chez le sujet, à savoir du *refoulement*. Pourquoi *le refoulement* ne colle-t-il pas ici,

à savoir : n'aboutit pas à ce qui se produit quand il y a névrose ?

Avant de savoir *pourquoi* il faut d'abord bien étudier le *comment*, et justement mettre l'accent sur ce qui fait la différence de structure entre la névrose et la psychose.

C'est que quand une pulsion, disons *féminine* ou *passivante*, apparaît chez un sujet pour qui la dite pulsion a déjà été mise en jeu dans différents points de sa symbolisation préalable, à savoir dans sa névrose infantile par exemple,

elle trouve à s'exprimer dans un certain nombre de *symptômes*, c'est-à-dire que ce qui est refoulé s'exprime quand même, c'est-à-dire que, le refoulement et le retour du refoulé étant une seule et même chose, il y a possibilité

à l'intérieur du refoulement du désir de s'en tirer avec qui arrive de nouveau, il y a compromis.

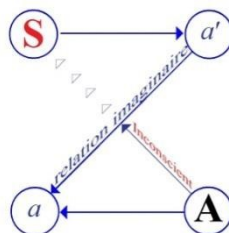
En d'autres termes, et c'est ce qui caractérise la névrose, le fou montre que c'est à la fois la chose la plus évidente

du monde, et en même temps celle qu'on ne veut pas voir, car la *Verneinung* [dénégation] n'est pas du même niveau

que la *Verwerfung* [rejet], et il y aura des réponses du côté du mécanisme de la *Verneinung* qui seront inadéquates à répondre à ce qui réparaît dans le *réel* au niveau du début de la psychose.

Et sur cette question de début nous aurons aussi à revenir, à savoir qu'est-ce que le début d'une psychose : est-ce qu'une psychose a comme une névrose une préhistoire, c'est-à-dire une psychose infantile ? Je ne dis pas que nous répondrons à cette question, mais au moins nous la poserons. Tout laisse apparaître au contraire *qu'elle n'en a pas*, à savoir que c'est pour des raisons qui méritent au moins d'être recherchées, que dans des conditions spéciales quelque chose apparaît de ce qui n'a pas été symbolisé primitivement dans le monde extérieur, et que quand ce qui a été *Verwerfung* fait apparition, surgit dans le monde extérieur, le sujet se trouve absolument démuné quant à faire réussir la *Verneinung*, à l'égard de ce qui se passe.

La question est alors de comprendre pourquoi tout ce qui va pouvoir se produire à ce moment-là, et qui a le caractère d'être absolument exclu du compromis symbolisant de la névrose, et qui va se traduire dans un autre registre, à savoir dans ce qu'on peut appeler une véritable réaction en chaîne, qui se passe au niveau de l'*imaginaire*, c'est-à-dire dans la contre diagonale de notre petit carré magique :



C'est à savoir qu'au moment où le sujet va être complètement absorbé dans une sorte de *prolifération de l'imaginaire*, faute d'aucune façon de pouvoir rétablir *le pacte du sujet à l'Autre*, de pouvoir faire une médiation quelconque entre ce qui est nouveau, ce qui apparaît, et lui-même va entrer dans un autre mode de médiation, mais qui est complètement différent du premier, *substituant à la médiation symbolique* ce qu'on peut appeler *une espèce de fourmillement, de prolifération imaginaire*, dans lequel s'introduit de façon déformée, d'une façon profondément *asymbolique*,

le point, le signe central d'une médiation possible dans lequel *le signifiant* lui-même comme tel, va subir ces profonds remaniements qui donnent cet accent si particulier aux intuitions les plus significatives pour le sujet - celles sur lesquelles j'ai déjà insisté - ce poids que prennent certains mots, et que vous verrez dans ce qu'on appelle

« *la langue fondamentale* » du Président SCHREBER.

Mais ceci marquant le signe de la subsistance de *l'exigence du signifiant à l'intérieur d'un monde imaginaire*, ou autrement dit d'une complète relativation du rapport du sujet au monde, dans *une relation en miroir*. C'est-à-dire que le monde du sujet, nommément celui du Président SCHREBER, celui qui pour lui à ce moment-là devient le mot significatif, va se composer essentiellement du rapport entre cet être qui pour lui est l'*autre*, c'est-à-dire Dieu lui-même, dans lequel quelque chose est prétendument réalisé, qui s'appelle la relation d'homme à femme, ou quelque chose est prétendument réalisé qui lui permet d'assumer cette position.

Vous le verrez quand nous étudierons en détail ce délire, vous verrez que tout au contraire les deux personnages :

- c'est-à-dire Dieu, ou autrement dit tout ce qu'il comporte, car avec Dieu il y a l'univers, c'est l'idée de la sphère céleste qui est incluse,
- et lui en tant qu'*il est lui-même littéralement décomposé en une multitude d'êtres imaginaires* qui poursuivent à l'intérieur d'eux-mêmes leur va-et-vient, leur montée et leur descente, leurs transfigurations diverses,

...l'un et l'autre - à savoir que le monde et ce qu'il conçoit dès lors comme lui-même - sont deux structures qui se relaient strictement, et qui portent de façon tout à fait attachante pour nous, de façon développée, ce qui n'est jamais qu'élidé, voilé, domestiqué à proprement parler dans la vie de l'homme normal.

À savoir que toute cette dialectique du corps morcelé par rapport à *l'univers imaginaire* qui est sous-jacent dans la structure normale, est une des valeurs de l'examen de ce délire, et nous permet de voir d'une façon développée, prenant toute la place, la dialectique imaginaire comme telle. C'est-à-dire de voir ce en quoi elle se distingue

de tout ce que nous pouvons présumer d'une relation instinctuelle si on peut dire, naturelle, en raison d'une structure générique qui est justement celle que nous avons déjà marquée à l'origine, et au ressort du *stade du miroir* :

c'est celle-là qui fait d'avance du *monde imaginaire* de l'homme, quelque chose de *décomposé*.

Là nous le trouvons à son état développé, c'est un des intérêts de l'analyse du délire comme tel, c'est toujours ce qu'ont souligné les analystes, c'est-à-dire qu'ils nous montrent ce qu'on appelle « *le jeu des fantasmes* » dans *son caractère* absolument développé *de duplicité*, c'est-à-dire que *ces deux « autres »* auxquels se réduit le monde

dans le Président SCHREBER, *sont fait l'un par rapport à l'autre, car c'est tout au plus que l'un offre à l'autre son image inversée.*

Mais l'important est l'intérêt de voir comment et pourquoi ceci répond à la demande, c'est-à-dire à l'exigence qui n'est certainement faite que de biais et de façon non réussie, à la demande d'intégrer ce qui est surgi dans le *réel*,

et ce qui représente pour le sujet ce quelque chose de lui-même qu'il n'a jamais symbolisé. En d'autres termes de comprendre comment une exigence de *l'ordre symbolique*, pour ne pouvoir d'aucune façon être *intégrée* dans ce qui a déjà été mis en jeu dans le passé, mouvement dialectique sur lequel a vécu le sujet, entraîne toute cette espèce

de désagrégation en chaîne, de soustraction de la trame dans la tapisserie qui s'appelle un délire.

Et c'est un délire par rapport à un discours normal, vous le verrez, il n'est pas forcément absolument sans rapport,

et ne serait-ce que pour ceci : c'est que le sujet est fort capable de lui-même de s'en satisfaire, et à l'intérieur d'un monde de communication où tout n'est pas absolument rompu.

Telles sont les questions, c'est-à-dire au joint précisément de cette *Verwerfung* avec la *Verneinung* qui va être la première réponse que nous poursuivrons la prochaine fois dans notre examen.

J'avais l'intention de pénétrer dans l'essence de la folie, et j'ai pensé qu'il y avait là une folie. Mais je me suis rassuré en me disant que ce que nous faisons n'est pas une entreprise aussi isolée et donc aussi hasardeuse, mais que nous avons dans ce sens quelques exemples. Ceux-ci nous ont appris qu'il y a quelque chose à tirer du *phénomène*, et que c'est donc aussi dans une prise en charge de cette recherche sur le phénomène, que se situe notre voie. Ce qui tout de même nous rassure.

Ce n'est pas pourtant que le travail soit si facile. Pourquoi ? Parce que dans une sorte de singulière fatalité, toute entreprise humaine et spécialement les plus difficiles, tendent toujours à une sorte de retombée, autrement dit à ce quelque chose de mystérieux qu'on appelle la paresse.

Il suffit pour le mesurer sans préjugés, avec un œil et un entendement lavés de tout le bruit que nous entendons autour des concepts analytiques, de relire le texte de FREUD, pour s'apercevoir une fois de plus que c'est un texte extraordinaire, et qui ne fait guère que nous livrer la voie de l'énigme.

En fin de compte toute l'explication qu'il nous donne du délire du Président SCHREBER, vient confluer et faire de cette notion de « *narcissisme* » - qui n'est assurément pas quelque chose qu'on puisse considérer, au moins à l'époque où il l'écrit, comme élucidée - quelque chose qui nous prouve que ça n'est pas à réduire le problème, à faire comme si tout ceci était admis, comme si le narcissisme était quelque chose qui se comprenne de soi-même : avant d'aller vers les objets extérieurs il y aurait une étape où le sujet prend *son propre corps comme objet*. Voilà en effet une dimension et un registre dans lesquels le terme de narcissisme prend son sens. Est-ce bien à dire pour autant que ce soit uniquement et sous ce biais et dans ce sens, que le terme de « *narcissisme* » soit employé ?

Pourtant l'*autobiographie* du Président SCHREBER, telle que FREUD la fait venir à propos de cette notion, nous montre que ce qui répugnait en somme à son narcissisme, c'était l'adoption d'une *position féminine* à l'endroit de son père, laquelle comportait la *castration*. C'est quelque chose qui trouve mieux à se satisfaire dans cette relation fondée sur ce qu'on peut appeler fondamentalement délire de grandeur, à savoir que la castration ne lui fait plus rien à partir du moment où son partenaire est Dieu. En somme le schéma que FREUD nous donne pourrait se résumer d'une façon conforme aux formules qui nous ont été données dans ce texte même :

- « *Je ne l'aime pas lui* »,
- « *c'est Dieu que j'aime* »,
- et par renversement : « *c'est Dieu qui m'aime* ».

Nous ne ferions là qu'appliquer strictement les formules données par FREUD de la notion générale de la paranoïa dans ce texte même, pour résumer ce qui advient enfin, ce qui est en somme l'*épanouissement et la signification de ce délire*.

Je vous ai déjà fait suffisamment remarquer la dernière fois, que ceci n'est peut-être tout de même pas complètement satisfaisant, pas plus que les formules de FREUD ne le sont plus complètement, si éclairantes soient-elles, car de même que nous constatons dans le délire de la persécution que le renversement : « *je ne l'aime pas* », « *je le hais* », avec - par renversement - « *il me hait* », est quelque chose qui donne une clé, une sorte de cryptogramme qui nous permet de concevoir quelque chose dans le mécanisme de la persécution : il est bien clair que c'est devenu entretemps ce « *il* » qui maintenant me hait. C'est là qu'est tout le problème, car le caractère démultiplié, neutralisé, vidé, semble-t-il, de « *je ne sais quoi* » que nous allons essayer de dire, et qui n'est autre que sa subjectivité.

Le caractère de signes indéfiniment répétés que prend le *phénomène persécutif* - et le persécuté pour autant qu'il est son support - est quelque chose qui en désigne l'énigme, à savoir ce qu'est devenu l'autre, le partenaire,

au cours de la transformation. Le persécuteur est devenu ombre de *l'objet* persécuteur.

Ceci n'est pas moins vrai pour ce Dieu dont il s'agit dans l'épanouissement du délire du Président SCHREBER, et je vous ai fait remarquer au passage, quelle distance - presque ridicule à être évoquée tellement elle est manifeste -

il y a entre la relation du Président SCHREBER et Dieu, et n'importe quoi que nous connaissions tant soit peu approchant à une telle relation du sujet à un être transcendant, par le regard si superficiel soit-il, avec la moindre production de l'expérience mystique.

Dieu là aussi, s'il est nommé Dieu, élaboré, décrit comme tel, et même avec une très grande minutie, ne nous laisse pas moins perplexe sur la nature de *ce partenaire divin* et unique qu'il se donne à *la fin de son délire*.

Nous sentons donc dès l'abord que le problème dont il s'agit, sans s'éloigner effectivement de ce que nous a dit FREUD, à savoir de *ce retrait de l'intérêt de la libido de l'objet extérieur*, est bien en effet au cœur du problème, mais encore qu'il s'agisse pour nous de tâcher d'élaborer ce que cela peut vouloir dire, sur quel plan s'exerce ce retrait, puisque :

- d'un côté nous sentons bien qu'il y a quelque chose qui atteint profondément l'objet,
- mais que d'autre part il ne suffit pas purement et simplement de nous dire qu'il y a *retrait de la libido*, puisque nous parlons sans cesse des déplacements de la libido, c'est cela même qui est au fond des mécanismes de la névrose.

Comment le concevoir, quels sont les plans et les registres qui peuvent nous permettre d'entrevoir ces modifications du caractère de l'autre, qui sont toujours, nous le sentons bien, le fond de l'essence de l'aliénation, de la folie ?

Ici je vais me permettre un petit retour en arrière, pour essayer de poser le problème, pour voir aussi d'un œil neuf certains aspects de phénomènes déjà familiers.

Prenons quelque chose qui n'est pas une psychose, prenons le cas, on peut presque dire inaugural de l'expérience proprement psychanalytique élaborée par FREUD, c'est le cas de Dora. Dora est quelqu'un qui est une hystérique. Comme telle *elle a des rapports singuliers à l'objet*, et vous savez quel embarras fait dans son observation, et aussi bien dans la poursuite de la cure, l'ambiguïté qui reste sur cette notion, à savoir : *quel est justement son objet d'amour*.

FREUD en fin de compte a vu son erreur, en disant que c'est sans doute pour avoir méconnu ce qui était *son objet d'amour* que toute l'affaire a échoué, c'est-à-dire que la cure s'est rompue prématurément, sans permettre une résolution suffisante de ce qui était en question. En d'autres termes, le rapport conflictuel que FREUD a cru entrevoir, à savoir une impossibilité pour elle de se détacher de l'objet premier de son amour, à savoir son père, pour aller vers un objet plus normal, à savoir un autre homme, que ce n'est absolument pas là la question.

À savoir que *l'objet* pour Dora n'était personne d'autre que cette femme que dans l'observation on appelle M^{me} K.

et qui est précisément la maîtresse de son père. Partons de l'observation, je commenterai après.

Vous savez qu'en somme l'histoire est constituée dans une sorte de menuet occupé par quatre personnages : « *Madame K.* », « *le père* », « *Dora* », et « *Monsieur K.* ». Monsieur K. sert en somme à Dora de *moi*, d'*ego*. En d'autres termes c'est par l'intermédiaire de Monsieur K. qu'elle peut effectivement soutenir le rapport de M^{me} K., toute l'observation le montre.

Je demande simplement qu'on me suive, qu'on me fasse confiance, j'ai suffisamment écrit dans une intervention à propos du rapport du D^r LAGACHE sur le transfert¹², pour qu'il vous soit déjà facile de vous y reporter. Cette position a un caractère significatif en ceci : qu'elle permet à Dora de soutenir une relation supportable, ce qui est tout à fait clair, car elle ne consent à se faire soigner qu'à partir du moment où quelque chose est modifié dans ce que j'appelais « *le menuet à quatre* », et on peut concevoir que la situation est beaucoup plus soutenable

¹² Cf. - Jacques Lacan : *Intervention sur l'exposé de D. Lagache* : « *Le problème du transfert* » (E.L.P.),

- D. Lagache : « *Le problème du transfert* » in *Revue Française de Psychanalyse*, janvier-juin 1952, tome XVI, n° 1-2.

sans rien dire de plus pour l'instant - il y a des raisons beaucoup plus profondes pour le motiver, mais d'une façon générale je formulerai les choses ainsi - qu'elle est beaucoup plus soutenable dans ce rapport en quadrilatère, que s'il n'y avait pas Monsieur K.

En d'autres termes :

- ce n'est pas parce que l'objet de son affection est du même sexe qu'elle, que ce quart médiateur est essentiel au maintien de la situation,
- c'est parce que si elle était en rivalité avec son père, vis-à-vis duquel elle a les relations les plus profondément motivées qui sont justement des relations d'identification encore accentuées par le fait que la mère dans le couple parental est un personnage tout à fait effacé, c'est parce que *quelque chose* est tout spécialement insoutenable dans ce rapport triangulaire, que la situation s'est maintenue dans un rapport, non seulement supportable, mais soutenu effectivement dans cette composition de groupe.

Ce qui le prouve, c'est ce qui advient en effet le jour où est prononcée par Monsieur K. cette parole en quelque sorte fatidique :

« *Ma femme n'est rien pour moi.* »

La situation devient à proprement parler intolérable, et non tolérée, à partir du moment où une formulation expresse de Monsieur K. vient dans le jeu avertir Dora que ce Monsieur K. n'est pas *un support suffisant*, il ne s'intéresse pas du tout à Madame K. C'est exactement comme si, à ce moment là, tout se passait comme si elle lui répondait :

« *Alors que pouvez vous bien être pour moi ?* »

Elle le gifle instantanément après cette phrase, alors que jusque-là elle avait maintenu avec lui une sorte de relation ambiguë qui était justement celle qui était nécessaire pour maintenir *le groupe à quatre*, c'est là exactement que se produit *la rupture* d'équilibre de la situation. Et ce sur quoi je veux insister, c'est que l'une des faces la plus évidente, car Dora n'est qu'une petite hystérique, elle a peu de *symptômes*, ils s'interprètent très légèrement dans ses registres.

Je pense que vous vous souvenez de l'accent que j'ai mis sur cette fameuse « *aphonie* » qui ne se produit que dans les moments de *tête à tête* et de confrontation avec l'objet de son amour, et qui est certainement liée à ce moment-là à une érotisation très spéciale du rapport comme tel, la fonction orale se trouve soustraite à ses usages habituels dans toute la mesure où elle approche de trop près l'objet de son désir, c'est-à-dire M^{me} K.

Mais tout cela est peu de choses, une petite aphonie pendant les absences de M^{me} K. ce n'est pas quelque chose qui la précipiterait chez FREUD et qui non plus aurait fait considérer la situation comme suffisamment intolérable à son entourage, pour qu'il l'y pousse.

C'est qu'il se produit nettement - à partir du moment où la situation se décompense, où le 4^{ème} personnage s'en va - un petit syndrome de persécution tout simplement, de Dora par rapport à son père, car enfin il est bien clair que jusque-là la situation était un peu scabreuse, mais elle ne dépassait pas la mesure, ou ce n'était pas appréhendé autrement que dans la mesure de ce que nous appellerons « *l'opérette viennoise* ».

Dora se comportait admirablement, comme toutes les observations ultérieures le soulignent, *pour qu'il n'y ait pas d'histoires*, pour que son père ait avec cette femme aimée - car la question de la nature des relations avec cette femme reste assez dans l'ombre - des relations normales, Dora se comportait de façon à ce que les choses se passent bien, elle couvrait l'ensemble de la situation et elle n'en faisait pas tant d'histoires, elle y était assez à l'aise en fin de compte.

Mais à partir du moment où la situation se décompense, elle formule, elle revendique, elle affirme que son père veut la prostituer et la livre à ce Monsieur K. en échange du maintien des relations ambiguës qu'il a avec Madame K.

Vais-je dire que Dora est une paranoïaque ? Je n'ai jamais dit cela et je suis assez scrupuleux en matière de diagnostic de psychose. Je me suis dérangé ici pour venir voir une patiente qui a évidemment un comportement tout à fait difficile, conflictuel avec son entourage : on me faisait venir en somme pour dire que c'était une psychose et non pas purement et simplement comme il apparaît au premier abord, une névrose obsessionnelle.

Je me suis refusé à porter le diagnostic de psychose pour une raison tout à fait décisive, et qui est je crois ce que nous devons exiger pour porter ce diagnostic, c'est qu'il est certaines perturbations, celles qui sont précisément l'objet de notre étude cette année, et auxquelles j'essaie de vous introduire et de vous montrer qu'il faut savoir les distinguer, qui sont les troubles de l'aliénation dans l'ordre du langage, la formule générale qui nous permettrait tout de même de délimiter une frontière, de saisir une limite. Il ne suffit pas :

- d'avoir saisi, par la revendication contre les personnages qui sont censés agir contre vous,
- d'entrer dans le conflit revendicatif à l'endroit d'un personnage du milieu extérieur,

...pour que nous soyons pour autant dans la psychose.

Cela peut être une revendication injustifiée de participer du délire de la présomption, ce n'est pas pour autant une psychose, mais ce n'est pas sans rapport avec elle. La preuve c'est que jusqu'à ce que je vous dis aujourd'hui, jusqu'à cette limite que je vous propose d'adopter provisoirement comme une convention, on a parfaitement fait la continuité entre les uns et les autres, et qu'on a toujours su définir le paranoïaque comme :

« un monsieur susceptible, intolérant, méfiant et en état de conflit verbalisé avec son entourage ».

En d'autres termes il y a autre chose, il y a un *petit délire*, car on peut aller jusqu'à l'appeler ainsi.

Dora éprouve à l'endroit de son père un *phénomène significatif*, il reste dans certaines limites un *phénomène interprétatif*, voire hallucinatoire, il ne va pas jusqu'à produire un délire, mais néanmoins c'est quelque chose qui est extrêmement sur la voie de ce rapport ineffable, intuitif, de l'hostilité, de la mauvaise intention d'autrui concernant précisément

la situation où le sujet a véritablement participé de la façon élective la plus profonde, essentielle au maintien de cette situation, c'est quelque chose dont le phénomène est bien là fait pour nous retenir.

Qu'est-ce que ceci veut dire ? Ceci veut dire que par le défaut des éléments du quadrilatère dont il s'agit, que quelque chose vient de se modifier dans ce qu'on peut appeler le niveau d'altérité d'un tel personnage, la situation se dégrade en raison de l'absence d'un des composants qui lui permettait de se soutenir.

Nous pouvons en effet si nous savons la manier avec prudence, faire usage de cette notion de *distanciation* dont on fait un usage à tort et à travers, mais dont ce n'est pas non plus une raison de nous en refuser l'usage, à condition que nous essayions de lui donner précisément une application plus conforme à ce que nous pouvons voir et juger dans les faits, et ceci nous mène au cœur du problème du « *narcissisme* ».

Quelle notion pouvons-nous nous faire du *narcissisme*, à partir du moment où tout notre travail nous l'a fait élaborer.

Nous considérons la relation du *narcissisme* comme la relation *imaginaire* centrale pour le rapport interhumain. Qu'est-ce qui ressort de tout cela ? Qu'a concentré, cristallisé autour de cette notion, l'expérience de l'analyste ?

C'est avant tout son ambiguïté :

- c'est à la fois une *relation érotique* : c'est par la voie de la relation narcissique que se fait toute *identification érotique*, toute prise, toute saisie par l'image de l'autre dans un rapport de capture ou de *captivation érotique*,
- c'est aussi la même relation qui nous est donnée pour être à la base de ce qu'on peut appeler de la tension agressive.

Ceci ne peut pas manquer de frapper, et je dirais même que maintenu à *cet état d'élaboration* si on peut dire *élémentaire*,

sans plus approfondir ce qu'est cette relation agressive, quel mode particulier elle prend dans le registre humain, nous avons là d'ores et déjà quelque chose d'incontestable : c'est à partir du moment où la notion du narcissisme intervient dans la théorie analytique, que de plus en plus et progressivement la note de l'agressivité est mise au centre des préoccupations des analystes, et je dirais même des préoccupations techniques des analystes.

L'important je crois est d'essayer d'aller plus loin, vous le savez c'est très exactement ce à quoi sert *le stade du miroir*, c'est mettre en évidence quelle est la nature particulière de cette *relation agressive*, ce qu'elle signifie,

c'est de montrer que cette *relation agressive* n'intervient pas pour rien dans l'affaire et dans l'ordre de ce qui s'appelle le *moi* :

- c'est qu'elle est constituante de la formation de ce qui s'échelonne, qui s'appelle le *moi*,
- c'est que le *moi* est par lui-même et déjà *un autre*, et que le *moi* s'instaure dans une dualité interne au sujet,
- c'est que le *moi* est cette sorte de maître que le sujet trouve dans *un autre* et qu'il instaure à l'état de *fonction de maîtrise* au cœur de lui-même.

C'est donc :

- que dans tout ce rapport avec l'autre, il y aura cette ambiguïté pour le sujet, qu'il s'agit en quelque sorte de choisir : « *c'est lui ou moi* »,
- que dans toute relation avec l'autre, même érotique, il y aura quelque écho qui se produira de cette relation d'exclusion qui s'établit à partir du moment où l'être humain est *un sujet qui sur le plan imaginaire est constitué d'une façon telle, que l'autre est toujours près de reprendre cette place de maîtrise* par rapport à lui, alors qu'en lui il y a un *moi* qui est toujours en partie quelque chose qui lui est en quelque sorte étranger, qui est une sorte de « *maître implanté en lui* » par-dessus l'ensemble de ses *tendances, de ses comportements, de ses instincts, de ses pulsions*.

Ceci n'est rien d'autre que d'exprimer d'une façon un peu plus rigoureuse, en mettant en évidence le paradoxe, à savoir qu'*il y a des conflits entre les pulsions et le moi*, et qu'il faut faire un choix entre eux : il y en a de bons, il y en a de mauvais, il y en a qu'il adopte, il y en a qu'il n'adopte pas, et ce qu'on appelle « *fonction de synthèse* » du *moi*

- on ne sait pas pourquoi puisque justement cette synthèse ne se fait jamais - c'est quelque chose qu'on ferait mieux d'appeler « *fonction de maîtrise* ». Et ce maître où est-il ? À l'intérieur, à l'extérieur ? Il est toujours *à la fois à l'intérieur et à l'extérieur*, et c'est pour cela que tout équilibre purement *imaginaire* à l'autre est toujours frappé d'une sorte d'*instabilité* fondamentale. En d'autres termes, faisons ici un tout petit rapprochement avec la psychologie animale.

Nous savons que les animaux...

tout au moins le croyons-nous par ce que nous voyons, ça paraît porter en soi une suffisante évidence pour que depuis toujours les animaux servent aux hommes de point de référence

...les animaux ont une vie beaucoup moins compliquée que nous, ils ont des rapports avec l'autre quand l'envie les en prend. Il y a deux façons d'en avoir envie : *les manger, les baiser*.

Ceci se produit selon *un rythme* qu'on appelle *naturel*, c'est ce qu'on appelle *le rythme des comportements instinctuels*.

Le rapport des animaux à leurs semblables se maintient dans un rapport *imaginaire* très exactement : bon gré, mal gré.

On l'a porté au jour en mettant en valeur *le caractère fondamental de l'image* précisément dans *le déclenchement de ces cycles*.

Il a été mis particulièrement en évidence dans *ces deux registres* et on nous a montré que les poules et autres volailles, entrent dans un état d'affolement à la vue d'un certain *profil* qui est celui du rapace auquel elles peuvent être

plus ou moins sensibilisées : ce *profil* pourra provoquer la réaction de fuite, de pépiement et de piaillage chez les dites volailles, alors qu'un *profil* légèrement différent ne les produit pas.

La mise en évidence même de ces *profils* nous montre assez à quel point le caractère *imaginaire* est essentiel. Même remarque pour le comportement des déclenchements sexuels, à savoir qu'on peut fort bien tromper aussi bien le mâle que la femelle de l'épinoche. La partie dorsale de l'épinoche - qui est un poisson - prend une certaine couleur chez l'un des deux partenaires au moment de la parade, et peut déclencher chez l'autre tout le cycle des actions de comportements qui permettent leur rapprochement final.

Mais on peut pousser beaucoup plus loin, jusqu'à une espèce d'aide donnée à la couvade de la femelle, qui constitue l'ensemble du comportement sexuel. Ce point limitrophe entre l'*ἔρως* [érôs] et *la relation agressive* n'a pas de raison de ne pas exister chez l'animal.

Personne ne semble encore avoir tiqué avec l'accent qui convient sur la parade. LORENZ commence par une très jolie image où l'épinoche est devant le miroir, l'épinoche mâle a en effet été confrontée par LORENZ

à sa propre image, et elle a un comportement bien étrange, tous les éléments sont dans le livre, pour les éclairer je dois simplement dire que LORENZ ne le met pas en évidence pour n'avoir pas participé à mes séminaires, il est très curieux néanmoins qu'il ait cru devoir mettre en évidence cette image, la plus énigmatique, en tête du livre.

Par contre si on regarde le texte, on trouve l'explication, voici en effet ce qu'on peut lire dans le livre.

Cette limite entre l'ἔρως [érôs] et l'instinct d'agression est tout à fait possible à manifester et même à extérioriser dans l'étendue chez l'épinoche. *L'épinoche en effet a un territoire*, elle ne l'a pas toujours mais elle l'a tout particulièrement quand cette période de *parade* suivie de cette période de *frai* dont je vous parlais tout à l'heure, arrive.

C'est à savoir que dans un certain espace, un certain champ, il se passe tout ce que je vous ai indiqué avec la femelle, et il y a une chose certaine, c'est que tout ceci demande une certaine place dans les fonds de rivière plus ou moins herbus, dans lesquels ceci se passe.

Alors supposons que cette *place* soit là-dedans, il y a une chose qui paraît sûre, c'est qu'il ne semble pas y avoir de rapports directs, même avec l'acte de cette sorte de « *vol nuptial* », car en effet il y a une véritable danse, tout ce qui se passe à l'intérieur de cela a sa fonction :

- il s'agit d'abord de charmer la femelle,
- puis ensuite de l'induire doucement à se laisser faire,
- puis ensuite à l'aller nicher dans une sorte de petit tunnel que le mâle lui a préalablement confectionné.

Mais il y a quelque chose qui ne s'explique pas bien, c'est que tout ceci étant fait, ce mâle trouve encore le temps de faire des tas de petits trous par-ci, par-là. Je ne sais pas si vous vous souvenez de la phénoménologie du trou dans « *L'Être et le néant* », mais vous savez quelle importance lui a donnée SARTRE dans la psychologie de l'être humain

et dans le bourgeois en train de se distraire sur la plage en particulier, il y a vu quelque chose qui n'est pas loin de confiner à une des manifestations factices de la négativité.

Je crois que là-dessus l'épinoche n'est pas *en retard*, lui aussi fait ses petits trous et imprègne de sa négativité à lui

le milieu extérieur, je dirais même que ces trous nous laissent tout lieu de penser que c'est bien en effet de cela qu'il s'agit, d'une *impression* de l'animal dans ce qu'on appelle ce quelque chose qu'il s'approprie d'une façon tout à fait *manifestée* : il n'est pas question qu'un *autre mâle* entre dans l'aire marquée par ses petits trous, car aussitôt là se déclenchent les réflexes de combat.

Toute manifestation érotique de la négativité que sont les trous de l'épinoche, nous frappe encore d'une autre façon, c'est que les expérimentateurs pleins de curiosité ont essayé de se rendre compte jusqu'où fonctionnait la dite *réaction de combat*, ils l'ont essayé de deux façons : selon le plus ou moins d'approche du sujet mâle, rival mâle.

Et puis ils l'ont essayé en donnant à ce rival mâle, en le réduisant essentiellement à une réduction du semblable mâle éventuel, c'est-à-dire qu'ils ont remplacé le personnage attaquant par des leurres.

Voilà donc les deux façons qu'il y a d'essayer de marquer la limite de la réaction d'attaque, et dans l'un et l'autre cas

ils ont observé quelque chose qui est frappant, c'est que ces trous sont faits pendant la *parade* et même avant, c'est un acte essentiellement lié au comportement *érotique* et au comportement *sexuel* :

- quand le mâle est un vrai mâle, si celui qui vient envahir le champ de l'épinoche s'approche à une certaine distance du lieu défini comme territoire, la réaction d'attaque se produit,
- quand il est à une certaine autre distance, elle ne se produit pas : il y a donc une sorte de point limite où l'épinoche-sujet va se trouver entre le « *attaquer* » et le « *ne pas attaquer* ».

Peut-être en effet que si le passage, le franchissement du « *ne pas attaquer* » à « *l'attaquer* » n'est pas ce qui se produit,

ce n'est pas simplement le passage du plus au moins, la présence d'un certain comportement-limite, ou son absence, nous l'avons définie ainsi par la *différence de distance*, ou nous l'avons aussi définie par une caractérisation suffisante,

et à la limite où la caractérisation est justement un peu insuffisante : il se produit la chose singulière qui est faite du déplacement de cette partie du comportement érotique qui est justement, lui, de creuser des trous.

Autrement dit quand le mâle de l'épinoche ne sait pas que faire sur le plan de ce qui est sa relation normale avec son semblable du même sexe, quand il ne sait pas s'il faut attaquer ou ne pas attaquer,

il se met à faire quelque chose qu'il fait alors qu'il s'agit de faire l'amour.

Je vous ai donné cette *réaction* à propos de l'épinoche, elle n'est pas du tout spéciale à l'épinoche, il est très fréquent chez les oiseaux qu'un combat s'arrête brusquement pour qu'un oiseau se mette à lisser ses plumes éperdument, comme il le fait d'habitude quand il s'agit de plaire à la femelle.

Cette sorte de déplacement qui n'a pas aussi manqué de frapper l'ethologiste, est quelque chose qui a exactement la même valeur que ce qui est ce sur quoi, sans y mettre plus d'accent, je voulais que vous vous arrêtiez, c'est que c'est très exactement sur l'*image*, ce qu'était en train de faire l'épinoche mâle devant le miroir, il baisse le nez, il est dans cette position oblique, la queue en l'air et le nez en bas qui est très exactement la position qu'il n'a jamais au cours de toutes ces images nombreuses que nous fournit ce comportement, que quand il va piquer du nez dans le sable pour y faire ses trous.

En d'autres termes son image dans le miroir n'est assurément pas quelque chose qui le laisse indifférent, ce n'est pas non plus quelque chose qui l'introduit à l'ensemble du cycle du comportement érotique, qui aurait très exactement pour effet de le mettre dans cette sorte de réaction-limite entre l'ἔρως [érôs] et l'agressivité qui est justement signalée par ce creusage du trou. Ce quelque chose d'important est cette réaction qui, vous le voyez, est si curieusement illustrée même chez l'animal, et pour autant qu'il est accessible à l'énigme d'un leurre, je veux dire mis dans une situation nettement artificielle, ambiguë, qui comporte chez lui déjà cette sorte de dérèglement, de déplacement des comportements qui se manifeste d'une façon singulière.

Nous avons probablement beaucoup moins à nous étonner à partir du moment où nous avons saisi l'*importance pour l'homme de l'image dans le miroir*, pour autant que cette image est pour lui une image fonctionnellement essentielle.

Vous savez pourquoi je vous ai dit que cette image devenait fonctionnellement essentielle, c'est pour autant que c'est sous cette forme, et d'une façon *aliénée*, que lui est donné si on peut dire, le complément orthopédique d'une sorte d'insuffisance, de déconcert, de désaccord constitutif lié à son essence d'être animal *prématuré* quant à la naissance, et jamais complètement unifié en raison du fait précisément que cette unification s'est faite par une voie *aliénante* sous la forme d'une *image étrangère* qui constitue une fonction psychique originale à l'intérieur du principe d'activité que donne le désaccord, le conflit, la tension agressive de ce « *moi ou l'autre* » qui est absolument intégré à toute espèce de fonctionnement *imaginaire* chez l'homme.

C'est de cela qu'il s'agit, c'est là le point que nous devons essayer de nous représenter : ce que cela implique comme conséquence pour le comportement humain d'une façon mythique, elle-même complètement imaginaire, pour la raison que *le comportement humain n'est jamais purement et simplement réduit à la relation imaginaire*.

Mais supposons un instant qu'un être humain dans une sorte d'Eden à l'envers où il serait entièrement réduit, pour ses relations avec ses semblables, à cette capture assimilante et en même temps dissimilante, voire occupé à la fois par les deux pôles de ses deux fonctions à l'image de son semblable, qu'en résulte-t-il ?

Pour bien l'illustrer il m'est déjà arrivé de prendre ma référence dans le domaine des petites machines, à savoir que depuis quelques temps nous nous amusons à faire des machines qui ressemblent à des animaux. Elles ne leur ressemblent pas du tout bien entendu. Il y a tout une série de mécanismes qui sont très heureusement montés pour étudier un certain nombre de comportements et voir ce qui se passe, et là-dessus vous avez une petite peau de renard, cela ne change rien à l'ordre de la machine, néanmoins on nous dit que ça ressemble à des comportements animaux. C'est vrai dans un certain sens, et même une part de ce comportement peut être étudiée comme quelque chose d'imprévisible, et ceci a un certain intérêt pour recouvrir les conceptions que nous pouvons nous faire d'un fonctionnement qui s'auto-alimente lui-même. Prenons-le et c'est à partir de là que nous pourrions imaginer ce que pourrait être *la représentation* de ce rapport humain *imaginaire* tel que nous devons le concevoir si nous nous mettons à faire une machine, et qui est aussi d'ébaucher un modèle suffisamment établi.

Dans ce sens ce serait très évidemment quelque chose qui ne pourrait qu'aller à un blocage général du système, en d'autres termes il faudrait supposer une machine qui n'aurait pas ses dispositifs d'autorégulation à l'intérieur,

si ce n'est d'une façon fragmentée, qui ne pourrait prendre son harmonie, à savoir si vous voulez l'organe destiné à faire marcher la patte droite, ne pourrait s'harmoniser avec l'organe destiné à faire marcher la patte gauche que si quelque appareil de *réception plus ou moins photo-électrique*, mettait à l'instant même où ceci doit fonctionner, l'image d'un autre en train de fonctionner harmonieusement, comme étant la condition essentielle pour qu'à l'intérieur du sujet déterminé les choses fonctionnent harmonieusement.

En d'autres termes, si nous en supposons un certain nombre dans le circuit à la façon de ce qui se passe dans les foires, quand nous voyons de petites automobiles lancées à toute pompe dans un espace vide, et dont le principal amusement est de s'entrechoquer, ce n'est sans doute pas pour rien que ces sortes de manèges font tellement de plaisir, c'est qu'en effet le coup de *s'entrechoquer doit être quelque chose de bien fondamental chez l'être humain*. Mais ce qui se passerait dans le cas d'un certain nombre de petites machines comme celles-là, chacune étant en quelque sorte unifiée et réglée par la vision de l'autre, *il ne serait pas absolument impossible d'en établir l'équation mathématique générale*.

En concevant que ceci ne peut aboutir qu'à une concentration au centre d'un manège de toutes les petites machines respectivement bloquées dans une sorte de conglomerat unique qui n'aurait d'autres limites à sa réduction que la résistance extérieure des machines, à savoir que ça devrait aboutir à une sorte d'écrabouillement général dans une collision fondamentale à la situation elle-même.

Ceci n'a qu'une valeur d'apologue destiné à vous montrer que dans cette ambiguïté essentielle, soutenue fondamentalement dans un rapport *imaginaire* de l'être humain à l'autre, il est inscrit dans la nature même de cette déficience ou béance de la relation *imaginaire, il est essentiel qu'il y ait quelque chose d'autre qui permette précisément de conserver ce qui ne serait pas conservé*, jusqu'où mon apologue serait juste ou non, pour vous faire comprendre ce dont il s'agit, qu'il est essentiel que *quelque chose d'autre maintienne relation, fonction et distance*.

Ceci n'est encore rien dire de nouveau, c'est le sens même du *complexe d'Édipe*. Le *complexe d'Édipe* veut dire ceci : toute relation est fondamentalement incestueuse et tendue en elle-même, conflictuelle sur le plan imaginaire, la relation naturelle chez l'être humain est en elle-même vouée au conflit et à la ruine.

Pour que l'être humain puisse établir la relation la plus naturelle, celle du mâle et de la femelle, il faut que *quelque chose* se fasse par l'intermédiaire d'un tiers fonctionnant comme image, comme modèle de quelque chose de réussi qui représente une harmonie, qui elle permet d'établir une relation naturelle au sens de simplement viable, mais qui justement n'est pas naturelle en ce sens qu'elle comporte en elle-même *une loi, une chaîne, un ordre symbolique*, et pour tout dire l'intervention dans l'ordre humain de ce quelque chose qui s'appelle *l'ordre de la loi*. Autrement dit, ce qui est strictement la même chose, *l'ordre de la parole*.

C'est-à-dire parce que le père, non pas est le père naturel, mais s'appelle « *le père* », et qu'un certain ordre est fondé sur l'existence de ce nom « *père* » et c'est à partir de là que quelque chose est possible, qui n'aboutit pas toujours à la collision, à l'éclatement et à la fracture de la situation dans l'ensemble.

Je redis cela parce qu'après tout c'est quelque chose de tout à fait essentiel, ce qui est essentiel à vous mettre en évidence, c'est à quel point *l'ordre symbolique* doit être conçu comme quelque chose de superposé, comme quelque chose sans quoi il n'y aurait pas de vie animale simplement possible pour cette sorte de sujet biscornu qu'est l'homme. Que c'est en tous les cas comme cela que les choses nous sont données, que tout laisse à penser qu'il en a toujours été ainsi pour des raisons qui sont absolument manifestes.

À savoir qu'à chaque fois que nous trouvons quelque chose qui ressemble à un squelette humain plus ou moins parent de l'humanité, nous l'appelons humain quand nous le trouvons dans un sépulcre, c'est-à-dire dans quelque chose qui est complètement « *cinglé* », c'est-à-dire : quelle raison peut-il y avoir de mettre cette sorte de débris de la vie qu'est un cadavre dans une sorte d'enceinte de pierre ?

Il faut déjà pour cela qu'il y ait instauré tout un *ordre symbolique*, à savoir qu'un *Monsieur* a été *Monsieur UNTEL* dans l'ordre social, ce fait nécessite qu'on lui mette autour quelque chose qui rappelle simplement cela, comme il se doit, sur la pierre des tombes, à savoir qu'il s'est appelé UNTEL, et que le fait qu'il s'est appelé UNTEL est quelque chose qui le dépasse en soi.

Ça ne suppose aucune croyance à « *l'immortalité de l'âme* », ça suppose que son *nom* n'a rien à faire avec son existence vivante, et que son *nom* en lui-même est quelque chose qui se perpétue par rapport à cette existence. Ceci méritait d'être rappelé, parce que si vous ne voyez pas là que c'est l'originalité de l'analyse d'en avoir mis la chose en relief, on se demande ce que vous faites dans l'analyse.

Seulement à partir du moment où on a bien marqué que c'est là le ressort essentiel, à partir de ce moment-là, peut devenir intéressant [...] comme celui que nous avons à lire, qui est tel qu'il va nous montrer d'une façon exemplaire quelque chose qu'il faut savoir prendre dans la phénoménologie structurale telle qu'elle se présente, parce qu'on ne s'arrête aux choses que quand on les considère comme possibles, je veux dire qu'autrement on dit : c'est comme cela, mais après tout on cherche à ne pas voir que c'est comme cela.

Si vous avez d'abord ce schéma dans la tête, à savoir du caractère fondamental pour son existence même - mais distincte de son existence - de ce caractère *fondamental* de l'articulation de *la loi*, d'un *ordre symbolique* qu'il faut considérer d'une certaine façon comme subsistant hors de chaque sujet, vous ne serez pas frappé quand vous verrez une longue observation, sans doute exceptionnelle, remarquable, mais qui n'est certainement pas unique.

Elle n'est en fin de compte unique probablement qu'en raison d'un certain nombre de hasards :

- du fait que le Président SCHREBER était en mesure de faire publier son livre, quoique censuré,
- du fait aussi que FREUD s'y est intéressé.

Vous y verrez la corrélation de quelque chose qui est un véritable envahissement de tout ce qu'on peut appeler « *la subjectivité imaginaire* » :

- par une dominance tout à fait frappante d'un rapport en miroir,
- par une dissolution tout à fait frappante de l'autre en tant qu'identité,

...car vous verrez à chaque instant que cela s'*accentue*.

C'est que tous les personnages dont il parle à partir du moment où il peut en parler, car il y a un long moment où il n'a pas le droit d'en parler - nous reviendrons sur la signification de ce long moment - à partir du moment où il nous en parle, il va nous parler de ses semblables sous forme de deux catégories dont vous allez voir qu'elles sont malgré tout d'un même côté d'une certaine frontière :

- ceux qui en apparence vivent, se déplacent, ses gardes, ses infirmiers, sont « *des ombres d'hommes bâclés à la six-quatre-deux* », comme l'a dit PICHON qui est à l'origine de cette traduction,
- et les personnages qui sont plus importants, qui eux jouent un rôle, qui sont envahissants au point de s'introduire dans le corps de SCHREBER à un certain moment, sont des âmes.

Et la plupart des âmes, et plus ça va plus toutes les âmes sont en fin de compte des morts, peu importe qu'ils restent là quelquefois, qu'on les rencontre, qu'ils montrent leur apparence, ce ne sont que des apparences, des substituts.

Pour parler par exemple de FLECHSIG : FLECHSIG est mort, le sujet lui-même n'est qu'une espèce d'exemplaire second de sa propre identité. Il a à un moment la révélation qu'il a dû se passer quelque chose l'année précédente,

qui n'est rien d'autre que sa propre mort, qui d'ailleurs lui a été annoncée par les journaux, et de cet ancien collègue, SCHREBER s'en souvient comme de quelqu'un qui était plus doué que lui, il est un autre. Cette *dissolution de l'identité*, cette fragmentation de l'identité, car il est un *autre*, mais il est quand même le même, il se souvient de l'*autre*,

tout ceci marque de son sceau tout ce qui est sur le plan *imaginaire*, la relation avec ses semblables.

Il parle également à d'autres moments de FLECHSIG, il est mort lui aussi et il est donc monté là où seules existent

à proprement parler les âmes, et les âmes en tant qu'elles sont humaines, c'est-à-dire dans un au-delà où elles sont peu à peu assimilées à la grande unité divine. Mais bien entendu non pas sans avoir progressivement perdu

leur caractère individuel, et pour y arriver il faut qu'elles subissent une sorte d'épreuve qui les libère d'une impureté qui n'est rien d'autre que celle de leurs passions : tout ce qui est en eux signifiant de tout ce qui est leur désir

à proprement parler, car c'est de cela qu'il s'agit, est nommément articulé par SCHREBER, et n'est que pour arriver à cette accession aux hautes sphères de libération.

Ce *détachement* de ce qu'il y a d'*impur* dans les dites âmes, ne se produit pas sans qu'il y ait littéralement fragmentation, c'est-à-dire le sujet, d'ailleurs sans excuse, voulait sans doute être choqué de cette atteinte portée à la notion

de la self-identité, l'identité de soi-même, mais c'est comme cela :

« Je ne peux porter témoignage - dit-il - que des choses dont j'ai eu révélation »,

et c'est pour cela que nous voyons au long de son histoire un FLECHSIG *fragmenté*, un FLECHSIG *supérieur*, le FLECHSIG *lumineux*. Je vous passe beaucoup de choses pleines de relief auxquelles j'aimerais que vous vous intéressiez assez pour que nous puissions le suivre dans le détail, et puis une espèce de partie inférieure qui elle, à un moment, va jusqu'à être fragmentée entre quarante et soixante petites âmes.

Bref cette sorte de style se prend extrêmement formulé avec cette grande force d'affirmation dont je vous donnais l'autre jour les caractéristiques essentielles du discours délirant. C'est quelque chose qui ne peut pas manquer de nous frapper par le caractère convergeant avec la notion qu'il y a quelque chose dans *l'identité imaginaire de l'autre* qui est profondément en relation avec la possibilité d'une *fragmentation*, un *morcellement*, une conception de l'autre comme étant quelque chose de structurellement dédoublable et démultipliable, qui est là manifesté, affirmé dans le délire.

Il y a quelque chose qui est beaucoup plus loin et qui est beaucoup plus frappant, c'est que l'idée même, l'image de

ce qu'on pourrait appeler le télescopage de ces images entre elles dans cette sorte d'interrelation purement imaginaire qui est développée dans le délire, et donné de deux façons :

- les rapports que SCHREBER a avec ces *images morcelées*, ces identités multiples au même personnage,
- ou au contraire ces petites identités tout à fait énigmatiques sur lesquelles - encore qu'il témoigne de leur présence et même de *leurs opérations*, diversement *taraudantes et nocives* à l'intérieur de lui-même, ce qu'il appelle par exemple « *les petits hommes* », image qui a beaucoup frappé l'imagination des psychanalystes qui ont cherché si c'étaient des enfants ou des spermatozoïdes, ou bien quelque chose d'autre, pourquoi ne serait-ce pas tout simplement de petits hommes ?

Tout ce qui se passe à l'endroit de ces identités, toutes conçues comme une fantasmagorie, et qui ont par rapport à

sa propre identité une valeur d'instance ou de fonction, qui peuvent essentiellement le pénétrer, le diviser lui-même, l'envahir, l'habiter, la notion qu'il a de ses rapports avec ces images est telle que cela lui suggère que ces images de par elles-mêmes - et pour beaucoup d'entre elles, il en note le phénomène - doivent en quelque sorte de plus en plus

se résorber, s'amenuiser, être en quelque sorte absorbées par sa propre résistance à lui, SCHREBER.

Et pour qu'elles se maintiennent dans leur autonomie - ce qui veut dire d'ailleurs pour lui, qu'elles puissent continuer à lui nuire car elles sont en général des images extrêmement nocives - il faut qu'elles réalisent l'opération qu'il appelle lui-même « *l'attachement aux terres* ». Il s'agit de choses qui ont une valeur fondamentale, « *l'attachement aux terres* »

ce n'est pas seulement le sol, c'est aussi bien les terres planétaires, les terres astrales et très précisément le registre que dans *mon petit carré magique* je vous appelais *des astres* et que je n'ai pas inventé pour la circonstance.

Il y a bien longtemps que je vous parle dans la réalité humaine de la fonction des *astres*, ce qui n'est certainement pas pour rien que depuis toujours et dans toutes les cultures, le nom donné aux constellations joue un rôle tout à fait essentiel dans l'établissement d'un certain nombre de rapports symboliques fondamentaux qui sont parfois extrêmement loin, qui sont d'autant plus évidents que nous nous trouvons en présence d'une culture

que nous appellerons plus « primitive ». C'est pour autant que tel ou tel fragment d'âme va s'attacher quelque part :

- CASSIOPÉE joue un très grand rôle,
- il y a les frères de CASSIOPÉE...

Ce n'est pas du tout une idée en l'air, car tout cela est lié aux histoires de confédérations d'étudiants, les frères de CASSIOPÉE étaient en même temps des gens qui faisaient partie de confédérations d'étudiants au temps où ils faisaient des études, et le rattachement à ces confraternités dont le caractère narcissique, voire homosexuel, semble être très suffisamment mis en évidence dans l'analyse, pour que nous y reconnaissons une marque caractéristique des antécédents imaginaires dans l'histoire de SCHREBER.

Et ceci nous montre assez de quelle nature sont les choses, mais ce qui est intéressant c'est très précisément de voir que jusque dans le schéma socialisant de l'imagination, l'idée pour que tout d'un coup ne se réduise pas à rien, pour que toute la toile de la relation imaginaire qui aurait été développée dans les délires ne se renroule pas tout d'un coup, et ne disparaisse pas dans une sorte de noir béant dont SCHREBER au départ n'était pas très loin, avec *une fin totale*, du moins d'effacement de tout ce voile. Ceci me paraît assez suggestif, car on peut dire la façon dont elle recouvre l'ébauche, le réseau comme étant absolument essentielle à la conservation d'une certaine sensibilité de l'image dans les rapports interhumains sur le plan imaginaire.

Mais ce qui est de beaucoup le plus intéressant, ce n'est pas cela, ceci est ce sur quoi sans aucun doute les psychanalystes se sont le plus penchés. Ils ont même figolé toutes ces relations comportant la dissolution, la fragmentation des sujets. Ils ont épilogué avec je ne sais combien de détails pendant extrêmement longtemps sur la signification que pouvait avoir à l'intérieur de ce qu'on suppose être les *investissements libidinaux* du sujet, le fait :

- qu'à tel moment FLESHIG *soit dominant* dans le délire,
- qu'à tel autre moment c'est une image divine diversement située dans les étages de Dieu, ...car Dieu aussi a ses étages, il y en a un antérieur et un postérieur, combien tout cela a pu intéresser les *psychanalystes*, et tout ce qu'on a pu en déduire !

Mais bien entendu tout cela n'est pas insusceptible d'un certain nombre d'interprétations, mais il y a quelque chose qui semble n'avoir attiré l'attention de personne, c'est que :

- si riche que soit cette fantasmagorie,
- si amusante soit-elle à développer,
- si souple soit-elle aussi à ce que nous y retrouvions les différents objets avec lesquels nous poursuivions notre petit jeu analytique,

...le fait que, écrasant par rapport à tous ces phénomènes, il y ait d'un bout à l'autre du délire de SCHREBER des phénomènes d'audition extrêmement nuancés, qualifiés depuis le chuchotement léger, un frémissement, jusqu'à la voix des eaux quand il est confronté la nuit avec AHRIMAN...

il rectifie par la suite qu'il n'y avait pas là que AHRIMAN, il devrait y avoir ORMUZD aussi, les deux Dieux du bien et du mal ne pouvant pas être dissociés, isolés

...et avec AHRIMAN il y a un instant de confrontation qu'il voit avec l'œil de l'esprit et non pas à la façon d'un certain nombre d'autres de ces visions, d'une façon qui comporte cette netteté photographique.

Il est donc face à face avec Dieu, et Dieu lui dit la parole significative, il met les choses à leur place, comme le message divin par excellence, Dieu dit à SCHREBER - SCHREBER, le seul homme qui soit resté après ce crépuscule total du monde :

« *charogne* ».

Prenons ce mot dans un sens allemand, c'est le mot dont on se sert dans la traduction française, mais c'est un mot plus familier en allemand qu'il ne l'est en français. Il est rare qu'en français, entre copains on se traite de charogne, sauf dans des moments particulièrement expansifs, d'autres mots nous servent.

Il est plus utilisé en allemand, il ne comporte pas cette face d'annihilation, il y aurait des sous-jacences qui l'apparenteraient à quelque chose qui serait mieux dans la note avec la convergence vers la féminisation du personnage, ce serait peut-être mieux traduit en français par ce mot qui en effet peut être plus facile à rencontrer dans les conversations amicales, celui de « *douce pourriture* ».

L'important est que ce mot de « *charogne* », qui a dominé le moment unique de la rencontre face à face de Dieu avec SCHREBER, n'est pas du tout quelque chose d'isolé mais qu'il est très fréquent dans tout ce qui se passe

entre SCHREBER et ce qu'on appelle l'autre face de ce monde imaginaire, la contrepartie si l'on peut dire, qui est absolument essentielle, celle dans laquelle se passe alors :

- tout ce qui est *une relation érotique*, si nous ne voulons pas nous y engager d'emblée, tout de suite pathétique,
- tout ce sur quoi porte *la lutte, le conflit* de SCHREBER,
- tout ce qui vraiment lui importe,
- tout ce à quoi il est en butte,
- tout ce dont il est l'objet, à savoir les rayons divins avec l'immense développement,

...c'est là qu'est sa certitude - et c'est là le point où je vais conclure et introduire la leçon de la prochaine fois – où se retrouve sous une forme elle aussi composée, mais aussi décomposée avec la richesse absolument extraordinaire, tout le domaine du langage. Là vous avez trouvé le point maximum de la parole, car enfin l'injure annihilante, c'est un des pics de *l'acte de la parole*, autour de ce pic toutes les chaînes de montagnes de ce champ verbal vont vous être développées en une perspective magistrale par SCHREBER, et c'est cela sur quoi je voudrais attirer votre attention.

C'est à savoir que tout ce qu'on peut imaginer *du point de vue linguistique* comme décomposition de *la fonction du langage*, se rencontre dans ce que SCHREBER éprouve et qu'il différencie avec une délicatesse de touche dans les nuances, qui ne laisse rien à désirer quant à l'information quand il nous parle de choses qui appartiennent à proprement parler à « *la langue fondamentale* ». C'est-à-dire ce qui va régler les véritables rapports qu'il a avec à la fois le seul et unique être qui dès lors existe, à savoir ce Dieu singulier.

Il les appelle et il les distingue quand ils ont ce qu'il appelle d'un côté « *echt* », qui est presque intraduisible pour autant qu'il veut dire *authentique, vrai*, et qui lui est toujours donné sous des formes verbales qui méritent à elles seules

de retenir l'attention, parce qu'il y en a plusieurs espèces et elles ne sont pas sans être très suggestives, car nous pouvons les concevoir sur la fonction du signifiant.

À côté de cela il y en a d'autres dont il nous dit avec beaucoup de nuances et de détails, que ce sont des formes apprises par cœur, qui à certains de ses éléments périphériques de la puissance divine, voire déçus de la puissance divine, sont inculquées, inoculées, et qui sont là données avec une absence totale de sens, au seul et unique titre de *ritournelle* destinée nettement à le cacher.

Entre les deux il ajoute une variété de modes d'un flux oratoire qui nous permettent de voir isolément, de nous arrêter un instant - puisque nous n'avions jamais l'occasion de le faire, à moins que nous soyons linguiste -

sur les différentes dimensions dans lesquelles se développe le phénomène de la phrase. Je ne dis pas le phénomène de la signification, car là nous pouvons toucher du doigt la fonction de la phrase en elle-même, pour autant qu'elle n'est pas forcée de porter sa signification avec soi.

Le phénomène par exemple de la phrase interrompue est très souvent - je dirais : presque toujours – dans une période de sa vie, constamment surgi dans cette subjectivité comme de quelque chose qui est bel et bien donné comme tel, comme phrase interrompue, c'est-à-dire pour laisser une suspension de sens, lequel est donné en même temps, mais ce qui est auditivité, c'est une phrase coupée dans le milieu, le reste qui n'est nullement dans la lettre de la phrase est impliqué en tant que signification, et comme chute de la phrase.

Qu'il y avait là une mise en valeur de la chaîne symbolique dans sa dimension de continuité, c'est-à-dire dans le sens d'une *phrase interrompue* qui appelle une certaine chute, et cette chute peut être d'une très grande gamme indéterminée, mais elle ne peut pas non plus être n'importe laquelle. Dans l'autre cas, c'est de *l'autre dimension*, celui de l'assimilation aux « *oiseaux du ciel* » identifiés aux *jeunes filles*, c'est tout à fait autre chose :

- avec elles les choses continues n'ont aucune espèce de sens. FREUD est sûr à partir de là qu'il s'agit bien d'un dialogue avec les femmes,
- avec elles pas besoin de se fatiguer, ce dont il s'agit c'est simplement de produire un doux murmure, et ce qui est absolument frappant c'est cette sorte de décomposition.

Ceci aussi mérite de nous retenir dans son détail, l'évolution en tant que telle de la relation du sujet au langage, le fait pendant longtemps qu'il y a là pour lui la même chose que dans le monde imaginaire, un danger perpétuellement su, que toute la *fantasmagorie* ne se réduise à une unité qui en fin de compte annihile, non pas son existence, mais

justement l'existence de Dieu *qui est essentiellement langage* - il l'écrit formellement - il dit : « *Les rayons doivent parler* ».

Le fait qu'il faut donc qu'il se produise à tout instant des phénomènes de diversion pour que Dieu soit SCHREBER, fait d'une complète résorption dans l'existence centrale du sujet, n'est pas non plus quelque chose qui mérite

pour nous d'être tenu comme allant de soi, et qui va en tout cas nous illustrer ce qu'il y a de fondamentalement vrai dans les rapports créateurs.

C'est-à-dire aussi bien, du moment que c'est créateur, le fait d'en retirer la fonction et l'essence, nous fait en effet aboutir à la conception d'une sorte de néant corrélatif qui est sa doublure. La parole se produit ou ne se produit pas. Si elle se produit, c'est aussi dans une certaine mesure par l'arbitraire du sujet et d'une certaine façon

le sujet est créateur, et fortement dans *la relation à l'autre* :

- non pas en tant qu'objet,
- voire non pas en tant qu'image,
- ni en tant qu'ombre d'objet,
- ni en tant que corrélatif imaginaire,

...mais à *l'autre* vraiment dans sa dimension essentielle, toujours plus ou moins élidée par nous, tout de même décisif pour la constitution du monde humain. À savoir à cet *autre* en tant qu'il est irréductible à quoi que ce soit d'autre

qu'à la notion d'un *autre sujet*, à savoir à *l'autre* en tant que lui, car ce qui caractérise le monde de SCHREBER, c'est que ce « *lui* » est perdu, le « *tu* » subsiste.

C'est là quelque chose de très important, mais c'est certainement quelque chose de très insuffisant.

La notion du sujet corrélatif à l'existence comme telle de quelque chose dont on peut dire : c'est lui qui fait cela, non pas celui que je vois là, qui bien entendu fait mine de rien, mais le « *c'est lui* » :

- l'existence d'une dimension dans l'*Autre* comme tel,
- l'existence de cet être qui est le répondant de mon propre être, et sans lequel son propre être lui-même ne pourrait même pas être un « *je* »,
- ce rapport à lui pour autant que son drame sous-tend toute *la dissolution du monde de SCHREBER*,
- cette sorte de réduction du lui à un seul partenaire, en fin de compte de Dieu à la fois asexué et polysexué, et englobant en lui tout ce qui existe encore dans le monde auquel SCHREBER est affronté, et qui présente sur ce sujet deux faces très énigmatiques.

Assurément grâce à lui subsiste quelqu'un qui peut dire une vraie parole, et c'est de lui, à lui, qu'elle est suspendue.

Mais cette parole a pour propriété d'être toujours extrêmement énigmatique, c'est là la caractéristique de toutes les paroles de « *la langue fondamentale* ». Mais d'autre part ce Dieu paraît lui aussi l'ombre de SCHREBER,

à savoir qu'il est atteint par cette dégradation imaginaire de l'altérité qui fait que c'est un personnage qui est - comme SCHREBER - qui est frappé de cette espèce de féminisation qui est à l'origine.

C'est là que nous devons centrer notre étude du phénomène, nous n'avons bien entendu aucun moyen puisque nous ne connaissons pas ce sujet, et que nous ne pouvons y entrer autrement d'une façon approfondie que par la phénoménologie de son langage. C'est donc autour du phénomène du langage, des phénomènes de langage...

plus ou moins hallucinés, parasitaires, étranges, intuitifs, persécutifs

...dont il s'agit dans le cas de SCHREBER, que nous avons la voie d'amorcer par là ce qui peut nous éclairer.

C'est par là qu'il apporte une dimension nouvelle, non éclairée jusqu'ici dans la phénoménologie des psychoses.

On pourrait quand même entrer ensemble dans ce texte de SCHREBER, parce qu'aussi bien pour nous, le cas SCHREBER, c'est le texte de SCHREBER. Qu'est-ce que j'essaie de faire cette année ? J'essaie que nous comprenions un peu mieux ce qu'on peut appeler « *l'économie du cas* », la façon dont son évolution peut se comprendre, simplement se concevoir.

Vous devez bien sentir qu'il y a dans cet ordre une espèce de glissement qui se fait tout doucement dans les conceptions psychanalytiques. Je vous ai rappelé l'autre jour qu'en somme l'explication que donne FREUD, c'est essentiellement le passage au registre « *narcissique* » : il est évident que le glissement du malade dans une économie essentiellement « *narcissique* », c'est très riche, si on s'y arrête bien on en tirerait toutes les conséquences, seulement il est tout à fait clair que l'on ne les tire pas.

D'un autre côté, parce qu'on oublie, parce qu'après tout rien n'articule d'une façon bien nette ce que cela veut dire de mettre l'accent sur *le narcissisme* au point où FREUD est parvenu de son œuvre quand il écrit le cas SCHREBER : on ne situe plus non plus ce que représente à ce moment-là, la nouveauté d'explication, c'est-à-dire par rapport à quelle autre explication elle se situe.

Maintenant si vous prenez un auteur qui reprend la même question, la question des psychoses, c'est évidemment la notion de « *défense* » qu'il mettra en avant. Et pour prendre un de ceux qui ont dit les choses les plus élaborées sur les cas de psychose, il suffit de citer KATAN. Je reviendrai sur ce qu'a écrit KATAN, je ne veux pas que nous procédions par commentaires sur les commentaires.

Il faut partir du cas et voir comment on l'a compris et commenté, et nous sommes dans la voie de ce qu'a dit FREUD en commentant le cas, car au début de son analyse du cas SCHREBER, il nous recommande d'abord de prendre connaissance du livre.

Comme nous sommes *psychiatres* ou du moins gens diversement initiés à la psychiatrie, il est bien naturel que nous lisions avec nos yeux de *psychiatres*, que nous essayions déjà de nous faire une idée de ce qui se passe dans le cas.

La première approche de l'économie du cas, c'est de voir *la masse des faits* qui viennent en avant, qui tout de même ont leur importance, et en quoi ça a cette importance.

Dans quoi se situe l'introduction de la notion de « *narcissisme* » dans l'ensemble de la pensée de FREUD ? Il ne faut tout de même pas oublier les étapes : on parle de défense maintenant et à tout propos, et on croit là répéter quelque chose de très ancien dans l'œuvre de FREUD. C'est vrai, c'est très ancien, la notion de défense joue un rôle très précocement, et dès 1884-1885 il propose le terme de *neuro-psychose de défense*, mais il emploie ce terme avec un sens tout à fait précis : quand il parle d'*Abwehrhysterie*, il la distingue de deux autres espèces d'hystéries.

C'est-à-dire, dans une 1^{ère} tentative de faire une nosographie proprement psychanalytique, et si vous voulez bien vous reporter à cet article auquel je fais allusion, il distingue les hystéries pour autant qu'elles doivent être conçues à la mode *bleulérienne* comme dépendantes, comme une production secondaire de ce qui se passe dans *les états hypnoïdes*, comme dépendantes d'un certain *moment fécond* qui correspond à un trouble de la conscience dans l'état hypnoïde.

Il l'a abandonné à la nosologie en tant que c'est une nosologie psychanalytique, il n'a pas nié *les états hypnoïdes*, il a simplement dit : « *Nous ne nous intéressons pas à cela, ce n'est pas cela que nous prendrons comme caractère différentiel.* »

Car c'est cela qu'il faut bien comprendre quand nous faisons de la classification. Il se passe dans toutes les classifications ce qui se passe dans toutes les sciences :

- vous commencez par faire de la botanique tout à fait primitive en comptant le nombre de ce qui se présente apparemment comme ces organes colorés d'une fleur,
- vous appelez ça *pétales* parce que c'est toujours pareil dans une fleur qui présente un certain nombre d'unités qu'on peut compter, c'est quelque chose de tout à fait primitif, il s'agit de voir et de comprendre si la fonction de ce qui se voit peut s'appeler au premier abord pour l'ignorant, *pétales*,
- et en approfondissant vous vous apercevez quelquefois que ces prétendus *pétales* n'en sont pas du tout, ce sont des *sépales* et ça n'a pas la même fonction du tout.

En d'autres termes, les registres divers d'analogie *anatomique*, *génétique*, donc *embryologique*, des éléments *physiologiques* aussi, fonctionnels, peuvent entrer en ligne de compte, et même peuvent faire pendant un certain temps chevaucher les registres classificatoires différents. Pour que la classification signifie quelque chose, il faut que ce soit une classification naturelle, ce naturel, comment allons-nous le chercher ?

Pour l'instant nous sommes au niveau de l'hystérie. FREUD n'a pas repoussé les hystéries qui sont *les états hypnoïdes*, il a dit : à partir de maintenant nous n'en tiendrons pas compte parce que dans le registre de l'expérience analytique, ce qui importe c'est autre chose. Cette autre chose était déjà présente dans ce premier débrouillage, c'est en cela que consiste la notion de l'« *Abwehrhysterie* », strictement comme référence du souvenir traumatique.

Nous sommes au moment où pour la première fois apparaît la notion de défense dans le registre - il faut bien l'appeler par son nom - nous sommes dans le registre de la remémoration, je n'ai même pas dit de la mémoire, nous sommes dans les troubles de la remémoration, c'est-à-dire de ce que le sujet peut articuler verbalement, de ce dont il se souvient.

Ce qui est l'élément essentiel, c'est la sortie de ce qu'on peut appeler « *les petites histoires du patient* », et le fait que cette « *petite histoire* » il est capable ou non de la sortir, et c'est le fait de la sortir. Anna O, dont une personne m'a rapporté ici le portrait qui était sur un timbre poste, car elle a été la reine des assistantes sociales, a appelé cela la « *talking cure* ».

L'*Abwehrhysterie* est une hystérie dans laquelle il suffit de lire le texte de FREUD pour voir que c'est tout à fait proche et tout à fait ouvert à la formulation que je vous en donne :

« *Les choses ne sont plus formulables parce qu'elles sont formulées ailleurs dans les symptômes, et il s'agit de relâcher ce discours.* »

Nous sommes absolument sur ce registre. Il n'y a pas trace à ce moment-là de régression, de théorie des instincts, et déjà pourtant toute la psychanalyse est là. Et il distingue une 3^{ème} espèce d'hystérie qui, elle, a pour caractéristique qu'elle a aussi quelque chose à raconter, mais qui n'est raconté nulle part. Bien sûr à l'étape où nous sommes de l'élaboration de la théorie, il serait bien étonnant qu'il nous dise où peut être ce jeu, mais c'est déjà parfaitement dessiné. L'œuvre de FREUD est pleine comme cela de pierres d'attente qui, si on peut dire, me réjouissent.

On peut s'apercevoir chaque fois qu'on prend un article de FREUD, que ce n'est jamais non seulement ce qu'on attendait, mais que ce n'est jamais que quelque chose de très simple, d'admirablement clair.

Mais il n'y a pas un texte de FREUD qui ne soit en quelque sorte nourri d'*énigmes* qui correspondent à ce que j'appelle « *les pierres d'attente* », que les choses se sont trouvées d'une façon telle qu'on peut dire qu'il n'y a véritablement que lui qui ait amené de son vivant les concepts originaux pour attaquer, ordonner ce nouveau champ qu'il nous découvrait.

Et comment nous en étonnerions-nous ? Ces concepts, il les traite chacun avec un monde de questions. Ce qu'il y a de bien dans FREUD, c'est qu'il ne nous les dissimule pas, ces questions, c'est-à-dire que chacun de ses textes est un texte problématique, de telle sorte que lire FREUD c'est rouvrir les questions.

Alors « *troubles de la mémoire* », c'est de là qu'il faut tout de même toujours partir pour savoir que ça a été le terrain de départ. Mettons que ce soit même dépassé : il faut mesurer le chemin parcouru. Dans une affaire comme la psychanalyse il serait bien étonnant que nous puissions nous permettre de méconnaître l'histoire. Ce n'est pas pour faire ici l'histoire du chemin parcouru entre ce que nous appellerons l'étape « *troubles de la mémoire* », et l'étape « *régression des instincts* ». J'en ai tout de même assez fait dans les années qui ont précédé pour dire :

- que c'est à l'intérieur de ce mécanisme découvert à l'intérieur de l'exploration et de la mise en jeu du trouble de la remémoration, que se découvrent les mécanismes de la régression des instincts en tant qu'ils dépendent eux-mêmes du travail par lequel on s'efforce primitivement dans *la psychanalyse* de restituer *le vide* de l'histoire du sujet,
- que nous nous apercevons alors que ces événements vont se nicher là où on ne les attendait pas, c'est-à-dire qu'il se produit ce dont je vous parlais la dernière fois, sous la forme de déplacement dans le comportement, on s'aperçoit qu'il ne s'agit pas purement et simplement là de retrouver la localisation mnésique des événements, autrement dit *chronologique*, de restituer une part du temps perdu, mais qu'il y a aussi des choses qui se passent sur le plan topique, c'est-à-dire que la distinction de registres complètement différents dans la régression est là implicite.

En d'autres termes ce qu'on oublie tout le temps, c'est que ce n'est pas parce que une notion est venue au premier plan que l'autre ne garde pas aussi son prix et sa valeur, à l'intérieur de cette régression topique, c'est-à-dire là où les événements prennent leur sens comportemental fondamental, c'est là que se fait la découverte à un moment donné d'un « *narcissisme* ».

C'est-à-dire qu'on s'aperçoit qu'il y a des modifications dans *la structure imaginaire du monde*, et qu'elles interfèrent avec les modifications dans *la structure symbolique*, il faut bien l'appeler comme cela puisque la remémoration est forcément dans *l'ordre symbolique*. Qu'est-ce que cela veut dire au point où FREUD en est parvenu ? Au point où FREUD en est parvenu quand il nous parle du délire et quand il nous l'explique par une régression narcissique de la libido ?

Cela veut dire quand il s'agit de restaurer pour comprendre, il s'est passé quelque chose qui est une différence de nature, que le désir qui avait à se faire reconnaître ou à se manifester, se manifeste, et ceci est tout entier dans un plan de la réalisation si claire soit-elle de ce qui est à reconnaître dans le délire, se situe sur un plan qui très fondamentalement est *changé* par rapport à ce qu'il s'agit de reconnaître.

Il y a un transfert de plan, le retrait de la libido des objets représente une désobjectalisation de ce qui va se présenter de façon plus ou moins licite dans le délire, comme représentant le délire qui a à se faire connaître. Si on ne comprend pas cela, on ne voit absolument pas ce qui distingue une psychose d'une névrose, ni pourquoi non plus on a tant de peine à restaurer ce qu'on peut appeler « *la relation du sujet à la réalité* », puisqu'en principe...

c'est tout au moins ce qu'on lit dans certains passages de FREUD, d'une façon loin d'être aussi sommaire qu'on se la représente, et qu'on la traduit, tout d'abord ...puisque le délire est tout entier là, lisible.

Il est en effet lisible et il est aussi transcrit dans un autre registre. Et comment ceci peut-il se faire ? Comment ce qui dans la névrose reste toujours dans *l'ordre symbolique*, c'est-à-dire toujours avec cette *duplicité* du signifié et du signifiant qui est ce que FREUD traduit sous le terme du « *compromis de la névrose* », comment dans l'ordre du délire ceci se passe-t-il sous un tout autre registre, où il est encore lisible mais où il est sans issue ?

C'est cela le problème économique qui reste ouvert au moment où FREUD termine le cas SCHREBER. Je dis des choses massives là, je pense qu'elles sont faites en tout cas pour être reçues par vous comme telles, pour situer vraiment où est le problème. En d'autres termes :

- *le refoulé* dans le cas des névroses, reparaît *in loco*, là où il a été refoulé, c'est-à-dire dans le milieu même de *symboles* pour autant que l'homme s'y intègre et y participe comme agent, mais aussi comme acteur.
Le refoulé dans la névrose reparaît in loco sous un masque,
- *le refoulé dans la psychose*, si nous savons lire FREUD, *reparaît* dans un autre lieu, *in altero, dans l'imaginaire, et là en effet sans masque.*

Ceci est tout à fait clair, ça n'a rien de nouveau ni d'hétérodoxe, simplement il faut s'apercevoir que c'est là le point principal qui évite qu'on se pose des problèmes inutiles. Cette leçon essentielle ne peut pas être considérée comme

le point final, au moment où FREUD met *le point final* sur son étude sur SCHREBER, c'est au contraire à partir de ce moment-là que les problèmes commencent à se poser. Cette transmutation peut se faire.

Chacun a essayé depuis de prendre la relève, c'est bien pour cela que KATAN nous donne certaines théories des psychoses avec leurs étapes pré-psychotiques, etc. Nous y reviendrons en détail.

Mais en gros on peut dominer le sujet et lire tout ce que KATAN a écrit sur le cas SCHREBER.

Il a essayé de donner une théorie analytique de la schizophrénie : tome V, recueil annuel sous le titre de « *La psychanalyse de l'enfant*. On voit très bien le chemin parcouru dans la théorie analytique à lire KATAN car on s'aperçoit que *l'acte dynamique complexe*, qui laisse toujours chez FREUD tellement ouverte la question du centre du sujet, c'est-à-dire qui par exemple dans l'analyse de la paranoïa s'avance pas à pas, nous montre l'évolution

- d'un trouble essentiellement libidinal,
- d'un jeu complexe d'un agrégat de désirs qui sont transférables, transmutables, qui peuvent régresser,
- de toute une dialectique dont le centre nous paraît essentiellement problématique,

...comment à partir du moment où un certain doute s'est opéré dans l'analyse, c'est-à-dire à peu près vers le temps

de la mort de FREUD, car les articles dont je vous parle sont postérieurs à la notion de *défense*, il [*l'acte dynamique complexe*] prend le sens d'une *défense* menée, dirigée à partir de quelque chose qu'on a retrouvé, ce bon vieux centre de toujours, le *moi* qui est là pour manier les leviers de commande.

La psychose est très formellement interprétée, non plus dans le registre d'une *dynamique des pulsions*, d'une économie complexe, mais de procédés employés par le *moi* pour s'en tirer avec des exigences diverses, et lui qui redevient

non seulement le centre mais la cause du trouble : le *moi* a à se défendre d'une certaine façon contre des pulsions.

La notion de « *défense* » n'a pas d'autre sens que celui qu'elle a dans le sens de se défendre contre une tentation. Et toute la dynamique du cas SCHREBER nous est expliquée à partir du besoin pour lui d'en agir, de s'en tirer avec une pulsion dite homosexuelle, qui comporte pour le *moi* des menaces qui sont comprises, perçues, senties, en tant que menaces faites au *moi*, à savoir de sa complétude.

La castration n'a plus d'autre sens symbolique que celui d'une perte d'intégrité physique, et on nous dit formellement que le *moi* n'étant pas assez fort - comme on s'exprime - pour trouver ses points d'attache dans le milieu extérieur,

et à partir de là exercer sa défense contre la pulsion qui est dans l'*id*, trouve une autre ressource qui est de fomenter, de créer - puisque c'est un appareil - cette nouvelle chose, cette néoproduction qui s'appelle l'hallucination

et qui est une autre façon d'en agir, de transformer ses instincts. Elle va se voir dans l'hallucination, d'une façon transformée, c'est une sublimation à sa manière qui a de gros inconvénients, et c'est à ce titre que la défense du *moi* est conçue dans ce registre.

Ne voyons-nous pas là qu'il y a un rétrécissement, une réduction de la perspective ? Les insuffisances *cliniques* de la chose sautent aux yeux, en fin de compte la notion qu'il y a une façon de satisfaire à la poussée du besoin qui est *imaginaire*, c'est une notion qui est latente, fondée même, articulée dans la doctrine freudienne, mais qui n'est jamais prise que comme un élément du déterminisme du phénomène.

Jamais FREUD n'a eu une définition de la psychose hallucinatoire qui soit purement et simplement comparable au fantasme de satisfaction de la faim par un rêve de satisfaction de la faim. Il n'est que trop évident - il suffit de regarder l'aspect clinique des choses pour s'en apercevoir - qu'un délire ne répond en rien à une telle fin.

Seul le besoin de nous satisfaire nous tend la retrouvaille qui n'est pas difficile : certains groupes imaginaires qui nous sont familiers par l'étude des névroses de l'être humain. Il est toujours agréable de retrouver un objet. FREUD nous apprend même que c'est comme cela, par cette voie que passe la création du *monde des objets humains*.

Par conséquent nul étonnement à ce qu'on soit toujours content quand on retrouve ce qu'on s'est déjà représenté, comme nous retrouvons une vive satisfaction de retrouver *certaines des thèmes symboliques* de la névrose dans la psychose.

Ce n'est pas du tout illégitime, seulement il faut bien voir que ceci ne couvre qu'une toute petite partie du tableau.

C'est de mesurer à quel point dans le cas SCHREBER on peut - à condition d'y faire un choix - schématiser, comme je vous l'ai déjà indiqué, schématiser comme « homosexuelle » la transformation - même en ajoutant « *imaginaire* » - de cette poussée homosexuelle dans un délire qui fait que SCHREBER est la femme de Dieu, le réceptacle du bon vouloir et des bonnes manières divines.

C'est un schéma qui a une assez grande valeur convaincante, car on peut trouver dans la portée même du texte de SCHREBER, toutes sortes de modulations véritablement même raffinées, qui justifient cette conception. Il en est de même de l'articulation d'une telle *théorie* de la psychose. Nous trouvons là l'explication que ce n'est pas quelque chose que nous allons manier tout à fait à notre guise, comme on manie une névrose, puisque nous avons fait une très grande distinction fondamentale entre la réalisation du désir refoulé :

- sur le plan *symbolique* dans la névrose,
- et sur le plan *imaginaire* dans la psychose.

Rien que cette distinction que je vous ai apportée la dernière fois, comme position de principe pour distinguer ces deux plans, cette distinction est déjà assez satisfaisante, mais elle ne nous satisfait pas. Pourquoi ?

Parce qu'une psychose, ça n'est pas simplement cela. Ça n'est pas le développement d'un rapport *imaginaire*, fantasmatique au monde extérieur, c'est *autre chose*. Et je voudrais simplement aujourd'hui vous faire mesurer la masse du phénomène, à savoir qu'étant admis ce que je viens de vous dire, qu'en effet la conception si on peut dire *schrébérienne*, pour parler comme SCHREBER parle lui-même de la naissance d'une nouvelle génération schrébérienne d'hommes, c'est-à-dire l'humanité va être régénérée à partir de lui qui a gardé une véritable existence.

Parlons du dialogue de l'unique, de SCHREBER avec le partenaire énigmatique qui est son Dieu, le Dieu *schrébérien* lui aussi, est-ce là tout le délire ? Mais non ! Non seulement ce n'est pas là tout le délire, mais il est tout à fait impossible de le comprendre dans ce registre. On peut s'en désintéresser, mais il est tout de même assez curieux

de se contenter d'une explication très partielle d'un phénomène massif et complet comme est la psychose, en n'y retenant que ce qu'il y a de clair dans les événements imaginaires.

Si nous voulons vraiment avoir le sentiment que nous avançons, que nous comprenons quelque chose à la psychose, il faut tout de même aussi que nous puissions articuler une théorie qui justifie la masse des phénomènes dont je vais vous donner ce matin quelques échantillons ce qui va me forcer à des lectures. Il faut que nous nous rendions compte de la dimension que nous pouvons appeler dans l'ensemble « *l'aliénation verbale* », de l'importance énorme en un point qui est un état avancé du délire. Nous allons commencer par la fin et nous tâcherons de comprendre en remontant. J'adopte cette voie, pas simplement par un artifice de présentation : c'est conforme à la matière que nous avons entre les mains et qui est un texte.

Voilà un malade qui a été malade de 1883 à 1884, qui a eu ensuite huit ans de répit. Et c'est au bout de la 9^{ème} année depuis le début de la première crise, que les choses ont recommencé sur le plan pathologique : en Octobre 1893 les choses repartent, il entre dans la même clinique où il avait été soigné la première fois, la clinique du Docteur FLECHSIG où il va rester jusqu'à la mi-Juin 1894.

Là il se passe beaucoup de choses, l'état dans la clinique de FLECHSIG est un état complexe dont on peut caractériser l'aspect clinique sous la forme de ce qu'on peut appeler « *une confusion hallucinatoire* », et même « *un état de stupeur hallucinatoire* », le sujet est très loin pendant ce moment de ne pas avoir - comme nous le savons des déments précoces - non seulement orientation, repérage des phénomènes normaux, mémoire.

Plus tard il nous fera un rapport de tout ce qu'il a vécu, certainement distordu pour une part, cette confusion s'applique pour désigner la façon brumeuse dont il se souvient de certains épisodes. D'autres éléments, les éléments spécialement *délirants* de ses rapports avec différentes personnes qui l'entourent à ce moment-là, seront conservés assez pour qu'il puisse en apporter *un témoignage valable, c'est néanmoins la période la plus obscure du délire et de la psychose*.

Car c'est à travers ce délire seulement que nous pouvons avoir connaissance de ce témoignage, puisque aussi bien nous n'y étions pas, et que sur cette première période les certificats des médecins ne sont pas excessivement riches.

Cette période en tout cas est assez bien retenue dans la mémoire du sujet au moment où il va en témoigner, pour qu'il puisse y établir des distinctions. Il s'est passé des choses et en particulier un déplacement du centre de l'intérêt sur des relations que nous pourrions appeler - tête de chapitre empruntée au texte même de SCHREBER -

les relations où dominent les rapports personnels avec ce qu'il appelle des « âmes ».

Ces « âmes » ne sont pas des êtres humains, c'est même très éloigné d'être *les ombres des êtres humains* auxquelles

il a affaire à ce moment-là, ce sont des êtres humains morts qui ont des propriétés particulières, avec qui il a des relations *particulières*, et desquelles il donne toutes sortes de détails, qui sont très liées à toutes sortes de sentiments de transformation corporelle, d'échange corporel, d'intrusion corporelle, d'inclusion corporelle.

C'est un délire où la note douloureuse joue un rôle très important, je ne parle pas encore à ce moment-là d'*hypocondrie*, ce n'est encore qu'un terme trop vague pour notre vocabulaire, je suis en train de désigner les grandes lignes.

Donc ce qu'on peut dire du point de vue *phénoménologique* - et à rester prudent - c'est qu'il y a certainement à ce moment-là quelque chose qui est noté comme caractéristique, et qu'on pourrait appeler « *crépuscule du monde* ».

C'est-à-dire qu'il n'est plus avec des êtres réels - « *n'être plus avec* » est tout à fait un élément caractéristique - mais qu'il est avec d'autres éléments qui sont peut-être beaucoup plus encombrants que des êtres réels.

Ils le sont même tellement plus, que le mode de relation douloureuse est ce qui domine, et que ce mode de relations douloureuses comporte une véritable perte de l'autonomie étant donné le sentiment qu'il a d'envahissement, d'inclusion, d'intrusion. C'est quelque chose qui est ressenti par lui comme source de perturbation profonde

de son existence et comme ayant un caractère à proprement parler *intolérable* qui motive aussi chez lui toutes sortes de comportements qu'il ne nous indique que d'une façon forcément ombrée, mais dont nous voyons assez l'indication dans la façon dont il est traité : il est surveillé.

La nuit il est mis en cellule, il est privé de toute espèce d'instrument pouvant rester à sa portée.

Il est clair qu'il apparaît à ce moment-là dans un état aigu très grave, comme un malade dans un état très grave.

Il y a un moment de transformation qui est à peu près vers Février-Mars 1884, c'est lui qui nous le dit, transformation de l'accent aux âmes, ces sortes d'êtres avec lesquels il a ses échanges du type de registre de l'intrusion somatique, ou d'une fragmentation somatique. Nous voyons apparaître autre chose, c'est le moment où se substituent aux dites âmes - pour des raisons qu'il appelle plus tard « *les âmes examinées* » - les royaumes proprement divins, ce qu'il appelle les royaumes de Dieu postérieurs, ORMUZD et AHRIMAN, car ils apparaissent sous une forme dédoublée.

L'apparition aussi de ce qu'il appelle « *les rayons purs* », c'est-à-dire quelque chose qui se comporte d'une façon tout à fait différente des *âmes* dites *examinées* qui sont celles des « *rayons impurs* ». C'est ce que signifie que :

- les unes ont des intentions impures qui sont manifestées par des craintes de viol, d'empoisonnement, de transformations corporelles, déjà des émasculations sont apparues dans la première période,
- les autres ont un *autre mode de relation* avec lui, ce ne sont pas non plus des relations sans ambiguïté.

SCHREBER poursuivra toute sa confiance pour nous dire dans quelle profonde perplexité le laissent les effets de cette prétendue *pureté* qui est elle-même celle qu'on ne peut qu'attribuer à une *intention divine*, et qui tout de même laisse apercevoir dans son texte de singulières complicités, une singulière façon d'être troublée, d'être atteinte

- cette prétendue pureté - par toutes sortes d'éléments :

- qui partent d'abord des « *âmes examinées* »,
- qui jouent à ces « *rayons divins* », à ces « *rayons purs* » toutes sortes de tours,

- qui par toutes sortes de moyens essaient d'en capter toute la puissance à leur profit,
- et qui aussi s'interposent entre SCHREBER et leur action bénéfique.

Il y a là description très précise de toute une tactique de la majeure partie de ces âmes dites *examinées*, qui sont essentiellement *les âmes animées de bien mauvaises intentions, nommément celle qui est le chef de file, donc de FLECHSIG*,

de la tactique par laquelle FLECHSIG fractionne son âme pour en répartir les morceaux dans cet hyperespace que vous développe SCHREBER, et qui est celui qui s'interpose entre lui et le Dieu éloigné dont il s'agit.

Cette notion d'éloignement : « *Je suis celui qui est éloigné* », nous trouvons cette formule dans une note qui nous rapporte ce que Dieu lui confie, qui rend une sorte d'écho biblique, « *Je suis celui que je suis.* ». Dieu pour SCHREBER, n'est pas ce Dieu qui est, c'est celui qui est bien loin, et cette notion de distance jouera son rôle. Néanmoins l'entrée des « *rayons purs* » s'annonce avec des caractéristiques tout à fait spéciales : ces « *rayons purs* » parlent.

Qu'ils *parlent*, qu'ils soient essentiellement *parlants*...

qu'il y ait une équivalence entre rayons, rayons parlants, nerfs de Dieu, et toutes les formes particulières qu'ils peuvent prendre, jusques et y compris les formes diversement miraculées sur lesquelles nous reviendrons tout à l'heure, nommément *les oiseaux*

...c'est là quelque chose de tout à fait essentiel.

Et ceci correspond à une période où domine ce qu'il appelle la *Grundsprache*, c'est-à-dire cette langue qui est une sorte de très savoureux haut allemand, qui a une très grande tendance à s'exprimer par euphémismes et par antiphrases : on appelle par exemple la punition « *une récompense* ».

C'est son mode de parler, la punition est à sa façon en effet *une récompense*, et le style de cette « *langue fondamentale* »

sur laquelle nous aurons à revenir, car elle nous permettra de reposer le problème *du sens antinomique des mots primitifs* sur lesquels bien entendu il reste un grand malentendu entre ce que FREUD en a dit, avec simplement le tort de prendre comme référence un linguiste qu'on trouvait un peu avancé, mais qui touchait quand même quelque chose de juste, à savoir ABEL.

Et là-dessus, M. BENVENISTE nous a apporté l'année dernière quelque chose qui a toute sa valeur au point de vue signifiant, à savoir qu'il n'est pas question dans un système signifiant qu'il y ait des mots qui désignent à la fois

deux choses contraires, parce qu'ils sont justement faits pour distinguer les choses. Là où il existe des mots, ils sont forcément faits par couples d'opposition, les mots ne peuvent pas joindre en eux-mêmes deux extrêmes en tant que *signifiants*. Mais que nous passions à la *signification*, c'est autre chose, comme il nous a expliqué par exemple qu'il n'y a pas à s'étonner qu'on appelle *altus* un puits profond, parce que nous dit-il, dans la perspective,

le point de départ mental où est le latin, c'est du fond du puits que ça part.

Mais ça va très loin et il nous suffit de réfléchir qu'en allemand on appelle « *Jüngstes Gericht* » le « *Jugement dernier* »,

le *jugement le plus jeune*, et on peut en être saisi, l'image de la jeunesse à propos du « *Jugement dernier* » n'est pas ce qui

en France est employé, pourtant on dit « *votre petit dernier* » pour désigner *le plus jeune*, mais ce n'est pas ce qui

se présente à l'esprit d'abord quand on parle du « *Jugement dernier* », tout nous suggère tout de suite quelque chose

qui s'inscrit dans le registre de la vieillesse plutôt que dans celui de la jeunesse. C'est donc une question à laquelle

il faut quand même s'arrêter, et cette *Grundsprache* nous en donnera de beaux exemples.

En 1894, il est transporté à la maison de santé privée du Dr PIERSON à Koswitz. Il y reste quinze jours : c'est une « *maison de santé* » privée, la description qu'il en donne nous indique que c'est une « *maison de santé* »

si je puis dire fort *piquante* : on y reconnaît du point de vue du malade toutes sortes de traits qui ne manqueront pas de réjouir ceux qui ont gardé quelque sens de l'humour. Ce n'est pas que ce soit mal : c'est assez coquet, ça a

le côté bonne présentation de *la maison de santé privée*, avec ce caractère de profonde négligence dont rien ne nous est épargné.

Il n'y reste pas très longtemps et on l'envoie dans le plus vieil asile au sens vénérable du mot, qui est à Pirna.

Il était d'abord à Chemnitz. Avant sa première maladie, il est nommé à Leipzig. Puis c'est à Dresde qu'il est nommé *Président de la Cour d'appel* juste avant sa rechute. De Dresde c'est à Leipzig qu'il va se faire soigner. Koswiz se trouve quelque part de l'autre côté de l'Elbe par rapport à Leipzig, mais le point important où il va rester dix ans de sa vie en amont de l'Elbe, c'est Pirna.

Quand il rentre à Pirna il est encore très malade et il ne commencera à écrire ses mémoires qu'à partir de 1897-1898, à une époque où - étant donné qu'il est dans un asile public, et que les décisions peuvent y avoir quelque retard - à une époque entre 1896-1898, on le met encore la nuit dans une cellule dite « *cellule de dément* », et à une époque où dans cette cellule il emporte dans une petite boîte de fer blanc un crayon, des bouts de papier sous diverses formes d'alibis, et où il commence à prendre des petites notes, où ses *petites études* comme il les appelle, car il y a ce qu'il nous a légué, le livre des *Mémoires*, mais il y a paraît-il une cinquantaine de *petites études* auxquelles il se réfère de temps en temps, et qui sont des notes qu'il a prises à ce moment-là, qui lui ont servi de matériaux.

Alors il est assez légitime...

pour un texte qui en somme n'a pas été rédigé plus haut que 1898, et qui s'étale, quant à la rédaction, jusqu'à l'époque de sa libération puisqu'il comprend la procédure de cette libération, c'est-à-dire en 1903

...que nous ayons là un texte qui témoigne de façon beaucoup plus sûre et beaucoup plus ferme de l'état terminal, pour ce que nous connaissons de la terminaison de la maladie : nous ne savons même pas quand il est mort,

nous savons seulement qu'il a fait une rechute en 1907 et qu'il a été réadmis dans une maison de santé, ce qui est très important. Nous allons donc partir de cette perspective qui est celle de la date où il a écrit des mémoires.

Il y a des choses dont il peut témoigner naturellement à partir de cette date-là, mais c'est déjà très suffisamment *problématique* pour nous intéresser, même si nous ne résolvons pas le problème de la fonction économique de ce que j'ai appelé tout à l'heure « *les phénomènes d'aliénation verbale* », appelons-les provisoirement « *des hallucinations verbales* ».

Ce qui nous intéresse c'est ce qui distingue le point de vue *analytique* dans l'analyse d'une psychose, du point de vue

je dirais psychiatrique courant, c'est-à-dire sur un point où nous sommes tous « *gros-Jean comme devant* » car il est tout à fait clair que pour ce qui est de la compréhension réelle de l'économie des psychoses, un rapport fait sur la catatonie en 1903, est quelque chose que nous pouvons lire maintenant.

Faites l'expérience, prenez naturellement un bon travail : on peut dire maintenant qu'on n'a pas fait un pas dans l'analyse de ces phénomènes. Alors s'il y a quelque chose qui doit distinguer « *le point de vue de l'analyste* », je n'en vois strictement rien. Si ce n'est d'autres éléments distinctifs dans l'analyse de structure, je ne vois absolument pas quelle autre originalité on peut apporter. Sinon celle-ci qu'à propos d'une *hallucination verbale*, au lieu de nous demander :

- si le sujet entend un petit peu ou beaucoup,
- ou si c'est très fort,
- ou si ça éclate,
- ou si c'est bien avec son oreille qu'il entend,
- ou si c'est de l'intérieur,
- ou si c'est du cœur, ou du ventre,

...choses qui sont évidemment très intéressantes, mais qui partent en fin de compte de cette idée assez enfantine, que nous sommes très épatés qu'un sujet entende *des choses* que nous n'entendons pas, comme si aussi d'une certaine façon il ne nous arrivait pas à nous à tout instant, d'avoir ce qu'on appelle des visions, c'est-à-dire qu'il nous descend dans la tête des formules qui ont pour nous une certaine valeur saisissante, orientante, voire quelquefois fulgurante, illuminante, qui nous avertissent.

Point de vue évidemment dont nous ne faisons pas le même usage que le psychotique, mais quand même il arrive des choses dans l'ordre verbal qui sont ressenties par le sujet d'une certaine façon comme quelque chose qu'on a reçu, c'est quelque chose qui commence vraiment à nous saisir à partir du moment où nous partons de l'idée de

principe que ce qui est intéressant c'est de savoir, comme on nous l'a appris à l'école, si c'est une sensation ou une perception, ou une aperception, ou une interprétation, bref, si nous restons dans un registre académique ou scolaire concernant cette question du rapport élémentaire à la réalité, tel que nous le construisons dans une théorie de la connaissance qui est manifestement tout à fait incomplète.

Car l'élément qui s'étage de la sensation en passant par la perception pour arriver au domaine de la causalité et de l'organisation du réel, et en tout cas depuis quelque temps la philosophie s'efforce à tue-tête de nous avertir depuis KANT qu'il doit y avoir des choses et des registres différents de la réalité à propos desquels ces problèmes s'expriment, s'organisent et se posent dans des registres d'interrogation également différentes, et que ce n'est pas peut-être le plus intéressant de savoir si oui ou non une parole a été entendue.

Nous sommes encore « *le bec dans l'eau* », c'est-à-dire que les trois-quarts du temps, que nous apportent les sujets ?

Ce n'est rien d'autre que ce que nous sommes en train de leur demander, c'est-à-dire de leur suggérer de nous répondre, c'est-à-dire d'introduire dans ce qu'ils éprouvent des distinctions et des catégories qui n'intéressent que nous, et non pas eux. Ce qui les intéresse eux, c'est bien évidemment tout autre chose, le rapport d'étrangeté, de caractère imposé, extérieur, de l'hallucination verbale à quelque chose d'extrêmement intéressant mais qui est à considérer précisément dans le rapport en tant que tel.

Car nous ne le voyons bien la façon dont les malades réagissent : ce n'est pas là où il entend le mieux...
comme on dit au sens où on croit qu'entendre c'est entendre avec les oreilles
...ce n'est pas là où il entend le mieux qu'il est le plus frappé.

Il y a des malades qui sont atteints de certaines formes d'hallucinations qui paraissent extrêmement vivides, et qui ne restent que des hallucinations, et il y en a d'autres chez qui ces hallucinations, au contraire, ont un caractère peu *vivide*, extrêmement endophasique, et chez qui l'hallucination a, au contraire, le caractère le plus décisif pour le sujet, à savoir qu'il lui donne tout le caractère d'une certitude.

Comme j'introduisais cette distinction à l'orée de notre propos, quand il s'agissait des psychoses, distinction des certitudes et des réalités, c'est là ce qui est important, c'est ce qui nous introduit dans des différences structurelles à l'intérieur de ces phénomènes, c'est que nous sommes mieux placés que quiconque pour nous apercevoir que ce sont des différences qui en aucun cas ne sont *superstructurelles* pour nous.

C'est curieux que ce ne soit que pour nous, mais il est un fait parmi les cliniciens, que ça ne peut être que pour nous que la parole est d'extrême poids et d'importance, puisqu'à la différence des autres cliniciens, nous savons que cette parole est toujours là, articulée ou pas, elle est présente et enregistrante à l'état articulé, c'est-à-dire déjà historisée, c'est-à-dire déjà prise dans le réseau des couples et des *oppositions symboliques*.

Tout le vécu indifférencié du sujet, j'entends par là cette succession que nous aurions qualifiée d'image projetée sur un écran, du vécu du sujet dont la restauration totale selon BERGSON, serait indispensable pour permettre de saisir et de comprendre le sujet dans sa durée. Il est tout à fait clair que ce que nous touchons cliniquement n'est jamais quelque chose comme cela, nous trouvons par une analyse interminable que ce serait quelque chose qui serait inscrit dans le fond des phénomènes, et malheureusement *ça ne nous intéresse absolument pas*, ça ne tend jamais à surgir, la continuité de tout ce qu'a vécu un sujet depuis sa naissance.

Ce sont les points décisifs du point de vue de l'articulation symbolique, du point de vue de l'histoire dans le sens où vous appelez l'histoire, l'Histoire de France, c'est-à-dire que tel jour M^{elle} DE MONTPENSIER *était sur les barricades*, et elle y était peut-être par hasard, et ça n'avait peut-être pas d'importance dans une certaine perspective, mais ce qu'il y a de certain, c'est qu'il n'y a que cela qui reste dans l'Histoire, c'est qu'elle était là et on lui a donné un sens.

Et que ce sens soit vrai ou pas vrai, sur le moment d'ailleurs il est toujours un peu vrai, et c'est ce qui est devenu vrai dans l'Histoire qui compte et qui fonctionne, mais quand même comme il faut que ça vienne de quelque part, ou bien que ça vienne d'un remaniement postérieur, ou bien ça commence déjà à avoir une ébauche d'articulation sur le moment même.

C'est là quelque chose d'important à voir, mais ce qui est également très important, c'est que ce que nous appelons sentiment de réalité quand il s'agit de restauration des souvenirs, est ce quelque chose d'ambigu qui consiste essentiellement en ce que oui ou non une réminiscence, c'est-à-dire une résurgence d'impression, peut ou non s'organiser dans la continuité historique, ce n'est pas *l'un ou l'autre* qui donne l'accent de la réalité, c'est *l'un et l'autre*, c'est un certain mode de conjonction des deux registres qui donne aussi le sentiment d'irréalité, car du point de vue du registre sentimental, ce qui est sentiment de réalité est sentiment d'irréalité, ou à un quart de poil près le sentiment d'irréalité n'est vraiment là que comme un signal qu'il s'agit d'être dans la réalité, et qu'il manque encore un petit quelque chose. Autrement dit, le sentiment de « *déjà vu* », qui a fait tellement de problèmes pour les psychologues, est quelque chose que nous pourrions désigner comme une homonymie.

C'est toujours dans la clé symbolique que s'entrouvre le ressort, c'est pour autant que quelque chose est vécu avec une signification symbolique pleine, quelque chose qui reproduit une situation symbolique homologue déjà vécue, mais oubliée et qui à ce titre revit sans que le sujet comprenne les tenants et les aboutissants, et donne à ce sujet

le sentiment que le contexte, l'actuel, le tableau du moment présent, est quelque chose qu'il a déjà vu. Le « *déjà vu* » est quelque chose d'excessivement près de ce que l'expérience de l'analyse nous apporte sous le registre du « *déjà raconté* », à part que c'est *l'inverse* : que ce n'est justement pas dans l'ordre du « *déjà raconté* » que ça se place, parce que c'est même dans l'ordre du *jamais raconté*, mais c'est du même registre.

En d'autres termes, ce que nous devons supposer, si nous admettons l'existence de l'inconscient tel que FREUD l'article, c'est que cette *phrase symbolique*, cette *construction symbolique* permanente qui recouvre de sa trame tout le vécu humain, est quelque chose qui est toujours là, plus ou moins latent, qui est en quelque sorte un des éléments nécessaires de l'adaptation humaine, c'est que ça passe sans qu'on y pense.

Cela aurait pu être qualifié pendant longtemps d'énormité, mais il n'y a que pour nous que ça ne peut pas en être une, car l'idée même de « *pensée inconsciente* », qui est en effet le grand paradoxe concret, pratique, qu'a apporté FREUD, veut dire cela et ne veut pas dire autre chose.

Quand FREUD formule le terme de « *pensée inconsciente* »...

en ajoutant dans sa *Traumdeutung* « *sit venia verbo* » pour que l'excuse soit en contradiction de la parole

...il ne formule pas autre chose que ceci : c'est que « *pensée* » veut dire « *la chose qui s'articule en langage* », il n'y a pas d'autre interrogation au niveau de la *Traumdeutung* à ce terme que celle-là, et que ce *langage* que nous pourrions appeler « *intérieur* »...

ne me faites pas dire ce que je ne dis pas, c'est pour vous faire comprendre comme je l'entends, car justement le terme d'*intérieur* fausse déjà tout

...ce monologue intérieur est en parfaite continuité avec le dialogue extérieur, et c'est bien pour cela que nous pouvons dire que l'inconscient est aussi le discours de l'Autre.

Mais quand même il y a quelque chose de cet ordre-là, c'est-à-dire de continu, mais non pas à *chaque instant*...

là aussi il faut commencer à dire ce qu'on veut dire,

aller dans le sens où on va et en même temps savoir le corriger

... c'est-à-dire que ce n'est justement pas à chaque instant qu'il y a des lois d'intervalle, de suspension, de scansion,

de résolution proprement *symbolique*, de l'ordre des suspensions et scansions qui marquent la structure de tout calcul,

qui font que justement ce n'est pas d'une façon continue que s'inscrit, disons cette « *phrase intérieure* ».

C'est en raison d'une *structure* qui est déjà tout à fait attachée aux possibilités ordinaires, ce qui est la structure même ou inertie du langage, et que donc ce dont il s'agit pour l'homme, c'est justement de s'en tirer avec cette modulation continue de façon telle que ça ne l'occupe pas trop. C'est bien pour cela que les choses s'arrangent de façon à ce que sa conscience s'en détourne. Mais admettons l'existence de l'inconscient : ça veut dire que même si sa conscience

s'en détourne, la modulation dont je parle, la « *phrase intérieure* » avec toute sa complexité, n'en continue pas moins.

Il n'y a là aucune espèce d'autre sens possible à donner à l'inconscient que ce sens-là.

S'il n'est pas cela il est absolument un monstre à six pattes, quelque chose d'absolument incompréhensible, et en tout cas incompréhensible dans la perspective de l'analyse. Il s'agit bien entendu de l'inconscient freudien. L'une des occupations du *moi*, puisqu'on cherche les fonctions du *moi* comme tel, est très précisément de ne pas en être empoisonné de cette « *phrase* » qui continue à circuler et à nous occuper, et qui ne demande qu'à répondre

et à resurgir sous mille formes plus ou moins camouflées et dérangeantes. En d'autres termes la phrase évangélique : « *Ils ont des oreilles pour ne point entendre...* » est à prendre au pied de la lettre.

C'est *une fonction du moi* que nous n'ayons pas perpétuellement à entendre ce quelque chose d'articulé qui organise comme telles nos actions, comme des actions parlées. Ceci n'est pas tiré de l'analyse de la psychose, ceci n'est que la mise en évidence une fois de plus des postulats de la notion freudienne de *l'inconscient*. Mais ça devient quand même très intéressant si nous avons ces phénomènes - appelons-les provisoirement tératologiques - des psychoses, et où nous voyons que *ça joue en clair*, et où effectivement il se produit quelque chose dont je ne dois pas à mon tour faire le phénomène essentiel, pas plus que je n'admettais tout à l'heure qu'on fasse de l'élément *imaginaire* le phénomène central et essentiel.

Mais il faut quand même voir qu'il y a là un phénomène oublié, c'est-à-dire l'importance de *la mise au jour de la sortie de la révélation* dans les cas de psychoses, de ce que j'appelais à l'instant « *monologue* », « *phrase* », « *discours intérieur* ».

Je ne cherche pas à introduire de nouveaux mots, il vaudrait mieux plutôt vous faire ébaucher le sens de la recherche, mais l'important c'est que nous voyons *dans la psychose*, de la façon la plus formulée, la plus articulée, exactement ce que je viens de vous dire : nous sommes les premiers à pouvoir voir, justement parce que dans une certaine mesure nous sommes déjà prêts à l'entendre, mais alors nous n'avons pas de raison de nous refuser à le reconnaître au moment où le sujet en témoigne comme de quelque chose qui fait partie du texte même de son vécu.

[Lecture des Mémoires d'un névropathe, p. 248 : Les voix se manifestent chez moi [...] une origine entièrement différente.]

Voilà ce qu'il nous dit dans un appendice à ce qu'il écrit, c'est-à-dire que ça n'est pas dans le texte, c'est quelque chose qui a la valeur d'un témoignage rétrospectif très important. Il s'agit d'un phénomène très important qui est le ralentissement de cette « *phrase* » ou cours des années - nous allons voir ce que veut dire ce ralentissement - qui dès lors a pour lui un sens qu'il a introduit sous la forme métaphorique de l'éloignement : c'est une très grande distance où les rayons de Dieu se sont retirés, et c'est pour lui une explication suffisante du ralentissement, ou plus exactement du délai de l'ajournement dans lequel il se sent par rapport *au mode sous lequel* ces phrases lui parviennent.

Il y a non seulement ralentissement mais, vous ai-je dit, délai, suspension, comme moyen de suspension à ce délai qui est souligné par SCHREBER. Ne voyez-vous pas qu'il y a là déjà des questions très intéressantes qui se soulèvent ?

La phénoménologie même sous laquelle ce discours se continue, se présente et évolue au cours des années, le passage d'un sens très plein au début, à des éléments de caractère insensible, vidé de son sens, avec d'ailleurs des commentaires extrêmement curieux de la part des *voix* dans le genre de celui-ci : par exemple alors que l'on traduit par « *tout non-sens s'annule* », ce n'est pas une mauvaise traduction, mais il est certain que le *non-sens* prend ici toute

sa portée, le caractère donc de *suspension* de ces *paroles*, pour ne parler que de celles-ci, c'est-à-dire *du discours*, de la trame continue qui va vers l'accompagnement perpétuel de la maladie de notre sujet, à partir d'une période qui est celle des premiers mois d'entrée dans la maison de Sonnenstein à Pirna.

La structure de ce qui se passe n'est pas quelque chose qui mérite que nous la négligions. Je vous en donne un exemple : le début d'une de ces phrases, « *Il nous manque maintenant...* », et puis ça s'arrête là, il n'entend rien d'autre c'est son témoignage. Mais une telle phrase interrompte a pour lui le sens implicite de :

« *Il nous manque* - ce sont les voix qui parlent - *la pensée principale...* »

Dans une phrase interrompue comme telle toujours finement articulée grammaticalement, la signification est présente d'une double façon, comme attendue puisqu'il s'agit d'une suspension, comme répétée d'autre part puisque c'est toujours à un sentiment de l'avoir déjà entendue qu'il se rapporte. Vous me direz :

« Oui, c'est très bien, mais croyez-vous que c'est une chose un peu plus forte, acquise d'emblée, qu'une phrase, même si nous la supposons complète, s'exprime comme ceci : « Il me manque la pensée principale... » ? »

Il est évident qu'à partir du moment où l'on entre dans l'analyse du langage, il conviendrait de s'intéresser aussi à l'histoire du langage, à considérer que le langage n'est pas une chose aussi naturelle que cela : les expressions qui nous paraissent aller de soi doivent s'étager en expressions plus ou moins fondées.

Que le discours continu des voix qui l'occupent soit *psychologue*, c'est-à-dire qu'une grande part de ce qu'il raconte concerne ce qu'il appelle « *conception des âmes* », c'est-à-dire qu'elles ont toute une théorie psychologique,

et je dois dire qu'on peut [y trouver ?] à peu près tout ce que pourrait appeler d'une façon courante, projeter la psychologie de l'être humain : ces voix apportent des *catalogues* de registre de pensée, les pensées de toutes les pensées, d'affirmation, de réflexion, de crainte,

- les signalent comme tels,
- les articulent comme tels,
- et surtout disent quelles sont celles d'entre elles qui sont en quelque sorte régulières.

Elles ont en quelque sorte leur psychologie, leurs conceptions des âmes, et elles vont plus loin : elles ont leurs conceptions des *patterns*, elles sont au dernier point de la théorie *behaviouriste*, celle qui de l'autre côté

de l'Atlantique cherche à expliquer à chacun :

- quelle est la façon d'offrir un bouquet de fleurs à une jeune fille,
- quelle est la façon régulière de le faire.

Elles aussi elles ont des idées précises sur la façon dont l'homme et la femme doivent s'aborder, et même se coucher dans le lit, et SCHREBER en est un peu interloqué : « *C'est comme cela* - dit-il - *mais je ne m'en étais pas aperçu.* »

Le texte même est réduit à ces phrases purement formelles, je veux dire à des serinages ou à des ritournelles qui nous paraissent même quelquefois tant soit peu embarrassants.

Et c'est pour nous permettre de nous poser ces questions, par exemple je me souviens d'une chose qui m'avait frappé en lisant M. SAUMAIZE qui a écrit vers 1660-70 le *Dictionnaire des précieuses*¹³. Naturellement les *précieuses* sont *ridicules*, mais le mouvement dit « *des précieuses* » est un élément au moins aussi important pour l'histoire de la langue,

des pensées, des mœurs, que notre cher surréalisme dont chacun sait quand même que ça n'est pas rien, et qu'assurément nous n'aurions pas le même type d'affiches s'il ne s'était pas produit vers 1920, un mouvement de gens qui manipulent d'une façon curieuse les symboles et les signes.

Le mouvement « *des précieuses* » est probablement beaucoup plus important, du point de vue de la langue, qu'on ne peut le penser. Évidemment il y a tout ce qu'a raconté ce personnage génial qu'est MOLIÈRE, mais qui sur le sujet des « *précieuses* » en a fait dire un peu plus qu'il ne voulait en dire probablement.

Mais il y a une chose par exemple que vous apprenez, à lire ce petit dictionnaire : vous n'imaginez pas le nombre de locutions qui semblent maintenant toutes naturelles, et il y en a une qui est tout à fait frappante, qui semble aller de soi et qui à cette époque était saisissante, c'est-à-dire qu'elle entraînait bien peu dans la cervelle des gens et que M. SAUMAIZE note et nous dit qui l'a *inventée*, il nous dit que c'est le poète SAINT-AMAND qui a été le premier à dire : « *Le mot me manque.* »

Naturellement si on n'appelle pas le *fauteuil* aujourd'hui « *les commodités de la conversation* », c'est par un pur hasard :

il y a des choses qui réussissent et d'autres qui ne réussissent pas, on pourrait dire « *les commodités de la conversation* » pour un *fauteuil* comme on dit « *Le mot me manque.* » et c'est simplement à cause d'un tour de conversation qui a pour origine les salons où on essayait de faire venir un langage un peu plus raffiné. L'état d'une langue se caractérise

¹³ Antoine Baudeau, Sieur de Somaize : « *Le grand dictionnaire des précieuses ou la clef de la langue des ruelles* » (1660).

aussi bien par ses absences que par ses présences, de même quand vous trouvez dans le dialogue des choses telles que ces fameux « *oiseaux miraculés* », des drôleries comme celles-ci, qu'à elles on peut parler un peu n'importe comment, on leur dit quelque chose comme « *besoin d'air* » et elles entendent cela comme « *crépuscule* ».

C'est quand même assez intéressant, parce qu'en fait combien de gens parmi vous n'ont pas entendu...
dans un *parler* qui n'est pas spécialement *populaire*
...confondre d'une façon courante « *amnistie* » et « *armistice* » ?

Mais si je vous demandais à chacun à tour de rôle ce que vous entendez par « *superstition* » par exemple, je suis sûr qu'on arriverait à une assez jolie idée du caractère confus que peut avoir dans votre esprit ce mot dont vous faites couramment usage : il apparaîtrait au bout d'un certain temps le terme de *superstructure* ! De même les épiphénomènes ont une signification assez spéciale en médecine, les épiphénomènes communs à toutes les maladies, la fièvre, c'est ce que LAENNEC appelle les « *épiphénomènes* ».

L'origine du mot superstition nous est donnée par CICÉRON, que vous feriez bien de lire car il apprend beaucoup de choses, vous y mesurerez par exemple la distance et le rapprochement aussi dans lequel les problèmes que les anciens posaient sur la nature des dieux, suscitent le problème de l'expression, même à propos d'un cas comme celui-là, où il s'agit quand même des dieux.

Dans le « *De natura deorum* » CICÉRON nous dit ce que veut dire superstition : les gens qui étaient *superstitieux*, *superstitiosi*, c'étaient des gens qui *priaient toute la journée* et faisaient des sacrifices pour que leur descendance leur survive, c'est-à-dire que c'était l'accaparement de la dévotion pour un but qui devait bien leur paraître fondamental.

Cela nous apprend beaucoup sur la conception que pouvaient se faire les anciens de cette notion si importante dans toute culture primitive, de la continuité de la lignée. Cette référence est une chose assez importante à connaître, et qui pourrait peut-être nous donner la meilleure prise sur la véritable définition à donner de la notion de *superstition* :

- c'est-à-dire justement une mise en valeur, une extraction, une partie de tout un texte, d'un comportement aux dépens des autres,
- c'est-à-dire de son rapport avec tout ce qui est formation parcellaire, avec tout ce qui est à proprement parler déplacement méthodique dans le mécanisme de la névrose.

Ce qui est important, c'est de comprendre ce qu'on dit, et pour comprendre ce qu'on dit il est important d'en voir en quelque sorte les doublures, les résonances, les superpositions significatives, quelles que soient ces superpositions,

et nous pouvons admettre tous les contresens, ce ne sont jamais des contresens faits au hasard. Mais ce qui est important, c'est pour qui médite sur l'organisme du langage, d'en savoir le plus possible, c'est-à-dire de faire, tant à propos d'un mot que d'une tournure, que d'une locution, le fichier le plus plein possible, car il est bien entendu que *le langage joue* entièrement dans l'*ambiguïté* :

- c'est-à-dire que la plupart du temps vous ne savez absolument rien de ce que vous dites.
- c'est-à-dire que dans votre interlocution la plus courante, le langage a une valeur purement fictive, vous prêtez à l'autre le sentiment que vous êtes bien toujours là.
- c'est-à-dire que vous êtes capable de donner la réponse qu'on attend, qui n'a aucun rapport avec quoi que ce soit de possible à approfondir.

Les neuf-dixièmes du langage et des discours effectivement tenus, sont à ce titre des discours complètement fictifs.

Je rappelle qu'à propos d'une expression employée par SCHREBER, concernant le fait que les voix lui signalent qu'il leur manque quelque chose, je faisais remarquer que des expressions comme celle-là ne vont pas tellement toutes seules, puisque nous pouvons en voir la naissance précisément notée au cours de l'histoire de la langue, et déjà à un niveau de création assez élevé pour que ce soit précisément dans un cercle intéressé par les questions de l'*expression*. *Expressions* qui nous paraissent découler tout naturellement de l'arrangement donné du signifiant, et que ce soit en effet quelque chose d'historiquement vérifié.

Je disais que « *Le mot me manque*. », qui nous paraît si naturel, est noté dans SAUMAIZE comme étant sorti des « *ruelles des Précieuses* », et était considéré à cette époque comme si remarquable que l'auteur même en a noté l'apparition en le restituant à SAINT-AMAND. Et je vous disais en même temps que j'avais relevé également

presque une centaine d'expressions - pas tout à fait- comme :

- « *C'est la plus naturelle des femmes*. »
- « *Il est brouillé avec un tel*. »
- « *Il a le sens droit*. »
- « *Tour de visage, tour d'esprit*. »
- « *Je me connais un peu en gens*. »
- « *C'est un coup sûr*. »
- « *Jouer à coup sûr*. »
- « *Il agit sans façon*. »
- « *Il m'a fait mille amitiés*. »
- « *Cela est assez de mon goût*. »
- « *Il n'entre dans aucun détail*. »
- « *Il s'est embarqué en une mauvaise affaire*. »
- « *Il pousse les gens à bout*. »
- « *Sacrifier ses amis*. »
- « *Cela est fort*. »
- « *Faire des avances*. »
- « *Faire figure dans le monde*. »

Tout ceci vous semble des expressions qui vont de soi et des plus naturelles, tout ceci est cependant noté dans SAUMAIZE, et aussi dans la rhétorique de BERRY qui est de 1663, comme des expressions créées dans le cercle des *Précieuses*. C'est vous dire combien il ne faut pas s'illusionner sur le caractère allant de soi, modelé sur une appréhension simple du réel, que pourrait peut-être nous donner l'idée qu'une locution soit devenue tournure usuelle.

Bien loin de là :

- elles supposent toutes, plus ou moins, une longue élaboration dans laquelle des implications, des possibilités de réduction du réel, sont prises,
- elles supposent en quelque sorte ce que nous pourrions appeler un certain progrès métaphysique du fait que les gens en ont agi d'une certaine façon avec l'emploi de certains signifiants,

...ce qui suppose toutes sortes de présuppositions, et en effet « *Le mot me manque* » est quelque chose qui suppose

à soi tout seul beaucoup, et d'abord que le mot est là.

Aujourd'hui nous allons reprendre notre propos, et selon les principes méthodiques que nous avons posés, essayer d'aller un petit peu plus avant dans le délire du Président SCHREBER. Pour essayer d'y aller plus avant nous allons procéder en prenant *le document* - nous n'avons d'ailleurs pas autre chose - et je vous ai fait remarquer que *le document* était rédigé à une certaine date, à une date assez avancée de sa psychose pour qu'il ait pu formuler son délire.

À ce propos et légitimement, j'émet des réserves, bien entendu quelque chose que nous pouvons supposer comme plus primitif, antérieur, originaire, va nous échapper : le « *vécu* », le fameux *vécu* ineffable et incommunicable de la psychose dans sa période primaire ou féconde, est quelque chose sur lequel nous sommes évidemment libres de nous hypnotiser, c'est-à-dire de penser que nous perdons le meilleur. Le fait qu'on perd le meilleur de quelque chose est en général une façon de se détourner de ce qu'on a sous la main, et qui vaut peut-être la peine qu'on le considère.

Pourquoi après tout un état terminal serait-il moins instructif qu'un état initial, à partir du moment où nous ne sommes pas sûrs que cet état terminal représente forcément une sorte de moins-value ? Pour tout dire, à partir du moment où nous posons le principe qu'en matière d'inconscient le rapport du sujet au *symbolique* est fondamental, c'est-à-dire à partir du moment où nous abandonnons l'idée, implicite en beaucoup de systèmes, qu'après tout, ce que le sujet arrive à mettre dans les mots est une élaboration en quelque sorte impropre et toujours fatalement distordue, d'un *vécu* qui lui-même serait une réalité irréductible, auquel il faudrait que le sujet adapte le discours, de sorte que c'est bien l'hypothèse qui est au fond de « *La conscience morbide* » de BLONDEL, qui est un bon point de référence dont je me sers quelquefois avec vous. BLONDEL nous montre bien cela.

C'est quelque chose d'absolument original, d'irréductible dans ce vécu du *psychosé* et du *délirant* et par conséquent il nous donne quelque chose qui ne peut que nous tromper, grâce à quoi nous n'avons plus qu'à renoncer à pénétrer ce *vécu*, impénétrable, puisque - malheureusement d'ailleurs - c'est une supposition psychologique implicite à ce qu'on peut appeler la pensée de notre époque : l'espèce d'emploi à la fois usuel et abusif du mot « *intellectualisation* » ne représente pas autre chose.

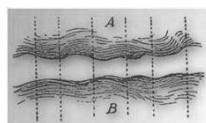
Il y a toujours au delà de *l'intellectualisation* ceci que, tout spécialement pour une espèce d'intellectuels modernes, il y a quelque chose d'irréductible que l'intelligence par définition est destinée à manquer. BERGSON a tout de même fait beaucoup pour établir cette sorte de position dont nous avons certainement un préjugé, et un préjugé dangereux.

En effet, de deux choses l'une :

- ou le délire, c'est-à-dire la psychose n'appartient à aucun degré à notre domaine à nous analystes, c'est-à-dire qu'il n'a rien à faire avec ce que nous appelons l'inconscient,
- ou bien l'inconscient étant ce que nous avons cru ces dernières années pouvoir élaborer - nous l'avons fait ensemble - l'inconscient est dans son fond *structuré, tramé, chaîné de langage*. c'est-à-dire que *le signifiant*, non seulement y joue un aussi grand rôle que le signifié, mais il *joue le rôle fondamental*. Car ce qui caractérise le langage c'est *le système du signifiant* comme tel, et son jeu complexe qui pose toutes sortes de questions au bord desquelles nous nous maintenons, parce que nous ne faisons pas ici un cours de linguistique.

Mais vous en avez assez entrevu jusqu'ici à travers le discours pour savoir que *ce rapport du signifiant et du signifié est un rapport qui est loin d'être*, comme on dit, dans la théorie des ensembles, *bi-univoque* entre *le signifiant et le signifié* même.

Et le signifié, nous l'avons vu, ce ne sont pas les *choses* toutes brutes comme si elles étaient déjà là données dans un ordre ouvert à la signification. La signification c'est le discours humain en tant qu'il renvoie toujours à une autre signification. C'est le discours tel que le représente M. SAUSSURE dans ses cours de linguistique célèbres, et au dessus dans son schéma, il représente aussi comme un flux, un courant lui aussi : c'est *la signification du discours* pour autant qu'elle soutient un discours dans son ensemble d'un bout à l'autre.



Et cela c'est le discours, ce que nous entendons, c'est-à-dire qu'il nous donne bien le fait qu'il y a déjà une certaine part d'arbitraire dans le découpage d'une phrase entre ses différents éléments : ce n'est pas facile, il y a tout de même ces unités que sont les mots, mais quand on y regarde de près, ils ne sont pas tellement unitaires, peu importe,

c'est ainsi qu'il l'a représentée.

La seule chose caractéristique est qu'il pense que ce qui permettra le découpage du signifiant, ce sera une certaine corrélation entre les deux, c'est-à-dire le moment où l'on peut découper en même temps le signifiant et le signifié, quelque chose qui fasse intervenir en même temps une pause, une unité. Le *schéma* lui-même est discutable, parce que par rapport à l'ensemble et aux données de *la somme du système du langage*, on voit bien que dans le sens diachronique :

- c'est-à-dire avec le temps, il se produit des glissements,
- c'est-à-dire qu'à tout instant le système en évolution des significations humaines se déplace et modifie le contenu des signifiants,
- c'est-à-dire que le signifiant prend des emplois différents.

Ce n'est rien d'autre que viser à vous faire sentir les exemples que je vous donnais tout à l'heure : sous les mêmes signifiants, au cours des âges, il y a ces glissements de signification qui prouvent qu'on ne peut pas établir cette correspondance biunivoque entre les deux systèmes.

L'essentiel pour nous donc est ceci, c'est que le système du signifiant, c'est-à-dire le fait qu'il existe une langue avec un certain nombre d'unités individualisables, a certaines *particularités* qui le spécifie dans chaque langue, qui font que :

- n'importe quelle syllabe ne peut équivaloir à n'importe quelle syllabe,
- ce n'est pas la même chose : certaines syllabes ne sont pas possibles dans telle ou telle langue, *les emplois* des mots sont différents, autrement dit *les locutions* avec lesquelles ils se groupent.

Que tout cela existe déjà, c'est quelque chose qui dès l'origine, conditionne jusque dans sa trame la plus originelle,

ce qui se passe dans l'inconscient, c'est ce que j'illustre de temps en temps. Si l'inconscient est tel que FREUD nous l'a dépeint, un calembour en lui-même peut être la cheville essentielle qui soutient un *symptôme*, c'est-à-dire aussi bien un calembour qui, dans un autre système de linguistique, dans une langue voisine, n'existe pas : bien entendu ce n'est là qu'un de ces cas particuliers qui mettent bien en valeur quelque chose de fondamental.

Ce n'est pas dire que le *symptôme* soit toujours fondé sur l'existence du signifiant comme tel, mais sur le mode de rapport complexe de totalité à totalité, ou plus exactement de système entier à système entier, d'univers du signifiant à univers du signifié. Qu'il y ait toujours ce rapport fondamental dans le *symptôme*, c'est tellement la doctrine de FREUD qu'il n'y a pas d'autre sens à donner au terme de « *surdétermination* » et la nécessité qu'il a posée : *pour qu'il y ait symptôme il faut au moins qu'il y ait duplicité*.

C'est-à-dire qu'au moins il y ait deux conflits en cause : un actuel et un ancien. Cela ne veut rien dire d'autre. En effet *sans la duplicité fondamentale du signifiant et du signifié...*

du matériel conservé dans l'inconscient comme lié au conflit ancien, et qui vit là conservé à titre de signifiant en puissance, de signifiant *virtuel*, pour être pris dans le signifié du conflit actuel et lui servir de langage, c'est-à-dire de *symptôme*

...il n'y a pas de déterminisme proprement psychanalytique concevable.

Dès lors quand nous abordons les délires avec l'idée qu'ils puissent être compris dans le registre psychanalytique...

dans l'ordre de la découverte freudienne et du mode de pensée qu'elle nous permet concernant *ces symptômes*

...dès lors vous voyez bien qu'il n'y a aucune raison de rejeter...

- comme non valable,
- comme le fait d'un compromis purement verbal, comme on dirait encore : comme *une fabrication secondaire*

...la façon dont le *délire* va se présenter à l'état terminal, dont un SCHREBER va nous expliquer *son système du monde*, après quelques années d'épreuves extrêmement pénibles, où sans aucun doute bien entendu il ne pourra pas toujours nous donner une relation qui soit pour nous au delà de toute critique, de ce qu'il a expérimenté.

Alors sans aucun doute nous savons aussi analyser et reconnaître sur le fait que le paranoïaque à mesure qu'il avance, reprojette rétroactivement, repense son passé, et va jusque dans des années très anciennes voir l'origine des persécutions, des complots, dont il est l'objet. Quelquefois il a la plus grande peine à situer un événement

et on sent bien sa tendance à le renouveler par une sorte de répétition de jeu de miroir qui le reprojette dans un passé qui devient lui-même assez indéterminé, un passé de retour éternel, comme il l'écrit.

Sans doute aussi certaines choses, on le voit bien dans un écrit comme celui de SCHREBER, peuvent être à peu près restituées par le sujet. Mais sans doute aussi et plus encore ce à quoi le sujet vient actuellement dans le déploiement du système délirant, l'organisation signifiante dans laquelle il couche un écrit aussi étendu que celui du Président SCHREBER garde pour nous une valeur entière du seul fait que nous supposons cette solidarité continue et profonde des éléments signifiants du début jusqu'à la fin du délire, quelque chose...

non seulement qu'il n'est pas impensable de penser, mais il est dès lors tout à fait cohérent de le penser ...quelque chose dans l'ordonnance finale du délire garde toute sa valeur indicative pour nous des éléments primaires qui étaient en jeu.

Nous pouvons en tout cas légitimement tenter la recherche, il nous paraît possible que l'analyse de ce délire comme tel nous livre le rapport fondamental du sujet au registre dans lequel s'organisent et se déploient toutes les manifestations de l'inconscient quand elles se produisent.

Et peut-être même pourrions-nous, lorsque nous verrons que l'évolution du sujet parvient à un certain degré, nous rendre compte d'une certaine façon, sinon du mécanisme dernier de la psychose, du moins de ce que comporte l'évolution d'une psychose par rapport à la relation la plus générale du sujet à *cet ordre constitutif de la réalité humaine* qu'est *le symbolique* comme tel.

En d'autres termes, peut-être dans l'évolution pourrions nous toucher du doigt comment, par rapport à *l'ordre du symbolique*, le sujet au cours de l'évolution de sa psychose, autrement dit depuis le moment d'origine jusqu'aux différentes étapes et jusqu'à la dernière, pour autant qu'il y ait une étape terminale dans *la psychose*,

comment le sujet se situe par rapport à l'ensemble de cet *ordre symbolique*

- considéré comme ordre original,
- considéré comme milieu distinct du milieu réel,
- considéré comme milieu avec lequel l'homme a toujours affaire, comme un ordre essentiellement distinct de l'ordre du *réel* et de *l'imaginaire*.

À partir de là nous nous sentons beaucoup plus solides pour travailler avec ce que j'appellerais le plus grand sérieux dans le détail du délire du sujet. C'est-à-dire que nous devons nous demander ce que cela veut dire, et ne pas partir d'avance de l'idée que sous prétexte que le sujet est bien entendu *un délirant* : son système est bien entendu discordant, *inapplicable*, c'est l'un des signes distinctifs, *inapplicable* dans ce qui se communique dans la société de ses semblables, que « *c'est absurde* » comme on dit, et même après tout fort gênant.

C'est la première réaction, même du psychiatre, en présence d'un sujet qui commence à lui en raconter de toutes les couleurs : c'est qu'il est fort désagréable d'entendre un monsieur qui vous donne sur ses expériences

des affirmations si péremptoires et contraires à ce qu'on est habitué à retenir comme l'ordre normal de causalité. Ce sont trop souvent les interrogatoires du psychiatre lui-même qui devant son malade tient à « *rentrer les petites chevilles dans les petits trous* » comme disait PÉGUY *dans ses derniers écrits* en parlant de l'expérience qu'il assumait et de ces gens qui veulent encore, au moment où la grande catastrophe est déclarée, que les choses conservent le même rapport qu'auparavant : ils veulent toujours que les petites chevilles restent dans les mêmes trous.

Il y a une façon de pousser l'interrogatoire du psychopathe, qui est cela : « *Procédez par ordre, Monsieur...* », disent-ils

au malade, et les chapitres sont déjà faits. Pour les psychiatres, bien souvent il faudrait partir de la notion d'ensemble,

à savoir qu'un délire, comme le reste, est à juger d'abord comme champ de signification ayant organisé un certain signifiant, de sorte que les premières règles d'un bon interrogatoire, d'un bon examen, d'une bonne investigation

des psychoses, pourraient être de laisser parler le plus longtemps possible, après on se fait une idée.

Il ne semble pas justement que dans *cette belle histoire de la psychose* dont vous voyez les étagements sur ce tableau

- ils sont maintenant effacés - on prenne les choses autrement, *c'est de cette façon-là que les choses ont toujours été prises*.

Je ne dis pas que dans l'observation des cliniciens il en soit toujours ainsi, cependant ils ont pris les choses assez bien dans leur ensemble, mais la notion des phénomènes élémentaires, les distinctions de l'hallucination, des troubles de l'attention, de la perception, des divers grands niveaux dans l'ordre des facultés de ces phénomènes, ont certainement contribué à obscurcir notre rapport avec les délirants.

Quant à SCHREBER on l'a laissé parler pour une bonne raison : qu'on ne lui disait rien. Il a eu tout le temps d'écrire son grand livre, et c'est ce qui va nous permettre de nous poser des questions de la façon méthodique dont je parlais.

Nous avons commencé la dernière fois, et je vous ai lu tel passage où déjà apparaissaient *la conjonction* et *l'opposition*

de ce que nous avons appelé *le non-sens* de cette activité des *voix* dans ce que j'appellerai pour aborder les choses, leur courant principal, pour autant qu'elles sont le fait de ces différentes entités qu'il appelle « *les royaumes de Dieu* ».

Il y introduit des distinctions, vous verrez de plus en plus avec notre progrès, que cette pluralité d'agents du discours est quelque chose qui pose en soi tout seul un grave problème, car cette pluralité n'est pas conçue par le sujet

pour autant, comme une autonomie. Il y a des choses de toute beauté dans ce texte : il y a une certaine [...] pour parler des différents acteurs, de ces voix, pour nous faire sentir le rapport avec le fond divin, d'où il ne faudrait pas nous laisser glisser à dire qu'il « émane », parce que c'est nous qui commencerions déjà à faire une construction,

il faut suivre le langage du sujet : lui n'a pas parlé d'« émanation ».

Dans l'exemplaire que j'ai entre les mains, il y avait la trace dans la marge des notations d'une personne qui devait se croire très lettrée parce qu'elle avait mis telles ou telles explications en face du terme de SCHREBER de « *procession* » :

c'était une personne qui sans doute avait entendu parler de loin de M. PLOTIN, mais je crois que la « *procession* »

est un terme proprement néo-platonicien pour expliquer les rapports des âmes avec le Dieu de *La Gnose*, ce sont de ces sortes de compréhensions hâtives avec lesquelles il faudrait tout de même être un tout petit peu plus prudent.

Je ne crois pas qu'il s'agisse de quelque chose comme d'une *procession*, mais pour me permettre de telles notes, il faudrait d'abord bien comprendre ce qu'est la *procession* plotinienne, ce qui était hors du champ d'information de la personne en question.

Cet [...] et ses divers supports, le sujet nous a bien précisé qu'il est la caractéristique d'un discours qui est indiscipliné.

Dans le passage que je vous ai lu, il y a quelque chose de très insistant dans le sujet, c'est que le bruit que fait le discours est quelque chose de si modéré dans sa sonorisation, que le sujet l'appelle « *un chuchotement* ».

C'est quelque chose par contre qui est tout le temps là, que le sujet peut couvrir, et c'est ainsi même qu'il s'exprime, par ses activités et par ses propres discours, mais qui est toujours prêt à prendre ou à reprendre la même sonorité

de quelque chose qui est au milieu de ses phrases. C'était de là que nous étions partis la dernière fois.

Eh bien, reprenons cela et demandons-nous quel est ce discours. Bien entendu ce n'est pas l'état hypothétique, même comme principe de départ de nos jours, comme on dit, comme hypothèse de travail : posons qu'il n'est pas impossible que ce soit là, pour le sujet, *sonorisé*.

C'est déjà beaucoup en dire, c'est peut-être trop en dire, mais laissons-le pour l'instant.

Pour le sujet c'est quelque chose qui a un rapport avec ce que nous supposons être *le discours continu*, mémorisant

pour tout sujet sa conduite à chaque instant, doublant en quelque sorte la vie du sujet pour autant que nous sommes non seulement obligés d'admettre cette hypothèse en raison de ce que nous avons supposé tout à l'heure être

la structure et la trame de l'inconscient, mais ce que nous avons toutes raisons même, et certaines possibilités, de saisir comme étant quelque chose que l'expérience la plus immédiate nous permet de saisir.

Il n'y a pas très longtemps, quelqu'un m'a raconté avoir fait l'expérience suivante : une personne surprise par

la brusque menace d'une voiture ou d'une moto sur le point de lui passer sur le corps, a eu - tout le laisse à penser - les gestes qu'il fallait pour s'en écarter. Mais la chose qui est intéressante et qui est bien la plus frappante, c'est que le terme a surgi, vocalisé si on peut dire « *mentalement* », et isolé, de « *traumatisme crânien* ».

On ne peut pas dire que ce soit là une opération qui fasse à proprement parler partie de la chaîne comme on dit, des bons réflexes, pour éviter une rencontre, un choc qui pourrait entraîner le *traumatisme crânien*. Cette verbalisation est légèrement distante de la situation, outre qu'elle suppose chez la personne toutes sortes de déterminations qui pour elle, font du traumatisme crânien quelque chose de particulièrement redoutable, ou peut-être simplement de particulièrement significatif.

Mais on voit bien là surgir la latence si on peut dire de *ce discours toujours prêt à émerger*, et qui en effet intervient sur son plan propre dans une autre portée par rapport à la musique de la conduite totale du sujet, et à ce moment-là se fait entendre. Ce discours donc, avec lequel le sujet a affaire, et qui se présente à lui, à l'étape de la maladie dont il nous parle, dans cet *Unsinn* dominant.

Mais cet *Unsinn* qui est bien loin d'être un *Unsinn tout simple*, à savoir quelque chose que nous pouvons concevoir comme purement et simplement subi par le sujet : il est dépeint comme subi par le sujet qui l'écrit, mais ce quelque chose qui parle dans le registre de cet *Unsinn* (Dieu), se manifeste d'une façon tout à fait claire.

Et la dernière fois je vous l'ai rappelé, et je vous l'ai montré en vous donnant le texte d'une des choses qui sont dites dans ce discours insensé, ou encore *Unsinn*, c'est que *le sujet qui parle...*
et *celui qui écrit* et qui nous fait sa confidence, en tant que nous savons bien
qu'ils ne sont pas sans rapport, sans cela nous ne le qualifierions pas de fou
...ce sujet qui parle, dit des choses comme :

« *Tout non-sens se soulève, s'annule, se transpose...* »

C'est un terme fort riche et fort complexe comme sens où s'élabore, où se contredit, où se transforme le *Aufheben*, c'est bien le signe d'une implication, d'une recherche, d'un recours propre à cet *Unsinn* et cette affirmation, le sujet nous la donne bien comme étant à l'égard de tout ce qui est dit dans le registre de ce qu'il entend, l'allocution, la chose qui lui est adressée par son interlocuteur comme permanent.

Donc nous voyons bien que ce *non-sens* est loin d'être purement et simplement, comme dirait KANT, dans le registre de son analyse des valeurs négatives¹⁴, une pure et simple absence de sens, une pure et simple *privation*. C'est un *Unsinn* très positif. C'est un *Unsinn* très organisé. Ce sont des contradictions qui s'articulent. Et bien entendu tout le sens, toute la richesse du délire de notre sujet est bien là ce qui rend passionnant le discours, le roman délirant que nous transmet SCHREBER, c'est ce qui s'oppose, ce qui se compose, ce qui se poursuit, ce qui s'articule de ce délire.

Et cet *Unsinn* qui est *Unsinn par rapport à quelque chose* - nous allons voir par rapport à quoi - est très loin de composer à soi tout seul un discours vide de sens, ça n'est pas une *privation*, bien loin de là. Pour essayer d'aller plus loin et d'aborder l'analyse de ce sens, nous allons essayer de voir par quel bout nous allons prendre l'analyse de ce discours.

Nous pouvons commencer de diverses façons : je pourrais par exemple continuer en insistant sur le texte de ce discours, les demandes et les réponses puisque je viens de vous dire que c'est articulé à un certain niveau de réflexion du sujet qui parle dans les voix de façon parfaitement repérable dans le discours lui-même et prise d'ailleurs par le sujet qui nous rapporte ces choses comme signifiantes.

Ce serait nous introduire dans une très grande complexité, supposant au reste un système déjà prédéterminé d'organisation du sens. Ce ne serait pas impossible à faire, mais j'ai déjà commencé d'amorcer cette voie la dernière fois en insistant sur le caractère tout à fait significatif de la *suspension du sens*, du fait que dans leur rythme, les voix laissent attendre, et même n'achèvent pas leurs phrases. Il y a là un procédé particulier d'évocation de la signification qui sans doute nous réserve la possibilité de la concevoir comme une structure.

¹⁴ Emmanuel Kant : « *Essai pour introduire en philosophie le concept de grandeur négative* », Paris, Vrin, 1972.

Je n'ai pas besoin de vous rappeler ce que je vous ai dit quand nous avons parlé de l'hallucination de l'une des malades que nous avons vue à une présentation : celle qui au moment même où elle entendait qu'on lui disait :

« *Truie !* », murmurait entre ses dents « *Je viens de chez le charcutier.* ».

Et vous vous souvenez l'importance que j'avais donnée à cette *voix allusive*, à cette visée indirecte du sujet qui est bien quelque chose que nous retrouvons là, et combien déjà nous avons pu entrevoir quelque chose qui est tout à fait près du schéma que nous donnons des rapports entre :

- le sujet qui parle concrètement, qui soutient le discours,
- et le sujet inconscient, qui est là littéralement dans ce discours même hallucinatoire, et dans sa structure même que nous voyons comme essentiellement visée, comme, on ne peut pas dire *un au-delà* puisque justement l'autre lui manque dans le délire, mais *un en deçà*, si on peut dire, une espèce d'*au-delà intérieur*.

C'est introduire je crois - et trop vite peut-être, si nous voulons procéder en toute rigueur - les hypothèses, les schémas qui doivent bien former peut-être quelque chose qui est considéré par rapport à la donnée, comme préconçu : nous avons déjà dans le contenu du délire assez de données encore plus simples d'accès, pour pouvoir peut-être procéder autrement et en prenant notre temps. Car à la vérité c'est bien de cela qu'il s'agit,

le fait de prendre son temps indique déjà une attitude de bonne volonté qui est celle dont je soutiens ici la nécessité pour avancer dans la structure des délires.

Je dirais que le fait de le mettre tout de suite d'emblée dans la parenthèse psychiatrique, est bien ce que je visais tout à l'heure comme source de l'incompréhension dans laquelle on s'est tenu jusqu'à présent par rapport au délire :

on pose d'emblée qu'il s'agit d'un phénomène anormal, et comme tel on se condamne à ne pas le comprendre. C'est d'ailleurs là une très forte raison, et qui est tout à fait sensible quand on s'avance dans quelque chose d'aussi séduisant que le délire du Président SCHREBER, c'est que tout bonnement comme disent les gens, ils demandent :

« *Est-ce que vous n'avez pas peur de temps en temps de devenir fou ?* »

Mais c'est que c'est tout à fait vrai ! C'est que pour tel ou tel des bons maîtres que nous avons connus, Dieu sait que c'est le sentiment qu'ils pouvaient avoir : où cela les mènerait de les écouter

« *ces types qui vous débloquent toute la journée* » des choses d'un ordre aussi singulier, si l'on prenait tout cela au sérieux.

Nous n'avons pas, nous *psychanalystes*, une idée aussi sûre que celle que chacun a de son bon équilibre, pour ne pas comprendre le dernier ressort de tout cela, à savoir que le sujet normal c'est quelqu'un qui très essentiellement se met dans la position de ne pas prendre au sérieux la plus grande part de son discours intérieur.

Observez bien cela chez les sujets normaux, et par conséquent chez vous-mêmes : le nombre de choses essentielles dont c'est vraiment votre occupation fondamentale que *de n'en rien savoir*. Ce n'est peut-être effectivement rien d'autre que ce qui fait la première différence entre vous et l'*aliéné*, c'est que pour beaucoup l'*aliéné* incarne - sans même

qu'ils se le disent - là où ça nous conduirait si nous commencions à prendre les choses - qui pourtant se formulent

en nous sous forme de questions - à les prendre au sérieux.

Prenons donc sans trop de crainte notre sujet au sérieux, notre Président SCHREBER, et puisqu'il y a là ce singulier « *non-sens* » qui n'est pas privation de sens, mais qui est quelque chose dont nous ne pouvons pas pénétrer ni le but,

ni les articulations, ni les *fins*. Tâchons d'aborder par un certain côté ce que nous en voyons, et qui n'est pas tout de même quelque chose dans lequel d'emblée nous soyons sans boussole.

Et là nous avons des conditions particulièrement favorables, particulièrement saisissables à saisir ce discours délirant.

Et d'abord : y a-t-il un interlocuteur ? Il y a un interlocuteur qui va même - et c'est cela qui va conditionner l'accès que nous allons nous y permettre - qui dans son fond est unique : cette « *Einheit* » qui est, je vous l'avoue, très amusante quand même pour un philosophe à considérer.

Si nous pensons que le texte que j'ai traduit et que vous allez voir, sur le *λόγος* [logos], dans la première parution de notre revue *La psychanalyse* ¹⁵, qui identifie le *λόγος* [logos] avec le *Ev* [Èn] héraclitéen, puisque justement la question que nous nous posons c'est de savoir si le délire de SCHREBER n'est pas purement et simplement quelque chose

qui peut être précisé d'une façon que je ne précise pas tout de suite, parce qu'il faut d'abord la broser, mais un mode de rapport très particulier du sujet avec l'ensemble du langage comme tel.

Il faut voir, d'ores et déjà aux premières pages que l'on ouvre, des formules comme celle-là, c'est-à-dire que ce sujet par rapport au monde du langage, dont il n'est pas en quelque sorte, lui-même qui nous raconte, dont il se sent comme aliéné devant ce discours permanent, dans lequel il nous exprime quelque chose qui déjà nous montre un rapport foncier, fondamental, entre :

- *une unité* qu'il ressent comme telle dans celui qui tient ce discours,
- et en même temps *une pluralité* dans les modes et dans les agents secondaires auxquels il en attribue les diverses parties.

Mais *l'unité* est là, bien fondamentale, elle domine et, je vous l'ai dit, *cette unité il l'appelle Dieu* ¹⁶. Là on s'y reconnaît, il dit que c'est Dieu. Il a ses raisons, pourquoi lui refuser ce vocable dont nous savons l'importance universelle...

c'est même une des preuves de son existence pour certains, et nous savons par ailleurs

combien il est difficile de saisir ce qu'est pour la plupart de nos contemporains le contenu précis

...alors pourquoi refuserions nous au délirant plus spécialement de lui faire crédit quand il en parle ?

D'autant plus qu'après tout il y a là quelque chose de très saisissant, et dont lui-même souligne l'importance.

C'est qu'il nous le dit bien : il est un disciple de l'*Aufklärung*, il est même un des derniers fleurons, il a passé son enfance dans une famille où il n'était pas question de ces choses-là, et il nous donne la liste de ses lectures. Et il nous donne cela aussi comme l'une des preuves - non pas de l'existence de Dieu, il ne va pas si loin - du sérieux de ce qu'il éprouve. C'est-à-dire qu'après tout il n'entre pas dans la discussion s'il s'est trompé ou pas, il dit :

« C'est un fait qui est comme cela et dont j'ai des preuves des plus directes. Ça ne peut être que Dieu si ce mot de Dieu a un sens, mais je n'avais jamais pris ce mot Dieu au sérieux jusque-là, et à partir du moment où j'ai éprouvé ces choses, j'ai fait l'expérience de Dieu. »

Et ce n'est pas là l'expérience qui est la garantie de Dieu, mais c'est Dieu qui est la garantie de son expérience. Puisqu'il nous parle de Dieu :

« Il faut bien que je l'aie pris quelque part, et comme je ne l'ai pas pris dans mon bagage de préjugés d'enfance, mon expérience est vierge. »

Et c'est bien là qu'il introduit des distinctions. Et là il est très fin, car non seulement il est en somme un bon témoin, il ne fait pas d'abus théologiques, mais il est en plus quelqu'un de bien informé. Je dirais même qu'il est bon psychiatre classique et je vous en donnerai les preuves, je vous montrerai dans son texte une citation de la sixième édition de KRÆPELIN qu'il a épluchée de sa main, et ça lui permet des distinctions comme celle-ci par exemple, qui est très fine, ça lui permet de rire de certaines expressions kræpelinienne, par exemple de dire que c'est étonnant de voir un homme comme KRÆPELIN marquer comme une étrangeté que ce qu'éprouve le délirant

¹⁵ *Logos : traduction par Lacan d'un texte de Martin Heidegger* parue dans *La psychanalyse* 1956 n° 1, pp. 59-79.

¹⁶ Cf. Leibniz : *Théodicée* : « Il résulte de la perfection suprême de Dieu, qu'en produisant l'univers, il a choisi le meilleur plan possible où il y ait la plus grande variété avec le plus grand ordre... ».

ait cette haute puissance convaincante qui n'est en rien réductible à ce que peut dire l'entourage.

« Attention - dit SCHREBER - ce n'est pas cela du tout, on voit bien là que je ne suis pas un délirant comme disent les médecins parce que je suis tout à fait capable de réduire les choses, non seulement à ce que dit l'entourage, mais même au bon sens.

Ainsi par exemple je distingue fort bien, naturellement qu'il y a des phénomènes d'une nature extrêmement différente

- dit SCHREBER - il arrive que j'entende des choses comme le bruit du bateau à vapeur qui avance à l'aide de chaînes, ce qui fait énormément de bruit : c'est tout à fait valable ce que nous disent ces psychiatres qui prétendent y trouver quelque chose d'explicatif. Bien entendu les choses que je pense viennent en quelque sorte s'inscrire dans les intervalles réguliers du bruit monotone de la chaîne du bateau, ou même du bruit du train. Comme tout le monde je module les pensées qui me tournent dans la tête sur le bruit que nous connaissons bien quand nous sommes dans un wagon de chemin de fer, mais bien entendu

cela prend beaucoup d'importance : à un moment les pensées que j'éprouve trouvent là une sorte de support qui leur donne

ce faux relief, mais je distingue très bien les choses. Cela je l'ai, mais ce que j'ai et dont je vous parle, ce sont des voix

qui elles ne peuvent pas être quelque chose à laquelle vous n'accordiez pas sa portée et son sens, c'est tout à fait différent,

ce sont des choses que je distingue comme telles. »

Dans cette analyse du sujet, nous avons l'occasion de critiquer de l'intérieur certaines théories génétiques de l'interprétation ou de l'hallucination. Je vous donne cet exemple - il est presque grossier, mais il est très bien souligné dans le texte de SCHREBER - mais il y en a d'autres et au niveau où nous allons essayer de nous déplacer maintenant, je crois que nous pouvons introduire des distinctions aussi qui n'ont pas une moindre importance.

Ce Dieu donc, s'est révélé à lui. Qu'est-il ? Il est d'abord « présence », mais je crois que dans l'analyse de cette « présence », de ce qui est fonction de cette « présence », nous pouvons commencer d'y voir ou d'y reconnaître quelque chose, nous avons cru à son propos tout à l'heure : une confusion que les esprits non cultivés font, des multiples incarnations qu'ils ont dans la matière, ou des divers engagements qu'ils ont dans la matière.

Ce sont des choses que nous voyons aussi bien faire dans des domaines aussi différents que la psychiatrie, sans pouvoir s'engager dans une voie d'analogie dans ce qui se passe au niveau du pathologique et au niveau du normal,

on finit par tout mêler, alors il faut être prudent. D'abord remarquons quand même une chose : je n'aurai pas besoin d'aller chercher très loin mes témoignages pour évoquer qu'une certaine idée de Dieu est quand même quelque chose qui se place sur le plan que nous pourrions appeler « providentiel ».

Je ne dis pas que ce soit, du point de vue théologique, la meilleure façon d'aborder la chose, mais enfin j'ai ouvert

un peu par hasard un livre qui essaie de nous parler des dieux d'ÉPICTÈTE. La personne qui introduit la question commence à partir - est-ce d'un point de vue apologétique ? - de la remarque suivante

« Depuis que l'on croit aux Dieux, on est persuadé qu'ils règlent les affaires humaines, que ces deux aspects de la foi sont connexes... La foi est née de l'observation mille fois répétée de ce que la plupart de nos actes n'atteignent pas leur but, il reste très nécessairement une marge entre nos desseins les mieux conçus et leur accomplissement, et ainsi nous demeurons dans l'incertitude, mère de l'espérance et de la crainte. »

Cette chose fort bien écrite est du Père FESTUGIÈRE¹⁷, très bon écrivain et excellent connaisseur de l'Antiquité grecque et dont on comprend que le style de cette introduction sur la constance de la croyance aux dieux,

est peut-être plutôt incliné par son sujet, à savoir par le fait que c'est autour de cette question de *la présence des dieux dans les affaires humaines*, que tout l'épicurisme s'est construit, autrement on ne pourrait pas manquer d'être frappé par l'aspect bien partial de cette réduction de l'hypothèse divine à la fonction providentielle, c'est-à-dire au fait que nous devons être récompensés de nos bonnes intentions.

Il y a quelque chose de tout à fait frappant, c'est que ce sujet, qui a un rapport constant, permanent, avec le Dieu de son délire, n'a pas la trace d'une absence - l'annotation d'une *absence* est moins importante, moins décisive que l'annotation d'une « *présence* » - mais je veux dire que dans l'analyse du phénomène, le fait qu'il n'y ait pas « *quelque chose* », est toujours *sujet à caution*.

En d'autres termes, si nous avions un petit peu plus de précisions sur le délire du Président SCHREBER, nous aurions quelque chose qui viendrait contredire cela, mais d'un autre côté l'annotation d'une absence est aussi extraordinairement importante pour la localisation d'une structure.

Disons simplement que nous ne pouvons pas manquer de noter qu'à tout le moins nous avons sous la main le point de départ de la définition que nous pouvons commencer à donner, comme de ce en quoi il est présent devant nous.

Nous n'aurons pas à tenir compte de quoi que ce soit de ce registre, étant donné que nous savons combien - théologiquement valable ou pas - cette notion de « *la Providence* », de cette instance qui rémunère, est essentielle au fonctionnement de l'inconscient et à l'affleurement au conscient.

Le sujet ne manque jamais de manifester combien est essentiel pour lui ce registre : quand ils sont bien gentils, il doit leur arriver de bonnes choses. C'est *tout à fait absent* à tous les moments de l'élaboration d'un délire qui se présente essentiellement comme un délire avec un contenu théologique, avec un interlocuteur divin, il n'y a pas trace de cela.

Ce n'est pas dire grand-chose, c'est quand même dire beaucoup, c'est quand même faire remarquer que cette érotomanie divine, comme on peut l'appeler dans le cas de SCHREBER, est quelque chose qui - disons pour aller vite - n'est pas certainement tout de suite à prendre dans le registre du *surmoi*.

Donc ce Dieu le voici donc. Quels sont *les modes de relation* de SCHREBER avec lui ? Nous savons déjà que c'est celui qui *parle tout le temps*, je dirais même que c'est celui qui n'arrête pas de parler *pour ne rien dire*, c'est tellement vrai que SCHREBER consacre à cela beaucoup de pages où il s'attache, où il considère ce que cela peut vouloir dire que ce *Dieu qui parle* pour ne rien dire, et *qui parle* pourtant *sans arrêt*, et c'est là-dedans en effet que nous allons un tout petit peu plus entrer.

Ce Dieu qui parle pour ne rien dire, a pourtant des rapports avec SCHREBER, et qui sont loin de se limiter à cette fonction importune. Il a des rapports extrêmement précis dont la motivation ne peut pas être distinguée un seul instant de ce *mode* de présence qui est le sien, c'est-à-dire du mode parlant, c'est dans la même dimension

que Dieu est là présent et jaspinant sans cesse par ces divers représentants, et qu'il se présente à SCHREBER dans un mode de relation ambigu qui est celui-ci.

Je crois pouvoir dire que sa relation fondamentale peut être dite comme je vais maintenant vous l'exprimer, parce qu'elle est en quelque sorte présente depuis l'origine du délire, en d'autres termes je vais vous dire en quoi consiste le mode de rapport avec cette présence divine.

C'est quelque chose que nous trouvons noté dès le départ au moment où Dieu ne s'est pas encore dévoilé, au moment où le délire a pourtant des supports extrêmement précis, ce sont les personnages du type FLECHSIG, et au début FLECHSIG lui-même, dont j'ai parlé, à savoir son premier thérapeute. Et l'expression allemande que je vais employer, est l'expression qui vaut pour exprimer par le sujet le mode de rapport avec l'interlocuteur fondamental. C'est même grâce à cette expression que nous ferons là, et seulement après FREUD - car FREUD lui-même l'a faite - *une continuité entre les premiers interlocuteurs du délire, et les derniers*. À savoir une continuité

que nous reconnaissons

- qu'il y a quelque chose de commun entre FLECHSIG puis ce qu'il a appelé ensuite « *les âmes examinées* »,
- et ensuite « *les royaumes de Dieu* », avec leurs diverses significations antérieures et postérieures, supérieures et inférieures,

- et enfin « *le Dieu dernier* » où tout paraît à la fin se résumer avec une sorte d'installation mégalomane de la position de SCHREBER.

Il s'agit de l'expression suivante : la relation du Dieu, du personnage fondamental du délire, avec le sujet est celle-ci :

- soit qu'il s'agisse de la présence de Dieu dans un mode de relations voluptueuses avec le sujet auquel les choses aboutissent,
- soit qu'il s'agisse au début, dans cette imminence colorée érotiquement, d'une sorte de viol ou de menace spécialement à sa virilité, sur laquelle FREUD a mis tout l'accent, qui était à l'origine du délire. C'est que quoi qu'il arrive de cette conjonction, elles sont considérées comme tout à fait *révoltantes* au début et en tous points *comparables à un viol* quand il s'agit de FLECHSIG ou d'une autre *âme* comme il s'exprime,
- soit à la fin quand il s'agit d'une sorte d'effusion voluptueuse où Dieu est censé trouver *satisfaction* beaucoup plus encore que notre sujet.

Ce qui se passe c'est quelque chose qui au début est la menace, c'est cela qui est considéré comme révoltant dans le viol, à la fin et aussi à la réalisation, c'est-à-dire quelque chose que le sujet ressent comme particulièrement douloureux et pénible, et qui est que Dieu, ou n'importe quel autre, va - ce que les traducteurs français ont traduit, non sans quelque fondement, par « *laisser en plan* » - le *laisser en plan*.

La traduction n'est pas mauvaise parce qu'elle implique toutes sortes de sonorités sentimentales féminines. En allemand c'est beaucoup moins accentué et aussi beaucoup plus large que le « *laisser tomber* » qu'implique la traduction française, c'est « *laisser gésir* » qui est vraiment là comme une espèce de thème musical d'une présence vraiment extraordinaire, c'est presque le fil rouge qu'on retrouve dans tel ou tel thème littéraire ou historique.

Tout au long du délire schrebérien, la menace de ce « *laisser en plan* » est quelque chose qui revient comme vraiment l'élément essentiel. Tout au début cela fait partie des noires intentions des violateurs persécuteurs, mais c'est à tout prix ce qu'il faut éviter. En d'autres termes on ne peut pas éviter l'impression d'un rapport global du sujet avec l'ensemble des phénomènes étrangers auxquels il est en proie, qui consiste essentiellement dans cette sorte de relation ambivalente, que quel que soit le caractère douloureux, pesant, importunant, insupportable de ces phénomènes, le maintien pour lui de sa relation à eux, ou plus exactement de sa relation à une structure, constituait une espèce de nécessité dont l'abolition, la disparition, la rupture, est conçue par le sujet comme absolument intolérable.

Elle l'est parce qu'elle finit par s'incarner, et le sujet nous donne mille détails sur ce qui se produit au moment où se produit l'état initial pour ce « *liegen lassen* », c'est-à-dire chaque fois que le Dieu avec lequel il est en rapport sur ce double plan de l'audition, et un rapport plus mystérieux qui le double, et qui est celui de sa « *présence* », de la « *présence* » de Dieu liée à toutes sortes de phénomènes qui sont ambigus, mais qui assurément sont liés à ce qu'il appelle « *la béatitude des partenaires* », et plus encore celle de son partenaire que la sienne, que lorsque quelque chose se produit qui interrompt cet état de réalisation plus ou moins accentué, et quand se produit le retrait de la présence divine, il éclate toutes sortes de phénomènes internes de déchirement, de douleur, diversement intolérables qu'il nous décrit avec une grande richesse.

Ce personnage auquel il a affaire, qui est à la fois un des plus rares et avec lequel il a cette relation si particulière prise dans son ensemble comme étant la caractéristique permanente du mode de relation qui est établi, comment se présente-t-il autrement à lui ?

Il y a une chose dont le sujet donne aussi une explication extrêmement riche et développée, c'est ceci : ce personnage avec lequel il est dans cette double relation séparée, distincte et pourtant jamais disjointe, une sorte de dialogue, et un rapport érotique, il est également caractérisé.

Et précisément il est caractérisé en ceci, que cela se voit dans ses exigences, et très précisément dans ses exigences de dialogue, il est caractérisé par ceci *qu'il ne comprend rien à rien* de ce qui est proprement humain. C'est là un trait qui ne manque pas d'être souvent fort piquant sous la plume de SCHREBER : que l'idée que pour que Dieu lui pose les questions qu'il lui pose, l'incite surtout au mode de réponses qui sont impliquées dans ces questions,

et que SCHREBER ne se laisse jamais aller à donner parce qu'il dit : « *Ce sont des pièges trop bêtes qu'on me tend* ».

C'est là vraiment quelque chose de tout à fait caractéristique et fondamental. Ce Dieu nous dit-il...
et je dirai même qu'il fait toutes sortes de développements assez agréablement rationalisés,
pour bien nous en montrer à la fois les dimensions de la certitude, et le mode d'explication
...comment peut-on arriver à concevoir que Dieu soit tel qu'il ne comprend vraiment rien, dit-il, aux besoins humains ?

Comment peut-on - dit-il à tout instant - être aussi bête, croire par exemple que si je cesse un instant de penser, que si j'entre dans ce néant dont la présence divine n'attend que l'apparition pour se retirer définitivement, comment peut-on croire parce que je cesse de penser à quelque chose, que je sois devenu complètement idiot, même que je sois retombé dans le néant ? Mais je vais lui faire voir, et d'ailleurs c'est bien ce qui se passe chaque fois que ça risque de se produire, je me remets à une occupation intelligente et à manifester ma présence.

Et alors il développe et commente : comment peut-il malgré ses mille expériences croire qu'il suffirait d'un instant

où je me relâche, à savoir pour que le but soit obtenu ? Il est absolument inéducable ce Dieu, par aucune espèce de chose qui puisse sortir de l'expérience. Et ce côté d'inéducabilité de Dieu, d'*imperfectibilité radicale* par l'expérience est très amusant à voir, c'est quelque chose sur laquelle il appuie, et sur laquelle il apporte des développements

qui sont loin d'être sots : il émet différentes hypothèses, il va jusqu'à émettre des arguments qui ne détonneraient pas dans une discussion proprement théologique. Car à la vérité il part de l'idée :

- que Dieu, étant parfait, est imperfectible,
- et que quelque chose d'imperfectible ne peut pas être perfectionné,
- et que par conséquent même la notion d'un progrès dans les niveaux de l'expérience est tout à fait impensable dans les registres divins.

Il trouve néanmoins cela un peu sophistiqué, parce qu'il reste cette chose irréductible que cette perfection que nous supposons, est tout à fait inapte et bouchée aux choses humaines, et que cela malgré tout ça fait un trou. Alors il nous explique de nouveau comment Dieu ne comprend rien, et qu'en particulier il est tout à fait clair que Dieu ne connaît les choses que de surface, nous sommes là exactement à l'opposé du Dieu sondant les reins et les cœurs, il ne sonde ni reins ni cœurs, il ne voit que ce qu'il voit et il ne note que les choses dont on accuse réception, qui sont recueillies par le système de notation. C'est toujours ce qui est exposé, mais pour ce qui est de l'intérieur, il ne comprend rien. Il n'y retrouve quelque chose que parce que tout est inscrit quelque part, c'est par la fonction d'une totalisation que tout se retrouve, c'est-à-dire qu'à la fin...

comme tout ce qui est à l'intérieur sera progressivement passé à l'extérieur,
et que d'autre part c'est noté quelque part sur de petites fiches

...à la fin, au bout de la totalisation, il sera quand même parfaitement au fait.

De même qu'il explique très bien qu'il est bien évident que Dieu ne peut pas s'intéresser à lui-même, ne peut pas avoir le moindre accès à des choses aussi contingentes, puériles, que l'existence par exemple, sur la terre, des machines à vapeur ou le fonctionnement des locomotives, mais, dit-il, comme les âmes après la mort montent vers les béatitudes et doivent subir un certain temps de purification, elles ont *enregistré* tout ça sous forme de discours, et c'est cela que Dieu recueille, puisqu'il va les intégrer progressivement par l'intermédiaire de ces âmes qui rentrent dans le sein de Dieu.

Dieu a quand même quelque idée de ce qui se passe sur la terre en fait de menues inventions, celles qui vont depuis le *diabolo* jusqu'à la bombe atomique. C'est très joli parce que c'est un système à la fois cohérent et on a l'impression qu'il est découvert par une espèce de progrès extraordinairement innocent, par l'intermédiaire de l'établissement du développement des conséquences signifiantes de quelque chose qui est harmonieux et continu à travers les diverses phases du développement.

Mais ce qu'il y a de sérieux, ce qui est bien fait pour nous suggérer une direction de recherche, c'est que la question gît essentiellement dans une sorte de rapport dérangé entre le sujet et quelque chose qui intéresse le fonctionnement total du langage, de l'ordre symbolique et du discours comme tel. Les richesses que cela comporte,
il y en a beaucoup plus que je ne peux vous en dire.

Il y a une discussion des rapports de Dieu avec les jeux de hasard qui est d'un brio extraordinaire :

« Dieu peut-il prévoir le numéro qui va sortir à la loterie ? ».

Ce n'est pas une question idiote, et il y a des personnes ici qui ont une très forte croyance en Dieu, elles peuvent également se poser la question, à savoir l'ordre d'omniscience que suppose le fait de remuer toutes sortes de petits numéros sur des petits morceaux de papiers, dans une très grande boule très bien faite, cela pose des difficultés insurmontables. Pour expliquer que la prescience divine doit savoir dans toute cette masse qui est si bien équilibrée, pour être strictement équivalente sur le plan du réel, quel est le bon numéro, suppose un rapport de Dieu

au *symbolique* dont après tout la question n'a jamais été soulevée pleinement comme telle.

Puisque c'est justement pour cela qu'est faite la boule, c'est pour qu'il n'y ait aucune différence du point de vue du réel, entre les différents petits numéros, alors cela suppose que Dieu entre dans le discours, car il ne reste plus dans ces billets de loterie, qu'une différence symbolique entre les uns et les autres. C'est un prolongement de la théorie *du symbolique, de l'imaginaire et du réel*.

Mais la question pour nous est plus complexe, car tout cela n'est que découverte de l'expérience pénible et douloureuse, mais il y a une chose que cela comporte, c'est à savoir les intentions de Dieu. Ces intentions ne sont pas claires. Il n'y a rien de plus saisissant que de voir comment une espèce de voix délirante, c'est-à-dire cette chose qui est surgie d'une expérience originale, incontestablement comporte chez ce sujet cette sorte de brûlance de langage qui se manifeste par le respect avec lequel il maintient l'omniscience. Et aussi les bonnes intentions qu'il est bien forcé sur un certain plan de maintenir comme lui étant véritablement trop substantielles.

Et le fait qu'il ne peut pas ne pas voir - et ceci particulièrement dans les débuts de son délire où les phénomènes pénibles lui venaient par toutes sortes de personnages nocifs - que Dieu même a permis tout cela.

Mais il permet encore toutes sortes d'abus. À la vérité, de ces abus ont surgi des abus tellement plus grands qu'à la fin le remède finit par devenir plus dur que le mal, puisque la « *présence divine* » est tellement engagée dans une sorte de conjugaison avec lui-même, que finalement elle devient dépendante de son objet qui n'est autre que le Président SCHREBER lui-même. En fin de compte il y a là quelque chose qui progressivement introduit

une sorte de perturbation fondamentale dans l'ordre universel. Il y a des choses extrêmement belles dans ce propos du rapport avec le monde, il y a une phrase très belle :

« Souvenez-vous que tout ce qui est mondialisant comporte une contradiction en soi. »

Ce sont *les voix* qui disent cela. C'est d'une beauté dont je n'ai pas besoin de vous signaler le relief.

Le Dieu dont il s'agit mène incontestablement une politique absolument inadmissible, il y a là une sorte de politique de demi-mesure, c'est aussi une demi-taquinerie, il emploie le mot « *perfidie* », la perfidie divine il la glisse.

Mais il met une note pour dire ensuite ce qu'il entend par là : c'est particulièrement ambigu, avec la présence divine, mais c'est quelque chose qui ne manquera pas de soulever des questions.

Puisque nous nous sommes limités aujourd'hui à la relation de Dieu en tant que sujet parlant et en tant qu'interlocuteur essentiel, nous nous arrêterons là et vous verrez le pas suivant. À savoir ce que nous pouvons entrevoir à partir du moment où nous analysons la structure même de cette personne divine, autrement dit aussi, la relation de tout l'ensemble de la fantasmagorie avec le réel lui-même, pour autant que le sujet en maintient à tout instant la présence et l'accord - au moins à la fin de son délire - d'une façon qui n'a rien de spécialement perturbée dans ce mode de rapport. En d'autres termes, avec *le registre symbolique* tel qu'il se présente ici, avec *le registre imaginaire*, avec *le registre réel*, nous ferons un nouveau progrès qui nous permettra de découvrir

je l'espère, la nature de ce dont il s'agit dans le mécanisme lui-même - dans la structure et la constitution elle-même

de ce sujet - de l'interlocution délirante.

Il semble qu'on trouve que j'ai été *un peu vite* la dernière fois en faisant état d'une remarque du Président SCHREBER, et en paraissant sanctionner son opportunité : il s'agissait de la toute puissance divine et de l'omniprésence divine.

Je faisais remarquer que cet homme pour qui l'expérience de Dieu est toute entière *discours*, se posait précisément

des questions à propos de ce qui dans les événements peut se trouver le plus au joint de l'usage de ce que nous appelons le *symbole*, en l'opposant au *réel*, c'est-à-dire de tout ce qu'y introduit l'opposition *symbolique*.

En d'autres termes je m'arrêtais un instant - vite d'ailleurs, et peut-être sans trop préciser - sur le fait qu'il était remarquable que ce fût justement là ce qui arrêta l'esprit du patient, c'est à savoir que dans son registre, dans son expérience il lui paraît difficile à saisir que Dieu - puisque c'est l'exemple qu'il choisit - prévoit le numéro qui sortira à la loterie.

Cette remarque n'exclut pas bien entendu toute critique qu'une telle objection peut amener chez celui qui se trouve disposé à lui répondre : quelqu'un m'a en effet fait remarquer que ces numéros se distinguent par des coordonnées spatiales qui ne sont rien d'autre que ce sur quoi à la limite on se fonde pour distinguer les individus quand on se pose le problème de l'individualisation.

Autrement dit, pourquoi y a-t-il au monde deux individus qui réunissent le même type, et qui par conséquent dans une certaine perspective peuvent passer pour être de double emploi ? C'est une perspective aussi spatiale qu'une autre, et là encore pour soulever la question, il faut poser le principe de la primauté des essences comme justification de l'existence.

Ce que j'ai simplement voulu faire remarquer, c'est qu'une certaine sensibilité du sujet dans sa partie raisonnante,

à quelque chose qu'il faut bien qu'il distingue, de *l'ordre du dialogue* qui est son dialogue intérieur permanent, ou plus exactement cette sorte de balancement où s'interroge et se répond à soi-même un discours qui pour lui-même est ressenti comme étranger, et qui comme tel manifeste pour lui une présence.

Ceci est indiscutable lorsqu'il nous communique son expérience, puisque c'est de là, dit-il, que s'est engendrée pour lui une croyance à laquelle rien ne le préparait.

Et quand il s'agit de percevoir quel ordre de réalité peut répondre, à cette « *présence* »...

cette « *présence* » qui pour lui couvre *une partie de l'univers*, et non pas tout, car je vous ai indiqué qu'il distinguait l'ordre dans lequel Dieu et sa puissance s'avancent, et celui où ils s'arrêtent ...que c'est précisément *dans ce Dieu de langage qui ne connaît rien de l'homme* qu'à partir du moment où cela est dit...

où il nous dit même que rien de l'intérieur de l'homme, rien de son sentiment de la vie, rien de sa vie elle-même, n'est compréhensible ni pénétrable à Dieu qui ne le recueille, qui ne l'accueille aussi, qu'à partir du moment où tout est transformé dans une notation infinie

...c'est précisément pourtant dans le même personnage...

le personnage fort raisonnant confronté ici à une expérience qui pour lui a tous les caractères d'une réalité, qu'il en distingue toujours le poids propre, efficace, de la « *présence* » *indiscutable*

...que c'est le même personnage qui, raisonnant sur les futurs, y introduit cette distinction frappante du fait qu'il s'arrête précisément à quelques exemples où c'est d'un maniement humain artificiel du langage qu'il s'agit, pour dire que là, sans aucun doute, Dieu n'a pas à s'en mêler. Il s'agit là d'un futur contingent à propos duquel vraiment la question peut se poser de la liberté humaine et du même coup de l'imprévisibilité par Dieu de ses effets.

Il s'agit bien en effet là d'une question rédactionnelle, et d'une distinction que l'on fait entre des plans incontestablement pour lui fort différents de l'usage du langage, qui font surgir pour lui cette question. Le seul point de perspective où cette question puisse prendre effectivement un sens pour nous, est dans

le caractère radicalement premier de *la distinction symbolique*, de l'*opposition symbolique* du *plus et du moins*, en tant qu'ils n'ont aucun poids. Encore qu'il faille qu'ils aient un support matériel, et qu'ils ne puissent être distingués très strictement par rien d'autre que par leur opposition.

Par conséquent que si rien ne permet de les penser en dehors d'un support matériel, il y a là tout de même quelque chose qui échappe à toute espèce d'autres coordonnées réelles, qu'à la loi de leur équivalence dans le hasard,

c'est-à-dire à ce quelque chose qui pose en premier lieu qu'à partir du moment où nous instituons un jeu d'alternance symbolique, nous devons également supposer que rien ne les distingue dans l'efficacité réelle.

Autrement dit qu'il est prévu - non pas du fait d'une loi *a priori* - que nous ayons d'égales chances de sortir le + et le - et que le jeu sera considéré comme correct, justement en tant qu'il réalisera ce qui est prévu à l'avance : c'est le critère de l'égalité des chances, c'est une loi à proprement parler *a priori*.

Et sur ce plan nous pouvons en effet dire que, au moins à un niveau de l'appréhension gnoséologique du terme *le symbolique* ici donne une loi *a priori*, introduit même dans *le réel* par sa définition même, un mode d'opération

qui échappe à tout ce que nous pouvons faire surgir d'une déduction - si *composée* que nous arrivions à la *recomposer* - d'une déduction des faits et de l'ordre réel. En fin de compte, il est certain que si nous nous avançons sur le plan

de ce délire, bien entendu, il ne s'agit pas de le commenter comme délire, avec tout son caractère partiel, fermé, il faut à tout instant nous reposer la question de savoir en quoi le délire nous intéresse.

Il nous intéresse, il faut le rappeler tout de même : si nous sommes si attachés à ces questions de *délire*, c'est parce qu'il apparaît qu'il y a quelque chose de radical, et pour ne pas le raviver à chaque instant il n'en reste pas moins que c'est tout de même là son relief premier.

Il n'y a pour le comprendre qu'à le rapprocher de la formule employée souvent par certains, imprudemment, dans la compréhension du mode d'action de l'analyse, que nous prenons appui sur « *la partie saine du moi* ». N'y a-t-il pas d'exemple plus manifeste de l'existence contrastée d'une *partie saine* et d'une *partie aliénée* du *moi* ?

Ceci sans aucun doute, les délires - à savoir ces phénomènes singuliers qu'il est classique depuis toujours d'appeler

les « *délires partiels* » - n'y a-t-il pas d'exemple plus saisissant que l'ouvrage même de ce président SCHREBER

qui nous donne un exposé si communicable, si sensible, si attachant, en tout cas si tolérant de sa conception du monde et de ses expériences, et qui ne manifeste pas avec une moindre force d'assertion le mode tout à fait inadmissible de ses expériences hallucinatoires ?

Qui donc ne sait pas - c'est là je dirai le fait psychiatrique premier - qu'aucun appui sur « *la partie saine du moi* »

ne nous permettra de gagner d'un millimètre sur la partie manifestement aliénée ? C'est là le fait psychiatrique premier

de laisser toute espérance de l'aperçu de ce point curatif, grâce à quoi le débutant s'initie à l'existence même de la folie comme telle. Aussi bien en a-t-il toujours été ainsi jusqu'à l'arrivée de la psychanalyse : qu'on recoure à quelque autre force plus ou moins mystérieuse, qu'on appelle *affectivité*, *imagination*, *cœnesthésie*, pour expliquer cette résistance

à toute réduction raisonnée à apporter - à ce qui se présente pourtant dans *le délire* comme pleinement articulé, et, en apparence, accessible aux lois - une cohérence du discours.

Ce que nous apporte *la psychanalyse*, c'est quelque chose qui apporte *au délire du psychotique* cette sanction particulière : qu'elle le légitime sur le même plan où l'expérience analytique opère habituellement, c'est-à-dire qu'elle retrouve

dans le discours du psychotique, précisément ce qu'elle découvre d'ordinaire comme discours de l'inconscient.

Elle n'apporte pas pour autant *le succès* dans l'expérience. Et c'est bien là que commence le problème, c'est qu'il s'agit précisément d'un *discours qui a émergé dans le moi*, qui y apparaît par conséquent, sous quelque forme qu'il soit, et même l'admettrions-nous pour une grande part *renversé*, pourvu du *signe de la négation* mis

sous la parenthèse de la *Verneinung*, *il n'en reste pas moins qu'il est là articulé, et tout articulé qu'il soit, il est irréductible, il est non maniable, il est non curable.*

Nous pourrions faire cette remarque pour essayer de mettre en relief l'originalité de ce dont il s'agit, qu'en somme

le psychotique est un témoin, sinon un martyr de l'inconscient, et nous donnons au terme « martyr¹⁸ » son sens qui est celui d'être *témoin* mais bien plus, ce serait en effet un martyr au sens où il s'agit d'un témoignage ouvert bien entendu.

- *Le névrotique* est aussi un témoin de l'existence de l'inconscient, mais c'est un *témoin couvert*, il faut aller chercher de quoi il témoigne, il faut le déchiffrer.
- *Le psychotique*, semble-t-il dans une première approximation, est un *témoin ouvert*, or c'est précisément dans ce sens qu'il semble fixe, immobilisé dans une position qui le met hors d'état de restaurer authentiquement le sens de ce dont il témoigne, et d'aucune façon de partager ce dont il témoigne avec le discours des autres.

Qu'est-ce que cela veut dire ? Si vous voulez, pour essayer de vous y faire prendre un intérêt un peu plus proche, il s'agit d'une homologie, d'une transposition - qui n'est pas de l'ordre de celles qu'on fait habituellement - de ce que veut dire discours ou témoignage *couvert* opposé à discours ou témoignage *ouvert*.

Et vous verrez par l'exemple que nous allons prendre, que nous allons apercevoir une certaine dissymétrie qui existe déjà dans le monde normal du discours, qui amorce en quelque sorte la dissymétrie dont il s'agit dans l'opposition de la *névrose* à la *psychose*.

Nous vivons dans une société où *l'esclavage* est aboli c'est-à-dire n'est pas reconnu.

Il est clair qu'au regard de tout sociologue ou philosophe, *la servitude* pour autant n'y est point abolie, cela fait même l'objet de revendications assez notoires. Mais il est clair aussi :

- que si la servitude n'y est pas abolie, elle y est si on peut dire généralisée,
- que le rapport de ceux qu'on appelle *les exploités* dans le monde du travail, n'est pas moins un rapport de serviteurs par rapport à l'ensemble de l'économie, que celui du commun.

En d'autres termes que la généralisation de *la duplicité maître-esclave* à l'intérieur de chaque participant de notre société, que « *la servitude foncière de la conscience* » comme on l'a dit, est quelque chose qui frappe assez les yeux pour nous faire comprendre qu'il y a un rapport entre cet état malheureux de la conscience et un discours, qui est un discours secret, qui est celui qui a provoqué cette profonde transformation sociale, qui est un discours que nous pourrions appeler « *le message de fraternité* ».

Quelque chose de nouveau qui est apparu dans le monde...

pas seulement avec *le christianisme*, mais qui a été déjà préparé avec *le stoïcisme* par exemple ... bref que derrière la servitude généralisée il y a un discours secret qui est celui inclus dans un nouveau message, un message de libération qui est en quelque sorte à l'état de refoulé ?

Le rapport est-il tout à fait le même avec ce que nous appellerons le discours patent de la liberté ?

Certainement pas tout à fait le même. Il y a quelque temps on s'est aperçu d'une sorte de discorde, d'opposition entre le fait pur et simple de la révolte et de l'efficacité transformante de l'action sociale.

Je dirais même que toute la révolution moderne s'est instituée sur cette distinction pour s'apercevoir :

- que le discours de la liberté était par définition non seulement inefficace, mais profondément aliéné par rapport à son but et à son objet,
- que tout ce qui se lie à lui de démonstratif, est à proprement parler l'ennemi de tout progrès dans le sens de la liberté, pour autant qu'elle peut tendre à animer quelque mouvement continu dans la société.

Il n'en reste pas moins que ce discours de la liberté est quelque chose qui s'articule au fond de chacun

¹⁸ Emprunté au latin ecclésiastique « martyr », du grec μάρτυς, -υρος : « témoin », d'où spécialement « témoin de Dieu, martyr » (TLF).

comme représentant un certain droit de l'individu à l'autonomie, comme constituant au moins sur quelques chances, une certaine affirmation d'indépendance de l'individu par rapport, non seulement à tout maître, mais on dirait aussi bien à tout dieu.

Puisque aussi bien un certain champ semble indispensable à la respiration mentale de l'homme moderne, celui tout au moins de son autonomie irréductible comme individu, comme existence, que c'est bien là quelque chose qui en tous points, mérite d'être comparé à un discours, nous dirons « *délirant* » . Non pas qu'il ne soit pour rien dans la présence de l'individu moderne au monde, et dans ses rapports avec ses semblables, mais qu'assurément si on demandait à chacun de formuler, d'en faire la part exacte, de ce que par exemple je vous demanderais ce qui vous semble à chacun représenter la part de liberté imprescriptible dans l'état actuel des choses.

Et même me répondriez-vous par « *les droits de l'Homme* » ou par les droits au bonheur, ou par mille autres réponses, que nous n'irions certainement pas loin avant de nous apercevoir que c'est essentiellement et chez chacun, *un discours* que je dirais intime, personnel, qui est bien loin de rencontrer sur quelque point que ce soit le discours du voisin.

Bref, que l'existence à l'intérieur de l'individu moderne d'un discours permanent de la liberté, est quelque chose qui pour chacun pose à tout instant des problèmes, à proprement parler décourageants, de son accord non seulement avec le discours de l'autre, mais de son accord avec la conduite de l'autre, pour peu qu'il tente de la fonder, si on peut dire, abstraitement sur ce discours.

Et qu'à tout instant non seulement composition se fait avec ce qu'effectivement apportait chacun, sollicitation, nécessité d'agir dans le réel, mais que c'est bien plutôt à *l'attitude résignée du délirant* qui est bien forcé de reconnaître, comme notre patient SCHREBER, à un moment le fait de l'existence permanente de la réalité à l'extérieur. Il ne peut guère justifier en quoi cette réalité est là, mais il doit reconnaître que le réel est bien toujours là, il faut bien admettre que rien n'a sensiblement changé ni vieilli, et que c'est là pour lui le plus étrange, puisqu'il y a là un ordre de certitude inférieure à ce que lui apporte son expérience délirante, mais il s'y résigne.

Assurément nous avons en chacun de nous beaucoup moins de conscience sur le discours de la liberté, mais sur beaucoup de points, et dès qu'il s'agit d'agir au nom de la liberté, notre attitude vis-à-vis de ce qu'il faut supporter de la réalité, ou de l'impossibilité d'agir en commun dans le sens de cette liberté, a tout à fait le caractère :

d'un abandon résigné, d'une renonciation, à ce qui pourtant est une partie essentielle de notre *discours intérieur*, à savoir que nous avons, non seulement certains droits imprescriptibles, mais que ces droits sont fondés sur le fait que certaines libertés premières sont essentiellement exigibles pour tout être humain dans notre culture.

Ce *discours* ne nous laisse pas tranquilles. Je dirais même que si nous cherchions d'une façon concrète, non pas seulement dans les reconstructions de théoriciens, à savoir ce que veut dire « *penser* », il y a quelque chose de dérisoire dans cet effort à tout instant des psychologues, quand il s'agit de donner un sens au mot « *pensée* »...

- pour la réduire par exemple à une action commencée ou à une action éladée ou représentée,
- à la faire ressortir de quoi que ce soit qui mettrait l'homme perpétuellement au niveau d'une expérience contre un réel élémentaire, un réel d'objet qui serait le sien

...alors qu'il est trop évident que la pensée pour chacun constitue quelque chose peut-être de peu estimable, que nous appellerons une rumination mentale plus ou moins vaine, mais pourquoi la déprécier vainement ?

Chacun se pose des problèmes qui ont à tout instant des rapports avec cette notion de la libération intérieure, de la manifestation de quelque chose qui est incluse en lui par son existence. Et autour de cela très vite en effet il arrive à *une sorte d'impasse de son propre discours où le jeu de manège, cette façon de tourner en rond de son discours*,

qu'il y a dans toute espèce de réalité vivante immergée dans l'esprit de l'âme culturelle du monde moderne, aboutit à une nécessité de toujours revenir sur certains problèmes qui lui apparaissent indiscutablement au niveau de son action personnelle comme toujours bornée, toujours hésitante, et qu'il ne commence à appeler « *confusionnels* » qu'à partir du moment où vraiment il prend les choses en main en tant que penseur. Ce qui n'est pas le sort de chacun. Au niveau de quoi chacun reste ? C'est au niveau de cette contradiction insoluble entre :

- *un discours* toujours nécessaire sur un certain plan,

- et une *réalité* à laquelle, en principe et d'une façon prouvée par l'expérience, ce discours ne se compte pas.

Dès lors ne voyons nous pas d'ailleurs que toute référence de l'expérience analytique à quelque chose de si profondément lié, attaché, à un double discursif si discordant, qu'est le *moi* de tout sujet que nous connaissions, de tout homme moderne en tant que c'est à lui que nous avons affaire dans notre expérience analytique, à quelque chose de profondément dérisoire ?

N'est-il pas justement manifeste que l'expérience analytique, son instrument, ses principes, se soit engagée toute entière sur ce fait :

- qu'en fin de compte personne dans l'état actuel des rapports interhumains dans notre culture, ne se sent à l'aise, ne se sent honnête, à simplement avoir à faire face à la moindre demande de conseil empiétant - d'une façon si élémentaire qu'elle soit - sur les principes,
- que ce n'est pas simplement parce que nous ignorons trop la vie du sujet pour pouvoir lui répondre qu'il vaut mieux se marier ou ne pas se marier dans telle circonstance, que nous serons, si nous sommes honnêtes, portés à la réserve. C'est que la question même de la signification du mariage est pour chacun de nous une question qui reste ouverte, et ouverte de telle sorte que pour son application à chaque cas particulier, nous ne nous sentons pas, en tant que nous sommes appelés comme directeur de conscience, complètement en mesure de répondre.

Ce fait commun que chacun peut éprouver chaque fois qu'il ne se délaisse pas lui-même au profit d'un personnage, qu'il ne se pose pas lui-même en tant que personnage omniscient ou moraliste...

ce qui est aussi la première condition à exiger de ce qu'on peut appeler légitimement un psychothérapeute, dès lors que la psychothérapie lui a appris les risques d'initiatives aussi aventurées ...c'est précisément sur un renoncement de toute prise de parti, sur le plan du discours commun, avec ses déchirements profonds quant à l'essence des mœurs, quant au statut de l'homme comme tel, de l'individu dans notre société, c'est précisément de l'évitement de ce plan que l'analyse est partie d'abord pour trouver ailleurs, pour se limiter à quelque chose qui est ailleurs.

À savoir la présence d'un discours qu'elle appelle à tort ou à raison « *plus profond* », qui est assurément en tout cas différent, et qui est inscrit dans la souffrance même de l'être qui est en face de nous, dans quelque chose qui est déjà articulé, qui lui échappe dans *ses symptômes*, dans *sa structure*, pour autant que *la névrose obsessionnelle* n'est pas simplement des *symptômes*, mais qu'elle est aussi une structure.

Ce n'est qu'en visant ailleurs l'effet, à l'intérieur du sujet, du discours, que la psychanalyse s'avance, qu'elle se risque.

Mais ce n'est jamais en se mettant sur le plan des problèmes patents, sur le plan du discours de la liberté, même s'il est toujours présent, constant à l'intérieur de chacun avec ses contradictions et ses discordances, avec son côté personnel, tout en étant commun avec cette espèce de réunion de tous dans un discours intérieur qui se présente toujours comme imperceptiblement délirant.

Dès lors est-ce que l'expérience d'un cas comme celui de SCHREBER, ou de tout autre malade qui nous donnerait un compte rendu aussi étendu de la structure discursive, est quelque chose qui nous permettrait d'approcher d'un peu plus près le problème de ce que signifie véritablement le *moi* ?

À savoir non pas simplement cette « *fonction de synthèse* », ce quelque chose de coordonnant sous lequel nous nous plaçons à le définir toujours par quelque voie d'abstraction, mais comme étant toujours lié indissociablement

à l'intérieur de chacun avec cette sorte de *mainmorte*, de partie énigmatique qu'est le discours à la fois nécessaire et insoutenable, que constitue pour une part *le discours de l'homme réel* à qui nous avons affaire dans notre expérience ?

Assurément celui de SCHREBER est différent de ce discours étranger au sein de chacun, en tant qu'il se conçoit comme individu autonome, il a une structure différente. Quelque part SCHREBER note au début de l'un de ses chapitres, et très humoristiquement : « *On dit que je suis un paranoïaque* ». Et en effet à l'époque on est encore assez mal dégagé de la première classification kræpelinienne, pour le classer tout de même comme « *paranoïaque* »,

malgré ses symptômes qui vont très évidemment beaucoup plus loin, mais quand FREUD dit qu'il est « *paraphrène* », il va beaucoup plus loin encore car « *paraphrène* », c'est le nom que FREUD propose pour la *schizophrénie*.

Revenons à SCHREBER lui-même qui dit :

« *On dit que je suis un paranoïaque, et on dit que les paranoïaques sont des gens qui rapportent tout à eux, dans ce cas ils se trompent, ce n'est pas moi qui rapporte tout à moi, c'est lui qui rapporte tout à moi, c'est ce Dieu qui parle sans arrêt à l'intérieur de moi par ses divers agents, acteurs et prolongements, c'est lui qui a la malencontreuse idée, quoi que j'expérimente, pour aussitôt me faire la remarque que cela me vise, ou même que cela est de moi. Je ne peux pas jouer* - car SCHREBER est musicien - *tel air de « La Flûte enchantée », sans qu'aussitôt lui qui parle m'attribue les sentiments correspondants, mais je ne les ai pas, moi.* »

En d'autres termes bien différents, pour prendre un autre exemple, le président SCHREBER, non seulement n'y songe pas, mais s'indigne fort que ce soit *la voix* qui intervienne pour lui dire que c'est lui qui est concerné par ce qu'il est en train de dire.

En d'autres termes cet élément phénoménologique important, bien entendu sommes nous dans un jeu de mirages, mais ça n'est tout de même pas un mirage ordinaire que cette intervention de l'Autre - considéré comme radicalement étranger sur ce point, comme errant même - qui intervient effectivement pour provoquer à la deuxième puissance une sorte de convergence vers le sujet, d'intentionnalisation du monde extérieur que le sujet lui-même, en tant qu'il lutte, qu'il s'affirme, qu'il dit « *je* », repousse avec une grande énergie.

Assurément le fait que ceci nous soit présenté comme autant d'*hallucinations*, je veux dire qu'elles ne nous sont pas présentées comme telles : quand nous en écoutons le récit, nous parlons d'*hallucinations*. Avons-nous absolument le droit de parler d'*hallucinations* dans l'état actuel, la définition du terme « *hallucination* », c'est-à-dire la *notion* généralement reçue, qu'il s'agit de quelque chose qui surgit dans le monde extérieur, puisque aussi bien le terme de « perception fausse » - toute représentation exagérée s'imposant comme perception - est quelque chose qui pose toujours l'*hallucination* purement et simplement comme étant un trouble, une rupture dans le texte du réel. Il situe en d'autres termes l'*hallucination* dans le réel.

La question préalable est de poser la question de savoir si une *hallucination verbale* ne demande pas, en tout état de cause, certaines remarques préalables, une certaine analyse de principe qui mette en suspicion, qui interroge, la légitimité elle-même de l'introduction des termes d'« *hallucination* », tels qu'on les définit habituellement, tels que nous les sentons profondément à propos de l'*hallucination verbale*.

Ici bien entendu, nous remarquons soudain un chemin où peut-être je vous ai déjà un peu fatigués, c'est-à-dire ...

- en vous rappelant les fondements mêmes de l'ordre du discours,
- en mettant en question sa référence pure et simple comme « *superstructure* » à la réalité,
- en réfutant le caractère purement et simplement de *signe*, à savoir l'équivalence qu'il y aurait entre la nomination et le monde des objets,

... c'est-à-dire tout ce que déjà à tout instant je vous rappelle quant à la fonction fondamentale du langage.

Voilà une fois de plus que nous allons être ici forcés de la reprendre, essayons de la reprendre sous un jour un peu différent, un peu plus proche de l'expérience. Il s'agit d'un malade. Nous savons que rien n'est ambigu comme l'*hallucination verbale*. Déjà les analyses classiques nous font entrevoir qu'au moins pour une partie des cas d'*hallucination verbale*, on peut percevoir la partie d'initiative, création du sujet, je veux dire que c'est quelque chose que l'on a appelé l'*hallucination verbale* psychomotrice ces ébauches d'articulation qui ont été recueillies avec joie par les observateurs, pour qu'ils puissent apporter l'espoir d'un abord essentiel, combien satisfaisant pour la raison, du phénomène de l'*hallucination*.

Bref, nous voyons déjà que ces problèmes méritent d'être abordés, c'est bien dans ce domaine de la relation

« *de bouche à oreille* » qui n'existe pas simplement de « *sujet à sujet* », mais aussi bien pour chaque sujet lui-même,
qui - remarquons le dans ces cas les plus généraux - en même temps qu'il parle, s'entend.

Quand on a déjà été jusque là on croit déjà avoir fait un pas et pouvoir entrevoir bien des choses. À la vérité je crois que la stérilité - très remarquable - de l'analyse du problème de l'*hallucination verbale*, tient au fait que cette remarque est insuffisante. Que le sujet entende ce qu'il dit, c'est très précisément ce à quoi il convient de ne pas s'arrêter. C'est à savoir de revenir à l'expérience de ce qui se passe quand il entend un autre, ou simplement réfléchir à ce qui arrive si vous vous mettez à vous attacher à l'articulation de ce que vous entendez, à son accent, voire à ses expressions dialectales, à quoi que ce soit qui soit littéralement de l'enregistrement du discours de votre interlocuteur.

Il est tout à fait clair qu'il suffit d'accentuer un peu les choses dans ce sens, disons qu'il faut y ajouter un peu d'imagination. Car bien entendu jamais peut-être ceci ne pourra-t-il être poussé pour personne jusqu'à l'extrême, si ce n'est pour une langue étrangère, dans ce cas le problème est déjà résolu. Ce que vous entendez dans un discours c'est autre chose que ce qui est enregistré acoustiquement et ici réfléchi au niveau acoustique du phénomène.

Cette remarque paraît extrêmement simple si nous la prenons au niveau du sourd-muet, qui lui aussi est susceptible de recevoir un discours par des signes visuels donnés par le jeu classique de l'alphabet sourd-muet au moyen de ses doigts, combinés à d'autres signes. Il est bien clair que pour le sourd-muet la question se pose et il faut choisir s'il fait attention aux jolies mains de son interlocuteur ou s'il est fasciné par le fait qu'il a un [message ?] dans la main.

Il est clair que ce n'est pas le discours véhiculé par ces mains qu'il enregistre à ce moment là. Je dirais plus : ce qu'il enregistre, c'est-à-dire la succession de ces *signes* comme tels, leur opposition sans laquelle il n'y a pas de succession, donc leur organisation, à proprement parler comparable à celle que nous avons prise à la base de la langue, l'opposition phonématique élémentaire. Peut-on dire qu'à proprement parler il la voit ?

Naturellement nous avons ici un support temporel et visuel comme ailleurs nous avons un support vocal, mais nous voyons que quelque chose se passe, et ce qui est entendu c'est cette succession, c'est donc toujours sur le plan d'une *synthèse temporelle* articulée, d'une *synthèse temporelle* qui n'est point un continu, en tout comparable à cette succession de signes.

Encore ne pouvons-nous pas nous arrêter là, car assurément le sourd-muet peut, tout en enregistrant la succession qui lui est proposée, très bien ne rien comprendre si on lui adresse ce discours de sourd-muet dans une langue qu'il ne comprend pas, il aura parfaitement - comme celui qui écoute le discours dans une langue étrangère - entendu la dite phrase, mais cette phrase sera une phrase morte, la phrase devient vivante à partir du moment où on l'entend au sens vrai, c'est-à-dire au moment où elle présente une *signification*. Qu'est-ce que cela veut dire ?

Si nous avons bien évité de nous mettre dans l'esprit en principe que la *signification* se rapporte toujours à quelque chose, si nous sommes bien persuadés que la *signification* ne vaut que pour autant qu'elle renvoie à une autre *signification*, il est bien clair que le fait que la phrase vit, est très profondément lié à ce fait que le sujet si l'on peut dire, écoute, est à l'écoute, et *entend avec cette signification* qu'il se destine. Autrement dit, que s'il distingue la phrase en tant qu'elle est comprise, de la phrase en tant qu'elle ne l'est pas, ce qui n'empêche pas qu'elle soit entendue, c'est très précisément ce mécanisme que l'autre jour la phénoménologie du cas délirant mettait si bien en relief, c'est à savoir que c'est une phrase que le sujet peut toujours plus ou moins anticiper. Il est de la nature de la *signification* en tant qu'elle se dessine, de tendre à tout instant à *se fermer* pour celui qui l'entend, autrement dit que la participation de l'auditeur - j'entends de l'auditeur du discours, à celui qui en est l'émetteur - est absolument permanente.

Autrement dit *qu'il y a un lien entre l'ouïr et le parler qui n'est pas simplement externe*, comme c'est le point d'où nous étions partis tout à l'heure, à savoir qu'on s'entend parler, mais qui n'est qu'au niveau propre du phénomène du langage.

C'est-à-dire au moment où le signifiant entraîne la signification, *l'ouïr* et *le parler* sont à ce niveau - et non pas au niveau sensoriel du phénomène - comme l'endroit et l'envers, que déjà écouter des paroles, y accorder son ouïe, c'est déjà y être plus ou moins obéissant : « *obéissant* » n'est pas autre chose, c'est aller au-devant dans une audition.

Où allons-nous avec cette analyse que le mouvement, autrement dit le sens, va toujours vers quelque chose, vers une autre signification, vers la clôture de la signification, elle renvoie toujours à quelque chose qui est avant ou qui revient sur elle-même, mais il y a un sens au sens de direction. Là encore est-ce à dire que nous n'ayons pas de point d'arrêt ?

Ceci est important car à la vérité je suis sûr que quelque chose reste toujours incertain dans votre esprit, dans cette insistance que je mets à dire que la signification renvoie toujours à la signification, qu'il y aurait là-dedans je ne sais quoi qui en fin de compte serait irrémédiablement manquer le but du discours, qui est non pas simplement recouvrir, ni même de receler le monde des *choses*, mais de temps en temps d'y prendre appui.

Là où il s'arrête, depuis longtemps est réfuté le fait que d'aucune façon, nous puissions considérer comme point d'arrêt fondamental l'indication de la chose, bien entendu nous avons vu l'absolue non-équivalence du discours avec aucune indication. Si réduit que vous supposiez l'élément dernier du discours, jamais vous n'y pourrez vous y substituer, ni substituer simplement l'index.

Se rappeler la remarque très juste de Saint AUGUSTIN : il suffit de rappeler qu'en désignant quelque chose, en faisant *un geste* qui à quelque moment que ce soit pourrait se poser comme équivalent du terme dernier du discours, on ne saura jamais si ce que mon doigt désigne est la couleur de l'objet, ou l'objet simplement comme matière, ou si c'est une tache, une fêlure. Bref à quelque niveau dont il s'agit quant à *ce qui est de l'ordre de l'indication*, il faut bien que quelque chose d'autre dans le mot le discerne, qui fasse la propriété originale du discours par rapport à toute indication.

Mais ce n'est pas là que nous pouvons seulement nous arrêter, la référence fondamentale du discours, si nous cherchons là où il s'arrête, c'est tout de même toujours au niveau de ce terme problématique qu'on appelle l'*être*, que nous devons le trouver.

Je ne voudrais pas ici faire un discours trop profondément philosophique, mais pour nous arrêter simplement à un exemple, pour vous montrer ce que je veux dire quand je dis que le discours essentiellement vise et n'est pas, dans son terme de référence, référable à autre chose qu'à quelque chose sur lequel nous n'avons pas d'autre terme qu'« *être* », je vous prierais de vous arrêter simplement un instant à ceci : vous êtes au déclin d'une journée d'orage

et de fatigue, et vous considérez l'heure qui décline et l'ombre qui commence d'envahir ce qui vous entoure. Est-ce que quelque chose selon les cas ne peut pas vous venir à l'esprit, et qui s'incarne dans la formulation « *la paix du soir* » ? En fin de compte, est-ce que ça a une existence ou est-ce que ça n'en a pas ?

Que ça en ait une, je ne pense pas que quiconque a une vie affective normale ne sache pas que ce soit là quelque chose qui a une valeur, et qu'assurément c'est là tout autre chose que l'appréhension phénoménale du déclin des éclats du jour, de l'apaisement en soi, de l'atténuation des lignes des passions, qu'il y a dans « *la paix du soir* », quelque chose qui est déjà à la fois une présence et un choix dans l'ensemble de ce qui vous entoure.

Autrement dit que la question tout au moins se pose de savoir quel lien il y a entre la formulation « *la paix du soir* »

et ce que vous éprouvez, qu'il n'est pas absurde de se demander si en dehors de cette formulation « *la paix du soir* » peut pour quelques êtres que nous supposerions pour un instant ne pas la faire exister comme distincte cette « *paix du soir* » - depuis tout ce qui peut être tiré de différent - de ce moment de déclin dans lequel vous l'apercevez.

Et qu'à ce moment sans la formulation même verbale, qui la soutient, elle pourrait être distinguée de n'importe quel registre sous lequel à ce moment la réalité temporelle peut être appréhendée :

- d'un sentiment panique, par exemple, de la présence du monde,

- de ce je ne sais quoi de spécialement agitant que vous verrez très exactement au même moment dans le comportement de votre chat qui aura l'air de chercher dans tous les coins la présence de quelque fantôme,
- de l'angoisse que nous attribuons, sans en rien savoir, aux primitifs devant *le coucher de soleil*, quand nous pensons qu'ils peuvent peut-être bien penser que le soleil ne reviendra pas, mais qui n'est pas non plus quelque chose d'impensable,

...bref de toute insertion dans ce moment d'une inquiétude, d'une quête, d'une angoisse, d'une signification qui peut être tout à fait différente et qui laisse toute entière la question de savoir quel rapport a cet ordre d'être, qui a bien son existence largement équivalente à toutes sortes d'autres existences dans notre vécu, qui s'appelle « *la paix du soir* », avec sa formulation verbale.

Mais même laisserions-nous, et nous la laissons, la question - à savoir, de cet être qui s'appelle « *la paix du soir* »,

et de son rapport avec la formulation verbale - non tranchée, il n'en reste pas moins que nous pouvons observer chez nous quelque chose de tout à fait différent qui se passe selon que c'est nous qui l'avons appelée, qui plus ou moins dans notre discours l'avons préparée avant de la donner, ou selon qu'elle nous surprend, qu'elle nous interrompt, qu'elle nous apaise.

Le mouvement des agitations qui à ce moment-là nous habitent, et où justement nous nous apercevons que c'est à partir du moment où nous ne l'articulons pas, où nous ne sommes pas à son écoute, où en d'autres termes elle est hors de notre champ, que soudain elle nous tombe sur le dos, que c'est à ce moment-là que nous tendons à *entendre*.

C'est-à-dire à ce qu'elle nous surprenne avec cette formulation plus ou moins endophasique, plus ou moins inspirée qui nous vient comme *un murmure* de l'extérieur, qui est cette manifestation du discours en tant qu'il nous appartient

à peine, et qu'il vient là en écho à ce qu'il y a de signifiant tout d'un coup pour nous dans cette « *présence* », à savoir l'articulation dont nous ne savons si elle vient du dehors ou du dedans : « *la paix du soir* ».

Assurément ce que nous voyons, c'est le fait d'expérience qui sans trancher sur le fond, à savoir du rapport foncier du signifiant en tant que signifiant de langage, avec quelque chose qui autrement pour nous ne serait jamais nommé,

ce qui est appréhendé c'est que *moins nous l'articulons plus il nous parle*. Plus même nous sommes étrangers à ce dont

il s'agit dans cet « *être* », plus il a tendance à se présenter à nous avec cet accompagnement plus ou moins pacifiant d'une formulation qui pour nous se présente comme indéterminée, comme à la limite du champ de notre autonomie motrice et de ce quelque chose qui nous est dit du dehors, de *ce par quoi* à la limite *le monde nous parle*.

Quand j'ai posé la question du point d'arrêt du discours, ceci nous donne une notion, c'est qu'est-ce que veut dire

l'être ou non de langage qu'est « *la paix du soir* » ? Assurément quelque chose qui va retourner singulièrement sa valeur de conviction dans notre discours, si nous faisons la remarque que dans toute la mesure où nous ne l'attendons ni ne le souhaitons, ni même depuis longtemps n'y avons plus pensé, ce sera essentiellement comme un signifiant qu'il se présentera à nous.

C'est là justement quelque chose dont l'analyse en aucun cas ne peut nous justifier l'existence comme supportée par aucune construction expérimentaliste : il y a là une donnée, une certaine façon de prendre ce moment du soir comme signifiant, qui est quelque chose par rapport à quoi nous sommes ouverts ou fermés. Et que c'est justement dans toute la mesure où nous y étions fermés que nous le recevons avec *ces singuliers phénomènes d'écho*, ou avec

cette amorce du phénomène d'écho qui consistera dans l'apparition de ce quelque chose d'entendu à la limite de notre saisissement par ce phénomène, et qui se formulera pour nous le plus communément par ces mots : « *la paix du soir* ».

Bref, ce que ceci vise maintenant que nous sommes arrivés à la limite où le discours s'il débouche sur quelque chose au-delà de la signification, débouche sur du signifiant dans le réel dont nous ne saurons jamais dans la parfaite ambiguïté où il subsiste, ce qu'il doit au mariage avec le discours, mais ce qui déjà s'amorce de par cette analyse,

c'est que plus ce signifiant nous surprend, c'est-à-dire en principe nous échappe, plus déjà il va se présenter à nous avec une frange plus ou moins adéquate de phénomène de discours. Autrement dit que si en présence de « *la paix du soir* », ce terme qui viendra ne nous paraît pas trop inadéquat.

Ce dont il s'agit pour nous, ce que nous visons, c'est de chercher - c'est là *l'hypothèse de travail* que je vous propose -

ce qu'il y a au centre de l'expérience du Président SCHREBER, ce qu'il sent sans le savoir, pour qu'à la limite du champ de cette expérience, en frange, comme l'écume provoquée par ce signifiant qu'il ne perçoit pas comme tel, mais qui organise à sa limite tous ces phénomènes dont je vous ai parlé la dernière fois, à savoir que cette ligne continue de discours est perpétuellement sentie par le sujet comme mise à l'épreuve de ses capacités de discours.

Non seulement comme mise à l'épreuve, mais comme un défi, comme une exigence hors de quoi le sujet se sentirait soudain en proie à cette rupture d'avec la seule présence qui existe encore - au moment de son délire - au monde, celle de cet Autre absolu, de cet interlocuteur qui a vidé le monde de toute présence authentique et réelle en réduisant tous ceux qui l'entourent, qui sont ses compagnons, à des ombres d'hommes.

Qu'est-ce que veut dire ce discours et la volupté ineffable qui s'y attache en tant qu'elle est le fondement, la tonalité fondamentale de la vie du sujet ? C'est un repérage de ce dont il s'agit, d'une sorte d'analyse telle qu'elle peut être tentée dans un cas qui se montre comme spécialement tératologique, dont je me propose de soutenir devant vous l'interrogation. Et pour l'ouvrir, vous faire la remarque que ce sujet d'une observation particulièrement vécue qui est d'un infrangible attachement à la vérité, note ce qui se passe quand ce discours - auquel il est véritablement suspendu, non sans douleur - *s'interrompt*.

Quand ce discours s'interrompt, il se produit d'autres phénomènes que ceux du *discours continu intérieur* avec son ralentissement angoissant, ses suspensions, ses interruptions auxquelles le sujet est forcé d'apporter le complément des phrases commencées : il arrive que le Dieu ambigu et double dont il s'agit, qui se présente habituellement sous sa forme dite inférieure, se retire, et ceci est accompagné pour le sujet de sensations douloureuses intolérables, mais surtout de quatre connotations qui elles, sont de l'ordre du langage.

Il y a en premier lieu le fait que le sujet est sujet à ce moment-là à ce qu'il appelle « *le miracle de hurlement* », c'est-à-dire qu'il ne peut incidemment s'empêcher de laisser échapper un cri subit, prolongé, assez inquiétant, voire angoissant, qui le saisit avec une telle brutalité qu'il note lui-même :

- que si à ce moment-là il a quelque chose dans la bouche, ça peut aussi bien le lui faire cracher,
- qu'il faut vraiment qu'il se retienne pour que cela ne se produise pas en public et qu'il est bien loin de pouvoir toujours le contenir.

Phénomène donc assez frappant si nous voyons dans ce cri le bord le plus extrême, le plus réduit de la participation motrice de la bouche à la parole : s'il y a quelque chose par quoi la parole vienne la combiner à une fonction vocale absolument *a-signifiante* - et qui pourtant contient en elle tous les signifiants possibles - c'est bien quelque chose

qui nous fait frissonner dans le hurlement du chien devant la lune. Autre phénomène, c'est l'appel au secours qui est censé être entendu d'une part plus ou moins éloignée, des nerfs divins qui à ce moment-là se sont séparés de lui, mais qui peuvent tout en se séparant de lui, abandonner derrière eux comme une sorte de queue de comète, une espèce de parcelle de ces rayons divins.

Ce quelque chose qui ressemble beaucoup à ces intuitions de totalité inorganique qui sont tout au long de son délire évoqués et sur lesquels il incarne ce qu'il appelle *les âmes*, qui dans un temps premier, celui qu'il définit par l'attachement aux terres, qui fait qu'il ne se pouvait à cette date qu'il ait cette sorte de communion effusive avec *les rayons divins*, sans que sautassent dans sa bouche dit-il, une ou plusieurs des âmes qui étaient à ce moment-là le « *God Hass* ».

Mais depuis quelques temps, depuis une certaine stabilisation du monde imaginaire, cela ne se produit plus. Par contre, il se produit encore des phénomènes angoissants à l'intérieur de ce monde des entités animées, au milieu desquelles il vit, et certaines dans cette retraite de Dieu sont laissées à la traîne et poussent le cri : « *au secours !* ».

Ceci est bien distingué du phénomène du hurlement, c'est autre chose, ce phénomène de l'appel au secours qui lui est articulé, a un sens : le hurlement n'est qu'un pur signifiant, la signification si élémentaire qu'elle soit de l'appel à l'aide, est quelque chose qui, à cette occasion, est entendu.

Ce n'est pas tout : toutes sortes de bruit de l'extérieur...

quels qu'ils soient, qu'il s'agisse de n'importe quoi qui se passe dans son couloir dans la maison de santé
ou un bruit au dehors, un aboiement, un hennissement, mais toujours quelque chose qui a un sens humain

...sont, dit-il, miraculés, parce que ces bruits sont faits exprès à ce moment pour lui. En d'autres termes, nous observons entre une signification évanescence qui est celle du hurlement, et cette espèce d'émission obtenue
qui est celle de l'appel qui n'est même pas pour lui un appel, qui est quelque chose qui le surprend de l'extérieur, nous avons toute une gamme de phénomènes qui se caractérisent par une sorte d'éclatement de la signification.

C'est-à-dire de cette combinaison singulière qui fait qu'il aperçoit tout à fait bien que ce sont des bruits réels, qu'il ne saurait même s'agir d'autre chose, il s'agit bien de bruits tout à fait catalogués de ce qu'il a l'habitude de vivre dans son entourage, à savoir de ce qu'il entend passer sur l'Elbe les bateaux à vapeur, les personnages dans le corridor, mais il a l'intuition ou la conviction qu'ils ne se produisent pas à ce moment-là par hasard mais pour lui, en relation même avec ces moments intermédiaires : de l'absorption dans le monde délirant, au retour de la déréluction dans le monde extérieur.

Les autres miracles, ceux pour lesquels il construit toute une théorie de la création divine, *les autres miracles se produisent*,

et ces autres miracles consistent en ce qu'un certain nombre d'êtres vivants qui sont en général des oiseaux - à distinguer des oiseaux parlants qui font partie de l'entourage divin - il s'agit d'appels d'oiseaux qu'il voit dans

le jardin, de petits oiseaux en général, des oiseaux chanteurs dont il reconnaît que ce ne sont pas d'autres espèces que celles habituelles, il s'agit également d'insectes qui ne sont pas de nouvelles espèces. Ceci a son importance car il y a quelque chose qui se rapporte à cela dans les antécédents familiaux du sujet qui a eu un arrière grand-père entomologiste. Il s'agit donc d'un sentiment que ces oiseaux dans ces cas-là, sont créés tout exprès aussi pour

la circonstance, que cette toute-puissante parole divine qui a le pouvoir de créer des êtres, en a créés là à son usage.

Autrement dit qu'une sorte d'évanouissement, de retour rétrospectif de la signification, et de cette suspension à la signification, qui faisaient jusque là toute l'activité, mi pénible, mi érotisée du rapport à l'interlocuteur intérieur, qui tout d'un coup se met à éclairer d'une série de petites taches tout son entourage.

Entre ces deux pôles extrêmes du miracle de hurlement et de l'appel au secours, tout se passe donc comme si nous touchions là du doigt une sorte de *passage*, de *transition* qui définit elle-même une *frontière*, et où l'on verrait le passage d'une absorption du sujet dans un lien incontestablement érotisé. Les connotations y sont données, c'est un rapport féminin-masculin avec un exercice que le sujet avec le temps a fini par neutraliser extrêmement, par réduire à son exercice même d'un jeu continu de significations, qu'il appelle lui-même « *Unsinnig* », insensé, mais qui dans leur mise en exercice à l'intérieur, jouent au contraire sur le sens contraire, puisqu'il s'agit de combler des phases.

Et que c'est le côté soumis dans cet exercice qu'il ne peut pas faire autrement que de subir cette exigence, toute autre façon de répondre étant considérée par lui comme quelque chose qui ne serait pas de jeu, mais si même il pouvait leur demander : « *que me demandez-vous là ?* », ou simplement leur répondre par une *grossièreté*, mais il faut que je sois lié à cette activité des êtres parlants, et tout spécialement du Dieu lui-même qui m'interroge dans sa langue fondamentale, quel que soit le caractère absurde, humiliant de cette interrogation, dit-il.

Au moment où le sujet sort de ce champ de signification érotisée, énigmatique, qui est celui où s'est stabilisé, semble-t-il, le phénomène fondamental de son délire, quand un répit s'établit, quand le sujet douloureusement s'en ressent comme détaché et revient à ce dont il semble qu'il puisse souhaiter la venue comme un état de répit, il se produit toujours une sorte d'hallucination, en marge du monde extérieur, qui le parcourt de tous les éléments comme « *dissociés* » - et dont on peut aussi penser que par cet intermédiaire il retrouve une nouvelle cohérence qui va vers le sujet comme parlant en son propre nom - des différents éléments composants du langage :

- à savoir l'activité vocale sous sa forme la plus élémentaire, voire accompagnée d'une sorte de désarroi lié chez le sujet à une certaine honte,
- d'autre part d'une signification reçue par lui et qui se connote comme étant celle d'un appel au secours comme strictement corrélatif et parallèle à l'abandon dont il est à ce moment-là sujet,

- puis ensuite avec ce quelque chose qui après notre analyse, nous apparaîtra comme beaucoup plus *hallucinoire* en fin de compte que ce phénomène de langage qui reste en somme entier dans son mystère, aussi bien ne les appelle-t-il jamais que « *des paroles intérieures* ».

Et il décrit tout un trajet très singulier des rayons divins qui précède l'induction de ces *paroles divines*.

Un des phénomènes les plus étranges de ce qu'il nous manifeste, n'est-ce pas un témoin étrange, n'est-ce pas ce qu'il décrit comme la venue des rayons divins qui ici se sont transformés en fils dont il a une certaine appréhension visuelle, ou tout au moins spatiale, et qui viennent toujours le prendre par un mouvement, qui viennent vers lui

du fond de l'horizon, ils font le tour de sa tête pour l'envahir, pour venir pointer en lui par derrière, et c'est là le phénomène qui prélude à ce qui va être chez lui la mise en jeu du discours divin comme tel.

Ce phénomène dont tout nous laisse penser qu'il se déroule dans ce qu'on pourrait appeler « *un trans-espace* » qu'il nous conviendrait de définir comme étant lié à ces éléments structuraux du *signifiant* et de la *signification*, à savoir dans une certaine spatialisation préalable à toute espèce de concept de dualisation possible du phénomène du langage comme tel. Il y a là quelque chose de différent de ce qui se passe au moment où ce phénomène cesse, et où est la réalité, avec précision dénoncée par le sujet comme support d'autres *phénomènes* tout à fait distincts des premiers, et qui sont des phénomènes que classiquement on réduit à la croyance :

on dirait qu'il croit que Dieu a créé cela pour lui.

Et ce terme, si le terme d'*hallucination* doit être rapporté à une transformation de la réalité, c'est bien plutôt à ce niveau seulement que nous avons le droit de le maintenir si nous voulons conserver une certaine cohérence au langage, à savoir à la façon dont nous-mêmes plaçons les phénomènes morbides. À savoir que c'est bien plutôt dans le sentiment particulier à la limite du sentiment de réalité et d'irréalité, à ce sentiment de proche naissance, de nouveauté, et qui n'est pas n'importe laquelle, de nouveauté à son usage, d'irruption dans le monde extérieur, même si elle se rapporte à une réalité qui pour le sujet ne semble pas avoir fait tellement défaut.

Mais en elle-même simplement il lui apparaît à ce moment-là - comme étant justement ces *nouveautés* à lui destinées -

ce quelque chose qui est d'un autre ordre que ce qui nous apparaît en rapport avec la *signification* ou la *signifiante*, jusqu'alors ce qui est vraiment comme tel une hallucination, ce que nous imaginons nous comme une hallucination, c'est-à-dire cette réalité créée et qui vient bel et bien à l'intérieur de la réalité comme quelque chose de *neuf*.

L'idée même que nous nous faisons de l'hallucination en tant qu'elle est une invention de la réalité, c'est là ce qui constitue le support de ce que le sujet éprouve, alors qu'on est tant attaché à un élément de son monde extérieur.

Je pense vous avoir fait saisir le schéma que j'ai essayé d'évoquer pour vous aujourd'hui, avec tout ce qu'il peut comporter de problématique, c'est-à-dire d'interrogation sur le sens qui est à donner à proprement parler au terme d'« *hallucination* ». À savoir que pour arriver à les classer d'une façon qui soit conforme, je crois que c'est bien plutôt

à les observer dans leurs contrastes réciproques, dans leurs oppositions complémentaires, que le sujet lui-même apporte à leurs phénomènes, qui n'est pas l'événement, ni *par hasard*, car elles font partie d'une même organisation subjective, et comme telle, d'être faite par le sujet, cette opposition a une plus grande valeur que d'être faite

par l'observateur, et en outre de suivre leur succession dans le temps.

Et si nous définissons d'une façon qui n'a rien d'incompatible, puisque, à partir d'une façon d'appréhender notre propre champ subjectif, puisque j'ai essayé de vous faire voir ce dont il s'agit chez SCHREBER, ce quelque chose toujours prêt à le surprendre et qui finalement pour lui, jamais ne se dévoile, mais dont nous avons la notion

que c'est dans l'ordre de ses rapports au langage qu'il se situe, pour autant qu'il est toujours accompagné, c'est-à-dire, pour autant qu'il est révélé par un phénomène qui globalement l'entoure, ce personnage intérieur, ce phénomène de langage qui est pris par le sujet, saisi, manié, auquel le sujet reste attaché par une compulsion très spéciale et qui constitue le centre auquel aboutit enfin la résolution de son délire.

Et je crois qu'il n'est pas vain dans le registre d'une sorte de topologie subjective que nous essayons de faire, qui repose toute entière sur ceci qui nous est donné par l'analyse, qu'il peut y avoir un signifiant inconscient, et qu'il s'agit de savoir comment ce signifiant inconscient se situe dans la psychose. Il paraît bien là extérieur au sujet mais cette *extériorité* est une autre extériorité que celle dont il s'agit quand on nous présente l'hallucination

et le délire comme étant une perturbation de la réalité, c'est *une extériorité* à laquelle le sujet reste attaché *par quelle fixation érotique ?*

C'est ce qui nous restera à tenter de comprendre, mais c'est une question de l'espace parlant que nous devons concevoir comme tel, qu'aucun retour ne peut s'en passer sans une sorte de transition dramatique où à proprement parler apparaissent les phénomènes hallucinatoires, c'est-à-dire où la réalité elle-même se présente comme atteinte, signifiante aussi, où le sujet y est impliqué, cette notion *topographique* qui vient dans le sens de la question déjà posée

sur la différence entre :

- la *Verwerfung* comme pouvant être à l'origine des phénomènes proprement psychotiques,
- et la *Verdrängung* pour autant qu'elle se situe ailleurs, pour autant qu'elle est au plus intérieur de ce que le sujet peut éprouver du langage sans le savoir.

Que c'est dans cette opposition de la localisation subjective de la *Verwerfung* et de la *Verdrängung*, c'est dans une première approximation de cette opposition que se situe le sens que j'ai essayé de vous faire comprendre aujourd'hui.

15 Février 1956

[Table des séances](#)

Nous avons abordé le problème des psychoses sous l'aspect « *structures freudiennes des psychoses* ».

Ce titre est, si je puis dire, modeste, je veux dire qu'il ne va pas-même là où pointe réellement notre investigation,

ce que nous cherchons à tout instant, ce qui sera évidemment l'objet de notre recherche, c'est *l'économie des psychoses*.

Nous recherchons cette économie par la voie d'une analyse de la structure. La structure apparaît dans ce qu'on peut appeler au sens propre le phénomène, dans la façon dont *le délire*, par exemple *dans la psychose*, se présente lui-même.

Il est tout à fait concevable, il serait même surprenant que quelque chose de la structure n'y apparaisse pas.

La confiance que nous faisons à cette analyse du phénomène est tout à fait distincte de celle du point de vue phénoménologique qui s'applique à voir – disons, en gros - dans le phénomène ce qui s'attache, ce qui subsiste, si on peut dire, dans le phénomène de réalité en soi, le phénomène comme tel est à prendre et à respecter dans son existence. Il est bien clair que ce n'est pas le point de vue qui nous guide, nous ne faisons pas cette confiance *a priori* au phénomène, pour une simple raison, c'est que notre démarche est scientifique et que c'est le point de départ même de la science moderne que de ne pas faire confiance aux phénomènes, de chercher derrière quelque chose de plus subsistant qui l'explique.

Il ne faut pas reculer devant le mot, si nous avons fait un certain temps en psychiatrie cette sorte de marche en arrière qui a consisté à nous dire que nous nous méfions de l'explication, que nous préférons d'abord comprendre, c'est sans aucun doute parce que la voie explicative s'était engagée dans de fausses voies, dans des impasses.

Mais nous avons quand même pour nous le témoignage de l'efficacité explicative de l'investigation analytique, et c'est dans ce sens que nous avançons dans ce domaine des psychoses, avec la présomption que là aussi une analyse convenable du phénomène nous mènera à la structure et à l'économie.

Je rappelle une fois de plus que ce n'est pas pour de simples satisfactions de nosographie que nous nous attaquons

à la distinction des *névroses* et des *psychoses* - comme si d'ailleurs il était nécessaire d'y revenir, alors que cette distinction n'est que trop évidente - c'est bien entendu en les rapprochant l'une de l'autre au contraire, pour autant que

dans la perspective structurale de l'analyse des symétries, des oppositions, des rapports structuraux essentiellement peuvent nous apparaître qui nous permettront d'échafauder ce qui dans la psychose peut nous apparaître comme une structure recevable.

Le départ est là : *l'inconscient se présente dans la psychose*. Les psychanalystes l'admettent - à tort ou à raison,

nous l'admettons avec eux que c'est en tout cas là un point de départ possible - *l'inconscient est là* et pourtant ça ne fonctionne pas, c'est-à-dire que le fait qu'il soit là ne comporte par lui-même aucune résolution, bien au contraire, mais une inertie toute spéciale. Ceci à soi tout seul, et déjà depuis longtemps, nous posait la question *qu'il y a dans l'analyse autre chose qu'une poussée qu'il s'agit de rendre consciente*. Ceci bien entendu on s'en doutait depuis quelque temps, c'est autre chose même qu'un *ego* dont il s'agit de rendre les défenses moins paradoxales, c'est-à-dire d'obtenir ce qu'on appelle imprudemment « *un renforcement de l'ego* ».

Ces deux points, ces deux rejets des deux voies, qui ont été celles où s'est engagée la psychanalyse à *son état naissant*, ensuite la psychanalyse à *son état actuel dévié*, vont presque de soi lorsqu'on approche les psychoses, c'est-à-dire qu'ils nous suggèrent qu'il faut à propos de la psychose chercher ailleurs une formulation plus complexe, plus conforme à ce que nous présente le phénomène.

Vous allez avoir la revue annoncée¹⁹ et le numéro sur *Le langage et la parole*, vous y verrez quelque part cette formule du liminaire : « *Si la psychanalyse habite le langage, elle ne saurait sans s'altérer le méconnaître en son discours*. » C'est tout le sens de ce que je vous enseigne depuis quelques années, et c'est là que nous sommes à propos des psychoses : la promotion, la mise en valeur dans la psychose des phénomènes de langage ne peut pas ne pas être pour nous la plus féconde source d'enseignement.

Vous le savez, autour de cela est la question de l'*ego* qui est manifestement primordiale dans les psychoses, puisque l'*ego* dans sa fonction de relation au monde extérieur est ce qui est paradoxalement mis en échec dans la psychose, au point qu'on va donner à l'*ego* à proprement parler, le pouvoir de manier ce rapport à la réalité, de le transformer, ceci dans des fins qu'on définit, dans des fins dites de défense.

C'est aussi la défense, sous la forme sommaire dans laquelle on l'appréhende actuellement d'une façon générale, qui serait à l'origine de la paranoïa, pour autant qu'ici cet étrange *ego* - qui gagne tellement et de plus en plus en puissance dans notre conception, dans la conception moderne de l'analyse - aurait ici le pouvoir de faire jouer le monde extérieur de façons diverses, et en particulier, ici dans le cas de *psychose*, de faire surgir du monde extérieur, sous la forme de *l'hallucination*, quelque signal destiné à prévenir. Nous retrouvons ici la conception archaïque de surgissement d'une poussée, que lui aussi, l'*ego*, perçoit comme dangereuse. Nous voici donc tout-puissants. Je vous rappelle - puisque dans mon dernier discours certaines choses ont paru trop vagabondes, et d'autres trop énigmatiques - que le sens de ce que je dis quand il s'agit de l'*ego*, je vais le reprendre encore d'une autre façon.

Quoi qu'il en soit du rôle qu'il convient d'attribuer à l'*ego* dans l'économie, *un ego n'est jamais tout seul*. Qu'est-ce que cela veut dire ? Cela veut dire qu'*il comporte toujours avec lui un jumeau*. *Cet étrange jumeau : le moi idéal*, dont j'ai parlé dans mes séminaires d'il y a deux ans, *ce moi idéal n'est pas épuisé*.

Ce moi idéal nous indique, dans la phénoménologie la plus apparente de la psychose, qu'*il parle*, qu'il est identique à cette part de *la fantaisie* - qu'il convient tout de même de distinguer de *la fantaisie* ou du *fantasme* que nous mettons en évidence d'une façon plus ou moins implicite dans les phénomènes de la névrose - que *c'est une fantaisie qui parle*.

Ou plus exactement que cette *fantaisie* parlée de ce personnage :

- qui fait écho aux pensées du sujet,
- qui intervient,
- qui le surveille,
- qui dénomme au fur et à mesure la suite de ses actions,
- qui les commente,

...est quelque chose qui mérite attention et dont les données ne sont pas simplement apportées par la théorie

¹⁹ *La Psychanalyse*, n°1 : « *Sur la parole et le langage* », PUF 1955.

de l'*imaginaire*, du rejet du sujet du *moi spéculaire*.

C'est bien pour cela que nous pouvons en faire sentir la dynamique et aussi l'intérêt général, et que la dernière fois

j'ai essayé de vous montrer que le *moi*, quoi qu'il en soit que nous pensions de sa fonction - et je n'irai pas plus loin qu'à lui donner la fonction d'un discours de la réalité - comporte toujours un corrélatif, à savoir un discours qui n'a rien à faire avec la réalité.

Et avec l'impertinence qui comme chacun sait me caractérise, je n'ai pas été le choisir nulle part ailleurs que dans

ce que j'ai appelé la dernière fois « *le discours de la liberté* » pour autant qu'il est fondamental pour l'individu prétendu « *autonome* », pour « *l'homme moderne* » pour autant qu'il est structuré par une certaine conception de son autonomie.

Ce « *discours de la liberté* », je vous ai indiqué sans pouvoir plus m'y étendre, son caractère fondamentalement partiel

et partiel, inexplicable, parcellaire, fragmentaire, différencié - chacun est en même temps supposé comme fondamental pour tous - le caractère profondément délirant du « *discours de la liberté* ».

C'est de là que je suis parti pour vous donner une sorte de catalogue général de ce que peut être, par rapport au *moi*, ce *quelque part* où est susceptible, chez le sujet en proie à la psychose, de proliférer le délire. C'est aller loin, je le sais.

Bien entendu je ne dis pas que c'est la même chose :

- je dis que c'est à la même place,
- je dis que c'est le corrélatif de l'*ego*,
- je dis qu'il n'y a pas d'*ego* sans ce *jumeau*, disons gros de délire,
- je dis, avec notre patient qui de temps en temps nous fournit ces précieuses images - que cette sorte d'avancée, d'exploration, de pénétration de la zone interdite par le psychotique, qu'il nous livre quelque part au début d'un des chapitres de son livre où il se dit être « *un cadavre lépreux qui traîne après lui un autre cadavre lépreux* » : belle image pour le *moi*. Il y a dans le *moi* quelque chose de fondamentalement mort, et toujours aussi *doublé de ce jumeau qui est le discours*.

La question que nous nous posons est celle-ci : que *ce double, ce corrélatif du moi, cette image, répond dans cette ombre*

qui fait que le *moi* n'est jamais que la moitié du sujet. Cette *fantaisie* qui en fait se manifeste dans la psychose, de devenir *parlante*, comment cela peut-il se faire ? Qui est-ce qui parle ? Est-ce vraiment cet *autre*, au sens du *reflet*,

tel que je vous ai exposé sa fonction dans la dialectique du narcissisme, l'*autre* de cette partie imaginaire de la dialectique du maître et de l'esclave que nous avons été chercher dans le transactivisme infantin, dans le jeu de prestance où s'exerce dans une première étape de ce qu'on appelle l'intégration du *socius*, du *semblable*,

cet autre qui ici se conçoit si bien par l'action captante de l'image totale dans le semblable ?

Est-ce bien *de cet autre, de cet autre reflet, de cet autre imaginaire*, de *cet autre* qu'est pour nous tout *semblable* en tant :

- qu'il nous donne de notre propre image,
- qu'il nous capte par cette apparence,
- qu'il nous fournit la projection de notre *totalité*

...est-ce cela qui parle ?

C'est une question qui vaut la peine d'être posée, car en fait elle est toujours plus ou moins résolue implicitement chaque fois qu'on parle - plus ou moins prudemment - du mécanisme de la projection, car c'est là qu'est la différence. Les mécanismes en jeu dans la psychose ne se limitent pas au registre *imaginaire*.

Je m'efforce de faire saillir devant vos yeux que cette projection n'a pas toujours le même sens. La projection doit

ou ne doit pas être limitée à un sens, mais peu importe, c'est une question de convention : il faut choisir si nous entendons par projection le transactivisme imaginaire qui fait qu'au moment où l'enfant a battu son semblable, il dit sans mentir « *Il m'a battu* » parce que pour lui c'est exactement la même chose. Ceci définit un

ordre de relation qui est *la relation imaginaire*, nous la retrouvons sans cesse, nous la saisissons dans toutes sortes de mécanismes :

il y a jalousie par projection en ce sens, celle qui projette chez l'autre les tendances à l'infidélité, ou les accusations d'infidélité que le sujet a à porter sur lui-même. Voilà un exemple de mécanisme de projection

Qui donc ne sait pas que c'est le « *b-a-ba* » de l'analyse de la jalousie délirante, de s'apercevoir qu'à tout le moins

le mécanisme de la projection délirante...

et on peut peut-être aussi l'appeler « *mécanisme de projection* » en ce sens que quelque chose paraît à l'extérieur qui a son ressort à l'intérieur du sujet

...mais par ailleurs la jalousie délirante n'est certainement pas la même que celle de la jalousie que nous appellerons provisoirement commune ou normale qui est beaucoup plus proche de la projection telle que je viens d'abord

de la définir, du transactivisme si on peut dire, de la mauvaise intention.

Ce n'est pas la même chose parce qu'il suffit de se pencher sur les phénomènes pour la voir, et que d'ailleurs ceci

est strictement et parfaitement distingué dans les écrits de FREUD lui-même sur la jalousie. Par conséquent il s'agit de savoir ce qui se passe quand ce n'est pas de la projection au premier sens, limitons la projection au transactivisme imaginaire et tâchons de savoir ce qui véritablement joue dans l'autre cas.

Dans la psychose ce qu'il s'agit de distinguer des mécanismes imaginaires, où allons-nous le chercher puisque ces mécanismes se dérobent, se dérobent à l'investissement libidinal, ce qui signifie assurément quelque chose. Nous suffit-il dans ce réinvestissement sur le corps propre de la libido qui est celui qui est communément reçu pour être le mécanisme du narcissisme qui est expressément invoqué par FREUD lui-même pour expliquer le phénomène de la psychose, nous avons là quelque chose qui sous un certain aspect explique, recouvre un certain nombre

des phénomènes intéressés. Il s'agirait en somme, pour que pût être mobilisé le rapport délirant, de rien d'autre que de lui permettre, comme on dit avec aisance, de « *redevenir objectal* » et c'est bien entendu ce qui est supposé

par chacun quand il emploie le vocabulaire du narcissisme.

Je vous fais remarquer que c'est justement là *ce quelque chose* qui, même si nous l'admettons, n'épuise pas le problème puisqu'en somme depuis longtemps tout un chacun sait - à condition qu'il soit psychiatre, et c'est une vérité quasi reçue pour une évidence - que chez un paranoïaque bien constitué comme tel, il ne sera justement pas question

de mobiliser cet investissement quel qu'il soit, alors que chez les schizophrènes en principe ça va beaucoup plus loin dans le désordre proprement psychotique que chez le paranoïaque. Pourquoi ? N'en verrions-nous pas quelque chose précisément en ceci, que dans l'ordre de *l'imaginaire* il n'y a pas d'autre moyen de donner une signification précise

au terme de *narcissisme* ? De même que tout à l'heure ce n'était que par rapport à *l'imaginaire* que nous pouvions donner une signification précise à la projection. Et dans l'ordre de *l'imaginaire*, l'aliénation est, si je puis dire, un début, pour la simple raison qu'elle est constituante : l'aliénation c'est *l'imaginaire* en tant que tel.

En fin de compte c'est précisément dans la mesure où c'est sur le plan de *l'imaginaire* que nous tenterions d'apporter

la résolution de la psychose, à soi tout seul ce mode nous indique qu'il n'y a rien à en attendre, puisque le mécanisme *imaginaire* est ce qui donne sa forme à l'aliénation psychotique, mais non sa dynamique ni de savoir où elle est.

C'est toujours et encore le point où nous arrivons ensemble. Si nous n'y sommes pas sans armes, si nous ne donnons pas notre langue au chat, c'est précisément parce que dans nos prémisses, dans notre exploration, du temps

de *La technique analytique* de l'année dernière²⁰, de l'« *Au-delà du principe du plaisir* »²¹, avec tout ce qu'il implique comme définition et structure de l'*ego*, nous avons justement la notion que *derrière ce « petit autre » de l'imaginaire*,

²⁰ Jacques Lacan : Séminaire 1954-55, *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique psychanalytique*, Paris, Seuil, 1978.

²¹ Sigmund Freud : *Jenseits des Lustprinzips, Au-delà du principe de plaisir*, in *Essais de Psychanalyse*, Payot 2004.

nous devons admettre *l'existence d'un autre* « *Autre* » qui bien entendu ne nous satisfait pas seulement parce que nous lui donnons une majuscule, mais parce que nous le situons comme corrélatif nécessaire de *quelque chose qui est la parole*.

Nous ne *l'identifions pas*. Nous le situons quelque part *au-delà du* « *petit autre* ».

C'est pour cela que nous lui mettons un grand *A* : pour le distinguer.

Je laisse ici latéralement - et c'est toujours *la visée latérale* que nous avons - le fait que ces *prémisses*, à elles toutes seules suffisent à mettre en cause la théorie de la cure analytique qui, de plus en plus, avec insistance, se formule et se réduit à celle de *l'analyse d'une relation à deux*.

Toute la voix va être captée dans le rapport du *moi* à un *autre*, qui pourra varier de *qualité* sans doute, mais

- qui comme tel sera toujours *le seul et unique autre*,
- qui comme tel sera toujours capté, comme l'expérience le prouve, dans la relation *imaginaire*, dans la relation du *moi* du sujet au *moi idéal*, dans quelque chose qui comme tel - quant à la prétendue relation d'objet qu'il s'agit de restituer - s'inscrit dans l'*imaginaire*,
- qui comme tel le ramène à une curieuse expérience de ce qu'on pourrait appeler les soubassements kleinien de l'*imaginaire*, à savoir du complexe oral et d'un objet de dévoration qui bien entendu ne saurait se soutenir *chez un sujet* qui n'est pas à proprement parler *porté à l'aliénation* par lui-même, que *sur la base d'un malentendu*.

Le malentendu étant en effet constitué par une sorte d'*incorporation* ou de *dévoration imaginaire*, mais qui ne peut être que ceci, avec ce qui est mis en cause dans l'analyse, à savoir *une relation de parole, une incorporation du discours de l'analyste*. L'analyse telle qu'elle se dévie dans l'analyse de *relation à deux*. Et si loin que puisse en être poussée la limite,

l'analyse ne peut être autre chose [dans ce dévoilement] en fin de compte que l'incorporation du discours suggéré, voire supposé de l'analyste, c'est-à-dire très exactement tout le contraire de l'analyse.

J'éclaire ma lanterne : je vous dis que je fais aujourd'hui pointer, pour que vous ne restiez pas dans le vague, ce dont il s'agit. Je vais donc dire ma thèse. Je vais la dire par le mauvais bout, sur ce plan génétique qui vous semble si nécessaire pour que vous vous trouviez à l'aise, et après cela je vous dirai que ce n'est pas cela. Mais enfin disons d'abord : si c'était cela ce serait comme je vais vous dire.

C'est une thèse extrêmement importante pour toute l'économie psychique. C'est une thèse extrêmement importante :

- pour la *compréhension* aussi de toutes sortes de débats extrêmement confus qui se poursuivent autour de ce que j'ai appelé tout à l'heure la fantasmagorie kleinienne,
- pour la *réfutation* de certaines objections qui lui sont faites, mais aussi,
- pour la *meilleure situation* de ce qu'elle peut apporter de vrai ou de fécond pour la compréhension de la précocité des refoulements que cette théorie implique d'abord, alors que FREUD nous a dit qu'il n'y a pas avant le déclin de l'Œdipe de refoulement à proprement parler.

Qu'est-ce que cela peut vouloir dire que *le refoulement* impliqué par la façon de concevoir les premières étapes Pré-œdipiennes dans la théorie kleinienne ? Cette thèse est très importante pour la distinction de ce qu'on peut appeler « *auto-érotisme* » ou « *objet primitif* » et vous savez que par là-dessus il y a vraiment deux versants, il y a vraiment contradiction entre ce qu'il pose quand il nous parle de l'« *objet primitif* » de la première relation enfant-mère, il y a une véritable opposition entre cette thèse et l'opposition qu'il formule comme telle, la notion de l'*auto-érotisme primordial* c'est-à-dire d'une étape, si courte et si passagère que nous la supposons, où il n'y a pas pour l'enfant *de monde extérieur*.

Bref, ce qui paraît insoluble dans ces conditions opposées, peut je crois être éclairé par ce que j'appelle maintenant ma thèse. Je *répète des choses*, mais je m'aperçois qu'il vaut mieux toujours les *répéter*.

Cette thèse consiste en ceci : de la question de la nature de ce qu'on peut appeler l'accès primordial de l'être humain

à sa *réalité* en tant qu'elle lui est corrélatrice, je veux dire que nous supposons qu'il y a une *réalité* qui lui est corrélatrice.

C'est une supposition qui, je dirais, est impliquée par tout départ sur le sujet, c'est une supposition aussi dont nous savons qu'il nous faudra toujours quelque part l'abandonner, parce que d'abord il n'y aurait pas de question à propos de cette *réalité* si justement ce n'était pas une *réalité* perpétuellement mise en question.

Cet accès primordial existe-t-il à un moment quelconque sous la forme d'un corrélatif biologique, d'un *Umwelt*, au sens où nous le supposons dans l'articulation de l'animal à son milieu ? Y a-t-il quelque chose qui ait ce caractère enveloppant, coapté à la fois, qui fait que nous inventons pour l'animal la notion de l'*Umwelt* ?

Je vous ferai remarquer en passant que c'est là une hypothèse qui nous sert pour l'animal, pour autant que l'animal est pour nous un objet, qu'il y a des conditions en effet rigoureusement indispensables pour qu'un animal existe, et que nous nous plaisons à rechercher comment l'animal fonctionne, pour être toujours en accord avec ces conditions primordiales. C'est cela, que nous appelons un instinct, un comportement, un cycle instinctuel. S'il y a des choses qui ne sont pas là-dedans, il faut croire que nous ne les voyons pas, et du moment que nous ne les voyons pas, nous sommes tranquilles, et en effet, pourquoi ne pas l'être ? Ce qui est bien certain c'est que pour l'homme il est évident que ceci ne suffit pas, tout le monde l'accorde, le caractère ouvert, proliférant du monde de l'homme est quelque chose qui peut se livrer à nous par la notion de la pluralité de ses accès.

C'est là ce que j'essaie de distinguer pour vous, parce que ça semble assez cohérent et assez pratique, dans les trois ordres du *symbolique*, de l'*imaginaire* et du *réel*.

Tout laisse apparaître que tout ce que nous montre notre expérience analytique se satisfait de se ranger dans ces trois ordres de rapports. Toute la question est marquée de savoir à quel moment chacun de ces rapports s'établit.

Ma thèse est caractérisée en ceci, et c'est cela qui va peut-être donner à certains la solution de l'énigme que semble avoir constitué pour eux mon morceau de bravoure de la dernière fois sur « *la paix du soir* » : la réalité est marquée d'emblée de la *néantisation symbolique*. Je crois qu'ici le mot a un sens assez démontré, assez mis en exercice

par tout notre travail de l'année dernière, pour que vous sachiez ce que cela veut dire. Je vais quand même l'illustrer une fois de plus, ne serait-ce que pour rejoindre cette *paix du soir* si diversement accueillie.

D'abord ce n'est pas une excursion qui, comme le dit PLATON, fait une sorte de *discordance et manque au ton analytique*. Je ne crois pas du tout innover, si vous lisez avec attention le Président SCHREBER, vous y verrez à un moment FREUD y aborder comme un argument clinique pour la compréhension du dit Président SCHREBER, la fonction qu'a joué chez un autre de ses patients la *prosopopée* de NIETZSCHE quand il fait parler ZARATHOUSTRA, et qui s'appelle « *Avant le lever du soleil* ».

Vous pouvez vous rapporter à ce morceau, c'est précisément pour ne pas vous le lire que je me suis livré moi-même l'autre jour à quelque invocation à *la paix du soir*. Vous lirez « *Avant le lever du soleil* », vous y verrez fondamentalement représentée la même chose que ce que je voulais vous y faire sentir l'autre jour, et la même chose que ce que je vais simplement essayer de vous proposer maintenant, cette réflexion que le jour par exemple est très tôt, sans aucun doute, posé comme un *être*, puisque je parlais d'*être* l'autre jour, et simplement que vous ne vous y arrêtiez pas ainsi ?

Je veux dire :

- qu'il est distinct de tous les objets qu'il contient, ce jour, qu'il manifeste et qu'il présente à l'occasion,
- qu'il est même probablement plus pesant et plus présent qu'aucun d'entre eux, et qu'il est tout à fait dans l'expérience humaine, fût-ce la plus primitive, *impossible à penser comme simplement le retour d'une expérience*.

Que s'il fallait même aller chercher les choses dans le détail, et ce n'est certes pas ce à quoi je vise - car c'est au contraire d'une position *a priori* qu'il s'agit - mais rien qu'à se rapporter au détail, il suffirait d'évoquer la prévalence, dans la vie humaine des premiers mois, d'un rythme du sommeil et qui garde cette première appréhension du jour, pour que nous ayons toutes les raisons de penser *que ce n'est pas une appréhension empirique qui fait que à un moment...*

je dis, nous le supposons - c'est ma thèse - je dis, c'est ainsi que j'illustre

ce que j'appelle l'appréhension des « *premières néantisations symboliques* »

...que le jour soit quelque chose dont l'être humain se détache, dans lequel l'être humain n'est pas simplement *immergé*,

comme tout nous laisse à penser que l'*animal* l'est dans un phénomène comme celui de l'*alternance du jour et de la nuit*,

mais que l'être humain pose le jour comme tel.

Que le jour vient à la présence du jour et sur un fond qui n'est pas un fond de nuit concrète, mais d'absence possible de jour, où la nuit se loge, et inversement d'ailleurs, le jour et la nuit sont là très tôt *comme signifiants* et non pas comme alternance de l'expérience, ils sont très tôt *comme connotation*, et le jour empirique et concret n'y vient que comme corrélatif imaginaire, à l'origine, très tôt. C'est là ma supposition, du moment que je parle du point de vue génétique je n'ai pas autrement à la justifier dans l'expérience.

Je dis ce que l'expérience de nos malades, et de ce qu'il nous faut penser de ces relations, en ce qu'elles signifient, impliquent une étape primitive d'apparition de signifiants comme tels dans le monde qui est ce qui est en question, et comme je vous le dis, comme nécessité structurale. Cela vous laisse dans un certain désarroi...

Je vais donc en illustrer les choses et dire que avant que l'enfant apprenne à articuler *le langage*, nous supposons que, parce qu'il nous faut supposer tout simplement, déjà des signifiants apparaissent qui sont déjà de *l'ordre symbolique*. Autrement dit devant l'hésitation de certains de vos esprits, j'éclaire si vous voulez ma lanterne.

Je propose aujourd'hui de façon dogmatique...

ce que je déteste précisément de proposer comme telle puisqu'il m'apparaît fécond de l'introduire d'une façon dialectique, mais justement nous allons y revenir tout à l'heure
...pour l'instant je veux vous dire que quand je parle d'une certaine apparition primitive du signifiant, c'est de quelque chose qui déjà implique le langage. Ceci ne fait que rejoindre cette apparition d'un être qui n'est nulle part : le jour. Ce n'est pas un phénomène, le jour en tant que jour :
- c'est déjà quelque chose qui implique cette *connotation symbolique* en elle-même,
- c'est déjà quelque chose qui suppose cette alternance fondamentale du vocal en tant qu'il est *connotation de présence et d'absence* sur laquelle FREUD fait pivoter toute sa notion de l'*Au-delà du principe du plaisir* qui est exactement la même zone, le même *champ d'articulation symbolique* qui est celui que je vise à présent dans mon discours.

C'est ici dans cette zone que se produit ce terme dont je me sers, à tort ou à raison, qui s'appelle *Verwerfung*. Je me réjouis qu'un certain nombre d'entre vous pour l'instant, se tourmentent au sujet de savoir si cette *Verwerfung* dont après tout FREUD ne parle pas trop souvent, que j'ai été attrapper dans deux ou trois coins où elle montre le bout de l'oreille, même quelquefois où elle ne le montre pas, mais où je crois que, pour la compréhension du texte, il faut la supposer là, parce que sinon on ne comprend rien à ce que dit FREUD à ce moment-là.

À propos de la *Verwerfung*, FREUD dit que le sujet ne *voulait rien savoir* de la castration même au sens du refoulement.

Je donne à cette phrase saisissante son sens, c'est-à-dire que : au sens du refoulement, *on sait encore quelque chose de ce* quelque chose même *dont on ne veut* d'une certaine façon *rien savoir*, mais que justement c'est toute l'analyse de nous avoir montré qu'on le sait fort bien, mais que puisqu'il y a des choses dont le patient peut *ne vouloir* - comme il dit - *rien savoir*, même au sens du refoulement, ceci suppose peut-être un autre mécanisme encore qui peut entrer en jeu, et comme le mot *Verwerfung* apparaît deux fois...

la première fois quelques pages auparavant, et l'autre fois en connexion directe avec cette phrase ...je m'empare de cette *Verwerfung* à laquelle je ne tiens pas spécialement, je tiens surtout à ce qu'elle veut dire.

Je crois que FREUD a voulu dire cela pour la simple raison que ceux qui m'objectent de la façon la plus pertinente que dans la critique de texte, en y regardant de façon très serrée, et plus vous vous rapprochez du texte moins vous arrivez à le comprendre, bien entendu il faut faire vivre un texte par ce qui suit et par ce qui précède, et c'est là justement la question : c'est que c'est toujours par ce qui suit qu'il faut comprendre un texte.

Et ceux qui me font le plus d'objections me proposent par ailleurs d'aller trouver dans tel autre point d'un autre texte de FREUD, quelque chose qui ne serait pas la *Verwerfung* mais qui serait par exemple la *Verleugnung*, car il est curieux de voir le nom de « *Ver* » qui prolifère dans FREUD, je ne vous ai jamais fait de leçon purement sémantique

sur ce qui est dans FREUD, mais je vous assure que je vous en servais tout de suite une bonne douzaine, et pourtant dans une première étape FREUD n'y a rien vu de moins que la clé de la différence qu'il y a entre *l'hystérie, la névrose obsessionnelle et la paranoïa*.

L'hystérie est une espèce de *métamorphose*, de *conversion*, chose curieuse que ces termes quand ils sont rapprochés, tant des espèces de connotations bancaires : la conversion, le virage, sont là derrière d'une façon très saisissante quand on les rapproche, car on voit qu'ils sont choisis parmi des termes qui ont des sens de cette espèce.

Ceci nous mènerait loin, et c'est dans les implications premières de cette sorte d'approche directe que FREUD a eu des phénomènes de la névrose, et il y aurait beaucoup à en tirer. Nous ne pouvons pas nous éterniser sur ces sortes d'abord. Faites-moi un peu confiance pour ce qui est de ce travail de sens, et si je vous apporte ici, quand je choisis *Verwerfung* pour me faire comprendre, c'est que justement le fruit de ce mûrissement et de ce travail m'y conduit, prenez au moins pour un temps mon « miel » tel que je vous l'offre, tâchez d'en faire quelque chose.

Cette *Verwerfung* qu'il faut concevoir comme c'est impliqué dans ce texte de la *Verneinung*, comme absolument capital, qui a été commenté ici il y a deux ans par M. Jean HIPPOLYTE, et dont ce commentaire donne, je crois, la meilleure compréhension. Et c'est pour cela que j'ai choisi pour le publier le premier numéro de la dite revue qui va sortir, parce que là vous pourrez voir, texte en main, si oui au non nous avons raison, HYPPOLITE et moi, de nous engager dans cette voie de la *Verneinung*.

À mon avis ce texte est incontestablement éclatant. Mais je crois que c'est loin d'être satisfaisant. Ça confond tout, car ça n'a rien à faire avec une *Verdrängung*, il implique bien cette *Verwerfung*, *ce rejet d'une partie d'un signifiant primordial*, sans aucun doute essentiel pour le sujet déterminé, pour chaque sujet, pour un sujet particulier, *ce rejet d'une partie du signifiant* dans les ténèbres extérieures, dans quelque chose qui va manquer à ce niveau-là, qui devra être reconquis ensuite par une voie qui n'est pas la voie ordinaire et qui caractérise le mécanisme fondamental que je suppose, où je veux vous conduire comme étant à la base de la paranoïa.

Processus primordial d'*exclusion d'un dedans primitif* qui n'est pas le dedans du corps, qui est un *premier corps de signifiant*, qui est une première position d'un certain système signifiant, comme étant celui qui est supposé primordial et indispensable. C'est de cela qu'il s'agit quand je parle de *Verwerfung*.

C'est à l'intérieur de ce premier choix de signifiant que, si nous suivons le texte de la *Verneinung*, est supposé par FREUD se constituer le monde de la réalité, c'est à l'intérieur d'un monde déjà ponctué, déjà structuré en termes de signifiant, que va se faire tout ce jeu du rapprochement de la représentation avec des objets. C'est-à-dire des objets déjà constitués où FREUD va décrire la première appréhension de la réalité par le sujet, le « *jugement d'existence* » [Bejahung] autrement dit.

À savoir : ceci n'est pas simplement mon rêve ou mon hallucination ou ma représentation, mais un objet, quelque chose où FREUD voit - c'est FREUD qui parle ici, ce n'est pas moi - cette mise à l'épreuve de l'extérieur

par l'intérieur, cette constitution de la réalité du sujet dans *une retrouvaille de l'objet* que le sujet appelle, « *désir d'objet* », comme étant toujours l'objet retrouvé dans une quête, et dont d'ailleurs on ne retrouve jamais le même objet.

Cette dialectique, la reconstitution de la réalité si essentielle pour l'explication de tous les mécanismes de répétition, s'inscrit sur la base d'une première bi-répartition qui recouvre curieusement certains mythes primitifs du signifiant entre le signifiant qui a été appréhendé et le signifiant qui a été radicalement rejeté, donc de quelque chose

de primordialement boiteux qui a été introduit dans cet accès du sujet à la réalité en tant qu'humaine.

C'est cela qui est supposé par cette singulière antériorité que dans la *Verneinung* FREUD donne à ce qu'il explique analogiquement comme *un jugement d'attribution* par rapport à *un jugement d'existence*. Il y a une première division

du bon et du mauvais qui ne peut se concevoir dans la dialectique de FREUD, que si nous la supposons et l'interprétons comme *un rejet d'une partie d'un signifiant primordial*. Qu'est-ce que veut dire le *signifiant primordial* ?

Dans cette occasion il est tout à fait clair bien entendu que ça ne veut rien dire très exactement, et que tout ce que je vous explique là a tous les caractères du mythe - que je me sentais tout prêt à vous glisser à cette occasion - que M. Marcel GRIAULE vous a rapporté l'année dernière : la division en quatre du placenta primitif. Le premier cas est le renard qui arrache sa part de placenta et qui, introduisant un déséquilibre originel et fondamental du système, introduit tout le cycle qui va intéresser la division des champs, les liens de parenté, etc.

Nous sommes dans le mythe et ce que je vous raconte c'est aussi un mythe bien entendu, car je ne crois nullement que nulle part il y ait un moment, une étape, où le sujet :

- acquiert d'abord le signifiant, ce signifiant primitif au sens où là je vous l'indique,
- et puis qu'après cela s'y introduise le jeu des significations,
- et puis qu'après cela, *ce signifiant et la signification*, s'étant donné le bras nous entrons dans *le domaine du discours*.

Il y a, partant là, une espèce de nécessité de représentation qui est tellement nécessaire que je suis assez à l'aise pour le faire, ce n'est pas simplement pour satisfaire vos exigences, c'est parce que FREUD lui-même va aussi dans ce sens, mais il faut voir comment.

Il y a une lettre à FLIESS qui est la *lettre 52*. Dans la *lettre 52*, FREUD reprenant le circuit de ce qu'on peut appeler l'appareil psychique, pas de n'importe quel appareil psychique...

pas de l'appareil psychique tel que le conçoit un professeur derrière une table et devant un tableau noir, et qui vous donne modestement un modèle, c'est-à-dire quelque chose qui, à tout prendre, a l'air de pouvoir marcher. Ça marche ou ça ne marche pas, peu importe ! L'important c'est d'avoir dit quelque chose qui sommairement paraît ressembler à ce qu'on appelle la réalité.

...il s'agit pour FREUD de l'appareil psychique de ses malades.

Et c'est pour cela que ça l'introduit à cette espèce de fécondité vraiment fulgurante qui est celle que plus encore que partout dans aucune de ses œuvres, on voit dans cette fameuse lettre à FLIESS, qui nous a été livrée par l'intermédiaire de quelque main fidèle, pour aboutir entre mes mains, plus ou moins testamentaire ou testimoniale

et nous a été livrée je dois dire avec une série de coupures et d'expurgations dont - quelle que soit la justification -

il peut vraiment apparaître à tout lecteur qu'elles sont strictement scandaleuses, car rien dans cette *lettre 52* - vous voyez à quel moment le texte est coupé - rien ne peut justifier qu'un texte soit coupé au point précis où un complément, même s'il est considéré comme caduc ou plus faible, nous éclairerait sur la pensée et la recherche de FREUD lui-même.

Qu'est-ce que FREUD dit dans cette *lettre 52* ? D'abord il y a une chose claire, c'est que la chose qu'il cherche à expliquer ce n'est pas n'importe quel état psychique : la chose qui l'intéresse...

- parce que c'est de là qu'il est parti,
- parce qu'il n'y a que cela qui est accessible et qui se révèle comme fécond dans l'expérience de la cure,

...ce sont des phénomènes de mémoire, c'est cela qu'il s'agit d'expliquer. Le schéma de l'appareil psychique dans FREUD, c'est fait pour expliquer des phénomènes de mémoire, c'est-à-dire ce qui ne va pas.

Ce n'est pas si simple en soi. Il ne faut pas croire que les théories de la mémoire qui ont été données, toujours en elles-mêmes, soient quelque chose de particulièrement satisfaisant.

Les psychologues l'ont abordé et ont fait des choses sensées, ont trouvé dans des expériences qui valent, des discordances singulières. Ce n'est pas parce que vous êtes psychanalystes que vous êtes dispensé de lire les travaux des psychologues. Par exemple vous verrez l'embarras, la peine, les tortillements que se donnent les psychologues pour essayer d'expliquer le phénomène de la réminiscence. Ce sont des phénomènes de mémoire.

Il y a autre chose qui sort de toute l'expérience freudienne, c'est que cette mémoire, la mémoire qui nous intéresse nous psychanalystes, c'est une mémoire qui est absolument distincte de ce dont par exemple les psychologues parlent quand ils nous montrent le mécanisme de la mémoire chez l'être animé en proie à l'expérience.

Je vais illustrer ce que je veux dire. Vous avez une pieuvre - qui est le plus bel animal qui soit, il a joué un rôle fondamental dans *les civilisations méditerranéennes*, de nos jours on le pêche très facilement - on la met au fond d'un petit bocal, on y introduit en particulier des électrodes et on voit ce que la pieuvre va en faire. Elle avance ses membres et il en résulte quelque chose de fulgurant qui fait qu'elle les retire extrêmement vite. Nous apercevons que très vite la pieuvre se méfie, alors nous disséquons la pieuvre et nous nous apercevons dans ce qui lui sert de cerveau une espèce de nerf considérable, pas simplement d'aspect, mais considérable par le diamètre des neurones tels qu'on peut les regarder au microscope.

Et nous nous apercevons que c'est cela qui lui sert de mémoire, c'est-à-dire que si on le coupe, l'appréhension de l'expérience va beaucoup moins bien. C'est-à-dire que la mémoire de l'expérience, le fait que ce soit la section d'une voie de communication qui provoque une altération dans les enregistrements de la mémoire, est de nature

de nos jours à nous faire penser que la mémoire chez la pieuvre fonctionne peut-être comme une petite machine. À savoir que c'est quelque chose qui tourne en rond, en quoi je ne suis pas en train de vous distinguer l'homme tellement de l'animal, car ce que je vous enseigne, c'est que la mémoire aussi chez l'homme est quelque chose qui tourne en rond, seulement c'est *constitué en messages*. [Cf. le futur « *graphe du désir* », séminaire 1957-58]

Ce que j'appelle être « constitué en messages », veut dire que c'est une succession de petits signes, de + ou -, qui s'enfoncent « à la queue leu-leu », et qui tournent là comme sur la place de l'Opéra les petites lumières électriques s'allument et s'éteignent, ça tourne indéfiniment. La mémoire humaine c'est cela. Seulement c'est une vérité complètement inaccessible à l'expérience. Le propre de la mémoire telle que FREUD l'appréhende, c'est ceci,

le processus primaire, le principe du plaisir ça veut dire que la mémoire psychanalytique dont FREUD parle, ce n'est pas n'importe quelle mémoire, c'est justement quelque chose de complètement inaccessible à l'expérience.

Je vous demande autrement ce que ça peut vouloir dire que par exemple les désirs dans l'inconscient ne s'éteignent jamais, parce que ceux qui s'éteignent par définition on n'en parle plus ? Cela veut dire qu'il y en a qui ne s'éteignent jamais, c'est-à-dire qu'il y a des choses qui continuent à circuler dans la mémoire et qui font que - au nom du *principe*

de plaisir - l'être humain recommence indéfiniment les mêmes expériences, douloureuses dans certains cas, précisément dans les cas où les choses se sont connotées dans la mémoire de façon telle qu'elles nous viennent sous le jour et sous l'aspect de ce qui persiste dans l'inconscient. Si ce que je dis là n'est pas la simple articulation

de ce que, en principe, vous savez déjà, mais qui est bien entendu ce que vous savez *comme si vous ne le saviez pas*,

je me demande ce que c'est d'autre, simplement j'essaie non seulement que vous le sachiez, même que vous reconnaissiez que vous le savez. Autre chose aussi est tout à fait clair dans ce texte, c'est que le processus de défense n'est pas un processus en tant qu'il intéresse la pensée analytique, c'est quelque chose de tout autre.

C'est le passage de quelque chose qui est un processus de mémoire au sens où nous avons bien limité le champ d'un registre dans un autre, car en fin de compte à partir du moment où la mémoire n'est pas quelque chose qui se situe dans une sorte de continu de la réaction à la réalité considérée comme source d'excitation,

mais où c'est quelque chose d'autre, il faut en être pleinement conscient, et ce qui est tout à fait frappant, c'est que nous nous donnions tellement de mal alors que FREUD ne parle que de cela : désordre, restriction, enregistrement, ne sont pas simplement les termes de cette lettre, il dit très exactement que c'est de cela qu'il s'agit.

Ce qu'il y a d'essentiellement neuf dans sa théorie, c'est l'affirmation que la mémoire n'est pas simple, elle est enregistrée en diverses façons. Quels sont alors ces divers registres ? C'est là que la [lettre 52](#) apporte de l'eau

à mon moulin, je le regrette parce que vous allez vous précipiter sur cette lettre et vous allez vous dire : oui, c'est comme cela dans cette lettre, mais dans la lettre voisine ça ne l'est pas, et vous n'allez pas voir que dans la réalité c'est dans toutes les lettres, dans l'âme même du développement de la pensée freudienne, que s'il n'y a pas cela à la base, une foule de choses ne seraient pas explicables, qu'il serait devenu *jungien* par exemple.

Alors, la suite de ces registres qu'est-ce que c'est ? Vous allez voir apparaître *quelque chose* que vous n'avez jamais vu, parce que jusqu'à présent pour vous il y a : *l'inconscient, le préconscient et le conscient*. On sait depuis longtemps comment les choses se passent, l'accès par ce système de la conscience où c'est un élément essentiel de la pensée de FREUD, que le phénomène de conscience et le phénomène de mémoire s'excluent, cela il l'a formulé, pas seulement dans cette lettre, il l'a formulé dans son système de procès de l'appareil psychique qu'il donne à la fin de *La Science des rêves*.

Il le prend à la fois comme une vérité, on ne peut pas dire absolument expérimentale, comme une nécessité qui s'impose à lui par le maniement de la totalité du système, et en même temps on sent bien qu'il y a là un premier

a priori signifiant de sa pensée, en tout cas je ne m'attarderai pas à pleinement élucider jusqu'où va cette affirmation, elle est fondamentale.

Premièrement, si nous prenons le circuit de l'appréhension psychique, il y a la perception, et cette perception qui implique parce que nous l'appelons perception, la conscience, c'est quelque chose qui, comme tel pour FREUD dans son système, implique que ce doit être comme il nous le montre dans la fameuse métaphore du « [bloc magique](#) »

fait d'une sorte de substance plus au moins ardoisée sur laquelle il y a une lame de papier transparent : vous écrivez sur la lame de papier, et quand vous soulevez il n'y a plus rien, elle est toujours vierge, par contre tout ce que

vous avez écrit dessus reparaît en surcharge sur la surface légèrement adhérente qui a permis l'inscription de ce que vous écrivez, par le fait que le papier là où la pointe de votre crayon marque, fait coller ce papier à ce fond qui apparaît momentanément comme en le noircissant légèrement.

C'est là, vous le savez, la métaphore fondamentale par où FREUD explique ce qu'il conçoit du mécanisme du jeu de la perception dans ses relations avec la mémoire. Quelle mémoire ? La mémoire qui l'intéresse. Alors dans cette mémoire qui l'intéresse il va y avoir deux zones : celle de l'inconscient et celle du préconscient. Et après le préconscient on voit surgir une conscience achevée qui ne saurait être qu'une conscience articulée.

Ce que je veux faire remarquer, c'est que *les nécessités de sa propre conception des choses* se manifestent en ce que, entre :

- la *Verneinung* essentiellement fugitive, disparue aussitôt qu'apparue,
- et la constitution de ce qu'il appelle « *le système de la conscience* », et même déjà « *l'ego* », et même déjà il l'appelle déjà « *l'ego officiel* », et « *officiel* » en allemand veut bien dire « *officiel* » en français, dans le dictionnaire
- il n'est même pas traduit, on renvoie à ce qui regarde les préposés,

...alors entre les deux il y a les *Niederschrift*.

Il y en a trois et c'est là ce qui est intéressant dans le témoignage que nous donne cette lettre, *l'élaboration* par FREUD de cette première appréhension de ce que peut être la mémoire dans son fonctionnement analytique :

- au centre il y a bien entendu le système de l'*Unbewust* qui est même appelé là une *Unbewusstsein*,
- et puis le système du *Vorbewust* est à part de la perception, ça va là à l'*Unbewust* et au *Vorbewusstsein*.

Vous voyez, il manque quelque chose ! De quoi s'agit-il dans ce texte ?

Tout au moins il s'agit de partir réellement, c'est-à-dire que d'abord nous donnons son sens à tout cela.

Il faut bien comprendre que contrairement à l'ordre de ce que je vous ai exposé tout à l'heure, et bien que FREUD donne ici des recoupements chronologiques, qu'il dise qu'il nous faut admettre qu'il y a des systèmes qui se constituent par exemple :

- ici entre 0 et 1 an et demi,
- après cela 1 an et demi - 4 ans,
- et après 4 ans - 8 ans,
- et après cela au-delà de 15 ans.

...malgré qu'il nous donne ces connotations, et qu'il nous dise que ça réponde à quelque chose qu'il faut aller chercher dans ces périodes le matériel des registres, etc., nous n'avons pas à penser, pas plus que je vous le disais tout à l'heure, que ces registres se constituent successivement. Pourquoi les distingue-t-on et comment nous apparaissent-ils ?

Ils nous apparaissent dans le phénomène psychanalytique pour ne pas dire pathologique, et en ceci que *le système de la défense* consiste à ce qu'il ne réapparaisse pas dans un système de la mémoire des choses qui ne nous font pas plaisir. Donc nous sommes là *dans l'économie officielle*, et c'est *dans l'économie officielle* qu'il s'agit que nous ne nous rappelions pas de ce qui ne nous plaît pas. Et ceci veut simplement dire qu'il s'agit de ne pas se rappeler des choses qui ne nous font pas plaisir, et que ceci est tout à fait normal, appelons ceci défense.

Ce n'est pas *pathologique* que je ne m'en souviens pas ! C'est même essentiellement ce qu'il faut faire : oublions les choses qui nous sont désagréables, nous ne pouvons qu'y gagner. La notion de défense qui ne part pas de là, fausse déjà toute la question qui est intéressante, et ce qui donne à ce terme de défense *son caractère pathologique* c'est qu'il va se produire autour de la fameuse *régression affective*, la *régression topique*, une *défense pathologique* : quand ce qui a été repoussé, exclu normalement dans un de ces systèmes de registration, dans un de ces discours du sujet - ça ne peut pas avoir d'autre sens - *la défense est pathologique* quand elle se traduit d'une façon immatrisée, parce que ce qui a été censuré, tout à fait à juste titre dans le discours, au bon niveau, est passé dans un autre registre, et que dans cet autre registre il se traduit un certain nombre de phénomènes qui n'ont plus donc le droit au titre de défense que du fait qu'ils ont des retentissements sur tout le système et des retentissements qui par eux-mêmes sont injustifiables, parce que ce qui vaut dans un système ne vaut pas dans un autre, et que c'est en quelque sorte de cette confusion des mécanismes que ressort tout le désordre, c'est à partir de là que nous parlons de *système de défense pathologique*.

Mais que veut dire ceci ?

Pour le comprendre nous allons partir du phénomène le mieux connu, de celui dont FREUD est toujours parti, de celui qui explique l'existence du *système Unbewusstsein*.

Pour le système *Unbewusstsein*, ici le mécanisme de la régression topique est tout à fait clair au niveau d'un discours achevé, celui qui est le discours de l'« officiel *ego* », il y a dans l'ensemble cette sorte de superposition d'accord,

de cohérence entre le discours, le signifiant et ce qui est signifié, c'est-à-dire les intentions, les gémissements, l'obscurité,

la confusion dans laquelle nous vivons tous, et qui nous est habituelle, et grâce à laquelle nous avons toujours ce sentiment de discordance quand nous exposons quelque chose, *de ne jamais être tout à fait à ce que nous voulons dire*.

C'est cela la réalité du discours, ça consiste dans ce jeu, qu'en fin de compte, quand même, nous savons bien que le *signifié* est assez pris dans notre *discours* suffisamment pour notre usage de tous les jours.

Quand nous voulons faire un peu mieux - c'est-à-dire aller à la vérité - nous sommes en plein désaccord à juste titre.

Et c'est pour cela d'ailleurs que la plupart du temps nous abandonnons la partie, mais il y a un rapport entre la *signification* et le *signifiant* qui est justement celui qui est fourni par la structure du discours.

Alors pour ce qui se passe au niveau de *l'inconscient*, c'est que tout ce qui se passe au niveau des névroses qui nous ont fait découvrir

- le domaine de *l'inconscient freudien* en tant que registre de *mémoire*, qui consiste en ce que au niveau du discours, c'est-à-dire à ce que vous entendez quand vous m'écoutez et qui est quand même quelque chose qui existe même plus que ce que je peux vous dire, puisqu'il y a de nombreuses fois où vous ne comprenez pas, donc ça existe,

- *et ce discours en tant que chaîne temporelle signifiante, une névrose consiste en ce qu'au lieu de se servir des mots, le bonhomme se sert de tout ce qui est à sa disposition*, il vide ses poches, il retourne son pantalon, il y met ses fonctions, ses inhibitions, il y entre tout entier, il s'en couvre lui-même dans le cas du signifiant, *c'est lui qui devient le signifiant, c'est son réel ou son imaginaire qui entre dans le discours*,

...si les névroses ne sont pas cela, si ce n'est pas cela que FREUD a enseigné, j'y renonce.

Donc là, c'est tout à fait clair et ça définit parfaitement le champ hystérique et des névroses obsessionnelles.

Ce qui se passe ailleurs, dans un champ :

- qui est le champ qui nous surprend,
- qui est le champ problématique,
- qui est le champ où apparaissent essentiellement les phénomènes de la *Verneinung*,

...c'est quelque chose qui traditionnellement, toujours par FREUD, a été situé au niveau du [...].

Ici il traduit des choses qui doivent venir elles aussi de quelque part, d'une chute de niveau, d'un passage quelque part d'un registre dans un autre, et ici curieusement, singulièrement elle se manifeste avec le caractère du nié, du désavoué, du passé comme n'étant pas existence.

Nous avons tout au moins la notion que quelque chose de tout autre est utilisé, des propriétés du langage, d'une propriété qui sans aucun doute nous apparaît comme très première, puisque *le langage est le symbole* comme tel,

et connotation de la présence et de l'absence, il l'est en tant que matériel signifiant. Mais ça n'épuise pas la question de la fonction de la négation à l'intérieur du langage, car c'est dans ce cas que gît leur *duplicité* :

- au moment où on vous le dit loin, parce que pour l'instant il est là,
- au moment où vous le rappelez, c'est parce que justement il est parti.

Ici bien entendu nous avons cette fondamentale relation à *la négation* de ce qui est là, mais autre chose est son articulation cohérente dans *la négation*, il y a là quelque chose qui pose en lui-même son problème, et tout le problème est peut-être dans cette espèce d'illusion de privation qui naît de l'usage commun répandu qui est le premier usage de *la négation*. Toutes les langues comportent toute une gamme de négations possibles, et certainement importantes, qui vaudraient une étude spéciale : la négation en français, la négation en chinois, etc.

L'important c'est que ce qui paraît être *une simplification* dans le discours, recèle une dynamique, mais que cette dynamique nous échappe, qu'elle est secrète. Que le degré d'illusion qu'il y a dans le fait qu'une *Verneinung*,

c'est simplement constater l'accent qu'il y a à propos de quelque chose qui apparaît par exemple dans un rêve : « *Ce n'est pas mon père* », en tout cas chacun sait ce qu'en vaut l'autre, le sujet qui vous dit cela accuse le coup, et dit : nous sommes habitués à le prendre comme tel, que c'est là son père, et comme nous sommes contents, nous n'allons pas plus loin.

Il n'en est pas moins frappant que ce qui est là une sorte d'aveuglement, une difficulté d'interprétation, le sujet vous dit : « *Je n'ai pas envie de vous dire une chose désagréable* ». Là c'est tout à fait autre chose, il le dit tout à fait gentiment bien entendu. Tout le monde aussi est habitué à considérer qu'il y a là une dynamique dans l'immédiateté qui est sensible, qu'il est en train effectivement de dire quelque chose de désagréable.

C'est parce que nous le ressentons que nous nous éveillons au mystère que peut représenter cette illusion de privation, il y a ce que KANT a appelé une *grandeur négative* dans sa fonction, non pas seulement de privation, mais dans sa fonction de positivité véritable de soustraction.

La question de la *Verneinung* reste, toute entière, non résolue, l'important c'est de nous apercevoir que FREUD n'a pu la concevoir - et c'est là l'importance du texte sur la *Verneinung* - qu'en la mettant en relation avec *quelque chose de plus primitif* de la *Verdrängung* telle que je vous l'ai exposée tout à l'heure, c'est-à-dire d'admettre formellement - et il le fait dans cette lettre - l'existence ici pour que puisse avoir lieu le développement de *ces premiers nœuds de signification*, qui seront ceux auxquels se reportera le refoulement dans sa fonction significative, il faut qu'il admette

que la *Verneinung* primordiale comporte une première mise en signes *Wahrnehmungszeichen*, c'est-à-dire qu'il admet l'existence de ce champ que je vous appelle le champ du signifiant primordial.

Tout ce qu'il va dire ensuite dans cette lettre comportant la dynamique des trois grandes *neuro-psychoses* auxquelles

il s'attache : *hystérie, névrose obsessionnelle, paranoïa*, cela suppose et impose l'existence de cet état, de ce stade primordial qui est le lieu élu de ce que je vous appelle la *Verwerfung*. Il l'admet formellement dans la *lettre 52*.

Pour le comprendre vous n'avez qu'à vous reporter à ce dont FREUD fait constamment état, c'est-à-dire que toute historisation, si primitive soit-elle, c'est-à-dire toute organisation en système mnésique, c'est-à-dire qu'il faut supposer toujours une organisation qui est déjà une organisation au moins partielle de langage dans l'antériorité pour que le langage puisse fonctionner.

Et tout ce qui passe dans l'ordre de la mémoire est toujours, dans ces phénomènes de mémoire auxquels FREUD s'intéresse, phénomènes de langage. Qu'en d'autres termes il faut déjà avoir le matériel signifiant pour faire signifier quoi que ce soit. Qu'en d'autres termes ce que FREUD fait entrer en ligne de compte - par exemple dans le cas de *L'homme aux loups* - dans *L'homme aux loups* il est admis :

- que l'impression primitive est restée là pendant des années, ne servant à rien, et que partant elle est déjà signifiante,
- que c'est au moment où elle a à dire son mot dans l'histoire du sujet reconstruite, c'est-à-dire où elle ne joue pas à titre de *refoulement*, où elle intervient dans la construction si difficile à ressaisir des expériences du sujet entre un an et demi et quatre ans,

...et c'est justement un peu avant qu'avec toutes les précisions historiques qu'y apporte FREUD, l'enfant a vu la fameuse scène primordiale, le signifiant est donné primitivement, il n'est rien tant que le sujet ne le fait pas entrer dans son histoire, dans une histoire qui prend son importance entre 1 an et demi et 4 ans et demi, non pas parce que le *désir sexuel* serait moins là qu'un autre, *parce que le désir sexuel est ce qui sert à un homme à s'historier pour autant que c'est au niveau du désir sexuel que s'introduit pour la première fois et sous toutes ses formes, la loi*.

Vous voyez donc l'ensemble de l'économie de ce que nous apporte FREUD, avec *ce simple schéma de cette petite lettre*. Ceci est confirmé par mille autres textes, dans un texte que l'un d'entre vous...

que je louais d'apporter la contradiction autour de ce qui est en train ici d'essayer d'être élaboré ...me faisait remarquer, que par exemple à la fin du texte du fétichisme, on peut très bien voir aussi là quelque chose qui se rapporte très directement à ce que je viens de vous expliquer. Il y apporte une révision essentielle à la distinction qu'il a faite des *névroses* et des *psychoses*, en disant que dans les psychoses c'est la réalité qui est remaniée, qu'une partie de la réalité est supprimée.

Et là il dit des phrases extrêmement frappantes, il dit que la réalité n'est jamais véritablement scotomisée. Il distingue deux choses qui se rapportent très précisément au sujet dont nous parlons, c'est-à-dire que les fonctions peuvent être là présentes, prêtes à s'exprimer, prêtes à surgir du désir manifeste qui est en relation avec cette réalité, bien loin que la réalité soit trouée, mais que c'est dit-il, la vraie idée qui manque dans le cas de la psychose.

Que c'est en fin de compte à *une déficience du symbolique* qu'il se rapporte, même si dans le texte allemand dont je vous parle, c'est le terme de *réalité* qui reste, terme qui est utilisé pour la part oubliée dans la psychose, je veux dire qu'il manque dans la psychose, car vous le verrez d'après le contexte, se révèle expressément, ne peut vouloir dire justement qu'*un manque, un trou, une déficience du symbolique*.

Aussi bien n'avez-vous pas vu que le phénomène primordial, quand je vous montre des cas concrets, des patients, des gens qui commencent à nager dans la psychose, qu'est-ce que c'est ? Je vous en ai montré un qui croyait avoir reçu une invite d'un personnage qui était devenu l'ami, le point d'attache essentiel de son existence. Ce personnage se retire, dit-il, et il le montre dans son histoire, simplement dans cette perplexité liée à un corrélatif de certitude qui est ce par quoi s'annonce, l'entrée, l'abord, de ce que j'appelais tout à l'heure le champ interdit dont l'approche constitue par elle-même l'entrée dans la psychose. Comment y entre-t-on ?

Comment le sujet est-il amené, non pas à s'aliéner dans le *petit autre* dans son semblable, mais à devenir

ce quelque chose qui, de l'intérieur du champ où rien ne peut se dire, fait appel à tout le reste, au champ de tout ce qui peut se dire.

C'est-à-dire qu'il évoque tout ce que vous voyez manifesté dans le cas du Président SCHREBER, à savoir ces phénomènes que j'ai appelés « *de frange* », au niveau de la réalité qui s'organise d'une façon qui est nettement lisible : dans *l'ordre imaginaire*, et qui l'aide bien, qui est devenu significatif pour le sujet, c'est le rapport au signifiant de la relation érotique que le désir fondamental de la psychose, que ce à quoi qui fait que le sujet, leurs délires ils les aiment les psychotiques, comme ils s'aiment eux-mêmes.

À ce moment-là il n'a pas fait « *le narcissisme* », il touche du doigt quelque chose, il ajoute d'ailleurs très rapidement que c'est là que gît le mystère, celui même dont il s'agit. La question est là : *qu'est-ce que ce rapport, dans lequel le sujet entre...*

qui est toujours signalé de quelque façon par les phénomènes eux-mêmes dans la psychose
...ce rapport du sujet au signifiant, cette sorte de rapport du sujet vivant au domaine du signifiant ?
Quelles sont les frontières de l'expérience qui font que le sujet tout entier verse dans cette problématique ?

C'est là la question que nous nous posons cette année, et c'est là aussi la question où j'espère que je vous ferai faire avant les grandes vacances, quelques pas supplémentaires.

Nous allons reprendre notre propos un petit peu en arrière. Je vous rappelle que nous en sommes arrivés au point où, par l'analyse - au sens courant du mot - du texte de SCHREBER nous avons mis de plus en plus fortement l'accent sur l'importance des phénomènes de langage dans l'économie de la psychose. C'est dans ce sens qu'on peut parler de « *structures freudiennes des psychoses* ».

Mais la question présente est : quelle fonction ont, dans les psychoses, ces phénomènes de langage qui y apparaissent si fréquemment ? Il serait bien surprenant que...

si vraiment l'analyse est ce que nous disons ici, à savoir si étroitement liée aux phénomènes du langage en général, et à l'acte de la parole

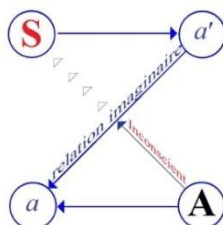
...il serait très surprenant qu'elle ne nous apporte pas une façon d'apercevoir l'économie du langage dans la psychose d'une façon qui ne soit pas absolument la même que celle dont on le comprenait dans l'abord classique, celui qui ne pouvait faire mieux que de se référer à des théories psychologiques classiques, le langage et ses différents niveaux.

Nous sommes arrivés à quelque chose...

pour se référer à notre schéma fondamental de la communication analytique ...qui se révèle au sujet **S** qui est en même temps ce **S** où le **I** doit devenir **S** à l'*Autre*, qui est ce qu'essentiellement

la parole du sujet doit atteindre, puisqu'il est aussi ce dans quoi ce message doit lui venir, puisque c'est bien la réponse de l'Autre qui est essentielle à la parole, à la fonction fondatrice de la parole.

Entre **S** et **A**, la parole fondamentale que doit révéler l'analyse, nous avons le détour, où la dérivation, où le circuit *imaginaire* qui vient résister au passage de cette *parole*, sous la forme de ce passage par ce **a** et ce **a'** qui sont les pôles *imaginaires* du sujet. Ce [**a** et **a'**] qui est suffisamment indiqué par *la relation dite spéculaire*, celle du *stade du miroir*.



Ce [**a** et **a'**] par quoi le sujet dans sa corporéité, dans sa multiplicité, dans son morcellement naturel, qui est en **a'**, qui est l'organisme, et qui se réfère à cette *unité imaginaire* qui est le *moi*, c'est-à-dire ce **a**, où il se connaît, où il se *méconnaît* aussi, et qui est ce dont il parle - il ne sait pas à qui, puisqu'il ne sait pas non plus qui parle en lui - qui est donc ce dont il est parlé en **a'**.

Quand le sujet commence l'analyse - comme je le disais schématiquement dans les temps archaïques des séminaires - le sujet commence par parler de lui. Quand il aura parlé de lui - qui aura sensiblement changé dans l'intervalle - à vous, nous serons arrivés à la fin de l'analyse. Qu'est-ce que cela veut dire ? Je n'ai pas ici à m'étendre sur ce sujet.

Cela veut dire que l'absence de l'analyste en tant que *moi*, car l'analyste si nous le plaçons maintenant dans ce schéma, qui est le *schéma de la parole du sujet*, nous pouvons dire qu'ici l'analyste est quelque part en **A**, et que, la position étant strictement inversée, nous avons ici le **a'**, là où l'analyste pourrait parler, pourrait répondre au sujet, s'il entre dans son jeu, s'il entre dans le couplage de la résistance, s'il fait justement ce qu'on lui apprend à ne pas faire, ce qu'on essaie tout au moins de lui apprendre à ne pas faire, c'est là donc lui qui serait en **a'**.

C'est ici, c'est-à-dire dans le sujet, qu'il se verrait de la façon la plus naturelle, c'est à savoir : s'il n'est pas analysé.

Cela arrive de temps en temps... Je dirai même que d'un certain côté l'analyste n'est jamais complètement analyste, pour la simple raison qu'il est homme, c'est-à-dire qu'il participe lui aussi aux mécanismes imaginaires qui font obstacle au passage de la parole du sujet [S - A].

C'est très précisément en tant qu'il saura :

- ne pas s'identifier au sujet,
- ne pas entrer dans la capture imaginaire,
- c'est-à-dire ici être assez mort pour ne pas être pris dans cette relation imaginaire

...que là il saura - à l'endroit où sa parole est toujours sollicitée d'intervenir - ne pas intervenir...

assez pour ne pas permettre cette progressive migration de l'image du sujet en S, vers ce quelque chose qui est le S, la *Chose* à révéler, la *Chose* aussi qui n'a pas de nom, qui ne peut trouver son nom

...justement, pour autant que le circuit de la migration s'achevant directement de S vers A, c'est ce qui était sous le discours du sujet, c'est ce que le sujet avait à dire à travers son faux discours qui finira par s'achever et trouver ici un passage, d'autant plus facilement que l'économie aura été progressivement amenuisée de cette *relation imaginaire*.

Je vais vite, je ne suis pas ici pour refaire toute la théorie du dialogue analytique, mais simplement pour vous indiquer que le mot, que cette *parole*...

avec l'accent que comporte la notion du « *mot* » comme solution d'une énigme, comme solution d'un problème, comme fonction problématique

...se situe là, dans l'Autre. C'est toujours par l'intermédiaire de l'Autre que se réalise toute *parole pleine*, toujours dans le « *tu es...* » que le sujet se situe et se reconnaît lui-même.

La notion à laquelle nous sommes arrivés en analysant la structure du délire de SCHREBER, au moment où il s'est constitué, je veux dire au moment où à la fois *le système* corrélatif qui lie le *moi* à cet *autre imaginaire*, à cet étrange Dieu auquel SCHREBER a affaire, ce Dieu :

- qui ne comprend rien,
- qui le méconnaît,
- qui ne répond pas,
- qui est ambigu,
- qui le trompe,

...système donc où s'est achevé son délire, corrélativement à une sorte de précipitation, de localisation, je dirai, très précisément des phénomènes hallucinatoires, nous a fait aboutir, tout au moins voisiner avec la notion qu'il y a quelque chose qu'on peut, dans la psychose, reconnaître et qualifier comme une *exclusion* de cet *Autre* au sens où l'*être* s'y réalise dans cet aveu de *la parole*.

Que *les phénomènes* dont il s'agit dans *l'hallucination verbale*...

- ces phénomènes qui dans leur structure même, manifestent la relation d'écho intérieur où le sujet est par rapport à son propre discours,
- ces phénomènes *hallucinatoires* qui arrivent à devenir de plus en plus - comme s'exprime le sujet - « *insensés* » comme on dit, « *purement verbaux* », vidés de sens, faits de serinages divers, de ritournelles sans objet,

...ils nous donnent le sentiment que la structure qui est à rechercher est précisément dirigée vers ceci : qu'est-ce que c'est que *ce rapport spécial à la parole* ?

Qu'est-ce qui manque pour que :

- le sujet puisse en quelque sorte arriver à être nécessité dans *la construction de tout ce monde imaginaire*,
- en même temps que de l'intérieur de lui-même il subit une sorte *d'automatisme*, à proprement parler, de la fonction du discours qui devient pour lui non seulement quelque chose d'envahissant, de parasitaire, mais quelque chose dont la présence devient en quelque sorte pour lui ce à quoi il est suspendu.

C'est là que nous en sommes arrivés. Et je dois dire qu'ici, pour faire un pas de plus, nous devons, comme il arrive souvent, faire d'abord un pas en arrière. Que le sujet, en somme, ne puisse dans la psychose se reconstituer que dans ce que j'ai appelé *l'allusion imaginaire*, ceci à propos d'autres phénomènes que je vous ai montrés « *in vivo* » dans une présentation de malade. C'est le point précis où nous en arrivons.

Et c'est de la relation de cette constitution du sujet dans la pure et simple *allusion imaginaire* - celle qui ne peut jamais aboutir - qu'est le problème, c'est-à-dire le pas que nous devons faire pour essayer de le faire avancer. Jusqu'à présent on s'en est contenté. L'*allusion imaginaire* paraissait très significative. On y retrouvait tout le matériel, tous les éléments de l'inconscient. On ne semble s'être jamais, à proprement parler, demandé ce que signifiait, au point de vue économique, le fait que cette allusion en elle-même n'eut aucun pouvoir résolutif.

Et comme tout de même on y a insisté...

mais en y mettant comme une espèce de mystère, et je dirai presque, avec le progrès du temps, en s'efforçant d'effacer les différences radicales qu'il y a dans *cette structure par rapport à la structure des névroses*

...à Strasbourg, on m'a posé les mêmes questions qu'à Vienne.

Des gens qui paraissaient assez sensibles à certaines perspectives que j'avais abordées, finissaient par me dire :

- « *Comment opérez-vous dans les psychoses ?* ».

Comme s'il n'y avait pas assez à faire quand on a affaire à des auditoires aussi peu préparés que ceux-là, et de mettre l'accent sur le *b-a-ba* de la technique. Et je répondais :

- « *La question est un petit peu en train. Il faudra essayer de trouver quelques repères essentiels, avant de parler de la technique, voire de la recette psychothérapique.* »

On insistait encore :

- « *On ne peut quand même pas ne pas faire quelque chose pour eux !* »
- « *Mais oui. Mais attendons pour en parler que certaines choses soient dégagées.* »

Avant de faire ce pas, je voudrais tout de même...

puisqu'en quelque sorte le caractère fascinant de ces phénomènes de langage dans la psychose est quelque chose qui peut renforcer ce que j'ai appelé tout à l'heure un malentendu

...je voudrais y revenir, et même d'une façon assez insistante, pour que je puisse espérer qu'après cela quelque chose sera, pour moi et pour ceux qui m'entendent aujourd'hui, sur ce point définitivement mis au point.

Je vais faire parler quelqu'un. Bien souvent je suis censé dire que j'entends situer et même reconnaître que dans *son discours* il articule verbalement tout ce que le sujet a à nous communiquer sur le plan de l'analyse. Bien entendu, la position extrême ne manque pas d'entraîner chez ceux qui s'y arrêtent des abjurations assez vives, qui se produisent dans deux attitudes :

- celle de « *la main sur le cœur* »,
- et par rapport à ce que nous appellerons l'attestation authentique d'un déplacement vers le haut, l'autre attitude c'est « *l'inclinaison de la tête* » qui est censée venir peser dans le plateau de la balance que je déchargerai trop au gré de mon interpellateur.

D'une façon générale, on me fait confiance. Il y a ce :

- « *Heureusement vous n'êtes pas tout seul dans la Société de psychanalyse. Et il existe d'ailleurs une femme de génie : Françoise DOLTO, qui nous montre dans ses séminaires la fonction tout à fait essentielle de l'image du corps, de la façon dont le sujet y prend appui dans ses relations avec le monde. Nous retrouvons là cette relation substantielle sur laquelle, sans doute, se broche la relation du langage mais qui est infiniment plus concrète, plus sensible.* »

Je ne suis pas du tout en train de faire la critique de ce qu'enseigne Françoise DOLTO, car très précisément, en tant qu'elle fait usage de sa technique, de cette extraordinaire appréhension, de cette sensibilité imaginaire du sujet, elle en fait très exactement - quoique sur un terrain différent et dans des conditions différentes, au moins quand elle s'adresse aux enfants - exactement le même usage. C'est-à-dire que de tout cela elle parle, autrement dit

qu'elle apprend aussi à ceux qui l'écoutent à en parler. Mais ceci ne peut pas simplement résoudre la question que de faire cette remarque : cela laisse encore quelque chose d'obscur, et c'est bien là ce que je voudrais vous faire entendre.

Il est clair que je ne suis pas non plus surpris - j'ai encore à y revenir - si je disais que quelque chose persiste d'un malentendu à dissiper même chez des gens qui croient me suivre. Je ne m'exprimerai pas de la façon qui convient...

Dire cela voudrait dire que puisque je [...] de la croyance de ceux qui me suivent, j'exprime là une espèce de *déception*.

Ce serait tout de même être en désaccord avec moi-même que d'éprouver, si peu que ce soit, *une déception* semblable si - comme c'est strictement au fond de la notion que je vous enseigne du discours - je me mettais tout d'un coup

à méconnaître le mien : *que le fondement même du discours interhumain est le malentendu*.

Je ne vois donc pas pourquoi je serais moi-même surpris. Mais ce n'est pas seulement pour cela que je n'en suis pas surpris qu'il puisse susciter une certaine marge de malentendu. C'est qu'en plus...

- si quand même on doit être cohérent avec ses propres notions dans sa pratique,
 - si toute espèce de *discours* valable doit justement être jugé sur les propres principes qu'il produit
- ...je dirai que c'est avec une intention expresse, sinon absolument délibérée, que d'une certaine façon je poursuis ce discours, d'une façon telle que je vous offre l'occasion de ne pas tout à fait le comprendre : grâce à cette marge tout au moins, il restera toujours la possibilité que vous-même vous disiez que vous croyez me suivre, c'est-à-dire que vous restiez dans une position par rapport à ce discours problématique qui laisse toujours la porte ouverte à une progressive rectification.

En d'autres termes, si je m'arrangeais de façon à être très facilement compris, c'est-à-dire à ce que vous ayez tout à fait la certitude que vous y êtes, en raison même des prémices concernant *le discours interhumain*, le malentendu serait irrémédiable, grâce à la façon dont je crois devoir approcher les problèmes.

Il y a donc toujours pour vous la possibilité d'être ouverts à une révision de ce qui est dit d'une façon d'autant plus aisée que le fait que vous n'y avez pas été plutôt me revient entièrement, c'est-à-dire que vous pouvez vous en décharger sur moi. C'est bien à ce titre que je me permets de revenir aujourd'hui sur quelque chose qui est tout à fait essentiel et qui signifie très exactement ceci : je ne dis pas que ce qui est communiqué dans la relation analytique passe par le discours du sujet. Je n'ai donc absolument pas à distinguer dans le phénomène même de *la communication analytique* le domaine de *la communication verbale* de celui de *la communication préverbale*. Que cette communication « *pré* » ou même *extra-verbale* soit en quelque sorte permanente dans l'analyse, ceci n'est absolument pas douteux.

Il s'agit de voir ce qui dans l'analyse constitue le champ proprement analytique. C'est identique à ce qui constitue

le phénomène analytique comme tel, à savoir *le symptôme*. Et un très grand nombre de phénomènes dits normaux

ou sub-normaux, qui n'ont pas été jusqu'à l'analyse élucidée quant à leur sens, ces phénomènes s'étendent bien au-delà du discours et de la parole, puisque ce sont des choses qui arrivent au sujet dans la vie quotidienne d'une façon extrêmement étendue, et qui étaient restées non seulement problématiques mais inattaquées.

Puis les phénomènes de « *lapsus* », « *troubles de la mémoire* », « *les rêves* », plus encore quelques autres que l'analyse

a permis d'éclairer, en particulier le phénomène du « *mot d'esprit* » qui a une valeur si essentielle dans la découverte freudienne, parce qu'il fait vraiment sentir, il permet de toucher du doigt, la cohérence parfaite qu'avait, dans l'œuvre de FREUD, cette relation du phénomène analytique au langage.

Commençons par dire ce que le phénomène analytique n'est pas. Ce « *pré-verbal* » dont il s'agit est quelque chose

sur lequel précisément l'analyse a apporté d'immenses lumières, en d'autres termes, pour la compréhension duquel, pour la reconnaissance duquel, elle a apporté un instrument de choix.

Il faut distinguer ce qui est éclairé par *un instrument*, par un appareil technique, et cet appareil technique lui-même.

Il faut distinguer le sujet de l'objet, l'observateur de l'observé. Ce « *pré-verbal* » c'est *quelque chose* qui est essentiellement lié dans la doctrine analytique au préconscient. C'est cette somme des impressions *internes* et *externes* dont le sujet peut supposer, à partir des relations naturelles, et si tant est qu'il y ait des relations chez l'homme qui soient tout à fait naturelles, mais il y en a, si perverses soient-elles.

Tout ce qui est de l'ordre de ce pré-verbal participe à ce que nous pouvons appeler, si je peux dire, d'une *Gestalt intramondaine*. Les informations dans le sens large du terme que le sujet en reçoit, si particulières qu'elles soient, restent des informations du monde où il vit. Là-dedans tout est possible : là il a fallu les [...] et la poupée infantile qu'il a été et qu'il reste. Il est l'objet excrémental, il est égout, il est ventouse. C'est l'analyse qui nous appelle à explorer ce monde imaginaire. Tout ceci participe d'une espèce de poésie barbare que l'analyste n'a pas été du tout le premier à faire sentir et qui donne son charme à certaines œuvres poétiques. Nous sommes là dans ce que j'appellerai « *le chatolement innombrable de la grande signification affective* ».

Pour exprimer tout cela, les mots justement qui lui viennent en abondance, au sujet, sont là tous à sa disposition, et aussi parfaitement accessibles, aussi inépuisables dans leurs combinaisons que la nature à laquelle ils répondent. C'est ce monde de l'enfant dans lequel vous vous sentez tout à fait à l'aise, d'autant plus que vous avez été familiarisés avec tous ces fantasmes : le haut vaut le bas, l'envers vaut l'endroit, et la plus grande et universelle équivalence en est la loi. C'est même ce qui nous laisse assez incertains pour y fixer les structures.

En fin de compte, ce *discours de la signification affective* atteint d'emblée aux sources de la fabulation. Il y a un monde entre celui-là et le *discours* de la revendication passionnelle par exemple, pauvre à côté de lui, qui déjà radote, mais c'est que là il y a déjà le heurt de la raison. Le travail de ce *discours* qui fait en fin de compte que ce *discours* est beaucoup plus couramment atteint que même son apparence peut le faire soupçonner.

Mais pour revenir à notre *discours* de la communication imaginaire en tant que justement, son support *préverbal* tout naturellement s'exprime en discours et plus et mieux qu'un autre, nous voyons aussi qu'à lui tout seul c'est le discours le plus fin, de celui que rien ne canalise. Ici nous nous trouvons dans un domaine depuis toujours exploré, et par la déduction empirique, et par la déduction même *a priori* catégorielle, nous nous retrouvons dans un terrain absolument familier. La source et le magasin de ce préconscient de ce que nous appelons *imaginaire* est même pas mal connu, je dirai qu'il a été abordé assez heureusement déjà dans une tradition philosophique. On peut dire que les idées-schémas de KANT sont quelque chose qui se situe à l'orée de ce domaine, tout au moins c'est là qu'il pourrait trouver ses plus brillantes lettres de créance.

Quant à la pensée, il n'en reste pas moins que *la théorie de l'image et de l'imagination* sont dans la tradition classique d'une insuffisance surprenante, et que c'est bien justement un des problèmes qui s'offrent à nous, de savoir pourquoi il a fallu attendre si longtemps pour même en ouvrir, avant même d'en structurer la phénoménologie.

Nous savons bien en fin de compte, ce domaine à proprement parler insondable, que :

- si nous avons fait des progrès remarquables dans sa *phénoménologie*, nous ne le maîtrisons pas encore,
- et que le problème de l'image fondamentale n'est pas pour autant résolu parce que l'analyse a permis d'y mettre en ordre le problème de l'image dans sa valeur formatrice, qui se confond avec les problèmes qui sont ceux des origines, voire même de l'essence de la vie, qui, si l'on peut espérer un jour aller plus loin, c'est certainement bien plutôt du côté des *biologistes*, des *éthologistes*, de l'observation du comportement animal qu'il faut espérer des progrès,
- que l'inventaire analytique n'épuise absolument pas la question de la fonction imaginaire, s'il permet d'en montrer certains traits d'économie essentielle.

Donc, ce monde préconscient, en tant qu'il est le corrélatif du discours de la *Bewusstsein*, en tant qu'il recèle tout ce monde intérieur, qui est là, accumulé, prêt à resurgir, prêt à sortir au jour de la conscience, à la disposition du sujet, sauf contrordre, ce monde, je n'ai jamais dit qu'il avait en lui-même une structure de langage. Je dis, parce que c'est l'évidence, qu'il s'y inscrit, qu'il s'y refond, mais il garde toutes ses voies propres, ses communications.

Ce n'est absolument pas là que l'analyse a apporté sa découverte essentielle, son appareil structural, ni même ce par quoi elle a permis de découvrir quelque chose dans ce monde.

Il est évidemment très surprenant de voir dans l'analyse l'accent mis sur la relation d'objet comme telle, la proposition au premier plan de la relation d'objet venir en somme à l'actif d'une prépondérance exclusive de *ce monde de la relation imaginaire* - et c'est là-dessus que j'insiste - comme telle, masquer, mettre au second plan, faire rentrer dans l'ordre, effacer, élider, ce qui est à proprement parler le champ de la découverte analytique. Je reviendrai sur les responsabilités qu'il convient de rapporter à chacun.

Il est certain qu'il est très surprenant qu'un nommé KRIS par exemple, marque bien dans le développement de ce qu'il produit depuis quelque temps la progressive dominance de cette perspective :

- en remettant au premier plan - ce qui a bien entendu tout son intérêt - l'accent essentiel dans l'économie des progrès de l'analyse sur ce qu'il appelle nommément, car il a lu FREUD, *les procès mentaux préconscients*,
- en mettant l'accent sur le caractère fécond de la régression du *moi*,
- en remettant d'une façon tout entière sur le plan de l'imaginaire les voies d'accès à l'inconscient.

Ce qui est d'autant plus surprenant que si nous suivons FREUD, *il est tout à fait clair qu'aucune exploration, si profonde, si exhaustive qu'elle soit, du préconscient ne mènera absolument jamais à un phénomène inconscient comme tel.*

Qu'en d'autres termes cette espèce de mirage auquel une prévalence tout à fait démesurée de la psychologie de l'*ego* dans la nouvelle école américaine amène à peu près quelque chose comme ceci : comme si un mathématicien

que nous supposons idéal, qui aura fait tout d'un coup la découverte des valeurs négatives, se mettait soudain à espérer en divisant indéfiniment une grandeur positive par deux, espérer au bout de cette opération franchir la ligne du zéro et entrer dans le domaine rêvé de ces grandeurs entr'aperçues.

C'est une erreur d'autant plus surprenante, voire grossière, qu'il n'y a rien sur quoi FREUD insiste plus que sur cette différence radicale *de l'inconscient et du préconscient*. Seulement, comme malgré tout on considère que tout cela

c'est un grand fourre-tout et qu'il n'y a pas entre l'un et l'autre de différence structurale. Encore que FREUD y insiste d'une façon tellement claire que je m'étonne qu'on ne puisse pas y reconnaître très précisément ce que je vais vous dire maintenant.

On s'imagine que quand même, on a beau dire qu'il y a une barrière, c'est comme quand on a mis dans un magasin

à grains quelque chose qui sépare deux endroits, les *rats [sic]* finissent par y passer. En fin de compte l'imagination fondamentale qui semble régler actuellement la pratique analytique, c'est *qu'il y a quelque chose qui doit communiquer entre la névrose et la psychose, entre le préconscient et l'inconscient*. Il s'agit de pousser dans un sens pour arriver à perforer la paroi.

C'est une idée dont la poursuite amène les auteurs eux-mêmes qui sont tant soit peu cohérents, à développer, dans des surajouts ou adjonctions théoriques qui sont tout à fait surprenantes, le retour de « *la sphère non conflictuelle* »,

du moins comme on s'exprime, ce qui est une notion tout à fait exorbitante, pas simplement régressive, mais transgressive. On n'avait jamais entendu une chose pareille...

même dans le domaine de la psychologie la plus néo-spiritualiste des facultés de l'âme ...jamais personne n'avait songé à faire de la volonté quelque chose qui se situât dans *une sorte d'empire non conflictuel*.

Ce n'est à rien moins que cela qu'amènent les théoriciens de cette nouvelle école de l'« *ego* », pour expliquer comment, dans leur propre perspective, quelque chose peut encore rester l'instrument du progrès analytique.

En effet, si nous nous trouvons pris entre une notion du *moi* qui devient le cadre prévalent des phénomènes, c'est le cadre essentiel lui-même où il n'est pas question de ne pas recourir. Tout passe par le *moi*.

Il est bien certain qu'on voit mal comment *la régression du moi* - devenue elle, à son tour, la voie d'accès à l'inconscient - est quelque chose qui peut conserver quelque part, où que ce soit, un élément médiateur qui est absolument indispensable pour concevoir l'action du traitement analytique, si on ne le met pas dans cette espèce de « *moi* » véritablement « *idéal* » - ici entre guillemets, et au pire sens du mot - qu'est *la sphère dite non-conflictuelle*,

laquelle devient le lieu mythique des entifications les plus incroyablement réactionnelles.

Qu'est-ce que *l'inconscient* opposé à ce domaine du *préconscient*, tel que nous venons de le situer ?

Si je dis que tout ce qui est de la communication analytique *a structure de langage*, ça ne veut justement pas dire que l'inconscient s'exprime dans le discours. Je dis : *ce qui est de l'ordre de l'inconscient*. Et ceci, la lecture de FREUD :

- la « *Traumdeutung* »,
- la « *Psychopathologie de la vie quotidienne* »,
- et « *Le mot d'esprit...* »,

le rendent absolument clair, évident, transparent.

Rien n'est explicable des détours, du relief qu'il donne à mesure qu'il s'avance dans l'exploration de ces questions

à sa recherche, si cela ne s'explique pas de la façon suivante : c'est que le phénomène analytique comme tel, et quel qu'il soit, n'est pas un langage au sens où ça voudrait dire que c'est un discours - mais je n'ai jamais dit que c'était un discours - *le phénomène analytique est structuré comme le langage*.

C'est dans ce sens qu'on peut dire qu'il est [3] une variété phénoménale et non pas la moindre, mais justement la plus importante, la plus *révélatrice* des rapports, comme tels, de l'homme au domaine du langage : le phénomène analytique.

Tout phénomène analytique, tout phénomène qui participe comme tel du champ analytique, de la découverte analytique, de ce à quoi nous avons affaire dans *le symptôme* et dans *la névrose* nommément, est *structuré comme le langage*.

Qu'est-ce que ceci veut dire ? Ceci veut dire que c'est un phénomène qui a présenté toujours cette duplicité essentielle du signifiant et du signifié. Ceci veut dire que le signifiant y a sa cohérence propre qui participe des caractères du signifiant dans le langage, c'est-à-dire que nous saisissons le point où ce signifiant se distingue de toute autre espèce de signe. Nous allons le suivre dans l'ordre du domaine préconscient imaginaire à la trace.

Nous partons du signe biologique, l'expérience de la psychologie animale nous a montré son importance.

Il y a dans la structure même, dans la morphologie des animaux quelque chose qui a cette valeur captante grâce à quoi celui qui en est le récepteur, celui qui voit le rouge du *rouge-gorge* par exemple, et celui qui est fait pour le recevoir, entrent dans une série de comportements, dans un comportement désormais unitaire, qui lie le porteur de ce signe à celui qui le perçoit.

Ce qui est quelque chose qui nous donne une idée tout à fait précise de ce qu'on peut appeler *la signification naturelle*.

Et de là, et sans chercher autrement comment ceci s'élabore pour l'homme, il est bien clair que nous pouvons en fait arriver par une suite de transitions à toute une épuration, à toute une neutralisation du signe naturel.

Il y a un point où ce signe se sépare de son objet, c'est *la trace*, *le pas sur le sable* du personnage inconnu qui deviendra le compagnon de Robinson sur son île. C'est là un signe à quoi Robinson ne se trompe pas. Je dirai que là

nous avons la séparation du signe avec l'objet, la trace dans ce qu'elle comporte de négatif et de séparé est quelque chose qui nous mène à ce que j'appelais l'ordre et le champ du *signe naturel*, à la limite du point où il est à proprement parler le plus évanescent.

La distinction ici du *signe* et de *l'objet* est tout à fait claire, puisque la trace c'est justement ce que l'objet laisse et il est parti ailleurs. Je dirai même qu'objectivement il n'y a besoin d'aucune espèce de sujet, de personne qui reconnaisse *le signe* pour que *ce signe* et *cette trace* soient là. *La trace* existe même s'il n'y a *personne* pour la regarder.

À partir de quand passons-nous à ce qui est de l'ordre du *signifiant* ? Le *signifiant* est en effet là quelque part. Il peut s'étendre à beaucoup des éléments de ce domaine du *signe*. Mais *le signifiant* est un *signe* qui ne renvoie pas à un objet, même à l'état de *trace*, et dont pourtant *la trace* annonce le caractère essentiel. Il est lui aussi *signe d'une absence*. Mais *le signifiant*, en tant qu'il fait partie du langage, *c'est un signe qui renvoie à un autre signe*, en d'autres termes :

pour s'opposer à lui dans un couple dont l'élément essentiel est le caractère du couple, c'est-à-dire dont l'élément essentiel est l'accord. Et je suis revenu, assez souvent ces temps-ci pour avoir surpris, sur un thème comme celui

du « *jour* » déjà dans le signifiant, à partir du moment où il y a le jour et la nuit, il ne s'agit pas de quelque chose qui soit d'aucune façon définissable par l'expérience. L'expérience ne peut rien indiquer qu'une série de modulations, de transformations, voire une pulsation, une alternance de la lumière et de l'obscurité, avec toutes ses transitions.

Le langage commence à l'opposition : « *le jour et la nuit* ». Et à partir du moment où il y a *le jour* comme signifiant, ce *jour* est livré à toutes les vicissitudes d'un jeu où, à l'intérieur de signifiants et par des lois d'économie qui sont celles propres au signifiant, *le jour* arrivera à signifier des choses assez diverses.

Ce caractère du signifiant marque d'une façon absolument essentielle tout ce qui est de l'ordre de l'inconscient : l'œuvre de FREUD avec son énorme armature *philologique*, qui est là à jouer jusque dans l'intimité des phénomènes, est absolument impensable, si vous ne mettez pas au premier plan *la prédominance*, la dominance du signifiant dans tout ce qui est impliqué du sujet dans les phénomènes analytiques comme tels.

Ceci doit nous mener à un pas plus loin, dont il est question aujourd'hui. Je vous ai parlé de l'Autre en tant que fondamental de la parole, en tant que le sujet avoue, s'y reconnaît, s'y fait reconnaître. C'est là qu'est le point essentiel. Dans une névrose l'élément déterminant, l'élément qui sort, ce n'est pas telle ou telle relation perturbée, comme on dit, « orale », « anale », voire « génitale », tel lien homosexuel, comme tel.

Nous ne savons que trop combien nous sommes gênés au maniement par exemple de cette relation homosexuelle, que nous mettons en évidence d'une façon permanente chez des sujets dont la diversité ne permet pas de faire intervenir, sur le plan proprement des relations instinctuelles et d'une façon uniforme, de relation homosexuelle.

Ce dont il s'agit c'est littéralement et à proprement parler d'une question, d'un problème par où le sujet a à se reconnaître sur le plan du signifiant, sur le plan du « *to be or not to be* » ce qui est ou ce qui n'est pas, sur le plan de son être.

Et ceci je veux vous l'illustrer par un exemple. Je n'ai pas eu besoin d'en chercher un particulièrement favorable. J'ai pris une vieille observation d'hystérie. Ce qui fait que j'ai choisi celle-là - c'est une hystérie traumatique - c'est qu'elle met au premier plan ce fantasme de grossesse, de procréation, qui est absolument dominant dans l'histoire de notre Président SCHREBER, puisqu'en fin de compte tout le *délire* aboutit à ceci : c'est que tout doit être réengendré par lui, quand enfin il sera arrivé au bout, à sa féminisation par rapport à Dieu. Enfin une nouvelle humanité d'esprit schreberien, une série d'enfants *schreberiens* naîtront.

Et bien, je veux parler de ce cas d'hystérie, parce que justement il nous servira à serrer de près la différence qu'il y a entre une *névrose* et une *psychose*. Ici pas trace d'éléments hallucinatoires du discours. Nous sommes en plein dans un symptôme hystérique. Il s'agit d'une observation de HASLER Joseph qui était un psychologue de l'école de Budapest, qui a publié une observation qu'il a recueilli à la fin de la guerre 1914-1918.

Il s'agit de la Révolution hongroise, et il nous raconte l'histoire d'un type qui est conducteur de tramway. Il a 33 ans, il est protestant hongrois - austérité, solidité, tradition paysanne - et il a quitté sa famille à un âge qui est celui de la fin de l'adolescence pour aller à la ville. Il a mené une vie professionnelle déjà assez marquée par des changements qui ne sont pas sans *signification*. D'abord boulanger, puis dans un laboratoire de chimie puis enfin conducteur de tramway.

Il est conducteur au sens où on dit : c'est celui qui tire la sonnette et qui poinçonne les billets.

Il a été aussi au volant. Enfin, un jour il descend de son véhicule, il *trébuche* et *tombe* par terre, se fait un peu traîner.

Il a une bosse, un peu mal dans le côté gauche. On l'emmène à l'hôpital où on s'aperçoit qu'il n'a rien du tout. On lui fait une piqûre au cuir chevelu pour fermer la plaie. Tout se passe bien. Il ressort après avoir été examiné sous toutes les coutures. On est bien sûr qu'il n'y a rien. On y a beaucoup radiographié, lui-même y a mis du sien.

Et puis, progressivement s'établissent une série de crises qui se caractérisent par la montée d'une douleur tout à fait spéciale à la première côte, une crise vraiment très spéciale, mystérieuse, qui diffuse à partir de ce point et qui mène le sujet à un état de malaise de plus en plus croissant. Il se couche sur le côté gauche, s'étend.

Il se couche sur un oreiller qui le bloque. Et puis les choses persistent et s'aggravent avec le temps d'une façon toujours plus marquée. Ces crises douloureuses qui durent quelques jours, reviennent à périodes régulières. Elles vont de plus en plus loin, elles entraînent de véritables pertes de connaissance chez le sujet.

On repose toutes les questions : on l'examine sous toutes les coutures. On ne trouve absolument rien. On pense à une hystérie traumatique et on l'envoie à HASLER qui l'analyse. Cette observation est extrêmement instructive par ce qu'elle va nous montrer. Nous avons un *matériel* abondant. L'homme participe à *la première génération analytique*. Il voit les phénomènes avec beaucoup de fraîcheur. Il les explore en long et en large.

Néanmoins cette observation est publiée en 1921 et elle participe déjà de quelque chose qui est l'espèce de *systématisation* qui commence à frapper à ce moment-là, corrélativement semble-t-il, l'observation et la pratique, puisque c'est le tournant qui provient à ce moment dans la pratique, d'où va naître tout ce renversement qui va mettre l'accent, dans la suite, sur l'analyse des résistances. Du point de vue historique aussi, HASLER est extrêmement impressionné à ce moment-là par la nouvelle « psychologie de l'ego ».

Par contre il connaît bien les choses plus anciennes, à savoir les premières analyses de FREUD sur le caractère anal, c'est-à-dire la notion que les éléments économiques de la libido peuvent jouer un rôle décisif sur la formation du *moi*.

Et on sent qu'il s'intéresse beaucoup au *moi* de son sujet, à son style de comportement, aux choses qui traduisent chez lui *ces éléments régressifs*, pour autant qu'ils s'inscrivent non pas seulement *dans les symptômes*, mais *dans la structure*.

Il marque avec beaucoup de pertinence l'importance de certains phénomènes tout à fait frappants des premières séances, à savoir d'une attitude du sujet qui le laisse assez déconcerté : après la première séance le sujet tout à coup s'assoit sur le divan et se met à le regarder avec des yeux en boule de loto, la bouche béante, comme s'il découvrait

un monstre inattendu et énigmatique.

À d'autres reprises le sujet marque des manifestations de transfert assez surprenantes : en particulier, une fois, il se redresse brusquement, pour retomber dans l'autre sens du divan, met le nez contre le divan, et en offrant à l'analyste ses jambes pendantes d'une façon qui, dans sa signification générale, n'échappe pas non plus à l'analyste.

Bref des éléments comme le caractère profondément significatif de *la relation imaginaire*, la précipitation tout de suite de tendances qui posent la question des tendances instinctuelles du sujet, d'une homosexualité latente, réelle même, et accompagnée de toutes sortes d'éléments régressifs que l'observateur a mis en valeur.

C'est quelque chose qui en quelque sorte s'organise et donne son sens, *son dessin général* à ce qui est observé. Observons les choses de plus près. Ce sujet est un sujet qui a été assez bien adapté. Il a des relations avec ses camarades qui sont celles d'un syndicaliste militant, un petit peu leader, et il s'intéresse beaucoup à ce qui le lie à ses camarades. Il jouit là d'un prestige incontestable. Et notre auteur de noter aussi la façon très particulière dont son auto-didactisme s'exerce : tous ses papiers sont bien en ordre. Il essaie de trouver les traits du caractère anal et il progresse. Mais en fin de compte l'interprétation qu'il donne au sujet de ses tendances, n'est ni admise ni repoussée, c'est accueilli, ça ne fait ni chaud ni froid. Rien ne bouge. Nous nous trouvons devant cette même butée devant quoi FREUD se trouve aussi avec *L'homme aux loups* quelques années auparavant, et dont FREUD ne donne pas dans *L'homme aux loups* - puisqu'il a un autre objet - dans sa recherche, toute la clé.

Regardons de plus près cette observation parce qu'elle est extrêmement significative.

Ce qui va apparaître, c'est que dans le déclenchement de la névrose, je veux dire dans son aspect symptomatique, dans celui qui a rendu l'intervention de l'analyse nécessaire, qu'est-ce que nous trouvons ?

On peut dire : nous trouvons effectivement qu'il y a un *trauma*, et que ce *trauma* a dû réveiller quelque chose. Nous trouvons des traumatismes à la pelle dans l'enfance du sujet, quand il était *tout petit* et qu'il commençait à se mettre

à grouiller sur le sol, sa mère lui a marché sur le pouce. On ne manque pas de marquer qu'à ce moment-là quelque chose de décisif avait dû se produire, puisque même, au gré de la tradition familiale il aurait après cela commencé à sucer son pouce. Vous voyez castration-régression. On en trouve d'autres.

Seulement, il y a un tout petit malheur, et on s'aperçoit de ceci avec la sortie du matériel, c'est que ce qui a été décisif dans le déclenchement, dans la décompensation de la névrose - parce que naturellement le sujet était névrosé avant d'avoir son accident, sinon ça n'aurait pas produit d'hystérie - dans la décompensation de sa névrose, ce qui a joué

le rôle essentiel, ça n'est pas apparemment le choc, l'accident. *Les choses se sont compliquées, aggravées, déclenchées, révélées symptomatiquement, à partir des examens radiographiques*, les examens radiographiques comme tels.

Et l'auteur ne voit pas toute la portée de ce qu'il nous apporte et que s'il a une idée préconçue, c'est précisément dans l'autre sens : c'est en somme à cette preuve interrogative qui le met sous le feu d'instruments mystérieux à connaître qu'est l'appareil de radio, que le sujet déclenche ses crises. Et ces crises, le mode de ces crises, leur périodicité, leur style, apparaissent liés très évidemment par tout le contexte également du matériel, avec le fantasme d'une grossesse.

Ce qui domine donc dans *le symptôme*, dans la manifestation symptomatique du sujet, c'est sans doute ces éléments relationnels qui colorent pour lui d'une façon imaginaire ses relations aux objets, d'une façon qui permet d'y reconnaître la relation anale, ou ceci, ou cela, ou homosexuelle. Mais ce à quoi se rapporte *le symptôme*, ce justement dans quoi ces éléments même sont pris, c'est dans la question qui est posée :

« Est-ce que je suis ou non quelqu'un qui est capable de procréer ? »

Et de procréer selon le registre féminin. C'est au niveau de l'*Autre*, au niveau du mot, au niveau de l'élément *symbolique*, pour autant que nous devons comme analystes assez bien savoir que toute l'intégration de la sexualité chez le sujet humain est liée à une reconnaissance *symbolique*.

Si la reconnaissance de la position sexuelle du sujet, comme telle n'est pas liée à l'appareil *symbolique*, l'analyse et le freudisme n'ont plus qu'à disparaître, ils ne veulent absolument rien dire.

Si ce n'est pas la relation...

comme FREUD y a insisté dès le début et jusqu'à la fin, comme nous ne devons jamais l'oublier ...du *complexe d'Œdipe*, c'est-à-dire du sujet en tant qu'il trouve sa place dans un appareil *symbolique* préformé :

- qui donne la loi,
- qui instaure la loi dans la sexualité, et une loi qui désormais deviendra constituante,
- qui prend toute cette sexualité et ne l'établit, et ne l'instaure, et ne permet au sujet même de l'atteindre et de la réaliser que sur ce plan, la loi symbolique, l'analyse si elle ne savait pas ça, n'aurait absolument rien découvert.

Ce dont il s'agit chez ce sujet, c'est de la question « *qui suis-je ?* » ou « *suis-je ?* ». C'est d'une relation d'être. C'est d'une relation essentielle, c'est d'un signifiant fondamental qu'il s'agit. Et c'est pour autant que cette question est réveillée...

elle était là bien sûr, et nous l'avons maintenant, avec cette clé là, retrouvée tout au long de l'observation

...c'est pour autant que cette question est réveillée en tant que symbolique...

et non pas tant en tant que phase de la relation intersubjective, que réactivation imaginaire de quelque type que ce soit

...c'est en tant qu'un au-delà, quelque chose qui suppose qu'il veut arriver au mot de ce qu'il essaie en tant que question :

- qu'est entré le nouveau déclenchement décompensant dans sa névrose,
- que les symptômes eux-mêmes s'organisent. Et quels que soient leurs qualités, leur nature, le matériel auquel ils sont empruntés, ils prennent valeur eux-mêmes de formulation, de reformulation, d'insistance même de cette question.

Cette clé bien entendu ne se suffit pas à elle-même. Elle se confirme du fait qu'il ressort à ce moment-là que des éléments de la vie passée du sujet gardent pour lui tout leur relief. Un jour où il a pu observer, caché, une femme du voisinage de ses parents qui poussait des cris, des gémissements qui n'en finissaient plus. Il l'a surprise dans une attitude qui était celle des contorsions et des douleurs, les jambes élevées, et il a su de quoi il s'agissait.

Ceci d'autant plus que l'accouchement n'aboutissant pas, le médecin doit intervenir, morcelant, et qu'il voit partir quelque part dans un couloir l'enfant en morceaux, qui est tout ce qu'on a pu tirer.

Ceci survient en connexion avec l'analyse de sa reconnaissance des troubles, lesquels troubles eux-mêmes ont là deux valeurs. Car la valeur significative, à savoir le caractère féminisé du discours du sujet, par exemple quand il

parle, quand il demande l'appui du médecin, est quelque chose qui est tellement saisissable et immédiatement saisissable.

Quand notre analyste fait part au sujet des premiers éléments, il obtient du sujet cette remarque :
que le médecin qui l'a examiné a été sensible à quelque chose qui ressemble à cela, et qu'il a dit à sa femme :

« *Je n'arrive pas à me rendre compte de ce qu'il a. Il me semble que si c'était une femme je comprendrais bien mieux.* »

Il a perçu le côté significatif, mais il n'a pas pu...

pour la simple raison qu'il n'avait pas l'appareil analytique,

qui n'est concevable que dans le registre des structurations de langage

...s'apercevoir que tout ceci n'est encore qu'un matériel adéquat, favorable dont on peu user, mais on userait aussi bien de n'importe quel autre pour exprimer quelque chose qui est au-delà de toute relation actuelle ou inactuelle,

qui est la question du sujet sur ce qui est pour lui en cause, c'est-à-dire un « *Qui suis-je ?* » :

« *Est-ce que le suis un homme ou une femme ?* »

« *Est-ce que je suis particulièrement capable d'engendrer ?* »

Quand on a cette clé, toute sa vie paraît, se réordonne dans une perspective qui devient d'une fécondité incroyable, c'est-à-dire que par exemple on parle de préoccupations anales chez ce sujet, de fonctions excrémentielles

et on donne beaucoup d'éléments de l'importance que ça pouvait prendre pour lui.

Mais autour de quoi jouait cet intérêt porté à ses excréments ? Autour de ceci : s'il pouvait y avoir dans les excréments des noyaux de fruits qui fussent encore capables de lever une fois mis en terre. Le sujet a une grande ambition, c'est de s'occuper de l'élevage de poulets et tout spécialement du commerce des œufs. Il s'intéresse à toutes sortes de questions de botanique, qui sont toutes centrées autour des questions de germination ou de couvée.

On peut même dire que toute une série d'accidents qui lui sont arrivés dans sa profession de conducteur de tramway sont liés à quelque chose de fondamental qui se relie à un certain nombre de faits qui sont liés au morcelage, qui sont liés à son appréhension d'une naissance qui l'a frappé dans son caractère *dramatique*. Ce n'est pas l'origine dernière que nous pouvons trouver de ce qui est la question pour le sujet, mais c'en est une particulièrement expressive.

D'autres éléments encore nous permettent de voir ces accidents et tout spécialement le dernier, comme quelque chose aussi dans quoi le sujet s'intègre par le fait que c'est tout à fait manifeste : *il tombe du tramway* qui est devenu pour lui une espèce d'appareil significatif, *il choit, il accouche lui-même*, c'est tout le thème et le thème unique du *fantasme de grossesse* avec tout ce qui est corrélation, et la fin spécialement dramatique. Mais il est dominant en tant que quoi ?

En tant que signifiant de quelque chose dont tout le contexte nous montre que c'est ce dont il s'agit pour lui, à savoir son intégration ou sa non-intégration à la fonction virile comme telle, à la fonction de père, ce à quoi il n'arrive précisément jamais. Quand il a épousé une femme, il s'est arrangé pour que ce soit une femme qui avait déjà

un enfant et avec laquelle il n'a pu avoir que des relations insuffisantes. Et le caractère problématique pour lui de la question de son identification symbolique est là ce qui soutient toute compréhension possible de l'observation.

En d'autres termes :

- tout ce qui est dit,
- tout ce qui est exprimé,
- tout ce qui est gestualisé,
- tout ce qui est manifesté,

ne prend son sens qu'en fonction de quelque chose qui est la réponse à formuler sur cette relation fondamentalement symbolique :

« *Suis-je un homme ou suis-je une femme ?* »

Vous ne pouvez pas manquer quand je vous expose les choses ainsi, à propos de cette observation, en vous la résumant, de faire le rapprochement avec ce sur quoi j'ai mis l'accent dans le cas de Dora. Et à quoi aboutit-elle, si ce n'est à une question fondamentale sur le sujet de son sexe. Quand je dis de son sexe, c'est non pas quel sexe elle a, mais « *Qu'est-ce que c'est que d'être femme ?* ». Les deux rêves de Dora sont absolument transparents. On ne parle que de cela : « *Qu'est-ce qu'un organe féminin ?* ». Nous nous trouvons là devant quelque chose de *singulier*. C'est très exactement que le sujet mâle se trouve dans la même position, à savoir :

- que la femme s'interroge sur ce que c'est qu'être une femme,
- de même que le sujet mâle s'interroge sur ce que c'est qu'être une femme.

C'est là que nous reprendrons la prochaine fois.

Car ça nous introduira à mettre en valeur des éléments qui sont tout à fait essentiels dans toute compréhension de cette valeur signifiante du symptôme dans la névrose : ce sont les dissymétries que FREUD a toujours soulignées dans la relation du *complexe d'Edipe*. En d'autres termes, si pour la femme la réalisation de son sexe ne se fait pas

dans le *complexe d'Edipe* d'une façon symétrique à celle de l'homme...

c'est-à-dire non pas par une identification à la mère, par rapport à l'objet maternel,

mais au contraire par identification à l'objet paternel, comme FREUD le souligne

...il faut qu'elle fasse - ce qui lui assigne une espèce de *détour* supplémentaire dont il n'a jamais démordu - quelque chose

qu'on a pu aborder, depuis, du côté des femmes spécialement

...pour rétablir cette symétrie. Ce n'est pas sans motif, et c'est quelque chose aussi qui confirme cette distinction de l'*imaginaire* et du *symbolique* que j'ai reprise aujourd'hui.

Mais vous le verrez : cette espèce - d'un autre côté - de *détour* supplémentaire, de désavantage où se trouve la femme dans l'accès à l'identité de son propre sexe, à sa sexualisation comme telle, est quelque chose qui se retourne

d'un autre côté dans l'hystérie en un avantage.

Puisque grâce à cette *identification imaginaire* au père, qui est pour elle absolument accessible en raison spécialement

de sa place, de sa situation dans la compétition que l'*œdipe* lui permet d'interroger, tout naturellement pour elle dans l'hystérie les choses deviennent excessivement faciles à concevoir et à schématiser.

Vous le verrez, pour l'homme, précisément dans la mesure où le *complexe d'Edipe* est fait d'une certaine façon pour lui permettre de réaliser et d'accéder à ce à quoi il est le plus difficile d'accéder, c'est-à-dire à une *virilité effective*, justement à cause de cela, dans la névrose et dans le détour névrotique, pour lui le chemin sera plus complexe.

Je compléterai mon propos d'hier soir : la formation de l'analyste, de ce qui constituerait ses lieux propres, avec transmission de cette *science* que j'ai nommée très précisément, et dont la caractéristique générale est d'être ordonnée par la linguistique. Je n'avais bien entendu dans ce sens pas beaucoup plus de choses à dire, étant donné que nous n'y sommes pas...

Le sens de ce que j'ai dit, à savoir de la conférence, était bien que la formation de l'analyste est d'abord de se bien pénétrer de ce qui est articulé de la façon la plus énergique possible pour des gens dont une partie est extrêmement loin de nos études. Vous allez voir au contraire qu'à travers une espèce de réfraction qui est celle, si vous voulez,

de ce mauvais *symbolisme*, de cette notion confuse du *symbolisme* qui mêle dans le *symbolisme* à proprement parler :

- et celui dans lequel nous nous entendons ici, le *symbolisme* en tant que structuré dans le langage,
- et ce qu'on peut appeler le *symbolisme* naturel que j'ai appelé alors hier soir sous une formule sous le chef de laquelle j'ai mis mon développement : lire dans le marc de café n'est pas lire dans les hiéroglyphes.

C'est donc bien là qu'était l'essentiel. S'il y a quelque chose qui a pu - dans ce que j'ai dit hier soir - être partiel, *laisser*

à désirer, mais aussi, bien entendu, c'est la partie concomitante de ce que j'avais d'abord voulu pleinement développer.

Je crois que quand même pour un auditoire tel qu'il était, il fallait *faire vivre un peu cette différence du signifiant et du signifié*. J'ai même donné des exemples, certains humoristiques, j'ai donné *le schéma* et je suis passé aux applications *analytiques*.

Je ne crois pas même qu'il y ait des chances suffisantes pour que les gens aient seulement entendu tout le soin que j'ai essayé de prendre, de donner une espèce de dimension concrète, de faire un bâti qui permette de saisir ce sur quoi nous mettons l'accent, en rappelant que la pratique freudienne tend en quelque sorte à promouvoir au premier plan,

à fasciner en quelque sorte l'attention des analystes dans ce qu'elle nous montre de séduisant dans :

- les formes imaginaires,
- les rapports de signification de sujet à sujet,
- la valeur significative de son monde sur le plan imaginaire, sur le plan intuitif.

Et surtout j'ai rappelé que :

- tout ce que FREUD nous dit,
- tout ce sur quoi il met l'accent,
- tout ce qui permet en somme l'organisation, le progrès, ce qui permet de définir ce champ comme quelque chose que nous pouvons déplacer, mais dans lequel nous avons à proprement parler une entrée,

...nous pouvons à proprement parler le mettre en jeu.

Contrairement, la dynamique des phénomènes est liée à ce caractère d'ambiguïté, de duplicité fondamentale qui résulte de la distinction du *signifiant* et du *signifié* dans tout ce qui est des phénomènes du *champ analytique*. Vous avez pu voir combien c'est autour de *la problématique du mot*, combien ce n'est pas par hasard que c'est un jungien qui est venu apporter ce terme.

Au fond du mythe jungien, il y a en effet ceci : que *le symbole* est conçu comme ce que j'ai appelé « *une espèce de fleur qui monte du fond* » c'est un épanouissement de ce qui est au fond de chacun, de l'homme en tant que typique.

La distinction est là de savoir si *le symbole* est cela, ou si c'est au contraire quelque chose qui enveloppe, contient, intervient, forme ce que mon interlocuteur appelait assez joliment la création.

La seconde partie concernait cet infléchissement de l'analyse ou ce qui résulte dans l'analyse de cet oubli de la vérité fondamentale de la structuration du *signifiant-signifié*, et là bien entendu, je n'ai indiqué...
comme j'espère l'avoir assez fortement articulé dans l'ensemble

...je n'ai pu qu'indiquer ce en quoi la théorie de l'analyse qui se reflète sur l'*ego*...

la façon dont elle se désigne elle-même, dont l'exprime dans cette doctrine, la théorie promue actuellement dans les cercles new-yorkais

...indiquant bien qu'il y a là quelque chose qui change tout à fait la perspective dans laquelle sont abordés les phénomènes analytiques, j'ai essayé d'indiquer en quoi ceci participait de la même *dégradation*, de la même *oblitération* de la distinction essentielle.

Cela aboutit à mettre au premier plan, en effet, un des ressorts dynamiquement très effectifs dans l'ordre de *l'imaginaire*, et qui est celui de la relation de *moi* à *moi*.

Et je n'ai pu qu'esquisser ce qui peut même en l'occasion en résulter. Je veux dire que j'ai mis l'accent sur ceci, c'est que s'il y a quelque part, ce qu'on appelle « *renforcement du moi* », c'est-à-dire mise de l'accent sur *la relation fantasmatique* en tant qu'elle est toujours reliée, qu'elle est corrélatrice de la relation du *moi*, c'est précisément et plus spécialement *chez le névrotique* - tous les sujets ne sont pas des névrotiques - caractérisé par *une structure typique*.

Il y a bien d'autres façons, de modes d'intervention : l'extension des névroses du côté des *névroses de caractère*, des autres modes de manifestations significatives de l'inconscient. Il y en a d'autres, mais tout spécialement dans la névrose, ce mode d'intervention va dans le sens qui est exactement opposé à celui *de la dissolution*, non seulement des *symptômes*...

qui sont à proprement parler dans leur signifiante, mais qui à l'occasion peuvent être pourtant mobilisés ...mais *de la structure de la névrose*.

J'ai indiqué ici que ce que nous devons appeler dans la névrose obsessionnelle « *structure de la névrose* » c'est justement cela le sens de ce que FREUD a apporté :

- quand il fait sa nouvelle topique,
- quand il a mis l'accent sur la fonction du *moi* en tant que fonction *imaginaire*.

Et là j'ai indiqué aussi, pour ceux qui étaient là, qu'il ne semble pas que la simple inspection massive, montre immédiatement par sa disposition générale, que le *moi* n'est absolument rien de ce qu'on en fait, spécialement dans l'usage analytique.

J'ai indiqué hier soir les points les plus significatifs. Vous voyez que FREUD met le *moi* en relation avec le caractère

à proprement parler *fantasmatique de l'objet*, et que le *moi* en tant que mirage...

ce qu'il a appelé « *idéal du moi* », c'est-à-dire justement la fonction d'illusion, d'irréalisation,

la fonction fondamentalement narcissisante du *moi*, dit-il en toutes lettres

... a le privilège de l'exercice de l'épreuve de la réalité.

C'est elle qui atteste pour le sujet la réalité, c'est-à-dire - le contexte n'est pas douteux - il s'agit très précisément de dire que c'est à la fonction du *moi* en tant que fonction du *moi* qu'aboutit le fait que le sujet valorise, accentue, donne l'accent de la réalité à quoi que ce soit : c'est la fonction fondamentalement illusoire, exprimée comme telle.

De cette topique ressort que quelque chose - ai-je indiqué - devait normalement se produire à partir de là.

C'est à savoir quelle est dans les névroses typiques l'utilisation que prend précisément comme élément du sujet, c'est-à-dire comment à l'aide du *moi*...

pour ne pas dire « L'homme pense », il ne faut pas dire « l'âme pense », dit Aristote, mais « l'homme pense avec son âme. »

...nous dirons que *le névrosé pose sa question névrotique, sa question secrète, sa question bâillonnée, sa question qui n'est pas formulée, il pose sa question avec son moi*.

Dans FREUD c'est de nous montrer :

- comment un ou une *hystérique* use de son *moi*,
- comment un *obsessionnel* use de son *moi* pour poser la question, c'est-à-dire justement :
- pour ne pas la poser,
- pour la maintenir,
- pour la soutenir dans la présence.

La structure d'une névrose étant justement ce qu'elle est pour nous, elle a dans sa nature ce qu'elle est pour nous : elle a été longtemps une pure et simple question, elle était un problème parce qu'elle est un problème dans sa nature.

Le névrosé est dans une position de symétrie : il est la question que nous nous posons. Comme ce sont des questions qui nous touchent tout autant que lui, c'est bien pour cela que nous avons la plus grande répugnance à la formuler toujours plus précisément.

Je vous rappelle que ceci s'illustre tout simplement dans la façon dont depuis toujours je vous pose le problème de *l'hystérie* : c'est celui auquel FREUD a donné l'éclairage le plus éminent, celui du cas de Dora. Qu'est-ce que Dora ? C'est quelqu'un qui est en effet pris dans un état symptomatique bien clarifié, dans ce cas, à ceci près que FREUD, de son propre aveu fait une erreur sur ce qu'on peut appeler « *l'objet* ».

Très précisément il fait cette erreur sur *l'objet* dans toute la mesure où il est trop centré sur la question de *l'objet*, c'est-à-dire où il ne fait pas intervenir la foncière duplicité subjective qui est impliquée. Il est tout centré sur ce qui peut être *l'objet du désir* de Dora. Il ne se demande pas avant tout et d'abord, non seulement ce que Dora désire, mais même *qui* désire dans Dora.

Et *le ressort* de son erreur, la critique de sa technique...

qui est donnée *par lui-même* dans la reconnaissance du fait qu'il s'est trompé sur *l'objet*, c'est-à-dire quelque chose qui est dans toute la topique générale de la relation subjective

...c'est bien ici qu'il nous l'indique, puisque aussi bien dans ce ballet à quatre :

- de Dora,
- de son père,
- de Monsieur K,
- et de M^{me} K,

FREUD s'aperçoit que *l'objet* qui intéressait vraiment Dora est M^{me} K. Mais ceci qu'est-ce que ça veut dire ? Nous le savons, la configuration du cas Dora se présente donc ainsi : c'est en tant qu'identifiée à Monsieur K, c'est en tant que la question de savoir où est le *moi* de Dora est résolue par ceci : le *moi* de Dora est Monsieur K.

La fonction remplit, si vous voulez, dans le schéma du stade du miroir par *l'image spéculaire* quand elle est là où le sujet situe son sens pour le reconnaître, le type de la reconnaissance dans le semblable, là où pour la première fois le sujet situe son *moi, ce point externe d'identification imaginaire* : c'est dans Monsieur K qu'elle le situe.

C'est à partir de là, et en tant qu'elle est Monsieur K, que tous ses *symptômes* prennent leur sens définitif, à savoir

que s'ils demandaient des conversions explicatives, quelquefois un tout petit peu tirées par les cheveux à FREUD, tout devient toujours infiniment plus simple : l'action de l'aphonie de Dora qui se produit pendant les absences

de Monsieur K que FREUD explique d'une façon assez jolie, mais qui ne laisse pas sans quelque doute, parce qu'elle paraît presque trop belle :

« Elle n'a plus besoin de parler puisqu'il n'est plus là. Il n'y a plus qu'à écrire. »

Cela laisse tout de même un peu rêveur.

Pour qu'elle se taise ainsi, c'est que le mode d'objectivation n'est posé nulle part ailleurs. L'aphonie survient parce que Dora est laissée directement en la présence de M^{me} K, à propos de quoi toute son expérience, semble-t-il,

de ce qu'elle a pu entendre des relations entre son père et M^{me} K, est liée à une appréhension d'un mode d'exercice

de la sexualité qui se dégage très certainement, qui est celui de la fellation du père de Dora par M^{me} K :

c'est quelque chose qui paraît infiniment plus significatif pour l'intervention de *symptômes oraux* dans la confrontation, le tête-à-tête, de Dora avec M^{me} K. Mais ceci d'ailleurs est tout à fait accessoire dans mon exposé.

L'important c'est que c'est en tant qu'identifiée à Monsieur K, en tant qu'ayant son *moi* dans Monsieur K, que toute la situation fondamentale - celle d'ailleurs à laquelle Dora participe effectivement jusqu'au moment de la décompensation névrotique - c'est elle qui rend possible toute cette situation, dont par ailleurs elle se plaint, et ceci fait partie de la situation, c'est en tant que Dora est identifiée à Monsieur K.

Mais il s'agit de savoir ce que cela veut dire et pourquoi ? C'est très exactement sa façon d'interroger sur ce qu'est son sexe, ce qu'est sa féminité.

Qu'est-ce que dira Dora ? Qu'est-ce que dit *l'hystérique femme* fondamentalement par sa névrose ? La question est là un point sur lequel nous touchons quelque chose d'essentiel. C'est en cela que nous voyons la fécondité de l'appréhension freudienne des phénomènes, c'est qu'ils savent nous montrer les plans de structure [symbolique] du *symptôme*, c'est une vérité qui nous mène tout de suite beaucoup plus loin.

S'il y a quelque chose qui ressort de tout ce sur quoi FREUD a toujours insisté...

malgré le mouvement d'enthousiasme pour les phénomènes imaginaires remués dans l'expérience analytique, les bonnes volontés à trouver immédiatement les symétries, les analogies :

« *Le complexe d'Œdipe ? Comme c'est clair ! Comme on l'a bien expliqué pour le garçon ! Alors ça doit bien être la même chose pour la fille. Et d'ailleurs comme Freud lui-même l'a indiqué : beaucoup de choses jouent ainsi.* »

...mais FREUD a toujours insisté sur *l'essentielle dissymétrie du complexe d'Œdipe*.

Est-ce que ceci précisément ne va pas être quelque chose qui nous permette d'entrer plus loin dans cette dialectique de *l'imaginaire* et du *symbolique* ? Est-ce que ça n'est pas là que gît assurément ce côté paradoxal ?

Pourquoi en effet ne pas admettre tout simplement que dans la rivalité de la fille avec la mère à l'égard du père il ne s'agit là que *d'objet du désir* ? Vous me direz : il y a la relation d'amour primaire avec la mère, c'est quelque chose, c'est quelque chose qui introduit une dissymétrie. Mais comme loin d'en être là à l'époque où FREUD commence

à ordonner les faits qu'il constate dans l'expérience et qui le forcent à affirmer qu'il y a pour la fille...

et il y a bien d'autres éléments de dissymétrie

...l'élément anatomique sur lequel FREUD insiste, qui fait que pour la femme les deux sexes dans leur organisation anatomique ne sont pas identiques. Est-ce que c'est simplement là qu'est la raison de la dissymétrie ?

C'est cela qui nous est en quelque sorte proposé, imposé par les études de détail très serrées que fait FREUD sur ce sujet. Je n'ai qu'à en nommer quelques unes :

- « *Les considérations sur la différence anatomique des deux sexes* », sont un des titres des travaux qui ont été faits sur ce registre. Il y en a d'autres,
- il y a l'article « *Sur la sexualité féminine* » qui est de 1931, (l'autre étant de 1925),
- puis « *Le déclin du complexe d'Œdipe* » qui est de 1924, je crois.

Ce que nous voyons, c'est qu'une *dissymétrie essentielle apparaît au niveau du signifiant, au niveau du symbolique*. Et il n'y a pas, dirons-nous, à proprement parler de symbolisation du sexe de la femme comme tel, la symbolisation en tout cas n'en est pas la même, n'a pas la même source, n'a pas le même mode d'accès que la symbolisation du sexe de l'homme.

Et ceci pour une raison qu'il ne faut pas même chercher au-delà de ce quelque chose de simple, c'est que *l'imaginaire* ne fournit qu'une *absence* là où il y a ailleurs un *symbole très prévalent*, que c'est de la prévalence de la *Gestalt phallique*

que dépend quelque chose d'essentiel dans ce qui force la femme, dans la réalisation du complexe œdipien, à ce détour par *l'identification au père*, ce qui est tout à fait dissymétrique par rapport à ce qui se passe chez le garçon,

et la force à prendre les mêmes chemins que le garçon pendant un temps.

L'accès de la femme au complexe œdipien se fait du côté du père. C'est son *identification imaginaire* qui se fait en passant par le père, exactement comme chez le garçon, et elle le fait précisément en fonction d'une *prévalence*

de la forme *imaginaire*, mais en tant qu'il est pris lui-même comme élément *symbolique* central, de l'Œdipe.

En d'autres termes, si *le complexe de castration* prend une valeur pivot dans la réalisation de l'Œdipe, et ceci pour

les deux sujets : aussi bien le garçon que la fille, c'est très précisément en fonction du père que *le phallus* est un *symbole* dont il n'y a pas de correspondant, d'équivalent. C'est d'une dissymétrie dans le signifiant qu'il s'agit, et cette dissymétrie dans le signifiant détermine les voies par où passeront chez les uns et les autres sujets *le complexe d'Œdipe*.

Les deux voies les font passer par le même sentier :

- le sentier de la castration chez le garçon,
- et exactement de la même façon chez la fille avec ce qu'il détermine comme étant le pivot de la réalisation de l'Œdipe dans la sexualité féminine, à savoir le pénis.

Nous avons donné là justement un instrument tout à fait caractéristique et tout à fait frappant de la prédominance du signifiant dans les voies d'accès de la réalisation subjective : celle de l'expérience d'Œdipe.

Là où l'assomption imaginaire de la situation n'est nullement impensable, il y a en effet une sorte de compensation.

Il y a tous les éléments pour une expérience de la position féminine qui soit en quelque sorte directe, symétrique à la réalisation de la position masculine, si c'était simplement quelque chose qui se réalise dans l'ordre de l'expérience vécue, comme on dit, dans l'ordre de quelque chose qui serait de l'ordre de la sympathie de l'*ego*, des sensations.

Il y a eu au contraire quelque chose que l'expérience nous montre qui se manifeste dans une différence frappante, singulière. C'est pourquoi l'un des sexes, pour arriver à sa pleine réalisation dans le sujet, est-il en quelque sorte nécessité à se supporter, au moins à prendre comme support, comme base de son identification, le support formel, l'image de l'autre sexe.

Ceci à soi tout seul est quelque chose qui ne peut littéralement que trouver sa place...

je veux simplement vous faire remarquer que le seul fait que les choses soient ainsi, pose une question :

- qui ne peut s'ordonner,
- qui ne peut rester une pure et simple bizarrerie de la nature,
- qui ne peut s'interpréter que dans le fait que c'est *l'ordonnance symbolique*, en tant qu'elle existe, qui règle tout.

Que là où il n'y a pas de matériel symbolique, il y a obstacle, défaut à la réalisation de l'identification essentielle, de voie essentielle pour la réalisation de la sexualité du sujet.

Et que ce défaut provient du fait que le *symbolique* sur un point manque de matériel - parce qu'il lui en faut un - et qu'il y a quelque chose qui se trouve à proprement parler être moins désirable que le sexe masculin dans ce qu'il a de provoquant, c'est le sexe féminin qui a ce caractère d'absence, ce vide, ce trou qui fait qu'une dissymétrie essentielle apparaît dans quelque chose où il semble que, si tout était à saisir dans l'ordre d'une dialectique des pulsions, on ne verrait pas pourquoi un tel détour, une telle anomalie serait nécessitée.

Cette remarque est loin de nous suffire quant à la question qui est en jeu, c'est à savoir de la fonction du *moi* chez les *hystériques* mâles et femelles. Ici nous devons nous apercevoir de quelque chose qui, si l'on peut dire, est au fond des questions qui vont être soulevées c'est à dire des questions liées non pas seulement au matériel, au magasin-accessoire du signifiant, mais au rapport du sujet avec le signifiant dans son ensemble, c'est-à-dire avec ce à quoi peut répondre le signifiant.

Car bien entendu, j'ai parlé hier soir d'*êtres de langage*, c'était pour bien frapper mon auditoire. Les *êtres de langage*

ne sont pas des *êtres* organisés :

- qu'ils soient des *êtres* ce n'est pas douteux,
- qu'ils soient des *êtres* qui impriment leurs formes dans l'homme, et que ma comparaison avec les fossiles soit jusqu'à un certain point tout à fait indiquée,
- qu'il y ait dans l'homme des *êtres* qui sont à proprement parler des *êtres* de signifiant, ceci est certain, ...mais il reste qu'ils n'y ont pas pour autant une existence substantielle en soi. S'il y a une problématique, c'est bien de cela qu'il s'agit.

Pour revenir à notre *fonction du moi dans la névrose*, il faut partir de ceci, nous avons deux plans : le plan du *symbolique*,

et le plan de *l'imaginaire*. Considérons le paradoxe qui résulte de ce que je pourrais appeler certains entrecroisements, une sorte de croisement fonctionnel qui apparaît aussitôt tout à fait frappant. Qu'est-ce qu'évoque *le symbolique*

dans sa fonction chez l'homme ? Il semble que *le symbolique* c'est ce que qui nous livre tout *le système du monde*.

C'est parce que l'homme a des *mots*, qu'il connaît des *choses*, et le nombre des *choses* qu'il connaît correspond

au nombre des *choses* qu'il peut *nommer*. Ceci n'est pas douteux. D'autre part, ce que nous appelons *l'imaginaire*,

- et que *la relation imaginaire* soit liée à tout le domaine de l'éthologie, à la psychologie animale, aux *fonctions de la relation sexuelle, de la capture par l'image de l'autre*,
 - qu'elle soit l'un des ressorts essentiels de cette spécificité du choix, à l'intérieur de la même espèce du partenaire sexuel qui se trouve être en même temps le partenaire fécond,
- ...c'est aussi quelque chose qui semble aller de soi. En d'autres termes :
- qu'un des domaines soit ouvert à toute la neutralité de l'ordre de la connaissance humaine
 - et que l'autre soit précisément le domaine même de l'érotisation de l'objet,
- ...c'est ce qui semble au premier abord *manifesté à nous*.

Or si les choses sont telles, ce que nous voyons c'est que *la réalisation de la position sexuelle* chez l'être humain est liée

- nous dit FREUD, et nous dit d'expérience - à l'épreuve, à la traversée d'une relation fondamentalement symbolisée, celle de l'Œdipe :

- que ce n'est que par l'intermédiaire d'une position intermédiaire aliénant le sujet, c'est-à-dire le faisant désirer *l'objet d'un autre* et le posséder par la procuration d'un autre,
- c'est en tant que nous nous trouvons dans *une position structurée dans la duplicité même du signifiant et du signifié*,
- c'est en tant qu'est *symbolisée* à proprement parler *la fonction* de l'homme et de la femme,
- c'est en tant qu'elle est *littéralement arrachée au domaine de l'imaginaire pour être située dans le domaine du symbolique*,

...que se réalise toute position sexuelle *normale, achevée*. C'est dans le domaine du *symbolique*, c'est un passage dans

le domaine du *symbolique*, c'est à la *symbolique* qu'est soumise, comme une exigence essentielle la réalisation génitale, que l'homme se virilise, et que la femme accepte véritablement sa fonction féminine.

Inversement - chose non moins singulière et paradoxale - c'est dans l'ordre de *l'imaginaire* que se situe cette relation *d'identification* à partir de quoi *l'objet* se réalise comme objet de concurrence. Le domaine de la connaissance

a ce caractère fondamentalement inséré dans la primitive dialectique paranoïaque de l'identification au semblable.

C'est de là que partent les premières possibilités, la première ouverture d'identification à l'autre, à savoir un *objet*.

Un *objet* s'isole et se neutralise comme tel, s'érotise particulièrement. C'est ce qui fait entrer dans le champ du désir humain infiniment plus d'objets élémentaires, matériels, qu'il n'en entre dans l'expérience animale.

C'est dans cet entrecroisement, qui bien entendu n'est pas sans profonds motifs, que gît la source de ce que nous devons considérer comme étant la fonction essentielle que joue le *moi* dans la structuration de la névrose. Qu'est-ce qui se passe en effet quand Dora se trouve poser sa question, s'interroger sur « *Qu'est-ce qu'une femme ?* » Cela a le sens - et pas un autre - d'une interrogation, une tentative de symboliser l'organe féminin comme tel.

Nous dirons que dans cette occasion son *identification à l'homme* lui est littéralement un moyen de connaître : si elle *identifiée à l'homme* en tant précisément que porteur de pénis, c'est que ce pénis, à elle lui sert littéralement d'instrument imaginaire pour appréhender ce qu'elle n'arrive pas à symboliser.

En ce sens, on peut dire que l'hystérique femme... s'il y a beaucoup plus d'hystériques femmes que d'hystériques hommes - c'est un fait d'expérience clinique - c'est parce que le chemin de la réalisation *symbolique* de la femme comme telle est beaucoup plus compliqué. Inversement pour ce qui est d'en poser le problème, c'est-à-dire

en quelque sorte de s'arrêter à mi-chemin, car :

- devenir une femme,
- et s'interroger sur ce qu'est une femme,

...sont deux choses essentiellement différentes. Je dirai même plus, que c'est parce qu'on ne le devient pas qu'on s'interroge, et jusqu'à un certain point, s'interroger est le contraire de le devenir.

La métaphysique de sa position est le détour imposé à la réalisation subjective chez la femme.

C'est parce que sa position est essentiellement problématique, et jusqu'à un certain point inassimilable, qu'elle fera plus facilement une hystérie qu'un sujet du sexe opposé. Mais d'un autre côté, une hystérie

sera précisément aussi une solution plus adéquate, quand la question prend forme sous cet aspect de l'hystérie. Elle prend cette forme par la voie la plus courte, c'est à dire qu'il lui est très facile de poser la question simplement par l'identification au père. C'est ce qui fait la particulière clarté de la position féminine à l'intérieur de l'hystérie.

En ce sens et à ce titre, c'est une position qui présente une espèce de stabilité particulière envers elle-même, de sa simplicité structurale. Plus une structure est simple, moins elle a d'occasions de montrer des points de rupture.

Pour ce qui est de la question de ce qui se passe dans l'hystérie masculine, la situation sera beaucoup plus complexe :

justement dans la mesure où *chez l'homme la réalisation œdipienne* est mieux structurée, la question qui est la question dans l'hystérie féminine aura moins de chance de se poser pour lui. Mais cette question justement, quelle est-elle ?

Car dire que quelque chose manque, si l'on peut dire, dans le matériel signifiant qui aide à la réalisation de la position masculine, il n'y a rien de correspondant au *phallus*. C'est là qu'on le voit, ce n'est absolument pas épuiser la question de la dissymétrie entre le garçon et la fille dans la position de l'Œdipe : il y a la même dissymétrie dans le cas de la réalisation de l'hystérie, qui se manifeste en ceci, c'est que l'hystérique, homme et femme, se pose la même question, c'est-à-dire que le quelque chose autour de quoi est la question de l'hystérique mâle - c'est le sens de l'observation que j'ai donné la dernière fois - c'est quelque chose qui concerne *la position féminine*.

Déjà, je vous l'ai dit, c'est quelque chose qui tourne autour du *fantasme de la grossesse* dans cette observation. Est-ce que cela suffit à épuiser la question ? C'est quelque chose qui n'est pas spécifiquement non plus féminin, c'est à savoir la question de la procréation, c'est quelque chose qui tourne, nous l'avons vu, aussi autour des thèmes de morcelage, les fantasmes de corps morcelé, et à proprement parler le morcellement fonctionnel, ou même

le morcellement anatomique, fantasmatique, dont on a vu depuis longtemps qu'il donne les points de rupture, sont des phénomènes hystériques comme tels.

Cette *anatomie fantasmatique* dont depuis longtemps les auteurs ont souligné le caractère structural dans le phénomène de l'hystérie, c'est à savoir qu'on ne fait pas une paralysie ni une anesthésie selon les voies et la topographie

des branches nerveuses. Rien dans l'anatomie nerveuse ne recouvre quoi que ce soit de ce qui s'est produit dans les *symptômes hystériques*. *C'est toujours une anatomie imaginaire dont il s'agit*. Tout cela forme la constellation

des *phénomènes hystériques*. Est-ce que nous n'allons pas pouvoir tout de même préciser ce qui, au-delà du *signifié [imaginaire]*, donne le sens de ce qui pour l'hystérique, sans aucun doute, se situe au niveau du *symbolique*, au niveau du *signifiant*, mais qui n'en reste pourtant pas moins jusqu'à un certain point [...]

Il y a quelque chose qui est le facteur commun de la position féminine comme de la position masculine. C'est à savoir pour tous les deux se pose - sans aucun doute, dans des voies et dans des termes différents - la question de la procréation. Ceci déjà paraît être un accès auquel il est difficile de soustraire ce côté problématique de l'essence de la paternité comme de la maternité.

C'est quelque chose qui ne se situe pas purement et simplement au niveau de l'expérience. Qu'il y ait en effet une expérience féminine de la maternité, et qu'elle soit essentiellement différente de la paternité, laquelle pose justement

à la lumière de l'analyse toute une variété de phénomènes, de manifestations, et du même coup de problèmes, qui sont ceux sur lesquels pour la première fois l'analyse a permis d'apporter quelques lumières.

Récemment je m'entretenais avec quelqu'un de mes élèves des problèmes depuis longtemps soulevés de « *la couvade* ». Et il me rappelait là-dessus les éléments que les ethnographes ont pu apporter récemment sur ce problème qui restait problématique. Il est clair que là-dessus, des faits qui sont des faits d'expérience, d'investigation dans le domaine

à proprement parler du *symbolique*, le fait de retrouver dans *un usage*, dans quelque chose qui n'est manifestable que là,

parce que c'est simplement là que cela apparaît d'une façon claire, à savoir dans *telle ou telle tribu* d'Amérique centrale,

permet à certains moments de trancher certaines questions qui se posent sur la signification de « *la couvade* »,

qui est restée très ambiguë et très énigmatique.

Jusqu'à une époque récente on hésitait sur ses relations avec les éléments divers de croyance concernant le sens du mécanisme de *la paternité*, l'élément de contrecoup et de culpabilité des relations, se réfléchit par l'intermédiaire

de la femme. On peut faire entrer un élément tout à fait précis de mise en question de la fonction du père comme tel dans *la procréation*, c'est à dire de l'élément qu'apporte le père à la création d'un nouvel individu.

Je n'ai pas à vous dire sur quels faits peuvent se fonder cette affirmation qui apporte une précision essentielle dans le domaine du matériel signifiant qui permet de préciser que « *la couvade* » se situe au niveau de la question concernant ce que c'est que la procréation masculine en tant qu'elle y participe.

Dans cette voie, par cette approche, il ne paraîtra peut-être pas forcé de dire qu'en somme ce vers quoi nous amène cette question sur la question des névroses est ceci : réfléchissons à ce qu'est *le signifiant*, *le symbolique* en tant qu'il donne une forme dans laquelle puisse s'insérer ce qu'on peut à juste titre appeler à proprement parler le sujet au niveau de l'être, ce en quoi le sujet se reconnaît comme étant ceci ou cela.

Beaucoup de choses s'expliquent dans ce registre en tant qu'explicatif, que causal, que coordonnant ce quelque chose qui dans le dernier ressort n'est pas autre chose que la chaîne des signifiants. La notion même de causalité n'est pas autre chose. Il y a tout de même une chose qui échappe à la trame. Mais il n'y a pas à aller chercher très loin.

Il y a deux choses qui échappent à la trame, c'est - au niveau du *symbolique* entendons-le - l'explication de *la succession*, la sortie des êtres les uns par rapport aux autres, c'est très précisément la procréation dans sa racine essentielle,

c'est qu'un être naisse d'un autre. Il y a là quelque chose qui, dans l'ordre du *symbolique* est couvert par le fait qu'un ordre est instauré de cette succession entre les êtres, mais de leur essentielle individuation, c'est-à-dire du fait qu'il y en ait un autre qui sorte du premier, qu'il y ait *création*.

Et d'ailleurs il n'y a pas création, précisément tout le symbolisme est là pour affirmer que *la créature* n'engendre pas

la créature, que *la créature* est impensable sans une fondamentale création. Dans le *symbolique*, rien n'explique la création.

En d'autres termes, rien n'explique - c'est la même chose - qu'il faille que des êtres *meurent* pour que d'autres *naissent*, et le rapport essentiel de la reproduction sexuée avec l'apparition de la mort, disent les biologistes, si c'est vrai, montre que les biologistes sont aussi autour de quelque chose qui est la même question.

La question de savoir *ce qui lie deux êtres* dans l'apparition de la vie en tant que telle, est quelque chose qui ne va de soi que pour autant que l'être lui-même est intégré *dans le symbolique*, c'est-à-dire que pour lui la question ne se pose pas

à partir du moment où il est *dans le symbolique* réalisé comme homme ou comme femme, mais dans toute la mesure

où ce quelque chose arrive à la façon d'un accident, qui l'empêche d'y accéder.

Et ceci peut arriver aussi bien par le fait des accidents biographiques de chacun. Ce qui surgit est la question foncière, ce en quoi est ce qui nécessite aussi la question que lui-même, FREUD a posée dans « *Au-delà du principe du plaisir* ».

De même, dit-il, que la vie va se reproduire, chaque fois qu'elle se reproduit, le même cycle qu'elle est forcée de répéter pour rejoindre le but commun de la mort, disons que ceci est en quelque sorte le reflet de son expérience.

En fin de compte, ce que chaque névrose reproduit, c'est en effet un certain cycle dans *l'ordre du signifiant*, dans l'ordre de certaines questions particulières, les plus fondamentales sans doute, qui se produisent au niveau du signifiant,

mais sur le fond de la question se pose le rapport de l'homme au signifiant comme tel, c'est-à-dire qu'il y a quelque chose qui est radicalement inassimilable au signifiant, c'est tout simplement son existence singulière :

- pourquoi est-il là ?
- D'où sort-il ?
- Que fait-il ?

Autrement dit la question de savoir pourquoi il va disparaître étant donné que *le signifiant* est incapable de lui donner un élément pour une simple raison

- que justement en tant que *signifiant*, il le met au-delà de la mort,
- parce qu'en tant que *signifiant* il le considère déjà comme mort, il l'immortalise par essence.

La question de la mort, c'est celle qui est au fond un autre mode de la création névrotique de la question, c'est celui de la névrose obsessionnelle. Je l'ai indiqué hier soir. Je le laisse de côté aujourd'hui, parce que nous n'allons pas faire *les névroses obsessionnelles* cette année.

Les considérations que je vous propose là sont *des considérations de structure générale* qui sont encore préludes aux problèmes qui nous sont posés par le psychotique. Je m'intéresse spécialement à la question telle qu'elle est posée dans l'hystérie parce qu'il s'agit justement de savoir en quoi le mécanisme de la psychose - nommément du Président SCHREBER - pour autant qu'il importe aussi que nous voyions s'y dessiner la question de *la procréation féminine* tout spécialement. Qu'est-ce que cela veut dire ? C'est pour la situer par rapport à la façon dont la question se présente chez l'hystérique que je fais ce détour qui est en même temps une illustration des points que j'ai remués hier soir.

Je désire vous signaler que, illustrant les choses sur lesquelles j'ai mis un accent assez fort hier soir, il y a des textes de FREUD. Et je crois que, pour ceux d'entre vous qui savent l'allemand ou l'anglais, pour vous y reporter, pour vous montrer que ce ne sont pas là des choses déduites de ma part. FREUD a compris les névroses et un certain nombre d'autres choses. Il a fait son travail. Ma position peut très bien s'exprimer en ceci que mon travail à moi, c'est de comprendre ce qu'a fait FREUD.

Et par conséquent toute espèce d'interprétation, même de ce qui est implicite dans FREUD, est absolument légitime. Donc, c'est vous dire que ce n'est pas pour reculer devant mes responsabilités que je vous prie de vous reporter

à ce qu'ont puissamment articulé certains textes.

Il est quand même frappant de voir qu'en 1896, c'est-à-dire dans ces années où FREUD lui-même nous dit qu'il a ordonné, monté sa doctrine, et qu'il a mis longtemps avant de sortir ce qu'il avait à dire, il marque bien le temps de latence, qui est toujours de trois ou quatre ans, qu'il y a eu entre le moment où il a composé ses principales œuvres et celui où il les a fait sortir. La *Traumdeutung* a été écrite 3 ou 4 ans avant sa sortie.

De même la *Psychopathologie de la vie quotidienne* et notamment *le cas de Dora*.

Pendant cette période, il est frappant que ce n'est pas après-coup qu'apparaît cette structuration double qui est celle du signifiant et du signifié, et de voir que dans une lettre comme *la lettre 46*, par exemple, FREUD nous dit que c'est le moment où il commence à voir apparaître dans son expérience, à pouvoir construire - et c'est très tôt - les étapes du développement du sujet comme étant essentiellement à mettre en relation avec l'existence de l'inconscient et ses mécanismes.

Il est extrêmement frappant de le voir employer le terme de « *Übersetzung* » pour désigner telle ou telle étape des expériences du sujet, en tant qu'elle semble - ou non - *traduite*. *Traduite*, qu'est-ce que cela veut dire ?

Il s'agit de ce qui se passe au niveau défini par les âges du sujet :

- le premier âge qu'il distingue : de 1 à 4 ans,
- puis de là à 8 ans,
- ensuite la période prépubertaire,
- et enfin la période de maturité.

Ce qui importe c'est de voir que la notion de *Übersetzung*, le fait que le sujet *ait traduit*, est mis au premier plan. Et d'après le contexte, il est curieux de se rapporter à ce qui dans FREUD, met tant de force sur l'élément du signifiant.

La *Bedeutung* ne peut pas être traduite comme spécifiant le signifiant et non pas le signifié. De même que dans *la lettre 52*, à laquelle je vous prie de vous reporter, vous aurez exactement ce que j'ai déjà une fois relevé, c'est qu'il dit ceci :

« Je travaille avec la supposition que notre mécanisme psychique est né d'après la mise en couches par un ordonnancement
dans lequel de temps en temps le matériel que l'on a sous la main subit un remaniement d'après de nouvelles relations
et un bouleversement dans l'inscription, une réinscription. »

Ce qui est essentiellement neuf dans la théorie, c'est l'affirmation que la mémoire n'est pas simple, mais qu'elle est plurale, multiple, et enregistrée sous diverses formes, sous diverses espèces. Je vous fais remarquer la parenté de ce qu'il dit là avec un travail beaucoup trop négligé : le schéma que je vous ai commenté l'autre jour, il l'explique comme ceci, et souligne que ce qui caractérise ces différentes étapes et ceci c'est justement la différence qui s'établit au cours de cette étape dans l'achèvement de *la pluralité de ces inscriptions mnésiques*.

Ces *inscriptions mnésiques* il les caractérisera pour chacune dans les *différences de complexité* qui sont les suivantes :

- d'abord la *Wahrnehmung* - *perception* - c'est une position première, primordiale, qui reste simplement hypothétique, car en quelque sorte rien n'en vient au jour dans le sujet.
- La *Bewusstsein* - *conscience* - et la mémoire sous cette forme simple s'excluant comme telles, c'est un point sur lequel FREUD par la suite n'a jamais varié. Il a toujours semblé que le phénomène de mémoire pure en tant qu'inscription, en tant qu'il marque dans le sujet l'acquisition d'une nouvelle possibilité de réagir, est quelque chose qui devait rester complètement immanent au mécanisme, c'est-à-dire qu'il ne fasse intervenir aucune saisie du sujet par lui-même à aucune occasion.
- L'étape *Wahrnehmung* qui est la véritable étape primaire purement hypothétique, elle est là pour marquer qu'il faut supposer quelque chose de simple à l'origine de ce dont il s'agit, c'est-à-dire de cette conception de la mémoire comme étant essentiellement faite d'une pluralité de registres.

La 1^{ère}, c'est donc la 1^{ère} registration des perceptions tout à fait inaccessibles à la conscience elle aussi, et qui est ordonnée par des associations de simultanéité. Nous avons là fondé et posé, comme *l'exigence originelle d'une primitive instauration de simultanéité*, c'est-à-dire de ce que je vous ai montré quand nous avons essayé l'année dernière, de faire des sortes d'exercices démonstratifs concernant les symboles qui faisaient que les choses devenaient (+ +, + -, - -) intéressantes à partir du moment où nous y établissions sa raison d'être, dans la structure des groupes de trois.

Mettre des groupes de trois, ensemble, c'est en effet les instaurer dans la simultanéité. La naissance du signifiant, c'est la simultanéité, et aussi bien l'existence du signifiant est une coexistence synchronique.

Après cela, la *Bewusstsein* est le second mode qui est ordonné comme quelque chose qui est *une relation de causalité*.

Les inscriptions inconscientes correspondent à quelque chose, car ils indiquent dans quel sens cette naissance primordiale d'une nouvelle dimension nous dirige. Elle est de l'ordre de quelque chose qui sera là des souvenirs conceptuels, qui, dit-il : « *De la même façon est inaccessible à la conscience* ».

La notion de relation causale qui apparaît là pour la première fois en tant que telle, c'est-à-dire le moment où le signifiant qui est constitué comme signifiant s'ordonne à quelque chose d'autre qui ne peut être et qui n'est à cette occasion que justement et secondairement l'apparition du signifié avec ce qu'il comporte en effet, la prise, qui est quelque chose là impossible à méconnaître.

C'est seulement après qu'intervient la *Vorbewusstsein*, qui est le 3^{ème} mode de remaniement entre ces choses, lié à l'apparition consciente des investissements qui correspondent dès cette époque à notre *mot* officiel, dit-il. Et c'est à partir de ce préconscient que seront rendus conscients les investissements, selon certaines règles précises. Et cette seconde conscience de la pensée est liée, nous dit-il, vraisemblablement à l'expérience hallucinatoire

des représentations verbales : l'émission des *mots*. Il y a là quelque chose dont l'exemple le plus radical est dans l'expérience de l'hallucination verbale, liée au mécanisme paranoïaque par lequel nous auditivons la représentation des mots. C'est à ceci qu'est liée l'apparition de la conscience qui autrement serait toujours sans lien avec la mémoire.

Et dans toute la suite ce qu'il manifeste, c'est que le phénomène de la *Verdrängung* - *répression* - consiste toujours dans la tombée de quelque chose qui est précisément de l'ordre de l'expression signifiante dans la tombée de ce qui est dans une de ces inscriptions, de ces illustrations au moment du passage d'une étape de développement à une autre.

C'est-à-dire dans le fait que le signifiant de ce qui est enregistré à une de ces étapes en passant à une autre, ne franchit pas le mode de reclassement après-coup que nécessite une phase nouvelle d'organisation signifiant-signification où entre le sujet, et que c'est comme tel et ainsi qu'il faut expliquer l'existence de quelque chose qui est refoulé.

Cela reste dans un *mode d'inscription* qui est antérieur. La notion d'inscription, d'insertion de tout ce qui est dans un signifiant, qui lui-même domine tout, qui domine l'enregistrement, est essentielle à la théorie de la mémoire, pour autant qu'elle est à la base, pour FREUD, de sa première investigation du phénomène de l'inconscient.

« *Ad usum autem orationis incredibile est, nisi diligenter adtenderis, quanta opera machinata natura sit.* »

[« Incroyable, quand on y regarde de près, est le soin pris par la nature pour permettre l'usage de la parole. »]

[Cicéron : *De la nature des dieux, De natura deorum*]

Vous ne vous étonnerez pas que je vous donne cette phrase de CICÉRON comme épigraphe à la reprise. C'est-à-dire : « *Combien de merveilles recèle la fonction du langage - « nisi diligenter » - si vous voulez y prendre garde diligemment.* »

Vous savez que c'est ce à quoi nous nous efforçons ici. Par conséquent c'est aussi sur ce thème que nous allons reprendre ce trimestre l'étude des structures freudiennes des psychoses. Il s'agit en effet de ce que FREUD a laissé dans les structures des psychoses. C'est pour cela que nous les qualifions de freudiennes.

La notion de « *structures* » mérite déjà par elle-même que nous nous y arrêtions, non pas pour revenir sur son emploi courant, mais sur ce que veut dire qu'on précise, qu'on aborde un problème du point de vue structural. Je veux simplement faire remarquer que la notion de « *structure* », telle que nous la faisons jouer efficacement dans l'analyse, implique un certain nombre de coordonnées.

Déjà même la notion de coordonnée fait partie de la notion de « *structure* ». *La structure est* une chose qui se présente d'abord comme *un groupe d'éléments formant un ensemble covariant*. Nous n'en serions pas à la notion de structure si ce n'était pour repérer un phénomène, quelque chose qui constitue un ensemble covariant. Je n'ai pas dit une « *totalité* ».

En effet, la notion de « *structure* » est une notion analytique. Et c'est toujours par rapport à une référence de ce qui est cohérent à quelque chose d'autre qui lui est complémentaire, que la notion de « *structure* » se pose. La notion de *totalité* interviendra si nous avons affaire à une relation close avec un correspondant dont la *structure* est solidaire.

Il peut y avoir une relation ouverte que nous appellerions « *de supplémentarité* ».

L'idéal a toujours paru, à ceux qui - d'une façon quelconque - se sont avancés dans une analyse structurale de ce qui liait les deux, *la close* et *l'ouverte*, entrouvrant du côté de l'ouverture une circularité : incontestablement c'est la *[notion de]* « *structure* » la plus satisfaisante. Je pense que vous êtes ici déjà assez orientés

pour comprendre du même coup que la notion de structure est déjà par elle-même, une *manifestation* du *signifiant*.

Le peu que je viens de vous indiquer sur sa *dynamique*, sur ce qu'elle implique, vous dirige vers la notion de *structure*.

Déjà, en elle-même, s'intéresser à la structure, c'est ne pouvoir négliger la question du *signifiant*.

C'est-à-dire que, comme le *signifiant*, nous y voyons essentiellement des « *relations de groupe* » fondées sur la notion d'« *ensemble ouvert, ou fermé* », mais qui essentiellement comportent des références *réciproques*. Des éléments comme

le synchronisme, comme *le diachronisme*, sur lesquels nous avons appris à mettre l'accent dans l'analyse du rapport du *signifiant* et du *signifié*, se retrouvent dans la structure.

C'est là quelque chose qui ne doit pas nous surprendre, puisque en fin de compte la notion de *structure* et celle de *signifiant* apparaissent inséparables à les regarder de près. En fait quand nous analysons une structure, nous nous apercevons qu'idéalement c'est du rapport du *signifiant* qu'il s'agit, c'est un *dégagement* aussi radical que possible du *signifiant* qui nous satisfait au mieux. La notion *[de structure]* distingue sur ce point, *les sciences naturelles*, des sciences qui sont celles où nous nous situons, dont vous savez que ce n'est pas tout de les appeler les « *sciences humaines* ».

Et justement ceci est, je crois, la seule limite qu'on puisse se fixer, c'est que dans *les sciences de la nature*, je veux dire telles qu'elles se sont développées, pour nous, la physique à laquelle nous avons affaire, la physique dont nous avons en quelque sorte à la fois à savoir :

- dans quelle mesure nous devons nous rapprocher de ses idées,
- dans quelle mesure nous ne pouvons pas nous en distinguer.

C'est par rapport à ces définitions du signifiant et de la structure que nous pouvons faire justement la démarcation et la limite.

Nous dirons que nous nous sommes imposés comme loi dans la physique, de partir de cette idée que dans la nature personne ne se sert du *signifiant* pour *signifier*. Ce qui distingue notre physique d'une physique *mystique*, et même d'une physique qui n'avait rien de mystique, qui était la physique antique, qui ne s'imposait pas strictement cette méditation, j'ai déjà fait assez d'allusions à la physique aristotélicienne pour que vous puissiez voir ce que je veux dire dans ce sens, mais pour nous c'est devenu la loi fondamentale, exigible de tout énoncé de l'ordre des sciences naturelles : qu'il n'y a personne qui se sert de ce signifiant, qui pourtant est bien là, dans la nature.

Car si ce n'était pas le signifiant que nous y cherchions, nous n'y trouverions rien du tout. Dégager une loi naturelle, c'est dégager une formule signifiante, moins elle signifie quelque chose, plus nous sommes contents. C'est pourquoi nous sommes parfaitement contents de l'achèvement de la physique einsteinienne, c'est que littéralement, vous auriez tort de croire que les petites formules qui mettent en rapport la masse d'inertie avec une constante et quelques exposants [$m = E/c^2$], sont quelque chose qui ait la moindre *signification* : c'est un pur *signifiant*. Et c'est pour cela que grâce à lui nous tenons le monde dans le creux de la main.

La notion que le signifiant signifie quelque chose, à savoir qu'il y a quelqu'un qui se sert de ce signifiant pour signifier quelque chose, s'appelle la « *signatura rerum* », et c'est le titre d'un ouvrage d'un nommé Jakob BOEHME. Cela voulait dire que c'est justement le nommé Dieu qui est là pour nous parler, avec tout ce qui est des phénomènes naturels, sa langue. Il ne faut pas croire que cette [science] supposée *fondamentale* qu'est notre physique implique la réduction de toute signification. À la limite, s'il y en a une, il n'y a personne pour la signifier.

À l'intérieur de la physique, néanmoins, la seule existence d'un système signifiant implique au moins cette *signification* qu'il y ait un *umwelt*, c'est-à-dire la conjonction minimale des deux *signifiants* suivants :

- c'est-à-dire que *toutes choses* sont *Une*,
- ou que *l'Un* est *toute chose*.

Ces signifiants de la science, au sens le plus général, vous auriez tort de croire - si réduits qu'ils soient, même à cette dernière formule - qu'ils sont tout donnés, qu'un empirisme quelconque nous permette de les dégager.

Aucune espèce de théorie empirique n'est susceptible de rendre compte de l'existence simplement des premiers nombres entiers. Quelque effort qu'ai fait M. JUNG pour nous convaincre du contraire, l'*histoire*, l'*observation*, l'*ethnographie* nous montrent qu'à un certain niveau d'usage du signifiant...

...ce peut être dans telle ou telle communauté, dans telle ou telle peuplade ...c'est une conquête que d'accéder au nombre « cinq » par exemple.

On peut fort bien distinguer du côté de l'Orénoque entre la tribu qui a appris à *signifier* le nombre « quatre », et celle pour laquelle le nombre « cinq » ouvre des possibilités tout à fait surprenantes et cohérentes, d'ailleurs, avec l'ensemble précisément du système signifiant où elle s'insère. Ne prenez pas cela pour de l'humour. Ce sont des choses qu'il faut prendre au pied de la lettre. L'effet fulgurant du nombre « trois » quand il est arrivé dans telle tribu de l'Amazonie a été noté par des personnes qui savaient ce qu'elles disaient.

Il ne faut pas croire que l'énoncé des séries des nombres entiers soit quelque chose qui aille de soi. Il est tout à fait concevable qu'au-delà d'une certaine limite, les choses se confondent, simplement dans la confusion de la multitude.

L'expérience montre qu'il en est ainsi. L'expérience montre également que le nombre « un » ne nécessitant son efficacité *maxima* que par un retour, ce n'est pas de lui que, dans l'acquisition du *signifiant*, nous pouvions toucher du doigt - dans l'expérience - l'origine. Ceci peut aller contre les remarques que je vous ai faites, que tout système de langage comporte la totalité des significations.

Vous verrez que cela ne contredit pas puisque ce dont j'ai parlé, à savoir que tout système de langage puisse recouvrir la totalité des significations possibles, ne veut pas dire que tout système de langage ait épuisé les possibilités du signifiant. C'est tout à fait différent. La preuve c'est l'*allusion* que je vous ai faite à ceci, par exemple que le langage d'une tribu australienne pourrait exprimer tel *nombre* avec *le croissant de la lune*. Ceci vous indique suffisamment ce que je veux vous dire.

Ces remarques peuvent paraître venir de loin, elles sont tout de même essentielles à reprendre au début de notre propos de cette année...

et chaque fois que nous reprenons au départ, c'est-à-dire au point où nous le reprenons toujours,

car nous serons toujours au point de départ

...c'est donc *que tout vrai signifiant* en tant que tel *est un signifiant qui ne signifie rien*. L'expérience le prouve, car c'est précisément *dans la mesure* où, plus il ne signifie rien, plus il est indestructible, l'expérience le prouve.

Ce qui montre aussi *la direction insensée* dans laquelle s'engagent ceux qui critiquent ou font de l'humour sur ce qu'on peut appeler *le pouvoir des mots* en démontrant - ce qui est toujours facile - les contradictions où l'on entre avec le jeu de tel ou tel concept, *le nominalisme* comme on dit, et dans telle ou telle philosophie.

Disons par exemple, pour fixer les idées de montrer combien facilement on peut critiquer ce que peut avoir d'arbitraire ou fuyant l'usage d'une notion comme celle par exemple de « *société* ». Pourquoi pas ?

Il n'y a pas tellement longtemps qu'on a inventé le mot de « *société* ». Et l'on peut s'amuser de voir à quelle *impasse* concrète, dans le *réel*, la notion de société, en étant responsable de ce qui arrive à l'individu - exigence qui finalement s'est traduite par les constructions socialistes - manifeste en effet ce qu'il y a de radicalement arbitraire

dans le surgissement de la notion de société comme telle.

Je dis de société et non pas de cité, par exemple. Toutes ces choses ne vont pas de soi. Au niveau de notre ami CICÉRON, et dans le même ouvrage [*Cicéron : De la nature des dieux, De natura deorum*], vous vous apercevrez que :

- *la nation c'est*, si je puis dire, *la déesse de la population*,
- *la nation c'est* ce qui préside aux naissances.

L'idée de nation n'est absolument pas même à l'horizon de la pensée antique, et ce n'est pas simplement le hasard d'un mot qui nous le démontre. Toutes ces choses ne vont pas de soi.

La notion de « *société* » c'est précisément, dirons-nous dans toute la mesure où justement nous pouvons la mettre en doute, c'est précisément aussi pour cela qu'elle est entrée comme une étrave, comme le soc d'une charrue dans notre réalité sociale. La notion qui nous dirige, qui nous oriente ici quand nous essayons de comprendre ce qui se passe au niveau des psychoses doit partir de ceci : c'est que quand je vous parle de *subjectif*, ou quand ici nous le mettrons

en cause, toujours *le mirage* reste dans l'esprit de l'auditeur :

- *que le subjectif s'oppose à l'objectif*,
- *que le subjectif est* du côté de celui qui parle, et de ce fait même - par rapport à l'objectif - *du côté des illusions*, soit qu'il le déforme, soit qu'il le contienne.

C'est encore une autre façon de laisser *le subjectif* du côté de celui qui parle.

Ce dont il s'agit pour nous, ce qui est la dimension omise jusqu'à présent ou plutôt mise entre parenthèses, élidée dans la compréhension du freudisme, c'est celle-ci :

- *le subjectif* est non pas du côté de celui qui parle,
- *le subjectif est quelque chose* que nous rencontrons *dans le réel*.

Non pas que le subjectif se donne à nous au sens où nous entendons habituellement le mot « *réel* », c'est-à-dire qui implique l'objectivité - la confusion est sans cesse faite dans les écrits analytiques - il apparaît dans *le réel* en tant que

le subjectif suppose que nous avons en face de nous un sujet qui est capable de se servir du *signifiant* comme tel, et de se servir du *signifiant* comme nous nous en servons :

- de se servir du jeu du signifiant, non pas pour signifier quelque chose, mais précisément pour nous tromper sur ce qu'il y a à signifier,
- à se servir du fait que *le signifiant est autre chose que la signification*, pour nous présenter un signifiant trompeur.

Cet état est tellement essentiel que - comme peuvent s'en assurer ceux d'entre vous qui ne savent pas déjà, comme j'espère que la plupart d'entre vous le savent - ceci est la première démarche de *la physique moderne* : dans DESCARTES, la discussion du Dieu trompeur est le pas impossible à éviter de tout fondement d'une physique au sens où nous entendons ce terme.

Le subjectif est donc pour nous ce qui distingue le champ de la science où se base la psychanalyse, de l'ensemble du champ de la physique. C'est l'instance de cette *subjectivité*, comme présente *dans le réel*, c'est cela qui est le ressort essentiel qui fait que nous disons quelque chose qui est quelque chose de nouveau quand nous disons une série de phénomènes d'apparence naturelle qui s'appellent les névroses par exemple.

Il s'agit de savoir :

- si les *psychoses* sont aussi une *série de phénomènes naturels*,
- s'ils sont dans un *autre champ d'explication naturelle*,
- si nous appelons *naturel* le champ de la science où il n'y a personne qui se sert du signifiant pour signifier.

Ces définitions, je vous prie de les retenir, parce qu'après tout je vous les donne après avoir pris le soin de les décanter. En particulier, je crois que ce sont celles qui sont destinées à apporter la plus grande *clarté* sur le sujet, par exemple, de la critique des « *causes finales* ». L'idée de « *cause finale* » qui nous répugne tellement, et dont nous faisons usage sans cesse...

je parle dans *la science* telle qu'elle est actuellement constituée, simplement d'une façon camouflée, dans la notion de *retour à l'équilibre*, par exemple

...si la « *cause finale* » est simplement une cause :

- qui réagirait trop activement,
- qui agit par anticipation,
- qui agit parce qu'elle tend vers quelque chose,
- qui est en avant,

...elle est absolument inéliminable de *la pensée scientifique*.

Il y a tout autant de causes finales dans les formules einsteiniennes que dans ARISTOTE, ce n'est pas la question.

La différence est très précisément ceci : c'est que dans ce signifiant il n'y a là personne qui l'emploie pour signifier quoi que ce soit, si ce n'est ceci : il y a un univers.

Les choses qui nous font rire... Je lisais dans M. [...] qu'il s'émerveillait combien l'existence de l'élément *eau* était

une chose merveilleuse, combien on voyait bien là les soins qu'avait pris de l'ordre et de notre plaisir le Créateur, parce que si l'eau n'était pas cet élément à la fois merveilleusement fluide, lourd et solide, nous ne verrions pas

les petits bateaux voguer si joliment sur la mer. Ceci est écrit, et on aurait tort de croire que M. [...] fût un imbécile.

Simplement il était encore dans l'atmosphère d'un temps pour qui la nature était faite pour parler. Ceci nous échappe à raison d'une certaine purification venue dans nos exigences causales.

Mais cette purification n'est pas autre chose qu'il ne pouvait échapper à des gens pour qui tout ce qui se présentait avec une nature signifiante était fait pour signifier quelque chose. Et c'est là tout ce que voulait dire ces prétendues naïvetés. Remarquez que pour l'instant on est en train de se livrer à une très curieuse opération qui consiste à se tirer de certaines difficultés...

qui sont très précisément présentées par les domaines limitrophes, ceux où il faut bien faire entrer la question de l'usage du *signifiant* comme tel

...avec précisément la notion de « *communication* » dont nous nous sommes entretenus ici de temps en temps.

Si j'ai mis dans ce numéro de revue - avec lequel vous vous êtes tous un peu familiarisés, je pense - l'article de TOMKINS, c'est bien pour vous donner la façon *naïve* de se servir de la notion de « *communication* ». Vous verrez qu'on peut aller fort loin, et on n'a pas manqué d'y aller, c'est à dire d'écrire l'histoire naturelle en termes de *[messages ?]*.

Il y a eu des gens pour dire qu'à l'intérieur de l'organisme les divers ordres de la sécrétion interne s'envoient l'un à l'autre des messages sous la forme des hormones qui viennent avertir les ovaires que ça va très bien, ou au contraire que ça cloche légèrement.

Y a-t-il là un usage légitime de la notion de *communication* ? Il n'est pas du tout absurde de se poser la question de savoir si c'est légitimement qu'on peut employer dans une telle occasion la notion de « *message* ».

Pourquoi pas ? Si le message est simplement quelque chose de l'ordre de ce qui se passe quand nous envoyons un rayon, invisible ou pas, sur la cellule photoélectrique. En effet, pourquoi pas ? Cela peut aller fort loin,

comme je vous l'ai déjà dit un jour, je crois. Si nous balayons le ciel avec *le pinceau d'un projecteur*, nous voyons apparaître quelque chose au milieu. Cela peut être considéré comme la réponse du ciel. Je pense qu'au fur et à mesure que vous voyez mieux l'usage que nous en faisons, la critique se fait elle-même. Mais c'est encore prendre les choses d'une façon trop facile effectivement.

Où pouvons-nous parler vraiment de la notion de *communication* ? Vous allez me dire que c'est évident : il faut une réponse. Cela peut se soutenir. C'est une question de définition. Définissons-nous qu'il y a communication à partir du moment où la réponse s'enregistre ? Et il n'y a qu'une façon de définir la réponse, c'est qu'il revienne *quelque chose* au point de départ. Ceci est le schéma du *feed-back*.

Toute espèce de machine qui comporte une *autorégulation*, c'est-à-dire un retour de quelque chose qui est enregistré quelque part et comme tel, du fait de cet enregistrement, déclenche *une opération* qui, de quelque façon qu'elle agisse, pourra être appelée opération de régulation, ceci constitue une opération de réponse. Et la communication commence là. Mais dirons-nous, pour autant qu'il s'agisse à proprement parler de quelque chose qui déjà nous mette au niveau du signifiant, et de sa fonction ? Je dirai non. Une machine thermo-électrique soutenue par un *feed-back* n'est pas ce quelque chose à l'intérieur de quoi nous puissions dire qu'il y a un usage du signifiant.

L'isolement du *signifiant* comme tel, nécessite qu'à partir - elle se présente d'abord d'une façon paradoxale, comme toute distinction dialectique - à partir du moment où au niveau du récepteur ce qui est important ce n'est pas l'effet du contenu du message, ce n'est pas l'hormone qui du fait qu'elle survient va déclencher quelque part dans l'organe telle ou telle réaction, c'est qu'au point d'arrivée du message, on prend acte du message.

Est-ce que cela implique une subjectivité ? Regardons-y de bien près. Ce n'est pas sûr. Ce qui distingue l'existence du signifiant en tant que système corrélatif d'éléments qui prennent leur place synchroniquement et diachroniquement les uns par rapport aux autres. Cela implique pour *qu'il y ait signifiant* de supposer ceci : je suis dans la mer, capitaine de quelque chose, un petit navire. Je vois quelque part des choses qui dans la nuit s'agitent d'une façon qui me laisse à penser qu'il peut s'agir d'un signe. Il y a là plusieurs façons de réagir.

Si je ne suis pas un être humain encore, je réagis par toutes sortes de manifestations, comme on dit, modelées, motrices et émotionnelles. Je satisfais aux descriptions des psychologues. Je comprends quelque chose, je fais tout ce que je vous dis qu'il faut savoir ne pas faire. Si je suis un être humain, *j'inscris* sur mon *livre de bord* :

« *À telle heure, par tel degré de longitude et de latitude, nous apercevons ceci et cela...* ». Et c'est cela qui est essentiel.

Je mets si je puis dire, mes responsabilités *à couvert*.

La distinction du signifiant est là, le fait qu'on prend acte du signe comme tel, c'est *l'accusé de réception* qui est l'essentiel de la communication en tant qu'elle est non pas significative, mais *signifiante*.

Et il faut fortement articuler cette distinction, car si vous ne l'articuler pas fortement, vous retombez sans cesse aux significations, c'est-à-dire à quelque chose qui en soi ne peut que nous masquer, que nous laisser échapper le ressort original, propre, distinctif, du signifiant en tant qu'il exerce sa fonction propre. Je vous le présente ici sous des formes imagées, voire humoristiques. Ceci est absolument essentiel. Retenons donc bien ceci :

- même quand à l'intérieur d'un organisme - quoi qu'il soit, vivant ou pas - même quand des transmissions se passent qui sont fondées sur l'effectivité du tout ou rien [0,1],
- même quand, grâce à l'existence d'un seuil par exemple, nous avons quelque chose qui n'est pas jusqu'à un certain niveau, et puis qui, tout d'un coup, fait un certain effet (retenez l'exemple des hormones)

...nous ne pouvons pas encore parler de *communication*, si dans la *communication* nous impliquons l'originalité de *l'ordre du signifiant*, pour la raison que ce n'est pas en tant que tout ou rien que quelque chose est signifiant, c'est pour autant que quelque chose, qui constitue un tout, le signe, est là justement pour ne signifier rien. C'est là que commence et que se distingue *l'ordre du signifiant* de *l'ordre de la signification*.

Et si la psychanalyse nous apprend quelque chose, si la psychanalyse constitue une nouveauté, c'est justement en ceci que le développement de l'être humain, que le fonctionnement de ce qui au maximum l'intéresse essentiellement n'est absolument d'aucune façon déductible d'une façon directe de la construction du développement des interférences de la composition des significations, c'est à dire des instincts, mais que leur fonctionnement à ces significations

et à ces instincts, n'articule, ne s'organise de façon telle :

- qu'un monde humain puisse en sortir,
- que le monde que nous connaissons dans lequel *nous vivons*, au milieu duquel *nous nous orientons*, et dans lequel nous ne pouvons absolument pas nous orienter, implique non pas seulement l'existence des significations, mais de *l'ordre d'un signifiant*.

Si le complexe d'Œdipe qui est une chose dont l'ordre, le degré d'élaboration, est essentiel à la *normativisation sexuelle*...

et c'est pour autant qu'il introduit comme tel et nommément le fonctionnement du signifiant comme tel, dans la conquête du dit « homme » ou « femme »

...si le complexe d'Œdipe n'est pas l'introduction du *signifiant*, je demande qu'on m'en donne une *conception* quelconque.

Ce n'est pas parce que le complexe d'Œdipe est contemporain de la dimension ou de la tendance génitale qu'on peut un seul instant concevoir qu'il soit essentiel à un monde humain réalisé, à un monde achevé, à un monde humain qui ait sa structure de réalité humaine.

Car en réalité, il suffit d'y penser un instant :

- s'il y a quelque chose qui n'est assurément pas fait pour introduire l'articulation et la différenciation dans le monde c'est bien précisément la fonction génitale,
- s'il y a quelque chose qui est bien ce qu'il y a de plus paradoxal, par rapport à toute *structuration réelle* du monde, c'est bien ce qui dans son essence propre va à la plus mystérieuse des effusions.

Ce n'est pas la dimension instinctuelle qui est opérante dans l'étape à franchir de l'Œdipe.

À cet égard, il est bien clair ce sont justement les étapes prégénitales qui nous montrent toute la diversité, tout le matériel qui nous permet assurément plus facilement de concevoir comment, par analogie de signification, le monde de la matière, pour l'appeler par son nom, se relie à toutes sortes de choses que l'homme a immédiatement dans son champ dans la somme du maniement de ses propres échanges : ses échanges corporels, excrémentiels, prégénitaux sont bien suffisants pour structurer un monde d'objets, pour structurer un monde de réalité humaine complète, c'est-à-dire où il y ait des subjectivités.

Il n'y a pas d'autre définition justement *scientifique* des subjectivités que par cette possibilité de manier le signifiant à des fins purement signifiantes, et non pas significatives, c'est-à-dire qui n'expriment aucune relation directe de l'ordre de l'appétit, et font jouer l'ordre du signifiant, et non pas simplement à l'état de signifiant constitué.

À ce moment les choses sont simples. Mais *l'ordre du signifiant* en tant qu'il faut que le sujet le conquiert, l'acquiert,

soit mis à l'endroit du signifiant dans un rapport d'implication qui touche à son être, en d'autres termes que ce quelque chose se passe qui aboutit à la formation de ce que nous *appelons* dans notre langage, lequel tombe bien dans la définition, dans la définition du signifiant, qui est bien de ne rien signifier, qu'il est capable à tout moment

de donner des significations diverses, à savoir les plus imbéciles, à savoir ce que veut dire le *surmoi*.

Il n'est pas besoin d'aller bien loin dans la littérature analytique pour voir l'usage qui en est fait.

Le *surmoi* est quelque chose, c'est précisément quelque chose qui nous pose la question de savoir quel est donc le schéma du *surmoi*, quel est l'ordre d'entrée, d'introduction, d'instance présente du signifiant qui est indispensable pour qu'un organisme humain fonctionne comme tel, c'est-à-dire un organisme humain qui n'est pas seulement dans un milieu *naturel*, mais qui a aussi à s'arranger, à fonctionner *en raison, en fonction, en rapport* avec un univers signifiant.

Nous retrouvons là le carrefour auquel je vous ai laissés la dernière fois à propos des névroses.

Quant aux *symptômes*, c'est toujours une implication précisément de l'organisme humain dans quelque chose qui est *structuré comme un langage*, c'est-à-dire où tel ou tel élément de son fonctionnement va entrer en jeu comme signifiant. J'ai été plus loin la dernière fois. J'ai pris l'exemple de *l'hystérie* pour vous dire la structure d'une *névrose hystérique*.

C'est une question, c'est-à-dire c'est quelque chose qui est centré autour d'un signifiant qui, quant à sa signification, reste énigmatique. La question de la mort ou la question de la naissance étant les deux dernières très précisément

qui n'ont justement pas de solution dans le signifiant. C'est ce qui donne aux névroses leur valeur existentielle par rapport à cette définition.

Que veulent dire les psychoses ? Quelle est la fonction de ces rapports du sujet au signifiant dans les psychoses ?

C'est ceci qu'à plusieurs reprises nous avons déjà essayé de cerner. Que nous soyons forcés ainsi d'aborder les choses, d'une façon qui soit toujours périphérique, c'est quelque chose qui doit avoir sa raison d'être dans *la question* elle-même, telle qu'elle se pose. C'est quelque chose que nous sommes forcés de constater pour l'instant à la façon d'un obstacle, une résistance, au sens propre du terme, c'est ce qui nous livrera enfin sa signification dans la mesure où nous aurons porté les choses assez loin pour nous rendre compte de pourquoi il en est ainsi.

Une fois de plus nous réabordons le problème avec cette fois-ci le dessein de faire, comme nous l'avons fait à chaque fois, un pas de plus. Je vous ai signalé dans la psychose cette sorte de schéma auquel nous sommes arrivés, qu'il devait y avoir à un moment quelque chose qui ne s'était pas réalisé dans le domaine du signifiant, qui avait été *verworfen*, qui avait fait l'objet d'une *Verwerfung*, et que c'est cela qui réapparaît dans le *réel*. Cette notion, cette différence essentielle qui se distingue de tout autre mécanisme assumable dans ce que nous connaissons de l'expérience quant aux rapports de *l'imaginaire*, du *symbolique* et du *réel*, c'est qu'il y a quelque chose de tout à fait distinct dans les psychoses, de ce qui se passe ailleurs.

Dans la théorie analytique, FREUD tout d'abord, et le premier, l'a puissamment articulé, il a bien marqué - et jusque dans les textes que nous travaillons : « *Le Président Schreber* » - la distinction qu'il y a entre :

- *une projection intentionnelle*, une jalousie où je suis jaloux dans l'autre de *mes propres sentiments*, où c'est moi qui signifie qu'en moi-même ce sont *mes propres pulsions d'infidélité* que j'impute à l'autre,
- la distinction radicale qu'il y a entre cette conviction passionnelle avec une conviction délirante, à propos de laquelle FREUD essaie de nous apporter la formule que « *ce qui a été rejeté de l'intérieur réapparaît par l'extérieur* », ou, comme on essaie de l'exprimer dans ce langage amplificateur, que ce qui a été supprimé dans l'idée réapparaît dans le *réel*.

Mais justement, qu'est-ce que cela veut dire ? Car dans la névrose aussi nous le voyons ce jeu de la pulsion, et nous voyons ses conséquences. Est-ce qu'il n'y a pas :

- quelque chose d'essentiellement confus, directement impensable,
- quelque chose qui nous laisse à désirer,
- quelque chose dont le maniement est tout à fait défectueux et insensé dans cette simple formule ?

Si nous nous limitons à celle-là, c'est celle à laquelle tous les auteurs se limitent. Quand je vous l'ai présentée sous cette forme, je ne voulais pas présenter quelque chose d'original, je pense trouver quelqu'un qui pourrait m'aider

à y regarder de plus près dans les travaux de KATAN, des cas analogues au Président SCHREBER, où il a essayé de serrer de très près ce mécanisme de la *néo-formation psychotique*.

Vous verrez, c'est en cela que ce sera très illustratif, à quelles difficultés conceptuelles, à quelle sorte d'impasse extravagante - d'où il sort au prix de quelles formules contradictoires dans lesquelles on est forcé de s'engager - si on avance dans ce problème d'une réalisation distincte de l'épreuve du réel, ou d'une réalité, dans le sentiment du réel, dans quelles difficultés on s'engage si on confond, si peu que ce soit, la notion de réalité avec celle d'objectivité voire avec celle de signification.

Car toute une prétention phénoménologique - qui pour l'instant déborde largement le domaine de la psychanalyse

et qui n'y règne que pour autant qu'elle règne également ailleurs - est fondée sur ce quelque chose qui confond le domaine de la *signifiance* et le domaine de la *signification*. Partant de travaux qui ont leur grande rigueur, qui sont précisément des élaborations dans la fonction du signifiant, elle a glissé - et c'est là la confusion fondamentale qui existe dans ce que nous appelons la phénoménologie prétendue psychologique - elle glisse au domaine de la *signification*, c'est-à-dire qu'elle est conduite comme une chienne à la piste, et que tout comme la chienne, ça ne la mènera absolument jamais à aucune espèce de résultat scientifique.

La prétendue opposition de l'*Erklären* et du *Verstehen*. Et là nous devons maintenir qu'il n'y a de structure scientifique que là où il a *Erklären*, et le *Verstehen*, c'est l'ouverture vers toutes les confusions. L' *Erklären* n'implique pas du tout de signification mécanique, ni d'aucune façon des choses de cet ordre. La nature de l' *Erklären* c'est la recherche et le recours essentiel au *signifiant*, comme étant le seul fondement de toute *structuration scientifique* concevable et possible.

Abordons maintenant le problème de nos psychoses. Par exemple dans le cas SCHREBER, nous voyons au départ une période de trouble, période, *moment fécond*, dans lequel il y a tout un *ensemble symptomatique* qui à la vérité, pour être en général *passé à l'as*, exactement pour nous avoir glissé entre les doigts, n'a pu être élucidé analytiquement, et n'est jamais la plupart du temps que reconstruit. Cette période nous pouvons - en la reconstruisant - y trouver, à très peu de choses près, toute l'apparence des *significations* et des *mécanismes* dont nous suivons le jeu dans la névrose. Rien ne ressemble autant à une symptomatologie névrotique qu'une symptomatologie pré-psychotique.

Au moment où nous nous intéressons à la psychose comme telle, au moment où le diagnostic est fait, nous avons affaire à un moment où l'on nous dit :

- tout ce qui est de *l'inconscient est là, étalé au dehors*,
- tout ce qui est de l'« *Id* » est passé dans le monde extérieur.

Et ceci est si clair, les significations qui sont là ont pour effet véritablement paradoxal que nous ne pouvons précisément pas - c'est la position classique, et qui garde sa valeur - intervenir analytiquement.

Le paradoxe de ceci n'a jamais échappé à personne, et simplement les raisons qu'on a données pour expliquer ce paradoxe, ont simplement toutes le caractère...

je crois que c'est pour cela qu'il serait intéressant de faire l'analyse des textes tels que ceux que nous avons indiqués tout à l'heure ...de nous faire entrer dans les *tautologies*, dans des *contradictions*, dans des superstructurations d'hypothèses tout à fait insensées. Il suffit de s'intéresser un peu à la littérature analytique comme symptôme pour s'en apercevoir.

Où est le ressort ? Est-ce que c'est en effet que le monde de l'objet soit atteint, capturé, induit d'une façon quelconque par une signification en rapport avec les pulsions, qui caractérisent les psychoses ?

Est-ce que c'est, si vous voulez « *l'édification du monde extérieur* » qui serait ce qui caractériserait les psychoses,

si nous en croyons la définition qu'on nous donne ? Parce qu'en effet s'il y a bien quelque chose dont on pourrait également se servir pour définir *la névrose*, c'est cela, *la névrose* est bien quelque chose encore [...]

À partir de quel moment décidons-nous : « le sujet a franchi les limites », il a franchi celle-là, il est dans le délire.

Prenons le cas de notre Président SCHREBER. Le Président SCHREBER pendant la période pré-psychotique vit quelque chose qu'il nous donne à l'état vivant, c'est cette question dont je vous disais qu'elle est au fond de toute forme névrotique. C'est bien dans cette période - après-coup, par petits morceaux - qu'il nous montre qu'il a été en proie à d'étranges pressentiments, qu'il a été tout d'un coup envahi par cette image qui était celle, vraiment semble-t-il, la moins faite pour entrer dans l'esprit d'un homme de son espèce et de son style :

« *Qu'il devait après tout être fort beau d'être une femme en train de subir l'accouplement.* »

Pour nous, bien entendu, qui suivons tout le *développement* de la psychose, tout ceci ne nous paraît pas très surprenant.

Alors, pourquoi allons-nous faire une limite entre :

- le moment où il était encore à cette période de confusion panique,
- et le moment où son *délire* a fini par construire effectivement qu'il était une femme et pas n'importe laquelle, qu'il était la femme divine, ou plus exactement « *La Promise de Dieu* », ce qui a été la construction de son *délire*.

Est-ce que c'est là quelque chose qui suffit à donner la définition de son cas, le franchissement, *l'entrée dans la psychose* ? Assurément pas. KATAN rapporte un cas qu'il a vu se déclarer à une période beaucoup plus précoce que celle de SCHREBER. C'était le cas d'un jeune homme. Et il a pu avoir une notion tout à fait directe. Il est arrivé à peine

au moment où le cas virait : il s'agit d'un jeune à l'époque de la puberté, dont il analyse fort bien toute la période pré-psychotique, en ceci que nous avons la notion que chez le sujet rien de l'ordre de son accession à quelque chose qui peut le réaliser *dans le type viril, rien n'est là, tout a manqué*.

Et que c'est par l'intermédiaire d'une sorte d'imitation, d'accrochage, à la suite d'un de ses camarades...

je résume la notion analytique que nous pouvons prendre du cas de ses symptômes ...qu'en somme il essaie de conquérir la typification de l'attitude virile comme telle.

C'est dans la mesure où, comme lui et à sa suite, il se livre aux premières manœuvres sexuelles, celles de la puberté, la masturbation nommément, qu'ensuite il y renonce sur l'injonction du dit camarade, qu'il se met à s'identifier à lui pour toute une série d'exercices qui sont appelés conquête sur soi-même, c'est-à-dire qu'il se comportait comme s'il était en proie à un père sévère, ce qui était le cas de son camarade. Comme lui il s'intéressait à une fille qui, comme par hasard, est la même que celle à laquelle son camarade s'intéresse. Et quand il sera allé assez loin dans cette identification à son camarade, la jeune fille lui tombera toute préparée dans les bras.

C'est là manifestement le mécanisme du « *comme si* » que M^{me} Hélène DEUTSCH²² dans un article dont je vous donne le sens, a mis en valeur comme une dimension tout à fait significative dans *la symptomatologie des schizophrénies*, un mécanisme de compensation à proprement parler *imaginaire* - vous devez retrouver là l'utilité de la distinction de ces registres - une sorte de *compensation imaginaire de l'Edipe absent*, de l'Edipe en tant que qu'il lui aurait donné le signifiant, la virilité sous la forme non pas de l'image paternelle, mais du *Nom du Père*.

Nous retrouvons là le substitut, la tentative d'équivalence, une équivalence. Dans le cas dont il s'agit [...] à force d'échouer [...] la psychose, quand elle éclate d'une façon qui ne va pas comporter de signification foncièrement différente de la période pré-psychotique, le sujet va toujours se comporter en homosexuel inconscient.

Il s'y comportait déjà auparavant. Tout le comportement par rapport à l'ami qui est l'élément pilote de sa tentative de structuration au niveau de la puberté, va se retrouver dans *son délire*. À partir de quel moment délire-t-il ?

Il délire à partir du moment où il dit que son père le poursuit pour le tuer, pour le voler également, pour le châtrer également. Le sujet comme on dit, est là par tous les contenus impliqués dans les significations névrotiques.

Mais on ne met pas en relief ceci qui est pourtant le point essentiel : le délire commence à partir du moment où l'initiative vient d'un *Autre*, avec un grand A, où l'initiative est là fondée sur une *activité subjective* : « L'Autre veut cela ».

Et d'ailleurs il faut y mettre des réserves : il veut cela, et il veut aussi surtout qu'on le sache, il veut le signifier.

Nous entrons, dès qu'il y a délire, à pleine voile dans le domaine d'une intersubjectivité dont tout le problème est de savoir pourquoi elle est *fantasmatique*. Mais au nom du *fantasme* - dont nous avons l'omniprésence dans la névrose -

aussi attachés à la signification du fantasme, nous oublions *la structure*. À savoir qu'il s'agit de *signifiants*, et de *signifiants* comme tels : maniés par un sujet à des fins signifiantes, tellement purement signifiantes que la signification,

elle reste très souvent problématique et d'autant plus que ce que nous avons rencontré dans cette symptomatologie implique toujours ce que je fais rentrer aujourd'hui dans le jeu de notre dialectique.

Parce que je vous l'avais promis, qu'il faut bien que chaque thème rentre à son moment, un thème que je vous ai déjà annoncé l'année dernière à propos du rêve de « *l'injection d'Irma* », dans le mécanisme dit de « *l'immixtion des sujets* ».

Le propre de la dimension intersubjective, c'est-à-dire que vous avez dans le réel un sujet capable de se servir du signifiant comme tel, c'est-à-dire non pas pour vous *informer*, comme on dit, mais très précisément pour vous leurrer.

Que cette possibilité soit là essentielle, c'est cela qui distingue l'existence du signifiant. Mais ce n'est pas tout, dès qu'il y a sujet et usage du signifiant, il y a usage possible de « *l'entre-je* » c'est-à-dire du sujet interposé.

Cette *immixtion des sujets*, dont vous savez que c'est l'un des éléments les plus manifestes du rêve de « l'injection d'Irma », à savoir les trois praticiens appelés à la queue leu-leu par FREUD, qui veut savoir ce qu'il y a dans la gorge d'Irma.

Et ces trois personnages bouffonnants qui opèrent, qui parlent, qui soutiennent des thèses, qui ne disent que des bêtises, ces « *entre-je* » jouent là un rôle essentiel. Ils sont en marge de l'interrogation de FREUD qui est celle-ci : qu'est-ce qui joue son rôle dans ce qui est à ce moment là sa préoccupation *essentielle*, sa préoccupation majeure, celle où lui-même, dans une lettre à FLIESS, rejoint ce que je suis en train de vous dire quand il parle de la *défense* qui est la préoccupation dont je parle, et qu'il dit à FLIESS :

« Je suis en train - à propos de la défense - Je suis au beau milieu de ce qui est hors de la nature. »

La *défense* c'est en effet cela c'est quelque chose qui a un rapport tellement essentiel au signifiant, qui est tellement liée, non pas à la prévalence de la signification, mais à l'idolâtrie du signifiant comme tel, qu'il est impossible de la concevoir autrement. Ceci n'est qu'une indication.

L'*immixtion des sujets*, est-ce que ce n'est pas très précisément là ce *quelque chose* qui nous apparaît à portée de la main dans le délire ? L'*immixtion des sujets*, cette chose qui est tellement essentielle à toute relation intersubjective qu'on peut dire que je crois qu'il n'y a pas de langue qui ne comporte des tournures grammaticales tout à fait spéciales pour l'indiquer. Pour vous faire comprendre ce que je veux dire, je vais prendre un exemple. C'est toute la différence qu'il y a entre :

« Le médecin-chef qui a fait opérer ce malade par son interne. »

et

« Le médecin-chef qui devait opérer ce malade, il l'a fait opérer par son interne. »

Vous devez bien sentir, encore que là ça aboutisse à la même action, ça veut dire *deux choses complètement différentes*. Dans le délire, c'est de cela qu'il s'agit tout le temps : « on » leur « *fait faire* » ceci. C'est là qu'est le problème, loin que nous puissions dire tout simplement que l'« *Id* » est là tout brutalement présent, et réapparaissant dans le *réel*.

Tout se passe comme si, dans une sorte d'impasse ou de perplexité concernant le signifiant dont il s'agit au fond de la psychose, le sujet réagissait par cette tentative de *restitution*, de compensation de la crise, déchaînée fondamentalement, là aussi, par quelque question sans doute : Qu'est-ce ? Je n'en sais rien !

Je suppose qu'il réagit à l'absence du signifiant par une affirmation d'autant plus appuyée d'un Autre qui, lui, comme Autre est essentiellement énigmatique. L'Autre, avec un grand A, je vous ai dit qu'il était exclu, qu'il était exclu en tant que porteur de signifiant. Il est d'autant plus puissamment affirmé qu'entre lui et le sujet - au niveau du petit autre, au niveau de l'*imaginaire* - se passent tous ces phénomènes d'« *entre-je* », qui eux vont constituer ce qui est apparent dans la symptomatologie de la psychose. La question est justement tellement sensiblement éclairée par la nature des phénomènes qui se passent au niveau de l'« *entre-je* », au niveau :

- de l'autre du sujet,
- de celui qui a l'initiative dans le délire,
- du professeur FLEISCHIG dans le cas de SCHREBER,
- du Dieu qui est tellement capable de séduire qu'il met en danger l'ordre du monde, en raison de l'attraction.

L'important, le révélateur aussi, le significatif, c'est le cas de le dire, est de voir apparaître au niveau de l'« *entre-je* »,

c'est-à-dire au niveau du petit autre, du double du sujet, de ce quelque chose qui est à la fois son *moi* et pas son *moi*,

des paroles qui sont une espèce de commentaire courant de l'existence, que nous voyons dans l'automatisme mental, ce commentaire des actes, cet écho de la pensée. Mais ceci est encore là bien plus accentué, puisqu'il y a une espèce d'usage en quelque sorte taquinant du signifiant comme tel.

Ce sont des phrases qui sont commencées, puis interrompues pour simplement [...] comme nécessaires.

C'est-à-dire en tant qu'elles organisent - et ne peuvent pas manquer, à ce niveau du signifiant - ce qui est une phrase, et qui comprend un milieu, un début et une fin, qui ne peut pas ne pas se terminer, et qui au contraire joue sur l'attente, la relation temporelle, le ralentissement.

Tout un jeu qui se produit lui, au niveau *imaginaire* du signifiant comme tel, comme si ici l'énigme, faute de pouvoir se formuler d'une façon vraiment ouverte, autrement d'abord que par l'affirmation de l'initiative de l'autre, donnait sa solution en *montrant* ce dont il s'agit : c'est d'un rapport de signifiant comme tel, *c'est du signifiant qu'il s'agit*.

Ce qui au fond du « *rêve de l'injection d'Irma* » apparaît comme la formule en caractères gras, à savoir quelque chose qui est là pour nous montrer la solution de ce qui est au bout du désir de FREUD, c'est de s'apercevoir qu'il n'y a rien de plus important qu'une formule de chimie organique, de même dans le délire nous trouvons là l'indication dans ces phénomènes des commentaires, dans le bourdonnement du discours à l'état pur, qui se produit autour du phénomène, l'indication, dans le phénomène lui-même, que ce dont il s'agit c'est de *la question du signifiant*.

L'intérêt de la distinction sur laquelle j'insiste cette année, au premier plan de nos propos, entre *le signifiant* et *le signifié*, doit s'avérer être particulièrement justifié par la considération des psychoses. Je vous le montre par divers abords. Je voudrai aujourd'hui vous le faire sentir par la lecture de quelques uns des morceaux du témoignage que nous a laissé SCHREBER.

Que ce sujet ait été « *exceptionnellement doué* », comme il s'exprime lui-même, pour l'observation des phénomènes dont il est le siège, et pour la recherche même de leur vérité, c'est quelque chose que nous ne pouvons pas négliger, et qui donne à ce témoignage sa valeur exceptionnelle.

Au moment où je vais choisir un de ces morceaux pour vous en faire part, je vous répète une fois de plus la question.

Remarquez que ce que nous faisons, dans l'exercice de notre mode de pensée analytique, dans l'abord d'une question en général de perturbation mentale, qu'elle s'avère d'une façon patente comme telle ou qu'elle soit latente, dans des symptômes ou des comportements, c'est de chercher toujours la signification.

C'est ce qui nous distingue, c'est ce pourquoi l'on nous fait crédit, c'est qu'en quelque sorte nous sachions la trouver plus loin et mieux que d'autres. Je dirais plus : que nous en ayons vraiment le privilège. C'est là le crédit qui est attaché à la psychanalyse : de ne pas nous laisser tromper sur la véritable *signification*.

Quand nous décelons la portée que prend pour le sujet un objet quelconque, c'est toujours d'une *signification* qu'il s'agit, en ce sens que quelque chose dans le sujet est intéressé dans le registre de cette *signification*. C'est justement là que se produit, si l'on peut dire, la bifurcation, le point où je veux vous arrêter, pour vous montrer qu'il y a un carrefour.

C'est-à-dire qu'à partir du moment où nous arrivons à rechercher quel est l'ordre d'intérêt qui prend le sujet dans une signification quelconque, nous sommes tout naturellement menés sur le plan du *désir*, sur le plan de l'*instinct*, en fin de compte, comme représentant le type, le moule, préformation de ce désir, de cette appétence du sujet qui le prend dans cette signification, qui l'y fait corrélatif de l'objet, institué dès lors dans *un certain registre de relations instinctuelles*, d'où toute la construction de la théorie des instincts, sur laquelle reposent les assises de la découverte analytique.

Dès que ce champ est, si peu que ce soit, rempli, nous pouvons constater que, à l'intérieur de ce manquement que nous ferons des significations, nous pouvons nous poser des problèmes. Je dirai que nous ne les posons pas en raison même de la richesse du registre des significations auxquelles nous sommes par cette voie presque d'emblée parvenus.

Il y a là tout un monde, je dirai même presque tout un labyrinthe relationnel, qui, déjà en lui-même comporte suffisamment de *bifurcations*, de *communications*, de *retours*, pour que nous nous en croyions satisfaits c'est à dire en fin de compte que nous y soyons à proprement parler perdus. Le fait est sensible dans notre manquement quotidien de ces significations. Prenons un exemple qui est très actuel dans notre sujet, celui de la *libido de l'attachement homosexuel*, pour autant qu'il entre comme participant, comme composant essentiel dans le drame de l'Œdipe.

Qu'est-ce que nous dirons ? C'est que dans cette fixation, cette signification de la relation homosexuelle tend à se faire jour, dans la relation de l'*Œdipe*, dans l'*Œdipe inversé*. Nous expliquerons beaucoup de choses dans *ce registre*.

La plupart du temps, dans le cas de la névrose, nous dirons : le sujet se défend contre *cet attachement*, *cette relation* qui toujours tend à apparaître plus ou moins secrète, plus ou moins latente, dans ses comportements.

Qu'est-ce que nous chercherons comme cause de *défense* ? Le fait que le sujet a *plus d'une façon* de se défendre, mais que d'une façon générale, il y a ces différents modes de se défendre, qui s'appellent déjà « *défenses* ». Et à cette *défense* nous attribuons une cause, et cette cause par exemple nous la définissons *comme crainte de la castration*.

Est-ce que vous ne sentez pas que cette chose, que je prends comme le premier exemple qui est d'usage courant, nous la manions à tort et à travers, avec la plus grande simplicité ?

Nous ne manquons d'ailleurs jamais d'explications, parce que si nous n'avons pas celle-là ou que ce soit une autre, n'est-il pas sensible - et le moindre texte analytique le rend sensible - que la question n'est jamais posée de quel ordre

de cohérence il peut bien s'agir ? À savoir : en quoi l'orientations homosexuelle de l'investissement libidinal est-il posé ?

Pourquoi admettons-nous tout simplement et d'emblée qu'elle comporte cette cohérence causale *pour le sujet* ?

En quoi la capture par *l'image homosexuelle* comporte-t-elle, même pour le sujet qu'il perdra son pénis ?

Il faut bien pour cela que dans un cas donné nous déterminions une expérience spéciale, mais une expérience *spéciale* : encore devrons-nous demander de quelle ordre elle a été, et en fin de compte quel ordre de causalité implique

ce qu'on appelle le processus primaire. Jusqu'où pouvons-nous y admettre la relation causale, quels sont les modes de *causalité* qui sont appréhendés par le sujet dans *une relation de capture imaginaire* quelconque ?

Suffit-il que nous la voyons du dehors, pour que cette relation imaginaire - et toutes ses implications d'ailleurs, puisqu'il s'agit de l'imaginaire,

ce sont des implications elles-mêmes construites - soit donnée dans le sujet ?

Je ne dis pas que nous ayons tort de penser qu'automatiquement entre en jeu *la crainte de la castration* avec toutes

ces conséquences chez un sujet mal pris dans la capture passivante de la relation homosexuelle. Je dis que nous ne nous posons jamais la question. Je dis qu'il est probable que la question aurait des réponses différentes selon les différents cas, qu'il ne va pas de soi que cette cohérence causale qui en somme est reconstruite et impliquée par une sorte d'extrapolation tout à fait abusive de ce que les choses de *l'imaginaire* comporteraient dans *le réel*.

Je dis que *nous ne nous posons jamais de questions* sur ce plan, que nous pensons, quand nous en avons besoin, que nous glissons tout naturellement à faire intervenir...

- là où il s'agit du *principe du plaisir*,

- là où il s'agit de résolution, de retour à l'équilibre, d'exigence du désir,

...que nous faisons implicitement, au moment où nous le voulons, intervenir *le principe de réalité*

si ça sert à expliquer quelque chose. Si ça ne sert à rien expliquer, nous faisons intervenir autre chose.

Ceci nous permet de revenir, comme à une question, à la bifurcation, c'est-à-dire au moment où l'interrogation sur la signification nous a introduits à une nouvelle vue des intérêts que prend le sujet dans *une relation* foncièrement *imaginaire du désir*, celle tout au moins que nous pouvons concevoir au premier abord comme essentiellement *imaginaire*.

Avant de nous engager dans ce catalogue, dans ce labyrinthe, dans cette complication des instincts et dans ses équivalences, dans leurs débouchés les uns dans les autres, c'est là qu'il faut nous arrêter et nous dire :

« *Est-ce que tout intérêt significatif du sujet humain, ne comporte pas la considération comme telle des lois ?* »

Pas seulement des lois biologiques, qui font que pour le sujet humain un certain nombre de significations seront instinctivement, biologiquement, individuellement intéressantes. Il y a aussi :

« *Quelle est la part là-dedans de ce qui relève à proprement parler du signifiant ?* »

En d'autres termes, est-ce que pour tout ce qui est signification, pour l'être humain ne se pose pas la question de l'insistance du jeu propre de la façon de l'intervention dans ses intérêts...

tous, quels qu'ils soient, si profonds, si primitifs, si élémentaires que nous les supposions
...des lois propres du signifiant étudiées comme telles.

Pendant des jours et des leçons, j'ai essayé par tous les moyens de vous faire entrevoir cette chose que nous pourrions appeler *provisoirement* « *autonomie du signifiant* » c'est-à-dire qu'il y a des lois propres, sans doute extrêmement difficiles à isoler, puisque ce signifiant nous le voyons et nous le mettons toujours en jeu dans les significations.

C'est là l'intérêt de la considération linguistique du problème, c'est que dans ce phénomène le plus fondamental des relations inter-humaines, qui s'appelle le langage. Je vous ai montré qu'il était impossible même de le saisir, de l'aborder, de s'apercevoir comment il fonctionne, si nous ne faisons pas *fondamentalement* et au départ de *distinction du signifiant et du signifié*, qui nous montre que *le signifiant a ses lois propres*, indépendamment du *signifié*, de sorte que :

- s'il est vrai - c'est là le pas que je vous demande de faire dans ce séminaire - que le sens de la découverte psychanalytique ça n'est pas simplement d'avoir *des significations*, mais d'avoir été beaucoup plus loin qu'on n'a jamais été dans la lecture des significations,
- s'il est vrai qu'il y a autre chose que cela, que l'essentiel de la découverte analytique ce n'est pas cela, le fait de ne pas s'occuper que de ça représente justement, doit représenter, doit se retrouver exactement partout où notre recherche analytique se heurte à des impasses, soit à des confusions, soit la plupart du temps à des sortes de cercles et de tautologies.

Or, je dis qu'il est vrai que la découverte analytique ce n'est pas cela. Et son ressort est dans ceci : non pas simplement, comme nous l'avions jusqu'ici méconnu, des *significations* dites *libidinales*, dites instinctuelles, à toute une série de comportements humains. C'est vrai, il y a ça !

Mais c'est que *ces significations*, que toute une zone de significations...
et qui sont des plus primordiales, des plus enracinées, des plus proches des besoins au sens de l'insertion
la plus animale dans l'entourage en tant que nutritif et en tant que captivant
...que ces significations pour l'être humain *sont soumises* dans leur suite, dans leur formation, je dirai plus dans leur instauration, dans leur venue au jour, *à des lois qui sont celles du signifiant*.

Quand je vous ai parlé du « *jour* » et de « *la nuit* », c'était pour vous faire sentir qu'au-delà de tout ce que recouvre
le jour, la notion même de *jour*, le mot « *jour* », la notion de « *la venue au jour* » est quelque chose d'à proprement parler insaisissable dans aucune *réalité*. Il n'y a aucune définition, aucune limite, si ce n'est que cette fonction de *l'opposition*
du « *jour* » et de « *la nuit* » est quelque chose, comme une opposition signifiante, fondamentale, qui dépasse infiniment toute espèce de *signification* qu'elle arrive à recouvrir. Et si j'ai pris « *le jour et la nuit* », c'est parce que notre sujet,
c'est bien entendu, l'homme et la femme.

Et que le signifiant « *homme* » comme le signifiant « *femme* » sont autre chose...
qu'attitude passive ou qu'attitude active, qu'attitude agressive ou qu'attitude cédante
...sont autre chose que des comportements : qu'il y a un *signifiant caché* là derrière, sans aucun doute, bien entendu
qui n'est nulle part absolument *incarnable*, mais qui quand même est au plus, de la façon la plus proche, incarné dans l'existence du mot « *homme* » et du mot « *femme* ».

En fin de compte, si ces registres de l'être sont quelque part, c'est en fin de compte dans les mots. Il n'est pas forcé que ce soit des mots verbalisés. Il se peut que ce soit un signe sur une muraille. Il se peut que pour le primitif ce soit une peinture, une pierre, mais quelque chose qui est ailleurs que dans toute espèce de mode particulière de type
de comportement, de relation, de *pattern*, qui s'appelle attitude ou comportement féminin ou masculin.

La « *réalité humaine* », ceci n'est pas une nouveauté, parce qu'à partir du moment où je vous le dis, vous devez reconnaître que nous ne disons absolument pas autre chose en disant par exemple que le complexe d'Œdipe est absolument essentiel pour l'être humain pour accéder à une structure humanisée du réel. C'est cela que ça veut dire, et ça ne peut pas vouloir dire autre chose. Car il faut que toute cette composition relationnelle avec la cristallisation de l'Œdipe où le sujet bien entendu ne peut pas être considéré comme purement et simplement pris

dans un champ, et duquel, par les lignes de force d'une relation triangulaire où à tout instant nous ne pouvons articuler

le complexe d'Œdipe, et ses diverses modalités, ses divers résultats et toutes les conséquences que nous lui donnons,

que dans la mesure où le sujet est à la fois lui et les deux autres des partenaires.

C'est ce que signifie exactement le terme d'*identification* que vous employez à tout instant.

Si cette intersubjectivité, avec ce qu'elle a à une certaine étape de vécu typiquement, avec cette crise que l'on appelle

« déclin » et qui sanctionne par l'introduction dans le sujet d'une certaine nouvelle dimension que nous appelons plus ou moins proprement et avec toutes les discussions que cela comporte. Si en somme, une crise dont nous avons défini et localisé le champ sous le nom de l'Œdipe, n'a pas simplement en elle-même cette structure, elle, incontestablement est évidemment *symbolique*. On ne peut pas penser *le complexe d'Œdipe* autrement. S'il n'y a pas *organisation dialectique dans le complexe d'Œdipe*, nous ne savons plus ce que les mots veulent dire

si nous ne les disons pas comme *une structure symbolique*.

Mais si nous ajoutons que le passage du sujet par cette expérience *symbolique* ou dialectique est essentiel à son accès

à la réalité...

et par toutes nos voies, par tout ce qui court dans la littérature, dans la façon dont nous expliquons les choses, dont nous nous accordons sur un certain nombre de principes fondamentaux

...cela implique donc que pour qu'il y ait réalité,

- qu'il y ait accès suffisant à la réalité,
- que la réalité ait son poids,
- que le sentiment de la réalité soit pour nous un juste guide,
- pour qu'il n'y ait pas « *réalité psychotique* », c'est-à-dire franchissement de la réalité dans la psychose,

...il faut que *le complexe d'Œdipe* ait été vécu. Je ne pense même pas que la question fasse doute.

Mais le fait que ce ne serait pas généralement reçu ne change rien à la question.

Il suffit que certains le tiennent pour sûr pour que par là même soit posé cette question.

C'est donc d'une certaine expérience purement *symbolique*, à un de ces niveaux tout au moins impliquant *la conquête*

de la relation symbolique comme telle, que dépend l'équilibration, la juste situation du sujet humain dans la réalité, dans son ensemble. Et après tout, maintenant à y réfléchir, qu'avons-nous besoin même de la psychanalyse pour le savoir ?

Comment ne sommes-nous pas étonnés que *depuis longtemps* les philosophes n'aient pas mis l'accent sur le fait que *la réalité humaine est irréductiblement structurée comme signifiante* ? C'est de là que je parlais une fois de plus

la dernière fois, que sont bâties si je puis dire ces arches, que ces lignes de force sont faites, du signifiant comme tel.

Qu'il y ait un certain nombre d'éléments, je parlais tout à l'heure du *jour* et de la *nuit*, de l'*homme* et de la *femme*,

de la *paix* et de la *guerre*. je pourrai encore énumérer un certain nombre de choses, qui sont des choses

- qui ne se dégagent pas du monde réel :
- qui lui donnent son bâti, ses axes, sa structure,
- qui l'organisent,
- qui font que l'homme s'y retrouve,
- qui font qu'il y a pour lui en effet une réalité, telle que nous la faisons intervenir dans l'analyse suppose à l'intérieur lui-même, cette trame, ces nervures de signifiant comme tel.

L'important d'attirer l'attention là-dessus, ce n'est pas de vous apporter cela comme quelque chose de nouveau.

Je veux dire que je vous l'apporte comme quelque chose de perpétuellement impliqué dans notre discours, mais de jamais isolé comme tel, ce qui pourrait jusqu'à un certain degré n'avoir pas d'inconvénient, mais qui en a,

qui en a précisément par exemple quand vous lisez tout ce qui est écrit sur les psychoses. Et vous verrez que quand on parle des psychoses les mêmes mécanismes d'attraction, de répulsion, de conflit, de défense, sont mis en cause dans notre discours, que quand nous parlons des névroses.

Mais que les résultats quand même, phénoménologiquement et *psychopathologiquement* sont tout de même distincts,
ne disons pas opposés, si le mot opposé, en effet, veut dire quelque chose dans notre propre registre. Mais pourtant nous ne donnons pas en fin de compte d'autre explication : nous nous contentons des mêmes *effets de signification*,

- *c'est là* qu'est l'erreur,
- *c'est là* que quelque chose ne peut manquer de nous apparaître comme franchement insuffisant,
- *c'est là* que je vous prie de vous arrêter un instant sur l'existence de *la structure du signifiant* comme tel, qui, pour tout dire, existe dans la psychose.

En effet, si *les significations* apparaissent, je dirai même si proliférantes, plus proliférantes qu'ailleurs :

- cela n'est pas en raison d'un motif, d'un départ, d'une relation essentielle par où la psychose se distingue radicalement de la névrose, qui est que ce dont il s'agit,
- ce n'est pas de je ne sais quelle perte également du sujet dans le labyrinthe des *significations*, de je ne sais quel point mort où il s'est arrêté dans ce que nous appelons fixation dans l'ordre de ces relations significatives,
- mais qu'il s'agit de quelque chose qui arrive à un moment au jour, qui se manifeste dans les relations du sujet au signifiant.

Qu'est-ce que ceci comporte et va pouvoir dire ? Essayez ce que peut être l'apparition d'un *pur signifiant*, de ce *signifiant* que nous pouvons d'abord concevoir comme tellement distinct en lui-même de la *signification*. Il faut que nous pensions que ce qui distingue le signifiant c'est vraiment cela, d'être distinct, c'est-à-dire d'être en lui-même *sans signification propre*, l'apparition d'un *pur signifiant*, c'est là quelque chose bien entendu que nous ne pouvons même pas imaginer, par définition. Et pourtant dès que nous nous posons des questions d'origine,

il faut quand même que nous nous approchions de ce que ça peut représenter. Est-ce que vous ne voyez pas que ces signifiants de base sans lesquels l'ordre des significations humaines, l'ordre de ces intérêts...

c'est notre expérience qui à tout instant nous le fait sentir

...ne saurait s'établir, est-ce que ce n'est pas justement cela que nous expliquent toutes *les mythologies* ?

Est-ce que vous vous imaginez le terme de « *pensée magique* »...

avec lequel *la connerie scientifique moderne* s'exprime pour chaque fois qu'on se trouve devant quelque chose qui semble dépasser ces petites cervelles ratatinées de gens dont il semble que pour pénétrer dans le domaine de la culture, la condition première et indispensable est que rien d'eux-mêmes les prenne dans un désir quelconque qui les humanise

...est-ce que vraiment le terme de « *pensée magique* » vous paraît suffire pour expliquer que des gens...

des gens qui avaient toutes les chances d'avoir les mêmes rapports sur la naissance, qui nous ont interprété la naissance du monde comme *le jour et la nuit*, comme *la terre et le ciel*, comme des entités qui se conjuguent et qui copulent, et qui, dans une famille mêlée d'assassinats, d'incestes, d'éclipses extraordinaires, de disparitions, métamorphoses, mutilations de tel ou tel terme

...et vous croyez que pour ces gens-là, ces choses ils les prennent vraiment au pied de la lettre ?

S'imaginer qu'ils expliquent quelque chose, c'est vraiment les mettre au niveau mental de l'*évolutionnisme* de nos jours qui, lui, croit expliquer quelque chose. Je crois que dans le mode de l'insuffisance de la pensée, nous n'aurions dans ce cas-là, absolument rien à envier aux Anciens.

N'est-il pas clair que ces mythologies c'est très précisément quelque chose qui veut dire ça, qui vise ce qui est en effet essentiel à la position, à l'installation, à la tenue debout de l'homme dans le monde :

- savoir en effet quels sont *les signifiants primordiaux*,
- comment on peut concevoir *leurs rapports, leur généalogie*.

Il n'y a pas besoin d'aller les chercher dans les mythologies grecques, égyptiennes. Monsieur GRIAULE est venu nous expliquer la mythologie en Afrique : ils s'imaginent qu'il s'agissait réellement d'un *placenta* divisé en quatre,

et l'un arraché avant les autres, entraînant avec lui un morceau de *placenta*, introduisant la première dissymétrie, avec la dialectique entre ces quatre éléments primitifs, sans cesse qui sert à expliquer aussi bien la division des champs, la façon dont on porte les vêtements, ce que signifiaient les vêtements, le tissage, tel ou tel art, etc.

C'est très précisément *la généalogie des signifiants* pour autant qu'elle est essentielle à un être humain :

- pour s'y reconnaître,
- pour s'y retrouver,
- pour y découvrir, non pas seulement les poteaux d'orientation qui se plaquent comme une espèce de moule extérieur stéréotypée sur ces conduites, ça ne lui donne pas simplement des *patterns*, ça lui permet une libre circulation dans un monde désormais mis en ordre.

Est-ce que ce n'est pas de cela justement qu'il s'agit quand, dans cette psychologie, « *l'homme moderne* », peut être bien moins loti - nous en avons le soupçon depuis quelque temps - qu'un *primitif*, pour s'y retrouver dans *cet ordre de signifiants*, et qui en est réduit sur beaucoup de choses...

il faut bien le dire, tout à fait à la différence du primitif qui a tout de même des clefs - grâce à ses mythes - pour toutes sortes de situations extraordinaires : il y a des clefs pour le cas où il se met en rupture avec tout, il est encore pris, il retrouve encore la possibilité des signifiants qui le supportent à ce moment-là, qui lui disent par exemple très exactement la forme de la punition que comporte sa sortie qui peut produire à plus d'un niveau des désordres et de la règle qui lui impose son rythme fondamental

...nous, nous en sommes, me semble-t-il, plutôt réduits à rester très peureusement dans un *conformisme*, et à craindre

de devenir un petit peu fous dès que nous ne disons pas, en somme exactement la même chose que tout le monde.

C'est plutôt ça la situation de « *l'homme moderne* ».

Alors bien entendu, à partir du moment où nous incarnons tant soit peu cette présence du *signifiant* dans *le réel*, nous pouvons peut-être nous imaginer aussi qu'en effet si quelque chose dont nous avons le sentiment de la sortie d'un signifiant, que ça s'est produit de la sortie d'un signifiant, avec tout ce que cela peut comporter de *retentissement*, jusqu'au plus intime des comportements et des pensées, il est certain que l'apparition de tel ou tel *registre*, comme celui d'une nouvelle religion, ça n'est pas quelque chose que nous puissions *manipuler* facilement, l'expérience le prouve.

Quand nous nous intéressons à ces problèmes en termes simplement :

- de virage des *significations*,
- de changement du *sentiment*,
- de changement des *rappports*, du moins *socialement conditionnés*,

que l'élément du nouveau symbole de la création d'un signifiant nouveau, que son apparition littéralement dans le monde, et dont on ne sait donc pas qu'elle s'accompagne de toutes sortes de *phénomènes* dits *révélateurs*,

et qui peuvent chez ses porteurs, apparaître sous un mode souvent assez perturbant pour que les termes dont nous nous servons dans *les psychoses* nous paraissent absolument inappropriés pour désigner leurs *réactions*.

Le caractère ravageant, à son apparition, de quelque chose qui est une nouvelle structure dans les relations entre les signifiants de base, c'est quelque chose que nous pouvons entrevoir comme devant être étudié en visant, recherchant, ce que peut être l'apparition d'un nouveau terme dans *l'ordre du signifiant*.

Cela n'est pas notre affaire. En fait, nous avons affaire à ce quelque chose tel que si nous le voyons à l'état résiduel,

à l'état de noyau irréductible dans un certain nombre de phénomènes qui sont à notre portée, qui sont ceux que nous considérons chez des sujets pour lesquels nous touchons du doigt, avec évidence, l'intervention de quelque chose qui se passe au niveau de la relation dite œdipienne.

Simplement la question supplémentaire que je vous invite à vous poser, est ceci : si nous ne pouvons pas nous intéresser à ce que peut constituer l'apparition d'un signifiant, phénomène qu'à proprement parler nous n'avons jamais eu professionnellement à considérer comme tel, ce que tous nos propos jusqu'à présent nous poussent à mettre au premier plan, pour nous interroger là-dessus, est-ce qu'il n'est pas concevable, et plus concevable en effet que partout ailleurs, chez des sujets qui sont immédiatement accessibles qui sont les psychotiques, de considérer

les conséquences d'un manque essentiel d'un signifiant ?

Là encore, je ne dis rien de nouveau. Je formule simplement d'une façon claire ce qui est perpétuellement impliqué dans notre discours. Quand nous parlons du *complexe d'Œdipe*, nous disons qu'un cas ou une névrose,

comme on s'exprime plus ou moins proprement, « *une névrose sans Œdipe* », de temps en temps nous sommes amenés à penser qu'il y en a peut-être ? Ce n'est pas vrai, mais on l'a soulevé.

Dans une psychose nous admettons assez volontiers qu'il y a eu quelque chose qui n'a pas fonctionné, qui ne s'est pas *complété* dans l'Œdipe, essentiellement en essayant de voir, d'après un cas paranoïaque tout à fait homologue par certains côtés au cas du Président SCHREBER qu'un analyste a eu à étudier *in vivo*.

C'est bien à cela qu'il arrive. Rien n'est concevable dans le déroulement depuis la période prépsychotique jusqu'à l'épanouissement de la structure psychotique qu'il nous présente comme une tentative de restitution, dont il voit très bien que ce n'est pas une restitution comme une autre, dont il dit des choses qui vont en fin de compte être très proches de ce que je vais vous dire.

À ceci près que manifestement il s'embrouille et se perd perpétuellement, parce qu'il ne peut arriver à formuler les choses comme celles-ci, comme je vous propose de les formuler : la psychose consiste en *un manque* quelque part, *un trou*, le manque au niveau d'un signifiant comme tel. Cela peut vous paraître insuffisant, imprécis, mais c'est tout de même assez suffisant pour se formuler, même si nous ne pouvons pas dire - et pour cause ! - ce que c'est ce signifiant, ce que ça va être.

Nous allons au moins pouvoir le cerner par approximation dans un certain secteur, dans un certain champ. Nous pouvons désigner, je dirai, *l'ensemble des significations* avec lequel apparaît, connoté dans son approche, si on peut parler de l'approche d'un *trou*, mais en effet, pourquoi pas ? Il n'y a rien de plus dangereux que *l'approche d'un vide*.

Et il y a une autre forme de défense, peut-être que celle provoquée par une tendance ou une signification interdite, c'est la défense qui consiste à ne pas s'approcher de l'endroit par exemple où il n'y a pas de réponse à la question.

Bien entendu, nous y sommes bien tranquilles. Et somme toute - on peut bien le dire - c'est la caractéristique des gens normaux : « *Ne posons pas de questions* ».

Nous l'avons appris, c'est pour cela que nous sommes là. Mais du fait que nous sommes psychanalystes, il faut faire un tout petit retour sur cette conséquence primitive de l'éducation que nous avons eue : il faut nous dire que nous sommes peut-être quand même faits pour justement, au moins dans la stricte mesure où cela peut nous servir à éclairer les malheureux qui, eux, se sont posés des questions.

Car en fin de compte, nous sommes certains maintenant que *chez les névrosés* il y a une question, eux, c'est sûr qu'ils se la sont posée. *Chez les psychotiques* ce n'est pas sûr : la réponse leur est peut-être venue avant que la question se soit posée, c'est une hypothèse. Ou bien la question s'est posée toute seule, ce n'est pas impensable.

Nous avons tout de même assez appris le maniement de ces choses pour savoir qu'une question n'est pas la question du sujet, qu'il n'y a pas de question sans qu'il y ait un autre à qui il la pose. Quelqu'un me disait récemment, dans une analyse : « *En fin de compte, je n'ai rien à demander à personne* ». C'est un aveu triste. Je lui ai fait remarquer qu'en tout cas, s'il avait quelque chose à demander, il faudrait forcément qu'il le demande à *quelqu'un*. C'est l'autre face de la même question. Si nous nous mettons fortement cette relation *dans la tête*, il ne nous paraîtrait pas extravagant que je dise qu'il est aussi possible que la question se soit posée la première, que ce ne soit pas le sujet qui l'ait posée.

Tout ce qui se passe à l'entrée d'une psychose ! Ce que je vous ai montré dans les présentations des malades, rappelez-vous, ceux qui y viennent : un petit sujet qui à nous, nous paraissait très lucide. Il était bien clair que depuis longtemps, vu la façon dont il avait crû et prospéré dans l'existence au milieu de cette anarchie, simplement un peu plus patente que chez les autres, de la situation familiale, il s'était attaché, sans très bien savoir ce qui se passait, à un ami, et que tout à coup il était arrivé quelque chose, et il n'était pas capable d'expliquer quoi.

Et nous avons très bien compris qu'il y avait eu quelque chose qui s'était passé quand la fille de son partenaire... à travers l'existence de celui qui était devenu vraiment son point d'enracinement dans l'existence

...la fille lui était apparue : il se passait quelque chose d'inexplicable. Nous, nous complétons dans ces cas-là, naturellement. Nous disons : il a senti cela comme incestueux, d'où défense, et puis tout cela naturellement, bien sûr. D'ailleurs nous ne sommes pas très sûrs quant à l'articulation exacte de ces choses.

Nous avons appris grâce à FREUD, que *le principe de contradiction* ne fonctionne pas dans l'inconscient. C'est une formule suggestive et intéressante, mais qui, si on s'arrête là, est un peu courte.

Mais grâce à cela ça nous évite à nous dans notre discours, de tenir moins de compte du *principe de contradiction*.

Quand une chose ne marche pas dans un sens, elle est expliquée par son contraire.

C'est pourquoi les choses sont admirablement expliquées dans l'analyse. Voilà!

On retrouvait ce petit bonhomme « *extrêmement lucide* ». Lui avait beaucoup moins bien compris que nous que ces manifestations étaient tout à fait frappantes, parce que littéralement il butait là devant quelque chose. Et pourquoi ne pas dire que justement il lui manquait tout à fait la clef pour s'y retrouver, et que ce quelque chose qui s'est passé, c'est que littéralement, il est allé se mettre trois mois sur son lit pour comprendre ce qui se passait.

Il était dans la perplexité.

- Si on ne touche pas là justement du doigt ce quelque chose qui se retrouve,
- si on sait le regarder à chaque moment, qui s'appelle *la prépsychose*, à savoir le sentiment qu'en effet le sujet, lui, est arrivé à ce qui pour lui était le bord du trou,
- si nous voyons,
- si nous savons retenir cela justement, un minimum de sensibilité de notre part que notre métier pourrait nous donner,

...nous pouvons prendre au pied de la lettre ce que nous voyons, au pied de la lettre si nous savons le chercher et le regarder, et peut-être voir s'il ne s'agit pas de l'assomption, et de comprendre ce qui se passe là où nous ne sommes pas.

Il ne s'agit pas de phénoménologie. Il s'agit de savoir que nous sommes capables de concevoir, non pas d'imaginer, de concevoir ce qui en résulte, si nous partons de cette idée : qu'est-ce qui se passe pour un sujet :

- quand *la question lui vient du trou*,
- quand le départ vient de *là où il n'y a pas de signifiant*,
- quand c'est justement *le manque* qui se fait sentir comme tel,
- quand c'est du *manque* qu'il s'agit.

Je vous le répète, il ne s'agit pas de *phénoménologie*. Il ne s'agit pas de faire les fous. Nous le faisons assez croyez-moi d'habitude, parce qu'on a bien souvent cette impression dans notre dialogue interne. Il ne s'agit pas de cela du tout.

Il s'agit littéralement, avec un cas pareil, d'approcher certaines conséquences telles qu'elles sont concevables d'une situation ainsi déterminée. Le sujet, l'ensemble signifiant implicite, tel qu'il lui suffit à faire son petit monde

de petit homme solitaire dans la foule du monde moderne, est tout à fait clair.

Tous les tabourets n'ont pas quatre pieds. Il y en a qui se tiennent debout avec trois. Je vous assure, pour la plupart des gens dans notre monde moderne, *les points d'appui* sont excessivement réduits : dès qu'on est arrivé à des tabourets sur 3 pieds, il n'est plus question qu'il en manque un seul, parce que les choses vont tout de suite très loin.

C'est peut-être tout simplement de cela qu'il s'agit. Il s'agit donc de savoir ce qui se passe quand le sujet est confronté à un certain carrefour de son histoire biographique avec une chose qui existe là depuis toujours, pour laquelle

nous nous sommes - en suivant ces choses à la trace - contentés de la notion de *Verwerfung*, à savoir qu'il peut y avoir au départ pas assez de pieds pour le *tabouret*, et puis qu'il tienne quand même un certain moment.

Il s'agit donc de savoir ce qui se passe quand le sujet se trouve affronté non pas à un conflit...

bien entendu, cela pourra entraîner toutes sortes de conflits, et plus d'un.

C'est justement là que nous nous apercevons de la structure particulière du conflit

...mais en ne nous laissant pas arrêter à cette constellation conflictuelle, en voyant si la structure des conflits est différente, que leur constellation ne se motive et ne s'explique que si on voit le problème, la question posée d'une façon toute différente d'une sorte de *décompensation significative*, qui est celle de la névrose.

Quand nous voyons que ce qui se passe est infiniment plus manifeste, plus ordonnant, dans ce quelque chose que nous pouvons concevoir comme ce qui se passe, si tout d'un coup, parce que *le signifiant* est toujours solidaire...

je veux dire que tout ce qui était éléments fondamentaux du signifiant ne forme jamais

- parce que la signifiante même du signifiant - que quelque chose de cohérent

...le sujet à propos du manque du signifiant doit être nécessairement amené à *remettre en cause l'ensemble du signifiant*.

Je dis : ceci est la clef fondamentale de la position du problème :

- concernant *l'entrée* dans la psychose,
- concernant *la succession des étapes* dans la psychose,
- concernant *la signification* de la psychose.

À tout instant les questions sont posées dans la psychose dans des termes qui impliquent ce que je suis en train de vous dire. Qu'est-ce par exemple qu'un KATAN, quand il essaie de trouver le sens de *l'hallucination*, dit et formule ?

Il dit : « *L'hallucination c'est un mode défense comme les autres.* » Et il s'aperçoit d'ailleurs qu'il y a des phénomènes différents et très voisins les uns des autres. Il y a ce qu'on peut appeler simplement *l'interprétation*, cette certitude d'interprétation sans contenu, je vous l'ai déjà fait sentir.

Et puis l'hallucination, avec ce qu'elle comporte de différent. Pour les deux il admet les mêmes mécanismes qui sont destinés en quelque sorte à protéger *le sujet* selon un mode différent de celui qui se passe dans les névroses.

Dans les névroses, nous dirons que c'est la *signification* qui disparaît, qui va se nicher quelque part, qui est pour un temps éclipsé. Et puis la réalité, elle, tient le coup.

Les défenses sous ces modes ne sont pas suffisantes dans le cas de la psychose. Et pour protéger les sujets quelque chose apparaît dans la réalité profondément perturbée. Il voit là du dehors d'où pourrait venir la menace, c'est-à-dire quelque chose qui éprouverait en lui la pulsion instinctuelle à laquelle il s'agit à tout prix de faire face.

En somme, ici on ne va pas assez loin. *Le terme de réalité* que nous employons vaguement paraît tout à fait insuffisant. Pourquoi ne pas oser dire, car nous avons une singulière prudence dans notre langage, que nous admettons comme mécanisme *l'Id*. Ici en somme il a le pouvoir de changer, modifier, perturber ce qu'on peut appeler *la vérité de la chose*, puisqu'il s'agit d'une chose qui justement l'intéresse, ou est censée, par définition, l'intéresser, puisque c'est de cela qu'il s'agit dans le cas de SCHREBER.

Par exemple, il s'agirait de le protéger contre les tentations homosexuelles. Il s'agit donc, non pas seulement qu'il ne voit pas la personne réelle. D'ailleurs, jamais personne n'a été à dire - et SCHREBER moins que les autres - que tout d'un coup c'est la face même de ses semblables mâles qui lui étaient tout d'un coup par la main de l'Éternel recouverte d'un manteau. Il les voyait toujours fort bien. Nous admettons simplement qu'il ne les voyait pas vraiment - c'est-à-dire pour ce qu'ils étaient pour lui - pour des objets effectifs d'une attraction amoureuse.

À partir du moment où nous osons en effet parler non pas de réalité, vaguement...

comme si c'était la même chose, la réalité des murailles contre lesquelles nous nous cognons

...mais signifiante, c'est-à-dire ce quelque chose qui se présente pour nous non pas simplement comme des arrêts, des butées, des obstacles, mais comme quelque chose qui se vérifie, qui s'instaure de soi-même comme orientant

ce monde, comme y introduisant des êtres, pour les appeler par leur nom.

Pourquoi ne pas admettre aussi, puisque nous admettons des choses mystérieuses, qu'entre toutes l'« *Id* » est capable d'escamoter *la vérité des choses*. Nous pouvons aussi poser la question en sens inverse. À savoir, qu'est-ce qui se passe :

- quand *la vérité de la chose* manque,
- quand il n'y a rien pour *la représenter* dans sa vérité.

Quand par exemple le registre du père, dans sa fonction essentielle, dans ce qui fait qu'il est pensé comme père, avec toutes les connotations que ce terme implique :

- parce que le père n'est pas seulement *le générateur*,
- parce qu'il est beaucoup d'autres choses encore :
- qu'il est celui qui possède la mère,
- qu'il est celui qui la possède de droit,
- qu'il est celui qui la possède en principe *en paix*,
- que les registres et les fonctions de cette exigence, et surtout la façon dont il va intervenir dans la formation, pour le conflit, pour la réalisation de l'œdipe, où le fils, c'est-à-dire quelque chose qui est aussi une fonction, et corrélatrice de cette fonction du père, va prendre forme, avec tout ce que cela comporte, semble-t-il, si notre expérience existe, d'essentiel pour l'accession au type de la virilité.

Eh bien, qu'est-ce qui se passe, si cela est pensable ? Un *certain trou*, un *certain manque* s'est produit quelque part ?

On peut désigner comment ce quelque part est pensable, concevable, et à quel moment ce quelque chose s'est produit, qui est un manque, dans la fonction formatrice du père, dans sa présence, si le père a eu un certain mode de relation et de rapport effectif tel que ce n'est pas le conflit qui a caractérisé les choses, que ce n'est pas un effet

du conflit - par une crainte de la castration par exemple - que le fils a pris la position féminine.

Si ce n'est par exemple, pour appeler les choses par leur nom, si le père lui-même pour des raisons tenant à de multiples causes, et qui ne sont pas du tout *forcément* des éléments qui soient en eux mêmes conflictuels, qui soient des modes de présentation du sujet dont il s'agit : nous avons tous connu ce qui résulte à un certain niveau de, si on peut dire, la prolifération des « *monstres* » socialement, ce qui résulte pour un fils d'un de ces personnages, que je n'appelle pas en vain *monstres* : monstres sociaux, « *monstres sacrés* » comme on dit, qui sont des *personnages* qui peuvent être très souvent marqués d'un certain style de *rayonnement* ou de *réussite*, mais d'une façon tellement unilatérale, tellement toute dans le registre d'une ambition effrénée, ou d'une domination, ou d'un autoritarisme, ou d'un talent, ou d'un génie.

Il n'est pas forcé que toutes les choses dont il s'agit se caractérisent ni par le génie, ni par le talent, ni par le médiocre, ni par le mauvais. Simplement par l'unilatéral et le monstrueux, parce que cela comporte de [...] dans les relations interpersonnelles. Nous savons très bien, nous connaissons ce type de *psychotiques* ou de *délinquants* qui prolifèrent dans l'ombre d'une personnalité paternelle d'un *caractère exceptionnel*. Cela n'est certainement pas par hasard si ce type de délinquants ou de subversion de personnalité psychotique se produit spécialement dans ces situations spéciales.

Supposons que ce soit justement ceci qui comporte pour le sujet *l'impossibilité d'assumer* la réalisation du *signifiant* « père » au niveau *symbolique*, qu'est-ce qu'il reste ?

Il reste évidemment tout de même la relation *imaginaire*, c'est-à-dire justement que c'est une *image*, que c'est quelque chose qui ne s'inscrit pas du tout dans une dialectique triangulaire quelconque, mais que comme la personne réelle

est une *image*, la relation sera réduite à cette image : sa fonction essentielle d'*aliénation spéculaire*, de modèle, quelque chose à quoi le sujet peut s'accrocher, s'appréhender sur le plan *imaginaire*, existera quand même.

Elle existera justement dans le rapport tout à fait démesuré d'un personnage ou d'un type qui se manifeste purement et simplement dans l'ordre de la puissance et non pas dans l'ordre du pacte. Ce que nous verrons apparaître, c'est quelque chose dont nous parlons : *la relation de rivalité, l'agressivité, la crainte*, et tout ce que vous voudrez.

Mais ce qu'il faut voir, c'est que ce qui peut se produire et ce qui se produit, c'est quelque chose qui va très loin, parce que dans la mesure où cela reste sur le plan de la relation *imaginaire*, et où cette relation *imaginaire* est prise

dans un rapport purement duel et dans un rapport démesuré, elle va prendre une toute autre signification que la relation d'exclusion réciproque que comporte l'affrontement spéculaire. Elle va prendre l'autre fonction qui est celle de la *capture imaginaire*, biologiquement, elle va prendre en elle-même et d'emblée la fonction sexualisée, sans avoir besoin d'aucun intermédiaire, d'aucune identification à la mère ni à qui que ce soit.

Le sujet va prendre, ce que nous voyons chez les animaux, la position intimidée, chez le poisson ou le lézard. La relation *imaginaire* va s'instaurer elle-même, toute seule, d'emblée, sur un plan qui n'a lui-même rien de typique, qui a simplement ceci de *déshumanisant*, il ne laisse pas place à la relation d'exclusion réciproque, à la relation d'agressivité en tant qu'elle permet de fonder l'image du *moi* sur cet orbite que donne l'autre modèle, l'autre plus *achevé* comme tel.

Et nous aurons, d'ores et déjà, à ce niveau-là, la possibilité de concevoir quelque chose qui va introduire une sorte d'*aliénation* plus *radicale* qu'une autre dans les rapports entre les sujets, une *relation d'aliénation* sans aucun doute :

- mais qui ne sera pas celle, si l'on peut dire, liée à un *signifié néantisant*, comme cela se passe dans un certain mode de *la relation rivalitaire* avec le père,
- mais avec, si je puis dire, un *anéantissement du signifiant*, dont il faudra que le sujet porte la charge, assume la compensation, longuement, dans sa vie, par une série d'identifications purement conformistes à des gens qui lui donneront le sentiment de ce qu'il faut pour être un homme.

C'est ainsi que la situation se soutient longtemps, nous permet de voir que des *psychotiques* ont vécu *compensés* dans l'existence, ont eu apparemment tous les modes ordinaires de comportements considérés comme normalement virils, et que mystérieusement - et Dieu sait pourquoi - tout d'un coup ceux-ci se *décompensent*.

Est-ce que cela nous ne pouvons pas le concevoir au moment où quelque chose rend nécessaires les béquilles *imaginaire* qui ont pu permettre au sujet la compensation de cette absence du signifiant ?

Comment est-ce comme tel que *le signifiant repose ses exigences* ?

Comment *ce qui est manqué intervient*, interroge comme tel ?

Et comment les réponses - si elles sont données comme cela - que le sujet va donner, doivent passer nécessairement par une série de phénomènes qui sont alors caractérisés comme *phénomènes de signifiants*, c'est-à-dire par cette grande perturbation de discours intérieur au niveau phénoménologique du terme, qui va se produire chez le sujet ?

Comment est-ce que l'entrée de la question posée par un manque du signifiant va se manifester ?

D'abord par un phénomène qu'il faut considérer comme un phénomène de frange, c'est-à-dire une mise en jeu du *signifiant* comme tel, du rapport du sujet au discours, de la relation au *discours intérieur*, au *discours masqué* de l'Autre qui est toujours en nous, et qui apparaît tout à coup éclairé, se révèle dans sa fonction propre, parce que c'est

en quelque sorte la seule chose qui à ce moment peut retenir le sujet dans le niveau du discours, qui est tout entier menacé, tout entier menacé de lui manquer, est là, prêt à disparaître, et qui constitue pour lui la véritable menace,

le véritable crépuscule menaçant de la réalité, qui caractérise l'entrée dans les psychoses.

C'est le point que nous essaierons d'avancer un peu plus la prochaine fois.

« C'est de là que résultent les innombrables malentendus que je dois présumer de la part de Dieu. En ont résulté les tortures intellectuelles presque insupportables que je devais subir pendant des années. Aussi longtemps que Dieu voit par mon intermédiaire, participe à mes impressions... »

Dans l'étude d'un cas - quel qu'il soit, et celui-là en particulier - il me semble qu'on ne peut que toucher, vérifier ceci, qu'on ne trouve vraiment le rythme qui permet de s'y intéresser pleinement dans bien des cas.

Dans cette analyse du président SCHREBER, j'essaie de refaire pour vous, de me reporter au texte allemand.

« Aussi longtemps que la volupté d'âme dans mon cœur, permet la jouissance, ou aussi longtemps que mon activité intellectuelle fait sortir des pensées formulées en mots, aussi longtemps que ces trois choses parallèles se produisent. Dieu est pour ainsi dire satisfait et la tendance à se retirer de moi ne se fait peu ou bien pas du tout sentir, ou bien seulement dans le minimum qui comme je dois le supposer est conditionné dans un risque périodique par les dispositions que l'on avait prises une fois, il y a des années, et qui sont contradictoires à l'ordre de l'univers. C'est ce qui sert à maintenir à une juste distance tout ce qui tend à se précipiter vers lui, à se concentrer dans une sorte de point central, par la vertu de la force d'attraction qu'exerce son propre être sur ce qui reste au monde d'existant. ...Mais d'un autre côté, l'homme n'est pas capable de jouir et de penser sans cesse. Donc aussitôt que je m'abandonne au rien penser, sans laisser se produire simultanément les soins de la volupté dans le sens précis... ...Le retrait des rayons réapparaît immédiatement avec ces phénomènes accessoires plus ou moins désagréables pour moi, sensations douloureuses, crises de hurlements, accompagnés par un vacarme quelconque dans ma proximité.

Il y ajoute :

« En ces occasions, on me ferme régulièrement les yeux, par miracle, pour me priver de mes impressions visuelles.

Autrement, celles-ci maintiendraient leur effet attractif sur les régions... »

Nous pourrions, d'ores et déjà poursuivre cette lecture. Arrêtons-nous un instant. J'ai commencé par là pour bien vous indiquer ce que j'entends faire aujourd'hui, à savoir vous mener dans un certain nombre d'endroits que j'ai choisis, je pense, au mieux dans cette lecture assez énorme que représentent les quelques 400 ou 450 pages du livre de SCHREBER, pour vous montrer quelque chose qui, direz-vous, se trouve bien au niveau du phénomène.

En d'autres termes, nous allons apparemment nous contenter non seulement de nous faire les secrétaires de l'« aliéné », comme on dit, pour faire un reproche à l'impuissance des « aliénistes », comme on dit - c'était ce à quoi se limitait pendant longtemps la recherche de la psychiatrie classique - mais je dirais que d'un autre côté

le faire au point où nous nous trouverions presque tomber sous d'autres reproches qui seraient plus graves :

- non seulement d'en être les secrétaires,
- mais de prendre ce qu'il nous raconte au pied de la lettre, ce qui à la vérité est justement ce qui jusqu'ici a été considéré comme la chose à éviter.

En fin de compte, n'est-ce pas que c'était en raison d'une sorte de crainte qui arrêtaient les prétendus secrétaires de l'aliéné,

à savoir que les premiers et grands observateurs qui ont fait les premiers classements dans les diverses formes de la maladie, est-ce que ce n'est pas en somme de n'avoir pas été assez loin dans leur manière d'écouter l'aliéné qui leur avait desséché, si l'on peut dire, le matériel qui leur était offert au point qu'il n'a pas pu leur apparaître que comme quelque chose d'essentiellement problématique et fragmentaire ?

Car si nous nous reportons à l'expérience de tous les jours, vendredi j'ai vu une « *Psychose Hallucinatoire Chronique* ».

Je ne sais pas si ceux qui étaient là n'ont pas été frappés combien est plus vivant ce qu'on obtient, plus suggestives

les questions posées par la nature du délire, si simplement, au lieu d'essayer à tout prix de repérer si l'*hallucination*

est « *verbale* » ou « *sensorielle* », ou « *non sensorielle* », on écoute simplement la malade.

Celle dont il s'agissait l'autre jour nous faisait surgir l'invention dans sa vie d'une sorte de reproduction imaginaire

de toutes sortes de questions dont on sentait qu'elles avaient été dans une situation antérieure impliquées par la suite même, sans que la malade l'ait formulé à proprement parler.

Trouvez-vous que c'est une très mauvaise façon de résumer le sentiment qu'a pu donner l'autre jour la malade que j'ai présentée vendredi ? Bien entendu, il ne suffit pas que nous nous tenions là pour croire que nous avons tout compris. Il s'agit de savoir pourquoi les choses se passent ainsi.

Mais si nous ne prenons pas en quelque sorte dans leur équilibre qui se situe à un niveau du phénomène *signifiant-signifié*, qui est très loin de pouvoir être épuisé par ce qu'on peut appeler la *psychologie*, ou la *parapsychologie* classique, traditionnelle, à savoir si nous sommes dans « l'*hallucination* », « l'*interprétation* », « la *sensation* », « la *perception* »

ou autres catégories d'école, dont on sent bien que ce n'est pas du tout à ce niveau-là que se pose le problème, il semble que c'est déjà un très mauvais départ, même pour nous laisser le moindre espoir d'arriver à poser correctement le problème de ce que c'est que le délire, à quel niveau se produit le déplacement, l'anomalie, l'aberration, le changement de place du sujet, par rapport à des phénomènes de sens.

Tout ceci est évidemment lié pour la plupart des auditeurs - aussi bien psychologues que médecins - aussi bien à un enseignement qu'à un exercice, ce qui après tout ne devrait pas tellement les effrayer, parce que, à peu près rien n'a été fait dans ce genre, on ne saurait trop leur proposer de recourir à ce qui doit quand même être accessible à l'expérience de l'homme du commun. Je vais vous proposer un de ces exercices.

Réfléchissez - par exemple, si on vous posait des questions là-dessus - à ce que c'est que la lecture ? Qu'est-ce que vous appelez lecture ? Qu'est-ce qui sera le moment où cela rend visible le moment optimum de la lecture ? Quand êtes-vous bien sûrs que vous lisez ? Vous me direz que ça ne fait aucun doute : on a le sentiment de la lecture. Nous pensons que si nous nous mettons à saisir les caractères - qui doivent être conscients pour qu'il n'y ait pas épelage, déchiffrage - il se produit quelque chose qui s'impose comme une sorte d'influence qui sera une certaine *ligne de signification*. Voilà en effet le problème central.

Il est tout de même bien malheureux qu'il y ait beaucoup de choses qui aillent contre. À savoir que dans les rêves nous pouvons avoir le même sentiment, c'est-à-dire de lire quelque chose, alors que manifestement nous ne sommes pas capables d'affirmer qu'il y ait la moindre correspondance avec un seul signifiant. L'absorption de certains toxiques peut nous mener au même sentiment. Et ceci nous donnera l'idée que nous ne pouvons pas nous fier à l'appréhension sentimentale de la chose, qu'il faut donner une formule un tant soit plus *précise*, et qui fasse intervenir *l'objectivité du rapport du signifiant et du signifié*. Engagez-vous dans cette voie, c'est à partir de ce moment là que

la question commence. Vous verrez du même coup que les complications commencent avec. Car il n'y a pas besoin d'imager par des cas extrêmes dans le genre de celui qui fait semblant de lire. Évidemment nous avons tous vu cela.

Dans un temps lointain où je faisais quelques petits voyages dans des pays qui ont, dans un temps lointain conquis leur indépendance, j'ai vu un monsieur m'introduisant, c'était l'intendant d'un seigneur de l'Atlas, il a pris le petit papier qui lui était destiné. J'ai aussitôt constaté qu'il ne pouvait rien apercevoir car il le tenait à l'envers.

Mais, avec beaucoup de gravité, il articulait quelque chose, histoire de ne pas perdre la face devant l'entourage respectueux. *Lisait-il ou ne lisait-il pas ?* Incontestablement, il lisait l'essentiel : savoir si j'étais accrédité.

Il y a l'autre cas extrême. C'est celui où vous savez déjà par cœur ce qu'il y a dans le texte, même si vous savez lire,

ça arrive plus souvent qu'on ne croit, car - mon Dieu - pour la plupart des textes de FREUD, qui sont ceux de votre usage courant dans ce qu'on peut appeler la formation psychologique et médicale,

on peut dire que vous savez déjà tout cela par cœur, et qu'une grande partie du temps que vous passez à épuiser l'abondante littérature, vous ne lisez que ce que vous savez déjà par cœur.

C'est ce qui fait relativiser singulièrement ce qui fait le fond de ce qu'on appelle une littérature scientifique au moins dans notre domaine, car il bénéficie de quelque privilège dans ce que je viens d'appeler la problématique du *signifié* et du *signifiant*. En fin de compte, on a souvent l'impression que *ce qui dirige au plus profond l'intention du discours scientifique, ce n'est peut-être justement rien d'autre que de rester bien exactement dans les limites de ce qui a été dit.*

Je veux dire qu'en fin de compte, il semblerait que la dernière tentation de ce discours serait simplement de prouver que le signataire est, si je puis dire, du point de vue du discours, comme un signe fait à ceux avec qui il communique, qu'il est non-nul : il est capable d'écrire ce que tout le monde écrit par exemple.

Dans ces conditions, puisque aussi bien nous ne sommes pas sans attacher une certaine importance au discours, pourquoi accorder moins d'importance au témoignage, en tout cas plus singulier, voire quelque fois plus original, que peut nous donner même un sujet présumé être dans l'ordre de l'insensé, puisque le décrochage nous est donné dans la vie scientifique la plus commune et la plus courante, le décrochage nous est donné tout à fait patent, et manifeste d'une sorte de manque flagrant de correspondance entre les capacités intellectuelles de tel ou tel auteur qui assurément, variant dans de très grandes limites, et *la remarquable uniformité de ce qu'il nous apporte dans le discours ?*

Pourquoi frapper d'avance d'une sorte de caducité ce qui sortira d'un sujet dont nous pouvons en effet présumer que le psychisme, comme on dit, est dans une situation profondément perturbée dans ses relations au monde extérieur ? Peut-être ce qu'il nous dit garde-t-il quand même sa valeur ?

En fait quand nous nous apercevons...

pas simplement à propos d'un cas aussi remarquable que le Président SCHREBER,
mais à propos du moindre des sujets

...que si nous savons l'écouter, ce qui apparaît est principalement dans l'ordre du délire, des P.H.C. [*psychose hallucinatoire chronique*] quelque chose qui manifeste justement comme un rapport du sujet très spécifique et dont lui seul

peut témoigner, mais dont il témoigne avec la plus grande énergie, par rapport à l'ensemble du système du langage dans ses différents ordres, où il se manifeste, où il se présente dans un sujet.

Nous n'avons vraiment aucune raison de ne pas recueillir comme tel, sous prétexte de je ne sais quoi, qui serait ineffable, incommunicable, dans je ne sais quelle sensation affective du sujet...

vous savez quoi... tout ce qu'on échafaude sur les prétendus phénomènes primitifs, élémentaires ...alors que ce dont nous voyons témoigner le sujet, c'est effectivement d'un certain virage dans le rapport de langage, dans quelque chose qu'on peut appeler dans l'ensemble « *une érotisation* » ou *une passivation*, ou une certaine façon de *subir* dans son ensemble *le phénomène du langage, le phénomène du discours*, d'une façon

qui nous en révèle assurément une dimension à partir du moment où nous ne cherchons pas la commune mesure, le plus petit dénominateur des psychismes, et où justement nous avons à faire la distance entre ce qu'il y a de vécu

psychique, et l'usage, la situation en quelque sorte demi-externe où est non seulement *l'aliéné*, mais tout sujet humain, par rapport à tout *phénomène de langage*.

Nous sommes en droit méthodologiquement d'accepter le témoignage de l'aliéné sur sa position par rapport au langage comme quelque chose dont nous devons tenir compte dans l'ensemble de l'analyse du phénomène des rapports du sujet au langage. Ce témoignage est quelque chose que nous trouvons. C'est l'intérêt majeur pour quelqu'un qui lit l'histoire de SCHREBER, c'est l'intérêt majeur et permanent de ce leg qu'il nous a fait de ses « *Mémoires* », de ces choses mémorables et dignes d'être méditées.

Ceci n'est pas tout à fait perdu dans l'air. Pour nous avancer dans cette direction, nous avons déjà la notion, par lui-même, que quelque chose a été en lui et à un moment donné au moins s'est manifesté comme profondément perturbé, *une certaine rupture, une certaine fissure est apparue*, qui est à proprement parler de *l'ordre des relations à l'Autre*.

Ce qu'il appelle mystérieusement « *l'assassinat d'âme* », qui reste dans une sorte de demi-ombre est quelque chose

où notre expérience des catégories analytiques nous permet de nous repérer dans quelque chose qui a essentiellement rapport dans l'*image* qui est là, aux origines du *moi* et à la notion même de ce qui est pour le sujet l'ellipse de son être, ce quelque chose dans quoi il se réfléchit, sous le nom de *moi*.

S'il y a quelque chose qui s'est passé sur ce plan, si nous en avons le témoignage par le sujet, nous pouvons le relier

à une certaine problématique qui s'insère entre cette image du *moi* et une image de l'Autre surélevée, exhaussée par rapport à la première, celle du grand Autre, qu'est *l'image paternelle*, en tant qu'elle instaure la double perspective

à l'intérieur du sujet, du *moi* et de l'*idéal du moi* - pour ne pas parler à cette occasion du *surmoi* - et que nous avons aussi l'impression que c'est dans la mesure où il a ou non acquis - ou à quelque moment perdu - cet Autre, à l'intérieur duquel il peut pleinement s'affirmer dans son discours, qu'il rencontre à un certain moment *cet autre purement imaginaire, cet autre aminci, cet autre déchu*, avec lequel il ne peut avoir d'autres rapports que d'un *autre* qui le frustre et qui fondamentalement le nie, qui littéralement le tue.

C'est quelque chose essentiellement réduit à ce qu'il y a de plus radical :

- dans *l'aliénation purement imaginaire*,
- dans *la pure et simple capture*

par cette sorte d'*aliénation* qui va très manifestement et aussitôt en résulter, de ce qu'on peut appeler « *le discours permanent* » sous-jacent à toute l'inscription au cours de l'histoire du sujet, ce quelque chose :

- qui double tous les actes du sujet,
- qui est ce qui est à la fois présent,
- qui n'est pas du tout impossible à voir surgir chez le sujet normal.

Je vous en donnerai des exemples qui sont presque accessibles à une sorte d'extrapolation vécue, si je puis dire, celle du personnage isolé dans une île déserte qui est un des thèmes de la pensée moderne, et ce n'est certainement pas pour rien depuis qu'on a inventé Robinson CRUSOË, on n'a pas à remonter très haut les exemples.

Le premier, à ma connaissance, qu'il y a dans l'histoire c'est Balthasar GRACIAN qui l'a inventé : on voit un personnage qui à un certain moment vit dans une île déserte.

Il est certain que c'est un problème psychologique accessible sinon à l'imagination, du moins à l'expérience.

Qu'est-ce qui va se passer quand le sujet humain vit tout seul ? Qu'est-ce que devient le discours latent « *Je vais vendre du bois* » pour quelqu'un qui va *vendre du bois* ?

Si vous interrogez simplement *sur ce que deviennent les vocalisations pour une personne simplement qui se perd en montagne*,

c'est-à-dire qui pendant un certain temps a le sentiment de ne plus savoir où elle est, d'être isolée...

et ce n'est sans doute pas sans raison que le phénomène soit plus particulièrement en montagne, peut-être que ces lieux sont moins humanisés que les autres

...ce qui se passe d'une sensible mobilisation du monde extérieur par rapport à une signification prête à surgir de tous les coins, c'est quelque chose qui peut nous donner assez l'idée de ce côté perpétuellement « *prêt à affleurer* » d'un discours mi-aliéné.

Et l'existence permanente de ce discours dans le sujet, je crois qu'elle peut être considérée comme quelque chose dont ce qui se passe chez l'*aliéné*, où les phénomènes de verbalisation chez un délirant comme SCHREBER, ne fait que nous donner en somme l'accentuation, dont il s'agit à partir de là de nous poser le problème de savoir pourquoi,

et dans la formule que je vous indique :

- en marge de quoi,
- pour signifier quoi,
- mobilisé par quoi,

...le phénomène apparaît chez *le délirant* et chez *l'aliéné*.

Je prends un autre passage, également choisi au hasard. Parce qu'en fait tout ceci est tellement accentué, insistant, répété chez SCHREBER, qu'on trouve vraiment partout une confirmation du témoignage des phénomènes

que j'indique : « *Chez moi, par contre...*

Il parle des autres aliénés - il a lu KRÆPELIN - pour qui les phénomènes sont intermittents.

« Chez moi, par contre, ces phénomènes dans la conversation des voix n'existent point, depuis le début de mon contact avec Dieu l'Unique, exception faite des premières semaines, quand il y a eu à part les périodes sacrées, encore des périodes non sacrées. Donc depuis presque sept années, il n'y avait même pas un seul moment, sauf pendant le sommeil, où je n'aurais pas entendu des voix. Elles m'accompagnent à tout endroit et à toute occasion. Elles continuent à se faire entendre même si je suis en conversation avec d'autres gens. Elles poursuivent librement leur cours, même si je m'occupe aussi attentivement que possible d'autres choses. Quand par exemple, je lis un livre ou un journal, je joue du piano, c'est seulement aussi longtemps que je parle moi-même à haute voix avec d'autres gens ou en étant seul qu'elles sont couvertes par le son plus puissant du mot parlé, et ne sont ainsi pas entendues par moi pendant ces moments. Mais le recommencement immédiat des phrases, reprises avec un son extrême du milieu de la phrase, me fait savoir de toute façon que le fil de la conversation n'a pas été interrompu, c'est-à-dire que les stimulations du sens ou l'oscillation de nerf, par lesquels les faits auditifs plus faibles, correspondant aux voix, se manifestent, ont continué aussi pendant que je parlais à haute voix. »

Après quoi, il y a quelques considérations sur le ralentissement de la cadence qui est effectivement un des phénomènes essentiels. C'est là-dessus que nous devons pousser plus loin notre analyse, à savoir dans quelle mesure avec le progrès, l'avancement, une évolution des phénomènes tout à fait essentiel à la structure du signifiant comme tel, à savoir la possibilité - ce qui est absolument essentiel aux phénomènes de significations comme tels - le fait si on peut dire que *le signifiant n'est pas découpable*.

Je veux dire qu'on ne sectionne pas un morceau de signifiant comme on sectionne une bande de magnétophone. Si vous sectionnez une bande de magnétophone, la phrase - quant à son effet - ne s'arrête pas au point où vous l'aurez interrompue, au milieu. En d'autres termes, *le signifiant* comporte en lui-même toutes sortes d'*implications* qui feront que ce n'est pas seulement parce que vous serez écouteur ou déchiffreur, de profession, que vous pourrez dans certains cas compléter la phrase.

Dans d'autres cas, limités à un certain nombre de possibilités très réduites, la façon dont la phrase doit se compléter en fin de compte, fait apercevoir ce qu'il faut introduire dans *le signifiant*. *L'unité de signification* est quelque chose qui *montre essentiellement d'une façon permanente le signifiant* fonctionnant selon certaines lois qui en sont l'élément essentiel.

Le fait qu'à l'intérieur du délire les voix jouent sur cette propriété, n'est pas quelque chose que nous puissions tenir pour indifférent quant au fait qu'il s'agit d'interpréter de ce pourquoi précisément, le sujet entre dans *un certain rapport* avec le signifiant comme tel, si vraiment pour tous les phénomènes - d'une façon telle que ça soit de leur mise en évidence dans le phénomène du délire, que ce soit là un phénomène manifeste dans toutes ses extériorisations, nous ne pouvons pas éliminer l'hypothèse que le motif fondamental soit justement un rapport plus radical, et en quelque sorte plus global, au phénomène du signifiant comme tel qui soit ce qui est en jeu dans la psychose.

Première étape de l'esprit, à partir de laquelle nous nous poserons la question de savoir pourquoi, en effet, à une certaine étape de la vie d'un sujet, ce rapport - considéré comme essentiel et fondamental - au signifiant, est le quelque chose qui, disons pour nous limiter à ce que nous constatons, devient l'entière occupation, l'investissement des capacités d'intérêt du sujet.

Aborder le problème à ce niveau :

- n'est pas du tout nous limiter,
- n'est pas du tout changer l'ordination de l'énergétique de la dynamique analytique,
- n'est justement absolument pas - en rien - repousser la notion de *libido*, ni de son économie comme telle.

C'est justement de voir :

- ce qu'il peut y avoir d'intéressé dans ce rapport - global ou articulé différemment ou électif - au signifiant,
- ce que signifie cet intérêt en tant que tel dans le phénomène de la psychose, et comment s'est analysée la psychose à partir de là.

Une brève petite note à propos de l'intelligence divine et l'intelligence humaine :

« Je crois pouvoir dire que l'intelligence divine est égale au moins à la somme de toutes les intelligences humaines qui existaient pendant les générations passées. Car Dieu assimile après la mort tous les nerfs humains. Il unit donc en soi l'ensemble des intelligences, en élevant progressivement tous les souvenirs qui n'avaient un intérêt que pour les individus respectifs et qui par conséquent ne sont pas considérés comme parties intégrantes d'une intelligence généralement de valeur. Il n'y a aucun doute pour moi, par exemple, que Dieu sait ce que sont les chemins de fer, connaît leur essence et leur but précis. D'où Dieu a-t-il acquis cette connaissance ? Dieu n'a en soi dans des conditions conformes à l'ordre de l'univers qu'une impression extérieure d'un train qui roule comme de tout autre événement sur terre. Il aurait eu la possibilité de procurer par la force d'une assumption sur quelqu'un... par les questions ferroviaires des renseignements d'état sur le but et le fonctionnement de ces phénomènes. Mais il n'avait guère de motifs pour prendre une telle mesure. Avec le temps, des générations entières, donc qui connaissaient couramment toute la signification des chemins de fer, revenaient à Dieu. Ainsi la connaissance des chemins de fer était acquise par Dieu même. »

Ceci pour vous rappeler la notion qui est une notion que nous devons prendre comme telle, si élaborée qu'elle nous paraisse chez le sujet, elle est fondée sur l'expérience primitive, l'équivalence entre la notion de « nerfs »

et les propos qui les personnifient. Les « nerfs », c'est la somme de cet univers de verbiage, de ritournelle ou d'insistance verbalisée, qui sont devenus à partir d'un certain moment son univers.

À partir d'un certain moment où par contre toutes les présences contingentes, accessoires si on peut dire, de ce qui l'entoure, sont frappées d'irréalité, deviennent ces hommes « bâclés à la 6-4-2 ». Les présences pour ce sujet sont devenues essentiellement *présences verbales* et la somme de ces *présences verbales* est effectivement pour lui identique à *la totale présence divine*, c'est-à-dire à la seule et unique présence qui devient pour lui son corrélatif et son répondant.

La notion donc que je vous donne là, au passage, celle qui fait de l'intelligence divine la somme des intelligences humaines, a chez lui, encore que la formule en soit assez rigoureuse et assez élégante pour que nous ayons l'impression d'être là devant un *petit bout de système philosophique*. Il faudrait très peu de choses - que je vous demande : de qui est-ce ? - pour savoir si ce n'est pas SPINOZA. La question est de savoir ce que vaut ce témoignage du sujet dans un ensemble remarquablement cohérent de témoignages, il nous donne son expérience, et comme une expérience qui s'impose comme étant devenue dès lors la structure même de la réalité.

Le cinquième chapitre, entre autres, va concerner en particulier ce qu'on appelle « *la langue fondamentale* ». Cette « *la langue fondamentale* » dont je vous ai dit, qu'au témoignage du sujet, elle est faite d'une espèce de *haut allemand*, particulièrement savoureux et très légèrement truffé d'*expressions archaïques* puisées aux sous-jacences étymologiques de cette langue.

« À part la langue habituelle, il y a encore une sorte de langue des nerfs dont en général l'homme qui normalement se porte bien n'est pas conscient. Pour pouvoir comprendre au mieux ce phénomène, il faut, selon mon avis, se rappeler les procédés qui entrent en jeu quand un homme cherche à retenir dans sa mémoire certains mots dans un ordre déterminé. Par exemple, l'enfant qui apprend par cœur un poème qu'il doit réciter à l'école, ou un prêtre le sermon qu'il veut tenir à l'église. On répète ces mots dans le silence. »

Nous approchons. On sent qu'il y a quelque chose qui prouve que le sujet a certainement plus médité sur la nature du surgissement de la parole que peut-être nous l'avons fait jusqu'à présent.

« Il en est de même avec l'oraison mentale à laquelle la communauté est invitée du haut de la chaire, c'est-à-dire que l'homme incite ses nerfs à des privations conformes à l'usage des mots respectifs, les organes de la voix proprement dits n'entrent pas en fonction, ou seulement involontairement. »

Il se rend bien compte que le phénomène, la position d'exception de la parole, est quelque chose qui se situe à un tout autre niveau que la mise en exercice des organes qui peuvent plus ou moins à ce moment là faire passer

à la matérialisation.

« L'application de cette langue de nerfs dépend dans des conditions normales, conformes à l'ordre de l'univers, uniquement de la volonté de l'homme dont les nerfs sont en cause. Aucun homme ne peut forcer un autre à se servir de la langue des nerfs. Par contre, il est arrivé dans mon cas, depuis le revirement critique de ma maladie nerveuse, que mes nerfs aient été mis en action de l'extérieur sans cesse et sans relâche. La qualité d'agir de telle façon sur les nerfs d'un homme est surtout propre aux rayons divins. C'est de là que provient le fait que Dieu a été depuis toujours en mesure d'inspirer des rêves aux hommes. »

Cette subite introduction du rêve comme appartenant, comme essentiellement, au monde du langage, il semble qu'il n'est pas vain de remarquer quel surprenant illogisme cela représentait de la part d'un aliéné qui, par définition, n'est pas censé connaître le caractère hautement signifiant que nous donnons au rêve depuis FREUD. Il est bien certain que SCHREBER n'en avait aucune espèce de notion.

« J'ai senti une certaine influence, comme d'une action provenant du Professeur Fleschig, je ne saurais expliquer ce fait que le Professeur Fleschig ait essayé d'assujettir les rayons divins. À part les nerfs du Professeur Fleschig, d'autres rayons divins se sont mis en contact avec mes nerfs de façon à agir à mes côtés, d'amener à des formes opposées à l'ordre de l'univers et des droits naturels de l'homme, à disposer de l'usage de ces nerfs, et si j'ose dire, de plus en plus grotesque, cette action se fit donc remarquer assez tôt sous la forme d'une obligation de penser, d'une compulsion à penser, un terme employé par les voix intérieures mêmes, et qui ne saurait guère être connu par d'autres gens, parce que ce phénomène se trouve hors de toute expérience humaine. La nature de l'obligation à penser consiste en ce que l'homme est forcé de penser sans relâche.

En d'autres termes le droit naturel d'un homme d'accorder de temps en temps à ses nerfs de l'intellect le repos nécessaire par un rien penser, me fut refusé depuis par des rayons qui me [...] entrèrent et qui désiraient savoir sans cesse ce que je pense. On me posa même la question en ces termes : à quoi pensez-vous ? À cet instant, puisque cette question représente déjà par sa forme un non-sens complet, un homme, comme tout le monde le sait, peut aussi bien à certains moments penser à rien, penser à mille choses à la fois. Mes nerfs ne réagissaient pas à une telle question contradictoire en soi-même. J'étais donc obligé de recourir à un système de falsification de pensée, en répliquant par exemple à la question posée : c'est l'ordre de l'univers auquel un tel désir essaie de penser. C'est-à-dire qu'on obligeait mes nerfs par l'action de la langue de me [...] aux vibrations qui correspondaient à l'usage de ces mots. Cela fut la cause que le nombre des points dont provenaient les adjonctions de nerfs augmentaient avec le temps.

À part le Professeur FLESCHIG, le seul dont je savais avec certitude qu'il a été, au moins pendant un certain temps parmi les vivants, c'étaient surtout des âmes décédées qui commencèrent à s'intéresser de plus en plus à moi. »

Là-dessus, considérations et précisions dans une note :

« Dans cette réponse, le mot « penser » a été retranché. Les âmes avaient l'habitude déjà avant que les situations contradictoires à l'ordre de l'univers se fassent remarquer, d'exprimer leurs pensées, dans le commerce entre elles, d'une façon grammaticalement incomplète, c'est-à-dire de retrancher certains mots dont on pouvait se passer sans changer le sens. Cette habitude dégénéra au cours du temps en un abus. On peut en faire moins parce que les nerfs de l'intellect de l'homme sont fortement dans la langue fondamentale, sont toujours excités par de telles phrases morcelées, parce qu'ils cherchent automatiquement à trouver le mot qui manque. Ainsi j'entends - pour mentionner un seul des innombrables exemples - depuis des années, toujours la même question cent fois : « pourquoi ne le dites-vous pas ? » où on retranche les mots qui sont nécessaires pour compléter la phrase. Les rayons se donnent eux-mêmes la réponse à peu près comme ceci : « parce que je suis bête ». Depuis des années mes nerfs doivent supporter sans cesse de pareils non-sens affreux et monotones, qui sortent pour ainsi dire d'eux-mêmes. Je m'expliquerai plus tard en détail sur la raison qui fut décisive pour le choix des phrases respectives et les effets qu'on avait l'intention d'obtenir. »

Cette phénoménologie qui est celle d'une relation ambiguë, à savoir alternativement très significative, car toute la suite du chapitre est une chose qui est d'une richesse quant aux significations ambiantes en un certain contexte culturel. Ce n'est pas pour rien que ce délire s'épanouit chez un sujet d'une bourgeoisie d'assez longue tradition.

Les SCHREBER effectivement ont été des gens dont nous pouvons repérer l'histoire à partir du XVI^{ème} siècle comme ayant fait partie de la vie intellectuelle de leur pays d'une façon assez brillante.

Je reviendrai par la suite sur la personnalité particulière du père de SCHREBER. Mais la sorte de délire...

qui est celle qui surgit dans une sorte de deuxième premier temps du délire
...est tellement liée à ce qu'on peut appeler « *le complexe d'encerclement culturel* » dont nous avons vu trop tristement à notre époque l'épanouissement avec le célèbre parti qui a lancé toute l'Europe dans la guerre, à savoir « *l'encerclement* » par les slaves, par les juifs, tout cela y est intégralement, chez ce brave homme qui ne semble pas jusque là avoir tellement participé à quelque tendance politique passionnelle quelle qu'elle soit, sinon par son appartenance incontestable et affirmée pendant la période de ses études à ces corporations d'étudiants.

D'autre part, nous avons toute la suite de phénomènes beaucoup plus profonds, singuliers, problématiques, et je vais vous indiquer là quelque chose sur quoi nous reviendrons par la suite : l'existence corrélatrice de ces représentations de [...] qui sont dès lors pour lui significatives, à savoir celles de tous ces *supports de phrases* qui dès lors l'incluent en quelque sorte perpétuellement dans leur tumulte.

Ces âmes qu'il désigne, qu'il situe, autour desquelles il désorganise tout un univers et qui viennent avec le temps à s'amenuiser dans ces fameux « *petits hommes* » qui ont beaucoup attiré l'attention des analystes et en particulier de KATAN qui a consacré un article à ces « *petits hommes* », qui sont peut-être la source de toutes sortes d'interprétations plus ou moins ingénieuses, grâce à certains éléments de significations qui sont données par le sort

de ces « *petits hommes* » qui viennent habiter sa tête...

qui sont en quelque sorte la réduction en un seul nerf, avec le temps et à la suite des successives réductions, soustractions ou adjonctions de nerfs qui sont le processus de résorption qu'il sent comme étant celui

par où ils s'intègrent à lui-même, à le détruire

...sont du même coup les autres personnages de ces autres fantasmiques, ces « *petits hommes* » qui ont été assimilés par les analystes, au nom des lois de la recherche de la signification appliquée dans l'analyse, à l'équivalent

des spermatozoïdes que le sujet à partir d'un certain moment de sa maladie se refuse à perdre, si on peut dire, en se refusant - comme c'est indiqué dans l'histoire de sa maladie - à la masturbation.

Il n'y a pas lieu de refuser une pareille interprétation. À la vérité, ce qui nous semble, c'est que si nous l'admettons, elle n'épuise pas complètement le problème. Le fait que ces personnages soient en quelque sorte des personnages régressifs retournés à leur cellule procréatrice originelle, c'est cela qui est *la question*. Et à la vérité c'est très frappant

de voir comment KATAN dans l'interprétation qu'il donne de ces « *petits hommes* » semble oublier des travaux très anciens de SILBERER, qui est le premier à avoir parlé des rêves où il s'agisse dans certaines images nettement :

- soit du *spermatozoïde*,
- soit en effet de *la cellule femelle primitive, l'ovule*.

Et à cette époque - qui peut passer pour archaïque - de l'analyse, SILBERER avait très bien vu que la question n'était pas de savoir quelle fonction dans le rêve, le moment psychologique du sujet, jouaient les petites images, qu'elles fussent fantasmiques ou qu'elles fussent oniriques. Il est curieux de voir en 1908 faire entrer à propos la notion de ce que signifie leur apparition. Et si elle n'a pas très précisément le sens de l'apparition d'une signification mortelle, à savoir qu'il s'agit d'un retour aux origines qui est le terme des précédents, l'équivalent d'une manifestation de l'instinct de mort. Dans le cas présent, nous ne pouvons pas ne pas le toucher du doigt, puisque ces significations concernant les « *petits hommes* » se produisent dans le contexte de cette sorte de « *crépuscule du monde* » qui va pour lui, au début de son délire, et pour une phase vraiment constitutive du mouvement du délire, à ce « *crépuscule* », à *cette réalisation totale et complète de tous les êtres humains* qui l'entourent, qui est un des éléments les plus caractéristiques.

Quoiqu'il en soit, il est certain que nous ne pouvons pas à cette occasion ne pas nous faire la remarque, si ce n'est d'une certaine incomplétude d'une réalisation de la fonction du père comme tel qu'il s'agit chez SCHREBER.

Car c'est autour de cela que tournent les auteurs. Ils essaient d'expliquer l'éclatement, l'éclosion du délire

de SCHREBER par le fait que, non pas que SCHREBER soit à ce moment là en conflit avec son père, parce qu'il y a longtemps qu'il a disparu de la scène, et que loin d'être à un moment d'échec de sa vie, de son accession

à des fonctions pleinement paternelles, c'est justement au contraire au moment où il franchit d'une manière particulièrement brillante une étape de sa carrière qui le met en une position d'autorité et d'autonomie qui semble le solliciter à ce moment-là d'assumer vraiment cette position paternelle et se référer à elle.

C'est donc d'une espèce de vertige du succès, plus que du sentiment de l'échec que dépendrait le délire du Président SCHREBER. C'est bien autour de cela que tous les auteurs, quels qu'ils soient, quelque diversité qu'ils essaient d'introduire par rapport à la première interprétation de FREUD, c'est autour de cela que tourne la compréhension qu'ils donnent du mécanisme déterminant, au moins sur le plan psychique, de la psychose. Ne pouvons-nous pas justement, faire quelques remarques, que si effectivement nous posons la question des différents modes dont peut, si on peut dire chez un sujet en phase critique, en porter en général [...] aussi bien *normal* que *pathologique*. Nous donnerons là, si on peut dire, trois réponses au sujet de la fonction du père.

Normalement, c'est-à-dire par l'intermédiaire du complexe d'Œdipe, nous aurons la voie - je ne dis pas que c'est l'essentiel - de la conquête de *la réalisation œdipienne*, de l'intégration et de l'introjection de l'image oedipienne.

Mais le moyen, la voie, le médium que FREUD nous dit, sans aucune espèce d'ambiguïté, c'est la relation agressive, c'est la relation de rivalité. En d'autres termes, FREUD nous apprend que normalement, c'est par la voie d'un conflit imaginaire que se fait l'intégration symbolique.

Il y a une autre voie qui se manifeste comme étant d'une autre nature. Elle nous est présente dans un certain nombre de phénomènes que nous connaissons. L'expérience ethnologique nous montre l'importance...

quelque résiduelle qu'elle soit dans le plus grand nombre des critiques
...du phénomène de « *la couvade* » qui est celui par où la réalisation imaginaire se fait caractéristiquement par la mise en jeu symbolique de la conduite.

Est-ce que ce n'est pas quelque chose de cette nature que nous avons pu situer dans la névrose ?

D'un autre côté, quand je vous ai parlé du cas de cet hystérique décrit par ELSSLER qui à la suite d'une certaine rupture traumatique de son équilibre se met à appréhender tous les symptômes d'une espèce de *grossesse symbolique*,

car il ne s'agit pas de grossesse imaginaire, dans ce phénomène du sujet dont je vous ai parlé il y a quelques semaines.

N'y a-t-il pas une 3^{ème} voie qui est en quelque sorte incarnée dans le délire ? Et je crois qu'il y a quelque chose de tout à fait frappant. Regardez ce que sont ces êtres. Ils ont un corrélatif manifeste dans *le délire* du Président SCHREBER.

Ils sont des formes de résorption, mais ils sont aussi - et là les analystes touchent à quelque chose de juste - la représentation de ce qui va arriver dans l'avenir. SCHREBER le dit, le monde va être repeuplé par ce qu'il appelle des « *hommes-Schreber* », par des hommes d'esprit schreberien, c'est-à-dire de menus êtres fantasmatiques qui vont engendrer une sorte de procréation d'après le déluge, qui est la perspective, le point de fuite vers l'avenir.

N'êtes-vous pas frappés que, de même que nous venons d'apercevoir les deux formes précédentes, la forme normale et la forme névrotique ou paranévrotique :

- l'accent mis dans un cas sur *la réalisation symbolique du père*, par la voie du conflit imaginaire,
- dans l'autre cas par *la réalisation imaginaire du père*,
- par la voie d'un exercice *symbolique* de la conduite...

Ici, qu'est-ce que nous voyons ? Nous voyons se réaliser dans *l'imaginaire* quelque chose de tout à fait singulier en somme, ce quelque chose qui n'intéresse personne, ni les névrosés, ni la civilisation primitive.

Je ne dis pas qu'ils ne les connaissent pas. Je crois que c'est erroné de dire que les primitifs ne savent pas le côté réel de la génération par le père. Simplement, ça ne les intéresse pas. Ce qui les intéresse c'est l'engendrement de l'âme. C'est l'engendrement de l'esprit du père. C'est le père justement en tant que *symbolique* ou en tant qu'*imaginaire*.

Mais nous voyons curieusement surgir dans le délire, sous la forme de ces « *petits hommes* », une fonction *imaginaire*.

C'est curieusement rien d'autre chose que la fonction *réelle* d'une génération, tout au moins si nous faisons l'identification que les analystes font entre ces « *petits hommes* » et les spermatozoïdes. Cette sorte de mouvement tournant entre les trois fonctions, définissant du même coup comment sont utilisés, dans des cadres différents, la problématique de *la fonction paternelle* est quelque chose que je vous prie de retenir pour l'usage et l'utilisation que nous pouvons en faire dans l'ordre de la psychose.

Quoiqu'il en soit, puisque nous nous sommes maintenant engagés dans la lecture de ce texte et dans une espèce d'entreprise de vraiment actualiser au maximum cette lecture dans le registre dialectique *signifiant-signifié*, nous pouvons l'utiliser comme méthode de repérage de la psychose.

Je dirais à tous, et à chacun de ceux qui sont ici : si vous abordez - et assurément c'est légitime - au fond de la problématique de l'analyse les questions de l'être, je dirais : ne les prenez pas de trop haut. Vous n'en avez aucun besoin, puisque dans ce que je vous ai donné de la phénoménologie des névroses et des psychoses, c'est au niveau d'une dialectique phénoménale tout à fait articulée - et qu'on le veuille ou qu'on ne veuille pas la nommer - c'est tout de même *la parole* qui dans le centre de référence est l'accent principal.

« *Sie lieben also den Wahn wie sich selbst. Das ist das Geheimnis.* »
 « *Ils aiment ainsi leur délire comme ils s'aiment eux-mêmes. Tel est le secret.* »
 [Manuscrit H, joint à la Lettre à Fliess n°53 du 24 Juin 1895]

Cette phrase est recueillie dans les « *Lettres à Fliess* », dans lesquelles on voit étonnamment s'ébaucher les thèmes qui apparaîtront *successivement* dans l'œuvre freudienne, et là les choses apparaissent quelquefois avec un relief singulier.

Il n'est pas dit que nous n'aurions pas le ton de FREUD, même si nous n'avions pas ces lettres.

J'essaierai le 16 Mai d'atteindre et de vous représenter ce ton de FREUD, qui n'a jamais fléchi et qui n'est pas autre chose que l'expression même de ce qui oriente, qui vivifie cette recherche. Je veux dire qu'en 1939 encore, quand il écrit « *Moïse et le monothéisme* », on sent que cette interrogation passionnée qui a été en somme de bout

en bout celle de FREUD, n'a pas baissé et que c'est toujours de la même façon acharnée, presque désespérée, qu'il s'efforce de définir et d'expliquer comment il se fait que l'homme dans sa réalité, dans la position même de son être, soit aussi dépendant de cette chose pour laquelle il n'est manifestement point fait, et qui est là dans le « *Moïse...* », parfaitement dite et nommée, qui s'appelle *la vérité*.

J'ai relu « *Moïse et le monothéisme* » à dessein de préparer cette sorte de présentation qu'on m'a chargé de vous faire

de la personne de FREUD. C'est bien là quelque chose où il me semble qu'on peut trouver une fois de plus la confirmation de ce que j'essaie ici de vous faire sentir, à savoir que le problème central de l'analyse, qui est absolument inséparable d'une question fondamentale sur la façon dont *la vérité* entre dans la vie de l'homme,

la vérité dans cette dimension mystérieuse, inexplicable, dont rien, en fin de compte ne peut permettre de saisir l'urgence ni la nécessité, puisque l'homme s'accommode facilement de la non-vérité, mais qu'il y a une toute spéciale difficulté à en user.

Vous verrez que j'essaierai de vous montrer que c'est bien là encore la question centrale qui jusqu'au bout le saisit

et le tourmente à propos des questions sur « *Moïse et le monothéisme* ». Ce petit livre en donne le témoignage toujours vivant. On sent le geste qui renonce et la figure qui se couvre. Il est vraiment acceptant la mort et il continue.

Et on ne voit aucune autre raison dans le texte même de cette interrogation renouvelée autour de la personne de MOÏSE, autour de l'hypothétique peur de MOÏSE, si ce n'est toujours : *comment et par quelle voie, par quelle entrée,*

la dimension de la vérité entre-t-elle dans la vie de l'homme ? La réponse de FREUD : c'est par l'intermédiaire de quelque chose qui est l'essence, la signification dernière de *l'idée du père*.

Et pour qu'elle entre d'une façon vivante dans l'économie de l'homme, il faut *une condition spéciale*, c'est-à-dire que le père soit lié d'une réalité sacrée en elle-même, plus spirituelle qu'aucune autre, puisqu'en somme rien dans la réalité vécue n'indique à proprement parler la fonction, la présence du père, la dominance du père.

Comment cette vérité du père comme procréant, de la notion de paternité, cette vérité qu'il appelle lui-même spirituelle, vient-elle à être promue au premier plan ? La chose n'est pensable que par l'intermédiaire de ce drame qui l'inscrit dans l'histoire jusque dans la chair des hommes, par l'intermédiaire de cette espèce de réalité *anté-préhistorique* - ce qui veut dire à l'origine de toute histoire - qu'est la notion de « *la mort du père* » : *mythe* bien évident,

mythe bien mystérieux, impossible à éviter dans la cohérence de la pensée de FREUD, manifestement mythique.

Pourtant il y a là, dans cette notion de la mort, du *meurtre du père*, quelque chose de voilé. Et tout notre travail de l'année dernière doit maintenant venir ici confluer, nous faire entendre que, entre ce meurtre, qu'il faut bien entendre comme quelque chose qui est vraiment inscrit, on ne peut repousser le caractère inévitable de l'intuition freudienne.

Les critiques ethnographiques portent à côté. On sent que ce dont il s'agit dans la pensée de FREUD c'est de la dramatisation essentielle par laquelle entre dans la vie, un dépassement intérieur de l'être humain, *le symbole du père*.

Mais d'autre part, quelque chose doit bien être éclairé par là sur la nature du *symbole* lui-même, c'est là que nous avons rapproché *l'essence du symbole* - très précisément, et plus précisément que tout - du *caractère signifiant du symbole*,

quand nous l'avons situé au même point de la genèse que l'intervention de la pulsion de mort.

C'est une seule et même chose que nous exprimons, c'est vers un point de convergence que nous tendons, c'est la question de ce que signifie essentiellement *le symbole dans son rôle signifiant de la fonction originelle* - et originelle *initiatrice* - dans la vie humaine, de l'existence du *symbole*, et d'abord en tant que *signifiant pur*. C'est là la question à laquelle nous ramène cette année notre étude des psychoses.

Cette phrase que j'ai mise là est caractéristique du style de FREUD, en ce sens qu'il parle dans cette lettre des différentes formes de défense, les formes trop classiques, trop usées dans notre usage de notion de défense, comme si c'était en soi quelque chose de si facile à concevoir pour ne pas nous demander en effet :

- Qui se défend ?
- Qu'est ce qu'on défend ?
- Et contre quoi on se défend ?

Et on s'apercevrait que toute la défense en psychanalyse porte sur la défense d'un mirage, d'un néant, d'un vide et contre tout ce qui pèse et existe dans la vie, et bien entendu cette dernière énigme est en quelque sorte voilée par le phénomène lui-même au moment précis où nous le saisissons, où des formes diverses telles qu'il en résulte dans cette lettre, et qui nous montre pour la première fois d'une façon particulièrement claire, les différents mécanismes des névroses et des psychoses. Néanmoins, au moment d'arriver à la psychose, *il interroge*. FREUD est saisi comme par une énigme plus profonde qui le frappe plus dans l'intérieur du phénomène de la psychose. Il dit :

« Pour les paranoïaques, pour les délirants, pour les psychotiques, ils aiment leur délire comme ils s'aiment eux-mêmes. »

Il y a là un écho auquel il faut donner son poids plein, qui est identique à ce qui est dit dans le commandement :

« Aimez votre prochain comme vous-même. »

C'est bien là l'accent qu'a cette phrase, avec ses échos littéraires. Ceci est le mystère, le sens du mystère. C'est quelque chose qui ne manque jamais, qui est à la fois le départ, le milieu et la fin de la pensée de FREUD.

Je crois qu'à le laisser dissiper, nous perdons l'essentiel de la démarche même, sur laquelle toute analyse doit être fondée. Si nous le perdons un seul instant, nous nous perdons à nouveau dans une nouvelle forme de mirage. Le point essentiel sur lequel FREUD insiste est ceci, ce saisissement, cette révélation qu'il y a dans la pratique à avoir une humilité, la perception, le sentiment profond qu'il y a vu dans *les rapports du sujet psychotique à son délire*,

il y a *quelque chose* qui dépasse tout ce qu'à ce moment là il peut encore saisir dans ce qu'on peut appeler littéralement

- le jeu du signifié,
- le jeu des significations,
- le jeu de ce que nous plus tard, nous appellerons « *les pulsions du Id* »,

...et qui est cette sorte *d'affection, d'attachement*, d'essentielle présentification de quelque chose dont pour nous *le mystère* reste presque entier, qui est que le délirant, *le psychotique, aime, tient à son délire comme à quelque chose qui est soi-même*.

C'est là qu'avec ce mouvement, cette tonalité, cette vibration, nous devons revenir à ce quelque chose que j'essayais d'aborder la dernière fois en vous disant que nous n'allions pas chercher dans la phénoménologie de ces phénomènes qui sont *des hallucinations – prétendues telles – parlées*, [mais] dans cette structuration progressive d'*un certain rapport allié au langage* qui se présente d'une façon ouverte, d'essayer de voir quelle est vraiment la fonction économique que peut prendre *ce rapport de langage* dans la forme, dans l'évolution de la psychose.

Je voudrais partir de quelques données qui sont les phrases que SCHREBER nous dit entendre, et qui sont celles qu'il entend de la part de ces êtres intermédiaires qui sont divers dans leur nature, ces vestibules du ciel, ces « *âmes décédées* » ou ces « *âmes bienheureuses* », ou toutes ces formes ambiguës d'êtres en quelque sorte dépossédées de leur existence, d'« *ombres d'êtres* », plutôt que d'êtres, qui sont les porteurs des voix, et qui interviennent dans sa vie avec ce discours continu, et qu'il reprend dans d'autres chapitres en montrant les formes spéciales.

« *Je veux me rendre à l'évidence, que je suis bête, et les voix s'arrêtent.*
Ils doivent être exposés ou adonnés à des débauches voluptueuses. Je veux d'abord réfléchir. »

Puis, arrêt.

Nous dirons que la partie de la phrase qui est pleine, où sont les *mots noyaux*, comme s'exprime le linguiste, n'est pas ressentie comme *hallucinatoire*. Il est impliqué, et c'est *exprès* que la voix s'arrête, pour imposer, pour suggérer, pour forcer le sujet dans ce thème, qui est le mot, qui est la *signification* dont il s'agit dans la phrase.

« *Maintenant, c'est le moment qu'il soit maté !* »

Voilà un mot impliqué beaucoup plus frappant, qui a poids significatif. Pourtant très précisément, notre sujet nous signifie qu'il n'est pas halluciné. Il est mis en quelque sorte dans le porte-à-faux, dans ce qui reste au-dessus du vide de la phrase, partie qui est grammatique ou syntaxique, qui est faite *de mots auxiliaires*, ou *de mots conjonctifs*,

ou *de mots adverbiaux*, faite de *mots vides* mais de *mots articulatoires*.

Après cela est impliqué ce qui doit être imposé à la pensée du sujet par ce qui est verbalisé d'une façon subite, comme une action extérieure, comme une phrase de l'autre, comme une phrase de ce sujet à la fois vide et plein et que j'ai appelé « *l'entre-je du délire* ». Ce qui est impliqué dans la fin, c'est ce qui est le *mot-noyau*, ce qui donne un sens, la signification. Là encore, cela fait allusion à quelque chose qui, dans *la langue fondamentale*, est parfaitement situé.

« *C'en est donc maintenant trop, d'après la conception des âmes.* »

Or, la conception des âmes, c'est quelque chose qui a toute sa fonction dans ce qui est verbalisé par des instances un peu supérieures, selon SCHREBER, à ces sortes de sujets porteurs des *ritournelles*, porteurs des mots qu'il appelle

« *serinés, appris par cœur* », c'est-à-dire des mots qu'il considère comme très vides. Eh bien, le « *serinage* » est une partie qu'il a conçue comme étant une dimension essentielle du commentaire dont il est le sujet perpétuel.

La conception des âmes fait allusion à ces notions fonctionnelles qui décomposent ces diverses pensées dans une forme de style qui crée une espèce de psychologie délirante à l'intérieur de son délire. Ces voix qui l'interpellent ont une certaine psychologie dogmatique. Elles lui expliquent comment ses pensées sont faites. Cette sorte de *phénomène fonctionnel*, c'est cela qui est désigné [de ce *mot-noyau* ?], de ce qu'apporte simplement un élément purement significatif vers quoi je vous mène en insistant sur une espèce d'accentuation de la liaison signifiante comme telle.

Je vais d'ailleurs y revenir. Ce qui est exprimé dans la forme hallucinatoire, c'est *la formulation d'un manque* comme tel.

Et après cela ce qui est impliqué - qui n'est pas donné à voix haute dans *l'hallucination* - c'est « *la pensée principale* ».

De sorte qu'en somme je dirai presque que ce n'est pas autre chose que ce [mot-noyau ?]. Le vécu délirant du sujet lui-même nous donne, dans le phénomène, *son essence*. Il est indiqué par lui dans le phénomène vécu de *l'hallucination*, que nous appellerons ou non ici *élémentaire*, que :

« *Ce qui me manque, c'est justement la pensée principale* »,

Ce que veut dire :

« *Nous, les rayons, nous manquons de pensée* »

C'est-à-dire de ce qui *signifie* quelque chose.

Si nous prenons l'ensemble de ces textes subis, de ce qui nous donne le matériel, la *chaîne*, si on peut dire, du délire, ce avec quoi le sujet nous paraît, d'une façon très ambiguë, à la fois *l'agent et le patient*, mais si incontestablement [cela] lui est tout autant *donné* qu'il ne *l'organise*, ce qui est incontestablement beaucoup plus subi, plus structuré, la construction n'apparaissant... C'est quelque chose d'essentiel : c'est qu'assurément si le délire se présente enfin comme produit fini, quelque chose qui peut jusqu'à un certain point se qualifier de « *folie raisonnante* », il est clair que l'articulation que nous appelons « *raisonnante* » dans ce sens qu'elle est logique par certains côtés, qui est sans faille du point de vue d'une logique secondaire, néanmoins, si elle arrive à une synthèse de cette nature, ce n'est pas à un moindre problème que son existence même. C'est à savoir que cela se produise au cours d'une genèse qui, à partir d'éléments qui en eux-mêmes sont peut-être gros de cette construction, mais qui se présentent comme quelque chose de fermé, voire d'énigmatique dans leur forme originale.

C'est cette forme originale à laquelle nous nous arrêtons quand nous nous attachons à ces éléments proprement hallucinatoires qui vont structurer le phénomène du délire dans ce qu'on peut appeler une première phase, à proprement parler, non pas première phase absolument de la maladie, puisqu'on peut dire qu'il y a, en somme : après les quelques mois d'incubation - sur lesquels nous reviendrons après - les quelques mois pré-psychotiques où le sujet est dans un état profondément confusionnel, où se produisent ces phénomènes de *déclin du monde extérieur*, de *crépuscule du monde*, qui caractérise le début, vers la mi-Mars 1894.

Alors que c'est mi-Novembre qu'il est entré dans la maison de FLESHIG, c'est là que commencent ces phénomènes hallucinatoires, ces communications verbalisées, qu'il attribue à des niveaux, à des échelons divers de ce monde, qui alors restructurent ce monde fantasmatique fait de ces deux étages [Cf.1957-58 : *graphe du désir*] d'une réalité divine, qu'il appelait « *le royaume de Dieu antérieur et postérieur* », puis de toutes sortes d'*entités* qui sont dans une voie plus ou moins avancée d'accès, ou d'intégration, ou de résorption, dans cette *réalité divine*, qui sont précisément celles qui, dans un sens opposé à ce qu'il appelle « *l'ordre de l'univers* », notion tout à fait fondamentale dans la structuration de son délire, au lieu d'aller dans cette voie de réunification, ou de cette réintégration à l'Autre absolu... qui apparaît alors à la limite, être ce *personnage divin* qui surgit de son expérience délirante ... vont au contraire, dans le sens contraire, s'adjoindre à lui-même, s'attacher à lui-même, et ceci selon des formes qui varient autour de l'évolution du *délire* depuis les formes très transparentes à l'origine de ces phénomènes délirants, où en quelque sorte nous voyons exprimé en clair dans l'expérience vécue de SCHREBER ce phénomène singulier de *l'introjection* : il dit à un moment que *l'âme de FLESHIG* lui entre par là, où il est dit que cela ressemble à une espèce de filaments semblables à ceux d'une toile d'araignée, *qu'il y a là quelque chose qui lui est assez gros pour lui être inassimilable*, *que les choses ressortent parfaitement par sa bouche*.

Nous avons là une sorte de schéma vécu de *l'introjection*, qui est quelque chose de tout à fait frappant qui manquera plus tard, qui s'effacera ou s'atténuera, se polira sous une forme beaucoup plus spiritualisée. En fait il sera de plus en plus sujet à plus ou moins d'*intégration* de cette parole ambiguë, qui se présente dans son aspect essentiellement *énigmatique*, interrompu, et avec laquelle il fait corps, et à laquelle, de tout son être, il donne la réponse, *qu'il aime littéralement comme lui-même*, qui devient l'élément essentiel : *sa relation à un autre*.

Il reste, à partir de ce moment, tout entier intégré à ce phénomène qu'on peut à peine appeler « *dialogue intérieur* » puisque précisément c'est autour de la notion et *de l'existence de l'autre* que se situe toute la signification de cette prééminence du jeu signifiant comme tel, de plus en plus vidé de signification.

Quelle est la signification de cet *envahissement* du *signifiant* qui va de plus en plus se vider de *signifié*, à mesure qu'il occupe plus de place dans l'économie interne, dans la relation libidinale fondamentale, dans l'occupation, dans l'investissement total de tous les moments et de toutes les capacités, de tous les désirs du sujet ?

Je me suis arrêté un instant sur *toute une série de ces textes* qui se répètent, il serait fastidieux de vous les dérouler tous ici.

Il y a quelque chose qui est tout à fait frappant, c'est que même dans les moments où il s'agit de phrases qui à la limite peuvent avoir un sens, *on n'y rencontre jamais* rien qui puisse ressembler à ce que nous appellerons *une métaphore*.

Il y a quelque chose qui caractérise toutes ces phrases délirantes, et je vous prie d'essayer là de vous introduire à un ordre d'interrogation qui est celui sur lequel votre attention n'est jamais attirée.

La *métaphore* n'est pas la chose du monde dont il soit le plus facile de parler. BOSSUET a dit que la *métaphore* était une comparaison abrégée. Chacun sait que ceci n'est pas entièrement satisfaisant, et je crois, à la vérité, qu'aucun poète ne l'accepterait. Quand je dis « aucun poète », c'est parce qu'en somme ce ne serait pas une mauvaise définition du style poétique en tant que tel, que de dire qu'il commence à la *métaphore* et que là où la *métaphore* cesse, la poésie aussi. Ce n'est pas si facile à saisir.

« *Sa gerbe n'était point avare, ni haineuse.* » – Victor HUGO.

Voilà une métaphore. Où saisissons-nous que c'est une métaphore ?

Ce n'est certainement pas une espèce de *comparaison* latente, ce n'est pas :

- de même que la gerbe s'éparpillait volontiers entre les nécessiteux,
- de même notre personnage n'était point avare, ni haineux.

Effectivement, il n'y a pas du tout de *comparaison*, mais *identification*. Je dirais que la dimension de la *métaphore* est quelque chose qui certainement pour nous, doit être moins difficile d'accès que pour quiconque d'autre, à cette seule condition que nous connaissions comment nous l'appelons. Habituellement nous appelons cela *identification*.

Et nous sommes même - à proprement parler, dans tout l'usage que nous faisons du terme : « *symbolique* » - amenés justement à *réduire le sens du terme* : « *symbolique* », en somme à distinguer la *dimension métaphorique* de l'*usage du symbole*.

C'est à dire le fait qu'une *signification* est la donnée qui domine, infléchit, commande, l'usage du *signifiant* d'une façon telle qu'elle renonce à toute espèce de connexion préétablie, je dirais lexicale.

Car rien, véritablement, dans l'usage du dictionnaire, ne peut un seul instant nous suggérer qu'une gerbe puisse être « *avare* », et encore moins « *haineuse* ». Il est également tout à fait clair que si l'usage de la langue est quelque chose qui prête à *signification*, c'est très exactement à partir du moment, et seulement à partir du moment, où l'on peut dire « *Sa gerbe n'était point avare ni haineuse* », c'est-à-dire au moment où la *signification* domine, entraîne, arrache le *signifiant* à ses connexions lexicales.

C'est l'ambiguïté du *signifiant* et du *signifié*, et par là le [...] maximum avec dominance du *signifiant*.

D'ailleurs il est tellement dominant que c'est précisément ce qui dissimule que sans la *structure signifiante*, c'est-à-dire sans l'articulation prédicative, sans cette distance maintenue entre le sujet et ses attributs, qui fait que la gerbe est qualifiée d'avare et de haineuse, qu'il y a des phrases *prédicatives*, il y a une *syntaxe*, il y a un *ordre primordial*

de *signifiant*, grâce à quoi, on peut maintenir le sujet séparé, différent de ses qualités, n'ayant plus aucune espèce d'usage de la *métaphore*, qu'en d'autres termes il est tout à fait exclu qu'un animal fasse une *métaphore*.

Encore que nous n'ayons aucune raison de penser qu'il n'ait pas aussi l'intuition de ce qui est généreux, plein d'effusion, ce qui peut lui accorder facilement et en abondance ce qu'il désire.

Mais ceci justement dans la mesure où il n'a pas l'articulation de *signifiant*, le *discursif*, ce quelque chose qui n'est pas simplement *signification* avec ce qu'elle comporte d'attrait ou de répulsion, mais qui est *alignement de signifiant*,

c'est justement dans la mesure où il n'a pas cet aliment qu'aussi la *métaphore* est impensable dans la psychologie purement animale de l'attraction, de l'appétit et du désir.

Cet usage, cette phase du symbolisme qui s'exprime dans la *métaphore*, dans une relation que nous appellerons

« *la similarité* », cette *similarité* qui est manifestée uniquement par la position. En d'autres termes, que ce soit la gerbe qui soit sujet de ce « *avare* » et de ce « *haineux* », c'est par là que la gerbe est identifiée à BOOZ dans son manque d'avarice et sa générosité. La gerbe est littéralement identique au sujet, au personnage de BOOZ, dont il s'agit.

Et cette dimension de *similarité*, qui est assurément ce qu'il y a de plus saisissant, ce qu'il y a de plus frappant dans l'usage significatif du langage, est quelque chose qui domine tellement toute notre appréhension du jeu du *symbolisme* que c'est cela qui masque pour nous l'existence de l'autre dimension. C'est à savoir ce qui est *alignement*, *syntaxe*, ce qui fait par exemple que cette phrase perdrait toute espèce de sens si nous brouillions les mots dans leur ordre. Ceci nous est masqué quand nous parlons de *symbolisme*. Nous omettons l'autre dimension qui est très précisément liée à l'existence du *signifiant* comme tel et de l'organisation du *signifiant* comme tel.

Il y a une chose qui à partir de là ne peut tout de même manquer de nous frapper, c'est que certains troubles des appareils qui s'appellent nommément *les aphasies*, si nous les revoyons à la lumière de cette perspective d'opposition :

- de ces rapports que j'ai appelés « *les rapports de similarité* », ou de *substitution*, ou de choix, aussi de sélection ou de concurrence, bref tout ce qui est de l'ordre du synonyme,
- où cette dimension s'oppose à *l'autre dimension*, celle que nous pouvons appeler *de contiguïté*, d'*alignement*, d'articulation, de coordination, en tant que *syntaxe*, en tant que *coordination du signifiant*.

Il est tout à fait clair que l'opposition classique de ce qu'on appelle « *les aphasies sensorielles* » et « *les aphasies motrices* »,

qui est depuis longtemps plus que critiquée, est quelque chose qui se *coordonne* d'une façon infiniment plus saisissante dans cette double perspective *des rapports de similarité* d'une part, et *des rapports de contiguïté* d'autre part. Les deux ordres d'altérations, de *troubles du langage*, dont il peut s'agir dans l'aphasie s'ordonnant selon ces deux perspectives.

Vous connaissez tous l'aphasie de WERNICKE. Vous voyez : cette aphasique qui enchaînait une suite de phrases dont le caractère extraordinairement [...] du point de vue grammatical. Vous y verrez précisément tous les mots conjonctifs, adverbiaux, il vous dira :

« *Oui, je comprends... Hier, quand j'étais là-haut, déjà il a dit, et je voulais, je lui ai dit : « ce n'est pas ça, la date, non pas tout à fait, pas celle-là... »* »

C'est-à-dire que vous aurez un sujet qui montre une maîtrise de tout ce qui est *articulation*, *organisation*, *subordination*

et *structuration* de la phrase, et qui très précisément restera à côté, ça restera devant la vocalisation de ce qui sera ce *quelque chose* dont vous ne pouvez pas un seul instant douter qu'il est présent, qu'il concerne un point autour duquel le sujet proteste, et dont il y a très peu de doute qu'il ne proteste à bon escient. Ce quelque chose qu'il n'arrive pas à donner, c'est à proprement parler ce qui est visé par la phrase. il n'arrivera pas à lui donner *l'incarnation verbale*.

Mais autour de ce qui est là visé, il pourra développer toute une frange de verbalisation syntaxique, qui est dans sa complexité, dans son niveau d'organisation, dans son côté élevé, quelque chose qui est certes loin d'indiquer une perte d'attention du langage. C'est dans la mesure où à l'intérieur de cela vous voudrez le porter jusqu'à *la métaphore*, où vous voudrez le pousser à l'usage de ce que la logique appelle le « *métalangage* », c'est-à-dire le langage fondé sur son langage, que vous y échapperez totalement.

Il ne s'agit pas là, bien entendu de faire la moindre comparaison entre un trouble du type WERNICKE et ce qui se passe chez nos psychotiques mais d'y trouver une analogie, de nous apercevoir que quand notre sujet entend - car ce n'est pas lui qui le dit - que quand notre sujet entend : « *factum est* », et que cela s'arrête, il y a là un phénomène qui manifeste, au niveau de ce que j'ai appelé *les relations de similarité*, par opposition aux *relations de contiguïté*, qu'il y a une raison pour laquelle - de même que chez l'aphasique - ce sont les relations de contiguïté qui dominent, par absence, *défaillance de la fonction d'équivalence significative*, c'est-à-dire d'équivalence par voie de *la relation de similarité*.

Nous constatons que c'est au même niveau, sans doute pour des raisons différentes, mais nous ne pouvons pas

ne pas tenir compte de cette analogie tout à fait frappante pour nous poser la question, pour nous permettre de définir et d'opposer aussi, sous la double rubrique de la *similarité*, par rapport à la *contiguïté*, ce qui se passe chez ce sujet délirant hallucinatoire. En d'autres termes, la dominance, ce qui vient au premier plan dans le phénomène hallucinatoire, à savoir le phénomène de continuité, on ne peut tout de même pas mieux le mettre en évidence que dans ces faits de *parole ininterrompue* qui est très précisément donnée, c'est-à-dire *investie, chargée*, disons *libidinalisée*.

Car c'est cela qui impose au sujet la phrase intérieure comme quelque chose qui tout d'un coup pour lui devient une phrase type qui lui est imposée. C'est la partie signifiante, c'est la partie grammaticale, c'est la partie qui garde à l'état le plus accentué, qui n'existe que par son caractère signifiant, que par son articulation, que par son alignement, que par sa fonction essentiellement de signifiant, c'est celle-là qui prend *le plus d'importance*. C'est celle-là qui devient un phénomène qui s'impose dans le monde extérieur.

En d'autres termes, cette sorte de dominance du côté *phénomène de contiguïté* dans le phénomène parlé, sur le *phénomène de similarité*, qui se produit par un phénomène de carence chez l'aphasique, par ce mot qui est *le sujet*.

Il y a *quelque chose* qui l'empêche d'y accéder, parce que quelque chose dans la fonction du langage est tel. N'essayons pas de matérialiser cela plus.

Il ne peut pas venir au fait, venir au mot même de ce qu'il veut dire, de ce qu'il a l'intention de dire. Et ce qui domine chez lui, c'est cette sorte de *discours* en apparence vide qui - chose curieuse - même chez les sujets les plus expérimentés, les neurologues qui se présentent à l'examen, déclenche toujours une espèce de rire gêné, ce personnage qui est là, à se servir d'immenses *bla-bla-bla* extraordinairement articulés, quelquefois riches d'inflexions, mais qui ne peut jamais arriver au cœur de ce qu'il a à communiquer à ce moment-là.

Qu'il y ait quelque chose d'analogue dans la décompensation, dans le déséquilibre, dans l'accentuation, dans l'apparence du phénomène que j'appelle alternativement d'*alignement*, de *syntaxe*, de *contiguïté* de signifiants.

En fin de compte, que ce soit cela qui vienne au premier plan dans le phénomène hallucinatoire, *que ce soit cela autour de quoi s'organise tout le délire, c'est* quelque chose, *un fait premier* autour duquel nous ne pouvons pas ne pas poser toute la question de la signification de la psychose.

À partir du moment où nous nous sommes introduits à cette idée de l'égale importance dans tout phénomène sémantique du *signifiant* et du *signifié*, dans le fait que c'est toujours le *signifié* que nous mettons au premier plan de notre analyse, parce que c'est assurément ce qu'il y a de plus séduisant qui au premier abord nous apparaît dans

la dimension propre de l'investigation analytique et de l'investigation symbolique. Mais qu'à méconnaître le rôle essentiel, le rôle médiateur, primordial du signifiant, et à méconnaître que c'est ce signifiant qui est en réalité l'élément guide, non seulement nous déséquilibrons toute la compréhension vraiment originelle des phénomènes, par exemple :

- névrotiques eux-mêmes,
- de *l'interprétation* des rêves elle-même,

...mais nous nous rendons absolument incapables de comprendre ce qui se passe dans les psychoses.

J'y insiste :

- si une partie de l'investigation analytique, une partie qui est une partie tardive, dernière, celle qui concerne *l'identification et le symbolisme*, dont nous faisons un usage constant - nous n'imaginons pas à quel point *partiel et partial* - elle est du côté de la dimension de la *métaphore*,
- dites-vous bien que de l'autre côté, celui de l'articulation en tant que phénomène d'*alignement*, de *contiguïté*, de *contact* avec ce qui s'y ébauche de primordial, de *structurant*, d'original, d'initial dans la notion de causalité l'autre forme typique extrême, exemplaire de la figure de rhétorique qui ici va s'opposer à *la métaphore* a un nom, elle s'appelle *la métonymie*.

C'est-à-dire la substitution à *quelque chose* qu'il s'agit de nommer, alors par là nous sommes au niveau du nom.

C'est quelque chose qui en est *le contenant* ou *la partie*, ou quelque chose qui est *en connexion* avec, qui est autre chose,
ça se voit très bien dans l'usage des mots associés, par exemple, si vous usez de la technique de l'association verbale,
telle qu'on en use au niveau du laboratoire, de la façon la plus simple, si vous proposez au sujet un mot comme *hutte*.

Il y a plus d'une façon d'y répondre.

Il y a des façons qui sont dans le registre de la contiguïté, je peux vous répondre « *hutte* » peut vouloir dire « *brûlez-la* ». Il ébauche une phrase. Il peut aussi vous donner toutes sortes de mots qui peuvent être mis à la place du mot « *hutte* ». Il peut vous dire le mot « *masure* » ou « *cabine* », c'est-à-dire qu'il y a là l'équivalent synonymique.

Un tout petit peu plus loin, nous irons à *la métaphore*. On peut appeler cela « *un terrier* », par exemple.

Mais il y a aussi un autre registre, qui est celui par exemple du mot « *chaume* ». Ce n'est déjà plus tout à fait la même chose. C'est la partie de la hutte, on peut à la rigueur parler d'un chaume ou d'un village composé de trois chaumes, pour dire de trois petites maisons. Vous sentez bien qu'il y a quelque chose qui est d'une autre nature. Il s'agit d'évoquer. Le sujet verra sortir le mot « *saleté* », ou le mot « *pauvreté* », pour vous apercevoir que là nous ne sommes plus dans *la métaphore*, mais que nous sommes dans *la métonymie*.

Cette opposition fondamentale de *la métaphore* et de *la métonymie* est quelque chose qui est ici important à mettre en relief. Pourquoi ? Parce que dites-vous bien que dans tout ce que FREUD a mis en relief originellement dans les mécanismes de la névrose ou dans les mécanismes des phénomènes marginaux de la vie normale, du rêve, ce ne sont pas les dimensions *métaphoriques*, ni *d'identification* qui dominent.

C'est très précisément le contraire, à savoir :

- ce que FREUD appelle *la condensation*, c'est ce qu'on appelle en rhétorique *la métaphore*,
- et ce qu'on appelle *le déplacement*, c'est ce que je viens de vous expliquer en vous parlant de *la métonymie*.

C'est-à-dire qu'en dehors de l'existence et de la structuration du signifiant comme tel, de l'existence lexicale de l'ensemble de l'appareil signifiant, ces phénomènes...

- en tant qu'ils sont là dans la *névrose*,
- en tant qu'ils sont les instruments avec lesquels le signifié disparu s'exprime,

...cette existence du signifiant comme tel est absolument décisive.

Et c'est pour cela qu'en défendant et en ramenant au premier plan l'intérêt, l'attention sur le signifiant, nous ne faisons rien d'autre que de revenir au point de départ de l'expérience de la découverte freudienne. Nous reprendrons la question en voyant pourquoi cette mise au point de la question, *ces jeux de signifiant* qui finissent par occuper, par investir le sujet tout entier dans *la psychose*, qu'est-ce que cela nous suggère comme mécanisme, puisque aussi bien ce n'est pas du mécanisme de l'aphasie, dont il s'agit dans ce cas.

Bien entendu, *c'est d'un certain rapport à l'Autre comme manquant, comme déficient, qu'il s'agit*. C'est autour de la relation

du signifiant comme tel avec les différents étages de l'altérité :

- cet *autre* imaginaire,
- et cet *Autre* symbolique,

...que nous avons posés au début de notre discours cette année, *comme étant la structure essentielle de la relation à l'Autre*.

C'est autour de cela que nous pourrons voir s'articuler cette dominance, cette venue au premier plan, cet envahissement, cette véritable intrusion psychologique, *du signifiant* comme tel, qui s'appelle la psychose.

J'ai essayé d'introduire ici sous le titre de l'opposition

- de *la relation de similarité* dans le discours, dans les fonctions du langage,
- et de *celle de contiguïté*.

Naturellement, je ne veux pas dire que je considère le phénomène plus ou moins hallucinatoire - subi dans l'ordre verbal, dans l'ordre des phénomènes positifs verbaux dans la psychose - comme étant en rien comparables

à ceux de l'aphasie. Je dirai plus : il importe de revenir sur ce sur quoi j'avais mis l'indication à propos de l'aphasie, pour bien mettre en relief ce que je retiens de cette opposition de deux ordres de troubles dans l'aphasie.

Ceci d'autant plus que ce que j'ai indiqué la dernière fois, qu'il y a entre les deux ordres de troubles en question, une opposition d'ordre qui est la même qui se manifeste non plus d'une façon négative, mais d'une façon positive, dans ce qui est la forme la plus achevée, les expressions ou figures du langage dans chacun de ces deux ordres,

c'est à savoir *la métaphore* et *la métonymie*.

Je me suis laissé dire à un moindre degré que cette opposition avait retenu certains, malheureusement, et pour avoir ici la certitude qu'elle les avait plongés dans un fort grand embarras, à savoir que les uns se sont dit aux autres :

« *La métaphore nous a bien montré l'importance, dans la métaphore, opposition, contestation et confusion* »[?].

Évidemment, le maniement de notions comme *le signifiant* et *le signifié* n'est pas quelque chose qui comporte, qui soit un pur et simple substitut de l'opposition fameuse et non moins inexprimable de l'*idée*, par exemple, et du *mot*, de la pensée au mot. À vrai dire, comme une sorte de sous-titre, quelqu'un qui était un grammairien vraiment sensationnel²³, a fait une œuvre remarquable dans laquelle il n'y a qu'une faute, le fâcheux sous-titre « *Des mots à la pensée* », dont j'espère la formulation ne peut plus être soutenable pour aucun d'entre vous.

Évidemment, *le signifiant* et *le signifié* sont dans le jeu : on voit bien sous quel registre. *La métaphore* est quelque chose dont nous touchons du doigt la vie constante dans ces sortes de transfert de signifié dont je vous ai donné l'exemple la dernière fois « *Sa gerbe n'était point avare ni haineuse* ». Voilà bien un exemple de *métaphore*. Et on peut dire

dans un sens que la signification domine tout, et que c'est elle, tout d'un coup, qui imprime au sujet « *sa gerbe* », qu'il éparpille généreusement comme si c'était de son propre chef. Seulement, il est bien vrai d'un autre côté que ce sur quoi je voulais mettre l'accent - comme l'a fait ce personnage qui considérerait bien *la métaphore comme figure essentielle, comme transfert de signifié* - est bien ce qu'il y a d'important.

Ceci pour dire que les deux termes *signifiant* et *signifié* sont toujours par rapport l'un à l'autre *dans un rapport* qu'on peut appeler à cette occasion *dialectique*, c'est-à-dire dont il convient de saisir le mouvement, pour en saisir aussi la portée.

C'est ce sur quoi je voudrais essayer de revenir, pour qu'il ne s'agisse pas là, pour vous d'un simple couple d'opposition auquel on revient, et qui serait enfin de compte toujours le même, à savoir ce rapport sur lequel repose la notion d'« *expression* », celle de toujours, ce *je ne sais quoi* en lui-même de *plus ou moins ineffable*, mais pourtant existant, le soi-disant sentiment par exemple, ou la chose, bref, ce à quoi on se réfère, et le mot considéré comme expression, comme *étiquette*, comme chose attachée à quoi il est référé.

C'est précisément pour dissoudre, pour vous montrer à vous servir d'un autre instrument que celui-là, *que tout mon discours est fait*, parce que c'est absolument essentiel, c'est la seule façon de pouvoir voir quelle est *la fonction du langage*.

On ne saurait trop y revenir, surtout chaque fois que *le malentendu* tend à se rétablir, c'est-à-dire *à tout instant*.

Ce sur quoi j'ai mis l'accent pour partir du phénomène aphasique, quand je vous l'ai réévoqué.

²³ Édouard Pichon : « *Des mots à la pensée, essai de Grammaire de la langue française* » (en collaboration avec Jean Damourette) éd. d'Atrey, Paris, 1911-1940 ; Vrin 2001.

Vous avez du entendre parler des personnages dits « *aphasiques sensoriels* ».

Dans cette parole extraordinairement vive et rapide, aisée en apparence jusqu'à un certain point, avec laquelle ils s'expriment pour justement, alors qu'ils sont en train de s'exprimer, ils ne peuvent pas s'exprimer.

Ils s'expriment admirablement sur ce thème qu'ils ne peuvent justement pas dire le mot, se servent de toute une articulation extrêmement nuancée, de conjonctions, de l'articulation syntaxique du discours,

- *pour nous désigner* qu'ils visent quelque chose dont ils ont le mot propre, si on peut dire, au bout de la langue, ou l'indication historique très précise dans leur esprit, *mais ils sont incapables d'autre chose que de tourner autour,*
- *pour vous indiquer qu'en effet ils la possèdent* et que c'est celle-là qu'ils désireraient à ce moment-là promouvoir.

Ce qui frappe et saisit à cette occasion, ce qui captive, c'est en quelque sorte ce que je pourrais appeler *la permanence*, l'existence - malgré cette impuissance localisée de l'intentionnalité - du sujet en cette occasion. On a beaucoup parlé, et même insisté dans ces formes, sur ce qu'on peut appeler une sorte de déficit intellectuel corrélatif.

C'est ce qu'on a prétendu mettre en relief. Appelons-le, même si vous voulez « *prédémentiel* », qui serait corrélatif de cette impuissance verbale. En d'autres termes, on a dirigé l'investigation dans un sens qui tend à nuancer la première notion massive qui avait été donnée, qu'il s'agissait d'une incapacité à saisir passivement les images verbales.

Bien entendu, il y a un progrès dans cette recherche d'un déficit qui montre que le trouble est bien plus complexe qu'il n'apparaissait au premier abord. Pour l'instant ce qui nous frappe plutôt, quand on voit vraiment, quand on saisit bien le phénomène tel que je viens de vous l'indiquer, c'est qu'incontestablement, le sujet...
quels que soient les déficits qu'il pourra marquer d'autre part

...si nous le mettons à une tâche définie selon les modes qui caractérisent la position du test, pourra en effet montrer certains déficits. Rien ne sera absolument résolu tant que nous n'en saurons pas le mécanisme et l'origine.

Mais ce qui est bien assuré et bien clair dans le dialogue, c'est que quand le sujet élève par exemple sa protestation, c'est à propos de la lecture de l'observation qui comporte tel détail historique tout à fait précis : *une date, une heure, un comportement*, et c'est à ce moment-là que le sujet sort de son discours, *quel qu'en soit le caractère perturbé et jargonophasique*. Il est tout à fait saisissable que ce n'est pas là par hasard que, se tromperait-il, c'est tout de même à propos d'un détail historique tout à fait défini, qu'il possédait juste cinq minutes auparavant, qu'il commence à mettre en jeu, à entrer dans le dialogue.

Aussi bien cette présence d'intensité même de l'intentionnalité et du fait que c'est elle qui est au cœur du déploiement du discours qui n'arrive pas à la rejoindre, est bien ce quelque chose qui frappe dans cet aspect de *l'aphasie sensorielle* dont on pourrait après tout, si on voulait bien, noter quel est le caractère que je veux mettre en relief, qu'il s'agit là d'un langage qui en raison de quelque trouble, déficit, arrête l'inhibition dans son mécanisme : *déficit de l'appareil*.

Nous tenons à une phénoménologie du langage *paraphasique*, autrement dit à un langage de *paraphrase*. C'est par *paraphrase* que l'aphasique sensoriel, *l'aphasique de Wernicke* [...] dans sa forme pas assez profonde pour être tout à fait *jargonophasique* est dissout, encore que *cette jargonophasie se caractérise par l'abondance, la facilité de l'articulation*,

du déroulement des phrases, si parcellaires qu'elles deviennent. On voit bien que c'est le terme dernier de ce quelque chose qui s'est d'abord manifesté par ce que j'ai appelé la paraphrase. Je dis *la paraphrase*, parce que cela me semble le caractère le plus important à mettre en relief de cette forme de l'aphasie sensorielle dont je vous parle.

Et c'est dans ce sens où *la paraphrase*, qui chez lui domine, qui est son mode d'expression, s'oppose strictement à ce qu'on pourrait lui opposer sous le titre de « *métaphrase* », et dont il est strictement incapable, si on appelle « *métaphrase* » tout ce qui est de l'ordre d'une *traduction littérale*, car c'est justement ce dont il est incapable.

C'est-à-dire que même dans ce qu'il vient de vous donner, si vous lui demandez de traduire, de donner un équivalent, de répéter la même phrase, d'une façon synonyme, d'entrer dans une autre dimension du langage, qui est justement – et c'est pour ça qu'il y a *désordre de la similarité*, c'est que c'est dans cette dimension là qu'il ne peut pas dire une phrase semblable à celle qu'il vient de dire, il peut enchaîner sur la vôtre, et c'est d'ailleurs bien pour cela que ce sujet a tellement de difficultés pour entrer, pour commencer un discours.

Vous obtenez d'eux ces répliques *si vives, si pathétiques* dans leur désir de se faire entendre que cela confine au *comique*, en raison de la chute totale de l'essai pour se faire entendre. Même des plus expérimentés ne résistent pas au sourire. Il faut bien être intéressé par le phénomène lui-même pour ne pas *rire*. Ce phénomène de *la similarité* consiste en ceci : ils sont incapables de la métaphore. Ce qu'ils ont à dire est tout entier dans le domaine d'une *paraphrase*.

L'*aphasique* qu'on appelle grossièrement « *moteur* », et dans lequel s'inscriront toute une série de *troubles* de plus en plus profonds, qui commencent par les troubles de l'*agrammatisme*, bien connus maintenant, et qui vont jusqu'à cette réduction extrême du stock verbal, dans l'image immortalisée ne pouvant plus sortir : le fameux « *crayon* ». Cette autre dimension du déficit aphasique, tout à fait différente, peut très bien s'ordonner et se comprendre dans l'ordre des troubles de *la contiguïté*, pour autant que c'est essentiellement l'articulation, la syntaxe du langage comme tel, qui progressivement dans l'échelle des cas et dans l'évolution aussi de certains cas, se dégrade au point de rendre ces sujets incapables, eux, de maintenir à l'occasion une *nomination* tout à fait précise, mais qui peut aller jusqu'à un plus ou moins grand degré, tout effet corrélatif de l'incapacité d'articuler ce qui peut être tout à fait correctement nommé dans une phrase composée, dans *une dissolution de la capacité*, si on peut dire, *propositionnelle*.

C'est la proposition qu'ils ne sont pas capables de construire, malgré que cet élément, à différents degrés, soit encore non seulement en leur possession, mais parfaitement évocable dans des conditions définies. Dans cette sorte de *jeu de cache-cache*, si on peut dire, qui est celui que nous proposent les phénomènes du langage, car en fin de compte c'est à peu près comme ceci que vous devez réaliser la difficulté à laquelle nous sommes affrontés, c'est qu'on peut dire qu'en raison même de ces propriétés du signifiant et du signifié, on peut dire que ce qui est le piège, la tentation éternelle dans laquelle tombe *le linguiste* lui-même, à plus forte raison ceux qui n'étant pas linguistes sont plongés, de par la nature même des phénomènes auxquels ils ont affaire dans les fonctions du langage et qui n'ayant aucune formation concernant la nature du langage, bien entendu, sont absolument et d'avance victimes de cette sorte d'illusion qui consiste à considérer que ce qui est le plus apparent dans le phénomène, qui donne le tout de ce phénomène, et je dis jusqu'à un certain point que des linguistes y sont tombés car par exemple l'accent que les linguistes mettent sur *la métaphore*, et que j'élude, a toujours été beaucoup plus poussé que tout ce qui est dans le langage, est de l'ordre de *la métonymie*.

Parce qu'en effet dans le langage plein et vivant c'est bien là ce qu'il y a *de plus saisissant, de plus essentiel*, ce qu'il y a *de plus problématique* aussi, comment peut-il se faire en effet que ce soit là que *le langage a son maximum d'efficacité* : *quand il arrive à dire quelque chose en disant autre chose* ? Il y a là quelque chose de *saisissant* et de *captivant*. Et on croit même aller là au cœur du phénomène du langage. Et on croit même aller au contrepois de ce qui en pourrait être une espèce de notion primaire, naïve.

Certains, guidés par cette confusion, ont eu l'idée qu'il y a en superposition et comme en décalque de l'ordre des choses, l'ordre des mots. On croit avoir fait un grand pas. On ne voit pas que ce n'est pas assez d'en faire un, mais qu'il faut en faire un deuxième, c'est-à-dire revenir sur le phénomène du langage pour s'apercevoir que ce qui est « *transfert de sens* », mystère de « *l'équivalence du signifié* »...

du fait que *le signifié* en effet ne va jamais dans le langage à atteindre son but
que *par l'intermédiaire* d'un autre *signifié* et en renvoyant à une *signification*
...ce n'est encore là que le premier pas, qu'il faut revenir à *l'importance du signifiant*, c'est-à-dire s'apercevoir que sans *la structuration du signifiant* comme tel, rien de ceci ne serait possible.

C'est en cela qu'en effet certains d'entre vous ont à juste titre perçu la dernière fois que c'était ce que je voulais dire en portant l'accent sur le rôle du signifiant dans la métaphore. Nous avons donc d'une part, quand nous partons du phénomène du déficit, qui n'est pas forcément le plus éclairant, qui a quelque chose d'assez familier

pour au moins vous introduire à la profondeur réelle du problème, nous voyons deux versants :

- le premier qui serait d'une sorte de dissolution du lien de la signification intentionnelle, avec *l'appareil du signifiant* qui lui reste globalement, mais qu'il n'arrive plus à maîtriser en fonction de son intention,
- l'autre qui est lié à un déficit concernant le lien interne au signifiant, c'est-à-dire en fin de compte quelque chose qui semble en effet nous présenter, sur lequel on met l'accent sur le fait qu'il nous présente à tous les degrés une sorte de décomposition régressive dans ce lien interne qui nous donne en effet l'idée que chez *l'aphasique moteur*, nous assistons à quelque chose qui rentre assez bien dans la théorie, par exemple *jacksonienne* des troubles manifestant une décomposition des fonctions, qui va dans l'ordre inverse de leur acquisition, non pas dans le développement, mais dans un *turning*, que c'est à un langage de plus en plus réduit à un langage idéalement « *premier* » de l'enfant que nous arriverions avec l'accentuation de la décomposition de la liaison logique.

Est-ce là-dessus que j'ai voulu, en vous montrant cette opposition, mettre l'accent ? Je dis non, parce que selon la loi générale qu'on peut appeler une espèce de *loi générale d'illusion* concernant ce qui se produit dans le langage,

ce n'est pas ce qui apparaît au premier plan comme opposition apparente qui est l'important.

L'important est l'opposition entre deux sortes de liens qui sont eux-mêmes internes au signifiant, le lien positionnel, qui n'est que le fondement du lien que j'ai appelé tout à l'heure propositionnel, à savoir le lien constitué par ce qui, dans un langage donné, instaure cette dimension essentielle qui est celle de l'ordre des mots, absolument essentiel pour tout langage, qui peut d'ailleurs différer pour chaque langue, et dont il suffit pour que vous le compreniez

de vous rapeler qu'en français « *Pierre bat Paul* » n'est pas l'équivalent de « *Paul bat Pierre* ».

Ce lien positionnel est absolument fondamental, premier, essentiel. Et ce qu'il y a de plus important à remarquer, précisément à propos de la seconde forme des troubles aphasiques, c'est la cohérence tout à fait rigoureuse qui existe entre le maintien de la notion de la fonction positionnelle du langage et le soutien d'un stock suffisant de termes.

Ceci est absolument essentiel, c'est un phénomène clinique incontestable, et qui nous montre une liaison qui est *la liaison fondamentale du signifiant*.

Ce qui nous apparaît au niveau grammatical comme caractéristique du lien positionnel se retrouve à tous les niveaux pour instaurer cette coexistence synchronique des termes à chacun de leurs niveaux :

- *locution verbale*, par exemple, qui en est la forme la plus élevée,
- *mot* à un niveau plus bas, qui a l'air de représenter, même à lui-même, une sorte de stabilité dont vous savez qu'elle a été à juste titre contestée.

Si l'indépendance du mot se manifeste à certains niveaux, sous certains angles, elle ne peut pas être considérée comme radicale, et le mot ne peut à aucun degré être considéré comme unité de langage, encore qu'il constitue une forme élémentaire privilégiée, à un niveau encore inférieur les oppositions aux *couplages phonématiques*, qui caractérisent le dernier élément radical de distinction d'une langue à l'autre.

La cohérence entre ce qui est de l'ordre du *lien positionnel* et ce qui est du maintien *synchronique* de l'ordre des oppositions proprement signifiantes qui fait qu'en français par exemple, « *bou* » et « *pou* » s'opposent et sont, de quelque façon et quelque accent que vous ayez, même si vous avez tendance parce que vous êtes un peu *limitrophe*, à prononcer « *bou* » comme « *pou* », vous prononcez l'autre « *pou* » autrement. Le français est une langue dans laquelle cette opposition vaut. Dans d'autres langues il y a des oppositions tout à fait inconnues en français, qui sont des oppositions fondamentales. La liaison d'opposition comme telle, de distinction comme *relationnelle* et *oppositionnelle* est essentielle à la fonction du langage.

Et c'est l'opposition de ce registre avec le lien de *similarité*, et non pas de similitude, qui est ce que je voulais marquer comme la distinction essentielle. Car cette *similarité* elle-même est impliquée comme telle dans le fonctionnement du langage. C'en est l'autre dimension. La possibilité dans le langage de cette dimension de *similarité* comme telle, est liée à la possibilité infinie justement, de la fonction de substitution et cette substitution elle-même est quelque chose qui n'est concevable que sur le fondement de la relation positionnelle comme fondamentale.

Ce qui fait que dans la *métaphore* « *Sa gerbe n'était point avare ni haineuse* » cette *métaphore* est possible parce que la gerbe peut venir en position de sujet à la place de BOOZ. Ce qui est au principe de *la métaphore*,

ça n'est pas que la signification puisse être transposée de BOOZ à la gerbe. Ici à juste titre, j'admettrais que quelqu'un qui s'intéresse à la question me dise :

« Qu'est-ce qui différencie ceci d'une métonymie: après tout, la gerbe de Booz est tout aussi métonymique que si vous faisiez allusion à ce qui est là sous-jacent à cette magnifique poésie qui n'est jamais nommée, à savoir son pénis royal, ce n'est pas la gerbe. Là, c'est quelque chose du même ordre. C'est une métonymie. »

Non, ce qui fait la vertu métaphorique en l'occasion de cette gerbe, c'est que la gerbe est mise en position de sujet dans la préposition : « Sa gerbe n'était point avare ni haineuse ». C'est d'un phénomène de signifiant qu'il s'agit.

En d'autres termes, pour articuler ce que je suis en train de vous dire, je voudrais que vous alliez par exemple jusqu'à la limite de *la métaphore phonétique*, celle que par exemple, vous n'hésiteriez pas, vous, à qualifier de métaphore surréaliste, encore que vous n'imaginiez pas qu'on ait attendu les surréalistes pour faire des métaphores.

Vous ne pouvez pas dire vous-mêmes si c'est *sensé* ou *insensé*, mais ce qui est certain, c'est que ça fonctionne, je ne dirai pas que c'est la meilleure façon d'exprimer les choses, mais en tous les cas, ça porte. Prenons par exemple une autre formule dont je pense que vous ne me contesterez pas que nous restons dans la métaphore, et puis vous verrez si c'est tellement le sens qui soutient une métaphore, dans une formule telle que celle-ci :

« L'amour est un caillou riant dans le soleil. » [Paul Éluard]

Qu'est-ce que cela veut dire ? C'est incontestablement une métaphore. Il est assez probable que si elle est née c'est qu'elle comporte un sens. Quant à lui en trouver un, je peux faire le séminaire là-dessus. Ça me paraît même

une définition véritablement incontestable de l'amour. Je dirai pour moi que c'est la dernière à laquelle je me suis arrêté. Et elle me paraît indispensable à conserver devant l'esprit, si on veut éviter de retomber sans cesse dans des confusions irrémédiables.

La question est bien celle-ci, à savoir *qu'une métaphore est soutenue avant tout par une articulation positionnelle*.

La chose peut être démontrée jusque dans ses formes les plus paradoxales. Je pense qu'aucun d'entre vous n'a été sans entendre parler de cette sorte d'exercice qu'un poète de notre temps a fait sous la rubrique de *Un mot pour un autre*²⁴ de Jean TARDIEU, sorte de petite comédie en un acte.

Il s'agit de deux femmes qui se tiennent des propos comme ceci : on annonce l'une des femmes, l'autre va au devant d'elle et lui dit :

« Chère, très chère, depuis combien de galets n'avais-je pas eu le mitron de vous sucrer ? »

« Hélas ! Chère - répond l'autre - j'étais moi-même très très vitreuse. Mes trois plus jeunes tourteaux, l'un après l'autre, etc. »

Cela confirme que même sous sa forme paradoxale, c'est-à-dire sous sa forme la plus radicalement cherchée dans le sens de la psychose, non seulement *le sens se maintient*, mais il tend à se maintenir sous une forme tout à fait spécialement heureuse et *métaphorique*.

On peut dire qu'il est en quelque sorte renouvelé : à chaque instant on est à deux doigts - quelque soit l'effort du poète pour pousser l'exercice dans le sens de la démonstration - de la métaphore poétique. C'est là quelque chose qui n'est pas d'un registre différent de ce qui jaillit comme poésie naturelle dès qu'une signification puissante

est intéressée. Cette dimension est celle de la similarité, cette autre dimension du langage. Ce qui est donc important

à y voir, ce n'est pas qu'elle soit soutenue par *le signifié*, nous faisons tout le temps cette erreur,

²⁴ Jean Tardieu : *Un mot pour un autre*, Gallimard NRF, 1951 ; p. 52 : « Un mot pour un autre, comédie en un acte » :

Madame, fermant le piano et allant au devant de son amie :

— « Chère, très chère peluche ! Depuis combien de trous, depuis combien de galets n'avais-je pas eu le mitron de vous sucrer ! »

M^{me} de Perleminouze, très affectée :

— « Hélas ! Chère ! J'étais moi-même très, très vitreuse ! Mes trois plus jeunes tourteaux ont eu la citonnade l'un après l'autre » (p. 56).

- c'est que *le transfert du signifié* y soit possible en raison de la structure même du langage,
- c'est que tout le langage implique *un métalangage*,
- c'est qu'il soit lui-même de sa dimension, de son registre propre, déjà métalangage,
- que tout langage est essentiellement, virtuellement, à traduire,
- que le langage implique *la métaphore* et *la métonymie*, c'est-à-dire *le langage parlant du langage*.

C'est à cause de cela, et dans la même dimension, que les phénomènes de transfert du signifié, qui sont tellement essentiels pour tout ce qui est de la vie humaine, que ce transfert est possible, mais c'est possible en raison de la structure du signifiant. Et il faut que vous vous mettiez bien cela dans la tête, parce que c'est là...

à condition que vous ayez d'abord solidement instauré

la notion du langage comme système de cohérence positionnelle

...qu'à partir de là vous vous mettiez dans un deuxième temps sur la notion que ce système est un système qui se reproduit à l'intérieur de lui-même, et même avec une extraordinaire, effrayante fécondité.

Ce n'est pas pour rien que le mot prolixité est le même mot que prolifération. Prolixité, c'est le mot effrayant. Et justement si peu adapté, qu'en fait il y a dans tout usage du langage une sorte d'effroi, où les gens s'arrêtent et qui est justement ce qui se traduit dans ce qu'on peut appeler « *la peur de l'intellectualité* » : « *il intellectualise trop* » ou « *vous intellectualisez trop* », sert de prétexte et d'alibi à cette peur du langage.

Et pourquoi le trouve-t-il, cet alibi ? C'est très justement et toujours - vous observerez le phénomène chaque fois que vous en aurez l'occasion - à propos d'usage de langage qu'on qualifie, et non pas sans juste titre, de verbalisme, pour autant justement qu'une trop grande part dans la direction dans laquelle on s'avance dans un certain usage du langage, dans un certain système, dans une certaine théorie, c'est toujours et dans chaque cas, qu'on fait cette erreur

d'y accorder trop de poids au *signifié* comme tel, de croire que le langage s'arrête à un certain *signifié* qui ici soutiendrait tout dans le système.

Alors que c'est justement en poussant un peu plus loin dans le sens de l'indépendance du signifiant et du signifié que l'opération en train de se faire théorique ou autre, l'opération de construction logique, prendrait sa pleine portée.

En d'autres termes, si dans toute la mesure où on se détourne du signifié que tout au moins pour les phénomènes qui sont ceux qui nous intéressent au maximum, la clef apparaît dans toute son évidence, nous ne serons pas loin de pouvoir vous démontrer assurément que c'est toujours en effet dans la mesure où nous, par exemple, adhérons de plus en plus près à ce que j'appelle « *la mythologie significative* » que nous tombons très effectivement dans le reproche du verbalisme.

Alors qu'il est tout de même clair que l'usage du langage qui est fait par exemple dans *les mathématiques*, qui est un langage de pur signifiant, un métalangage par excellence, usage du langage pris uniquement comme système et réduit à sa fonction systématique et sur laquelle un autre système de langage se construit, comme saisissant le langage dans son articulation comme telle, c'est quelque chose dont l'efficacité sur son plan propre n'est pas douteuse.

Je voudrais reprendre les choses à l'origine, et vous faire sentir ce quelque chose, ce renversement de position. La personne à laquelle j'ai fait allusion à propos de cette distinction mal saisie, je dois dire qu'on ne saurait en faire

un reproche à personne, puisque quand on lit les Rhétoriciens, jamais ils n'arrivent à une définition complètement satisfaisante de l'opposition de *la métaphore* et de *la métonymie*.

D'où il résulte cette formule que : *la métonymie est une métaphore pauvre*. On pourrait dire qu'il faut prendre la chose très exactement dans le sens contraire : *la métonymie* est au départ, c'est entendu, c'est elle qui *rend possible la métaphore*, mais *la métaphore* est quelque chose qui est à un autre degré que *la métonymie*.

Prenons les choses dans le sens de l'acquisition, dans le sens des phénomènes les plus primitifs, et prenons un exemple particulièrement vivant pour nous analystes : quoi de plus primitif comme expression en quelque sorte directe d'une signification, c'est-à-dire d'un désir, que l'exemple qu'en donne FREUD à propos de sa propre

et dernière petite fille, celle qui a pris depuis une place intéressante dans l'analyse, à savoir Anna FREUD.

Et Anna FREUD endormie - les choses sont à l'état pur - rêve de *grosses fraises, framboises, flans et bouillies*.

Voilà quelque chose qui a l'air du *signifié* à l'état pur, et qui en effet a l'air tout à fait convaincant.

C'est à proprement parler la forme la plus schématique, la plus fondamentale de la métonymie.

Car ce dont il s'agit en cette occasion ça n'est pas de comprendre que sans aucun doute elle les désire, ces fraises, ces framboises. Il est bien clair qu'il ne paraît pas aller de soi et tout simplement que rien que déjà sur le plan des objets évoqués et désirés, il aille de soi qu'ils soient là tous ensemble.

Le fait qu'ils sont là, juxtaposés, coordonnés dans la nomination articulée, d'une façon positionnelle qui les met en position d'équivalence, est quelque chose qui est le phénomène essentiel. Mais qu'il y a quelque chose qui doit

ne pas nous faire douter qu'il ne s'agit pas là d'un phénomène pur et simple d'expression de quelque chose qu'une psychologie - appelons-la *jungienne* - peut nous faire saisir comme une espèce de substitut imaginaire de l'objet appelé, c'est que précisément la phrase commence par quoi ? Par *le nom de la personne*, c'est-à-dire par « Anna FREUD ».

C'est une enfant de 19 mois, nous sommes dans le plan de la nomination, c'est dans le plan de l'*équivalence*, de la coordination nominale, de l'articulation signifiante comme telle que nous sommes. Et c'est seulement à l'intérieur de cela qu'est possible le transfert de signification.

Le fait que ce soit au cœur de la pensée freudienne est mis en évidence d'abord par la masse même de l'œuvre et par tout ce dont il s'agit dans l'œuvre, par le fait que l'œuvre commence par le rêve et que *dans le rêve tous les mécanismes, depuis la condensation jusqu'au déplacement, jusqu'à la figuration*, si on la comprend correctement, *sont de l'ordre de l'articulation métonymique, et que c'est seulement après*, et se composant sur le fondement de la métonymie, *que la métaphore peut intervenir*.

Je reviendrai tout à l'heure à quelque chose qui est l'érotisation du langage. Ce sera encore plus saisissable à ce niveau-là. Et en effet, s'il y a un ordre d'*acquisition*, ce n'est certainement pas celui qui permettrait de dire que les enfants commencent par tel ou tel élément du stock verbal, plutôt que par tel autre. Il y a là la plus grande diversité car en effet, on n'attrape pas le langage par un bout - de même que certains peintres commencent leurs tableaux par le côté de gauche - le langage, pour naître, doit toujours être déjà pris dans son ensemble.

Et, par contre, il est en effet bien certain que pour qu'il soit pris dans son ensemble, il faut qu'il commence par être pris par le bout du signifiant. Et ce qu'on prend pour le côté concret, ou soi-disant tel du langage chez l'enfant,

est contrairement à l'apparence quelque chose qui se rapporte à ce que j'appelle « *contiguïté* ».

C'est-à-dire, en prenant un exemple tout récent : quelqu'un m'a confié le mot de son enfant, un garçon d'environ quatre ans, qui en fait deux ans et demi, qui attrapant sa mère qui se penchait pour lui dire adieu le soir, l'appelle « *ma grosse fille pleine de fesses et de muscles* ». Qu'est-ce que cela veut dire ce langage qui n'est évidemment pas

le même que « *Sa gerbe n'était point avare ni haineuse* ». L'enfant ne fait pas encore cela.

Il ne dit pas non plus que « *L'amour est un caillou riant dans le soleil* ».

Et tout l'effort qu'on fera pour nous dire que l'enfant comprend la poésie surréaliste et abstraite - ce n'est pas du tout un retour à l'enfance - ceci est idiot, car les enfants détestent la poésie surréaliste et répugnent à certaines étapes

de la peinture de PICASSO. C'est parce qu'ils n'en sont pas encore à *la métaphore*, parce qu'ils sont à *la métonymie*.

Quand ils apprécient certaines choses de PICASSO, c'est parce qu'il s'agit justement de *la métonymie*.

La métonymie, là, est aussi sensible que dans tel passage de l'œuvre de TOLSTOÏ où vous pouvez voir chaque fois

qu'il s'agira de l'approche d'une femme, vous voyez surgir à sa place - procédé métonymique de haut style - une ombre de mouche, tâche sur la lèvre supérieure... Vous y verrez quoi ? Une dimension toujours oubliée, parce que c'est la plus évidente, d'un certain *style de création poétique* à sa façon qui est justement celui qu'on appelle,

par opposition au « *style symbolique* », « *le style réaliste* », qui n'a rien de plus réaliste que quoique ce soit, c'est un autre usage d'une autre fonction du langage, plus essentielle puisque c'est elle qui soutient la métaphore, mais dans une dimension complètement différente, qui est celle de la contiguïté et qui fait que bien évidemment il ne s'agit pas du langage poétique, que quand dans la prose de TOLSTOÏ, cette promotion du *détail* qui caractérise un certain style réaliste, n'a absolument rien de plus réaliste que quoi que ce soit.

Imaginez-vous qu'en dehors des voies très précises, qui sont précisément celles qui peuvent faire un *détail*, tout comme le guide de la fonction désirante, mais alors ça n'est plus n'importe quel *détail* qui puisse être promu comme l'équivalent du tout. Nous n'en avons aucune preuve. Et la preuve c'est que le mal que nous avons

à nous donner pour faire valoir certains de ces détails, par une série de transferts significatifs, dans les expériences de labyrinthe ou autres, par exemple, destinées à nous montrer ce que nous appelons l'intelligence des animaux.

Je veux bien que l'on appelle cela *l'intelligence*, c'est une simple question de définition, à savoir l'extension du champ du réel où nous pouvons le faire rentrer dans le champ de ses capacités actuelles de discernement, à condition de l'intéresser *instinctuellement*, d'une façon *libidinale*, le prétendu réalisme de tel ou tel mode de décrire le réel –

à savoir la description par le détail - est quelque chose qui ne se conçoit que dans la mesure et dans le registre d'un *signifiant organisé*, grâce à quoi, du fait que la mère est « *ma grosse fille pleine de fesses et de muscles* », nous verrons comment cet enfant évoluera.

Mais il est bien certains que c'est bien en fonction de *capacités métonymiques* précoces qu'à tel moment les fesses pourront devenir pour lui un équivalent maternel. Que les fesses, aient par ailleurs tel ou tel sens dont nous pouvons concevoir la sensibilisation sur le plan vital, ne change absolument rien au problème.

C'est sur la base de cette articulation métonymique que ceci peut se produire. Il faut qu'il y ait d'abord la possibilité de coordination signifiante comme telle pour que les transferts de signifié puissent se produire. Nous avons dans cet ordre des cas assez extrêmes et paradoxaux à tout instant pour que nous voyions bien que l'élément d'articulation formelle du signifiant soit dominant par rapport au transfert du signifiant. C'est à l'intérieur de ceci que se pose la question de la fonction du langage dans le rapport à l'autre, du retentissement sur la fonction du langage de toute perturbation dans le rapport à l'autre. De même que nous avons eu *l'opposition de la métaphore et de la métonymie*, que j'ai essayé aujourd'hui de soutenir devant vous, de même nous verrons *s'opposer les fonctions fondamentales de la parole* entre ces deux termes déjà mis en relief : de *la parole fondatrice* d'un côté, des *mots de base* de l'autre.

Pourquoi l'un et l'autre sont-ils fondamentalement nécessaires ? Et quelle est leur distinction ?

C'est là bien entendu quelque chose qui se pose par rapport à un troisième terme. S'il est tellement nécessaire à l'homme d'user de la parole pour trouver ou pour se retrouver, c'est bien évidemment en fonction de quelque chose qui est de sa position naturelle ou de sa propension naturelle à décomposer en présence de l'autre. Quelle est la façon dont *il se compose et se recompose* ? Nous retrouverons là la double disposition qui serait constituée par *la métaphore* et *la métonymie* : l'opposition de *la métaphore* et de *la métonymie* correspond strictement aux *deux fonctions possibles de l'Autre*.

C'est là-dessus que *nous reviendrons* la prochaine fois. Dès maintenant, vous pouvez saisir dans les phénomènes que présente SCHREBER quelque chose de tout à fait frappant, la mise en valeur, la promotion à une portée envahissante, de ce que je vous ai montré la dernière fois dans *les phrases interrompues*, mais qui est aussi à l'occasion

la question et la réponse, quelque chose dont vous voyez la valeur d'opposition par rapport à ce que j'ai appelé « *la parole fondatrice* », celle qui consiste à *se faire renvoyer son propre message par l'Autre*, sous une forme inversée : « *tu es ma femme* ».

Pour autant que dans cette dimension précisément, où on ne demande pas à l'autre son avis, *la fonction de l'interrogation, de la question et de la réponse* comme telles, pour autant qu'elle est valorisée par l'initiation verbale, est littéralement *son complémentaire et son correspondant*, assurément *sa racine*, et en quelque sorte dénude, par rapport à ce qu'a de *profondément significative* « *la parole fondatrice* », met en relief *le fondement signifiant* de la dite *parole*, à tous les niveaux. Dans *le phénomène délirant* vous retrouverez cette dénudation, cette mise en valeur de la fonction signifiante comme telle.

Je vais tout de suite vous en donner *un autre exemple* : les fameuses équivalences devant lesquelles on reste perplexe, qui sont celles que le délirant SCHREBER nous rapporte être celles des fameux « *oiseaux du ciel défilant dans le crépuscule* » avec les assonances : *Chinesentum* ou *Jesum Christum*. [*Es schlägt daher für sie wenig, ob man sagt: Santiago oder Karthago, Chinesentum oder Jesum Christum, Abendrot oder Atemnot, Ariman oder Ackermann usw.* (S. 210)] Qu'est-ce qui est à retenir là-dedans ?

Est-ce simplement l'absurdité ? Le fait qui frappe SCHREBER lui-même, c'est que ces *oiseaux du ciel* sont littéralement sans cervelle. À quoi FREUD n'a pas un instant de doute : ce sont des jeunes filles. C'est toujours à des petits jeux superficiels qu'on s'attend, non sans raison, c'est vrai. Mais après, quel est l'important ?

L'important c'est que ça n'est pas n'importe quoi qui est équivalent de *Chinesentum*, c'est *Jesum Christum*, ça n'est pas n'importe quoi comme assonance. Ce qui est important ce n'est pas l'assonance, c'est la correspondance, terme par terme d'éléments de discrimination très voisins, qui n'ont strictement de portée pour un polyglotte comme SCHREBER qu'à l'intérieur du système linguistique allemand de la succession dans un même mot d'un « *n* », d'un « *d* », d'un « *e* ». Ce n'est pas quelque chose que vous trouverez en français. De même, il est assez rare pour des mots étrangers et pour des gens qui ne peuvent pas parler français, de dire [...] Ça n'existe pas. Dilemme.

C'est-à-dire que c'est sur le plan d'une équivalence phonématique, signifiante, purement signifiante, puisqu'on voit bien qu'on n'arrivera pas dans cette liste à donner une coordination satisfaisante entre le besoin d'air et le crépuscule.

On pourra toujours la trouver bien entendu. Mais il est tout à fait clair que ce n'est pas de cela qu'il s'agit dans le phénomène élémentaire dont une fois de plus ici SCHREBER, avec toute sa perspicacité, nous met en relief le phénomène dans le rapport de *Jesum Christum* avec *Chinesentum* vous montre une fois de plus à quel point ce qui est cherché, est quelque chose de l'ordre du signifiant, c'est-à-dire de la coordination phonématique, le mot latin *Jesum Christum* n'est là vraiment on le sent, pris que dans la mesure où en allemand la terminaison « *tum* » a une sonorité particulière, c'est pour cela que le mot latin peut venir là comme un équivalent de *Chinesentum*.

Cette promotion du signifiant comme tel - de même que je parlais tout à l'heure de la promotion du détail - cette mise en valeur, cette *sortie de cette sous-structure* toujours cachée de la fonction du langage, qui est *la métonymie*, est ce quelque chose sur lequel il convient d'abord de mettre le pivot et l'accent avant toute investigation possible des troubles fonctionnels du langage dans *la névrose* ou *la psychose*.

« Le même parallèle est possible en raison de l'omission de diverses relations qui dans les deux cas doivent être supplées par le contexte. Si cette conception de la méthode de représentation dans les rêves n'a pas été jusqu'ici suivie, ceci, comme on doit le comprendre d'emblée, doit être inscrit, rapporté au fait que les psychanalystes sont entièrement ignorants de l'attitude et du mode de connaissance avec lesquels un philologue doit approcher un tel problème que celui qui est présenté dans les rêves. »

Je pense que ce texte est assez clair et que l'apparente contradiction formelle que vous pourrez en recueillir du fait que FREUD dit que *les rêves s'expriment en images* plutôt qu'en autre chose est aussitôt, je pense, restituée et remise en place, car aussitôt, il vous montrera de quelles sortes d'images il s'agit. C'est-à-dire *d'images* en tant qu'elles interviennent *dans une écriture*, c'est-à-dire non pas même pour leur sens propre, car comme il le dit,

il y en a certaines qui seront là, même-pas pour être lues, mais simplement pour apporter à ce qui doit être lu une sorte d'exposant qu'il situe, qui resterait autrement énigmatique.

C'est la même chose que ce que je vous ai écrit au tableau l'autre jour, quand je vous ai donné l'exemple des caractères chinois. J'aurais pu les prendre parmi les anciens hiéroglyphes, où vous verriez que ce qui sert à dessiner

le pronom à la première personne, et qui se dessine par deux petits signes qui ont une valeur phonétique, peut être accompagné par l'image - plus ou moins corsée selon que l'individu est un petit bonhomme - qui est là pour donner aux autres signes leur sens rapporté par leur signification. Mais les autres signes, qui ne sont pas moins autographiques que le petit bonhomme, doivent être lus dans un registre phonétique.

Bref, la comparaison avec *les hiéroglyphes* est d'autant plus pressante, patente, dans la formule que nous donne FREUD dans ce paragraphe, qu'elle est diffuse dans *L'interprétation des rêves*, la comparaison donc des *hiéroglyphes* est d'autant plus valable, certaine, que - tous les textes l'affirment - il y revient sans cesse. Vous n'ignorez pas que FREUD n'était pas ignorant de ce qu'est vraiment *l'écriture hiéroglyphique*. Il était amoureux de ce qui touchait à la culture de l'ancienne Égypte. Très souvent, il fait des références, des comparaisons au mode de pensée, au style, à la structure signifiante très exactement des *hiéroglyphes*, quelquefois *contradictaires*, superposés des croyances des anciens Égyptiens.

Et il s'y réfère volontiers d'une façon toute naturelle pour nous indiquer, nous donner l'image la plus expressive de tel ou tel mode de coexistence de concepts du système contradictoire chez les névrosés par exemple, cela lui est tout à fait familier. C'est à la fin du même texte que nous trouvons [...] à propos de *ce langage qui est celui des symptômes*.

Il parle de la spécificité de cette *structure signifiante* dans les différentes formes de *névroses* et de *psychoses*. Il rapproche tout d'un coup dans un raccourci saisissant, les trois grandes neuropsychoses:

« C'est ainsi, dit-il, qu'il s'agit bel et bien de signifiant ce qui doit être mis en relation pour être compris dans son ensemble.

Par exemple :

- *ce qu'un hystérique exprime en vomissant,*
- *un obsessionnel l'exprimera en prenant des mesures très péniblement protectives contre l'infection,*
- *tandis qu'un paraprénique sera conduit à des plaintes et des soupçons.*

Dans les trois cas, ce seront différentes représentations du souhait du patient de venir à ce qui a été réprimé dans son inconscient et sa réaction défensive contre ce fait. »

Ceci pour nous mettre en train. Rentrons dans notre sujet. Nous n'en sommes pas loin, à propos de ce désir d'être enceint, du thème de la procréation. Le thème de la procréation, vous ai-je dit, étant au fond de la symptomatologie du cas SCHREBER, ce n'est pas encore aujourd'hui que nous y atteindrons directement.

Je voudrais par un autre biais encore, et à propos de ce que vous avez pu entendre lundi soir de notre ami Serge LECLAIRE, reposer cette *question* de ce que j'appelle *le signifiant dernier* dans la névrose, vous montrer bien entendu, que tout en étant *un signifiant* essentiellement, et que ce soit dans l'ordre et dans le versant du *signifiant* qu'il faille le comprendre, *ce n'est pas*, bien entendu, *un signifiant sans signification*.

Ce sur quoi je mets l'accent, c'est qu'*il est source de signification*, et non pas de dépendance de signification. Les thèmes de la mort et les thèmes des deux versants de la sexualité, mâle et femelle, ne sont pas des données, ne sont rien que nous puissions déduire d'une expérience. Or, l'individu pourrait-il se retrouver s'il n'a pas déjà le système de signifiant, en tant qu'instaurant la distance qui lui permet de voir comme un objet énigmatique à une certaine distance de lui ce qui est la chose la moins facile à approcher, à savoir sa propre mort ?

Ce qui n'est pas moins facile à approcher...

si vous y pensez, si vous pensez précisément combien tout *un long processus* à proprement parler *dialectique* est nécessaire à un individu pour y revenir, et combien toute notre expérience est faite des excès et des défauts de cette approche

...c'est-à-dire ce qui est fondamentalement le pôle mâle et le pôle femelle d'une réalité dont nous pouvons nous poser la question : si elle est saisissable, même en dehors des *signifiants* qui l'isolent, et le précisent, autrement dit la polarité mâle et femelle.

La notion que nous avons sans doute d'une référence à la réalité comme étant ce quelque chose autour de quoi tournent les échecs, les achoppements de la névrose, ne doit pas nous détourner de cette remarque que la réalité à laquelle nous avons affaire est profondément soutenue, tramée, par cette tresse de signifiants qui la constitue, et le rapport de l'être humain avec ce signifiant comme tel est quelque chose dont il nous faut détacher la perspective, les plans, la dimension propre pour savoir seulement ce que nous disons quand nous disons, par exemple dans la psychose, que quelque chose vient à manquer dans la relation du sujet à la réalité.

Il s'agit d'une réalité structurée par la présence dans cette réalité d'*un certain signifiant* :

- qui est *hérité*,
- qui est *traditionnel*,
- qui est *transmis* par quoi ?

Bien entendu, par uniquement le fait qu'on parle autour de lui. Ce que nous a démontré l'expérience comme la théorie qui a conduit FREUD, c'est qu'il y a une certaine façon de s'introduire dans ce relief qui est *le signifiant fondamental*, que le *complexe d'Œdipe* est justement là pour ça, pour quelque chose que le fait que nous admettions maintenant comme un fait d'expérience courante que de n'avoir pas traversé l'épreuve de l'Œdipe...

c'est-à-dire de n'avoir pas vu s'ouvrir devant soi les conflits et les impasses, et de ne pas l'avoir résolu d'une certaine façon par une certaine intégration, qui n'est pas simplement intégration de ses éléments à l'intérieur

du sujet, mais aussi prise du sujet dans ses éléments qui sont donnés à l'extérieur

...si nous admettons si facilement que le fait de n'avoir pas réalisé cette épreuve, laisse le sujet précisément dans un certain défaut, une certaine impuissance de la réalisation des distances justes qui s'appellent la réalité humaine,

c'est que nous tenons justement que le terme de réalité implique cette intégration à un certain jeu de signifiants. Je ne fais là que simplement formuler ce qui est admis par tous d'une façon en quelque sorte implicite dans l'expérience analytique.

Nous l'avons vu, nous avons indiqué au passage ce que nous pouvons caractériser comme étant *la position hystérique*.

C'est une question - et une question qui se rapporte précisément à cette référence aux deux pôles signifiants du mâle et de la femelle - que pose par tout son être *l'hystérique* : « *comment peut-on être mâle ou être femelle ?* ». Ce qui implique bien qu'il en a quand même *la référence*. C'est ainsi que se pose la question.

L'obsessionnel répond, on peut dire, d'une certaine façon, ou plus exactement par son mode de réponse...

La question est ce dans quoi s'introduit et se suspend, et se conserve, toute la structure de *l'hystérique*, avec son identification fondamentale à l'individu du sexe opposé au sien, par où en quelque sorte il interroge son propre sexe.

À cette façon de répondre « ou..., ou... » de *l'hystérique*, s'oppose celle de *l'obsessionnel* qui répond par la *dénégation* :

à ce « ou..., ou... », il répond par un « ni..., ni... », ni mâle, ni femelle.

La dénégaration se fait sur le fond de l'expérience mortelle, l'absence, le dérobement de son être à la question qui est une façon d'y rester suspendu. Ce qu'est *l'obsessionnel* est très précisément ceci, c'est que si vous ne trouvez

ni l'un ni l'autre, c'est que l'on peut dire aussi qu'ils sont *l'un et l'autre* à la fois. Je passe, car tout ceci n'est fait que pour situer ce qui se passe chez le psychotique, en tant que cela s'oppose à cette position de chacun des sujets des deux grandes névroses, par rapport à la question.

Si nous en sommes - à force d'y revenir - arrivés à bien concevoir que l'histoire des névroses, telle que la théorie et l'expérience freudienne les présentent...

ce que j'ai appelé, dans mon discours sur FREUD il y a quinze jours, « *du langage habité* », du langage en tant qu'il est habité, c'est-à-dire nécessaire pour le sujet qui y prend littéralement - mais plus ou moins - *la parole, et par tout son être*, c'est-à-dire en partie à son insu

...comment pouvons-nous ne pas voir, rien que dans la phénoménologie de la psychose, rien que dans le fait que toute psychose, dans ce que nous voyons du début jusqu'à la fin, est faite d'un certain rapport du sujet à ce langage tout d'un coup promu au premier plan de la scène, qui tout d'un coup parle tout seul, vient à voix haute, dans son bruit, comme aussi dans sa fureur, comme aussi dans sa tête, comme aussi dans sa neutralité, et assurément vient, contrairement à la formule, combien, si le névrosé habite le langage - et c'est ainsi qu'il faut les concevoir -

là vraiment, *le psychotique est habité et possédé par le langage*.

Quelque chose vient au premier plan...

qui montre un certain affrontement, une certaine distinction, une certaine épreuve auxquels le sujet est soumis et qui est essentiellement problème de quelque faute qui concerne ce discours permanent que nous devons concevoir comme soutenant le quotidien, le tout venant de l'expérience humaine ...tout d'un coup de l'action, de la situation, de l'attitude, du comportement, de l'affection.

Cette étape corrélatrice, textuelle, de ce que nous pourrions appeler « *le monologue permanent* » *ce quelque chose apparaît*,

ce quelque chose se détache, dans une sorte de musique à plusieurs voix, dont la structure vaut quand même que nous nous y arrêtions, nous nous demandions pourquoi elle est faite ainsi. Puisque c'est justement quelque chose qui est une des choses dans l'ordre des phénomènes qui nous apparaît le plus immédiatement comme structuré, puisque la notion même de structure est empruntée au langage, le méconnaître, le réduire comme on fait...

sous prétexte que ce sont justement les faits de structure qui apparaissent ...à quelque chose qui peut n'être qu'un mécanisme, est à la fois aussi démonstratif qu'ironique.

Car enfin, bien sûr tous les traits du mécanisme se lisent au niveau de ce que CLÉRAMBAULT a détaché sous le nom de « *phénomènes élémentaires de la psychose* »...

- cette pensée répétée,
- cette pensée contredite,
- cette pensée commandée

...qu'est-ce d'autre que ce discours redoublé, repris en antithèse ?

Mais, parce que nous avons en effet *cette apparence de structuration toute formelle* - et CLÉRAMBAULT a mille fois raison d'y insister - comment ne voit-on pas qu'en déduire, qu'en impliquer que nous nous trouvons là devant de simples phénomènes mécaniques de retard, de quelque chose de tout à fait insuffisant auprès du fait que le commentaire d'autre chose n'est qu'un écho, que l'antithèse, la contradiction, le dialogue même s'établit. C'est quelque chose

qu'il nous faut bien plutôt concevoir en termes de structure interne au langage. c'est là ce qu'il y a de plus fécond.

Mais qu'inversement le fait d'en avoir montré le caractère avant tout structural, prévalent dans le structural, c'est-à-dire ce que CLÉRAMBAULT dans son langage appelle « *idéiquement neutre* ». Ce qu'il voulait simplement dire par là, c'est que c'était *en pleine discordance avec les affections du sujet* qu'aucun mécanisme affectif ne suffit à expliquer. C'est là un point de relief de l'investigation, que CLÉRAMBAULT met en valeur.

Cela se trouve être en effet ce qu'il y avait de fécond dans son investigation clinique. Peu nous importe le caractère plus ou moins faible de la déduction *étiologique* ou *pathogénique* auprès du prix de ce qu'il met en valeur. À savoir :

- que c'est à *un rapport du sujet au signifiant* comme tel, sous son aspect le plus formel, sous son aspect de signifiant pur, qu'il faut rattacher le noyau de la psychose, et que tout ce qui se construit est là autour,
- que les réactions affectives elles-mêmes sont des réactions d'affect à un phénomène qui est un phénomène premier de *rapport au signifiant*.

Je dirai que *si le psychotique est ainsi habité par le langage*, il nous faut concevoir que cette *relation d'extériorité* si saisissante est celle sur laquelle tous les cliniciens, de quelque façon, ont mis l'accent. Le syndrome de l'influence laisse encore certaines choses dans le vague, *le syndrome d'action extérieure*, tout naïf qu'il paraisse, met bien l'accent sur la dimension essentielle du phénomène. Ce rapport d'*extériorité* qu'il y a, si l'on peut dire, dans le psychotique avec l'ensemble de l'appareil du langage est quelque chose qui introduit la question : y est-il en fin de compte - dans ce langage, dans ce langage qui habite le psychotique - y est-il jamais entré ?

La notion que nous pouvons avoir de ce qu'on appelle « *les antécédents du psychotique* » c'est bien quelque chose sur quoi beaucoup de cliniciens se sont penchés, qu'une certaine expérience permet d'apprécier, qu'un certain style de personnalité, grâce à l'investigation analytique, nous permet de comprendre.

Nous avons la notion - mise en valeur par Hélène DEUTSCH, sur laquelle j'ai fait un jour quelques remarques - d'un certain « *comme si* » qui semble marquer les premières étapes du développement de ceux qui, à un moment quelconque, choiront plus ou moins dans la psychose, d'un certain rapport qui n'est jamais d'entrer dans le jeu des signifiants, une sorte d'imitation extérieure, de non intégration du sujet à ce registre du signifiant.

C'est quelque chose qui nous donne la direction dans laquelle la question se pose du préalable de la psychose. Assurément, elle n'est justement soluble que par l'investigation analytique. Il arrive que nous prenions des pré-psychotiques en analyse, et nous savons ce que cela donne : cela donne des psychotiques.

Il n'y aurait pas de question de la contre-indication de l'analyse, si tout de même nous n'avions pas pour notre expérience, de nous apercevoir...

si nous n'avions pas tous dans notre mémoire tel ou tel cas de notre pratique ou de la pratique de nos collègues, où une belle et bonne psychose, j'entends une belle et bonne *psychose hallucinatoire*, je ne veux pas dire une schizophrénie précipitée

...est déclenchée lors d'une ou deux premières séances d'analyse un peu chaudes, où le bel analyste devient rapidement *un émetteur* : le sujet analyse, entend, toute la journée ce qu'il faut qu'il fasse, ce qu'il faut qu'il ne fasse pas. Est-ce que nous ne touchons pas là, justement dans notre expérience, et sans avoir à chercher plus loin, ce qui peut être mis au cœur de motifs d'entrée dans la psychose ?

Après tout, les choses telles qu'elles se présentent là, mises en jeu pour un homme de son « *être dans le monde* »,

- ne sont pas si présentes,
- ne sont pas si urgentes,
- ne sont pas si précoces

qu'il ait tellement tort à s'affronter à cette tâche, peut-être à la plus ardue qui puisse être proposée à *un être humain*, c'est ce qu'on appelle « *prendre la parole* », j'entends la sienne, pas de dire « *oui, oui, oui* », à celle du voisin.

Naturellement cela ne veut pas toujours dire que cela doive s'exprimer en mots. Ce que nous voyons dans la clinique, c'est que justement *ce moment-là*, quand on sait le regarder de près, quand on sait le chercher à des niveaux extrêmement différents, quelquefois c'est une très petite tâche de « *prise de la parole* » pour un sujet qui a vécu jusque-là dans son cocon, comme une mite, ça arrive. C'est la forme que décrit très bien CLÉRAMBAULT :

« *l'automatisme mental* » des vieilles filles, par exemple - je pense que c'est lui qui a décrit cela, la fréquence de l'automatisme mental chez les vieilles filles, délire de persécution, etc. - cette merveilleuse richesse qui caractérise son style, comment CLÉRAMBAULT lui-même n'a-t-il pu s'arrêter aux faits ?

Il n'y avait vraiment pas de raison de frapper tout particulièrement ces malheureux êtres, dont il décrit si bien l'existence, oubliée de tous : à la moindre provocation on voit surgir ce phénomène de l'automatisme mental, de ce discours, chez elles toujours resté latent, inexprimé.

Je crois qu'il faut que nous fassions ici la conjonction de ce qu'implique cette défaillance du sujet au moment d'aborder la véritable parole, si c'est là vraiment quelque chose où nous puissions situer l'entrée, le glissement dans le phénomène critique, dans la phrase inaugurale de la psychose. Notre point de mire, si je puis dire, vous devez déjà, d'après la phénoménologie, l'entrevoir. La notion de *Verwerfung*, que j'ai introduite comme fondamentale est là pour vous indiquer qu'il doit y avoir justement quelque chose de préalable, qui manque dans la relation au signifiant comme tel.

Il y a une première entrée, une première introduction aux *signifiants fondamentaux* qui doit manquer dans la suite.

C'est là bien évidemment le *quelque chose* qui ne peut que faire défaut dans toute la recherche expérimentale. Il n'y a nul moyen de saisir, au moment où cela *manque*, *quelque chose qui manque*, quelque chose qui est - disons dans

le cas par exemple du président SCHREBER - qui serait justement *l'absence de ce premier noyau, de cette première amorce*, qui s'appellerait le *signifiant* comme tel, ce *quelque chose* auquel le président SCHREBER a pu sembler pendant

des années, pouvoir s'égaliser, je veux dire tenir son rôle d'homme : avoir l'air d'être quelqu'un comme tout le monde.

C'est vrai que la virilité signifie quelque chose pour lui, puisque aussi bien c'est l'objet toujours de ses très vives protestations initiales devant l'invention des phénomènes du délire, qu'il se présente tout de suite comme *une question* sur son sexe, comme un appel qui lui vient du dehors, comme dans ce fantasme : « *Il serait beau d'être une femme subissant l'accouplement* ». Il semble donc que nous voyons là deux plans, quelque chose que tout le développement

du délire exprime, à savoir qu'il n'y a pas pour lui aucun autre moyen de se réaliser, de s'affirmer comme sexuel, sinon en s'admettant en se reconnaissant comme une femme, et donc comme transformé en femme.

Car c'est là le fil permanent, l'axe pivot, la ligne bipolaire du délire.

Il y a donc *quelque chose* qui distingue ceci,

- cette progressive révélation d'un certain manque,
- et la nécessité de reconstruire tout le monde j'entends tout le cosmos, l'organisation entière du monde, autour de ceci : qu'il y a *un homme* qui ne peut être que *la femme d'une sorte de dieu universel*.

C'est bien de cela qu'il s'agit. Il y a une distance entre cela et le fait que cet homme apparu dans son discours commun jusqu'à une certaine époque, qui est une époque critique dans son existence, à savoir comme tout le monde que c'était un homme, et aussi ce qu'il appelle quelque part son honneur d'homme qui pousse les hauts cris

quand il vient tout d'un coup à être chatouillé un peu fort par l'entrée en jeu de cette énigme, de cet Autre absolu,

qui se présente dans les premiers coups de cloche du délire.

Bref, nous sommes portés par notre démarche, par la forme même que doit prendre notre interrogation, nous sommes portés sur cette distinction qui sert de critère, de trame, à tout ce que nous avons jusqu'à présent déduit comme nécessaire, de la structuration même de la situation analytique, à savoir la différence qu'il y a, en face du sujet, entre : ce que j'ai appelé le *petit autre*...

- l'*autre* avec un *petit a*,
- l'*autre imaginaire*,
- l'*altérité en miroir* qui nous fait dépendre de la forme de *notre semblable*,

...et cet autre qui est *l'Autre absolu* :

- celui auquel nous nous adressons *au-delà de ce semblable*,
- celui dont nous sommes forcés d'admettre le point, le centre et le terme au-delà de la relation du mirage,
- celui qui *accepte* ou qui *se refuse* en face de nous,
- celui qui, à l'occasion, nous trompe, dont nous ne pouvons jamais savoir s'il ne nous trompe pas,

- celui auquel en fait nous nous adressons toujours, et celui dont justement l'existence est telle que le fait de s'adresser à lui, c'est-à-dire *d'avoir* avec lui comme *un langage*, est plus important que tout ce qui en fait peut servir d'enjeu entre lui et nous.

Observez bien que cette distinction des deux *autres* est - à être méconnue dans l'analyse où elle est pourtant partout présente - l'origine de tous les *faux problèmes* que particulièrement, puisque nous avons mis l'éclairage et l'accent sur

le primat énorme, sur la *relation primordiale d'objet* avec ce que vous savez qui s'établit de discordance patente entre :

- la position freudienne du fait de l'attribut d'un objet, humain, autrement dit nouveau-né, à son entrée dans le monde, une relation dite *auto-érotique*, c'est-à-dire *une relation dans laquelle l'objet n'existe pas*,
- et la remarque qu'il oppose à la clinique : que cette opposition est tout à fait impensable, qu'assurément dès le début de la vie nous avons tout à fait les signes que toutes sortes d'objets existent pour le nouveau-né.

Ceci ne peut trouver sa solution qu'à distinguer :

- *cet autre imaginaire* en tant qu'il peut être en effet, et qu'il l'est structurellement, l'origine, la forme, le champ dans lequel se structure pour le nouveau-né humain une multiplicité d'objets,
- et l'existence ou non de *cet Autre absolu*, cet *Autre* avec un grand A, qui est assurément ce que vise FREUD, et ce que les analystes ont négligé par la suite, quand il parle de la non-existence à l'origine d'aucun *Autre*.

Il y a pour cela une bonne raison, c'est que vraiment cet *Autre* : « *Il est vraiment tout en soi - dit FREUD - mais il est du même coup tout entier hors de soi.* »

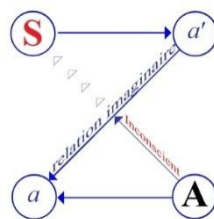
Et c'est cette possibilité d'une relation *extatique* à l'*Autre* qui est une question qui ne date pas d'hier, mais qui, pour avoir été laissée dans l'ombre pendant quelques siècles, mérite de nous, analystes, que nous ayons tout le temps à faire - et que nous la reprenions - la différence entre ce que, au Moyen-Âge, on appelait :

- la *théorie* dite « *physique* » de l'amour,
- et la *théorie* dite « *extatique* » de l'amour.

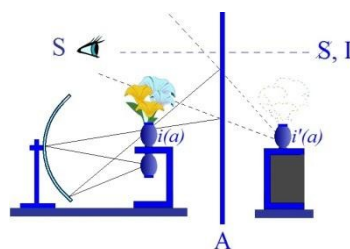
Cela pose la question de ce qu'est la relation du sujet à cet *Autre absolu*, à l'endroit duquel peut se situer dans la *théorie dite « extatique »*, le véritable amour, la véritable existence de l'*Autre*. Disons que pour comprendre

les psychoses nous devons faire se recouvrir :

- par dessus notre petit schéma de cet *a'*, et de petit a et du grand A, de cet Autre qui place ici l'amour dans sa valeur de relation à un Autre en tant que radicalement Autre,



- avec ici $[a' \rightarrow a]$ la situation possible en *miroir*, en *reflet* de tout ce qui est de l'ordre de l'*imaginaire*, de l'*animus* et de l'*anima*, qui se situeront suivant les sexes à une place ou à l'autre.



C'est dans cette relation à un *Autre*, dans la *possibilité* de la relation amoureuse,

- en tant qu'elle est abolition du sujet,
- en tant qu'elle admet une hétérogénéité radicale de l'Autre,
- en tant que cet amour est aussi mort,

...que gît le problème, la distinction, la différence entre quelqu'un qui est psychotique, et quelqu'un qui ne l'est pas.

Je vais, pour vous faire sentir ce que je veux dire...

car il peut vous sembler que ce soit un curieux et singulier détour que de recourir à une théorie médiévale de l'amour, pour introduire la question de la psychose

...je vais vous faire remarquer une chose, c'est tellement vrai qu'il est impossible de concevoir sans introduire cette dimension de la nature de la folie que si vous y réfléchissez, sociologiquement, aux formes constatées, relevées, attestées dans la culture de l'énamoration, dans le fait de tomber amoureux, je pense que vous ne trouverez pas

que je reste trop strictement sur mes positions en vous faisant remarquer que le fait de poser la question ainsi ne fait justement que recouvrir ce qui est à l'ordre du jour dans la position la plus commune de la psychologie des *patterns*.

[une page manque dans la sténotypie]²⁵

²⁵ Cf. l'édition de Jacques-Alain Miller : *Les Psychoses*, Paris, Seuil 1981, p. 288, qui restitue le passage manquant.

...tombée en dérisoire, et que le caractère précisément aliéné et aliénant de tout le processus avec lequel nous jouons, sans doute mais de façon de plus en plus extérieure, de plus en plus distante qui soutient tout un mirage, d'ailleurs de plus en plus diffus. La chose, si elle ne se passe plus avec *une belle* ou avec *une Dame* [cf. *Amour courtois*], se passe dans la relation du spectateur dans la salle obscure avec *une image* qui est sur l'écran et avec laquelle tout le monde communique et participe.

Mais c'est de l'ordre de ce que je veux mettre *en relief* : c'est cette dimension qui va nettement dans le sens de la folie à proprement parler, de *pur mirage*, qui est celle qui se produit dans la mesure où est perdue *la relation*, l'accent original de *cette relation amoureuse*, pour autant qu'elle était - ce qui nous paraît à nous *comique* - *ce sacrifice total d'un être à l'autre*, poursuivi systématiquement par les gens, bien entendu, qui avaient le temps de ne faire que ça, mais qui assurément a le caractère d'*une technique spirituelle*, d'une technique qui avait, comme vous le savez, *ses modes* et *ses registres*, que nous entrevoyons à peine, vu la distance où nous sommes de ces choses, mais avec elles on peut tout de même retrouver un certain nombre de pratiques très précises - très singulières d'ailleurs - qui pourraient nous intéresser nous autres analystes, y compris cette sorte d'ambigu de sensualité et de chasteté, techniquement soutenues au cours d'une sorte, semble-t-il, de concubinage singulier, sans relations, ou tout au moins à relations atermoyées, qui constituaient ce qui sans doute fondait dans ses détails la pratique de l'amour à laquelle je fais allusion.

L'important, c'est de vous montrer que le caractère de dégradation aliénante, de folie, qui connote *les déchets*, si l'on peut dire, *les restes de ce quelque chose* en tant qu'il est perdu sur le plan sociologique, nous donne l'analogie de ce qui se passe chez le sujet dans sa psychose, et donne son sens à cette phrase de FREUD que je vous ai rapportée l'autre jour que « *Le psychotique aime son délire comme lui-même* ».

C'est cette *ombre de l'Autre*, en tant qu'il ne peut *la saisir* que dans la relation au signifiant comme tel, dans quelque chose qui ne s'attache qu'à une coque, qu'à une enveloppe, qu'à la forme de *la parole*. *Là où la parole est absente, là se situe l'éros du psychosé*, c'est là que le psychosé trouve *son suprême amour*. Prises dans *ce registre*, beaucoup de choses s'éclairent.

Et par exemple la curieuse entrée de SCHREBER dans son délire, sa psychose, avec cette curieuse formule... dans laquelle tout de même les analystes peuvent se retourner en trouvant le sens assez accessible, la formule qu'il emploie de *l'assassinat d'âme*, comme étant le quelque chose d'initial, d'introductif à sa psychose...avouez-le, est tout de même dans ce registre un écho bien singulier au *langage* - on peut dire - *de l'amour*, au sens technique que je viens de mettre en relief devant vous, à la façon dont on parle de *l'entrée dans l'amour*, au temps de « *la Carte du Tendre* ».

Cet « *assassinat d'âme* » avec ce qu'il comporte de sacrificiel et de mystérieux, de symbolique, est quelque chose dont nous ne pouvons pas ne pas sentir un écho de tout *un langage*, plus spécialement d'ailleurs au moment où ce langage est déjà - ce n'est pas pour rien que je fais allusion à la *Carte du Tendre*, voire aux « *Précieuses* », car ce terme d'« *assassinat d'âme* » se forme selon le langage précieux - à *l'entrée de la psychose*.

En somme s'il y a quelque chose que nous entrevoyons comme représentant cette entrée dans la psychose : c'est que c'est à la mesure d'un certain *appel* [A] auquel le sujet ne peut pas répondre que *quelque chose* se produit *au niveau du petit autre*, *quelque chose* que nous appellerons

- une sorte de foisonnement de modes d'être, de relations au *petit autre*, foisonnement *imaginaire*,
- foisonnement qui supporte un certain mode du langage et de la parole [« *délire* »],

...qui est à analyser et à prendre comme tel, et dans lesquels je vous ai déjà indiqué un certain nombre de points de repère que nous allons essayer de reprendre aujourd'hui, d'introduire sous la forme de quelques têtes de chapitres, qui seront ceux que nous essaierons de remplir par la suite. Dès l'origine dans le délire de SCHREBER,

je vous ai signalé, marqué, souligné, l'opposition entre l'entrée, l'intrusion de ce qu'il appelle « *la langue fondamentale* » qui est bel et bien affirmée comme étant une sorte de *signifiants particulièrement pleins*.

Les termes de SCHREBER sont presque les termes mêmes dont je me sers. Ce vieil Allemand est plein de résonances par la noblesse et la simplicité de ce langage. D'où les accents que SCHREBER peut mettre pour donner tout son caractère d'objet, de langage, dans son caractère le plus précieux, le plus résonnant, comme correspondant au *phénomène fondamental*. Cette entrée de « *la langue fondamentale* » est quelque chose de tout à fait singulier.

Je vous lirai des passages où les choses vont beaucoup plus loin, où SCHREBER parle du « *malentendu avec Dieu* », comme de quelque chose qui repose sur ceci, c'est que Dieu ne sait pas faire la distinction entre cette *langue fondamentale* en tant qu'elle est celle même, dit-il, *qui s'accorde aux nerfs humains*. Nous avons déjà vu que sa conception des *nerfs humains* ou des *nerfs des âmes*, recouvre à peu près strictement ce que nous pouvons appeler le discours. Il dit : « *Dieu n'est pas capable de faire la distinction entre ce qui exprime les vrais sentiments des petites âmes.* »

Et aussi bien donc du sujet, ou le *réel discours* qui est celui dans lequel il s'exprime communément au cours de ses occupations, de ses relations avec les autres.

Que dans le texte même de SCHREBER la distinction soit littéralement tracée :

- entre *le discours inconscient* et *le discours commun*,
- entre *ce que le sujet exprime par tout son être* et ce que j'appelle « *du langage* ».

Et si nous pouvons un instant en douter, cette chose complètement superflue en apparence, par rapport aux autres éléments que nous donne SCHREBER, apparaît nous faire bien comprendre que Dieu n'a rien pigé. Ce dont il s'agit est, comme FREUD le dit quelque part, c'est qu'il y a plus de vérité psychologique dans le *délire* de SCHREBER

- c'est là-dessus que FREUD fait le pari - que dans tout ce que les psychologues peuvent dire à son propos, c'est-à-dire, il suffit de le lire pour s'en apercevoir :

- qu'il admet que l'expérience du psychotique est contre une réalité qu'il révèle et donne,
- que ce SCHREBER dit : qu'il en sait beaucoup plus sur les mécanismes et les sentiments humains que les psychologues, FREUD y souscrit.

Je dis : comme s'il fallait quelque chose de plus pour nous le confirmer à l'intérieur de cette *langue fondamentale*,

où Dieu reconnaît immédiatement ce qu'il prend pour « *le tout de l'homme* », car il ne comprend pas autre chose, il ne s'arrête pas à tous ses besoins quotidiens, il ne comprend rien à l'homme parce qu'il comprend trop bien. La preuve, c'est qu'il introduit dans cette *langue fondamentale* aussi bien ce qui se passe pendant que l'homme dort, c'est-à-dire ses rêves : bel et bien, il le pointe exactement comme s'il avait lu FREUD et comme s'il était introduit à la perspective analytique.

À ceci, et dès le début, s'oppose un côté du signifiant qui nous est donné pour ses qualités propres, sa densité propre, non par sa signification, mais sa signifiance, nous avons le *signifiant vide*, nous avons le *signifiant* également retenu, pour ses *qualités purement formelles* en tant qu'elles servent à en faire des séries, des similarités, par exemple : le *Jesum Christum*.

Bref, le *langage des vestibules du ciel*, ou autrement dit : *des oiseaux du ciel*, de celles que nous avons reconnues comme *des jeunes filles*, auxquelles SCHREBER accordait le privilège du *discours sans signification*.

C'est *entre ces deux pôles* que se situe, si l'on peut dire, le registre dans lequel va se jouer, dans tout son développement, l'entrée dans la psychose : l'univers du *mot révélateur*, je veux dire du mot en tant qu'il ouvre une dimension nouvelle, qui donne ce sentiment de compréhension ineffable, qui d'ailleurs ne recouvre rien qui soit jusque là expérimenté.

C'est quelque chose de nouveau qui est offert, et qui dans l'autre se présente comme *l'univers de la rengaine et du refrain*.

Cette bipartition et ce quelque chose à l'intérieur de quoi va se faire à mesure que le sujet progresse

dans la reconstruction de ce monde qui a tout entier sombré dans la confusion avec ce que j'appelle « *le coup de cloche* » d'entrée dans la psychose, à mesure qu'il reconstruit son monde, nous le suivons pas à pas, il le reconstruit dans une attitude de consentement progressif, ambigu, réticent, « *reluctant* », comme on dit en anglais.

Il admet peu à peu qu'il est concevable après tout, qu'on peut admettre que ce soit la seule façon d'en sortir, qu'il faille bien qu'il conçoive que d'une certaine façon il est femme, et que si c'est là le seul mode dans lequel il puisse sauver une certaine stabilité dans ses rapports extraordinairement d'intrusion, envahissants, désirants, qui sont ceux qu'il éprouve avec toutes les entités multiples qui sont pour lui les supports de ce langage déchaîné, de vacarme intérieur, qu'après tout il admet : « *Ne vaut-il pas mieux être une femme d'esprit qu'un homme crétinisé ?* »

Et il admet qu'il peut accepter d'être transformé en femme et sentir son corps progressivement envahi par ces images auxquelles il donne lui-même - il le dit et l'écrit - auxquelles il ouvre la porte par ce *dessin imaginaire qu'il donne désormais lui-même à son propre corps*, il explique fort bien comment il fait, il laisse entrer les images d'identification féminine, il les laisse prendre, s'en laisse posséder, et il tient comme un premier remodelage. Il y a quelque part, dans une note, la notion de laisser entrer en lui les images.

Et c'est à partir de ce moment-là - les dates sont là car il y a des crises - qu'il peut, certainement d'une façon énigmatique, qu'il doit reconnaître, admettre d'autre part que dans le monde il ne semble pas qu'il y ait à l'extérieur quelque chose au moins apparemment de tellement changé, depuis des mois que dure la crise, qu'est ouverte la question, en d'autres termes un certain sentiment sans aucun doute problématique, énigmatique, de la réalité.

Je vous signale ce point sur lequel je reviendrai, pour vous indiquer que ce qui est important à notre point de vue, je veux dire dans ce champ particulier que nous essayons ici d'éclairer pour autant qu'il n'a pas été éclairé jusqu'ici, que se produit ce que j'appelle « *la migration du sens* », à savoir que ce n'est pas dans les [...]

D'abord se produisent les manifestations « *pleines* » de la parole, récompensant, comblant, satisfaisantes pour lui qu'elles restent, à mesure que son monde se reconstruit dans *le plan imaginaire*. Sur *le plan réel*, le sens symbolique de parole, qui est le support, se dérobe, se recule à d'autres places. D'abord cela se produit - il le dit - dans ce qu'il appelle « *les royaumes de Dieu antérieur* », ce qui est la même chose que les royaumes de Dieu qui sont en avant, devant.

Puis avec l'idée de recul, distance, *Entfernung*, *éloignement*, ce qui correspond aux premières grandes intuitions significantes, se dérobe toujours plus, car à mesure qu'il reconstruit son monde, ce qui est près de lui...
ce par quoi il est compris, ce à quoi il a affaire, c'est à dire le Dieu antérieur avec lequel il a cette singulière relation, en effet, sorte d'image de la copulation : le premier *rêve d'invasion* de la psychose...ce qui est tout près rentre dans l'univers du *serinage* et de la *rengaine* et du *sens du vide* et de l'objectivation et de ce qu'il appelle *la conception des âmes*.

Dans une espèce même de perpétuelle mise en vibration de l'introspection, mais d'une introspection construite, élaborée, qui lui fait à tout instant répondre à ses propres pensées en les connotant avec cette espèce de curieux et constant accompagnement de ce qu'il appelle « *la prise des notes* », qui à chaque instant connote et situe tous ses mécanismes psychologiques en les individualisant, en les authentifiant, en les entérinant, en les enregistrant.

C'est ce phénomène de déplacement, si on peut dire, de la relation du sujet à la parole qui est le point sur lequel je voudrais la prochaine fois, attirer votre attention pour mettre en valeur, en relief, par des exemples précis la distinction qui existe dans le phénomène lui-même parlé et hallucinatoire entre tel type de relation à *l'autre* et tel autre, et montrer que la relation au *grand Autre* est là toujours présente, et toujours voilée dans ce qui reste vivant des phénomènes parlés hallucinatoires chez lui.

Je veux dire dans ceux qui ont pour lui un sens qui reste toujours dans le registre de l'interpellation, de l'ironie, du défi, de l'allusion, bref ce qui fait toujours allusion à *l'Autre* avec un grand A, comme à quelque chose qui est

à la fois là, mais jamais vu, jamais nommé, si ce n'est d'une façon indirecte. C'est là le phénomène qui paraît absolument essentiel à mettre en valeur. Vous verrez qu'il nous mènera à *des remarques linguistiques*, que je crois qu'on ne peut le saisir, le comprendre, que par une analyse philologique de ce phénomène, à savoir par quelque chose qui est toujours à la portée de votre main, et pourtant que vous ne saisissez jamais.

Je ne fais allusion, par exemple, qu'à ceci : aux deux modes différents et tout à fait distincts de l'usage des pronoms personnels, celui qui est tout à fait différent. Il y a des pronoms personnels qui se déclinent : « *je, me, tu, te, il ou l'* », car tout ce registre du pronom personnel est susceptible d'être élide.

Il y a certaine façon de l'employer qui est le « *moi* », le « *toi* », le « *lui* », qui ne se déclinent pas. Vous voyez la différence : « *je le veux* », ou « *je veux lui* » ou « *je veux elle* », ce n'est pas la même chose.

Nous en resterons là pour aujourd'hui.

Je vous ai indiqué en présence de quelle sorte de problème nous sommes. Pour être tout à fait précis : de savoir pourquoi, dans les phénomènes dits *hallucinatoires*, que rassemble SCHREBER...

ceux dans lesquels à la fois s'expriment le trouble, un manque, et aussi, dans la perspective qui est la nôtre, proprement analytique, un effort de guérison, une restitution d'un monde comme psychotique ...pourquoi nous avons certaines *formes* dont j'ai indiqué la dernière fois en terminant que nous ne pouvions vraiment les saisir qu'à nous référer à quelque chose :

- qui soit des dimensions du discours,
- qui soit de ne pas méconnaître en quoi consiste cet acte privilégié qu'est l'acte de *la parole*,

...à ne pas - pour tout dire - nous contenter de cette simple référence.

Le sujet entend-il avec son oreille quelque chose qui existe ou qui n'existe pas ?

Il est bien évident que ça n'existe pas et que par conséquent c'est de l'ordre de l'*hallucination*, d'une perception fausse.

Est-ce que ceci doit nous suffire ? Est-ce que nous devons avoir à ce propos, cette sorte de conception massive de la réalité qui en somme n'aboutit qu'à une sorte d'explication mystérieuse, que dans le trou provoqué à la suite

de ce que les analystes appellent le « *refus de percevoir* » dans la réalité, ce qui devrait surgir, *une tendance, une pulsion*,

à ce moment repoussée, rejetée par le sujet, pourquoi dans ce trou apparaîtrait-il quelque chose d'aussi complexe, d'aussi architecturé, d'aussi riche que la parole ? Certainement, il y a déjà un progrès par rapport à la conception classique de la parole qui laisse le phénomène entièrement mystérieux. Il nous semble que nous pouvons aller

plus loin et que pour dire, le phénomène de la psychose nous permet de restaurer le juste rapport qui est de plus en plus méconnu dans l'ensemble du travail analytique.

Le ressort tient tout entier dans le rapport du *signifiant* et du *signifié*.

Je rappelle quelques uns de ces phénomènes, dans le cas de *la psychose*, dans le cas du président SCHREBER. Je dis qu'il y a à un moment ce qu'on peut appeler à la fin de la période de grande perturbation, de grande dissolution de son monde extérieur, juste à la fin de cette période, et je dirai : s'enracinant dans cette période, nous voyons apparaître une certaine structuration de ces rapports avec ce qui est pour lui significatif.

Et cette structuration se présente en gros comme ceci : il y a toujours à toutes les époques, toutes les périodes de son expérience délirante, telle qu'il nous la rapporte de façon si saisissante dans cet ouvrage sans aucun doute unique dans les annales de la psychopathologie, il y a toujours en gros deux plans.

Ces deux plans se retrouvent indéfiniment subdivisés à l'intérieur de chacun d'eux. Mais l'effort même qu'il fait pour construire dans son monde délirant, pour toujours situer dans un rapport qui est un rapport d'abord antérieur, et puis un rapport qui est au-delà de celui-là, quelque chose qui lui est évidemment imposé par son expérience,

nous guide sur quelque chose qui est véritablement foncier dans sa structure, et que je vous ai fait quelquefois dans la clinique toucher d'une façon très immédiate à propos des aveux, confidences du style de cet homme, l'interrogatoire du sujet délirant.

Dans un premier plan, c'est là que se produit quelque chose qui est une sorte de *glissement au cours de l'évolution*

de la psychose. Nous voyons surtout des phénomènes qui sont considérés par le sujet comme neutralisés, comme régressant dans quelque chose qui signifie de moins en moins en face de lui un autre véritable.

Ce sont *des paroles* - dit-il très fréquemment - apprises par cœur, qu'on a *serinées* à ceux qui les lui répètent. Au reste ceux qui sont censés les lui répéter sont eux-mêmes des êtres qui ne savent pas ce qu'ils disent :

des « *oiseaux du ciel* » - encore que le terme « *oiseau* » nous conduise au perroquet - ils ne jouent là qu'un rôle transmetteur de quelque chose de vide, de lassant pour le sujet, quelque chose qui l'épuise, qui n'est pas simplement

à la limite de la signification, comme nous le verrons quand ces phénomènes sont d'abord naissants, mais qui en est plutôt contraire, *le résidu, le déchet, un corps vide*, et qui dans une autre forme se présente comme quelque chose aussi d'interrompu, qui s'arrête pour suggérer une suite, c'est-à-dire ce que comporte une phrase ou une trame signifiante en tant que telle, c'est-à-dire que l'unité au niveau du signifiant, l'unité pleine dans la phrase, fût-elle d'un mot,

on ne peut dire que la phrase soit, même d'une façon signifiante, possible dans chacun de ses éléments repérée, sinon quand elle est achevée.

Ceci peut nous paraître aller un peu plus loin, un peu vite. Je vais tâcher aujourd'hui de vous en illustrer le sens par des exemples, parce que je crois que c'est là une chose très très importante. Dans ces *phrases arrêtées*, ces *phrases suspendues*, en général suspendues au moment où *le mot plein* de la phrase, qui lui donne son sens, *manque encore*,

où il est impliqué. C'est dans le commentaire du sujet que nous trouvons que la phrase veut dire cela, ce que le sujet entend qui donne à la phrase tout son poids, son sens.

Les exemples ne manquent pas, je vous en ai déjà révélé plus d'un. Par exemple : « *Parlez-vous encore... ?* », et la phrase s'arrête. Et ça veut dire : *parlez-vous encore des langues étrangères ?* Et ceci est toute une signification.

Ce qu'on appelle la conception des âmes c'est tout ce dialogue beaucoup plus plein que les âmes échangent avec lui sur son propre sujet, nous faisant détecter des différents types de pensées :

- les pensées dessous,
- et les pensées de désir,

toute une psychologie qui est celle qui s'échange à un niveau plus reculé, si on peut dire, avec quelque chose avec quoi il parle.

Quelque chose qui s'est d'abord manifesté par ses modes d'expression au sens plein, voire ineffable, mais eux très chargés, savoureux, qui a été ce qu'il semble avoir rencontré d'une façon assez proche au début de son délire, et qui de plus en plus s'éloigne, devient énigmatique, se situe, passe dans les plans en arrière, le Dieu ou les royaumes de Dieu d'au-delà, postérieurs, au niveau desquels se produisent ces surprenantes hallucinations, qui ne peuvent pas manquer de provoquer notre intérêt, notre arrêt, et qui est celle où dans la période plus avancée du délire, au moment où se sont multipliées les voix proches qui l'importunent, les voix qui l'énoncent, qui le connotent, qui l'interrogent mais d'une façon toujours absurde, on peut dire qu'en arrière de ces voix d'autres voix sont là qui s'expriment avec certaines formules saisissantes parmi lesquelles certaines que je vous ai déjà indiquées, d'autres que je vais vous donner aujourd'hui. Je vous en citerai une qui n'est pas des moins frappantes et que je vous ai déjà citée :

« *Et maintenant manque la pensée principale.* »

Ou encore la *Gesinnung* : *Gesinnung* peut vouloir dire conviction et foi. C'est dans le second sens que le sujet l'interprète quand il dit que :

« *La Gesinnung est quelque chose que nous devons à tout homme de bien, et aussi bien même au plus noir pêcheur, sous réserves des exigences de purification inhérentes à l'ordre de l'univers, que nous lui devons dans l'échange, dans cette sorte de référence qui est celle qui doit régler nos rapports avec les êtres humains.* »

[*Hin und wieder wurde auch und zwar in diesen Worten eingestanden : « Fehlt uns die Gesinnung », d. h. diejenige Gesinnung, die wir eigentlich jedem guten Menschen, ja selbst dem verworfensten Sünder gegenüber unter Vorbehalt der weltordnungsmäßigen Reinigungsmittel haben müßten.*]

C'est bien là de *la foi* qu'il s'agit, *bonne foi* minimum qu'implique le fait que nous reconnaissons l'existence de l'Autre.

Nous allons encore beaucoup plus loin à tel moment de ses hallucinations où nous avons l'expression vraiment très singulière :

« *Avec mon consentement quelque chose doit être.* »

Ce n'est pas « *la solution* ». Ce n'est pas quelque chose extrêmement *facile à traduire*. C'est un mot rare, c'est un mot, dirai-je, après consultation de personnes qui s'y entendent, j'en étais arrivé à la notion qu'il s'agit de rien d'autre que ce que j'appelle « *le mot de base* ». C'est vraiment « *la clé* ». C'est peut-être quelque chose qui se rapproche de « *la solution* », mais c'est bien plutôt « *la cheville dernière* », « *le mot de base* ».

C'est un terme qui a une connotation très *particulière*, une connotation technique dans l'art de la chasse. Ce serait quelque chose que les chasseurs appellent de ce nom allemand usité en français, *les fumets*, c'est-à-dire les traces du gros bétail.

Bref, si nous nous arrêtons à ces choses très brièvement, je vous indique dans ce qui me paraît être le relief essentiel, à savoir ce que j'ai appelé la dernière fois cette *migration du sens*, ou ce *recul du sens*, cette *dérobade du sens* sur un plan que le sujet est amené à situer comme arrière plan. D'autre part, cette opposition entre deux modes, deux styles, deux *portées* si on peut dire - j'emploie le mot « *portées* » parce qu'il est le plus proche d'un mot employé par les *linguistes* sous le nom de portée - ce pourrait être « *visées* » aussi, le style visé, *hallucinoire*, en tant qu'elles concernent le sujet :

- ce style d'autre part problématique, cette sorte de scansion, d'interruption qui joue sur la propriété du signifiant comme tel, et une espèce de forme implicite au texte d'interrogation dont le sujet subit en quelque sorte, au sens le plus plein du terme, jusques et y compris son sens de contrainte.

Et puis *cette sorte de sens qui, lui, a pour nature de se dérober*, voire de s'accuser comme quelque chose qui se dérobe, mais qui - lui - serait *ce sens extrêmement plein*, un sens de la limite, et comme en quelque sorte aspirant par sa fuite, sa dérobade et par la poursuite qui, si le sujet expérimente, qui donnerait le cœur, le centre, *une espèce d'ombilic de tout le phénomène délirant, ceci appréhendé comme tel*.

Vous savez que ce terme d'« *ombilic* » que j'emploie est employé par FREUD et tout spécialement pour désigner un certain point où *le sens du rêve* semble s'achever dans une sorte de trou, de nœud au-delà duquel c'est vraiment au *cœur de l'être* que se rattache le phénomène du rêve lui-même. FREUD l'a exprimé en ces termes.

Pour cette description phénoménologique - elle n'est rien de plus - tâchez d'en tirer quelque chose, le *maximum*. Quant à ce dont il s'agit ici, je le souligne :

- c'est de trouver un mécanisme : l'explication,
- c'est de trouver un mécanisme : c'est à proprement parler se livrer à un travail d'analyse scientifique simplement portant sur quelque chose dont les registres, dont les différents modes de manifestations ne nous sont pas, en tant que médecins, et en tant que praticiens, familiers.

Et je suis là pour vous dire que la condition de familiarité avec cela est absolument essentielle pour que nous ne laissions pas toute entière glisser d'un seul côté toute l'expérience analytique et que nous n'en perdions pas littéralement le sens. Cette relation phénoménale est absolument essentielle à conserver. Elle tient toute entière dans cette distinction cent fois soulignée du *signifiant* et du *signifié*. À mesure que je la fais apparaître, sans aucun doute vous devez bien finir par vous dire :

« *Mais en fin de compte, quand il nous parle de ce signifié et de ces significations, est-ce qu'il n'y a pas, toujours plus ou moins présent à l'intérieur, quelque chose qui est évidemment du signifiant ? Et toute l'expérience analytique ne nous montre-t-elle pas combien les significations qui sont celles qui orientent, polarisent l'expérience analytique, que ce signifiant est donné, et tout simplement par le corps propre ?*
Et inversement depuis quelque temps, est-ce que là quand nous parlons de signifiant, de ce signifiant dont tel élément peut en quelque sorte se trouver absent, ne fait-il pas là une sorte de tour de passe-passe dont il serait sensé avoir le secret,

en fait de nous mettre au sommet du signifiant quelque chose qui est la signification la plus pleine et par conséquent de faire toujours passer sous je ne sais quelle muscade d'un registre dans l'autre pour les besoins de sa démonstration. »

J'irai plus loin. J'accorderai qu'il y a en effet quelque chose qui est de cet ordre et qui est justement ce que je voudrais vous expliquer aujourd'hui. Car en fin de compte le problème est de vous faire sentir de la façon la plus vivante ce quelque chose dont tout de même vous devez avoir *l'intuition globale*, c'est que je vous ai montré certains phénomènes caractéristiques dans l'analyse de la pensée freudienne l'année dernière.

Par exemple, de tel ou tel phénomène de *la névrose* en l'illustrant par ces lettres [α , β , γ , δ] que certains ont retenues,

ou encore cette année, à propos de *la psychose*, que vous devez sentir qu'il importe pour que vous en fassiez un élément toujours présent dans mon expérience comme dans notre pratique, c'est que :

- s'il y a *des significations élémentaires*,
- s'il y a ce quelque chose que nous appelons « *le désir* », ou « *les états* », ou « *les sentiments* », ou « *l'affectivité* », sans aucun doute assez vague,

...ces *fluctuations*, ces *ombres*, voire ces *résonances*, c'est quelque chose à l'intérieur de quoi nous pouvons définir

une certaine dynamique et une certaine économie.

Nous ne pouvons pas ne pas tenir compte de tout ce qui arrive, tout ce qui est à portée de notre main comme phénomène de ceci : c'est que tout aussi important que cette dynamique propre...

à laquelle il manque tellement d'éléments pour que nous l'expliquions, souvent à laquelle nous sommes tellement forcés tout le temps d'introduire des espèces de présupposés, plus ou moins d'introduire en contrebande, quand nous nous mettons à expliquer les choses purement sur le plan de cette dynamique

...il y a *autre chose qui est* justement à proprement parler *ce plan du signifiant* :

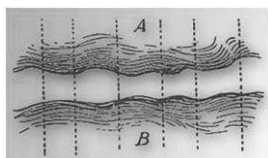
- en tant qu'il est structurant,
- en tant qu'il ne fait pas simplement que nous donner l'enveloppe, *un réceptif* de ce qui est en instance : *la signification*,
- en tant qu'à proprement parler il la polarise, il la structure, il l'installe dans l'existence.

Et que *sans cet ordre propre du signifiant* et une connaissance exacte de ses propriétés, quelque chose qui est simplement ce que nous commençons d'essayer ici d'articuler, de déchiffrer, *il est tout à fait impossible de comprendre quoi que ce soit*,

je ne dis pas à la psychologie, il suffit de définir la psychologie, de la limiter d'une certaine façon pour que ceci ne devienne plus vrai, mais certainement pas *à l'expérience psychanalytique*.

Cette opposition du signifiant et du signifié est, vous le savez, *à la base de la théorie linguistique de Ferdinand DE SAUSSURE*.

Elle a été exprimée quelque part dans l'un de ses chapitres explicatifs, dans le fameux *schéma des deux courbes*.



Il s'agit très précisément de ce dont je vous parle, à savoir du *signifiant* et du *signifié*, en ce sens que rien n'y est plus significatif même, que le flottement du vocabulaire saussurien. À ce niveau ici, il nous dit : « *nous avons la suite*

des pensées », il le dit sans la moindre conviction, puisque précisément tout son développement de sa théorie consiste à réduire ce terme de « *pensées* » et à l'amener au terme beaucoup plus précis de *signifié*, en tant qu'il est distingué du *signifiant* et de *la chose*.

Le seul fait qu'il insiste sur le côté « *masse amorphe* » de ce dont il s'agit, que nous pouvons appeler provisoirement la « *masse sentimentale* » de ce qui se passe dans le courant du discours, dans le confus qu'il y a exprimé,

où des unités apparaissent, des îlots, une image, un sentiment, un cri, un appel, mais quelque chose qui est fait d'*une suite*, d'*un continu*.

Et en dessous [Chez Saussure], *le signifiant* considéré comme pure chaîne du discours, comme succession de mots, et précisément en mettant au premier plan même dans *le signifiant*, que rien n'est isolable de cette chaîne. C'est ce que je voudrais vous montrer aujourd'hui par une expérience.

Hier soir, après une semaine où je cherchais dans des ouvrages comment faire sortir des références ce dont il s'agit, et qui est au premier plan pour nous : la différence éternelle du « *je* » et du « *moi* », j'ai cherché du côté *pronom personnel* si on ne pouvait pas vous imager dans la langue française...

- en quoi ce « *je* » et ce « *moi* » se distinguent et sont différents,
- en quoi justement *le sujet* peut perdre leur maîtrise, sinon perdre leur contact dans l'expérience de *la psychose*,

...un peu plus loin dans *la structure du terme* lui-même, car dès qu'on cherche *la notion de personne* et son fonctionnement, on va tout de suite au-delà, c'est-à-dire qu'on ne peut pas s'arrêter à cette incarnation pronominale, et c'est de la structure du terme comme tel qu'il s'agit.

Et c'est évidemment le terme qu'il faut aller chercher, au moins pour nos langues, ce dont il s'agit quand il s'agit de la personne du sujet. Tout ceci sans aucun doute assure les pas que je veux vous faire faire aujourd'hui. Je dirai qu'arrivé à hier soir, j'en avais une telle masse à cet égard de ma théorie, et étant donné les modes d'abord des linguistes dans des documents certains contradictoires, qui nécessiteraient tellement de plans pour vous montrer ce que ça veut dire, pourquoi tel auteur s'en est occupé... Bref, hier soir, reproduisant sur un papier cette double chaîne, ce double filet de la chaîne de discours prise dans son caractère purement verbal et notable de l'autre, en effet, c'est quelque chose dont nous avons bien le sentiment que c'est toujours fluide, toujours prêt à se défaire.

Nous savons, nous comme analystes plus que quiconque, ce qu'est cette expérience, ce qu'elle a d'insaisissable, combien lui-même peut hésiter avant de s'y lancer, est toujours prêt à y revenir, combien nous sentons qu'il y a là

à la fois quelque chose d'irréductible et en même temps qui nous donne le plus authentiquement d'artifices pour essayer de vous dire ce que je crois qui nous permet de faire un pas en avant dans notre expérience, pour compléter ce que c'est, mais pour lui donner *un sens* vraiment utilisable.

Vous le savez, De SAUSSURE essaie de définir les segments et leur longueur dans lesquels peut en quelque façon se saisir une correspondance entre ces deux « *flots* ». Le seul fait que son expérience reste ouverte, c'est-à-dire laisse problématique la locution, la phrase entière, nous montre bien à la fois, et le sens de la méthode, et ses limites.

Eh bien, je reprends quelque chose et je me dis ceci : sur quoi allons nous partir pour prendre une expérience ? Je cherche une phrase, et un peu à la manière d'un personnage qui recréait la démarche poétique, et qui n'ayant rien à dire, rien à écrire, se promenait de long en large en commençant par dire « *To be or not to be* », et il restait là longtemps suspendu, jusqu'à ce qu'il trouve la suite en reprenant le début de la phrase : « *To be or not to be* ».

Je commence donc par un « *Oui* », et comme je ne suis pas anglophone mais de langue française, ce qui me vient après c'est : « *Oui, je viens dans son temple adorer l'Éternel* » Ce qui veut dire que *le signifiant* n'est pas isolable.

C'est très facile à toucher du doigt tout de suite. Si vous arrêtez cela à « *oui, je* », pourquoi pas ?

Si vous aviez une oreille véritablement semblable à une machine, à chaque instant le déroulement de la phrase suivrait un sens, et « *oui, je* » a un sens.

C'est même probablement de cela qu'il s'agit dans la portée de ce texte. Tout le monde se demande pourquoi le rideau se lève sur ce « *oui, je viens...* ». On dit : c'est la conversation qui continue. C'est d'abord parce que *ça fait sens* !

Et je dirai que - sans vouloir empiéter sur ce que nous allons voir, c'est-à-dire l'autre côté de la question - ce « *oui* » inaugural a bel et bien *un sens*, qui est justement lié à cette espèce d'ambiguïté qui reste dans le mot « *oui* » en français.

Vous savez très bien qu'il ne suffit pas de raconter l'histoire de la femme du monde pour nous apercevoir que « *oui* » veut quelquefois dire « *non* », et que quelquefois « *non* » veut dire « *peut-être* ». Le « *oui* » en français apparaît tard, après le « *si* », après le « *da* » que nous retrouvons gentiment dans notre époque sous le mot « *dac* ». Le « *oui* » est quelque chose de bien particulier, et du fait qu'il vient de quelque chose qui veut dire « *comme c'est bien ça* », le « *oui* » est en général *confirmation*, pour le moins une *concession*, le plus souvent un « *oui, mais* » est bien dans le style.

Si vous n'oubliez pas quel est le personnage qui se présente là en se poussant lui-même un tout petit peu, c'est le nommé ABNER : « *oui...* » est bien, là, au début, « *...je viens dans son temple...* ». Il est clair qu'une phrase n'existe qu'achevée, car son anticipé, par lequel nous allons enfin savoir après coup, nécessite à tout prix que nous soyons arrivés tout à fait jusqu'au bout, c'est-à-dire du côté de ce fameux « *Éternel* » qui est là, Dieu sait pourquoi, mais à vrai dire si vous vous souvenez de quoi il s'agit, à savoir un officier de la reine, de la nommée ATHALIE²⁶ qui donne son titre à la petite histoire, et qui domine assez tout ce qui se passe pour en être le personnage effectivement principal, le fait qu'un personnage commence par dire : « *Oui, je viens dans son temple...* », on ne sait pas du tout où ça va aller, et ça peut aussi bien se terminer par n'importe quoi : « *...je viens dans son temple arrêter le grand Prêtre...* », par exemple.

Il faut vraiment que ce soit terminé pour qu'on sache de quoi il s'agit. Nous sommes dans *l'ordre des signifiants*. J'espère vous avoir fait sentir ce que c'est que *la continuité du signifiant*, à savoir que dans *une unité signifiante*, se prend au bout *une certaine boucle* bouclée qui situe les différents éléments du signifiant.

C'était là-dessus que je m'étais un instant arrêté, et à vrai dire tout ce que je viens de vous raconter ne me paraît signifier grand-chose, cette petite amorce a un intérêt beaucoup plus grand, c'est qu'elle m'a fait apercevoir que la scène toute entière est une très jolie occasion de vous faire sentir d'une façon beaucoup plus efficace et beaucoup plus pleine, là où toujours en fin de compte les psychologues s'arrêtent, parce que bien entendu leur fonction étant de comprendre quelque chose à laquelle ils ne comprennent rien, et que les linguistes s'arrêtent parce que, ayant une méthode merveilleuse entre les mains, ils n'osent pas la pousser jusqu'au bout. Nous allons essayer, nous, de passer entre les deux, et d'aller un peu plus loin.

JOAD, le grand prêtre, est en train de mijoter le petit complot qui va aboutir à la montée sur le trône de son fils adoptif qu'il a dérobé au massacre à l'âge de deux mois et demi, et élevé dans une profonde retraite, il écoute ABNER. Évidemment, vous supposez dans quels sentiments il écoute cette déclaration :

« *Oui, je viens dans son temple adorer l'Éternel* ».

Et le vieux peut bien se dire en écho : « *Qu'est-ce qu'il vient faire ?* ». Et en effet, le thème continue :

« *Oui, je viens dans son temple adorer l'Éternel.
Je viens, selon l'usage antique et solennel,
Célébrer avec vous la fameuse journée,
où sur le Mont Sinaï la loi nous fut donnée.* »

Bref, on en cause. Et après que *l'Éternel* ait été laissé là un peu en plan - on n'en parlera plus jamais, jusqu'à la fin de la pièce - on évoque des souvenirs, c'était le bon temps :

« *Le Peuple Saint en foule inondait les portiques.* »

Enfin les choses ont bien changé :

« *...d'adorateurs zélés à peine un petit nombre* »

²⁶ Jean Racine : *Athalie*, in *Théâtre complet*.

Là nous commençons à voir le bout, « *un petit nombre d'adorateurs* ». Nous commençons à comprendre de quoi il retourne. C'est un type qui pense que c'est le moment de rejoindre la Résistance. Alors là, nous sommes sur le plan de *la signification*. C'est-à-dire que pendant que *le signifiant* poursuit son petit chemin, « *adorateurs zélés* » indique ce dont il s'agit.

Et bien entendu, l'oreille du grand prêtre n'est pas - nous l'imaginons bien - sans recueillir ce zèle au passage...
zèle vient du grec et veut dire quelque chose comme *émulation, rivalité, imitation* [du grec ζήλος « *jalousie, ferveur* »]
...parce qu'on ne gagne à ce jeu évidemment qu'à faire ce qu'il convient, à se mettre *au semblant des autres*.
Bref, *la pointe* apparaît à la fin du premier discours, à savoir que :

*« Je tremble qu'Athalie, à ne vous rien cacher,
Vous-même de l'autel vous faisant arracher,
N'achève enfin sur vous ses vengeances funestes, etc. »*

Là, nous voyons surgir un mot qui a beaucoup d'importance, « *tremble* » - c'est le même mot étymologiquement que « *craindre* », et nous allons voir la crainte apparaître. Il est certain qu'il y a là quelque chose qui montre la pointe significative du discours, c'est-à-dire apporter une indication qui a double sens. Si nous nous plaçons au niveau du registre supérieur, à savoir ce dont il s'agit dans ce que SAUSSURE appelle « *la masse amorphe des pensées* » :
ce n'est pas simplement une masse amorphe parce qu'il faut que l'autre la devine, elle est en soi une masse amorphe. Nous allons le voir dans la suite. ABNER est là, zélé sans aucun doute, mais d'un autre côté quand tout à l'heure le grand prêtre va le prendre un peu à la gorge et va lui dire :

*« Pas tant d'histoires, de quoi retourne-t-il ?
À quoi convient-il qu'on reconnaisse ceux qui sont vraiment autre chose que des zélés ? »*

ABNER va bien montrer combien après tout les choses sont embarrassantes : depuis cette chute très grande de celle qui s'est manifestée, Dieu n'a pas donné beaucoup de preuves de sa puissance, par contre celle d'ATHALIE et des siens s'est manifestée, jusqu'alors toujours triomphante.

De sorte que lorsqu'il aborde cette sorte de nouvelle menace, nous ne savons pas très bien où il veut en venir. C'est à double tranchant : c'est aussi bien un avertissement, un bon conseil, un conseil de prudence, voire un conseil de ce qu'on appelle sagesse. L'autre a des réponses beaucoup plus brèves. Il a beaucoup de raisons pour cela,
et principalement il est le plus fort, lui a *l'atout maître* si on peut dire :

« D'où vous vient aujourd'hui - répond-il simplement - ce noir pressentiment ? »

Et le signifiant colle parfaitement avec le signifié. Mais vous pouvez voir qu'il ne livre strictement rien de ce que le personnage a à dire. Là-dessus nouveau développement d'ABNER qui commence, ma foi, à entrer un peu plus dans le jeu significatif, mélange de pommade : « *Pensez-vous être Saint et Juste impunément* », et de cafardage qui consiste à nous raconter qu'il y a un certain MATHAN qui, lui, est de toute façon indomitable s'il ne s'avance pas très loin dans la dénonciation de la superbe ATHALIE, qui reste quand même sa reine. Il y a là un bouc émissaire qui se trouve très bien à sa place pour continuer l'*amorçage* si on peut dire.

On ne sait toujours pas à quoi on veut en venir, si ce n'est :

*« Croyez-moi, plus j'y pense, et moins je puis en douter,
Que sur vous son courroux ne soit prêt d'éclater. »*

*« Je l'observais hier - nous voilà sur le plan de l'officier de renseignement - et je voyais ses yeux
lancer sur le Lieu Saint des regards furieux... »*

Je voudrais vous faire remarquer qu'après tout ces bons procédés qu'ABNER donne en gage au cours de cette scène, si nous restons sur le plan de la signification, à la fin de la scène, il ne se sera, si l'on peut dire, rien passé. Tout peut se résumer, si nous restons sur le plan de la signification, en ceci : quelques amorces. Chacun en sait un petit peu plus long que ce qu'il est prêt à affirmer.

L'un en sait évidemment beaucoup plus long, c'est JOAD, et il ne donne qu'une allusion, pas plus, pour aller à la rencontre de ce que l'autre prétend savoir : qu'il y a anguille sous roche, autrement dit un ELIACIN dans le sanctuaire. Il sait en effet ce quelque chose qui est de l'ordre d'une communication. Mais puisque vous avez les témoignages tout à fait vifs et même saisissants de la façon véritablement précipitée dont le nommé ABNER saute sur l'allusion, je dirais presque l'appel, incitant sa fureur :

« Ah ! si dans sa fureur elle s'était trompée », dit-il plus tard,

c'est-à-dire : « *Avait-elle loupé une partie de massacre ?* », c'est-à-dire : « *S'il restait quelqu'un de cette fameuse famille de David ?* ».

Cette offre montre déjà assez que si ABNER vient là, c'est attiré par la chair fraîche. Il n'en sait en fin de compte ni plus ni moins à la fin du dialogue qu'au début, et cette première scène pourrait, pour se révéler avec sa plénitude significative et sa totale efficacité, se résumer à ceci : « *Je viens à la Fête-Dieu* ».

« Très bien - dit l'autre - passez, rentrez dans la procession et ne parlez pas dans les rangs. »

Ce n'est pas cela du tout, à une seule condition, c'est que vous vous aperceviez du rôle du *signifiant*. Si vous vous apercevez du rôle du *signifiant*, vous verrez ceci, c'est qu'il y a un certain nombre de mots essentiels, de mots-clés, qui sont sous-jacents au discours des personnages et qui se recouvrent en partie. Il y a le mot « *trembler* », le mot « *crainte* », le mot « *extermination* ». Les mots « *trembler* » et « *crainte* » sont employés d'abord par ABNER. Il nous a menés jusqu'au point que je viens de vous indiquer, c'est-à-dire au moment où JOAD prend à proprement dit la parole. Il prend la parole et voici les premiers vers :

« *Celui qui met un frein à la fureur des flots
Sait aussi des méchants arrêter les complots.
Soumis avec respect à sa volonté sainte,
Je crains Dieu, cher Abner, et n'ai point d'autre crainte.* »

Il continue et engage des choses sur ceci :

« *Je crains Dieu, dites-vous* - lui renvoie-t-il, alors qu'il n'a jamais dit cela ABNER - *sa vérité me touche, Voici comment ce Dieu vous répond par ma bouche :* »

Et nous voyons paraître ici le mot que je vous ai signalé au début, le mot « *zèle* » :

« *Du zèle de ma loi que sert de vous parer ?
Par de stériles vœux pensez-vous m'honorer ?
Quel fruit me revient-il de tous vos sacrifices ?
[...]
Du milieu de mon peuple exterminiez les crimes,*

Reprise du thème « *extermination* ».

« *Et vous viendrez alors m'immoler vos victimes.* »

Les victimes dont il s'agit, il ne faudrait pas croire que ce sont d'innocentes victimes sous des formes plus ou moins fixes dans des lieux appropriés. Quand ABNER fait remarquer que :

« *L'arche sainte est muette, et ne rend plus d'oracles.* »

On lui rétorque vivement que :

« *...toujours les plus grandes merveilles*

*Sans ébranler ton cœur frapperont tes oreilles ?
Faut-il, Abner, faut-il vous rappeler le cours
Des prodiges fameux accomplis en nos jours ?
[...]
L'impie Achab détruit, et de son sang trempé
Le champ que par le meurtre il avait usurpé ;
Près de ce champ fatal Jézabel immolée,
Sous les pieds des chevaux cette reine foulée,
Dans son sang inhumain les chiens désaltérés,
Et de son corps hideux les membres déchirés ; ».*

Nous savons donc de quelle sorte de victime il va s'agir. Donc ce qu'il vient de nous dire deux vers auparavant, est annoncé au moment où on dit que *Dieu n'est pas là*, n'intervient pas, nous avons la phrase :

*« Faut-il, Abner, faut-il vous rappeler le cours
Des prodiges fameux accomplis en nos jours ? »*

Voici les deux vers que j'ai sautés tout à l'heure :

*« Des tyrans d'Israël les célèbres disgrâces,
Et Dieu trouvé fidèle en toutes ses menaces ; »*

Bref, quel est le rôle de ce que j'appelle la fonction du signifiant ? C'est très précisément la distinction qui existe entre la peur, avec ce qu'elle a de particulièrement ambivalent et flottant, à savoir que, comme nous autres analystes ne l'ignorons pas, c'est aussi bien quelque chose qui vous pousse en avant et quelque chose qui vous tire en arrière, c'est quelque chose qui fait de vous essentiellement *un être double* et qui quand vous l'exprimez devant un personnage avec qui vous voulez jouer à avoir peur ensemble, vous met à chaque instant dans la posture de quelqu'un qui est lui, qui est vous.

Mais en face de cela, il y a quelque chose qui est synonyme et qui s'appelle *la crainte de Dieu*. C'est de cela que JOAD parle au moment très précis où on avertit JOAD d'un danger, JOAD sort de sa poche le signifiant qui, lui, est plutôt rigide, et lui explique ce que c'est que *la crainte de Dieu*.

La crainte de Dieu, je voudrais vous faire remarquer que ce terme *culturel*, absolument essentiel dans une certaine ligne de pensée religieuse dont vous auriez tort de croire que c'est simplement la ligne générale. *La crainte de Dieu*

ou *La crainte des Dieux* dont LUCRÈCE veut libérer ses petits camarades, c'est tout à fait autre chose.

C'est quelque chose d'infiniment plus multiforme, plus confus, plus panique, que cette *crainte de Dieu* sur laquelle

une tradition qui remonte à SALOMON, est fondée, comme le principe et le commencement d'une sagesse, et qui plus est, bien plus que toute une tradition qui est très précisément la nôtre.

Mais au fondement même de l'amour de Dieu, *la crainte de Dieu*, c'est *un signifiant* qui ne traîne pas partout. Il a fallu quelqu'un pour inventer cela, proposer aux hommes, comme remède à un monde fait de terreurs multiples, la crainte d'un être qui ne peut après tout pas exercer ses sévices d'une autre façon, très précisément que ceux qui sont là, multiplement présents dans la vie humaine, c'est-à-dire remplacer les innombrables craintes par « *la crainte* », qui n'a dans le fond, aucun autre moyen de manifester sa puissance précisément que ce qui est craint derrière ces innombrables craintes.

Vous me direz : « *Voilà bien une idée de curé !* » Eh bien, vous avez tort ! Les curés n'ont absolument rien inventé

dans ce genre. Pour inventer une chose pareille il faut être poète ou prophète. Autrement dit c'est précisément dans la mesure où ce JOAD l'est un peu, au moins par la grâce de RACINE, qu'il peut user de la façon dont il use,

de l'introduction, si je puis dire, de ce signifiant majeur et primordial.

Je n'ai pas pu vous indiquer l'histoire culturelle de ce signifiant, mais :

- qu'il faille le situer et qu'il ne soit à proprement parler situé dans cette histoire,
- que ce soit quelque chose qui soit absolument inséparable d'une certaine structuration

- qui est celle-là et pas n'importe laquelle,
- qu'en soi-même, je vous l'ai suffisamment indiqué, ce soit le signifiant qui domine la chose, car pour ce qui est des significations, elles ont complètement changé.

Cette fameuse *crainte de Dieu* et ce qui en fait précisément le tour de passe-passe, c'est qu'elle transforme d'une minute à l'autre toutes les craintes en un parfait courage, toutes les craintes - « *Je n'ai point d'autre crainte...* » - sont échangées contre ce quelque chose qui s'appelle *la crainte de Dieu*, et qui est exactement le contraire d'une crainte, si contraignant que ce soit. Et à la fin de la scène ce qui s'est passé, c'est très exactement ceci, c'est que *la crainte de Dieu*, avec l'aspect que nous venons de dire, le nommé JOAD l'a passée à l'autre, et comme il faut, par le bon côté et sans douleur.

Et ABNER s'en va, tout à fait solide, avec ce mot qui fait écho à ce Dieu « *fidèle en toutes ses menaces* ». Il ne s'agit plus de zèle. À ce moment là il va se joindre à la troupe fidèle. Bref, il est devenu lui-même à partir de ce moment-là, le support, le sujet enfilé sur très précisément *l'amorce*, ou *l'hameçon*, où va venir se crocher la Reine, car toute la pièce à ce moment-là est déjà jouée, est finie, c'est dans toute la mesure où ABNER ne dira pas un mot des dangers véritables que court la Reine, que la Reine va se prendre à ce crochet, à cet hameçon que désormais il représente.

L'important là-dedans c'est ceci : que de par la vertu du signifiant, c'est-à-dire de ce mot « *crainte* », dont si vous voulez l'efficace a été de transformer le zèle du début dans la fidélité de la fin, mais par une transmutation qui est

à proprement parler de l'ordre du signifiant comme tel, c'est-à-dire de quelque chose qu'aucune accumulation, qu'aucune superposition, aucune somme de significations prise dans leur ensemble ne peut suffire à se justifier, c'est dans cette transmutation de la situation par l'intervention du signifiant comme tel que réside le progrès de ce dialogue qui fait passer un personnage du zèle avec tout ce mot comporte ici d'ambigu, voire de douteux, voire de toujours prêt à tous les retournements, cette scène serait, autrement dit, une scène de « *deuxième bureau* »²⁷ s'il n'y avait pas cet usage du signifiant par le Grand prêtre, ce que j'appelle *la fonction du signifiant* dans un discours quelconque,

qu'il s'agisse d'un texte sacré, d'un roman, d'un drame, d'un monologue ou de n'importe quelle conversation, est quelque chose que vous me permettez de représenter par une sorte d'artifice, de comparaison spatialisante. Mais nous n'avons aucune raison de nous en priver par ce quelque chose qui est le véritable point central autour de quoi doit s'exercer toute analyse concrète du discours. Je l'appellerai un « *point de capiton* », et cette sorte d'*aiguille*

de matelassier qui est entrée au moment : « *Dieu fidèle dans toutes ses menaces...* », qui ressort, et le gars dit « *Je vais me joindre à la troupe fidèle...* », c'est là le point de passage où nous est indiqué ce qui, si nous analysions

cette scène comme on pourrait l'analyser, comme une partition musicale, c'est le point où vient se nouer :

- ce qui est de l'ordre de « *cette masse amorphe* » et toujours flottante *des significations* de ce qui se passe réellement entre ces deux personnages,
- et *ce quelque chose* qui le relie à ce texte purement admirable qui fait qu'au lieu que ce soit une pièce de boulevard, c'est très précisément une tragédie racinienne.

Et le mot « *crainte* » est ce signifiant, avec toutes ses connotations trans-significatives, qui est *le quelque chose* autour

de quoi tout s'irradie, tout s'organise, à la façon si vous voulez de toutes ces petites lignes de forces qui sont formées à la surface d'une trame par le « *point de capiton* » : ce sont là les points de convergence qui permettent de situer

à la fois rétroactivement et prospectivement tout ce qui se passe dans ce sens dans ce discours.

Eh bien, cette notion, cette idée, ce schéma, cette image du « *point de capiton* », c'est de cela qu'il s'agit quand il s'agit

de l'expérience humaine, et à proprement parler de minimum de schéma de l'expérience humaine que FREUD nous a donnée dans le *complexe d'Édipe*, qui garde pour nous sa valeur complètement irréductible, et est malgré tout on peut dire « *énigmatique* » pour tous ceux qui s'en sont approchés.

²⁷ « *Deuxième bureau* » : ancienne dénomination usuelle des services de renseignement militaire français.

Pourquoi, après tout, cette valeur absolument privilégiée autour du *complexe d'Œdipe* ?
Pourquoi ce fait que FREUD veut toujours, avec tellement d'insistance, retrouver ?
Pourquoi est-ce là pour lui ce nœud qui lui paraît le nœud essentiel de tout le progrès de sa pensée, au point qu'il ne peut l'abandonner, même pas dans la moindre observation particulière, si ce n'est parce que la notion de « *Père* », qui est très voisine de la notion de « *crainte de Dieu* », est quelque chose qui lui donne l'élément essentiel le plus sensible dans l'expérience de ce que j'ai appelé « *point de capiton* » entre *le signifiant* et *le signifié*.

Ceci dit, qu'est-ce que tout ceci implique ? J'ai peut-être mis longtemps pour vous expliquer cela, je crois néanmoins que cela fait image et que c'est un point tout à fait essentiel pour vous faire saisir, pour faire comprendre comment, dans une certaine expérience qui est l'expérience psychotique, il peut se passer quelque chose qui nous présente tout d'un coup sous une forme complètement divisée *le signifiant* et *le signifié*.

Car nous pouvons dire - et on l'a dit - que dans une psychose tout est encore là dans le signifiant, tout à l'air d'y être.

Le Président SCHREBER a l'air d'excessivement bien comprendre ce qu'après tout c'est que d'être enfilé par le professeur FLESHIG, puisque quelques autres viennent se substituer à lui, les infirmières, etc. L'ennuyeux pour notre théorie, c'est que très précisément, il le dit de la façon la plus claire, de sorte qu'on se demande vraiment pourquoi ça provoque de si grands troubles économiques puisqu'il le dit *en clair*.

C'est dans un autre registre qu'il nous faut comprendre ce qui se passe dans la psychose. Et si vous n'entrevoiez pas ce quelque chose que j'appellerai à cette occasion *l'impossibilité* pour une raison quelconque, *d'un de ces x...*

parce que je n'en connais pas le nombre, mais ce n'est pas impossible qu'on arrive à le déterminer ...ce nombre de *x*, de points d'attache fondamentaux entre *le signifiant* et *le signifié* qui est nécessaire à ce qu'un être humain soit dit normal, à ce que quelque chose, quelque part, ne soit jamais établi ou ait lâché. À savoir que, ce quelque chose, il arrive qu'il manifeste une indépendance depuis longtemps établie entre *le signifiant* et *le signifié*, ou au contraire qu'il la laisse éclater, qu'il fasse sauter si l'on peut dire, les relations au sens fondamental entre *le signifiant* et *le signifié*.

Ceci est tout à fait grossier. Ce que je veux simplement vous dire, c'est que c'est le point de précision essentiel à partir de quoi nous allons pouvoir, la prochaine fois nous poser la question de savoir quel est le rôle de la « *personnaison* » du sujet, à savoir de la façon dont le sujet dit « *je* » ou dit « *moi* », ou dit « *tu* », ou dit « *il* ».

Quel est le rôle, quelle est la relation qu'il y a entre cette « *personnaison* » et ce mécanisme fondamental, cette relation du *signifiant* et du *signifié* ? C'est exactement ce que j'ai ouvert tout à l'heure en vous disant : ceci peut se rechercher, s'appréhender à travers l'usage des pronoms, comme à travers l'usage du verbe.

Bien entendu, et c'est là le point sur lequel je voudrais attirer votre attention aujourd'hui, aucune langue particulière n'a de privilège dans cet ordre de signifiant, car si nous prenons le problème du discours en tant qu'il représente le [...] ce qui définit ce matériel signifiant, nous devons nous apercevoir que les ressources de chaque langue sont à cet endroit extrêmement différentes et toujours limitées. Or il est bien clair, d'autre part, que n'importe quelle langue peut toujours servir à couvrir toute espèce de signification.

Donc il s'agit que je vous pose la question : où est dans le signifiant la personne ?

Comment un discours tient-il debout ?

Jusqu'à quel point peut-il tenir debout, par exemple par une façon impersonnelle ?

Et jusqu'à quel point un discours qui a l'air personnel peut-il, rien que sur le plan du signifiant, porter assez de traces d'impersonnalisation pour que le sujet ne le reconnaisse pas pour sien ?

C'est là qu'est la question de la *personnalisation* ou de la *dépersonnalisation* du discours. Je ne vous dis pas que c'est là

le ressort du mécanisme de la psychose, je dis que le mécanisme de la psychose y est aussi. Je dis qu'avant de trouver, de centrer et de cerner le point précis du mécanisme de la psychose il faut que nous exercions à reconnaître

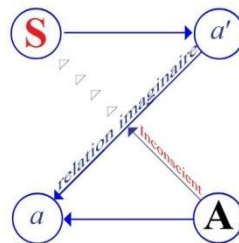
aux différents étages du phénomène en quels points *le capiton* est sauté.

Si nous faisons un catalogue complet de ces points, nous pourrions voir que ça n'est pas de n'importe quelle façon que le sujet dépersonnalise son discours, nous pourrions aussi nous apercevoir que c'est pour nous une expérience vraiment à la portée de notre main, qu'il suffit que quelque chose...
et CLÉRAMBAULT lui-même s'en est aperçu, parce qu'il s'intéressait à ces choses, CLÉRAMBAULT fait quelque part allusion à ce qui se passe quand nous sommes tout d'un coup pris par l'évocation à proprement parler affective de quelque chose de plus ou moins difficile à supporter dans notre passé ou dans notre souvenir. Et faisant allusion
à cette espèce de point de fuite, de perte de l'évocation significative, il s'agit de quelque chose qui n'est pas du tout
de l'ordre commémoratif, il s'agit de ce quelque chose qui est la résurgence d'un aspect comme tel, qui fait que

- nous souvenant d'une colère nous sommes très près de la colère,
- d'une humiliation en vivant encore l'humiliation,
- d'une rupture d'une illusion, que littéralement nous la vivons comme rompue, c'est-à-dire comme la nécessité de réorganiser tout notre équilibre, notre *champ significatif* au sens proprement de *champ social*...

Qu'à ce moment-là, c'est le moment le plus favorable pour la sortie, pour l'émergence - qu'il appelle lui : « purement automatique » - de lambeaux ou de bribes de phrases qui sont quelquefois pris dans l'expérience la plus immédiate,
la plus récente, et qui n'ont à proprement parler aucune espèce de *rapport significatif* avec ce dont il s'agit. Ces phénomènes d'automatisme à la vérité sont admirablement observés, mais il y en a bien d'autres, cette sorte de manifestation concrète, qu'il nous suffit d'avoir le schéma adéquat pour situer dans le phénomène, non plus d'une façon purement descriptive, mais véritablement explicative.

C'est là l'ordre de choses auxquelles je crois que l'observation comme celle du président SCHREBER avec ses notations si fines doit au maximum nous porter. La prochaine fois je reprendrai les choses là où je les laisse à propos du « je », du « tu », non pas toujours en tant qu'ils sont exprimés, car il n'y a pas besoin que « je » et « tu » soient dans la phrase pour qu'elle soit une phrase, comme « viens ! » est une phrase et implique un « je » et un « tu ».



Le schéma que je vous ai donné : le S, le petit a, le a' et le A, où sont-ils ce « je » et ce « tu » là-dedans ?

Aucun doute, vous vous imaginez peut-être que le « tu » est là [A] et c'est par là que nous commencerons la prochaine fois : le « tu » dans sa forme verbalisée, dans sa forme signifiante est loin, très très loin de se confondre et même de recouvrir, si approximativement que ce soit, ce pôle que nous avons appelé le grand A, c'est-à-dire le grand Autre.

Grammaire de PICHON et DAMOURETTE, page 264 :

« *Je suis beaucoup plus moi. Avant j'étais un para-moi qui croyais être le vrai, et qui était absolument faux.* »

« *En tout cas, je veux préciser que nous sommes nombreux ceux qui avons soutenu le Front Populaire...* »

Je finirai à la fin.

Ces phrases ont le sens d'être des phrases attestées. Elles ont été recueillies par moi, entre autres, dans la grammaire de PICHON et DAMOURETTE, ouvrage considérable et fort instructif, ne serait-ce que par la quantité énorme

de documents qui est fort intelligemment classée, quelles qu'en soient les erreurs d'ensemble et de détail.

Ces deux phrases dont l'une d'elles est une phrase parlée et l'autre une phrase écrite, nous proposent, nous montrent que ce sur quoi je vais faire tourner aujourd'hui votre réflexion, n'est pas simplement quelque chose forgé de subtilité littéraire implantée à tort, c'est-à-dire pour ce que je veux vous faire pénétrer aujourd'hui.

La première phrase est manifestement recueillie, PICHON en donne l'indication par *les initiales d'une patiente en analyse*.

Il le dit : c'est madame X, telle date. « *Je suis beaucoup plus moi* - dit-elle, sans doute fort satisfaite de quelque progrès accompli dans son traitement - *avant j'étais un para-moi qui croyais...* ». Et Dieu merci la langue française, souvent ambiguë dans

le parlé, ici grâce aux rencontres des silences consonantiques et d'une voyelle initiale, nous permet de parfaitement bien distinguer ce dont il s'agit : « *Je croyais être le para-moi en question* », première personne du singulier,

c'est moi « *qui croyais* ». À travers le relatif, la première personne du moi sujet s'est transmise dans la relative.

Vous me direz : « *ça va de soi !* ». C'est ce que m'a répondu une femme charmante que j'essayais d'intéresser à ces sujets récemment en lui proposant le problème de la différence qu'il y a entre : « *Je suis la femme qui ne vous abandonnerai pas* » et « *Je suis la femme qui ne vous abandonnera pas* ». Nous n'allons parler que de cela aujourd'hui. Je dois dire que je n'ai eu aucun succès. Elle a refusé de s'intéresser à cette nuance pourtant que vous sentez déjà importante.

L'usage le manifeste assez en ce sens que dans la même phrase la personne continue :

« *Je suis beaucoup plus moi. Avant j'étais un para-moi qui croyais être le vrai et qui était absolument faux.* »

Je pense qu'il n'y a pas de phrase qui s'exprime plus juste, ça ne sonne nullement à côté. Mais vous sentez bien ce que l'« *absolument faux* » n'est pas, l'« *absolument faux* » ne colle pas. Il « *était absolument faux* » ce *para-moi*.

Il est un « *il* » dans la deuxième partie, et il est un « *je* » dans la première.

Il y en a quelques unes comme ça dans PICHON. D'autres assez piquantes également et toujours d'actualité : « *En tout cas, je veux préciser* - écrit Albert DUBARRY - *que nous sommes nombreux ceux qui avons soutenu le Front Populaire,*

voté pour ses candidats, et qui croyaient à tout autre idéal poursuivi, à une toute autre action et à une toute autre réalité... ».

L'autre exemple s'inscrit dans un registre différent. Ceci dit, vous ferez attention et vous ramasserez perpétuellement à la pelle ces exemples de ce qui se passe dans une certaine forme de phrases, grâce à ce qu'on peut appeler à l'écran, la lentille à cette entrée dans la relative, qui nous permet de voir si la personnaison qui est dans la principale franchit ou non cet écran. L'écran, lui, est manifestement neutre, il ne variera pas. Il s'agit donc de savoir en quoi consiste

le pouvoir de pénétration, si on peut dire, *de la personnaison antécédente*.

Nous y reviendrons tout à l'heure. Nous verrons ce petit point de linguistique, qui se retrouve dans d'autres langues de façon très vivante, et qui ne l'est pas moins dans les autres. Mais évidemment il faudrait aller chercher ailleurs que dans cette forme de syntaxe. Nous reviendrons là-dessus.

Ce sur quoi je vous ai laissés la dernière fois était la question du rapport de l'éclairage que peut donner à ce pas que nous avons fait concernant la fonction du signifiant comme tel, à propos de ce qui est

- *la grande question*,
- *la question brûlante*, en général, dans les rapports, dans la relation analytique,
- *la question* en fin de compte *actualisée* confusément par la fonction de la relation d'objet,
- *la question* particulièrement *présentifiée* par la structure même et par la phénoménologie de la psychose

...qui est ce qu'il faut nous représenter de l'autre, cet autre dont je vous ai montré jusqu'ici la duplicité entre *l'autre imaginaire* et *l'Autre* (grand A).

Cet Autre donc, dans ce menu propos dont je vous ai fait part dans la dernière séance, l'année dernière, sous le titre de « *Retour à Freud dans la psychanalyse* », et qui vient de sortir dans *L'Évolution Psychiatrique* sous le titre « *La chose freudienne* » en tête d'un des paragraphes qui s'appelle « *Le lieu de la parole* ». Je m'excuse de me citer, mais à quoi bon polir ses formules, si ce n'est pas pour s'en servir.

« *L'Autre est donc le lieu où se constitue le « je » qui parle avec celui qui entend.* » [Écrits p. 431]

Je disais ceci à la suite de quelques remarques, dont la dernière était celle-ci, histoire de restituer aujourd'hui où est le problème :

« *Pour l'ordinaire chacun sait que les autres tout comme lui resteront inaccessibles aux contraintes de la raison, hors d'une acceptation de principe d'une règle du débat qui ne va pas sans un accord explicite ou implicite sur ce qu'on appelle son fonds, ce qui équivaut presque toujours à un accord anticipé sur son enjeu. Ce qu'on appelle logique ou droit n'est jamais rien de plus qu'un corps de règles qui furent laborieusement ajustées à un moment de l'histoire dûment daté et situé par un cachet d'origine, agora ou forum, église, voire parti. Je n'espérerai donc rien de ces règles hors de la bonne foi de l'Autre, et en désespoir de cause ne m'en servirai, si je le juge bon ou si on m'y oblige, que pour amuser la mauvaise foi.* » [Écrits pp. 430-431]

Cette remarque sur le fait qu'il y a toujours un *Autre* au-delà de tout dialogue concret, de tout le jeu interpsychologique, est ce qui s'achève et se conclut dans la formule que je répète et qui doit être prise pour vous comme une donnée, comme un point de départ :

« *l'Autre est donc le lieu où se constitue le « Je » qui parle avec celui qui entend, ce que l'un dit étant déjà la réponse,*
et l'Autre décidant à l'entendre si l'un a ou non parlé. » [Écrits p. 431]

Je voudrais que vous sentiez, tout au moins que vous vous rappeliez, quelle différence il y a, dans une telle *perspective*, avec celle qui est toujours plus ou moins acceptée chaque fois qu'on se met à entrer, à parler d'une façon plus ou moins confuse de *l'Autre*. Dire que *l'Autre est le lieu où se constitue celui qui parle avec celui qui écoute*, c'est tout à fait autre chose que de partir de l'idée que *l'Autre* est un être.

Nous sommes, dans l'analyse - et ceci sans aucune raison justifiable, motivable - intoxiqués depuis quelque temps

par quelque chose qui nous est venu incontestablement du discours dit « *existentialiste* » où l'autre est le « *tu* », ou l'autre est « *celui qui peut répondre* », mais qui peut répondre dans un mode qui est celui d'une symétrie et d'une correspondance complète : l'*alter ego*, le frère, une idée fondamentalement réciproque de l'intersubjectivité.

Ajoutez-y les quelques confusions sentimentales qui s'inscrivent sous la rubrique du personnalisme et la lecture

du livre de Martin BUBER²⁸ sur le *Je* et le *Tu*, la confusion sera définitive et, pendant un certain temps, irrémédiable, sauf à revenir à l'expérience.

Il est clair que, loin d'avoir apporté quoi que ce soit à l'éclaircissement du fondement de l'existence de l'Autre, toute cette expérience existentialiste n'a fait que la suspendre toujours plus radicalement à l'hypothèse fondamentale dite de « *la projection* » - sur laquelle bien entendu vous vivez tous - à savoir en fin de compte sur l'idée que l'autre...

et il ne peut guère être autre chose
...n'est guère qu'une certaine semblance humaine, animée par un « *je* » *reflet* du mien.

Tout ce qui est impliqué dans l'usage qu'on fait et dans les termes eux-mêmes d'*animisme* et d'*anthropomorphisme* est là toujours prêt à surgir et à la vérité impossible à réfuter, aussi bien d'ailleurs que des références tout à fait sommaires
à l'*expérience*, à une *expérience* du langage prise lors de ses premiers balbutiements, nous fera voir ce « *tu* » et ce « *je* » dans l'*expérience* de l'enfant comme quelque chose dont la maîtrise n'est pas tout de suite acquise, mais dont en fin de compte l'acquisition se résume pour l'enfant à pouvoir dire « *je* » quand vous lui avez dit « *tu* », à savoir comprendre que quand vous lui avez dit « *tu vas faire cela* », il n'a pas à dire « *tu vas faire cela* », mais « *je vais faire cela* ».

« *Tu es père* », c'est « *Je suis père* » dans son registre. Donc, les choses sont aussi simples et aussi symétriques, en fin de compte, tout ceci aboutit au niveau analytique, je veux dire au niveau du discours des analystes, à quelques vérités premières, à l'affirmation sensationnelle et tranchante du genre de celle-ci, qui est par exemple :

« *Il n'y a pas d'analyse possible auprès de celui pour qui...* ».

Je l'ai entendu textuellement de quelqu'un qui appartient à ce qu'on appelle « *l'autre groupe* » :

« *On ne peut pas faire l'analyse de quelqu'un pour qui l'autre n'existe pas.* »

Je me demande ce que ça veut dire que « *l'autre n'existe pas* ». Je me demande si cette formule comporte en elle-même une valeur d'approximation, si mince soit-elle. De quoi s'agit-il ? D'une sorte de vécus, d'un sentiment irréductible ?

Qu'est-ce que c'est ? Il est véritablement impossible de le savoir, car, par exemple, prenons notre cas SCHREBER, pour qui évidemment toute l'humanité est passée pour un temps à l'éclat d'*ombres bâclées* « *à la 6-4-2* »,

de semblants d'hommes, il y a pourtant :

- un Autre qui a une structure
- qui est un Autre singulièrement même accentué,
- un Autre absolu,
- un Autre tout à fait radical,
- un Autre qui n'est pas du tout *une place*, ni *un schéma*,
- un Autre dont il nous affirme que c'est un être vivant à sa façon et dont il nous souligne bien que, dans la mesure où il est un être vivant, il est capable d'égoïsme, comme tous les autres vivants, quand il est menacé.

Dieu lui-même, par je ne sais quel désordre dont il est le premier responsable, se trouve en posture d'être menacé dans son indépendance. Et à partir de ce moment, il est capable, il manifeste des relations plus ou moins spasmodiques, de défense, d'égoïsme.

Néanmoins, cet Autre garde une altérité telle qu'il est étranger aux choses vivantes et plus spécialement incompréhensibles de tous les besoins vitaux de notre SCHREBER. Dire que cet Autre a vraiment tout l'accent en la matière, ceci est suffisamment indiqué par le début singulièrement *piquant* et *humoristique* d'un des chapitres

de SCHREBER qui est celui où SCHREBER nous dit :

« *Je ne suis pas un paranoïaque. On nous le dit assez, le paranoïaque, c'est quelqu'un qui rapporte tout à lui, c'est quelqu'un dont l'égocentrisme est particulièrement envahissant* - car il a lu en particulier

²⁸ Martin Buber : « *Je et Tu* », Aubier Montaigne, 1992.

KRÆPELIN - *mais moi, c'est complètement différent, c'est l'Autre qui rapporte tout à moi : tout ce qui se passe, il le rapporte à moi. »*

Il faut tout de même bien reconnaître qu'il n'a pas l'air fin en disant - la voilà bien cette méconnaissance foncière - que la structure est différente car il y a un Autre et que ceci est décisif, structurel, dans la structuration du cas.

Alors, il s'agirait de savoir...

avant de parler de l'Autre comme de ce quelque chose qui se place ou ne se place pas à une certaine distance, que nous sommes capables ou non d'embrasser, d'éteindre, voire de consommer, à doses plus ou moins rapides, comme il se fait de plus en plus couramment dans l'analyse ...il s'agit de savoir si la phénoménologie même des choses, telles qu'elles se présentent à nous dans notre expérience et ailleurs, ne mérite pas de poser la question tout différemment.

C'est bien cela que je suis en train de vous dire quand je dis que *l'Autre doit être d'abord* - avant de voir comment

il va être plus ou moins réalisé - *comme un lieu, comme un lieu où la parole se constitue*. Et pourquoi pas ? Puisque aujourd'hui nous nous intéressons aux personnes, elles doivent venir de quelque part. Mais elles viendront d'abord d'une façon signifiante, entendez bien, formelle, *où la parole se constitue* pour nous, et d'un « je » et d'un « tu »,

ces deux semblables dont il peut ou dont il ne peut pas s'agir, qu'elle transforme en leur donnant *une certaine distance*, sans aucun doute, *un certain juste rapport*, mais - et c'est là ce sur quoi je veux insister - une distance qui n'est pas symétrique et un rapport qui n'est pas réciproque.

Le « je », vous allez le voir n'est jamais là où il apparaît, sous la forme d'un signifiant particulier.

Le « je » est toujours là, au titre de présence soutenant l'ensemble du discours, au style direct et au style indirect.

Le « je » est le « je » de celui qui prononce le discours. Tout ce qui se dit a, sous soi, un « je » qui le prononce.

C'est à l'intérieur de cette énonciation que le « tu » apparaît.

Ce sont des vérités premières, je dirais presque qu'elles sont tellement premières que vous risquez de les chercher plus loin que le bout de votre nez. Il n'y a rien de plus à entendre que ce que je viens de faire remarquer.

Que déjà le « tu » soit à l'intérieur du discours, c'est une chose tout à fait évidente. Il n'y a jamais eu de « tu » ailleurs que là où on dit « tu ». Pour commencer, c'est là que nous avons à le trouver, vraiment comme une chose qui est cette *vocalise* : « tu ». Partons de là.

Quant au « je », il peut ne pas vous paraître évident tout de suite, il n'a pas lui aussi une monnaie, élément fiduciaire circulant dans le discours. Mais cela, j'espère justement vous le montrer tout à l'heure. Je l'affirme et je le pose

dès à présent pour simplement que vous ne le perdiez pas de vue, que vous sachiez où je veux en venir.

Ce « tu », loin de s'adresser à une personne ineffable, à cette espèce d'au-delà dont les tendances existentialistes,

à la mode de l'existentialisme, voudraient nous montrer l'accent premier, c'est tout à fait autre chose dans l'usage.

C'est sur de simples remarques de cette espèce que je voudrais vous arrêter un instant.

Loin que le « tu » soit toujours cette espèce de « tu » plein, dont on fait si grand état...

et dont vous savez qu'à l'occasion moi-même, dans des exemples majeurs... vous savez il s'agit de savoir

s'il y a tellement de « tu » dans le « *tu es mon maître* », « *tu es ma femme* », dont vous savez que je fais grand cas pour faire comprendre quelque chose de *la fonction de la parole*. C'est de remettre au point, de recentrer

la portée donnée à ce « tu » qu'il s'agit bien aujourd'hui

...loin que le « tu » ait toujours cet emploi plein et *cet emploi fondateur*, comme si c'était lui qui était en quoi que ce soit fondateur en la matière. C'est ce que nous allons justement essayer de voir aujourd'hui. Je vais vous ramener

à quelque observation linguistique première, qui est que la deuxième personne du singulier est loin d'être employée toujours avec cet accent. Il s'agit là d'un usage le plus courant, celui qui fait dire :

« On ne peut pas se promener dans cet endroit sans qu'on vous aborde. »

Il ne s'agit d'aucun « tu », ni d'aucun « vous », ce n'est en réalité ni un « tu » ni un « vous ».

Il est presque le *réfléchi* de « on », il est son *correspondant*. Je prends quelque chose de plus significatif encore :

« Quand on en vient à ce degré de sagesse, il ne vous reste plus qu'à mourir. »

Là aussi, de quel « vous » ou de quel « tu », s'agit-il ? Ce n'est certainement pas à qui que ce soit que je m'adresse

dans cette parole, ce n'est pas qui que ce soit d'autre, même le « vous », dont il s'agit là...

je vous prie de prendre la phrase, parce qu'il n'y a pas de phrase

qui puisse se détacher de la plénitude de sa signification

...ce que ce « vous » vise, c'est tellement peu un autre, que je dirais presque que c'est un reste de ceux qui s'obstineraient à vivre comme indépendants de ceux qui resteraient après ce discours, qui dit de la sagesse, qu'il n'y a d'autre fin à tout, que la mort, qu'il ne vous reste plus qu'à mourir.

C'est quelque chose qui vous montre assez cette fonction de la *deuxième personne* dans cette occasion, qui est justement de viser l'intérieur de ce qui est « personne », ce qui y réside, ce qui se dépersonnalise. En fait nous le connaissons bien ce « tu » *qu'on tue* là, dans l'occasion, c'est le même que nous connaissons parfaitement dans l'analyse et dans la phénoménologie de la psychose, c'est ce qui en nous dit « tu » :

- ce « tu » qui se fait toujours discrètement ou indiscrètement entendre,
- ce « tu » qui parle tout seul,
- ce « tu » qui nous dit « tu vois », qui nous dit « tu es toujours le même »,
- ce « tu » qui, comme dans l'expérience de SCHREBER, n'a pas besoin de dire « tu » pour être bien le « tu » qui nous parle.

Car il suffit d'un tout petit peu de désagrégation, et SCHREBER en a eu largement sa part, pour qu'il sorte toute une série de choses du type de celle-ci : « Ne pas céder à la première invite ». Il s'agit de quelque chose qui...

comme tout ce qui arrive de plus ou moins focalisé dans l'expérience intérieure de SCHREBER ...vise ce *quelque chose* qui n'est pas dénommé, ce *quelque chose* que nous sommes capables de reconstruire comme là, cette tendance homosexuelle, mais comme peut être autre chose, puisque les invitations, les sommations ne sont pas rares : elles sont constantes. Et cette phrase qui est en effet la règle de conduite de beaucoup ne s'éteint pas

à votre premier mouvement, ce pourrait être le bon, comme on dit toujours.

Et qu'est-ce qu'on vous apprend, si ce n'est justement de ne jamais céder à quoi que ce soit à la première invite, si d'ailleurs nous reconnaissons notre bon vieil ami, le *surmoi*, qui nous apparaît tout d'un coup sous un jour, sous sa forme phénoménale, plutôt que sous ses aimables hypothèses génétiques. Ce *surmoi*, c'est bien en effet quelque chose comme *la loi*, c'est une loi sans dialectique. Ce n'est pas pour rien qu'on le reconnaît plus ou moins justement comme « l'impératif catégorique » comme nous en parle l'ennemi intérieur dans ce que j'appellerai

« sa neutralité malfaisante », qu'un certain auteur²⁹ appelle le « saboteur interne ».

Ce « tu » nous aurions tort de le méconnaître dans sa fonction de « tu » et de le méconnaître dans ses diverses propriétés qui, nous le savons par expérience, font qu'il est là comme ce que nous appellerons un observateur : *il voit tout, entend tout, note tout*. C'est bien ce qui se passe chez SCHREBER, et c'est son mode de relation avec

ce quelque chose qui en lui s'exprime par ce « tu », par un « tu » inlassable, incessant, qui le provoque à une série

de réponses sans aucune espèce de sens : *il voit tout, entend tout, note tout*.

J'ai presque envie de finir par la vieille expression « nul ne s'en doute », qui s'étalait autrefois sur les annuaires

de téléphone à propos d'une police privée. On sent là combien il s'agit d'un idéal. Car bien entendu, on voit bien aussi la fonction publicitaire de la chose, comme tout le monde serait heureux si en effet « *nul ne s'en doutait* ». C'est bien de cela qu'il va s'agir justement, c'est qu'on a beau être derrière un rideau, il y a toujours de gros souliers qui dépassent [cf. la mort de POLONIUS dans *Hamlet*]. Pour le *surmoi*, c'est pareil. Mais assurément, lui ne se doute de rien.

C'est bien également ce qu'exprime cette phrase : il n'y a rien de moins douteux que tout ce qui nous apparaît par l'intermédiaire de ce « *tu* ». En d'autres termes, au moment de partir dans cette exploration, il faut quand même que nous nous apercevions de ceci : c'est que toute espèce d'élaboration du « *tu* » oubliera cette arête première, qui est celle que justement notre expérience analytique manifeste.

Mais il semble même que c'est si incroyable que nous puissions *oublier* que le « *tu* » est là, essentiellement comme un étranger, qu'un des *analystes* de temps en temps a été jusqu'à le comparer avec ce qui se passe dans un petit crustacé genre crevette qui a une priorité particulière qui est celle d'avoir sa *chambre vestibulaire ouverte* sur le milieu marin au début de son existence. Il s'agit du vestibule pour autant qu'il est l'organe régulateur de l'équilibration.

Normalement cette chambre vestibulaire est fermée et elle comprend un certain nombre de petites particules répandues dans ces espèces animales. Autrement dit quelque chose qui est dans le milieu inscrira les différentes positions du sujet par le fait qu'il les portera différemment dans la chambre, selon que le sujet sera dans la position verticale ou horizontale.

Chez ces petits animaux, c'est eux-mêmes qui, à un moment de l'existence, s'envoient doucement dans le coquillage quelques petits grains de sable, et la chambre se referme par un *processus physiologique*, il se trouve donc s'être approvisionné lui-même dans ses menus appareils de très jolies choses. Car il suffit de substituer aux grains de sable de petites particules de limaille de fer pour que nous puissions ensuite emmener ces charmants petits animaux

au bout du monde avec un électroaimant et les faire nager les pattes en l'air.

Eh bien, voilà la fonction du « *tu* » chez l'homme. C'est ça, c'est ce que dit M. ISAKOWER.

Mais manifestement, le fait que je vous le rapporte en cet endroit du discours vous montre que j'y prendrai assez volontiers une référence *apologétique* exemplaire pour vous faire comprendre avant tout de quoi il s'agit dans l'expérience du « *tu* ». Disons si vous voulez, à son plus bas niveau, mais dont bien évidemment, à méconnaître qu'elle aboutit très précisément à cela, c'est absolument méconnaître tout de la fonction et de l'existence du « *tu* », autrement dit, comme signifiant. Remarquez que les choses là vont assez loin, et que les analystes - je ne suis pas là à tenir une voie qui soit solitaire - les analystes ont insisté là aussi.

Je ne peux pas m'étendre longuement sur la relation qui existe entre cette fonction du signifiant *surmoi*, qui n'est pas autre chose que cette *fonction du « tu »*, et le sentiment de réalité. Je n'ai pas besoin d'insister, pour la simple raison qu'à toutes les pages de l'observation du Président SCHREBER, celui-ci est accentué. Si le sujet ne doute pas de la réalité de ce qu'il entend, c'est en fonction de ce caractère de *corps étranger* de l'intimation du « *tu* » déliant, en fin de compte.

Est-ce que j'ai besoin à l'autre terme, de vous rappeler que quant à ce qui est de la réalité, la philosophie de KANT aboutit à ce qu'il n'y a de réalité fixe, si ce n'est *le ciel étoilé au-dessus de nos têtes et la voix de la conscience au-dedans*.

En fin de compte cet étranger, comme le personnage de TARTUFFE, ce sera tout de même celui qui sera le véritable possesseur de la maison et qui dira au *moi* : « *C'est à vous d'en sortir* » au moment où il y aura le moindre conflit.

Quand le *sentiment d'étrangeté* porte quelque part, ce n'est jamais du côté du *surmoi* :

- *c'est le moi* qui ne se retrouve plus,
- *c'est le moi* qui entre dans l'état « *tu* »,
- *c'est le moi* qui se croit lui-même à l'état de double, c'est-à-dire à cet état inquiétant de voir que lui, le *moi*, est expulsé de la maison, et c'est toujours le « *tu* » en question qui restera possesseur des choses.

Ceci c'est l'expérience bien entendu. Cela ne veut pas dire que nous devons nous en tenir là. Mais enfin il faut rappeler ces vérités d'expérience pour comprendre où est le problème, et où est le problème de structure.

Alors bien entendu, comme nous sommes au niveau du discours et de la parole, et que peut-être après tout, il vous semble étrange que je mécanise ainsi les choses, et que peut-être vous vous imaginiez que j'en suis à une notion aussi élémentaire du discours que j'imagine ou que j'enseigne, que tout est contenu dans cette relation du « je » au « tu », du *moi* à *l'autre*, qui est ce sur quoi les linguistes, pour ne pas parler des psychanalystes, s'arrêtent et commencent à balbutier chaque fois qu'ils abordent la question du discours.

Et je dirais même qu'on a regret...

dans un livre très remarquable comme celui de PICHON, dont je viens de parler
...de voir qu'on doit rappeler ou on croit devoir rappeler comme principe, comme base d'une grande définition *des répartitoires* - comme il s'exprime - *verbaux*, il faut partir de l'idée que le discours, s'adressant toujours à un autre, c'est en fonction de ces relations du *moi* à *l'autre*, ou plus exactement :

- de celui qui parle, *du locuteur*,
- à *l'allocutaire*, celui à qui on parle,

...que nous allons classer ces grands *répartitoires*, et commencer par parler d'un *plan locutoire simple* que nous trouvons dans l'impératif : « *Viens !* ». Il n'y a pas besoin d'en dire beaucoup : « *Viens !* », ça suppose un « *je* », ça suppose un « *toi* », qu'il y a d'autre part un *narratif* qui sera un *délocutoire*, c'est-à-dire qu'on part de quelque chose d'autre.

Il y aura toujours aussi le *moi* et le « *tu* », mais avec visée sur quelque chose d'autre. Il faut croire qu'on n'est pas tout à fait pleinement satisfait par une telle répartition puisque, si vous voulez vous reporter à PICHON...

ça peut, peut-être, vous donner envie d'aller le regarder à propos de l'interrogation
...il se posera quelques problèmes nouveaux, et nous l'introduirons avec une *dissymétrie* qui fera *symétrie* à la condition que nous considérons que le chiffre « 3 » est le meilleur. En d'autres termes, le *narratif* sera « *il vient* », et l'*interrogatif* sera quelque chose comme « *vient-il* » ? Ce n'est pas si simple. Tout n'est pas si simple dans cette *fonction* du « *vient-il* » ?

La preuve c'est qu'on dit : « *le roi vient-il* ? », ce qui montre bien que « *t-il* » n'est pas tout à fait le même sujet dans l'interrogation que dans la narration.

« *Le roi vient-il ?* » peut vouloir dire :

- qu'il vient,
- qu'il y a un roi qui vienne,
- ou si le roi vient.

La question est beaucoup plus complexe dès qu'on s'approche de l'usage concret du langage.

Car l'impératif « *Viens !* » en effet nous laisse l'illusion d'une présence symétrique et bipolaire d'un « *je* » et d'un « *tu* ».

Qu'est-ce que vous direz ? Est-ce que le « *je* » et le « *tu* » sont aussi présents dans cet *impératif*, dans les *narratifs* qui constituent l'essentiel d'un *locutoire* : « *si il vient* » et la référence à un tiers objet qu'on appelle une troisième personne ?

La dite *troisième personne* n'existe pas : il n'y a pas de *troisième personne*. Je vous dis cela au passage pour commencer déjà d'ébranler quelques bases certaines très tenaces dans vos esprits, grâce à l'enseignement primaire de la grammaire.

Il n'y a pas de troisième personne, M. BENVENISTE l'a parfaitement démontré.

En tout cas, au niveau des *narratifs*, je demande ce qu'a d'*élocutoire* le *narratif*. C'est bien là que nous allons nous arrêter un instant et nous demander dans quelle sorte d'interrogation peut se situer ce qui à nous...

au point où nous en sommes arrivés de nos énoncés ou de notre développement
...s'appelle, ce que j'appelle *la question*, *la question* que le sujet se pose, ou plus exactement *la question* que je me pose sur ce que je suis ou peux espérer être.

Peut-être à partir de cette position radicale, toujours masquée, bien entendu...

et si bien masquée qu'après tout nous, dans notre expérience nous ne la trouvons jamais qu'exprimée par le sujet hors de lui-même et à son insu

...mais néanmoins fondamentale, puisque c'est là que nous l'avons attrapée par les oreilles :

la question comme étant *la question* fondement de la névrose.

Cette question quand elle affleure, nous la voyons déjà se décomposer singulièrement, et quand elle affleure sous des formes qui n'ont rien d'interrogatif, qui sont - sous la forme du « *puissé-je y arriver !* » - entre l'exclamation, le souhait, la formule dubitative, si nous voulons lui donner un tout petit peu plus de consistance, l'exprimer dans le registre qui est celui du *délocutoire* et des *narratifs*, à savoir à l'indicatif, remarquez comment nous l'exprimons tout naturellement, nous dirons : « *Penses-tu réussir ?* ».

Bref, je voudrais vous ramener à une autre répartition des fonctions du langage, à leur niveau plein... et distinct de cet anonnement autour de la locution, de la délocution, de l'allocution... qui serait celle-ci : *la question* qui, elle, est toujours latente mais *jamais posée*. Mais le fait que si elle vient au jour, que si elle surgit, c'est en raison précisément d'un mode d'apparition de la parole que nous appellerons de différentes façons, je ne tiens pas spécialement à l'une ou à l'autre, que nous appellerons la mission, le mandat, que nous appellerons la délégation, la dévolution par référence à HEIDEGGER qui est bien entendu le fondement ou *la parole fondatrice*, le « *tu es ceci...* », que tu sois *ma femme* ou que tu sois *mon maître*, ou mille autre choses, ce « *tu es ceci...* » que je reçois et qui me fait dans la parole autre chose que je ne suis.

C'est là *la question*. Qui est-ce qui la prononce ? Comment est-ce qu'il le reçoit dans cette *parole pleine* ? Est-ce qu'il s'agit de la même chose que de ce « *tu* » en train de naviguer en liberté dans les exemples que je vous ai donnés ? Est-ce que cette mission est primitive ou secondaire par rapport à la question, phénoménalement ? Assurément c'est bien là que *la question* tend à surgir. C'est quand nous avons à répondre à cette mission. Et là le tiers dont il s'agit, je vous le fait remarquer au passage, n'est jamais et en aucun cas quoi que ce soit qui ressemble à un objet.

Le tiers dont il s'agit, le « *il* » qui va surgir, est toujours *le discours* lui-même auquel le sujet se réfère. Autrement dit, au « *Tu es mon maître* », répond un certain « *Que suis-je ?* ». « *Que suis-je pour l'être, si tant est que je le sois ?* ». Et ce « *I* » apostrophe dont il s'agit, ça n'est pas le maître pris comme un tiers, comme un objet, c'est l'énonciation totale, la phrase qui dit : « *Je suis ton maître* », comme si « *ton maître* » avait un sens par le seul hommage que j'en reçois. Mais on dit « *Que suis-je, pour être ce que tu viens de dire ?* ».

Il y a une très jolie prière dans la pratique chrétienne qui s'appelle l'*Ave Maria*. Personne ne se doute que ça commence par les trois premières lettres que les moines bouddhistes marmonnent toute la journée : « *AUM* ». Mais c'est curieux que ça doive être justement les mêmes, ça doit nous indiquer qu'il y a là quelque chose de tout à fait radical dans l'ordre du signifiant. Qu'importe ! « *Je vous salue Marie* ». Et pour ne pas le répéter, selon une autre formule populaire, « *Je vous salue Marie* - dit la chansonnette - *vous aurez un fils sans mari* ».

Ceci n'est d'ailleurs pas du tout sans rapport avec le sujet du président SCHREBER. La réponse n'est pas du tout « *Je suis quoi ?* ». La réponse c'est :

« *Je suis la servante du Seigneur, qu'il me soit fait selon votre parole* ».

La servante ce n'est pas tout à fait la même chose, en principe, « *je suis la servante* » ça veut simplement dire : « *Je m'abolis, que suis-je pour être celle que vous dites ?* ». Mais « *qu'il me soit fait selon votre parole* » tel est l'ordre de répliques dont il s'agit dans *la parole* la plus claire. À partir de là, nous allons peut-être nous apercevoir et pouvoir bien situer ce dont il s'agit quand cette phrase dite de « *la dévolution* » se présente d'une façon assez développée pour que nous puissions voir les rapports réciproques du « *tu* » comme *corps étranger* avec l'assomption ou non par le sujet, *l'épinglage*, *le capitonnage*, le poids, *la prise du sujet par un signifiant*.

Je vous prie alors aujourd'hui de vous arrêter avec moi sur quelques exemples, et quelques exemples dont la portée linguistique pour nous français...

« *Je suis celui qui toujours veut le bien et toujours fait le mal.* »

J'ai été rechercher les choses au passage, hier soir, de façon à vous dire comment j'ai résolu la question. Parce qu'il dit :

« *Je suis une partie de cette force qui toujours veut le bien et toujours fait le mal.* »

De sorte qu'il n'y a rien à en faire tel que c'est écrit. Mais je vous pose la question de la façon dont vous écririez les choses. Car en allemand, le passage à travers l'écran de la formule relative existe aussi, à savoir que la question peut se poser si je suis « *celui qui veut* » à la première personne, et « *chante* » à la troisième. Je vous fais remarquer d'ailleurs, que *la première personne* fait ambiguïté avec *la troisième* dans l'occasion, ce qui n'est pas non plus un hasard. Mais prenons les choses en français, quelle est la différence ? Nous reprenons l'exemple de tout à l'heure :

- « *Je suis la femme qui ne vous abandonnerai pas.* »
- « *Je suis la femme qui ne t'abandonnera pas.* »

Mais ceci peut évoquer chez vous des échos un peu trop *significatifs*. Je vous choisirai un autre exemple pour que votre lucidité s'exerce plus à l'aise. Quelle est la différence entre ce

« *Tu es celui qui me suivras partout.* »

Et :

« *Tu es celui qui me suivra partout.* » ?

Nous avons donc *une principale* à la deuxième personne : « *Tu es celui* ». « *Qui* » est justement cet *écran*, dit « *à la troisième personne* » qui va ou non laisser passer de l'un à l'autre membre de la phrase l'unité du « *tu* ». Vous voyez immédiatement qu'il est absolument impossible de séparer cette idée du « *tu* », du sens du signifiant « *suivras* ».

Autrement dit, que ce n'est absolument pas du « *tu* » que dépend de savoir si le « *celui qui* » va lui être ou non perméable, mais c'est du sens de « *suivras* », et du sens aussi de ce que, *moi qui parle*, et ce *moi qui parle*, ce n'est pas forcément moi, c'est peut-être qui entend ça de l'écho qui est sous toute la phrase, du sens qu'il met à ce « *tu es celui qui me suivra* » ou « *suivras* ».

Car il est bien clair que « *Tu es celui qui me suivras partout* », est à tout le moins *une élection*, *une élection* peut-être unique, en tout cas *un mandat* dont je vous parlais tout à l'heure, cette *dévolution*, cette *délégation*, cet *investissement* qui se distingue à tout le moins de « *Tu es celui qui me suivra partout* » de ce fait que celui-là, le moins qu'on puisse en dire, c'est que c'est une constatation. Nous avons très vite tendance à l'entendre, à la sentir comme une constatation qui va plutôt du côté de la constatation navrée. Car enfin « *Tu es celui qui me suivra partout* », si ça a vraiment là un caractère déterminatif que le sujet soit celui-là, nous pouvons dire que nous en aurons rapidement plein le dos, que pour tout dire, ce qui d'un côté verse vers le sacrement et la délégation, de l'autre côté irait assez volontiers et vite du côté de *la persécution*, qui inclut dans ce terme même ce registre du « *suivre* ». Bref, vous voyez bien là, à propos de cet exemple, la relation qui existe entre ce « *tu* » et le signifiant.

Vous me direz une fois de plus que le signifiant dont il s'agit est justement une signification. Je vous rétorquerai que au niveau de ce que j'appellerai « *t-il* », je ne peux même pas l'appeler plus intensif que l'autre, ce qui vous suit partout comme votre ombre, ça peut passer pour être, que ça a beau être quelque chose de particulièrement intensif, c'est assez inconfortable pour cela.

C'est autre chose, la séduction dont il s'agit quand je dis « *Tu es celui qui me suivras partout* » à celui dans lequel je reconnais mon compagnon, en un certain sens, qui peut être la réponse au « *Tu es mon maître* », dont nous parlons depuis toujours. C'est quelque chose dont la signification implique l'existence d'un certain mode de signifiant. Et nous allons immédiatement le matérialiser.

C'est ce qui en français peut faire ambiguïté, je veux dire, ne pas porter assez vite en soi la marque de l'originalité signifiante de cette dimension du « *suivre* », du vrai « *suivre* », suivre quoi : c'est ce qui reste ouvert. C'est ton être, c'est *ton message*, c'est *ta parole*, c'est ton groupe, c'est ce que tu représentes. Qu'est-ce que c'est ? C'est quelque chose qui représente *un nœud*, un point de serrage dans un faisceau de significations qui est ou non acquis par le sujet. Car précisément si le sujet ne l'a pas acquis, il entendra le « *Tu es celui qui me suivra partout* », dans ce deuxième sens, à savoir qu'il l'entendra dans un autre sens que celui qui est dit dans le « *suivras* » (*a, s*), c'est-à-dire que tout changera, y compris la portée du « *tu* ».

Cette présence dans ce qui base « *tu* » dans le « *suivras* » est quelque chose qui justement intéresse la *personnaison* du sujet auquel on s'adresse. Car il est clair également que quand je dis - je vais revenir à mon exemple sensible maintenant - « *Tu es la femme qui ne m'abandonnera pas* », je manifeste en un certain sens, une beaucoup plus grande certitude concernant le comportement de ma partenaire que quand elle me dit :

« *Je suis la femme qui ne t'abandonnerais pas.* »,

ou quand elle dit :

« *Je suis la femme qui ne t'abandonnerait pas.* ».

C'est la référence à la première personne. Pour lui faire sentir *la différence* qui ne s'entend pas, je manifeste dans le premier cas une beaucoup plus grande certitude, et dans le second cas une beaucoup plus grande confiance. Cette confiance implique précisément un moindre lien entre la personne qui apparaît dans le « *tu* » de la première partie de la phrase, et la personne qui apparaît dans *la relative*. Le lien, si l'on peut dire, est plus lâche.

C'est justement parce qu'il est lâche qu'il apparaît dans une originalité spéciale à l'endroit du signifiant qu'il suppose que la personne sait de quelle sorte de signifiant il s'agit dans ce « *suivre* » qu'elle l'assume, que c'est elle qui va *suivre*, ce qui veut dire aussi qu'elle peut *ne pas suivre*.

Je reprends et je vais prendre une référence qui a son intérêt qui n'est rien d'autre que quelque chose qui touche au caractère tout à fait le plus radical des relations du « *je* » avec le signifiant.

Dans les langues *indo-européennes* anciennes et dans certaines survivances des langues vivantes, il y a ce qu'on appelle, et que vous avez tous appris à l'école, « *la voix moyenne* ». La voix moyenne se distingue de la voix positive et de la voix passive en ceci que nous disons, dans une approximation qui vaut ce que valent d'autres approximations qu'on apprend à l'école, que le sujet fait l'action dont il s'agit. Il y a des formes verbales qui disent un certain nombre de choses. Il y a deux formes différentes pour dire « *je sacrifie* », comme sacrificateur, ou « *je sacrifie* », comme celui qui offre le sacrifice à son bénéficiaire.

L'intérêt n'est pas d'entrer dans cette nuance de la voix moyenne à propos des verbes qui ont les deux voix parce que précisément nous n'en usons pas, nous la sentirons toujours mal, mais ce qui est instructif c'est de s'apercevoir qu'il y a des verbes qui n'ont que l'une ou l'autre voix, et que c'est précisément ce que les linguistes, sauf dans les cas où ils sont particulièrement astucieux, laissent tomber.

Alors là vous vous apercevez des choses très drôles : c'est, pour le recueillir dans *un article*, ce que M. BENVENISTE a fait sur ce sujet, et dont je vous donne la référence : *Journal de Psychologie normale et pathologique Janvier-Mars 1950*, entièrement consacré au langage. Nous nous apercevons que sont les moyens verbes : *naître, mourir, suivre et pousser au mouvement, être maître, être couché, et revenir à un état familier, jouer, avoir profit, souffrir, patienter, éprouver une agitation mentale, prendre des mesures* - qui est le *medeor* dont vous êtes tous investis comme médecins, car tout ce qui se rapporte à la médecine est dérivé de ce *medeor* - *parler* enfin, c'est très précisément du registre de ce dont il s'agit dans ce qui est en jeu dans notre expérience analytique.

Dans le cas où les verbes n'existent et ne fonctionnent dans un certain nombre de langues qu'à *la voix moyenne* et seulement à cette voix, et d'après l'étude c'est très précisément à cette notion que le sujet se constitue dans le procès ou l'état, que le verbe exprime.

N'attachez aucune importance aux termes « *procès* » ou « *état* », la fonction verbale comme telle n'est pas du tout si facilement saisie dans aucune catégorie. Le verbe est une fonction dans la phrase, et rien d'autre, car « *procès* » ou « *état* », les substantifs l'expriment aussi bien. Le fait que le sujet soit plus ou moins impliqué n'est absolument pas changé par le fait que le procès dont il s'agit soit employé à la forme verbale. Le fait qu'il soit employé à la forme verbale dans la phrase, n'a aucune espèce de sens, c'est qu'il sera le support d'un certain nombre d'accents signifiants qui situeront l'ensemble de la phrase sous un aspect ou sous un mode temporel.

Il n'y a aucune autre différence entre *le nom* et *le verbe* de cette fonction à l'intérieur de la phrase, mais l'existence, dans les formes verbales, de formes qui sont différentes, distinctes pour les verbes dans lesquels le sujet se constitue comme tel, comme « *je* », que le *sequor* latin implique en raison du sens plein du verbe *suivre*, cette présence du « *je* » dans la sécutio, c'est quelque chose qui pour nous est illustratif et nous met sur la voie de ce dont il s'agit dans le fait que le « *suivra* » de la deuxième phrase s'accorde ou ne s'accorde pas avec le « *tu* » de *la principale*, ici purement présentatif « *tu es celui qui me suivra* ».

Le « *suivra* » s'accordera ou ne s'accordera pas avec le « *tu* », selon ce qui se passe au niveau du « *je* », de celui dont il s'agit, c'est-à-dire selon la façon dont le « *je* » est intéressé, captivé, épinglé, pris dans le *capitonnage* dont je parlais l'autre jour, dans la façon dont le signifiant s'accroche pour le sujet dans son rapport total au discours.

Tout le contexte de « *Tu es celui qui me suivra* » changera

- suivant le mode et l'accent donné au signifiant,
- selon les implications du « *suivra* »,
- selon *le mode d'être* qui est en arrière de ce « *suivra* »,
- selon les significations accolées par le sujet à un certain registre signifiant,
- selon ce *quelque chose* qui dans cette indétermination du « *que suis-je* », fait que le sujet part ou non avec un bagage : peu importe qu'il soit *primordial, acquis, secondaire, de défense, fondamental*, peu importe son origine !

Il est certain que nous vivons avec un certain nombre de *ces réponses au « Que suis-je ? »* en général *des plus suspectes*. Inutile de dire que si « *Je suis un père* » a un sens tout à fait fondamental, « *Je suis un père concret* » a un sens tout à fait problématique. Il est inutile de dire :

- que s'il est extrêmement commode, et vraiment d'usage commun de se dire : « *Je suis un professeur* », chacun sait que ça laisse complètement ouverte la question : *professeur de quoi ?*
- que si l'on se dit mille autres identifications : « *Je suis un français* », par exemple, que ceci suppose la mise entre parenthèses totale de ce que peut représenter la notion d'appartenance à la France,
- que si vous dites « *Je suis un cartésien* », c'est dans la plupart des cas que vous n'entrez absolument rien à ce qu'a dit M. DESCARTES, parce que vous ne l'avez probablement jamais ouvert.
- Quand vous dites « *Je suis celui qui a des idées claires* », il s'agit de savoir pourquoi.
- Quand vous dites « *Je suis celui qui a du caractère* » tout le monde peut vous demander à juste titre lequel.
- Et quand vous dites « *Je dis toujours la vérité* », eh bien, vous n'avez pas peur !

C'est très précisément de cette relation au *signifiant* qu'il s'agit pour que nous comprenions quel accent va prendre dans la relation du sujet au discours cette première partie du « *Tu es celui qui me...* », selon que, oui ou non, la partie signifiante aura été par lui conquise et assumée, ou au contraire *verworfen, rejetée*.

Je veux encore, pour vous laisser sur la question dans son plein sens, vous donner quelques autres exemples.

Ceci n'est pas lié au verbe *suivre*. Si je dis à quelqu'un « *Tu es celui qui dois venir* », vous devez tout de suite comprendre ce que cela suppose comme arrière plan de signifiants. Mais si je dis à quelqu'un « *Tu es celui qui dois arriver* »,

c'est quelque chose qui consiste à dire « *Tu arriveras !* ». On voit ce que cela laisse supposer. Oui ! Mais dans quel état. Il importe d'insister sur ces exemples.

« *Tu es celui qui veux ce qu'il veut* », cela veut dire « *Tu es un petit obstiné* ». Cela veut dire « *Tu es celui qui sais vouloir* ».

Il ne s'agit pas d'ailleurs forcément que tu sois celui qui me suivras ou qui ne me suivras pas : « *Tu es celui qui suivra*

sa voie jusqu'au bout ». « *Tu es celui qui sait ce qu'il dit* », de même que « *Tu n'es pas celui qui suivra sa voie jusqu'au bout* ».

L'importance de ces distinctions est celle-ci : le changement d'accent, c'est-à-dire le « *tu* » qui donne à l'autre, qui lui confère sa plénitude et qui est aussi bien celle dont le sujet reçoit la sienne, est essentiellement liée au signifiant.

Que va-t-il se passer quand le signifiant dont il s'agit est évoqué mais fait défaut ? Que va-t-il se passer ?

Il y a quelque chose que nous pouvons à la fois déduire de cette approche et voir confirmer par l'expérience.

Il suffit maintenant de faire notre formule se recouvrir avec le schéma que nous avons donné autrefois pour être celui de la parole dans ce sens qu'elle va du **S** au **A** : « *Tu es celui qui me suivras partout* ». Naturellement le **S** et le **A**

sont toujours réciproques, et dans la mesure même où c'est le message qui nous fonde, que nous recevons de l'Autre, qui est au niveau du « *tu* », le **A** au niveau du « *tu* », le petit *a*, au niveau de « *qui me* », et le **S** au niveau de « *suivras* ».

Dans toute la mesure où le signifiant qui donne à la phrase son poids, et du même coup donne son accent au « *tu* », dans toute la mesure où ce signifiant va manquer, dans toute la mesure où ce signifiant est *entendu*, mais où rien,

chez le sujet, ne peut y répondre, dans toute cette mesure, la fonction de la phrase va se réduire à la portée du reste signifiant, du signifiant libre, du signifiant qui n'est jamais, lui, épinglé nulle part, donc bien entendu la fonction est absolument libre.

- Il n'y aucun « *tu* » électif.
- Le « *tu* » est exactement celui auquel je m'adresse, et rien d'autre.
- Il n'y a pas de « *tu* » fixé d'aucune façon.
- Le « *tu* » est tout ce qui suit, celui qui meurt.

C'est exactement là le début des phrases qui sont focalisées et qui s'arrêtent précisément à ce point où va surgir un signifiant qui reste lui-même entièrement problématique, chargé d'une *signification certaine*, mais on ne sait pas laquelle, d'une *signification* à proprement parler manquante, dérisoire, qui indique la béance, le trou, l'endroit où justement rien ne peut chez le sujet, répondre de signifiant.

C'est précisément dans la mesure où c'est le signifiant qui est appelé, qui est évoqué, qui est intéressé, que surgit autour de lui l'appareil pur et simple de relation à l'Autre, le bredouillage vide du « *Tu es celui qui me...* », qui est le type même de la phrase qu'entend le président SCHREBER, et qui est celui qui bien entendu nous produit cette présence

de l'Autre d'une façon en effet d'autant plus radicalement présente, et d'autant plus radicalement Autre, d'autant plus absolument l'Autre, qu'il n'y a rien qui permette de le situer à un niveau de signifiant auquel le sujet d'une façon quelconque s'accorde cette dé-proposition. Et le texte est dans SCHREBER. Il le dit dans cette relation

qu'il a désormais à l'Autre, si l'Autre un instant l'abandonne, le laisse tomber, il se produit une véritable *Zersetzung*,

il sera laissé à sa *décomposition*.

Cette *décomposition du signifiant* est quelque chose qui dans le phénomène se produit au niveau et autour d'un *point d'appel* qui est constitué par *un manque, une disparition, une absence d'un certain signifiant*, pour autant que, à un moment donné

il est appelé comme tel. Supposez que ce soit le « *me suivras* » dont il s'agit. Tout sera évoqué autour des significations qui pour le sujet en approchent. Il y aura le « *je suis prêt* », « *je serai soumis* », « *je serai dominé* », « *je serai frustré* »,

« *je serai dérobé* » et « *je serai aliéné* », et « *je serai influencé* ». Mais le « *suivras* » au sens plein n'y sera pas.

Quelle est la signification qui dans le cas du président SCHREBER a été à un moment donné approchée ?

C'est ce dont il s'agit, qui tout d'un coup chez cet homme sain jusque-là, s'était parfaitement accommodé de l'appareil du langage, pour autant qu'il établisse la relation courante avec ses semblables, *quel est ce quelque chose qui a pu être appelé*, qui l'a été d'une façon telle, *à produire un tel bouleversement* ?

Qu'il n'y ait plus que le repassage de la parole comme telle, sous cette forme demi-aliénée qui devient pour lui le mode de relation essentiel, électif à un Autre, qui en quelque sorte s'unifie à partir de ce moment-là, qui devient

le registre de l'altérité unique et absolue, et qui brise, qui dissipe la catégorie de l'altérité au niveau de tous les autres êtres qui entourent à ce moment SCHREBER. C'est là la question sur laquelle nous nous arrêtons aujourd'hui. Je vous donne, d'ores et déjà, la direction dans laquelle nous allons le voir. Nous allons voir les « mots-clés », les mots signifiants, ceux de SCHREBER, depuis « *l'assomption des nerfs* », « *la volupté* », « *la béatitude* », et mille autres termes tournés autour d'une sorte de *signifiant central* qui n'est jamais dit, et dont la présence commande, est là déterminante, comme il le dit lui-même.

Il emploie le mot essentiel de tout ce qui se passe dans son délire, à titre indicatif, et pour vous rassurer en terminant, pour vous montrer que nous sommes sur un terrain qui est nôtre, je vous dirai que *dans toute l'œuvre* de SCHREBER son père n'est nommé qu'une fois, à propos de l'œuvre qui est la plus connue sinon la plus importante de ce bizarre personnage qu'était le père de SCHREBER, qui s'appelle « *Le manuel de gymnastique de chambre de mon père* »,

c'est-à-dire un manuel que j'ai tout fait pour me procurer. C'est plein de petits schémas. Et il le cite pour dire qu'il a été se référer à l'œuvre de son père. C'est la seule fois où il le nomme, son père, pour aller voir si c'est bien vrai ce que lui disent les voix quant à l'attitude *typique*, celle qui doit être prise par l'homme et la femme au moment où ils font l'amour. Avouez que c'est une drôle d'idée d'aller chercher dans le « *manuel de gymnastique de chambre* ».

Chacun sait que *l'amour est un sport idéal*, mais tout de même ce n'est justement pas là que l'on va chercher les règles.

Ceci doit tout de même, si humoristique soit le mode d'abord, vous mettre sur la voie de ce que je veux dire. Et nous sommes aussi dans un terrain familier, quand nous posons dans un autre langage, mais qui comporte des structurations absolument décisives et essentielles dans tout notre registre de ce qu'il s'agit de définir quand nous abordons par la voie de la relation propre à l'intérieur du signifiant, de la cohérence de la phrase à la phrase, quand nous abordons ce problème de ce qui résulte d'un certain manque au niveau du signifiant, dans la façon dont le sujet ressent, perçoit, entre en rapport effectif fondamental qui est ce au niveau de quoi le « *Je* », le sujet cause, dit « *tu* » comme tel.

Tu es celui qui me suis le mieux.
Tu es celui qui me suit comme un petit chien.
Tu es celui qui me suivait ce jour là.
Tu es celui qui me suivais à travers les épreuves.
Tu es celui qui suis la loi, le texte.
Tu es celui qui suit la foule.
Tu es celui qui m'as suivi.
Tu es celui qui m'a suivi.
Tu es celui qui es.
Tu es celui qui est.

Je ne crois pas cela plus vain que d'énumérer par liste et catégorie les symptômes d'une psychose, c'est autre chose et je crois que c'en est le préalable peut-être indispensable, au moins pour le point de vue que nous avons choisi. Bref, votre métier de psychanalyste vaut bien que vous vous arrêtiez un moment sur ce que *parler veut dire*, car enfin c'est un exercice pas tout à fait de la même nature - encore qu'il puisse apparemment s'en rapprocher - de l'exercice voisin, de celui des récréations mathématiques auxquelles on n'accorde jamais assez d'attention. Cela a toujours servi à former l'esprit.

Là on sent toujours que ça va au-delà de la petite drôlerie, là vous êtes exactement au-delà de ce dont il s'agit, à savoir que bien entendu ce n'est pas là quelque chose qui puisse entièrement s'objectiver, se formaliser. Vous êtes au niveau de ce qui se dérobe, et c'est là justement bien entendu que vous vous arrêtez le moins volontiers, pourtant c'est tout de même là l'*essentiel* de ce qui se passe quand vous êtes en rapport avec le discours d'un autre, et le résultat a son sens le plus bas. Ce n'est pas absolument certain que ce soit toujours la meilleure façon d'y répondre.

Nous reprenons alors où nous en étions la dernière fois, au niveau du temps futur du verbe suivre : « *Tu es celui qui me suivras* » et « *Tu es celui qui me suivra* ». Nous allons essayer d'indiquer dans quelle direction était la différence.

Nous avons même commencé de ponctuer les véritables double sens qui s'établissent selon que, ou non, on ne passe pas à travers l'écran de « *Tu es celui qui m'a suivi* » et « *Tu es celui qui m'as suivi* ».

À qui est le démonstratif ? Qui n'est pas autre chose que la fameuse troisième personne qui dans toutes les langues est faite avec des démonstratifs. C'est d'ailleurs bien pour cela que ce n'est pas une personne du verbe. Il s'agit de savoir ce que cela veut dire que le « *tu* » passe ou ne passe pas à travers cet écran des démonstratifs. Dans tous les cas, vous voyez que ce qui apparaît, c'est déjà au niveau du « *Tu es celui qui me suivra* », et « *Tu es celui qui me suivra* » et qui se définit par la présence plus ou moins accentuée en arrière de ce « *tu* » auquel je m'adresse, d'un *ego* qui est là plus ou moins présentifié, je dirai tout à l'heure *invoqué*, à condition que nous donnions son plein sens à ce sens d'*invocation*.

J'avais mis l'accent sur l'*opposition* qu'il y a entre :

- le caractère inmanquable de « *Tu es celui qui me suivra* », à la troisième personne, versant persécutif de la constatation qu'il y a dans « *Tu es celui qui me suivra* »,
- opposé à ce qui est d'une toute autre nature, à cette sorte de mandat ou de délégation, ou d'appel, qui est dans « *Tu es celui qui me suivras* ».

Autre terme qui pourrait aussi bien servir à en manifester la diversité et l'opposition qu'il y a entre le terme de « *prédiction* » et le terme de « *prévision* », qui serait aussi quelque chose qui mériterait de nous arrêter, et qui est en quelque sorte je dirais, seulement sensible précisément dans une phrase qui incarne le message.

Si nous l'abstractifions, la *prédiction* est différente. Ce n'est pas pareil - nous le voyons bien - quand il s'agit de faire accorder les verbes, ou plus exactement de les personnifier, de les « *empersonner* ». « *Tu es celui qui m'a suivi* » au passé, ou « *Tu es celui qui m'as suivi* », est évidemment quelque chose qui présente une sorte de diversité analogue.

Je dirais que d'une certaine façon vous pouvez voir que le temps, cette sorte d'aspect du verbe qui ne se réduit pas

à la seule considération du passé, du présent et du futur, le temps est intéressé d'une façon toute différente là où il y a *la deuxième personne*. Je dirais que c'est d'une action dans le temps qu'il s'agit dans le premier cas, le cas où le « *m'as suivi* » est à la deuxième personne, « *Tu m'as suivi* » dans le temps qui était présent à ce moment, c'est une action qui était temporalisée, une action considérée dans l'acte de s'accomplir qui est exprimée par la première formule.

Dans l'autre, « *Tu es celui qui m'a suivi* », c'est un parfait, une chose achevée, et même tellement définie qu'on peut même dire que ça confine à la définition parmi les autres « *Tu es celui qui m'a suivi* ».

Vous sentez bien également, que le « *me* » soit là ou qu'il ne le soit pas, c'est évidemment même du verbe et du sens,

pour autant que tout ce qui lui est opposé le précise et le définit, que va dépendre cet accord. Il y a là une règle sans aucun doute, mais une règle dont il faut vous donner de nombreux exemples pour arriver à la saisir, et la différence qu'il y a entre « *tu es celui qui me suis le mieux* » et « *tu es celui qui me suit comme un petit chien* »

est là pour vous permettre d'amorcer les exercices qui suivent, ce qu'il convient de mettre dans les blancs.

« *Tu es celui* - il s'agit d'un imparfait - *qui me suivait ce jour-là.* » « *Tu es celui qui, dans un temps, me suivais à travers les épreuves* ».

Toute la différence qu'il y a entre *la constance* et *la fidélité* me semble être là entre ces deux formules : disons même si le mot *constance* peut faire ambiguïté, toute la différence qu'il y a entre *la permanence* et *la fidélité*

donne cette différence entre les accords.

De même le « *me* » n'a pas besoin d'être là. « *Tu es celui qui suis la loi* », « *Tu es celui qui suis le texte* », me semble être

d'une autre nature et s'inscrire autrement que « *Tu es celui qui suit la foule* » : dans le 1^{er} cas « *suis* » et dans le 2nd « *suit* ».

Ces deux formules sont strictement du point de vue du signifiant, c'est-à-dire groupe organique dont la valeur significative s'ordonne depuis le commencement jusqu'à la conclusion, ce sont des phrases parfaitement valables.

M. PUJOL - *Elles ne sont pas identifiées phonétiquement, mais seulement orthographiquement.*

LACAN

Ces exemples là sont groupés, ils ne me semblent pas trop inventés pour pouvoir être valables, mais enfin j'ai signalé la dernière fois qu'au bout de cette règle de l'accord du verbe dans la relative, quand il y a un antécédent dans

la principale qui est impersonnelle à la première ou à la deuxième personne, c'est dans ces deux cas-là que nous avons *la possibilité* de mettre au niveau « *tu* », « *Je* », parce que « *Je suis celui qui te suivra* », est une différence avec « *Je suis celui qui te suivrai* ». Ceci n'est pas sans raison.

M. PUJOL

Quand on dit « Tu es celui qui m'as suivi », ou quand on l'entend, c'est l'autre qui met le « s », ce n'est pas celui qui parle qui le met.

LACAN

Là, c'est autre chose. Vous entrez dans le vif du sujet, ce dans quoi je voudrais vous mener aujourd'hui.

C'est en effet à la considération de ce qui se passe chez d'autres, ou plus exactement de ce que votre *discours* suppose.

Et vous venez en effet d'aller au cœur de ce problème en indiquant ce qu'à l'instant même j'ai indiqué, que derrière :

- ce « *tu* » auquel je m'adresse de la place où je suis comme *Autre* moi-même avec un grand A,
- ce « *tu* » auquel je m'adresse n'est pas du tout quelque chose qu'il faille purement et simplement considérer comme corrélatif,

- ce « *tu* » justement dans ces exemples, démontre qu'il y a autre chose au-delà de lui qui est justement cet *ego* dont vous parlez, cet *ego* qui soutient le discours de celui qui me suit quand il suit ma parole par exemple, qui est ici invoqué, et dont c'est précisément le plus ou moins de présence, le plus ou moins d'intensité qui fait que nous donnons la première forme, moi qui parle, et non pas lui.

Bien entendu, c'est lui qui sanctionne, et c'est même parce que la sanction dépend de lui que nous sommes là, que nous nous attachons à la différence de ces exemples. C'est cet *ego* qui est au-delà de ce « *Tu es celui...* », c'est le mode sous lequel cet *ego* est appelé à se repérer qui définit le cas :

- dans un cas c'est « *lui* » qui va en effet suivre, et qui fait qu'en effet le « *celui* » devient *caduc* : *il suivra, il suivra* « *lui* », c'est « *lui* » qu'il suivra,
- dans le 2nd cas, ce n'est pas « *lui* » qui est en cause, c'est « *moi* » qui est la gravitation d'un objet qui ne peut manquer de me suivre ou ne peut non plus actuellement être considéré comme autrement que *m'ayant suivi*.

Il s'agit pour tout dire de vous montrer que ce qui est le support de ce « *tu* » - sous quelque forme qu'il apparaisse dans mon expérience - ce qui est le support de ce « *tu* » c'est un *ego* qui le formule et qui ne peut jamais être tenu

pour complètement le soutenir. En d'autres termes, chaque fois que je fais appel par cette sorte de message, de délégation de l'autre, que je le désigne nommément comme étant :

- celui qui doit...
- celui qui va faire,
- celui auquel je fais appel comme *ego*, mais plus encore :
- celui auquel j'annonce ce qu'il va être,

...il y a toujours, supposé dans cette annonce même, le fait qu'il la soutienne, et en même temps quelque chose de complètement incertain, problématique au sens propre du mot, dans cette sorte de communication qui est la communication fondamentale, l'annonce pour ne pas dire comme je l'ai fait l'autre jour l'*annonciation*.

Remarquez que ce qui en résulte, c'est que par sa nature essentiellement fuyante qui ne soutient jamais totalement

le « *tu* », le « *Je* » dont il s'agit est donc, chaque fois qu'il est ainsi appelé ou provoqué, mis en fin de compte - chaque fois que c'est nous qui recevons ce « *tu* » - en posture de se justifier comme étant comme *ego*.

Et je dirais peut-être - nous allons y revenir tout à l'heure et aborder cela par un autre biais - que c'est bien une des caractéristiques tout à fait des plus profondes de ce qu'on appelle le fondement mental de la tradition judéo-chrétienne, que *la parole* y profile assez nettement toujours comme son fond dernier, l'être de ce « *je* » qui fait que dans toutes les questions essentielles, le sujet se trouve toujours plus ou moins en posture de cette sommation de se justifier comme « *je* ».

Derrière tout le dialogue le plus essentiel, il y a cette opposition de « *tu es celui qui es* » et de « *tu es ce lui qui est* » sur laquelle il convient de s'arrêter, car en effet seul le « *je* » qui est absolument seul, le « *je* » qui dit « *je suis celui qui suis* », est celui qui soutient absolument radicalement le « *tu* » dans son appel. C'est bien toute la différence qu'il y a entre

le Dieu de la tradition dont nous sortons, et le Dieu de la tradition grecque. Si le Dieu de la tradition grecque est capable de se proférer sous le mode d'un « *je* » quelconque, il est assurément celui qui doit dire « *Je suis celui qui est* ».

Il n'en est d'ailleurs absolument pas question, car s'il est quelque part quelque chose qui à la rigueur pourrait prendre cette forme *mi chair mi poisson*, de ce qui pourrait dire « *Je suis celui qui est* », c'est cette forme archi-atténuée du Dieu grec qui n'est pas du tout non plus quelque chose dont il y ait lieu de sourire, ni non plus de croire

que c'est une espèce d'acheminement à l'évanouissement athéistique du Dieu :

- le Dieu auquel VOLTAIRE s'intéressait beaucoup, au point de considérer DIDEROT comme un crétin, est bien évidemment quelque chose de cet ordre du « *Je suis celui qui est* »,
- mais celui d'ARISTOTE est bien une des choses auxquelles votre esprit ne s'apprêtera pas volontiers parce que c'est devenu pour nous à proprement parler impensable.

Pour essayer de situer correctement la question des rapports du sujet à *l'Autre absolu*, essayez de vous mettre pendant un certain temps, par une sorte d'application, de méditation mentale qui est le mode de ce « *medeor* » dont je vous parlais la dernière fois - c'est le verbe original de votre fonction médicale - mettez-vous un instant à méditer sur ce que peut être le rapport au monde d'un homme disciple d'ARISTOTE, pour lequel Dieu

c'est la sphère la plus immuable du ciel. Qu'est cette sphère exactement ?

Ce n'est pas quelque chose qui s'annonce d'aucune façon verbale, de l'ordre de ce que nous évoquions à l'instant

en parlant de cet *Autre absolu*, c'est quelque chose qui est cela, *la partie de la sphère étoilée, et qui comporte les étoiles fixes*. C'est exactement cette sphère qui dans le monde ne bouge pas, c'est cela qui est Dieu.

Ce que cela comporte comme situation du sujet au milieu du monde est quelque chose dont je dois dire que, sauf à s'appliquer à bien partir de là, de ce que ça comporte comme rapport à l'Autre qui nous est absolument étranger et impensable, et même beaucoup plus lointain que ce sur quoi nous pouvons nous amuser, à plus ou moins juste titre, autour de la fantaisie punitive, simplement personne ne s'y arrête.

Personne non plus ne s'arrête à ceci : c'est qu'au fond de la pensée religieuse qui nous a formés, à celle...

je le répète parce que je l'ai indiqué tout à l'heure, et que c'est par là que ça se raccorde

à notre expérience qui nous est la plus commune

...qui nous fait vivre dans « *la crainte et le tremblement* », et qui fait que, au fond de toute notre expérience psychologique des névroses - sans qu'on puisse pour autant préjuger de ce qu'elles deviennent dans une autre sphère culturelle -

la coloration de la culpabilité est tellement fondamentale que c'est par là que nous l'avons abordée, et que nous nous sommes rendu compte que les névroses étaient structurées sous un mode subjectif et intersubjectif.

Ce n'est pas par hasard que cette coloration de la culpabilité en forme absolument le fond, et que par conséquent il y a tout lieu de nous interroger si ça n'est pas notre rapport à l'autre absolument en tant qu'il est intéressé fondamentalement par une certaine tradition, celle justement qui s'annonce à un moment donné de l'histoire dans cette formule flanquée d'un petit arbre, nous dit-on, en train de flamber : « *Je suis celui qui suis* ». À ceci correspond précisément un mode d'accord et de relation, corrélatif du *divin*.

Nous ne sommes pas tellement non plus éloignés de notre sujet, *parce qu'il s'agit de cela dans le Président SCHREBER* :

il s'agit d'un mode de construire l'Autre, Dieu. C'est à cela que correspond un mode de relation à ce Dieu dont vous verrez d'une façon tout à fait compréhensible et facile, à quel point pour nous le mot « *athéisme* » a un autre sens que celui qu'il pourrait avoir dans une référence par exemple à la divinité aristotélicienne. Dans une référence à la divinité aristotélicienne, il s'agit d'un certain rapport, accepté ou non, à un « *étant* » supérieur, à un « *étant* » qui est le suprême, l'absolu de tous les « *étants* » de la dite « *sphère étoilée* », et je vous le répète, cela suffit à situer en un éclairage complètement différent de tout ce que nous pouvons penser, tout ce qui est abordé à partir de là dans le monde.

Notre athéisme à nous précisément, vous voyez bien à quel point il se situe dans une autre perspective, sur une autre route, dans une autre ambiguïté, si je puis dire, et combien il est justement lié à ce côté toujours se dérobant de ce « *je* » de l'Autre. Le fait qu'un Autre puisse s'annoncer comme « *Je suis celui qui suis* »,

est très précisément d'ores et déjà l'annonce qu'un Dieu qui en lui-même et par lui-même, et par seule forme de s'annoncer, est un Dieu *au-delà* et un Dieu *caché*, un Dieu qui ne dévoile en aucun cas son visage.

On peut dire que d'une certaine façon dans la perspective aristotélicienne, notre départ à nous est un départ athée. C'est une erreur, mais si dans leur perspective c'est strictement vrai, dans notre expérience ça ne l'est pas moins,

pour la raison que le caractère problématique de quoique ce soit qui s'annonce comme « *Je suis celui qui suis* » est très précisément le cœur même de la façon dont la question est posée pour nous, c'est-à-dire d'une façon qui est essentiellement non soutenue, et on peut presque dire non soutenable, qui n'est soutenable que par un sot.

Réfléchissez à ce « *Je suis* » de « *Je suis celui qui suis* ». C'est là ce qui constitue la portée problématique de cette relation à l'Autre dans la tradition qui est la nôtre et à laquelle se rattache un tout autre développement des sciences,

une toute autre façon de se mettre dans un certain rapport avec les « *étants* », avec les objets, qui est ce qui distingue très proprement notre science à nous, beaucoup plus profondément que son caractère dit expérimental. Les anciens n'expérimentaient pas moins que nous, ils expérimentaient sur ce qui les intéressait.

La question n'est évidemment pas là, c'est dans la façon de poser les *autres*, les *petits autres* dans une certaine lumière de *l'Autre dernier*, de *l'Autre absolu*, que se distingue complètement notre façon de considérer le monde et de le morceler, et de le mettre en petites miettes, par rapport à la façon dont les anciens l'abordaient avec des références

à une sorte de pôle dernier de « *l'étant* », par rapport à quoi ? Par rapport à quelque chose qui normalement se hiérarchise et se situe dans une certaine échelle de consistance de « *l'étant* ».

Notre position à nous est complètement différente puisqu'elle met d'ores et déjà radicalement en cause *l'être même*

de ce qui s'annonce comme étant être et non pas « *étant* ». « *Je suis celui qui suis* », réfléchissez à ceci que nous sommes

hors d'état de répondre selon la première formule, car si la seconde est *la formule du déisme*, et qui n'est donc pas

une réponse à ce « *Je suis celui qui suis* », la première est impossible à donner parce que qui sommes-nous pour pouvoir répondre à « *celui qui est* », « *celui qui suis* » ?

Or nous ne le savons que trop, et c'est évidemment que quelques étourneaux - on en rencontre encore, à la vérité il nous en vient beaucoup de vols d'étourneaux de l'autre côté de l'Atlantique - j'en ai encore rencontré un récemment, et après plusieurs disciples, m'affirmait : « *Mais enfin, je suis moi !* ».

Ça lui semblait la certitude dernière. Je vous assure que je ne l'avais pas provoqué et que je n'étais pas du tout là pour faire de la propagande psychanalytique ou anti-psychologique, c'est venu comme cela.

À la vérité, s'il y a quelque chose qui est vraiment minimal dans l'expérience, qui n'a pas besoin d'être celle du *psychanalyste*, mais celle de quiconque, simplement le moindre apport de l'expérience intérieure, c'est qu'assurément,

comme je le disais la dernière fois, nous sommes d'autant moins « *ceux qui sommes* », qu'à l'intérieur nous savons bien quel vacarme, quel chaos épouvantable, à travers les diverses objurations, nous pouvons expérimenter en nous

à tout propos, à tout bout de champ, à propos de toute impression.

Nous touchons donc du doigt que dans la cohérence de cette forme essentielle de la parole qui s'annonce, ou que nous annonçons nous-mêmes, comme un « *tu* », nous nous trouvons dans un monde complexe, dans la relation de sujet à sujet, en tant qu'il est structuré par les propriétés du langage, par une distinction essentielle dans laquelle le terme signifiant doit être considéré produit.

Je vous ai tenus en mains assez longtemps pour que nous puissions concevoir, repérer son propre rôle.

Je voudrais vous ramener à des propriétés tout à fait simples du signifiant et de ce que je veux dire quand je vous dis qu'il y a là une série de termes qu'après vous avoir manifesté, si vous voulez, un radicalisme aussi total de la relation *du sujet au sujet*, que je doive le faire aller à une sorte de rapport dernier qui est celui si je puis dire, d'une sorte d'interrogation en marge de l'Autre comme tel et comme sachant que cet Autre est à proprement parler insaisissable, qu'il ne soutient, qu'il ne peut jamais soutenir totalement la gageure que nous lui proposons.

Inversement, l'autre phase de cet abord, de ce point de vue, de ce que j'essaie de soutenir devant vous, comporte je dirais même un certain *matérialisme* des éléments qui sont en cause, en ce sens que quand je vous parle

de la fonction et du rôle du *signifiant*, ce sont des *signifiants*, bel et bien je ne dirais pas même incarnés, matérialisés,

ce sont des mots qui se promènent, mais c'est comme tels qu'ils jouent *leur rôle d'agrafage* sur lequel j'ai déjà introduit

toute mon avant-dernière causerie.

Je vais maintenant pour vous reposer, essayer de vous amener par une espèce de métaphore, de comparaison - bien entendu « *comparaison n'est pas raison* », et c'est bien parce que je l'ai illustré par des exemples d'une qualité

un tant soit peu plus rigoureuse que ce que je vais vous dire maintenant va pouvoir vous apporter autre chose.

Rappelez-vous que c'est à propos de RACINE et de la première scène d'ATHALIE que je vous ai abordé cette *fonction du signifiant* en vous montrant combien tout le progrès de la scène consiste dans la substitution

de l'interlocuteur, d'ABNER, par *la crainte de Dieu*, il n'a évidemment pas plus de rapport avec les *craintes* d'ABNER,
avec la voix d'ABNER, que le « ...*m'as suivi*. » du premier terme, ou le « ...*m'a suivi*. » de la seconde phrase.

Ouvrons une parenthèse. J'ai pu lire dans le n°7 du 16 Mai un article sur RACINE dans lequel on définit l'originalité de cette tragédie en ce sens que RACINE a su y avoir l'art, l'adresse, d'introduire dans les cadres de la tragédie
- c'est-à-dire : presque à l'insu de son public - des personnages d'une sorte de haute *putacée*.

Vous voyez pour ce qui est de la distance entre la culture anglo-saxonne et la nôtre, ce que devient dans une certaine perspective cette chose. La note fondamentale telle qu'elle apparaît dans ANDROMAQUE, IPHIGÉNIE, etc.,
c'est l'exemple d'une haute *putacée* ! Ceci tout de même ne rendra pas inutile notre référence à ATHALIE.

Il est ponctué au passage que les freudiens ont fait une découverte extraordinaire dans les tragédies de RACINE. Je ne m'en suis pas jusqu'à présent aperçu, c'est ce que je déplore, c'est qu'avec tout l'accent et la complaisance qu'à partir de FREUD nous avons mis à rechercher dans les pièces shakespeariennes l'illustration, l'exemplification d'un certain nombre de relations analytiques fondamentales, par contre il nous semble qu'il serait temps de faire venir au jour quelques références de notre propre culture, et y trouver peut-être autre chose, et aussi peut-être des choses qui ne seraient pas moins illustratives - comme j'ai essayé de le faire la dernière fois - des problèmes qui se posent
à nous concernant l'usage du *signifiant*.

Venons-en à l'exemple que je veux vous donner pour vous expliquer ce qu'on peut comprendre, ce qu'on peut vouloir dire quand on parle de l'instauration dans ce champ des relations de *l'Autre*, du *signifiant* dans sa gravité, dans son inertie propre, et dans sa fonction proprement signifiante.

Cherchez un exemple *qui matérialise* bien, *qui accentue* le sens de la matérialisation. Je veux dire qu'il n'y a pas de raison à aller chercher très loin une illustration du signifiant qui mérite à plein titre d'être prise comme telle, je dirais que c'est la route, la grand-route sur laquelle vous roulez avec vos ustensiles de locomotion divers, la route en tant qu'on l'appelle la route, c'est la route qui va par exemple de Mantes à Rouen.
Je ne parle pas de Paris parce que c'est un cas très particulier.

L'existence d'une grand-route de Mantes à Rouen est quelque chose qui à soi tout seul s'offre à la méditation du chercheur pour lui fournir tout de suite des matérialisations tout à fait évidentes de ce que nous pouvons dire à propos du signifiant, car supposez - comme il arrive dans le Sud de l'Angleterre où vous n'avez ces *grand-routes*
que d'une façon parcimonieuse - que vous voudriez aller de Mantes à Rouen et que vous devriez passer une série de petites routes qui sont celles qui vont de Mantes à Vernon, puis de Vernon à ce que vous voudrez.

Il suffit d'avoir fait cette expérience pour s'apercevoir que ce n'est pas du tout pareil qu'une succession de petites routes et une grand-route, c'est quelque chose d'absolument différent, dans la pratique c'est ce qui suffit à soi
tout seul à ralentir et à changer complètement la signification de vos comportements vis-à-vis de ce qui se passe entre le point de départ et le point d'arrivée. *A fortiori* si vous envisagez par exemple que tout un paysage, tout un pays, toute une contrée est simplement recouverte de tout un réseau de petits chemins et que nulle part n'existe ce quelque chose qui existe en soi, qui est reconnu tout de suite quand vous sortez de n'importe quoi, d'un sentier, d'un fourré, d'un bas-côté, d'un petit chemin vicinal, vous savez tout de suite que là c'est la grand-route.

La grand-route n'est pas quelque chose qui s'étend d'un point à un autre, c'est quelque chose qui a là une existence comme telle, qui est une dimension développée dans l'espace, une présentification de quelque chose d'original.

La grand-route, ce quelque chose, je le choisis pourquoi ? Parce que comme dirait M. DE LA PALICE, c'est une voie de communication, et que vous pouvez avoir le sentiment qu'il y a là une métaphore excessivement banale que rien n'atteindrait sur cette grand-route sinon ce qui y passe, et que la grand-route est un moyen
d'aller d'un point à un autre. C'est tout à fait une erreur.

Ce qui distingue une *grand-route* de par exemple ces sentiers que tracent paraît-il par leurs mouvements les éléphants dans la forêt équatoriale, c'est très précisément que ce n'est pas pareil : c'est que les sentiers, tout importants paraît-il qu'ils soient, sont très exactement ce quelque chose qui est frayé par le passage, qui n'est rien d'autre que le passage des éléphants, c'est quelque chose qui n'est pas rien, qui est soutenu par la réalité physique de la migration des éléphants et de ce qui est quelque chose qui est tout à fait en effet *orienté*. Je ne sais pas si ces routes conduisent comme on dit quelquefois à des cimetières, mais enfin ces cimetières paraissent bien rester encore mythiques, il semble que ce soient plutôt des dépôts d'ossements que des cimetières.

Mais laissons les cimetières de côté. Assurément les éléphants ne stagnent pas sur les routes.

La différence qu'il y a entre la *grand-route* et le sentier des éléphants, c'est que nous, nous nous y arrêtons, mais au point où vous le voulez - et là l'expérience parisienne revient au premier plan - nous nous y arrêtons au point de nous y agglomérer, et au point de rendre ce lieu de passage assez visqueux pour confiner précisément à l'impasse.

Ne nous arrêtons pas d'ailleurs uniquement à ce phénomène, il est bien clair qu'il se passe ailleurs encore bien d'autres choses qui sont par exemple que nous allons nous promener sur la *grand-route*, tout à fait exprès et intentionnellement, pour faire le même chemin dans un certain temps et en sens contraire, c'est-à-dire vers quelque chose qui nous a littéralement menés nulle-part.

Ce mouvement d'aller et retour est quelque chose qui est aussi tout à fait essentiel, qui nous mène sur le chemin de cette évidence qui est ceci : c'est que la *grand-route* est un site, c'est quelque chose autour de quoi s'agglomèrent toutes sortes d'habitations, de lieux de séjour, quelque chose qui polarise, en tant que *signifiant*, *les significations* qui viennent s'agglomérer autour de la *grand-route* comme telle.

On fait construire sa maison sur la *grand-route*, la maison est sur la *grand-route*, elle s'étage et s'éparpille sans autre fonction que d'être à regarder la *grand-route*. Et pour tout dire dans l'expérience humaine, c'est justement parce que la *grand-route* est un signifiant incontestable qu'elle marque une étape de l'histoire, et tout spécialement pour autant qu'elle marque les empreintes romaines, quelque chose qui a le rapport le plus profond avec le signifiant, qui distingue tout ce qui s'est créé à partir du moment où la route a été prise comme telle. La route romaine a fait quelque chose qui dans l'expérience humaine a une consistance absolument différente de ces chemins, de ces pistes, même à relais, à communications rapides, qui ont pu faire tenir un certain temps, dans l'Est, des empires.

Tout ce qui est *marqué* de la route romaine en a pris un style qui va beaucoup plus loin que ce qui est immédiatement accessible comme les effets de la *grand-route*, quelque chose qui *marque* précisément, justement partout où elle a été et d'une façon quasiment ineffaçable, ces *empreintes* romaines avec tout ce qu'elle a développé autour d'elle, aussi bien d'ailleurs les rapports inter-humains de droit, de mode de transmettre la chose écrite, le mode de promouvoir l'apparence humaine et les statues.

M. MALRAUX peut dire à juste titre qu'il n'y a véritablement pas, du point de vue du musée éternel de l'art, de véritable lien à retenir de la sculpture romaine, il n'en reste pas moins que la notion même de l'être humain représenté dans la sculpture comme tel, est absolument liée à cette vaste diffusion dans les sites romains, des statues.

Il y a tout un mode de développement des rapports du signifiant qui est essentiellement lié, qui fait de la *grand-route* un exemple absolument pas négligeable, un exemple particulièrement sensible et éclairé de ce que je veux dire quand je parle de *la fonction du signifiant en tant qu'il polarise, qu'il accroche, qu'il groupe en faisceau des significations* et que, pour tout dire, *il y a une véritable antinomie ici entre la fonction du signifiant et l'induction qu'elle exerce dans le groupement des significations*.

C'est le signifiant qui est polarisant, c'est le signifiant qui crée le champ des significations.

Comparez trois espèces de cartes sur un grand atlas :

- *la carte du monde physique* : vous y aurez en effet des choses inscrites dans la nature où déjà les choses sont disposées à jouer ce rôle, mais où elles sont en quelque sorte à l'état naturel.
- Voyez en face de cela *une carte politique* : vous y aurez quelque chose qui se marque sous ses formes de traces d'alluvions, de sédiments, quelque chose qui est toute l'histoire des *significations* humaines,

avec un point où elles se maintiennent dans une sorte d'équilibre faisant des figures plus ou moins énigmatiques qui s'appellent les limites politiques ou autres, entre des terres déterminées.

- Prenez une carte des grandes voies de communication, voyez comment s'est tracée du sud au nord la route qui traverse par tels segments de pays pour lier un bassin à un autre, une plaine à une autre plaine, franchir une chaîne, s'organiser passant sur des ponts : vous voyez nettement que c'est là à proprement parler ce qui exprime le mieux dans ce rapport de l'homme à la terre, ce que nous appelons le rôle du signifiant, car il est bien vrai historiquement, non pas comme le pensait cette personne qui s'émerveillait que les cours d'eau passent précisément par les villes, ce serait faire preuve d'une niaiserie tout à fait analogue que de ne pas voir que les villes se sont précisément formées, cristallisées, installées au nœud des routes, c'est-à-dire en un point où un certain méridien se coupe avec un certain parallèle, lié à de certaines fonctions de routes, et que c'est au croisement des routes, d'ailleurs historiquement avec une petite oscillation, que se produisait ce quelque chose qui devient un centre de signification, qui devient une ville, une agglomération humaine avec tout ce qui lui impose cette dominance du signifiant.

Que se passe-t-il quand nous ne l'avons pas cette grand route et quand nous sommes forcés pour aller d'un point à un autre d'ajouter les uns aux autres de petits chemins, autrement dit des modes plus ou moins divisés de groupements de signification ? *C'est cela qui nous donnera le mot « Père » auquel je veux en venir.*

C'est à partir du moment où entre deux points quelconques nous devons passer par tous les éléments possibles d'un réseau. Il n'y a pas de grand-route, qu'en résulte-t-il ? Il en résulte que pour aller de ce point à ce point nous aurons le choix entre différents éléments du réseau :

- nous pourrons faire notre route comme cela,
- ou nous pourrons la faire comme ceci,

pour diverses raisons de commodité, de vagabondage ou simplement d'erreur au carrefour.

Alors d'abord il se déduit de cela plusieurs choses. Il se déduit que si le signifiant par exemple dont il s'agit - et c'est là que nous en venons au Président SCHREBER - est quelque chose qui a rapport avec ce que nous avons déjà amorcé, ce que je développerai la prochaine fois comme étant la signification « procréation », et vous verrez que cela nous mènera très très loin ce signifiant fondamental.

Mais pour l'instant il faut admettre que c'est le signifiant dont il s'agit dans ce qui va être mis en suspens par la crise inaugurale, le signifiant « procréation » dans sa forme la plus problématique, précisément dans sa forme dont FREUD lui-même nous annonce à propos des malades obsessionnels que ce qui concerne la paternité, comme ce qui concerne la mort, ce sont là les deux signifiants.

Le mot y est tiré d'un texte qui - si on savait le chercher - intéresse au plus haut degré l'obsessionnel, et que cette forme là, plus problématique que la procréation, ce n'est pas la forme « être mère », c'est la forme « être père ».

Pour une simple raison, qu'il convient ici de vous arrêter un instant simplement pour méditer sur ceci : à quel point

la fonction « être père » est quelque chose qui n'est absolument pas pensable dans l'expérience humaine si nous n'introduisons pas la catégorie du signifiant comme étant un fondement essentiel de toute espèce de construction, d'élaboration des rapports humains, car enfin, « être père », je vous demande de réfléchir à ce que peut vouloir dire

« être père ». Vous entrerez dans de savantes discussions ethnologiques ou autres pour savoir si les sauvages qui disent

que les femmes conçoivent quand elles sont placées à tel endroit, ou si les esprits ont bien ou non l'idée de la réalité scientifique, c'est-à-dire de savoir que les femmes deviennent fécondes quand elles ont dûment copulé.

Ces sortes d'interrogations sont tout de même apparues à plusieurs comme participant d'une niaiserie parfaite, car il est difficile de concevoir des animaux humains assez abrutis pour ne pas s'apercevoir que quand on veut avoir des gosses il faut copuler. La question n'est absolument pas là. La question est qu'entre copuler avec une femme,

que la femme porte ensuite quelque chose pendant un certain temps dans son ventre qui finit ensuite par être éjecté, est quelque chose qui va se juxtaposer, sa sommation n'aboutira jamais à constituer ce quelque chose qui fera

que l'homme - le sujet mâle - aura pour autant la notion de ce que c'est qu'être père.

Je ne parle même pas de tout le faisceau culturel que représente le terme « *être père* », je parle simplement de ce que c'est qu'être père, au sens de procréer. En d'autres termes, pour que la notion élaborée culturellement d'une façon signifiante : « *être père* », pour que se produise cette sorte d'*effet de retour* qui fasse que pour l'homme le fait de copuler reçoive le sens qu'il a effectivement, réellement, mais pour lequel *il n'y aura aucune espèce d'accès imaginaire possible*,

- que ce soit lui qui ait procréé,
- que cet enfant soit l'enfant de lui autant que de la mère,

...pour que cet effet d'action en retour se produise, il faut :

- que *la notion*, que l'élaboration de *la notion* « *être père* » ait été d'une façon quelconque, portée à l'état de signifiant premier par un plan de travail qui s'est produit ailleurs,
- que ce travail soit défini par *tout un jeu d'échanges culturels* qui a donné un certain sens, par exemple verbal, nominal, le même au terme « *être père* », ou que ce soit par toute autre voie, peu importe,
- il faut que ce signifiant ait en lui-même sa consistance et son statut, pour qu'à partir de là, le fait de copuler ait vraiment et réellement le sens de « *procréer* », et que *le sujet* bien entendu peut très bien savoir être réellement dans la chaîne nécessaire des causes pour qu'il y ait un enfant, devienne quelque chose qui instaure la fonction de procréer en tant que signifiant.

Je vous accorde qu'ici *je n'ai pas encore complètement ouvert le voile*, mais c'est parce que je le laisse pour la prochaine fois.

C'est qu'à chaque fois vous sentez bien la relation de cette notion de « *procréer* » avec la perception ou l'appréhension de la relation à l'expérience de la mort qui donne son plein sens au terme « *procréer* », *et dans l'un comme dans l'autre sexe*.

De toute façon, le signifiant « *être père* » est là quelque chose qui oui ou non fait la *grand-route* entre les relations sexuelles avec la femme, et le fait que pour le sujet, pour l'être, ce dont il s'agit est dans la relation de procréation considérée comme signifiant fondamental.

Supposez que la *grand-route* n'existe pas, nous nous trouverons devant un certain nombre de petits chemins élémentaires, ceux par exemple dont je viens de parler, à savoir copuler et ensuite qu'une femme porte dans son ventre, ce qui devient à partir de ce moment-là, une source de difficultés, de problèmes.

Vous le voyez assez puisque pour le Président SCHREBER qui selon toute apparence manque de ce signifiant fondamental qui s'appelle « *être père* », il a fallu qu'il fasse *cette espèce d'erreur* où il embrouille d'une façon plus serrée...

et en partant des exemples que je vous donne aujourd'hui, comment nous pouvons concevoir le mécanisme,

...la seconde partie du chemin : porter lui-même - comme une femme - quelque chose.

Il est tout de même assez curieux que le Président SCHREBER pour une raison quelconque, *imagine*, ne peut pas faire autrement que de *s'imaginer* lui-même femme et portant dans son ventre, réalisant dans une grossesse la deuxième partie du chemin nécessaire pour que s'additionnant l'un à l'autre, la fonction « *être père* » soit réalisée.

Si vous voulez, pour pousser un peu plus loin les analogies, je m'arrêterai un instant pour vous dire que tout ceci n'a rien de surprenant.

C'est tellement peu surprenant que c'est attesté par toutes sortes d'expériences, et que de toutes façons l'expérience de « *la couvade* » si problématique qu'elle nous paraisse, peut très simplement dans ce cas général, être située comme *quelque chose* qui en effet dans une assimilation incertaine, incomplète de la fonction « *être père* », répond bien pour le sujet à un besoin de réaliser imaginativement ou rituellement ou autrement la seconde partie du chemin d'une façon qui ne laisse pas « *être père* » à mi-chemin de ce qu'il est important pour lui de réaliser de la relation de procréation.

Pour pousser un peu plus loin ma métaphore et son utilité, je vous dirai qu'en fin de compte comment usez-vous des choses pour ce qu'on appelle des « *usagers de la route* » quand il n'y a pas de *grand-route*, quand il s'agit de passer

par des petites, pour aller d'un point à un autre ? On met au bord de la route des *écriteaux*, c'est-à-dire que là où le signifiant ne fonctionne pas tout seul, ça se met à parler tout seul au bord de la *grand-route*.

Là où il n'y a pas la *grand-route*, il y a des mots qui apparaissent sur des écriteaux. C'est peut-être cela la fonction des petites hallucinations auditives, verbales, de nos hallucinés, ce sont les écriteaux au bord de leur petit chemin, il faut bien qu'ils soient là puisqu'ils n'ont pas le signifiant général.

Si nous supposons que le signifiant est là à poursuivre son chemin toujours tout seul, que nous y faisons attention ou non, il y a au fond de nous, plus ou moins éludé précisément par le maintien de *significations* qui nous intéressent, cette espèce de bourdonnement, de véritable *tohu-bohu* de [signifiants ?] divers qui sont ceux avec lesquels nous avons été abasourdis depuis notre enfance.

Pourquoi ne pas concevoir que si au moment précis où quelque part ces *accrochages* de ce que SAUSSURE appelle « *la masse amorphe du signifiant* », ce *capitonnage* de « *la masse amorphe du signifiant* » avec *la masse amorphe des significations*, des intérêts, se met à sauter ou à se révéler déficient ?

Pourquoi ne pas voir qu'à ce moment là le signifiant et son courant continu reprend son indépendance, et qu'alors dans cette espèce de bourdonnement que si souvent nous décrivent les hallucinés dans cette occasion, ou de murmure continu de ces espèces de phrases, commentaires, qui ne sont rien d'autre que des infinités de petits chemins, ils se mettent à parler, à chanter tous seuls. C'est encore une chance qu'ils indiquent vaguement la direction.

Nous essaierons la prochaine fois de montrer tout ce qui dans le cas du président SCHREBER se met à différents niveaux, à s'orchestrer, à s'organiser dans différents registres parlés, comment tout cela sans répartition, dans son étagement comme aussi bien dans sa texture, révèle cette polarisation fondamentale du *manque* soudain rencontré, soudain aperçu, *d'un signifiant*.

Je commencerai mon petit discours hebdomadaire en vous engueulant, mais somme toute quand je vous vois là, si gentiment rangés à une époque si avancée de l'année, c'est plutôt ce vers qui me revient à l'esprit : « *C'est vous qui êtes les fidèles...* ». Je vais reprendre mon dessein qui se rapporte à la dernière réunion de la société.

Il est bien clair que les chemins où je vous emmène peuvent conduire quelque part, ils ne sont pas tellement frayés que vous n'ayez quelque embarras à montrer que vous reconnaissez le point où quelqu'un s'y déplace.

Ce n'est tout de même pas une raison pour vous tenir cois, ne serait-ce que pour montrer que vous avez une idée de la question. Vous pourriez dans ces cas là montrer quelque embarras, vous n'y gagnez rien à ne pas montrer que les choses ne vous sont pas encore entièrement claires. Vous me direz ce que vous gagnez, c'est que c'est en groupe que vous passez pour « *bouchés* », et que somme toute, sous cette forme, c'est beaucoup plus supportable.

Tout de même, à propos de « *bouchés* », on ne peut pas ne pas être frappé que certains philosophes, qui sont précisément ceux du moment auquel je me rapporte de temps à autre discrètement, rencontrent un extrait

de ce que *l'homme*, entre tous les « *étants* », est un « *étant* » ouvert.

On ne peut pas tout de même manquer de voir, dans cette espèce d'affirmation panique qui spécifie notre époque : « *l'ouverture de l'être* », dans ce qui fascine tout un chacun qui se met à penser, on ne peut pas manquer à certains moments d'y voir comme une sorte de balance et de compensation du fait précisément que le terme si familier

de « *bouché* » exprime, comme on le remarque de façon sentencieuse, un divorce entre les préjugés de la science quand il s'agit de l'homme, à savoir qu'elle ne peut de plus en plus donner avec les propriétés qui sont là par dessus le marché, à savoir qu'il parle, qu'il pense, qu'il sent, enfin qu'il est un animal raisonnable.

D'autre part, ces gens qui s'efforcent de redécouvrir qu'assurément ce qui est au fond de la pensée n'est pas le privilège des penseurs, mais que dans le moindre acte de son existence, l'être humain - quels que soient ses égarements sur sa propre existence, quand précisément il veut articuler quelque chose - reste quand même, entre tous les « *étant* », un « *être ouvert* ». Soyez certains qu'en tout cas ce n'est pas à ce niveau-là que...

je le souligne, parce que certains, pour être à une vue superficielle, essaient de répandre la pensée contraire

...ce n'est certainement pas à ce niveau auquel sont sensés se tenir ceux qui véritablement pensent - qui le disent, tout au moins - ce n'est pas à ce niveau que la réalité dont il s'agit quand nous explorons la matière analytique, se situe et se conçoit.

Sans doute bien entendu, il est impossible d'en dire quelque chose de sensé, si ce n'est à le restituer dans ce milieu

de ce que nous appellerons *les béances de l'être*, mais ces béances ont pris certaines formes, et c'est bien entendu

là ce qu'il y a de précieux dans l'expérience analytique, c'est qu'assurément elle n'est fermée en rien à ce côté radicalement questionneur et questionnable de la position humaine, mais qu'elle y apporte quelques déterminants.

Bien entendu, à prendre ces *déterminants* pour des *déterminés*, on précipite la psychanalyse dans cette voie des préjugés de la science, qui laisse échapper toute l'essence de la réalité humaine. Mais à simplement maintenir les choses

à ce niveau, et à ne pas non plus les mettre trop haut, je crois que c'est là ce qui peut nous permettre de donner à notre expérience l'accent juste de ce que j'appelle « *raison médiocre* ».

L'année prochaine - la conférence de PERRIER m'y a précipité, je ne savais pas ce que je ferai - je prendrai cette question de *la relation d'objet* ou de la prétendue telle, et peut-être l'introduirai-je même par quelque chose qui consisterait à rapprocher les objets de la phobie et les fétiches. La comparaison de ces deux séries d'objets

dont vous voyez déjà au premier abord combien ils diffèrent dans leur catalogue, pourrait n'être qu'une bonne façon d'introduire la question de *la relation d'objet*.

Pour aujourd'hui, nous reprendrons les choses là où nous les avons laissées la dernière fois.
Et puisque aussi bien à propos de la façon dont j'ai introduit ces leçons sur le signifiant, on m'a dit :

« Vous amenez ça de loin sans doute, c'est fatigant, on ne sait pas très bien où vous voulez en venir, mais quand même rétroactivement on s'aperçoit que le point d'où vous êtes parti... enfin, on voit bien qu'il y avait quelque rapport entre ce dont vous êtes parti et ce à quoi vous êtes arrivé. »

Cette façon d'exprimer les choses prouve quand même qu'on ne perdra rien à reparcourir une fois de plus le chemin.

La question limitée, je ne prétends pas couvrir tout le champ de ce qui est en outre le propos d'une chose aussi énorme que celle de seulement l'observation du Président SCHREBER, à plus forte raison de *la paranoïa* dans son entier, je prétends seulement éclairer un petit champ, une démarche qui consiste à s'attacher à certains phénomènes en ne les réduisant pas à une sorte de mécanisme qui lui serait purement étranger, c'est-à-dire, à essayer de l'insérer de toute force dans les catégories usitées, dans ce qu'on appelle le chapitre psychologique du programme de philo, mais d'essayer de rapporter cela à des notions simplement un peu plus élaborées concernant la réalité du langage.

Je prétends que ceci est de nature peut-être à nous permettre de poser autrement la question de l'origine, au sens très précis du déterminisme, au sens très précis de l'occasion de l'entrée dans la psychose, à savoir en fin de compte à des déterminations tout à fait étiologiques. Posons la question : que faut-il pour que *ça parle* ?

C'est un des phénomènes les plus essentiels de la psychose, et le fait de l'exprimer ainsi est bien de nature déjà peut-être même à écarter de la direction dans laquelle s'engageraient de faux problèmes, à savoir celui qu'on suscite en remarquant que [dans la psychose] le « *ça* », le « *id* » est conscient.

De plus en plus, nous nous passons de cette référence, et de cette catégorie de la conscience dont FREUD lui-même a toujours dit que

- littéralement on ne savait plus où la mettre,
 - économiquement que rien n'est plus incertain que son incidence - il semble.
- Qu'elle surgisse ou qu'elle ne surgisse pas, est - du point de vue économique - tout à fait contingent ...c'est donc bien dans la tradition freudienne que nous nous plaçons en disant qu'après tout la seule chose que nous avons à penser, c'est que *ça parle*.

Pour que *ça parle*, nous avons essayé de centrer l'interrogation sur : pourquoi est-ce que *ça parle* ?
Pourquoi est-ce que pour le sujet lui-même, *ça parle*, c'est-à-dire que ça se présente comme une parole, et que cette parole, c'est « *ça* », ce n'est pas *lui* ?

Nous avons essayé de centrer cette parole au niveau du « *tu* », ce point du « *tu* » éloigné, comme on me l'a fait remarquer, du point auquel j'aboutissais en essayant de vous symboliser le signifiant par l'exemple de la grand-route.

Ce point « *tu* », encore une fois nous allons y revenir puisque aussi bien c'est autour de cela que s'est centré aussi bien tout notre progrès de la dernière fois, et peut-être certaines des objections qui m'ont été faites.

Ce « *tu* » que nous employons constamment. Arrêtons nous à ce « *tu* », si tant est comme je le prétends, que c'est autour d'un approfondissement de *la fonction* de ce « *tu* » que doit se situer l'appréhension originaire de ce à quoi je vous conduis, de ce à quoi je vous prie de prêter réflexion.

La dernière fois, quelqu'un me disait à propos de « *Tu es celui qui me suivras* », me faisait l'objection grammaticale qu'assurément il y avait là quelque arbitraire à rapprocher « *Tu es celui qui me suivras* », de « *Tu es celui qui me suivra* »
de la seconde phrase, que les éléments n'étaient pas homologues, que bien entendu ce n'était pas du même « *celui* »

qu'il s'agissait dans les deux cas, puisque aussi bien celui-ci pouvait être *éliminé*, et que « *Tu me suivras* » est un *commandement*.

Ça n'est pas la même chose du tout que « *Tu es celui qui me suivras* » qui - si nous l'entendons dans son sens plein - n'est pas un *commandement* mais un *mandat*. Je veux dire que « *Tu es celui qui me suivras* » implique la présence de l'Autre, quelque chose de développé qui suppose la présence, tout un univers institué par le discours, c'est à l'intérieur de cet univers que « *Tu es celui qui me suivras* ». Nous y reviendrons.

Commençons par nous arrêter d'abord à ce « *tu* », et faisons bien cette remarque qui a l'air d'aller de soi, mais qui n'est pas tellement usitée, que le dit « *tu* » n'a aucun sens propre. Ce n'est pas simplement parce que je l'adresse indifféremment à n'importe qui, mais je l'adresse aussi bien à moi qu'à vous, et presque à toutes sortes de choses, je peux même tutoyer quelque chose qui m'est aussi étranger que possible, je peux même tutoyer un animal, un objet inanimé. La question d'ailleurs n'est pas là.

Le « *tu* », si vous y regardez bien, est de très près, du côté formel, grammatical, des choses, qui est justement ce à quoi se réduit pour vous toute espèce d'usage du *signifiant* dans lequel vous mettez malgré vous des *significations*, et que vous y croyez à la grammaire ! Tout votre passage à l'école se résume à peu près, comme gain intellectuel, à vous avoir fait croire à la grammaire, on ne vous a pas dit que c'était cela - le but n'aurait pas été atteint - mais c'est à peu près ce que vous avez recueilli. Mais si vous vous arrêtez à des phrases comme celle-ci :

« *Si tu risques un œil au dehors, on va te descendre.* »

Ou bien encore :

« *Tu vois le pont, alors tu tournes à droite.* »

Vous vous apercevrez :

- que le « *tu* », à y regarder de bien près, n'a pas du tout la valeur subjective d'une réalité quelconque de l'autre et du partenaire,
- que le « *tu* » là, est tout à fait équivalent à un site ou à un point,
- que le « *tu* » a tout à fait la valeur d'une conjonction,
- que ce « *tu* » introduit la condition ou la temporalité.

Je sais bien que ceci peut vous paraître tout à fait hasardé, mais je vous assure que si vous aviez une petite pratique de la langue chinoise, vous en seriez absolument convaincu : il y a ce fameux terme qui est le signe de la femme

et le signe de la bouche 如 [rú]³⁰. Mais on peut s'amuser beaucoup avec ces caractères chinois : le « *tu* » est quelqu'un auquel on s'adresse en lui donnant un ordre, c'est-à-dire « *comme il convient de parler aux femmes !* » On peut aussi dire mille autres choses, donc ne nous attardons pas.

Ce qui est beaucoup plus intéressant, ce sont des phrases que je ne m'attarderai pas à vous citer, parce que ce serait peut-être considéré comme abusif, mais enfin j'ai là l'occasion de vous montrer que le « *tu* » sous cette

forme, exactement ce même 如, est employé pour servir à formuler la locution « *comme si* », ou bien encore qu'une autre forme du « *tu* » est employé très exactement, comme je vous le disais à l'instant, pour formuler à proprement parler, et d'une façon qui n'a aucune espèce d'ambiguïté, un « *quand* » ou un « *si* » introductif d'une conditionnelle.

Cette référence montrera peut-être qu'il n'est pas exclu, que si la chose est moins évidente *dans nos langues* parce que

si nous avons quelques résistances à le comprendre et à l'admettre dans les exemples que je viens de vous donner, c'est uniquement en fonction des préjugés de la grammaire qui vous forcent...

parce que tout d'un coup vous vous penchez sur une phrase au lieu de l'entendre ...qui vous forcent dans les artifices de l'analyse étymologique et grammaticale à mettre à ce « *tu* » la deuxième personne du singulier. Bien entendu c'est la deuxième personne du singulier, mais il s'agit de savoir à quoi elle sert.

³⁰ Cf. le commentaire de [Guy Sizaret](#) sur [Lacanchine](#).

En d'autres termes, il s'agit de s'apercevoir que le « *tu* » a un certain nombre d'autres éléments qu'on appelle... dans les langues qui pour nous ont l'avantage de servir un peu à nous ouvrir l'esprit... je parle justement de ces langues sans flexion ³¹

...qu'on appelle des « *particules* », qui sont ces curieux signifiants multiples, quelquefois d'une ampleur et d'une multiplicité qui va jusqu'à engendrer chez nous une grammaire raisonnée de ces langues, une certaine désorientation, mais qui sont quand même un apport linguistique qui bien entendu est universel.

Il suffirait d'écrire d'une façon tant soit peu phonétique pour nous apercevoir que même des différences de tonalité ou d'accent, soulignent cet usage d'un terme comme le signifiant « *tu* », à des incidences qui vont tout à fait au-delà et tout à fait différemment du point de vue de la signification de ce qu'une identification de la personne prétendait lui donner comme autonomie de signifié. En d'autres termes, le « *tu* » en grec a la valeur d'introduction dans ce qu'on appelle en linguistique *la protase, ce qui est posé avant*. C'est la façon la plus générale d'articuler ce qui précède, l'énoncé à proprement parler de ce qui donne son importance à la phrase.

Il y aurait bien d'autres choses à en dire, et si nous entrons dans le détail en cherchant à préciser *le signifiant* du « *tu* », il faudrait faire un grand usage de formules comme celle de « *tu n'as qu'à...* » dont nous nous servons si souvent

pour nous débarrasser de notre interlocuteur. C'est quelque chose qui a tellement peu à faire avec « *qu'* », que très spontanément le lapsus glisse très rapidement « *...à faire cela* ». On en fait quelque chose qui se décline, qui s'infléchit. Le « *tu n'as qu'à...* » n'a pas la valeur de réflexion de ce quelque chose qui permettrait quelques remarques sémantiques très éclairantes.

L'important est que vous saisissiez :

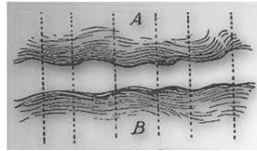
- que ce « *tu* » est loin d'avoir une valeur *univoque*, loin d'être en quoi que ce soit quelque chose dont nous puissions hypostasier l'Autre,
- que *ce « tu » est* à proprement parler *dans le signifiant, ce quelque chose que j'appellerais une façon de hameçonner cet Autre*, et *de hameçonner très exactement dans le discours, d'accrocher à l'Autre la signification*.

Il n'est pas quelque chose qui se confonde donc essentiellement avec ce qu'on appelle « *l'allocutaire* », à savoir celui à qui l'on parle, c'est trop évident, il est très souvent absent, et dans les impératifs où l'allocutaire est impliqué de la façon la plus évidente puisque c'est autour de cela qu'on a défini un certain registre dit « *locutoire simple* » du langage.

Dans l'impératif, le « *tu* » n'est pas manifesté, il y a juste une sorte de limite qui commence au signal, je veux dire au signal articulé. Le « *Au feu !* » par exemple est incontestablement une phrase, il suffit de le prononcer pour s'apercevoir que c'est là quelque chose qui n'est pas sans provoquer quelque réaction.

Puis l'impératif vient qui ne nécessite rien, il y a un stade de plus, il y a ce « *tu* » impliqué par exemple dans cet ordre au futur dont je parlais tout à l'heure, et ce « *tu* » qui est une sorte d'*accrochage de l'Autre* dans le discours, cette façon d'*accrocher l'Autre*, de le situer dans cette *courbe de la signification* que nous représente DE SAUSSURE, qui est la parallèle de la *courbe du signifiant*. *Ce « tu » est cet hameçonnage de l'Autre dans l'onde de la signification*.

³¹ Dans les langues sans flexion nominale, dites « analytiques » (français), c'est l'ordre des mots qui permet de différencier l'objet du sujet : Sujet-Verbe-Objet. Dans les langues à flexion nominale, dites « synthétiques » (latin, russe), l'ordre des mots est souple.



Ce terme qui sert à identifier l'Autre en un point de cette onde, est en fin de compte pour dire le mot, ce « *tu* » si nous le poursuivons, notre appréhension, voire notre métaphore jusqu'à son dernier terme radical est *une ponctuation*, si tant est que vous réfléchissiez à ceci qui est particulièrement mis en évidence dans les formes

des *langues non sectionnaires*, que *la ponctuation* c'est ce qui joue ce rôle d'accrochage le plus décisif au point que lorsque nous avons un texte qui soit classique, le texte peut varier du tout au tout selon que vous mettiez la ponctuation

en un point ou à un autre, et je dirais même que cette variabilité n'est pas sans être utilisée pour accroître la richesse d'interprétation, la variété de sens d'un texte.

Toute l'intervention qu'on appelle à proprement parler « *commentaire* » dans ses formes au texte traditionnel, joue justement sur la façon d'appréhender, de fixer dans un cas déterminé où doit se mettre *la ponctuation*. Le « *tu* », c'est un signifiant, une ponctuation, quelque chose par quoi l'Autre est fixé en un point de la signification. La question est celle-ci : que faut-il pour promouvoir ce « *tu* » à *la subjectivité* ?

Ce « *tu* » qui est là d'une certaine façon non fixé dans le substrat du discours, dans son pur portement, dans son idée fondamentale, ce « *tu* » qui par lui-même n'est pas tant ce qui désigne l'Autre que ce qui nous permet d'opérer sur lui, mais qui aussi bien est là toujours présent en nous, en l'état de suspension et en tout comparable à ces *otolithes* dont

je vous parlais l'autre jour au même moment où je commençais à introduire ces formules qui, avec un peu d'artifice, nous permettent de conduire de petits crustacés, avec un électroaimant, là où nous voulons.

Ce « *tu* » qui pour nous-mêmes, et en tant que nous le laissons libre et en suspension à l'intérieur de notre propre discours, est pour nous toujours susceptible d'exercer cet *accrochage*, cette *conduction* contre laquelle nous ne pouvons rien, sinon de la contrarier et de lui répondre.

Que faut-il pour *promouvoir* ce « *tu* » à *la subjectivité* ? Quand je dis « *pour promouvoir ce « tu » à la subjectivité* », cela veut dire *pour que ce « tu »*, lui-même sous sa forme de signifiant présent dans le discours, *devienne pour nous* quelque chose qui est sensé supporter *quelque chose de comparable à notre ego*, et quelque chose qui ne l'est pas, c'est-à-dire *un mythe*.

Il est bien certain que c'est là la question qui nous intéresse puisque après tout il n'est pas tellement étonnant d'entendre des gens sonoriser leur discours intérieur à la façon des psychotiques, un tout petit peu plus que nous le faisons nous-mêmes. Depuis longtemps, on a remarqué que *les phénomènes du mentisme*, qu'ils soient provoqués par quelque chose, que ce soit quelque chose qui nous donne des phénomènes en tout comparables à ce qu'à tout prendre, nous recueillons comme un témoignage de la part d'un psychotique, pour autant que nous ne le croyons pas sous l'effet de quelque chose qui émette des parasites. Nous dirons bêtement que ce « *tu* » suppose un Autre, qui en somme est au-delà de lui.

C'est bien en effet autour de l'analyse du *verbe « être »* que devrait se situer ici notre prochain pas.

Nous ne pouvons pas là-dessus non plus épuiser tout ce qui nous est proposé autour de l'analyse du *verbe « être »*.

Je fais ces allusions en me référant à des *philosophes* que maintenant je nomme plus précisément, ceux qui ont centré leur méditation autour de la question du *Dasein*, toute cette question du *verbe « être »* a été reprise, et nous sommes bien forcés de l'évoquer comme ayant été poursuivie spécialement en allemand, puisque c'est en allemand

que le *Dasein* a pris son identification.

Là-dessus M. HEIDEGGER a promu quelques réflexions dans son traité métaphysique à propos du *Sein*, il a commencé à l'envisager sous l'angle grammatical et étymologique. Je vous dirai tout de suite que je ne suis pas tellement d'accord. Pour ceux d'entre vous qui connaissent ces textes, ou qui ont pu les trouver plus ou moins commentés, et je dois dire assez fidèlement commentés dans quelque article que Jean WAHL y a consacré récemment, le *Sein*...

avec les accents que dégage par son seul apport au niveau du signifiant, au niveau de l'analyse du mot et de la conjugaison comme on dit couramment, disons plus exactement de la *déclinaison*, car il donne beaucoup d'importance dans cette notion de déclinaison au sens propre et physique du terme, du verbe *Sein*

...mène M. HEIDEGGER à promouvoir les différentes formes radicales qui, comme vous le savez, composent en allemand comme en français ce fameux verbe « *être* » qui est loin d'être un verbe simple, et même d'être un seul verbe dont il trop évident que la forme « *suis* » n'est pas de la même *racine* que « *es* », « *est* », que « *fut* », et il n'y a pas non plus stricte équivalence avec ces formes incluses dans la fonction du verbe « *être* » : « *été* » qui est quelque chose qui se retrouve d'une langue à l'autre.

Cet « *été* » - si le « *fut* » a son équivalent en latin, ainsi que le « *suis* » et la série de « *est* », il vient de « *stare* », il vient d'une autre source que ce qui est à l'origine des autres formes, il vient de « *stare* ».

La variété, voire la répartition, est également différente *en allemand* où vous le voyez bien le « *sind* » se groupe avec

le « *bist* », alors qu'en français la deuxième personne est groupée avec la troisième. L'important est qu'on a dégagé

à peu près - pour les langues européennes - trois racines, celles qui correspondent à peu près à peu près au « *sommes* »,

à l'« *est* » et au « *fut* » que l'on rapproche de la racine φύσις [phusis] en grec qui se rapporte à l'idée de vie et de croissance.

Sur les autres, M. HEIDEGGER insiste sur les deux faces du sens « *sten* » qui se rapprocherait de « *stare* » : *qui se tient debout, qui se tient tout seul*, et « *verbahen* » : *durer*. Ce sens étant tout de même rattaché à la face ou à la source φύσις.

L'idée de « *se tenir droit* », l'idée de « *vie* » et l'idée de « *durer* » serait pour HEIDEGGER ce que nous livrerait une analyse étymologique plus ou moins complétée par l'analyse grammaticale, et nous permettrait de comprendre que c'est d'une espèce de réduction et d'indétermination jetée sur l'ensemble de ces sens que surgirait la notion d'*être*.

Je résume pour vous donner simplement l'idée de la chose, pour dire que dans son ensemble une analyse de cette sorte est de nature plutôt à *élider*, à *masquer*...

ce qui est singulier quand il s'agit d'un progrès auquel essaie de nous initier HEIDEGGER ...ce qui est absolument irréductible dans la fonction du verbe « *être* », ce à quoi il a fini par servir, mais ce dont on aurait tort de croire que c'est par une espèce de virage progressif de ces différents termes, que cette fonction se dégage.

C'est la fonction purement et simplement copulaire, et en tant que dans le registre où nous nous posons la question, à savoir : à quel moment et par quel mécanisme ce « *tu* »...

tel que nous l'avons défini comme ponctuation, comme mode d'accrochage signifiant indéterminé ...comment ce « *tu* » arrive à la *subjectivité*.

Je crois que c'est *très essentiellement* quand il est pris...

et c'est pour cela que j'ai choisi les *phrases exemplaires* dont nous sommes partis : « *tu es celui qui...* » ...quand il est pris dans cette fonction copulaire à l'état pur, et dans cette forme de son état pur qui consiste à proprement parler dans sa *fonction ostensive*.

Nous devons trouver l'élément qui exhaussant ce « *tu* », fait de ce « *tu* » quelque chose qui déjà dépasse d'un degré cette fonction indéterminée d'assomage, qui commence à en faire, sinon une subjectivité, du moins quelque chose qui est le premier pas vers le « *tu es celui qui me suivras* » : c'est le « *c'est toi qui me suivra* ».

Remarquez que ce n'est pas la même chose. « *C'est toi qui me suivra* » est une *ostension*, et à la vérité qui suppose l'assemblée présente de tous ceux qui, unis ou non dans une communauté, sont supposés en faire le corps, être le support du discours dans lequel s'inscrit cette *ostension* de « *C'est toi qui me suivra* ». Et quand nous y regardons de près, nous voyons que ce à quoi correspond ce « *C'est toi* », c'est justement la deuxième formule, à savoir « *Tu es celui qui me suivras* ». Le « *Tu es celui qui me suivra* » suppose, dis-je, cette assemblée imaginaire

de ceux qui sont les supports du discours, cette présence de *témoins*, voire de *tribunal* devant lequel le sujet reçoit l'avertissement ou l'avis auquel en somme il est sommé de répondre « *Je te suis* », c'est-à-dire à obtempérer à l'ordre.

Il n'y a pas d'autre réponse pour le sujet à ce niveau que de garder le message dans l'état même où il lui est envoyé, tout au plus en modifiant la personne, c'est-à-dire en inscrivant pour lui le « *Tu es celui qui me suivra* » qui dès lors devient un élément de son discours intérieur auquel il a, quoiqu'il en veuille, à répondre pour ne pas le suivre.

Cette indication sur le terrain où elle le somme de répondre, il faudrait que justement il ne le suive pas du tout sur ce terrain, c'est-à-dire qu'il se refuse à entendre. Dès lors qu'il entend il y est conduit. Ce refus d'entendre est à proprement parler une force dont aucun sujet - sauf *préparation gymnastique spéciale* - ne dispose véritablement, et c'est bien là, dans ce registre, que gît et se manifeste la force propre du discours.

En d'autres termes, cet « *Autre* » ou ce « *tu* » à ce niveau où nous parvenons, c'est l'*Autre* tel que je le fais voir par mon discours, je le désigne, voire je le dénonce, c'est l'*Autre* en tant qu'il est pris dans cette *ostension* par rapport à ce tout qui est supposé par l'*univers du discours*, mais du même coup je ne le sors pas de cet univers, je l'y objective, je lui désigne à l'occasion aussi *ses relations d'objets* dans ce discours, et pour peu qu'il ne demande que ça... comme chacun sait c'est la propriété justement du névrosé, c'est avec cela qu'on lui désigne...alors ça peut aller assez loin.

Remarquez que ça n'est pas une chose complètement inutile que de donner aux gens ce qu'ils demandent, il s'agit simplement de savoir si c'est bienfaisant. En fait, si ça a incidemment quelque effet, c'est précisément dans la mesure, où cela sert à lui compléter son vocabulaire.

Il n'est bien entendu pas ce que croient ceux qui usent de cette forme d'opérer avec *la relation d'objet*, puisqu'ils croient désigner effectivement ces *relations d'objet*. En fait c'est rarement et par pur hasard que cette façon de procéder produit un effet bienfaisant, car cette façon en effet de compléter son vocabulaire peut permettre au sujet de s'extraire lui-même de cette sorte d'implication signifiante qui constitue la symptomatologie de sa névrose.

C'est pour cela que les choses ont toujours marché d'autant mieux que cette sorte d'adjonction de vocabulaire de notre délirant, est quelque chose qui avait encore gardé quelque fraîcheur, mais depuis que ce dont nous disposons dans nos petits cahiers comme *Nervenanhang* pour les névrosés, c'est - pour les rusés - de beaucoup tombé de valeur, et ça ne remplit plus tout à fait la fonction qu'on pourrait espérer quant à la resubjection du sujet.

Je veux dire par là l'opération de s'extraire de cette implication signifiante dans laquelle nous avons cerné l'essence, les formes mêmes du phénomène névrotique. En d'autres termes, la question est qu'on voulait manier correctement cette relation d'objet, et que pour la manier correctement, il faudrait faire comprendre que dans cette relation, c'est lui l'objet en fin de compte, c'est même *parce qu'il se cherche comme objet qu'il s'est perdu comme sujet*.

Simplement, disons qu'au point où nous en sommes arrivés, il n'y a nulle commune mesure entre nous-mêmes et ce « *tu* » tel que nous l'avons fait *surgir*, que cette espèce de rapport, d'extension forcément suivie de résorption, que ce rapport d'injonction plus ou moins obligatoirement suivi d'un rapport de disjonction, et qu'en fin de compte pour avoir sur ce plan et à ce niveau un rapport qui soit authentique avec cet Autre, il n'y a pas moyen de le trouver ailleurs que dans la direction suivante.

À celui à qui nous disons « *Tu es celui qui me suivra* », il faut que nous rapprochions l'objectif. Que celui-là, qui devient « *Tu es celui qui me suit* », réponde « *Tu es celui que je suis* », prête aux *jeux de mots*, à l'*ambiguïté*, que c'est du rapport d'identification à l'autre qu'il s'agit, mais que si en effet l'un l'autre, nous nous guidons dans notre identification réciproque vers notre *désir*, forcément nous nous y rencontrons - et nous nous y rencontrerons d'une façon incomparable - que c'est l'un ou l'autre, que c'est toi ou moi qui le possède en somme, puisque c'est en tant que *je suis toi que je suis*, et ici l'*ambiguïté* est totale.

« *Je suis* », ce n'est pas seulement *suivre*, c'est aussi « *je suis, toi tu es* », et aussi « *toi, celui qui, au point de rencontre, me tueras* », c'est-à-dire que la relation qui est mise en évidence à ce niveau où l'autre est pris comme objet dans la relation d'ostension, le seul point sur lequel nous le rencontrions comme subjectivité équivalente à la nôtre, c'est sur *le plan imaginaire*, c'est sur le plan du moi ou toi, l'un ou l'autre et *jamais ensemble*, c'est sur le plan où notre *moi* c'est *l'autre*, c'est justement sur ce plan où toutes les confusions sont possibles quant à *la relation d'objet*, et *l'objet de notre amour* n'est que nous-mêmes, c'est le « *Tu es celui qui me tues* ».

On peut remarquer l'opportunité heureuse que nous offre la forme française qui n'est pas autre chose que *le signifiant* même dans lequel se trouvent les différentes façons de comprendre la forme du « *tu es* »...

et comment dans le sens de « *tu* » lui-même, nous avons le bonheur en France d'avoir ce signifiant radical

du « *tu* », et à la deuxième personne du singulier reproduit jusque dans sa forme alphabétique l'inscription

du « *tu* », et qui passe de l'autre côté de « *celui qui...* »

...on peut user de cela indéfiniment. Si je vous disais que nous le faisons toute la journée. Si, au lieu de dire : « *to be or not to be, to be or...* », nous disions « *tu es celui qui me tue...* », etc. C'est cela qui est le fondement de la relation

de rapport à l'autre. Ceci veut dire que dans toute l'identification imaginaire le « *tu es* » aboutit à *la destruction de l'autre*,

et qu'inversement parce que cette destruction est là simplement en forme de transfert, se dérobe dans ce que nous appellerons « *la tutoïté* ».

Je pourrais peut-être vous montrer un passage pour *essayer de faire cette sorte d'analyse particulièrement désespérante et stupide*, du type de ce qui s'inscrit dans un volume célèbre de la même école, qu'on appelle celle du « *Meaning of Meaning* »³². Ceci aboutit à des choses tout à fait vertigineuses dans le genre du bourdonnement.

De même pour aboutir à traduire un passage de [Pichon ?] effectivement célèbre, où il s'agit d'inciter les personnes qui ont un petit commencement de vertu, à avoir au moins la cohérence d'en compléter tout le champ, et quelque part même, dit le « *tu* » : « *tue-moi* ». Ça signifie quelque chose de ne pas pouvoir le supporter, et il applique cela au champ de la justice, c'est-à-dire partir également de cette conception raisonnable :

« *Tu ne peux pas supporter la vérité du « tu », en quoi tu peux toujours être désigné pour ce que tu es, à savoir un vaurien.*

Si tu veux le respect de tes voisins, élève-toi jusqu'à cette notion des distances normales, c'est-à-dire une notion générale de l'Autre, de l'ordre du monde et de la loi. »

Ce « *tu* » a semblé absolument déconcerter les commentateurs, et à la vérité je pense que notre *tutoïté* d'aujourd'hui vous rendra assez familiers avec le registre dont il s'agit.

Faisons le pas suivant : il s'agit donc *que l'autre soit reconnu comme tel*.

Que faut-il donc pour *que l'autre soit reconnu comme tel* ?

Quel est le pas suivant ?

Bien entendu en fin de compte c'est l'Autre pour autant qu'il est là dans la phrase de mandat dont j'ai voulu vous indiquer le registre. C'est là qu'il faut nous arrêter un instant. Après tout, ce franchissement n'est pas tellement quelque chose qui soit inaccessible, puisque aussi bien nous avons vu que cette altérité évanouissante de *l'identification imaginaire du moi* en tant qu'elle ne rencontre le « *toi* » que dans un moment limite où chacun des deux ne pourra subsister ensemble avec l'autre, c'est que l'Autre - lui, avec un grand A - il faut bien qu'il soit reconnu au-delà

de ce rapport, même réciproque exclusion, c'est-à-dire qu'il faut qu'il soit reconnu comme aussi insaisissable que moi dans cette relation évanouissante. En d'autres termes, il faut qu'il soit évoqué comme ce que de lui-même

il ne reconnaît pas, et c'est bien cela le sens de « *Tu es celui qui me suivras* ».

³² C. K. Ogden, I. A. Richards : *Meaning Of Meaning*, Mariner Books, 1989.

Si vous y regardez de près, si ce « *Tu es celui qui me suivras* » est délégation, voire consécration, c'est pour autant que la réponse à ce « *Tu es celui qui me suivras* » n'est pas jeu de mots, mais le « *je te suis* », et le « *je suis* », « *Je suis ce que tu viens de dire* », c'est là cet usage de la troisième personne absolument essentiel au discours en tant qu'il désigne ce qui est le sujet même du discours, c'est-à-dire ce que le discours a dit : « *Je suis ce que tu viens de dire* », ce qui dans l'occasion veut dire exactement : « *Je suis très précisément ce que j'ignore, car ce que tu viens de dire est absolument indéterminé, parce que je ne sais pas où tu mèneras.* » Si la réponse est pleine, à ce « *Tu es celui qui me suivras* », c'est « *je le suis* » qu'elle doit dire, exactement le même « *je le suis* ».

Vous vous trouvez dans la fable de [La tortue et des deux canards](#) : elle arrive à ce point crucial quand enfin les canards lui ont proposé de l'emmener aux Amériques, et que tout le monde attend de voir cette petite tortue accrochée au bâton de voyageuse. « *La reine ? dit la tortue, oui, vraiment, je la suis.* ». Là dessus PICHON se pose d'énormes questions pour savoir s'il s'agit d'une reine à l'état abstrait, ou d'une reine concrète, et spéculé de façon déconcertante pour quelqu'un qui avait quelque finesse en matière grammaticale et linguistique, de savoir si elle n'aurait pas dû dire : « *je suis elle* ».

Si elle avait parlé d'une reine véritablement existante, elle dirait peut-être beaucoup de choses : « *Je suis la reine* », mais si elle dit quelque chose comme cela, « *je la suis* », c'est-à-dire ce dont vous venez de parler, il n'y a aucune autre distinction à introduire, que de savoir que « *la* » concerne ce qui est impliqué dans le discours.

Ce qui est impliqué dans le discours, c'est bien cela dont il s'agit, c'est-à-dire qu'il faut nous arrêter un instant à [cette parole inaugurale](#) du dialogue, quand il s'agit de « *Tu es celui qui me suivras* », il faut que nous en mesurons un instant l'énormité, que ce soit au « *tu* » lui-même, que nous nous adressions en tant qu'inconnu. C'est là ce qui fait son aisance, c'est là aussi ce qui fait sa force, c'est là aussi ce qui fait qu'il passe de « *tu es* » dans le « *suivras* » de la seconde partie en y persistant : il y persiste précisément parce que dans l'intervalle il peut y défaillir.

Ce n'est donc pas dans cette formule, à un [moi](#) en tant que je le fais voir, que je m'adresse, mais à *tous les signifiants* qui composent le sujet auquel nous sommes opposés. Je dis : à *tous les signifiants qu'il possède, jusque y compris ses symptômes*. C'est à ses dieux comme à ses démons que nous nous adressons, et c'est pour cela que cette forme de la phrase, cette façon d'énoncer la sentence que j'ai appelée jusqu'à présent celle du *mandat*, je l'appellerai à partir de maintenant « *l'invocation* », avec les connotations religieuses qu'a ce terme, c'est-à-dire que je fais passer en lui cette foi qui est la mienne, et non pas simplement cette formule inerte, cette *invocation*.

Je vous indique au passage que dans les bons auteurs, et peut-être dans CICÉRON, l'invocation est à proprement parler la désignation dans sa forme religieuse originelle, précisément de ce que je viens de vous dire. C'est quelque chose, une formule verbale par quoi on essaie avant le combat de se rendre les dieux... ce que j'appelais tout à l'heure *les signifiants, les dieux et les démons, les dieux de l'ennemi* ...favorables. C'est à eux que *l'invocation* s'adresse, et c'est bien pourquoi je pense que le terme d'*invocation* désigne à proprement parler cette forme la plus élevée de la phrase, grâce à quoi tous les mots que je prononce dans cette *invocation* sont de vrais mots, des voix évocatrices auxquelles chacune de ces phrases doit répondre, l'enseigne de l'Autre véritable.

Vous le voyez donc, vous venez de le voir avec ces deux étages :

- en quoi le « *tu* » dépend du signifiant comme tel,
- en quoi c'est du niveau du signifiant qui est vociféré que dépendent la nature et la qualité du « *tu* » qui est appelé à vous répondre.

Dès lors quand ce signifiant qui porte la phrase fait défaut à l'autre, le « *je le suis* », qui vous répond ne peut faire figure que d'une interrogation éternelle : « *tu es celui qui me...* », quoi ? À la limite de ce qui sort, c'est la réduction au niveau précédent, « *tu es celui qui me... tu es celui qui...* etc. *tu es celui qui me tues* ». Le « *tu* » réapparaît chaque fois que dans l'appel à l'Autre, proféré comme tel, le signifiant tombe dans ce champ du signifiant de l'Autre, qui est pour l'Autre exclu, *Verworfen*, inaccessible. Je dis donc que le signifiant à ce moment là produit la réduction, mais intensifiée à la pure relation imaginaire.

À ce moment là se produit ce phénomène si singulier qui a donné à se gratter la tête à tous les commentateurs du cas du président SCHREBER, ce perplexifiant « *assassinat d'âmes* », comme il s'exprime, qui est pour lui *le signal de l'entrée dans la psychose*, ce quelque chose bien entendu qui peut avoir toutes sortes de significations pour nous autres, commentateurs analystes, à savoir toujours d'ailleurs quelque chose que nous plaçons dans le champ imaginaire, à savoir ce quelque chose qui a rapport avec le court-circuit de la relation affective qui fait de l'Autre cet être de pur désir qui ne peut être dans le registre de l'imaginaire humain, aussi qu'un être de pure inter-destruction.

Cette sorte de relation purement duelle qui est le registre même de l'agressivité dans sa source la plus radicale, sans doute dans le cas du Président SCHREBER la relation de ce surgissement purement duel de notre agressivité est commentée par FREUD dans le registre de la relation homosexuelle comme telle.

Sans doute en avons nous mille preuves, ceci va de la façon la plus cohérente avec tout ce que nous entrevoyons comme définition de la source de l'agressivité, du surgissement de l'agressivité dans le court-circuitage de la simplification duelle de la relation triangulaire, autrement dit de la relation œdipienne.

Mais étant donné qu'il nous manque dans le texte - ou prétendument nous manquent - les éléments qui nous permettraient de serrer de plus près, à savoir quelles ont été véritablement ses relations avec son père, avec tel frère supposé dont FREUD aussi fait état. Nous n'avons pas besoin de tellement de choses pour comprendre que c'est obligatoirement par cette relation purement imaginaire au « *tu* » que doit passer le registre du « *tu* » au moment où il sort, si on peut dire, des limites de [...] où il devient un « *tu* » invoqué et évoqué comme tel.

C'est-à-dire un « *tu* » appelé de l'Autre », du champ de l'Autre par le surgissement d'un *signifiant primordial*, mais qui ne peut en aucun cas être reçu par l'autre, parce que ce signifiant comme tel, ce « *tu es celui qui est père* », que j'ai nommé la dernière fois, ou « *tu es celui qui seras père* ».

Il ne peut en aucun cas être reçu, parce que c'est du signifiant comme tel, en tant que le signifiant représente ce support indéterminé, ce quelque chose autour de quoi se condense et se groupe un certain nombre, non pas même de significations, mais de séries de significations qui viennent converger par et à partir de l'existence de ce signifiant.

Avant qu'il y ait le « *Nom du Père* » il n'y avait pas de père, il y avait toutes sortes d'autres choses, et FREUD même entrevoit - c'est bien pour cela qu'il a écrit *Totem et Tabou* - quelle direction il peut entrevoir, ce qu'il pourrait y avoir, mais assurément avant que le terme de père se soit institué dans un certain registre, historiquement il n'y avait pas de père.

Cette sorte de perspective historique je vous la donne là à titre de pure concession, car elle ne m'intéresse à aucun degré, je ne m'intéresse pas à la préhistoire, si ce n'est pour rendre le registre indicatif qu'il est assez probable qu'un certain nombre de *signifiants* essentiels manquaient à l'homme de Néandertal. Mais il est complètement inutile d'aller chercher si loin, il manque également aux psychotiques et par conséquent nous pouvons également l'observer sur les objets qui sont à notre portée.

Nous pourrions nous arrêter là, en vous faisant remarquer que quand nous nous introduisons après ce moment crucial, ce franchissement absolument essentiel que vous retrouverez toujours, si vous l'observez avec attention, si vous savez le cerner, dans toute entrée dans les psychoses, moment où *de l'Autre* comme tel, et *du champ de l'Autre*, vient l'appel d'un *signifiant essentiel qui ne peut pas être reçu*.

J'ai montré dans une de mes présentations de malades, un antillais qui montrait dans son histoire familiale la problématique de l'ancêtre originel, c'était le français qui était venu s'introduire là bas, qui avait eu une vie extraordinairement héroïque, une sorte de pionnier, mêlée de hauts et de bas extraordinaires de la fortune, qui était devenu l'idéal de toute la famille.

Ce personnage lui-même très déraciné du côté de Detroit où il menait une vie d'artisan assez aisée, se voit littéralement un jour en possession d'une femme qui lui annonce qu'elle va avoir un enfant. On ne sait pas s'il est de lui, mais on sait très exactement que c'est dans les délais de quelques jours qu'éclatent à ce moment là les premières *hallucinations* de ce personnage. C'est dans la mesure où on lui annonce « *tu vas être père* », que quelque chose se produit, qu'un personnage apparaît qui lui dit : « *Tu es Saint Thomas* »... Je crois que c'est de Saint THOMAS *le douteur* qu'il devait s'agir, et non de Saint THOMAS D'AQUIN. Les *annonciations* qui suivent ne laissent aucun doute, elles viennent d'Élisabeth, celle qui a annoncé fort tard dans sa vie qu'elle allait être porteuse d'un enfant.

Bref, la connexion de ce registre de la paternité avec l'éclosion d'un certain nombre de phénomènes qui se présentent comme des révélations d'annonciation concernant tout ce qui peut bien faire concevoir à quelqu'un, qui par ailleurs ne peut littéralement pas, et ce n'est pas par hasard que j'emploie le terme de *concevoir*.

Ce que peut être une génération qui serait en somme... une génération équivaut à ce terme de spéculation alchimique de « *qu'est-ce que la génération ?* » quand nous n'en touchons pas du doigt à proprement parler les corrélations sexuelles, est là toujours prêt à surgir comme une sorte de réponse en détour de tentatives de réponses, de tentatives de reconstituer ce qui est à proprement parler non recevable pour le sujet psychotique.

À partir de ce moment là, justement parce que l'*ego* est évoqué pour un moment, quelque en soit le mode d'abord...

et je vous prie d'en rechercher dans chaque cas
et évoquer au-delà de tout signifiant qui puisse être significatif pour le sujet
...la réponse ne peut être que l'usage permanent, je dirais constamment sensibilisé, du signifiant dans son ensemble.

Et ce que nous observons, c'est que c'est sous ses formes les plus vides, les plus neutres, les plus égoïsées, que le caractère mémorisant qui accompagne tous les actes humains, est aussitôt vivifié, sonorisé, et devient le mode de relation ordinaire d'un *ego* qui là est évoqué et ne peut pas trouver son répondant dans le signifiant au niveau duquel il est appelé, son pouvoir d'*ego* est invoqué sans qu'il puisse répondre.

Dès lors nous voyons se dérouler tous les phénomènes qui dans le cas du président SCHREBER, font un caractère excessivement riche de ce cas : toute l'actualité des gestes et des actes est perpétuellement commentée. Ceci n'est pas une telle particularité puisque c'est même la définition de ce qu'on appelle « *l'automatisme mental* ». Et pourquoi ?

C'est parce que précisément dans la mesure où il est appelé sur le terrain, où il ne peut pas répondre, dès lors c'est la seule façon de réagir qui puisse le rattacher à l'humanisation qu'il tend à perdre : c'est de perpétuellement se présentifier dans ce menu commentaire du courant de la vie qui fait ce qu'on appelle le texte de *l'automatisme mental*.

Il n'y a plus, pour le sujet qui a franchi cette *limite*, la *sécurité significative coutumière*, sinon dans *cet accompagnement parlé*.

Je crois que c'est là profondément le ressort de *l'automatisme mental*, et ce qui permet par un détour de justifier cet usage même du mot automatisme, car singulièrement après tout, nous pourrions le remarquer à ce propos, la force du signifiant est telle, qu'en fin de compte il semble que les mots soient plus intelligents que les personnes, et que si on a fait tellement usage dans la pathologie mentale de ce terme d'automatisme, en ne sachant pas très bien ce qu'on disait. Car réfléchissez bien : quelle est l'extension de l'usage qu'on lui a donné ?

Si ceci a un sens assez précis en neurologie où on appelle certains phénomènes de libération « *automatismes* », le fait que ç'a été repris en psychiatrie pour désigner ce phénomène d'*automatisme mental*, cela reste pour le moins problématique. Mais dans la théorie de CLÉRAMBAULT, ce terme d'*automatisme* ne peut être repris analogiquement. Néanmoins, c'est *le terme le plus juste*, car si vous y regardez de près sur cet *αὐτόματον*

[automaton] dont ARISTOTE prend le sens pour l'opposer à celui de *la fortune* [τύχη : tuché] distinction aujourd'hui complètement oubliée, si nous allons droit au signifiant, c'est-à-dire dans cette occasion avec toutes les réserves que comporte une telle référence à l'étymologie, nous voyons que l'αὐτόματον [automaton : qui se meut par soi-même] ne veut rien dire d'autre que quelque chose comme « mythe », « math » ce qui veut dire justement penser.

L'*automatisme* c'est ce qui pense vraiment par soi-même, c'est ce qui n'a justement aucun lien de cet au-delà, l'*ego*, qui donne son sujet à la pensée et qui aussi pour le coup nous fait penser à quelque chose de toujours très visible et problématique. Si le langage parle tout seul, c'est bien là l'occasion ou jamais d'utiliser le terme d'*automatisme*, et c'est ce qui donne sa résonance authentique, c'est probablement aussi son côté satisfaisant pour nous, au terme d'*automatisme mental* dont usait CLÉRAMBAULT.

Cette introduction du sujet SCHREBER dans la *psychose*, à la lumière de ce que nous venons là de mettre en évidence, nous comparerons la prochaine fois, pour les rapprocher et voir ce qui manque à chacun - ces deux points de vue.

L'introduction à la vérité qui ne change en rien dans sa plantation, dans son décor, dans l'équilibre d'ensemble de ses bords, tant de celle de FREUD qui est celle d'une homosexualité latente impliquant une position féminine, et c'est là qu'est le saut. FREUD nous dit : fantasme d'imprégnation fécondante, comme si la chose allait de soi, c'est-à-dire que toute acceptation de la position féminine impliquait comme par surcroît ce registre qui est tellement développé par le délire de SCHREBER, et qui fait de lui ultérieurement la femme de Dieu.

La théorie de FREUD là-dessus, c'est que c'est la seule façon pour lui d'éluder ce qui résulte de *la crainte de la castration*, il subira :

- mais ça peut être autre chose que l'éviration, ça peut être simplement la démasculinisation, ou la transformation en femme,
- mais après tout, comme quelque part SCHREBER le fait lui-même remarquer, ne vaut-il pas mieux être une femme spirituelle qu'un pauvre homme absolument opprimé, malheureux, voire castré ?

Bref, que c'est dans cet agrandissement à la taille du sujet même de l'univers du Dieu Schreberien que se trouve la solution du conflit introduit par l'homosexualité latente.

En gros, nous verrons que c'est cette théorie qui respecte le mieux l'équilibre du progrès de *la psychose* chez FREUD.

Néanmoins il est certain que les objections que madame Ida MACALPINE qui mérite dans cette occasion de donner la réplique, voire de s'opposer ou de compléter une partie de la théorie freudienne, elle qui met en évidence, tout à l'opposé, comme déterminant dans le procès de la psychose ce qu'elle situe dans la direction du *fantasme de grossesse*, le fantasme de grossesse pour autant qu'il reposait implicitement sur quelque chose qui montrerait une symétrie tout à fait rigoureuse entre les deux grands manques qui peuvent se manifester à titre névrosant dans chaque sexe.

Elle va fort loin là-dedans, et il y a des choses très amusantes. Il est certain qu'il y a infiniment de choses dans le texte qui permettent de le soutenir, et que même l'évocation de l'arrière plan d'une sorte de civilisation héliolithique, où le soleil pris comme féminin et incarné dans la pierre, serait le symbole fondamental, sorte de pendant féminin de la promotion du *phallus* dans la théorie classique, est quelque chose qui trouve le répondant le plus amusant dans le terme du nom même de la ville où est hospitalisé SCHREBER, qui se trouvait être *Sonnenstein*.

Je vous signale ceci simplement pour vous montrer que nous rencontrons à tout instant, et qu'il n'y a pas lieu de ne pas y attacher toute son importance, ces sortes de diableries du signifiant, ces sortes de niques que nous rencontrons constamment dans les analyses concrètes des gens les moins névrosés, où nous voyons se faire ce recoupement singulier venu de tous les coins de l'horizon, d'homonymies étranges qui semblent donner une unité par ailleurs insaisissable quelquefois à l'ensemble du destin comme aux symptômes du sujet.

Assurément moins qu'ailleurs, il convient de reculer devant cette investigation quand il s'agit du moment d'entrée dans la psychose par exemple. Notez au passage que lors de sa seconde rechute...

- alors que SCHREBER arrive extrêmement perturbé à la consultation de FLECHSIG,
- et que FLECHSIG a déjà été pour lui haussé à la valeur certainement d'un personnage paternel éminent,
- que d'autre part nous avons toutes les antécédences connotées dans l'observation, que je pourrais dire cette *mise en alerte* ou *en suspension* de la fonction de la paternité : nous savons par son propre témoignage qu'il a espéré devenir père, nous savons d'ailleurs que sa femme dans l'intervalle de huit ans qui a séparé la première crise de la seconde, a éprouvé plusieurs avortements spontanés

...une parole semble particulièrement significative, voire malheureuse : ce que lui dit FLECHSIG, ce personnage qui a déjà manifesté dans ses rêves et par l'intrusion de *cette image* : « *qu'il serait beau d'être une femme subissant l'accouplement* »,

FLECHSIG dont nous savons par ailleurs par toutes sortes de recoupements qu'il lui dit que depuis la dernière fois on a fait d'énormes progrès en psychiatrie, qu'on allait lui coller un de ces petits sommeils qui va être bien « *fécond* ».

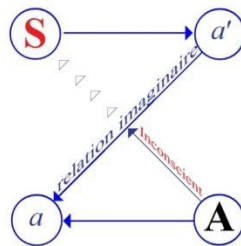
Peut-être était-ce justement la chose qu'il ne fallait pas dire, car à partir de ce moment-là, notre SCHREBER ne dort absolument plus, et il préfère essayer de se pendre cette nuit-là. Enfin nous entrons là dans le registre de la relation de procréation impliquée avec le rapport fondamental du sujet à la mort. C'est ce que j'espère réserver pour la prochaine fois.

LA TORTUE ET LES DEUX CANARDS

Une Tortue était, à la tête légère,
 Qui, lasse de son trou, voulut voir le pays,
 Volontiers on fait cas d'une terre étrangère :
 Volontiers gens boiteux haïssent le logis.
 Deux Canards à qui la commère
 Communiqua ce beau dessein,
 Lui dirent qu'ils avaient de quoi la satisfaire :
 Voyez-vous ce large chemin ?
 Nous vous voiturerons par l'air en Amérique .
 Vous verrez mainte république,
 Maint royaume, maint peuple ; et vous profiterez
 Des différentes mœurs que vous remarquerez.
 Ulysse en fit autant. On ne s'attendait guère
 De voir Ulysse en cette affaire.
 La Tortue écouta la proposition.
 Marché fait, les Oiseaux forgent une machine
 Pour transporter la pèlerine.
 Dans la gueule en travers on lui passe un bâton.
 Serrez bien, dirent-ils ; gardez de lâcher prise.
 Puis chaque Canard prend ce bâton par un bout.
 La Tortue enlevée on s'étonne partout
 De voir aller en cette guise
 L'animal lent et sa maison,
 Justement au milieu de l'un et l'autre Oïson.
 Miracle, criait-on. Venez voir dans les nues
 Passer la Reine des Tortues.
 La Reine : vraiment oui ; Je la suis en effet ;
 Ne vous en moquez point. Elle eût beaucoup mieux fait
 De passer son chemin sans dire aucune chose ;
 Car lâchant le bâton en desserrant les dents,
 Elle tombe, elle crève aux pieds des regardants.
 Son indiscretion de sa perte fut cause.
 Imprudence, babil, et sottise vanité,
 Et vaine curiosité,
 Ont ensemble étroit parentage.
 Ce sont enfants tous d'un lignage .

Je ne sais pas très bien par quel bout commencer, pour finir ce cours. À tout hasard, je vous ai mis au tableau deux petits schémas :

- l'un que vous devez connaître qui est ancien. C'est celui d'une espèce de grille, par lequel j'ai commencé cette année à essayer de vous montrer comment se posait le problème du délire, si nous voulions le structurer, lorsqu'il semble bien être apparemment une relation liée par quelque bout à la parole. Ce schéma auquel je pourrai peut-être encore avoir à me référer, je vous le rappelle donc. Je pense qu'il est déjà pour vous suffisamment commenté.



- Un autre, qui est différent, tout nouveau, et auquel j'aurai peut-être besoin de me référer tout à l'heure.

Nous partons aujourd'hui du point où je vous ai laissés la dernière fois, c'est-à-dire en fin de compte de descriptions opposées :

- celle de FREUD,
- celle d'une psychanalyste qui est très loin d'être sans mérite et qui, pour représenter des tendances les plus modernes, a au moins l'avantage de le faire fort intelligemment.

Ce que je vous ai décrit cette année était avant tout centré sur le souci de remettre l'accent sur la structure du délire.

Ce délire, j'ai voulu vous montrer qu'il s'éclairait *dans tous ses phénomènes*, je crois même pouvoir dire *dans sa dynamique*, très essentiellement considérée comme une perturbation de la relation à l'Autre, sans doute, et comme tel donc lié à un mécanisme transférentiel.

Mais l'intérêt, pour prendre le problème dans le registre où nous l'avons abordé...

c'est-à-dire en référence aux fonctions et à la structure de la parole

...c'est d'arracher, de libérer ce mécanisme transférentiel de je ne sais quelles *confuses et diffuses relations d'objet*, qui par hypothèse, sera chaque fois que nous aurons affaire à un trouble considéré comme immature, mais considéré dans sa globalité, ce qui ne nous laisse pas d'autre jeu qu'une sorte de série linéaire de cette immaturation de *la relation d'objet*.

Bien loin qu'elle puisse d'une façon quelconque se situer dans une telle référence développementale...

si tant est justement qu'elle implique, quelles qu'en soient les émergences, cette unilinéarité

...je crois que l'expérience montre que nous arrivons à des impasses, à des explications insuffisantes, immotivées,

qui se superposent de façon telle qu'elles ne permettent pas de distinguer les différents cas et tout principalement et au premier plan, la différence de la névrose et de la psychose.

À elle seule, l'expérience du *délire* partiel comme tel, s'oppose à parler d'immaturation, voire de régression ou de simple modification de la relation d'objet pure et simple, comme telle. Et quand même n'aurions-nous pas *les psychoses* et seulement *les névroses*, nous verrons l'année prochaine que la notion d'*objet* n'est pas univoque, quand je vous ai annoncé que je commencerais, je pense, par opposer *l'objet des phobies* à *l'objet des perversions*.

Ce sera une autre façon de reprendre le même problème au niveau de la case « *objet* » dans les relations du sujet

à l'Autre. Ici, au niveau des psychoses, je dirai que c'est là les deux termes opposés.

Limitons-nous ici et résumons rapidement comment en somme, la position de FREUD sur le sujet de ce *délire* se situe, quelles sont les objections qu'on lui apporte et, si ces objections lui étant apportées, on a ébauché le moindre petit commencement de meilleure solution.

FREUD - nous dit-on - après l'avoir lu, nous explique que le délire de SCHREBER est lié à une irruption de la tendance homosexuelle, laquelle est niée par le sujet.

Pourquoi est-elle niée ? Nous allons le voir tout à l'heure. Cette négation...

Je résume. Vous pourrez en vous reportant au texte - je pense que vous l'avez fait depuis longtemps - vous apercevoir si oui ou non mon résumé est exact, équilibré
...cette négation, dans le cas de SCHREBER qui n'est pas névrosé, aboutit à ce que nous pourrions appeler « *une érotomanie divine* », avec ce mode de double renversement à la fois sur le plan *symbolique*, à savoir d'un accent renversé sur un des termes de la phrase, qui symbolise la situation.

Vous savez comment FREUD répartit les diverses dénégations de la tendance homosexuelle. C'est à l'intérieur d'une phrase « je l'aime... » qu'il nous dira, qu'il y a plus d'une manière d'introduire *la dénégation* dans cette simple négation de la situation :

- On peut dire : « *Ce n'est pas moi qui l'aime* ».
- On peut dire : « *Ce n'est pas lui que j'aime* ».
- On peut dire : « *Ce n'est pas d'aimer lui qu'il s'agit pour moi, je le hais* », par exemple.

Et aussi bien nous dit-il que la situation n'est jamais simple, ni se limite à ce simple *renversement symbolique* que...

pour des raisons d'ailleurs qu'il tient pour suffisamment implicites, mais sur lesquelles, à la vérité, il n'insiste pas
...le *renversement imaginaire* de la situation dans une partie seulement de ses trois termes se produit, à savoir que
par exemple le « *je le hais* » se transforme en un « *il me hait* » par un mécanisme imaginaire de la projection. Comme par exemple dans notre cas : « *ce n'est pas lui que j'aime, c'est quelqu'un d'autre* » - ici c'est un grand « *Lui* », puisque c'est *Dieu lui-même* - se renverse en un « *il m'aime* » comme dans toute *érotomanie*. Il est donc clair que FREUD nous indique que ce n'est pas sans *un renversement* très avancé *de l'appareil symbolique* comme tel, que peut se classer, se situer, se comprendre, l'issue terminale de la défense contre la tendance homosexuelle.

Pourquoi cette défense si intense qu'elle va faire au sujet traverser des épreuves qui vont à un moment à rien moins qu'à la déréalisation, non seulement du monde extérieur en général, mais des personnes mêmes qui l'entourent
et jusqu'aux plus proches, de l'autre comme tel, qui nécessitent toute cette reconstruction délirante que le sujet progressivement resituera, mais d'une façon profondément perturbée, un monde où il puisse se reconnaître et d'une façon combien également perturbée. Il ne se reconnaîtra pas comme le sujet destiné dans un temps, projeté dans l'incertitude du futur, dans une échéance indéterminée mais certainement indépassable, à devenir sujet de miracle divin par excellence, d'une récréation de toute l'humanité, dont il sera lui-même le support et *le réceptacle féminin*.

L'explication de FREUD à propos de ce délire...

qui se présente bien ici dans sa terminaison avec tous les caractères mégalomaniaques
des délires de rédemption dans leurs formes les plus développées
...l'explication de FREUD, si on la serre de près, a l'air de tenir toute entière dans *la référence au narcissisme*. C'est d'un narcissisme menacé que part la défense contre la tendance homosexuelle. La mégalomanie représente ce par quoi la crainte narcissique s'exprime, dans un agrandissement du *moi* lui-même du sujet aux dimensions du monde, dans un fait d'économie libidinale qui se trouve apparemment entièrement sur le plan imaginaire. Le sujet se fait *l'objet même de l'amour de l'être suprême*. Dès lors, il peut bien abandonner ce qui lui semblait au prime abord le plus précieux de ce qu'il devait, en tout cas sauver, à savoir la marque de *sa virilité*.

En fin de compte, que voyons-nous de l'interprétation de FREUD ? Je le souligne, le pivot, le point de concours de la dialectique libidinale auquel se réfèrent tout le mécanisme et tout le développement de la névrose, est le thème

de la castration. C'est la castration qui conditionne la crainte narcissique. C'est l'acceptation de la castration qui doit être payée d'un prix aussi lourd que le remaniement de toute la réalité par le sujet.

Cette prévalence sur laquelle FREUD ne démord pas, qui est celle dont on peut dire que c'est dans l'ordre matériel explicatif de la théorie freudienne, une *invariante* d'un bout à l'autre. Une *invariante*, ce n'est pas assez dire,

c'est une *invariante* prévalente, je veux dire dont il n'a jamais - dans le conditionnement théorique de l'inter-jeu subjectif où s'inscrit l'histoire d'un phénomène psychanalytique quelconque - ...dont il n'a jamais tiré, ni subordonné, ni même relativé la place.

Donc c'est autour de lui, dans sa communauté analytique, mais jamais dans son œuvre, qu'on a voulu lui donner des symétries, des équivalents, la place centrale de l'objet, disons le centre « phallique » et de sa fonction essentielle dans l'économie libidinale, chez l'homme comme chez la femme.

Et ce qui est tout à fait essentiel et caractéristique dans les théorisations données et maintenues par FREUD...

quelque remaniement qu'il ait apporté, rendez-vous compte, c'est cela qui est important ...c'est que ceci ne s'est jamais modifié à travers aucune des phrases de la schématisation qu'il a pu donner de la vie psychique : c'est autour de *la castration*.

Et ceci d'une manière d'autant plus frappante qu'en fait, si vous lisez le texte avec attention...

ce sera là la valeur de l'objection de M^{me} MACALPINE, je voudrais dire, cela pourrait être sa valeur, parce que c'est la seule chose qu'elle ne mette pas vraiment en évidence. Vous verrez, je le dirai tout à l'heure,

ce sur quoi elle fait tourner son argumentation

...mais si il y a quelque chose qui est vrai dans ses remarques, c'est effectivement qu'il ne s'agit jamais de castration, puisque c'est le terme latin qui sert en allemand « *Entmannung* », et que quand on lit les textes de SCHREBER,

on s'aperçoit que « *Entmannung* » veut dire, et bien formellement, « *transformation* » avec tout ce que ce mot comporte de transition, « *transformation en femme* » affectif de procréation, de fécondité, mais non pas du tout de castration.

N'importe ! Ce qui est frappant et essentiel dans le texte de FREUD, c'est que c'est autour du thème de la castration, de la perte de l'objet phallique, qu'il fait tourner toute la dynamique qu'il veut donner du sujet SCHREBER.

Évidemment, sans explications, nous devons constater ce bilan qu'à travers même certaines - et particulièrement celle-là - faiblesses de son argumentation, le fait de faire pivoter autour des termes : tendance homosexuelle, économie libidinale, inséré dans la dialectique imaginaire du narcissisme, point essentiel, enjeu du conflit, l'objet viril assurément nous permet de rythmer, de comprendre les différentes étapes de l'évolution du délire, ses phases et sa construction finale.

Bien plus, nous avons pu noter au passage toutes sortes de finesses, laissées en quelque sorte en amorce dans l'avenue ouverte, non complètement explorée, celles par exemple où il montre : que, seule, *la projection* ne peut pas expliquer le délire, qu'on ne peut dire qu'il ne s'agisse là que d'un reflet, en quelque sorte, un miroir du sentiment du sujet mais qu'il est indispensable d'y déterminer les étapes et, si l'on peut dire, à un moment donné une perte de *la tendance* qui vieillit.

J'ai beaucoup insisté au cours de l'année, que *ce qui a été refoulé au dedans reparaît au dehors*, ressurgit dans un arrière plan, et ne ressurgit pas dans une structure simple, mais - nous l'avons vu - dans une position, si l'on peut dire, interne, qui fait que *le sujet lui-même, qui se trouve être l'agent de la persécution* dans le cas présent, est un sujet *ambigu, problématique*.

Il n'est après tout dans son premier abord, que le *représentant* d'un autre sujet qui, non seulement permet, mais sans aucun doute agit en dernier terme. Bref, *d'un échelonnement dans l'altérité de l'autre*, qui est un des problèmes sur lequel FREUD à la vérité nous a conduit mais où il s'arrête. Tel est à peu près l'état des choses au moment où nous quittons le texte de FREUD.

Ida MACALPINE, après d'autres termes, mais d'une façon plus cohérente que d'autres, objecte que rien,

nous dit-elle, ne nous permet de concevoir ce délire comme étant quelque chose qui suppose la maturité génitale, si j'ose dire, qui expliquerait, ferait comprendre la crainte de la castration.

La tendance homosexuelle est loin de se manifester comme quelque chose de primaire. Dès le début, ce que nous voyons ce sont *les symptômes*, d'abord *hypocondriaques*, ce sont des *symptômes psychotiques*, ce quelque chose de particulier qui est au fond de la relation psychotique comme de toutes sortes de phénomènes, et spécialement des phénomènes psychosomatiques qui sont, spécialement pour elle la voie d'introduction de la phénoménologie de ce cas.

Car cette clinicienne qui s'est tout spécialement occupée des phénomènes *psychosomatiques*, et c'est là qu'elle a pu avoir la préhension directe d'un certain nombre de phénomènes, structurés tout différemment de ce qui se passe dans les névroses, à savoir ce quelque chose que nous pourrions appeler je ne sais quelle empreinte ou inscription directe d'une caractéristique d'un temps, si l'on peut dire, ou même dans certains cas, du conflit, sur ce que l'on peut appeler directement enfin « *le tableau matériel* » que présente le sujet en tant *qu'être corporel*.

Tel *symptôme*, tel qu'une éruption diversement qualifiée dermatologiquement - qu'importe - de la face, sera quelque chose qui se mobilisera en fonction de tel ou tel anniversaire, et ce sera en quelque sorte, d'une façon directe :

- sans aucune *dialectique*,
- sans aucun *intermédiaire*,
- sans aucune *interprétation* que nous pourrions recouper,
- sans aucun *équivalent*,

...la correspondance du *symptôme* avec quelque chose qui est du passé du sujet.

Est-ce là quelque chose qui a poussé Ida MACALPINE à se poser le problème très singulier de telles *correspondances* ?

Je dis bien, il s'agit bien là de correspondances directes entre *le symbole* et *le symptôme*. L'appareil du symbole manque tellement aux catégories mentales du psychanalyste aujourd'hui que c'est par l'intermédiaire uniquement de l'un des *fantasmes* que peuvent être conçues de telles relations.

Et aussi bien toute son argumentation consistera-t-elle à nous rapporter dans le cas du président SCHREBER le développement du délire à un thème fantastique, à une fixation imaginaire...

selon le terme courant, dans tout développement de cet ordre de nos jours : pré-œdipien
...soulignant que ce qui tient *le désir*, ce qui le soutient, est essentiellement et avant tout un *thème de procréation*,

si je puis dire, poursuivi par lui-même, asexué dans sa forme, n'entraînant le sujet dans les conditions de *dévirilisation*, de *féminisation*, comme je vous l'ai dit, également, formellement, que comme une sorte de conséquence *a posteriori*,
si l'on peut dire, de l'exigence dont il s'agissait.

Le sujet est quelque chose qui doit être né dans la seule relation de l'enfant à la mère, et pour autant que l'enfant...

avant toute constitution d'une *relation triangulaire*
...verrait naître en lui un fantasme de désir, désir d'égaler la mère dans sa capacité de faire un enfant.

C'est aussi toute l'argumentation d'Ida MACALPINE qu'il n'y a pas de raison de poursuivre ici tous ses détails, ils sont riches, mais après tout ils sont à votre portée : elle a fait une préface et une postface, fort bien nourries à l'édition qu'elle a faite en anglais du texte de SCHREBER, où elle expose tous ses thèmes.

L'important est bien de voir en quoi ceci se rattache à une certaine réorientation de toute la dialectique analytique
qui tend à faire de l'économie imaginaire du fantasme...

et des diverses réorganisations ou désorganisations, restructurations ou déstructurations fantasmatiques
...le point pivot, le point - aussi - efficace de tout progrès compréhensif, et aussi de tout progrès thérapeutique.

Le schéma actuellement accepté de façon si commune, « *frustration, agressivité, régression* », est bien là, au fond de tout

ce que M^{me} Ida MACALPINE suppose pouvoir expliquer de ce délire. Elle va très loin. Elle dit :

- il n'y a déclin du monde pour le sujet SCHREBER
- il n'y a crépuscule du monde, et à un moment donné *désordre quasi confusionnel de ses appréhensions de la réalité*,

...que parce qu'il faut que ce monde soit recrée, introduisant une sorte de finalisme de l'étape même la plus profonde du désordre mental. Tout « *le mythe* » n'est construit que parce que c'est la seule façon que le sujet SCHREBER

arrive à se satisfaire dans son exigence imaginaire d'un enfantement.

À la vérité, sans aucun doute ce *picturing* peut permettre de concevoir, en effet, cette sorte d'imprégnation imaginaire du sujet à renaître. Mais ce que l'on peut alors se demander, c'est si les origines de la mise en jeu imaginaire, et je dirai presque que là je calque un des thèmes du sujet qui est, comme vous le savez, la mise en jeu qui va faire toute cette construction délirante...

Qu'est-ce qui nous permet - puisqu'il ne s'agit que de fantasmes imaginaires - qu'est-ce qui nous permet dans la perspective d'Ida MACALPINE de comprendre comment *la fonction du père*, qui est au contraire si promue,

si mise en évidence, que quelque envie, quelque dessein qu'on ait de combattre la prévalence donnée par FREUD dans la théorie analytique de la fonction du père, il est tout de même indéniable, frappant...

quelles que puissent être certaines faiblesses de l'argumentation freudienne à propos de la psychose ...de voir dans ce délire *la fonction du père* promue, exaltée, au point qu'il ne faut rien moins que « *Dieu le Père* »

lui-même dans le délire - et chez un sujet pour qui jusque là, comme il nous l'affirme, ceci n'a eu aucun sens - il faut rien moins que « *Dieu le Père* » lui-même, pour que le délire arrive, si l'on peut dire, à son point d'achèvement, à son point d'équilibre.

La prévalence, dans toute l'évolution de la psychose de SCHREBER, des *personnages paternels* en tant que tels...

qui se substituent les uns aux autres, et vont toujours en s'agrandissant et en s'enveloppant les uns les autres, jusqu'à s'identifier au père divin lui-même, à la divinité marquée de l'accent proprement paternel

...est quand même quelque chose qui reste absolument inébranlable et destiné à nous faire reposer le problème. Savoir comment il se fait que quelque chose qui donne, si je puis dire, autant de raisons à FREUD, n'est quand même malgré tout, par lui abordé, que par certains biais, que sous certains modes qui, incontestablement, nous laissent pourtant à désirer ?

Tout reste en réalité équilibré.

Tout reste, au contraire, ouvert et insuffisant dans la rectification qu'essaie d'en donner M^{me} Ida MACALPINE.

Ce n'est pas seulement cette énormité du personnage fantasmatique du père qui nous permet de dire que nous ne pouvons d'aucune façon nous fonder sur une dynamique de l'irruption du fantasme pré-œdipien. Il y a bien d'autres choses encore, jusques et y compris ce qui, et dans les deux cas, reste énigmatique, ce à quoi nous sommes spécialement accrochés cette année.

Mais ce qu'incontestablement FREUD approche beaucoup plus que M^{me} Ida MACALPINE, le côté écrasant, prépondérant, énorme, proliférant, végétant des phénomènes d'auditivité verbale, de cette formidable captation

du sujet pris dans ce « *monde de la parole* », devenu pour lui, non seulement une perpétuelle co-présence...

ce que j'ai appelé la dernière fois un accompagnement parlé de tous ses actes ...mais *une perpétuelle* intimation, sollicitation, voire *sommation à se manifester sur ce plan*.

Puisque ce dont il s'agit c'est que jamais un seul instant, il ne cesse lui-même de témoigner, dans l'invite constante

de la parole qui l'accompagne, non pas qu'il y réponde, mais qu'il est là, présent et capable, s'il n'y répond pas, de ne pas répondre, parce que c'est peut-être - dit-il - qu'on voudrait le contraindre à dire quelque chose de bête,

mais à en témoigner que - aussi bien pour *sa réponse* que pour *sa non-réponse* - il est quelqu'un de toujours éveillé à ce dialogue intérieur et dont le seul chemin qu'il ferait dans cette présence à ce dialogue, témoignerait, serait le signal pour lui de ce qu'il appelle « *Verwesung* », c'est-à-dire comme on l'a traduit justement : une sorte de *décomposition*.

C'est là-dessus que nous avons attiré l'attention et que nous insistons pour dire ce qui fait la valeur de *la position freudienne pure*, ce qui fait que, malgré le *paradoxe* que présentent certaines manifestations de *la psychose* par rapport

à la dynamique que FREUD a reconnue dans *la névrose* [la psychose] se trouve quand même abordée d'une façon plus satisfaisante dans la perspective freudienne, c'est que, implicite à cette perspective jamais complètement déglacée...

parce que FREUD ne l'a pas déglacée par cette voie directement, il ne l'a aperçue que par un autre abord qui est précisément celui, je vous l'ai montré, non sans dessein, l'année dernière à propos du *principe du plaisir*

...ce qui seul fait tenir la position de FREUD en présence de cette sorte de *planification*, si on peut dire, des signes instinctuels, de l'*instinct* imaginé - à quoi tend à se réduire après lui la dynamique psychanalytique - c'est que c'est précisément sous la forme de ces termes jamais abandonnés par FREUD, exigés par lui pour toute compréhension analytique possible, même là où cela ne colle qu'*approximativement*, car cela colle encore mieux de cette façon-là,

que s'il ne le faisait pas entrer en jeu :

- à savoir : *la fonction du père*,
- à savoir : *le complexe de castration*.

Ce dont il s'agit ce n'est pas purement et simplement d'éléments imaginaires. Ce qu'on a retrouvé dans l'imaginaire, par exemple, sous la forme de *mère phallique*, n'est pas homogène - cela vous le savez tous - au *complexe de castration* en tant qu'il est intégré dans la situation triangulaire de l'Œdipe.

La situation triangulaire de l'Œdipe est quelque chose qui n'est pas complètement élucidé dans FREUD, mais qui,

du seul fait qu'elle est *maintenue toujours*, est là pour prêter à cette élucidation, et cette élucidation n'est possible

que si nous reconnaissons qu'il y a dans l'élément tiers - l'élément central pour FREUD, et à juste titre - du *Père*, un élément signifiant irréductible à toute espèce de conditionnement imaginaire. Je ne dis pas que le terme du *Père*,

le *Nom du Père* soit seul un élément, que nous puissions dire ça. Je dirai que cet élément nous pouvons le dégager chaque fois que nous appréhendons quelque chose qui est à proprement parler *de l'ordre symbolique*.

J'ai relu à ce propos, parmi d'autres choses, une fois de plus, l'article de JONES sur le symbolisme. Quand on voit l'effort que fait ce poupon du maître pour serrer le symbole et nous expliquer que c'est là sans doute une déviation [...] je ne sais plus quoi, que de voir dans le symbole quelque chose qui en lui-même réduit tous les caractères d'une grande relation fondamentale. Il prend *un exemple*, il en prend plus d'un, mais je vais en prendre un *des plus notoires*.

Il nous dit par exemple, pour l'anneau, un anneau, il n'entrera pas en jeu en tant que symbole au sens analytique, en tant qu'il représente le mariage, avec tout ce que le mariage comporte de culturel, d'élaboré.

Foin de tout ceci, la peau nous en horripile. Nous ne sommes pas des gens à qui nous parlerons d'analogisme.

Si l'anneau signifie quelque chose ce n'est pas en raison de sa relation à une référence ainsi « *super-sublimée* » - car c'est comme cela qu'il s'exprime - c'est quelque part dans la sublimation que nous devons chercher que si l'anneau est le symbole du mariage, eh bien, c'est parce qu'il est le symbole de l'organe féminin.

Est-ce que ceci n'est pas de nature à nous laisser rêveur ? Nous savons bien naturellement que l'intérêt de la mise en jeu des signifiants dans le *symptôme*, est justement sans lien avec ce qui est de l'ordre de la tendance

et des relations des plus bizarres. Mais se laisser emporter dans une telle dialectique, au point de ne pas s'apercevoir que l'anneau ne saurait être en aucun cas la symbolisation naturelle du sexe féminin, c'est vraiment ne pas comprendre que pour rêver qu'on passe à son doigt un anneau au moment où, comme dans le conte auquel je pense, que vous connaissez tous, tout au moins le thème, qui s'appelle « *L'Anneau de Hans Carvel* »

qui est une bonne histoire du Moyen Âge reprise par BALZAC dans ses *Contes Drolatiques*³³ : le brave homme qu'on dépeint fort coloré, et quelque fois on nous dit que c'est un curé, qui se retrouve au milieu de la nuit rêvant d'anneau et le doigt passé là où l'anneau est appelé [...] et, sans y répondre, *il faut vraiment avoir, des symbolisations naturelles, des idées les plus étranges.*

Car il faut bien le dire : quoi dans l'expérience peut faire correspondre - on peut bien dire les choses en mettant les points sur les « i » - l'expérience de la pénétration dans cet orifice, puisque d'orifice il s'agit, à une expérience qui ressemble en quoi que ce soit à un anneau, si on ne sait pas déjà d'avance ce que c'est qu'un anneau ? Un anneau, ce n'est pas un objet qui se rencontre dans la nature, et s'il y a quelque chose dans l'ordre de la pénétration, qui ressemble à la pénétration plus ou moins serrée, ce n'est assurément pas cela.

Je fais appel - comme disait Marie-Antoinette - non pas à toutes les mères, mais à tous ceux qui n'ont jamais mis leur doigt quelque part, ce n'est certainement pas la pénétration en cet endroit - mon Dieu - enfin, plutôt « *mollusqual* » qu'autre chose. Si quelque chose dans la nature est destiné à nous suggérer certainement des propriétés, cela se limite très précisément à ce à quoi le langage a consacré le terme « *anus* » - qui s'écrit, comme vous le savez, en latin avec un seul « n » - et qui n'est rien moins que ce que pudiquement, les commentateurs des anciens dictionnaires commentent, c'est-à-dire justement l'anneau que l'on peut trouver derrière.

Mais pour confondre l'un et l'autre quant à ce qu'il peut s'agir d'une symbolisation naturelle, il faut vraiment qu'on ait eu dans l'ordre de ces perceptions cogitatives, que FREUD lui-même ait vraiment désespéré de vous, pour ne pas vous enseigner la différence, qu'il vous ait considéré à l'extrême comme incurables buseaux.

L'élucubration, dans cette occasion de M. JONES, est justement destinée à nous montrer combien nous signifions peut-être quelque chose - là, dans cette occasion - de primitif : que si justement l'anneau peut, en l'occasion être engagé dans un rêve, voire un rêve aboutissant à une action sexuelle - que plus humoristiquement, la traduction gauloise nous donne - c'est précisément en tant que l'anneau existe déjà, comme *signifiant*, et très précisément avec ou sans les connotations.

Si ce sont les connotations culturelles qui effraient M. JONES, c'est bien là qu'il a tort, c'est qu'il ne s'imagine pas qu'un anneau c'est justement quelque chose par quoi l'homme, dans toute sa présence au monde, est capable de cristalliser bien autre chose encore que le mariage. L'anneau est primordial par rapport, par exemple, à toutes sortes d'éléments, l'élément - ce que nous appelons comme éléments, en effet - le cercle indéfini, l'éternel retour, une certaine constance dans la répétition. L'anneau est loin d'être ce qu'en fin de compte M. JONES a l'air de croire, à la façon des personnes qui croient que pour faire des *macaroni*, on prend un trou et qu'on met de la farine autour. Un anneau n'est pas un trou avec quelque chose autour, un anneau a avant tout une valeur signifiante, et c'est bien de cela qu'il s'agit.

Nous n'avons pas besoin même, de faire entrer un terme comme celui-là au premier plan comme exemple.

Ce à quoi ce discours tend, c'est *quelque chose qui vient en fin de compte à la parole, et par cette voie*. C'est que rien n'expliquera jamais dans l'expérience, qu'un homme entend, ce qui s'appelle *entendre* quelque chose à la formulation la plus simple, quelle qu'elle soit pour qu'elle s'inscrive dans le langage, et qu'elle se réduise à la forme de la parole la plus élémentaire de la fonction du langage, au « *c'est cela* », en tant que pour un homme cette formule a un sens explicatif.

Il a vu quelque chose, n'importe quoi, quelque chose qui est là : « *c'est cela* » quelle que soit la chose. Ce « *c'est cela* » est déjà quelque chose qui se situe, en présence de quoi il est, qu'il s'agisse du plus singulier,

³³ Balzac : *contes drolatiques*, second dixain, prologue. Cf. aussi Jean de la Fontaine : *L'anneau d'Hans Carvel*, *Œuvres complètes*, tome 2, XII ; ainsi que Rabelais, *Pantagruel*, liv. III, ch. 28.

du plus bizarre, du plus ambigu. « *C'est cela maintenant* » ceci repose quelque part ailleurs que là où c'était auparavant, c'est-à-dire nulle part. Maintenant il sait ce que c'est.

Je voudrais un instant prendre en main le tissu le plus inconsistant, exprès, le plus mince de ce qui peut se présenter à l'homme, et pour cela nous avons un domaine où nous n'avons qu'à aller le chercher, parce qu'il est exemplaire, c'est celui du *météore*, quel qu'il soit. Par définition, le *météore* est justement « *cela* », c'est *réel*, et en même temps, c'est quoi ? C'est illusoire. Ce serait tout à fait *erroné* de dire que c'est *imaginaire*. L'arc en ciel, « *c'est cela* ». Quand vous dites que l'arc en ciel « *c'est cela* », quand vous dites « *c'est ça* » eh bien, après ça vous cherchez.

On s'est cassé la tête pendant un certain temps, jusqu'à M. DESCARTES qui a complètement réduit la petite affaire :

on a dit que c'était une région qui s'irise, là, quelque part, dans des menues petites gouttes d'eau qui sont en suspension, qu'on appelle un nuage. Bon ! Et après ? Après, il reste ce que vous avez dit, le rayon d'un côté, et puis les gouttes plus ou moins condensées de l'autre. « *C'est cela* », ce n'était qu'apparence.

Remarquez que l'affaire n'est absolument pas réglée parce que le rayon de lumière est, comme vous le savez, onde ou corpuscule, et cette petite goutte d'eau est tout de même une curieuse chose, puisqu'en fin de compte cela n'est pas vraiment la forme gazeuse, c'est la condensation, c'est la retombée à un état qui est précisément *l'état liquide*, mais qui est retombée suspendue, entre les deux, elle est parvenue à l'état de nappe expansive qu'est l'eau.

Quand nous disons donc « *c'est cela* », nous impliquons quelque chose qui n'est *que cela*, ou « *ce n'est pas cela* » ,

à savoir *l'apparence* à laquelle nous nous sommes arrêtés. Mais ceci nous prouve que tout ce qui est sorti dans la suite, à savoir le « *ce n'est que cela* », ou le « *ce n'est pas cela* » *était déjà impliqué* dans le « *c'est cela* » de l'origine.

Autrement dit, ce phénomène véritablement est sans espèce d'intérêt imaginaire, précisément, vous n'avez jamais vu un animal faire attention à un arc-en-ciel, et à la vérité l'homme ne fait pas attention à un nombre incroyable

de manifestations tout à fait voisines. Des manifestations d'irisations diverses sont excessivement répandues dans la nature et, mis à part des dons d'observation ou une recherche spéciale, personne ne s'y arrête.

Si l'arc-en-ciel est quelque chose qui existe, c'est précisément dans cette relation à ce « *c'est cela* », qui fait que nous l'avons nommé l'arc-en-ciel, et que quand on parle à quelqu'un qui ne l'a pas encore vu, il y a un moment où on lui dit : « *l'arc-en-ciel, c'est cela* ». Or que l'arc-en-ciel soit cela avec tout ce que « *c'est cela* » suppose, à savoir l'implication qui, justement, nous allons nous y engager jusqu'à ce que nous en perdions le souffle :

- de savoir qu'est-ce qu'il y a de caché derrière l'arc-en-ciel,
- à savoir quelle est la cause de l'arc-en-ciel,
- en quoi nous allons pouvoir réduire l'arc-en-ciel.

Remarquez bien que justement le caractère de *l'arc-en-ciel* et du *météore* depuis l'origine, et tout le monde le sait

puisque c'est précisément pour ça qu'on l'appelle *météore*, c'est que très précisément, il n'y a rien de caché derrière.

Il est justement tout entier dans cette apparence, et que néanmoins ce qui le fait subsister pour nous, au point que nous puissions nous poser sur lui des questions, tient uniquement dans le « *c'est cela* » de l'origine, dans la nomination comme telle de l'arc-en-ciel . Il n'y a rien d'autre que ce nom.

Autrement dit, si vous voulez aller plus loin, cet arc-en-ciel , il ne parle pas, mais on pourrait parler à sa place. Jamais personne ne lui parle, c'est très frappant. On interpelle l'aurore, et toute espèce d'autres choses. l'arc-en-ciel , il lui reste ce privilège, avec un certain nombre d'autres manifestations de cette espèce, de faire *qu'on ne lui parle pas*.

Il y a sans doute des raisons pour cela. Il est justement tout spécialement inconsistant, et c'est bien pour cela qu'il est choisi d'ailleurs. Mais mettons qu'on lui parle à cet arc-en-ciel : il est tout à fait clair que puisqu'on lui parle,

on peut même le faire parler. On peut lui faire parler à qui on veut, si c'est le lac qui lui parle.

Si l'arc-en-ciel n'a pas de nom, ou si l'arc-en-ciel ne veut rien entendre de son nom, qu'il ne sait pas qu'il s'appelle

« *arc-en-ciel* », ce lac n'a d'autres ressources que de lui montrer les mille petits mirages de l'éclat du soleil sur ses vagues et les traînées de buée qui s'élèvent, il essaiera de rejoindre l'arc-en-ciel, mais il ne le rejoindra pas, jamais,

pour une simple raison, c'est que, autant les petits morceaux de soleil qui dansent à la surface du lac, de la buée qui s'en échappe, n'ont rien à faire avec la production de l'arc-en-ciel : l'arc-en-ciel commence très exactement

- à une certaine hauteur d'inclinaison du soleil,
- à une certaine densité des gouttelettes en cause,
- à quelque chose qui est *relation, indice et rapport*,
- à quelque chose qui comme tel, dans une réalité en tant que réalité qui est pleine, et absolument insaisissable, il n'y a aucune raison de rechercher ni cette inclinaison favorable du soleil, ni aucun des indices qui déterminent le phénomène de l'arc-en-ciel tant que le phénomène n'est pas en tant que tel nommé.

Si je viens de faire cette longue étude à propos de quelque chose dont je pense que vous devez bien voir qu'il est là

à cause de son caractère de ceinture sphérique, à savoir de quelque chose qui peut être à la fois déployé et replié

à quelque chose près, qui est l'intérêt dans lequel l'homme est engagé, *la dialectique imaginaire est exactement de la même structure*. Je veux dire que dans les rapports mère-enfant, auxquels maintenant tend de plus en plus à se limiter *la dialectique imaginaire* dans l'analyse, ce que nous voyons, c'est que ces rapports, il n'y aurait vraiment aucune raison qu'ils ne se suffisent point. L'expérience nous montre quoi ? Une mère dont on nous dit qu'une de ses exigences est très précisément de se pourvoir d'une façon quelconque d'un *phallus imaginaire*.

Eh bien, on nous l'a également expliqué, son enfant lui sert très bien de support, et même très suffisamment réel de ce prolongement imaginaire. Quant à l'enfant, nous savons également que cela ne fait pas un pli : mâle ou femelle,

le phallus, il le localise, nous dit-on très tôt et il l'accorde généreusement, en miroir ou pas en miroir, à la mère. Il est donc bien clair que s'il intervient quelque chose, c'est quelque chose qui doit se passer au niveau d'une médiatisation, ou plus exactement d'une fonction médiatrice de ce *phallus*.

Le couple qui s'accorderait si bien en miroir autour de cette commune illusion de la phallisation *réciroque*, s'il se trouve au contraire *dans une situation de conflit*, voire d'aliénation interne, chacun de son côté, c'est très précisément parce que *le phallus*, si je puis m'expliquer ainsi, est baladeur, qu'il est ailleurs, et chacun sait, bien entendu, où le met la théorie analytique : c'est le père qui en est supposé le porteur.

Est-ce que justement, il n'y a pas lieu de s'arrêter et d'être frappé de ceci ? C'est que, si en effet, quelque chose qui ressemble à des échanges *imaginaires*, affectifs, si vous voulez, entre la mère et l'enfant, s'établissent autour de ce *manque imaginaire du phallus*, qui en fait l'élément de composition, de coaptation intersubjective, le père...

lequel est supposé en être le véritable porteur, celui autour duquel va s'instaurer *la crainte de la perte du phallus*, chez l'enfant, *la revendication*, la privation ou l'ennui, la nostalgie *du phallus de la mère* ...le père dans cette dialectique freudienne, je ne sais pas si vous avez remarqué qu'il ne lui jamais supposé rien du tout : en tant que père, il l'a. Il a le sien, c'est tout, il ne l'échange, ni ne le donne, il n'y aucune circulation, il n'y aucune espèce de fonction dans le trio, sinon de représenter celui qui est porteur, le détenteur du *phallus*. *Le père en tant que père a le phallus*, un point c'est tout.

Le père, en d'autres termes, est ce qui, dans cette dialectique imaginaire, est ce quelque chose qu'il faut, qui doit exister pour que le *phallus* soit autre chose, lui, qu'un *météore*. Aussi bien est-ce là quelque chose de si fondamental que si nous devons quelque part situer dans un schéma ce quelque chose qui fait tenir debout la conception freudienne du *complexe d'Œdipe*, vous l'avez vu, ce n'est pas du « *triangle père-mère-enfant* » dont il s'agit, c'est du « *triangle phallus-mère-enfant* ». Et où est le père là-dedans ? Il est dans l'anneau précisément qui fait tenir tout ensemble.

La notion de père ne se suppose précisément que pourvu de toute une série de connotations signifiantes

qui sont celles qui lui donnent son existence et sa consistance qui sont très loin de se confondre avec celle du génital, dont il est sémantiquement à travers toutes les traditions linguistiques différent. Je n'irai pas jusqu'à vous citer HOMÈRE et Saint PAUL pour vous dire que quand on invoque le père, que ce soit ZEUS ou quelqu'un d'autre,

c'est tout à fait autre chose à quoi on se réfère qu'à purement et simplement la fonction génitrice. Le père a bien d'autres fonctions.

Et à partir du moment où nous serons sûrs que c'est un signifiant, nous nous apercevrons que sa fonction principale est très précisément celle-ci : d'être quelque chose qui, dans la lignée des générations...

pour autant que les êtres vivants s'engendrent manifestement, n'est-ce pas
...dans ce quelque chose qui, d'une femme, fait sortir un nombre indéfini d'êtres, que nous supposerons masculins ou féminins, et vous voudrez bien pour un instant ne voir que des femmes - nous y viendrons d'ailleurs bientôt, d'après la presse la *parthénogenèse* est en route, et les femmes engendreront un nombre considérable de filles
sans l'aide de personne.

Et bien, remarquez que s'il intervient là-dedans des éléments masculins quels qu'ils soient, ces éléments masculins dans un tel schéma peuvent jouer leur rôle, leur fonction - tant qu'on n'en a pas besoin - fécondatrice, à n'importe quel niveau de la lignée, sans être autre chose, comme dans l'animalité, qu'une espèce d'aide *latérale*,

de circuit *latéral* indispensable. Rien n'introduit là-dedans aucun autre élément structurant qu'en effet l'engendrement des femmes par les femmes, avec l'aide de ces sortes d'avortés latéraux qui peuvent servir, en effet, à quelque chose pour relancer le processus. Mais à partir du moment où nous cherchons à inscrire la descendance en fonction des mâles, et uniquement à partir de là, il interviendra quelque chose dans la structure qui fait que nous ne pourrons pas faire ce tableau, qu'il faudra l'écrire d'une autre façon. [Schéma au tableau]

Voilà un frère, nous n'allons pas nous arrêter à quelque chose d'aussi léger qu'une indication de l'inceste entre frère

et sœur, nous les ferons communier ensemble et nous obtiendrons un mâle. C'est uniquement à partir du moment où nous parlons de descendance, de rapports de mâle à mâle, que nous voyons s'introduire, à partir du moment où nous en parlons, une coupure. Et à chaque fois une coupure, c'est-à-dire la différence entre les générations. L'introduction du *signifiant du père*, introduit d'ores et déjà une ordination dans la lignée, une série des générations, et *cette série des générations* est quelque chose qui à soi tout seul introduit un élément signifiant absolument essentiel.

Nous ne sommes pas là pour développer toutes les faces de cette *fonction du père*. Je vous en fais remarquer une, et une des plus frappantes, qui est nettement *l'introduction d'un ordre, et d'un ordre mathématique* qui est, par rapport

à l'ordre naturel, une nouveauté, une structure différente. C'est de cela qu'il s'agit. Nous avons été formés dans l'analyse par l'expérience des névroses. À l'intérieur de l'expérience des névroses, *la dialectique imaginaire* peut suffire si, dans le cadre que nous dessinons de cette *dialectique*, il y a déjà cette relation signifiante impliquée pour l'usage pratique qu'on en veut faire.

On mettra au moins deux ou trois générations à ne plus rien comprendre, et à faire qu'à l'intérieur des interprétations, des développements, une chatte n'y retrouve plus ses petits, mais dans l'ensemble, tant que le thème du complexe d'Œdipe restera là, on gardera cette notion de structure signifiante essentielle pour se retrouver dans les névroses.

Mais quand il s'agit des psychoses, il s'agit de quelque chose d'autre. Dans les psychoses, c'est de la relation du sujet :

- non pas à un lien signifié à l'intérieur des structures signifiantes existantes qu'il s'agit,
- mais d'une *rencontre* - je dis exprès « *rencontre* » parce qu'il s'agit là de l'entrée dans la psychose - d'une *rencontre* du sujet dans des conditions électives avec le signifiant comme tel.

Dans le cas du Président SCHREBER *nous avons tous ces éléments*, quand nous les voyons et les cherchons de près.

Le Président SCHREBER arrive à un moment de sa vie où, à plus d'une reprise, il a été mis en situation, en attente de devenir père. Il se dit lui-même qu'il a été tout d'un coup investi d'une fonction certainement considérable socialement et très chargée de valeur pour lui, qui est celle-ci : *il s'élève Président*, nous dit-on,

Président à la Cour d'Appel puisque dans la structure administrative des fonctionnaires dont il s'agit, dans laquelle il vit encore, il s'agit de quelque chose qui ressemble plutôt au *Conseil d'État*.

Le voilà introduit non pas au sommet de la hiérarchie *législative*, mais *législatrice*, des hommes qui font des lois, et le voilà introduit au milieu de gens qui ont tous vingt ans de plus que lui, perturbation dans cet ordre des générations.

Et par quoi ? Par un appel *exprès* des ministres, il est tout d'un coup promu à un niveau de son existence nominale qui est quelque chose qui, de toute façon, sollicite de lui une intégration rénovante, un passage à cet autre échelon dont il s'agit, et qui est peut-être quand même celui qui est impliqué dans toute la dialectique freudienne.

Il s'agit pour le sujet, puisque c'est du père qu'il s'agit et que c'est autour de la question du père qu'est centrée toute la recherche freudienne, toutes les perspectives qu'il a introduites dans l'expérience subjective, il s'agit en fin de compte de savoir si le sujet deviendra ou non père. Vous direz qu'on l'oublie parfaitement. Je le sais bien. Avec la relation d'objet, la plus récente technique analytique, je dirai sans hésiter...

si vous vous souvenez de ce que nous écrivait tel ou tel quand il s'agit de ce qui paraît être l'expérience suprême, cette fameuse « *distance* » prise dans la relation d'objet qui consiste finalement à fantasmatiser l'organe sexuel de l'analyste et à l'absorber imaginairement

...je dirai que la théorie analytique d'une *fellation*...

et je ne badine pas, pour une simple raison, c'est qu'il y a un rapport entre l'usage du terme et la racine *felo, felal*, mais enfin ça n'est pas très précisément

...en tous cas la question est ouverte de savoir :

- si l'*expérience analytique* est ou non cette sorte de chaîne obscène qui consiste dans cette absorption imaginaire d'un objet enfin dégagé des fantasmes,
- ou s'il s'agit d'autre chose : s'il s'agit de quelque chose qui, à l'intérieur d'un certain signifiant, comporte une certaine assumption du désir.

En tout cas, pour la phénoménologie de la psychose, il nous est impossible de méconnaître l'originalité du signifiant comme tel, à savoir que c'est de l'accès, de l'appréhension d'un signifiant auquel le sujet est appelé, et auquel pour quelque raison, pour laquelle je ne m'appesantis pas pour l'instant, et autour de laquelle tourne toute la notion de

la *Verwerfung* dont je suis parti, et pour laquelle - incidemment tout bien réfléchi - je vous propose en fin d'année, puisque nous aurons à le reprendre, d'adopter définitivement cette traduction que je crois la meilleure : « *la forclusion* », parce que notre « *rejet* » et tout ce qui s'ensuit, en fin de compte ne donne pas satisfaction. Mais laissons le phénomène de la *Verwerfung* en tant que tel comme point de départ.

Ce qu'il y a de tangible dans le phénomène même de tout ce qui se déroule dans la psychose, c'est qu'il s'agit de *l'abord par le sujet d'un signifiant comme tel*, et du seul fait de *l'impossibilité de l'abord même du signifiant comme tel*,

de *la mise en jeu d'un processus*, qui dès lors se structure en relation avec lui, ce qui constitue ordinairement les relations du sujet humain par rapport au signifiant, *la mise en jeu d'un processus* qui comprend ce quelque chose :

première étape que nous avons appelé « *cataclysme imaginaire* ».

À savoir que plus rien ne peut être amodié de cette relation mortelle qu'est en elle-même la relation à l'autre, au *petit autre imaginaire* chez le sujet lui-même puis le déploiement - d'une façon séparée de la relation au *signifié* -

de la mise en jeu de tout *l'appareil signifiant* comme tel, c'est-à-dire de ces phénomènes de dissociation, de morcellement, de la mise en jeu du signifiant en tant

- que parole,
- que parole jaculatoire,
- que parole insignifiante,
- ou parole trop signifiante, lourde d'insignifiante, inconnue.

Cette décomposition du *discours intérieur* qui marque toute la structure de *la psychose* dont le Président SCHREBER, après la rencontre, la collision, le choc, avec le signifiant, qu'on ne peut pas assimiler et que dès lors il s'agit

de reconstituer, et qu'il reconstitue en effet : qu'il reconstitue puisque ce père ne peut être un père tout simple, si je puis dire, un père tout rond, l'anneau de tout à l'heure, le père qu'est le père pour tout le monde,

personne ne sait qu'il est inséré dans le père. Néanmoins, je voudrais quand même vous faire remarquer, avant de vous quitter cette année, que pour être des médecins, vous pouvez être des innocents, mais que pour être des psychanalystes, il conviendrait quand même que vous méditiez de temps en temps, que vous méditiez sur un thème comme celui-ci, cela ne vous mènera pas loin, le soleil et la mort ne pouvant se regarder en face.

Je ne dirai pas que le moindre petit geste pour soulever un mal donne des possibilités d'un mal plus grand mais entraîne toujours un mal plus grand, est une chose à laquelle il conviendrait quand même qu'un *psychanalyste* s'habitue, parce que sans cela, je crois qu'il n'est absolument pas capable de mener en toute conscience sa *fonction professionnelle*.

Cela ne vous mènera pas loin. D'ailleurs, ce que je dis là, tout le monde le sait, dans les journaux, on nous le dit : les progrès de la science, Dieu sait si c'est dangereux, etc. Mais cela ne nous fait ni froid ni chaud, pourquoi ? Parce que vous êtes tous, moi-même avec vous, insérés dans ce signifiant majeur qui s'appelle *le Père Noël*. *Le Père Noël*, c'est un père ! Avec *le Père Noël*, cela s'arrange toujours, et je dirai plus, non seulement ça s'arrange toujours, mais ça s'arrange bien.

Or, ce dont il s'agit chez le psychotique, supposez quelqu'un qui vraiment ne croit pas au *Père Noël*, c'est-à-dire quelqu'un pour l'instant d'impensable pour nous, quelqu'un qui vraiment a pu se réaliser, par une suffisante méditation dans notre temps, un Monsieur que l'on appelle *daltoniste*, si tant est que cela ait jamais existé.

Ne croyez pas que j'accorde aucune importance à ces racontars, à ces oui-dire.

Mais enfin cela consistait justement, précisément, à se discipliner, à ne pas croire que quand on fait quelque chose de bien, par exemple, à être vraiment convaincu que tout ce qu'on fait de bien entraîne un mal équivalent et que, par conséquent, il ne faut pas le faire. C'est une chose qui vous paraîtra peut-être discutable dans la perspective du *Père Noël*, mais il suffit que vous l'admettiez, ne serait-ce qu'un instant, pour concevoir que, par exemple, toutes sortes de choses peuvent en dépendre qui sont vraiment fondamentales et au niveau du signifiant.

Eh bien, le psychotique a sur vous ce désavantage mais aussi ce privilège d'être dans un rapport diversement posé.

Il n'a pas fait exprès, il ne s'est pas extrait du *signifiant*, il s'est trouvé placé un tout petit peu de travers, *de traviole* : il faut,

à partir du moment où il est sommé de s'accorder à ces signifiants, qu'il fasse un effort de rétrospective considérable qui aboutit à *des choses*, comme on dit, *extraordinairement farfelues*, et qu'on appelle tout le *développement d'une psychose*.

Mais à la vérité ce développement tel qu'il nous est présenté, peut être plus ou moins exemplaire, plus ou moins significatif, plus ou moins joli. Il est tout spécialement riche.

Par exemple il est significatif dans le cas du Président SCHREBER, mais je vous assure qu'à partir du moment où vous aurez cette perspective, vous vous apercevrez avec nous, dans *ma présentation de malades*, je vous l'ai montré précisément pendant cette année, qu'on en voit au moins un peu plus avec les malades dans cette perspective, qu'on en voit habituellement, même avec les malades les plus communs.

Le dernier que j'ai montré était quelqu'un qui était très, très curieux, car on aborde au bord de l'automatisme mental, sans y être encore tout à fait. Tout le monde, justement était pour lui suspendu dans une sorte d'état d'artifice dont

il définissait fort bien, en effet, les coordonnées, exactement comme ça. Il s'était aperçu que le signifiant dominait

de beaucoup l'existence des êtres et qu'après tout son existence à lui, lui paraissait en fin de compte beaucoup moins certaine que n'importe quoi d'autre qui se présentait devant lui avec une certaine structure signifiante. Il le disait tout crûment, carrément, comme ça. Vous avez remarqué que je lui ai posé la question :

« *Quand est-ce que tout a commencé ? Pendant la grossesse de votre femme ?* »

Il a été un petit peu étonné pendant un certain temps, après il a dit :

« *Oui, c'est vrai, je n'y ai pas pensé.* »

Ce qui vous prouve quand même que ces notions ne sont pas absolument sans valeur de référence à l'intérieur de la réalité clinique. Il y en a une autre. C'est assurément ceci. C'est qu'il est tout à fait clair que dans *la perspective imaginaire*, et de plus en plus, ce que nous disions en passant dans l'analyse n'a strictement aucune espèce d'importance, puisqu'il s'agit uniquement de frustration ou de pas de frustration. On le frustre, par conséquent on n'a qu'à l'accoupler.

Il est agressif, il régresse et nous allons comme ça jusqu'au surgissement des *fantasmes* les plus primordiaux.

Malheureusement, ce n'est pas tout à fait la théorie correcte. Autrement dit, je n'en reviens pas encore à vous dire peut-être qu'il faut dire certaines choses, mais encore en sachant vraiment ce qu'on dit. C'est-à-dire en faisant intervenir les signifiants, non pas du tout à la façon de :

« *Je te tape dans le dos... T'es bien gentil... T'as eu un mauvais papa... Ça s'arrangera...* »

...mais peut-être de faire intervenir et d'*arraisonner les signifiants autrement*, ou en tout cas, de n'en pas employer certains, ni à mauvais escient, ni même en aucun cas par exemple. Les indications négatives concernant certains contenus d'interprétations sont là quelque chose qui est mis par une telle perspective au premier plan à l'ordre du jour.

Enfin, je voudrais simplement laisser ces questions comme ça ouvertes...
L'année se termine en patois, et pourquoi se terminerait-elle autrement ?

Je voudrais pour terminer, passer à un autre genre de style que le mien, et me référant à celui d'un admirable qui s'appelle Guillaume APOLLINAIRE. J'y ai trouvé - il y a déjà quelques semaines que je m'étais promis de finir

là-dessus - une très jolie page : il s'agit de « *L'enchanteur pourrissant* ».

M^{lle} [...] qui nous a fait l'honneur de venir assister à ma dernière conférence cette année ne me contredira pas. Dans *L'Enchanteur pourrissant*, on trouve l'*image fondamentale* de ce que représente dans son essence, en effet, l'analyse.

À la fin d'un des chapitres, *L'enchanteur*, qui pourrit dans son tombeau et qui, comme tout bon cadavre, je ne dirai pas bafouille, comme dirait BARRES, mais même là - comme c'est *un enchanteur* - enchante et parle au contraire très bien.

Puis, il y a *La Dame du lac* assise sur le tombeau. C'est elle qui l'y a fait rentrer en lui disant qu'il en sortirait extrêmement facilement, mais elle aussi avait ses trucs, et *L'enchanteur* est là, et il pourrit, et de temps en temps *il parle*.

Et voilà où nous en sommes quand arrivent au milieu de divers cortèges quelques fous, et vous pourrez imaginer à notre compagnie habituelle, un monstre que j'espère vous allez reconnaître : ce monstre c'est vraiment celui qui a trouvé la clé analytique, le ressort des hommes, et tout spécialement dans la relation du *père-enfant* à la *mère*.

« *J'ai miaulé, miaulé, dit le monstre Chapalu, je n'ai rencontré
que des chats-huants qui m'ont assuré qu'il était mort.
Je ne serai jamais prolifique.
Pourtant ceux qui le sont ont des qualités.
J'avoue que je ne m'en connais aucune.
Je suis solitaire. J'ai faim, j'ai faim.
Voici que je me découvre une qualité : je suis affamé.
Cherchons à manger. Celui qui mange n'est plus seul.* »

Fin du séminaire 1955-56

[Applaudissements]

Guillaume Apollinaire : L'enchanteur pourrissant

HÉLINOR - Et la Dame ? la Dame ?

LORIE - Elle ne saura jamais la vérité.

VOIX DE L'ENCHANTEUR MORT

Je suis mort et froid. Fées, allez-vous-en ; celle que j'aime, qui est plus savante que moi-même et qui n'a point conçu de moi, veille encore sur ma tombe chargée de beaux présents. Allez-vous-en. Mon cadavre pourrira bientôt
et je ne veux pas que vous puissiez jamais me le reprocher. Je suis triste jusqu'à la mort et si mon corps était vivant
il suerait une sueur de sang. Mon âme est triste jusqu'à la mort à cause de ma Noël funéraire, cette nuit dramatique
où une forme irréelle, raisonnable et perdue a été damnée à ma place.

LES FÉES

Allons ailleurs, puisque tout est accompli, méditer sur la damnation involontaire.
Les fées s'en allèrent, et le monstre Chapalu, qui avait la tête d'un chat, les pieds d'un dragon, le corps d'un cheval
et la queue d'un lion, revint, tandis que la dame du lac frissonnait sur la tombe de l'enchanteur.

MONSTRE CHAPALU

J'ai miaulé, miaulé, je n'ai rencontré que des chats-huants qui m'ont assuré qu'il était mort. Je ne serai jamais prolifique. Pourtant ceux qui le sont ont des qualités. J'avoue que je ne m'en connais aucune. Je suis solitaire. J'ai faim, j'ai faim. Voici que je me découvre une qualité : je suis affamé. Cherchons à manger.
Celui qui mange n'est plus seul.

Quelques sphinx s'étaient échappés du joli troupeau de Pan. Ils arrivèrent près du monstre et apercevant ses yeux luisants et clairvoyants malgré l'obscurité, l'interrogèrent.

LES SPHINX

Tes yeux lumineux dénotent un être intelligent. Tu es multiple comme nous-mêmes. Dis la vérité. Voici l'énigme. Elle est peu profonde parce que tu n'es qu'une bête. Qu'est-ce qui est le plus ingrat ? Devine, monstre, afin que nous ayons le droit de mourir volontairement. Qu'est-ce qui est le plus ingrat ?

L'ENCHANTEUR

La blessure du suicide. Elle tue son créateur. Et je dis cela, sphinx, comme un symbole humain, afin que vous ayez
le droit de mourir volontairement, vous qui fûtes toujours sur le point de mourir. Les sphinx échappés du joli troupeau de Pan se cabrèrent, ils pâlirent, leur sourire se changea en une épouvante affreuse et panique, et aussitôt, les griffes sorties, ils grimpèrent chacun à la cime d'un arbre élevé d'où ils se précipitèrent.

Le monstre Chapalu avait assisté à la mort rapide des sphinx sans en savoir la raison, car il n'avait rien deviné. Il assouvît sa faim excellente en dévorant leurs corps pantelants. Or, la forêt devenait moins obscure. Redoutant le jour, le monstre activait le travail de ses mâchoires et de sa langue lécheuse. Et l'aube poignante, le monstre Chapalu s'enfuit vers des solitudes plus sombres. Dès l'aurore, la forêt s'emplit de rumeurs et de clartés éblouissantes.

Les oiseaux chanteurs s'éveillèrent, tandis que le vieil hibou savant s'endormait. De toutes les paroles prononcées pendant cette nuit, l'enchanteur ne retint pour les approfondir que celles du druide abusé qui s'en alla vers la mer :
« *J'apprends à redevenir poisson* ». Il se souvint aussi, pour en rire, de ces mots proférés par le monstre miaulant Chapalu :

« Celui qui mange n'est plus seul ».